Antenor da Silva Pupo

Uma consciência ecológica

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

A fundação Santos Lima — pró-memória Médica do Paraná — agradece a todos pela inestimável colaboração, sentindo-se honrada em ter contribuído na divulgação desta obra, que condensa um pouco da vida do Prof. Antenor da Silva Pupo.

FUNDAÇÃO SANTOS LIMA PRÓ-MEMÓRIA MÉDICA
DO PARANÁ

P A T R O N O



MANOEL PEDRO DOS SANTOS LIMA
1843-1898

MANOEL PEDRO DOS SANTOS LIMA

Discurso proferido pelo Prof. Dr. ARNALDO MOURA, por ocasião da Instalação Solene da Fundação Santos Lima, no Auditório da Associação Médica do Paraná, em 18-10-84.

O Prof. Arnaldo Moura ocupa, na Academia Paranaense de Medicina, a Cadeira n.º 34, cujo Patrono é o Dr. Manoel Pedro dos Santos Lima.

"Foi num dia assim, frio, a geada enfeitando a natureza.

E faz tanto tempo!

Um século exato.

Sonhos, ilusões, fantasias, quase tudo o tempo foi levando.

Levando...

O tempo leva quase tudo...
Só a vida, o tempo não leva...
A vida, quando a vida se prolonga noutras vidas...

O passado e o presente sempre se encontram.

Um túmulo que se abre, um berço que se embala!

É a vida vivendo dentro de um sorriso...

É a vida vivendo dentro de uma lágrima...

Foi num dia assim ,frio, a geada enfeitando a natureza.

A cidade acordou em festa.

Tão modesta era a cidade, com a sua centena de casas, a sua vida simples, a serenidade que tudo envolve, na doçura de uma paz perfeita.

Plangia o sino da igreja, chamando os fiéis.

Era dia de São Pedro.

E pelas esquinas se erguiam, na geometria de um quadrilátero, as pilhas de lenha...

Fogueiras em louvor do Santo!

A petisada, impaciente, ansiava pela chegada da noite,

quando as fogueiras, numa bizarria de luz, iluminavam todas as esperanças...

Foguetes riscavam o céu.

A noite desceu.

Na fazenda Santa Amélia tinha nascido, naquele instante, um menino.

Era a festa dentro de outra festa.

O pai olhava de longe, os foguetes que subiam, subiam... E, subindo, iluminavam o caminho das preces.

O pensamento paterno seguia aquele rumo, murmurando mil coisas.

No enlevo de um supremo conforto.

Dia de São Pedro!

Sim, o menino teria no seu, o nome do Santo.

Seria MANOEL PEDRO!

Aconteceu isto na cidade da Lapa, na Fazenda Santa Amélia, no dia 29 de junho de 1843.

Eram pais do menino o Dr. José Gaspar dos Santos Lima e D. Ana Messias de Oliveira Lima, natural de Itú, onde casaram.

José Gaspar dos Santos Lima, magistrado ilustre, era uma espécie de caixeiro viajante da Justiça.

Serviu como juiz em Sabará, comarca do Rio das Velhas, em São Paulo, depois em Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, e novamente em São Paulo, na comarca de Taubaté.

Não tinha quase um pouso fixo.

Andava espalhando Justiça."

Cem anos depois do nascimento daquele que foi, na palavra do Dr. João Cândido Ferreira, seu contemporâneo, "o maior vulto da medicina paranaense", a Associação Médica do Paraná, promoveu sessão solene comemorativa da passagem do centenário natalício do Dr. Manoel Pedro dos Santos Lima.

Ali falou a alma paranaense, na palavra do poeta e médico, também lapeano — Dr. Dirceu de Lacerda, nos versos do poema que transcrevi no início deste trabalho.

Manoel Pedro dos Santos Lima matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1862, aos 19 anos de idade e recebeu o grau de doutor em Medicina em 27 de novembro de 1868. Era Diretor da Faculdade o Conselheiro Dr. José Martins da Cruz Jobim, e Vice-Diretor o Conselheiro Dr. Luiz da Cunha Feijó. O Professor de Clínica Interna era o mais importante nome da medicina brasileira, Dr. João Vicente de Torres Homem.

Torres Homem organizou e dirigiu o Serviço de Clínica Médica da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Ali impulsionou a pesquisa, o estudo e o ensino de medicina interna, estimulando os seus assistentes e internos nessas atividades docentes a par do atendimento humano dos doentes. Baseado nos princípios rigidamente científicos da ciência médica, formou escola que frutificou nos nomes mais ilustres dos professores de medicina que o sucederam.

Ali na Santa Casa de Misericórdia, qual Território de Epidauro encravado na cidade do Rio de Janeiro, novo templo de Esculápio, tal aquele da cidade sagrada da Grécia antiga, os novos sacerdotes dos templos de Esculápio e de Artemis estudavam, praticavam e ensinavam a medicina.

Foi neste Serviço, e com esse Mestre que estudou e praticou Manoel Pedro dos Santos Lima.

Levou para a sua vida profissional os ensinamentos ali adquiridos, e que o tornaram o maior vulto da medicina paranaense. Levou mais do que isto, os preceitos de moral e de ética, alicerces do código de virtudes que se impôs e cumpriu durante toda a sua vida. Exemplo de dignidade como homem e como médico, que fez da caridade, da honestidade e da modéstia os padrões maiores.

Estudante no Rio de Janeiro, Manoel Pedro dos Santos Lima conviveu com dois paranaenses. Habitaram a mesma pensão. Outros dois predestinados a serem os maiores

entre os seus: João Teixeira Soares, que se diplomou em engenharia e veio realizar no Paraná o milagre da técnica — a estrada de ferro Curitiba-Paranaguá. O outro, Antonio Gomes Carneiro, foi o General que resistiu ao cerco da Lapa, trinta anos depois, e que morreu pelo seu ideal republicano.

O Dr. Manoel Pedro dedicou-se a clínica na cidade da Lapa até 1897 — 30 anos de medicina na prática diuturna que consome a vida nas suas canseiras e preocupações. Faleceu a 1.º de setembro de 1898, ao 55 anos de idade, ferido no coração por infecção contraída no exercício da profissão.

A par da medicina, e com a mesma dedicação e mestria, o Professor Manoel Pedro dos Santos Lima lecionava história universal, botânica, inglês, francês, latim e música.

Nos 30 anos que dedicou à sua terra ainda fez construir o Teatro São João, criou a biblioteca municipal e fundou a Associação Literária Lapeana. Ao tempo que exerceu a presidência da Câmara Municipal inaugurou a escola municipal.

Por todos os serviços prestados a comunidade, foi nomeado por D. Pedro II, em 1884. Oficial da Ordem da Rosa.

Dentre todos os mistéres a que se dedicou, foi a medicina que mais o absorveu, e à qual dedicou toda a sua vida.

A modéstia caracterizava a sua personalidade. Refratário a toda espécie de exibição. Não falava em público e não escrevia para jornais.

Tinha predileção pelas doenças do coração e pelas doenças infecciosas, em especial a febre tifoide, endêmica na Lapa. Por duas vezes combateu, com sucesso, surtos epidêmicos da doença. Reuniu experiência ímpar nesses campos de medicina. Manteve correspondência com Pasteur na permuta de informações. Nada publicou. Transmitia a sua erudição verbalmente. Exposição clara e segura, como atestam os seus contemporâneos, que tiveram o privilégio de ouví-lo.

Por modéstia, ou por vocação, nos deixou poucos escritos e destes vários se perderam.

Só tivemos possibilidades de manusear as suas teses de doutoramento, publicadas em 1868 — Da eclampsia durante a prenhez e o parto. — Do ópio e suas preparações pharmacêuticas. — Aconito considerado pharmacológica e therapêuticamente. — Da diphteria das feridas.

. . . . . .

Se a modéstia foi traço característico da personalidade do Dr. Manoel Pedro dos Santos Lima, a honestidade e a honradez fizeram de sua figura exemplo para os pósteros.

Honestidade no convívio com os colegas de profissão. "Era leal e acolhedor, não tinha ciúmes do oficial do mesmo ofício". Estas foram as palavras do Dr. João Cândido Ferreira ao contar dos seus receios de recém formado, ao atender uma paciente em crise de eclampsia pós-parto, cliente do mestre, naquele dia em viagem. Exatamente o assunto da tese do Dr. Manoel Pedro. E da surpresa e júbilo inefável que experimentou naquela noite, quando do regresso do médico da família.

Transcrevo a emoção do Dr. João Cândido nas suas próprias palavras:

— "Referi tudo quanto havia feito.

Examinou, calmamente, a doente, confirmou o diagnóstico e acalmou a família angustiada.

Ficamos ambos ao lado da paciente.

Decorrida cerca de uma hora, o marido, trazendo o vidro de remédio por mim prescrito, e dirigindo-se ao recém-chegado, disse-lhe que tinha terminado a poção.

O Dr. Manoel Pedro, recebendo-o leu vagarosamente a prescrição, enquanto eu, aflito, esperava a sentença inapelável. Terminada a leitura, restituiu o vidro e apenas disse: — Mande repetir...

Nunca se apartou de minha memória esse gesto fidalgo e alviçareiro, por parte de quem, estando em situação privilegiada de aniquilar para sempre o modesto colega, que

apenas iniciava seu tirocínio, eleva-o no conceito dos clientes dedicados, conquistando-lhe a estima e a consideração."

Assim era o Dr. Manoel Pedro na sua vida profissional, e como cidadão. Foi esta honradez e honestidade que não lhe permitiram aderir aos florianistas durante a revolução federalista de 1893, que culminou com o cerco da Lapa, em fevereiro de 1894.

Em 1892 a política do Estado do Rio Grande do Sul havia se definido entre duas correntes. De um lado os partidários de Julio de Castilhos, identificados com a sorte de Floriano Peixoto e da própria República nascente. Defensores de um presidencialismo exclusivo, pelo qual não havia, inclusive, limite para o mandato presidencial.

Do outro lado reuniram-se políticos oriundos das mais variadas origens e tendências, agrupados em torno da oposição a Julio de Castilhos, e sob a bandeira das teses liberais de Silveira Martins.

A tônica principal de Silveira Martins era o parlamentarismo, com Monarquia ou com República, tendendo para a Constituição baseada nos princípios de uma República Parlamentarista.

Ao se prolongar o mandato, ou mesmo perpetuar um governo ou Chefe da Nação em regime presidencialista extremado, corre-se o risco de entregar o comando da Pátria à incompetência, por tempo indeterminado.

A Nação há de ser sustentada por quatro colunas: a cultura dos sábios, a justiça dos grandes, as preces dos virtuosos e o valor dos bravos. Mas tudo isso é nada sem um governo honesto, e que conheça arte de governar. Façamos disto a ciência de nossa tradição.

Julio de Castilhos, sob a proteção do General Bernardo Vasques, assalta o poder no Estado do Rio Grande do Sul, e nele se faz empossar.

Silveira Martins e Joca Tavares, não desejando a guerra civil, desarmam a tropa, renunciam à liderança, e retiram-se, com grande número de companheiros, para o Uruguai.

Não cumprem, os castilhistas, os acordos com eles firmados e submetem os opositores políticos a toda sorte de violências, fazendo recrudescer a agitação revolucionária.

Não se pode confiar em governantes que traem a palavra empenhada.

Os federalistas, tendo como chefe espiritual Silveira Martins, ecomo condutores militares Joca Tavares, Gumercindo Saraiva e Vasco Martins, invadem o Rio Grande do Sul, em 1893, vindos do Uruguai, onde se haviam concentrado.

Era a guerra aberta entre "maragatos" e "pica-paus".

Maragatos os federalistas de Silveira Martins, com suas fitas vermelhas onde inscreveram — Viva a Liberdade. Pica-paus com divisas brancas, cor do pássaro que picava a madeira para destruí-la.

A revolução ganha terreno com o apoio do Almirante Waldenkolk e do general Salgado. Custódio de Melo, convencido da traição de Floriano, deixa o Ministério e revolta a Armada, fortalecendo a revolução federalista.

Os federalistas, comandados por Gumercindo Saraiva ultrapassam Santa Catarina e entram no Paraná, onde o governo era-lhes francamente hostil.

A luta armada se desenvolve, no Paraná, em três frentes principais: Paranaguá, Tijucas e Lapa.

Custódio de Melo força a entrada da barra de Paranaguá, conquista a cidade e progride até Curitiba.

Em Tijucas, Gumercindo Saraiva derrota os legalistas do Coronel Adriano Pimentel.

A passagem estava livre para os chefes revolucionários. Entre eles e o norte do país se interpunha a Lapa, guarnecida pelo General Antonio Gomes Carneiro.

A 17 de janeiro de 1894 travou-se o primeiro combate entre as tropas federalistas de Gumercindo Saraiva e as por tropas regulares do General Gomes Carneiro, apoiadas

por voluntários arregimentados pelo Coronel Joaquim Lacerda.

Prolongam-se os combates até o de 7 de fevereiro, particularmente sangrento, mortos Amintas de Barros e Dulcídio Pereira e gravemente ferido o próprio General Carneiro, que morre no dia 9. Proposta a capitulação a praça da Lapa rendeu-se com todas as honras da guerra, "atendendo a forma heróica por que defenderam a praça".

Com a chegada de novas forças legalistas, que avançavam por Itararé, sufocada a revolta da Armada, e mercê de dissenções que enfraqueceram os revolucionários, os federalistas perdem o terreno conquistado, retiram-se para Palmas, e abandonam o Paraná.

Com a volta do legalismo, recrudescem os ardores das paixões políticas, com prisões e mortes, violências e injustiças. Nas palavras de Niepce da Silva — "O domínio da lei transmuda-se no domínio do terror, dos pesadêlos, das inquietações das ruas e dos lares... O vento da insânia sopra, numa sucessão de rajadas sinistras".

No quilômetro 65 da estrada de ferro Curitiba-Paranaguá é fuzilado Ildefonso Pereira Correia — Barão do Cerro Azul, com mais de cinco companheiros: Matos Guedes, Balbino Carneiro de Mendonça, Presciliano Correia, José Lourenço Schleder e Joaquim Ferreira de Moura. Francisco Braga é fuzilado em Curitiba e José Antonio Colona e Pedro Nolasco em Paranaguá.

Chora a Pátria na pena do poeta que sentiu, vibrou, exaltou-se e entristeceu-se. Chora Luiz Ferreira França ao compor "Finis Patria":

Pátria minha infeliz, pátria minha:
Ninguém hoje haverá, que te aviste
Sem que a sorte te chore, mesquinha,
— De tão alto caíste... caiste...
Pátria minha infeliz, pátria minha!

Pátria minha infeliz, pátria minha:
Das espadas cruzando-se em riste
O teu corpo serviu de bainha

E a tua alma de luto vestiste,
Pátria minha infeliz, pátria minha...

Pátria minha, infeliz, pátria minha:
Os teus filhos que mortos tu viste
Nessa luta cruenta e daninha
Te fizeram ser triste... tão triste!?...
Pátria minha infeliz — pátria minha!

No entrevero dessa guerra fraticida o Dr. Manoel Pedro dos Santos Lima formou com a oposição ao governo estadual, apoiando os ideais de Silveira Martins.

Chefe de Grande prestígio, gozando de incontrastável influência entre seus correligionários, adversário dos sitiados na praça da Lapa, foi ele preso em fevereiro de 1894 e recolhido à Câmara Municipal.

Com a retomada do Paraná pelas forças florianistas, sobrevindo os dias tristes da nossa história, foi obrigado a deixar a Lapa e ocultar-se fora do Município, enquanto rugia a tormenta dos fuzilamentos sem julgamento nem processo.

Do meio desse torvelinho, exilado da sua terra natal, escreve ao Coronel Joaquim Lacerda, e nas cartas que ainda se encontram no Museu David Carneiro, traça o perfil da sua própria personalidade:

— "Fui para a Lapa moço ainda, dediquei-me com entusiasmo à minha profissão, não como meio de fazer fortuna, mas como um sacerdócio."

— "Nunca persegui ninguém, nunca fiz mal a pessoa alguma, sempre procurei fazer bem a todos."

Estas palavras brotando do fundo de uma alma apreensiva e atribulada sintetizam a personalidade do homem de bem, de dentro da pureza de sua honestidade e honradez, que não pode entender que se persigam pessoas por divergirem de suas idéias. Não renega os seus ideais, maragato continua, persiste fiel aos ideais de Silveira Martins, com vontade férrea resiste ao infortúnio, com a mesma convicção de Dante Alighieri, no Canto IV do Paraíso:

"Não se abate a vontade, se persiste;
Sempre se ergue, qual flama cintilante:
A força a estorce, vezes mil resiste."

Retornou à sua terra digno e respeitado, tão logo cessada a noite triste da nossa história; na altivez da sua honra e da sua honestidade sustentadas.

O traço mais acentuado e característico da personalidade do Dr. Manoel Pedro dos Santos Lima, sem dúvida, foi a caridade. A caridade infinita. A caridade definida por Pascal: — "Se há infinita distância entre o corpo e a mente, maior é a distância entre a mente e a caridade, pois esta e supernatural."

A caridade do amor ao próximo. A caridade perene, imorredoura, eterna. Diferente do amor passional que é egoísta, a caridade é um amor de dilecção, só procura, só almeja, só se compraz no bem do próximo. Confunde-se com o amor. Reune-se à fé e à esperança nas três virtudes teológicas; e delas é a maior. Assim afirmou São Paulo aos cristãos de Corinto:

— "A caridade é paciente, a caridade é prestativa, não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho. Nada faz de inconveniente, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta."

— "A caridade jamais passará."

— "Agora permanecem estas três virtudes: fé, esperança e caridade. A maior delas, porém, é a caridade."

Jesus deixou-nos a mesma lição em uma frase:

— "Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Faze isto e viverás."

Manoel Pedro dos Santos Lima morreu pobre dos bens deste mundo, mas rico da bondade que semeou enquanto viveu. "— Fiz da medicina um sacerdócio..." E neste sacerdócio que foi a sua vida, a caridade, o amor ao próximo, foi o mais nítido traço da sua personalidade completa.

A modéstia poderia tê-lo levado ao esquecimento das gerações. A honradez e a honestidade poderiam ter cerceado a sua vida, mas a caridade levou-o à IMORTALIDADE.

O Dr. Manoel Pedro não é lembrado pela sua erudição, que era muita ,tanto na medicina que amou, como na cultura humanística, pois nada deixou para os pósteros, em escritos que perpetuassem a sua memória.

Não é lembrado pela sua atenção política, pois limitou-se a conservar puros ideais que sempre defendeu.

Talvez mesmo não lembrem os que passam diante de escolas, museus e teatros que construiu; que da sua vontade se constituem as pedras dos seus alicerces.

É lembrado, apenas, pelo bem que personificou, pelo médico perfeito que foi, pelo exemplo imorredouro para todos nós que exercemos o divino sacerdócio da medicina.

Em 1898 o povo da Lapa, por contribuição expontânea, erigiu no seu cemitério, um mausoléu de mármore branco, onde depositaram os restos mortais do Dr. Manoel Pedro dos Santos Lima. É um monumento sóbrio, como modesto foi o médico; de mármore branco, símbolo de sua honestidade impoluta. No alto do monumento, a quatro metros de altura, paira a estátua símbolo da caridade, o traço mais acentuado e característico do grande e humanitário médico.

A Academia Paranaense de Medicina instituiu, como Patrono da Cadeira que tenho a honra de ser o primeiro titular, a figura ímpar do Dr. Manoel Pedro dos Santos Lima.

Cumpriu-se o que disse o Apóstolo: — "A CARIDADE JAMAIS PASSARÁ."

Cumpriu-se o que disse Cristo: — "FAZE ISTO E VIVERÁS."

Inauguram-se hoje as atividades da FUNDAÇÃO SANTOS LIMA PRÓ MEMÓRIA MÉDICA DO PARANÁ.

No preâmbulo da sua escritura pública de constituição, consta, em seu item 3.º:

"Imbuídos do melhor propósito humanístico e com o sentido de cultuar a memória do insigne médico que foi o Dr. Manoel Pedro dos Santos Lima, deliberaram instituir, nos termos dos artigos 24 e 30 do Código Civil Brasileiro, uma Fundação, tornando-o com justificado orgulho como patrono, e in memória dos doutores Eduardo dos Santos Lima, Manoel Pedro Corrêa Lima, Lysandro Santos Lima, Conradino dos Santos Lima e Paulo dos Santos Lima, filho, netos e bisneto do Dr. Manoel Pedro.

Assinam a escritura descendentes do Dr. Manoel Pedro dos Santos Lima, amigos da família, e admiradores do insigne Patrono.

A humanidade, desde as suas origens, organizou-se em sociedade, pois o homem é por natureza, e por necessidade, um animal gregário. De início em família, em vilas, em comunidades tribais, a sociedade civil progrediu para a formação de nações.

Do mesmo modo que a personalidade humana, as nações foram criadas à sua imagem e semelhança — têm corpo e alma. A sociedade é um organismo vivo dentro do seu corpo político.

O fundamento físico da Nação é o seu território, com suas características geográficas, como sua anatomia. Ele está diante de nós, palpável concreto, mas não é o principal .A Nação pode existir e sobreviver sem território, sem o aspecto físico da sua personalidade, desde que preserve as demais características.

O povo constitui o substrato biológico da Nação. Organizado sob uma das formas políticas do Estado é indispensável à sua existência, pois não poderá haver sociedade sem a integração material dos membros que a constituem. Entretanto, povo e Nação são coisas diferentes.

Para que a Nação se constitua na plenitude da sua personalidade é necessário que se desenvolva neste corpo físico e biológico alguma coisa mais — a verdadeira alma nacional.

A Nação só existe quando reune um acervo cultural de costumes, moral, religião, artes, ciências e sobretudo

história, que a individualizam dentre os demais povos que constituem a humanidade.

A Nação só existe quando o seu corpo físico e biológico se completa pela consciência nacional, pelo amor à Pátria, pela dedicação ao seu povo, e pela memória que se expressa no culto aos seus heróis, não apenas pelo que fizeram, mas por que o fizeram, e como o fizeram. Esta a verdadeira HISTÓRIA da Nação.

A história em seu sentido amplo engloba toda a forma de conhecimento. O significado educacional da história, e dos exemplos históricos, na educação do povo, é fundamental para o progresso da Nação. A história entendida como pesquisa permanente do passado, para aplicação nos métodos utilizados no presente, e previsão das conseqüências futuras, representa a bússola segura que aponta a direção a ser seguida pelos condutores da Nação. Neste conteúdo o historiador é um filósofo que se torna um profeta. A vida dos heróis dos grandes homens do nosso passado histórico, parte importante da memória nacional, é fundamental para o culto da nacionalidade. Exemplo vivo aos pósteros de qualidades e virtudes a serem seguidas, e de vícios a serem desprezados.

Bem houveram os que instituíram em nosso meio a Fundação que tem por finalidade principal o culto à memória médica do Paraná.

Bem houveram os organizadores desta festa inaugural em associá-la à Academia Paranaense de Medicina e à Associação Médica do Paraná, pois, em grande parte, os seus objetivos são comuns, e os seus caminhos diferentes, são paralelas que se encontram no infinito.

— Preservar a memória médica do Paraná;

— Prestar auxílio, colaboração e incentivo na área médico-social em nosso Estado;

— Apoiar a pesquisa científica, procurando preservar a memória médica do Paraná;

— Criar bolsas de estudo de pós-graduação na área médica;

— Incentivar o estudo e os trabalhos que visem a preservação do meio ambiente;

— Colaborar e auxiliar a pesquisa e a publicação de trabalhos versando sobre a história da medicina, e assuntos relacionados com a ciência médica.

FAZE ISTO E VIVERÁS."

Prof. Arnaldo Moura

SUMÁRIO

1 — DADOS BIOGRÁFICOS

2 — APRESENTAÇÃO: PUPO E O SILÊNCIO — Ernani Reichmann

3 — O FANTÁSTICO DOUTOR PUPO — Ernani Reichmann

4 — DO DISCÍPULO PARA O MESTRE — Alceu Schwab

5 — BIBLIOGRAFIA

6 — PUPO — O MÉDICO E O PROFESSOR

— Mensagem aos Calouros de Medicina da U.F.P.

— Discursos Acadêmicos:

Discurso Impopular

Ao Paraninfar a Turma de Engenheiros Químicos da UFPR.

Discurso pronunciado no dia 19.12.66. Por ocasião da Solenidade de Colação de Grau dos Engenheiros Químicos formados pela Escola de Engenharia Química da UFPR.

Discurso de Saudação ao Ministro da Educação, Prof. Dr. Raymundo Moniz de Aragão — 1966.

Professor Antenor Pupo, agradecendo em seu nome e no de outros Professores o recebimento do Título de Professor Emérito.

7 — TRABALHOS TÉCNICOS:

— Sobre Um Caso de Septicemia Estafilocócica;
— Contribuição ao Estudo das Propriedades Antagônicas dos Filtrados de Cultura dos Bacillus Subtilis sobre algumas Bactérias Patogênicas;
— Estudo da Ação Terapêutica da Água proveniente da Fonte Santa Terezinha;
— Anti-Vitaminas e Anti-Hormônios;
— Bacteriologia da Água — Revisão do Assunto e Aplicação de Novos Meios de Cultura nas Provas Usuais. Noções Bioquímicas Fundamentais;
— Bacteriologia da Água — Isolamento das Bactérias Patogênicas;
— Microbiologia dos Fundos Marinhos — Origem dos Petróleos;
— O Enterococo nas Águas de Abastecimento;
— Exame Bacteriológico da Água das Cidades de Maringá e Lapa;
— Exame Bacteriológico da Água do Litoral do Paraná;
— Interferon — Um Tema Fascinante;
— Virus e Câncer
— Proteção das Piscinas;
— Properdina e Imunidade;
— Estrutura da Parede Celular das Bactérias;
— Exaltação à Água;
— Doenças do Vinho;
— Emprego da Bacteriologia e da Bioquímica na Indústria.

8 — PUPO, O POETA

— Canção do Homem Incendiado;
— A Salvador de Maio 1960;
— Patética;
— As Mulheres do Café Alvorada;
— Balada de Três de Outubro;
— O Analista.

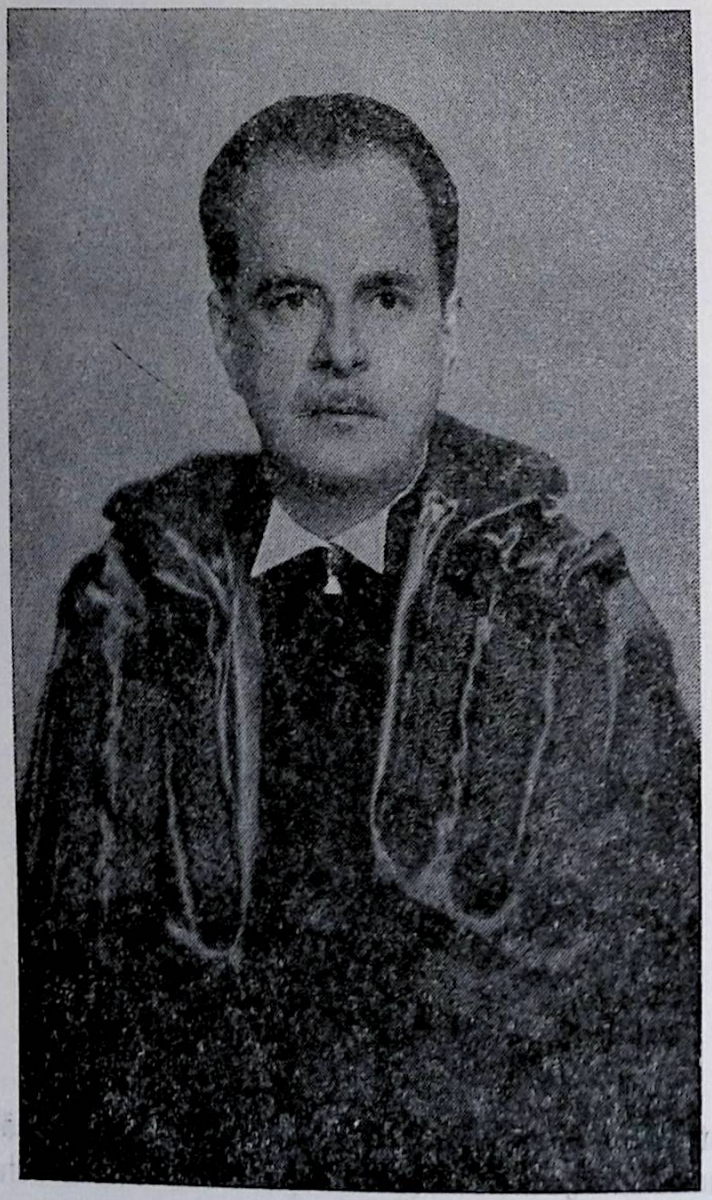
9 — PUPO, O HUMANISTA

— O Dia do Brasil;
— Maçonaria e Ideal Republicano;
— Palestras;
— A Pseudo Iniciação e a Revolução Francesa;
— São João e a Maçonaria;
— São Francisco e o Mistério;
— O Simbolismo Agrícola e o Natal;
— A Loja Maçônica;
— O Patrono;
— Ação Cultural e Social da Maçonaria;
— As Sociedades iniciáticas e o Pensamento Moderno;
— A Morte Iniciática e o Nome Simbólico;
— A Presença da Maçonaria;
— Na Consagração dos Templos;
— Cadeia de União;
— Aspecto Físico do Candidato;
— À Uma Estrela;
— Três Cartas a Ernani Reichmann sobre Assuntos de Religião.

10 — A BÍBLIA.

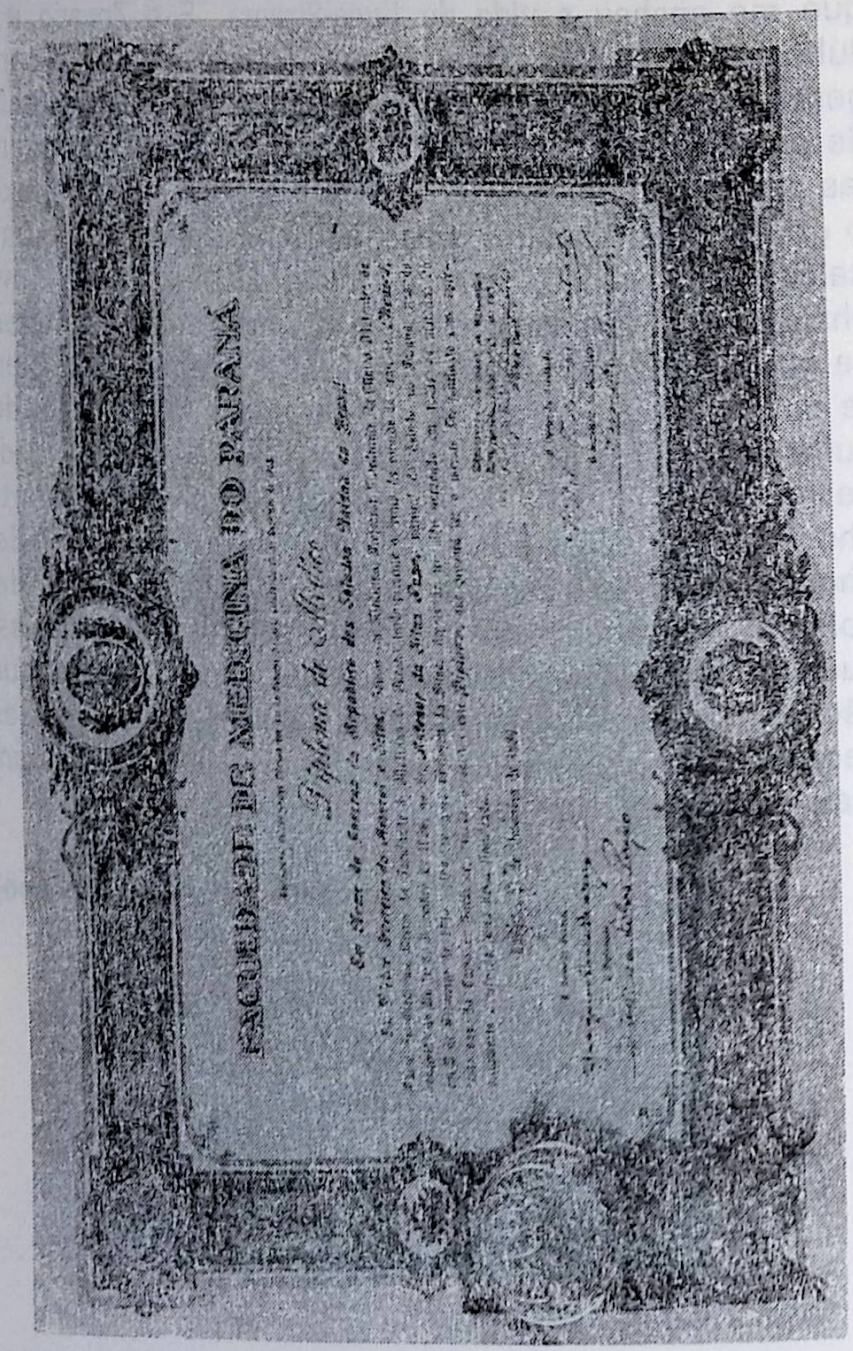
Esta publicação é o fruto do esforço e dedicação de um grande amigo do Professor Pupo, o Prof. Alceu Schwab, sem a qual não teríamos concretizado o nosso desejo.

A Fundação Santos Lima — PróMemória Médica do Paraná — ao homenagear o Dr. Antenor da Silva Pupo, concentra nesta publicação o que ele nos legou como médico, professor, poeta e humanista. Reeditar seus pronunciamentos, quer filosóficos ou científicos, é mostrar e enaltecer sua extraordinária personalidade.



... Ali no quarto meia-água caiado de branco eu tinha uma estante tosca feita de caixão de querosene "Jacaré", que suportava meus livros e tinha ao lado uma mesa rude na qual eu lia, concentrado, o Gonçalves Dias que me encheu a vida de Ijuca-Pirama. E o Zevaco e o Júlio Verne e os F.T.D. e o Souza Lôbo e a falta de coragem para enfrentar os Sertões. Eu tive ali uma coleção de pedras, pedras vagabundas mas como eu adorava aquelas pedras vagabundas. O quartzo branco, a ametista roxa, o granito de brilhos micáceos, a galena e o selenito e uma calcedônia que lembrava uma coral desbotada. Ah! a minha coleção de pedras vagabundas, meu enlêvo de criança, meus brinquedos de Natal! Lembrei de tudo isso diante da poeira que surgia de repente diante do casarão, debulhado, igual a minha boca desdentada. Oh! a vontade de gritar: Senhor Deus das crianças, devolve meu quartinho de mesa rude, meu quartinho caiado de branco! Senhor, junte ali na esquina novamente a trocinha que depois foi time, que hoje é gente espalhada, ignorada, esquecida, sem brilho, como aquelas pedras vagabundas, que não me lembro mais onde deixei! Senhor, devolve-me as pedras turvas, sem valor e sem brilho, mas que fizeram meu enlêvo de criança!".

(Fragmento do diário de Pupo)


FACULDADE DE MEDICINA DO PARANÁ


República Federativa do Brasil
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Diploma de Professor Emérito
Professor Emérito

República dos Estados Unidos do Brasil

UNIVERSIDADE DO PARANÁ

Escola de Química

Diploma de Doutor em Ciências Físicas e Químicas

DADOS BIOGRÁFICOS

1915

Nasceu na cidade de Ponta Grossa — Paraná, no dia 02 de fevereiro.

Filiação: José Crispim da Silva e Maria da Luz Pupo.

Curso Primário: Colégio Iguaçu.

Curso Secundário: Colégio Iguaçu e Ginásio Paranaense (Atual Colégio Estadual do Paraná).

1936

Formou-se em medicina pela Faculdade de Medicina do Paraná.

1936 a 1961

Professor Interino da cadeira de Microbiologia e Tecnologia das Fermentações do Instituto de Agronomia, Veterinária e Química, posteriormente Escola Superior de Química do Paraná.

1938

Assistente da Cadeira de Clínica de Doenças Tropicais e Infectuosas da Faculdade de Medicina do Paraná.

1938 a 1943

Professor de História Natural, Curso Complementar, do Ginásio Paranaense (Atual Colégio Estadual do Paraná).

1941

Auxiliar da cadeira de Histologia e Embriologia da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Paraná).

1945 a 1948

Professor contratado da cadeira de Química Orgânica e Biológica, do Curso de Veterinária, da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Paraná.

1948

Assistente da Cadeira de Microbiologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná.

1961

Professor Catedrático da Disciplina de Microbiologia e Tecnologia das Fermentações.

1961

Técnico de laboratório do Departamento de Águas e Esgotos do Estado do Paraná. Nomeado para criar e construir o primeiro laboratório para exames microbiológicos de água do Paraná.

1964

Diretor Substituto da Escola de Química da Universidade Federal do Paraná durante 60 dias no impedimento do titular.

1964

Chefe do Departamento de Tecnologia Química.

1967

Aposentadoria através Portaria do Reitor da Universidade Federal do Paraná em 12 de maio, publicada no Diário Oficial da União em 18 de maio do mesmo ano.

Professor Emérito da Universidade Federal do Paraná em reconhecimento ao seu trabalho durante o exercício do Magistério na Escola de Química da Universidade do Paraná.

Membro Fundador e Professor Titular de Microbiologia da Faculdade Evangélica de Medicina do Paraná.

Grão-Mestre do Grande Oriente do Paraná. Filiado ao Grande Oriente do Brasil. Grau 33.

1982

Faleceu no dia 20 de julho, em Curitiba — Paraná.

Ninguém melhor que o saudoso Ernani Reichmann para fazer a apresentação de Antenor da Silva Pupo.

Aqui incluimos, a guiza de prefácio, dois ensaios de Reichmann — **Pupo e o Silêncio e o Fantástico Dr. Pupo,** para abrirmos as páginas do livro da vida deste ilustre paranaense.

PUPO E O SILÊNCIO

Ernani Reichmann

Julho - 1978

PUPO E O SILÊNCIO

Há pouco menos de trinta anos, redigi um pequeno ensaio sob o título de "O fantástico doutor Pupo".

Na verdade, este o traço principal que descobri nesse homem, capaz de se deter nos segredos da microbiologia e, ao mesmo tempo, nos poetas e nos místicos de todos os tempos.

O doutor Pupo (como é chamado por todos que o conhecem realmente é um tipo fantástico). E isso cada vez mais se confirmou no decorrer dos anos.

A doença chegou, ele teve um insulto cerebral e veio a conhecer o que denomina de "a experiência do silêncio". Isso quer dizer que, embora perdendo a palavra, guardou uma consciência plena de sua situação.

Normalmente se pensa que, sem a palavra a consciência não existe, que palavra e consciência são simultâneas e coincidentes, que se não posso me expressar também me falta a consciência.

Mas não é o caso. Nas primeiras vezes em que estive com ele, o doutor Pupo sabia o que pretendia dizer, mas a palavra lhe fugia. Não conseguia dizer nem mesmo o nome de seus mais próximos.

Tendo plena consciência do problema, começou um esforço gigantesco para reencontrar as palavras que perdera. Escrevendo com a mão esquerda, ouvindo gravações de poemas de Fernando Pessoa, começou a refazer o mundo da expressão, que perdera com o insulto cerebral.

No entanto, o insulto não teve apenas conseqüências negativas, como o fato de ter se esquecido de tudo o que

estudou e leu na vida (e o Pupo foi um dos maiores leitores que conheci).

Um mundo de lembranças se rompeu e lembranças que pareciam perdidas para sempre surgiram, lembranças de um tempo do qual normalmente não nos lembramos.

Isso indica claramente a distinção entre memória e lembrança. Foi a memória que ele perdeu (mas que está voltando a reconstituir) e não a lembrança. Esta, ao contrário, ressurgiu com uma força fantástica, chegando mesmo a surpreendê-lo.

Estava surpreso quando me contou o que sucedia com ele.

O mais curioso, porém, é o fato de ter levado o seu esforço pela recuperação em duas direções: uma, no sentido da memória de todo o adquirido ao longo do tempo, como os seus conhecimentos médicos e científicos.

Isso já deu extraordinários resultados, pois ao me queixar de um problema digestivo, foi capaz de me aconselhar um remédio que me receitara para um distúrbio idêntico, de muitos anos atrás.

A outra direção procura ele levá-la precisamente para o mundo do silêncio, tornando positivo um silêncio que era só negativo, isto é, encontrou em seu silêncio o silêncio dos místicos de todos os tempos.

O FANTÁSTICO DOUTOR PUPO

Ernani Reichmann

1967

O SER E A EXISTÊNCIA

Quando ele se descobriu ele já era. O menino que chega no dia da Independência, que anda com passo firme na armadura de um sobretudo aos tornozelos, o menino que ele reconstrói mais tarde e que não faço mais do que transcrever: "Hoje passei na rua onde fui criança. Rua da minha infância consciente. Tudo desaparece ou vai desaparecer, apenas a sombra ainda é a mesma. Os grandes plátanos resistem e nos seus galhos os passarinhos se reproduzem em espécie e em cantares. Os passarinhos cantam o mesmo trinado, num estalar permanente de fogueira. Começam a triturar o casarão onde fui pequeno polegar e onde o meu violino viveu de sons tresquartos, fazendo-me crer um minúsculo Paganini sem platéia. Onde eu tive espada e comandei batalhas, Jean Cristophe ignorado. Onde me tornei ufano do meu país. Há poucos instantes, vi cair uma parede. Já não tem mais janelas nem portas. Onde andará o velho portão emperrado, com seu ruído de matraca? Devassado está o meu mundo de mistério. O casarão sem telhado, empoeirou tudo. Tudo ficou embaciado com a névoa dos meus soluço. Do meu mundo encantado, ainda pude ver na parede azul gendarme, o risco branco da escada por onde eu subia até meu quartinho meia-água, todo caiado de branco, que tinha na janela um papelão em lugar do vidro, papelão que fez turvo e crepuscular o meu ambiente. Ali no quarto meia-água caiado de branco eu tinha uma estante tosca feita de caixão de querosena "Jacaré", que suportava meus livros e tinha ao lado uma mesa rude na qual eu lia, concentrado, o Gonçalves Dias que me encheu a vida de Ijuca-Pirama. O o Zevaco e o Júlio Verne e os F. T. D. e o Souza Lobo e a falta de coragem para enfrentar os Sertões. Eu tive ali uma coleção de pedras, pedras vagabundas mas

como eu adorava aquelas pedras vagabundas. O quartzo branco, a ametista roxa, o granito de brilhos micáceos, a galena e o selenito e uma calcedônia que lembrava uma coral desbotada. Ah! a minha coleção de pedras vagabundas, meu enlêvo de criança, meus brinquedos de Natal! Lembrei-me de tudo isso diante da poeira que surgia de repente diante do casarão, debulhado, igual à minha boca desdentada. Oh! a vontade de gritar: Senhor Deus das crianças, devolve meu quartinho de mesa rude, meu quartinho caiado de branco! Senhor, junte ali na esquina novamente a trocinha que depois foi time, que hoje é gente espalhada, ignorada, esquecida, sem brilho, como aquelas pedras vagabundas, que não me lembro mais onde deixei! Senhor, devolve-me as pedras turvas, sem valor e sem brilho, mas que fizeram meu enlêvo de criança!"

Ele era um menino, sendo. Foi assim que ele começou a existir. Ele era. Foi o homem que se encontrou com o menino. Ele estava realizado enquanto homem, em sua primeira realização. Mas era menino. Nele estava todo o caminho. São tipos excepcionais, marcados pelo destino, esses que se descobrem sendo menino e homem, que não precisam fazer todo o caminho (que a mim custou trinta e nove anos para percorrer, que outros não percorrem nem durante a vida toda). Só um outro, eu conheci igual. Trata-se do Ivan, que morreu aos oito anos, não mais. Esses tipos são considerados pelos outros, são prestigiados, são mimados. Todo o mundo infantil gira ao redor deles. As crianças vêem o que os grandes muitas vezes não são capazes de ver. O menino descoberto como homem. Com uma enorme experiência e uma seriedade correspondente. Eles podem se dar ao luxo de ter pena dos grandes. De acomodar-se às exigências dos grandes porque estes não os compreendem. De deixá-los passar. Não querem que ele toque violino, ele não tocara violino. Ele sabe que eles não compreendem o que vai em sua alma. Os momentos sempre excepcionais que ele vive. Como a música o transporta e o eleva! Como ele se sente bem! Como ele poderia morrer naquele momento e morreria feliz, realizado! Morreria homem.

HOMEM PARA...

Ele freqüentou a escola. Depois foi para o ginásio. Em seguida, começou a cursar a Faculdade de Medicina, isto para ser alguma coisa — a sua realização segunda. Aqui tem início todos os seus problemas, aqui se originam todos os seus conflitos. Ele se descobriu sendo e sendo, ele era feliz. Feliz como centro de convergência do pessoal que mais tarde formou o timinho (o Murici). Feliz como estudante de violino três quartos. Feliz como leitor de Afonso Celso. Feliz até como possível leitor de Euclides da Cunha. A sua tragédia foi o conhecimento. Foi trazida pelo conhecimento e não pela consciência do eu — realizado enquanto homem. Dele não poderia surgir o conflito. Seu "eu" não era problemático. Ele existia porque era. Ou era porque existia. Ser e existir, aqui, são sinônimos perfeitos. Oh! (volta o tema) um homem que se descobre feliz, que nasce com esse tipo de tonalidade afetiva fundamental, por que permitir que a vida o destrua, mesmo pelo conhecimento? Nesse caso, é o conhecimento, como o pecado original, um pecado do conhecimento. Melhor fora, então, ele permanecer na ignorância? Não, não é isso que eu pretenderia. Ele deve realizar-se em sua realização segunda. Custe isso o que custar. Esse é o caminho do homem. Foi sempre assim, ainda é e continuará a ser este o caminho do homem. Posso revoltar-me contra o conhecimento destruidor mas isso nada significa, em nada importa quanto à sua origem. Tinha que ser. E foi. Ele estudou para entrar no ginásio. Concluiu o ginásio para entrar na Faculdade de Medicina. E entrou na Faculdade de Medicina para ser médico. Foi nesta época que a revolução atingiu o país. Alistado num batalhão (o batalhão João Pessoa), ele marchou e marchou também para alguma coisa. Ele podia não saber o que era. Ele podia não distinguir entre toda a demagogia, senhora do ambiente universitário, onde residia a verdade. Mas ele marchou. Marchou para alguma coisa. É isso o que importa. Porque ele era homem para alguma coisa. Esse todo o sentido de sua vida até agora.

CONFLITOS NO SEU CAMINHO

Os outros chamariam a isso de realização. É possível que se trate mesmo de uma realização. Só que isso não sucede no caso do Pupo. Formado em Medicina, ele começou a trabalhar, a lecionar. Descobriu aquilo que ele poderia denominar de a armadura social. Era todo um sistema de relações. Tudo muito estável. Muito sólido (o problema político parecia superado com a vitória da revolução). Tudo muito bonito. Reluzindo, reluzindo... Mas havia o homem por baixo da armadura. Que homem era este escondido? Que homem era este aparentemente senhor? Que homem era este do qual não se via um gesto, impassível em sua armadura? As perguntas são postas de lado. Há um homem por baixo da armadura. Era-lhe suficiente saber disso. O que ele queria era brilhar. E ele ia brilhando. Polido e ilustrado era o seu brilho. Em toda parte, ele brilhava. Brilhava, lecionando. Brilhava, despertando a inteligência moça que anseia por uma palavra de agitação, agitação seja em que sentido for. Seja na própria ciência impassível, incomovível. Brilhava no laboratório, descobrindo bichinhos e orientando. Mas no laboratório ele guardava livros de poesias. A descoberta de um poema (como de um bichinho) que dizia tudo (que explica tudo) o que ele procurava e pelo qual sofria e se preocupava (no seu caminho para alguma coisa) era tão importante como a descoberta da causa de uma doença — era alguém que sofria... Ele exultava com sua descoberta na exaltação poética.

O DESESPERO SIMULTÂNEO

Ele era cientista. Procedia enquanto cientista. Ele era poeta. Procedia enquanto poeta. Isto é, dono de um enorme estado poético, propício à criação, embora se perdesse no brilho das conversas de café, dos bares e etcoetera. Fruto dessa sensibilidade e do conhecimento dos limites da ciência, surgiria o desespêro. Era o desespero simultâneo ao conhecimento. Um menino à morte, a ciência impotente para salvá-lo e ele gritaria de dor. Ninguém desconfiava, não. Os seus conhecidos de bares e cafés não suspeitavam de nada. Ele continuava brilhando.

Mas tinha agora uma profundidade insuspeitada para si mesmo. Ele descobrira o sofrimento. Sabia que a ciência tem limites. Não mais podia entregar-se a ela sem reservas. Já não sacrificaria no altar dessa deusa, a sua vida. Ele ia andando no seu caminho para aquilo que não sabia o que era — ele talvez que a essa época de sua vida nem soubesse que estava aí para alguma coisa. É possível mesmo que se sentisse inútil. Que ao ver fracassar a ciência, tivesse pensado no próprio fracasso. É inútil — ele deve ter dito para si mesmo muitas vezes, entre duas frases bonitas, lançadas aos conhecimentos de poucas horas. É inútil.

POLÍTICA E PROBLEMA SOCIAL

O exercício da medicina no meio de gente sem recursos de espécie alguma, fez com que ele viesse a conhecer melhor o homem por baixo, aquele que não cabe nem nos pés da armadura fantástica do social. Da criança que a ciência foi impotente para salvar, à criança que os homens deixam morrer, isso era apenas um passo. Mais tarde ele viria a sintetizar num escrito (um dia de consultório) todo esse drama. "O primeiro cliente: uma criança esquizofrênica, 6 anos, loira, olhos azuis muda, a esbofetear a cabeça como a querer afugentar milhares de demônios e a proferir gritos inarticulados... O segundo cliente: uma mulher pequena e amarelo-marron. A tosse e as lágrimas me impedem de ver sua miséria negra, apenas encoberta por um frágil pano estampado... O terceiro cliente: a velha mãe dos sete filhos ingratos. Entra em lágrimas — meu filho Augusto foi internado, está com uremia... O quarto cliente... com sua mania de brucelose, entra, senta e chora... Depois, o moço do alcoolismo, a tuberculosa que não tem remédio, o velhinho da pressão..." Antes, porém, à altura do quinto cliente, ele anotou: "Oh! Deus, fazei de mim um instrumento da vossa paz, dai-me coragem, discernimento e prudência que o quinto cliente serei eu"! Nem as poucas amostras, nem seus magros vencimentos eram já suficientes, por isso ele quis atuar. Quis ser político. Quis fazer qualquer coisa. Quis dar a sua colaboração. Andou pelos partidos políti-

cos. Mas os políticos mais do que os partidos o desapontaram. Era feita de egoísmo a ação política. Ele não pode se submeter. Mesmo aqueles que tinham seu sustentáculo político na miséria, que era preciso vencer, mesmo esses eram puro e refinado egoísmo. Anos após, ele viria a procurar nas instituições aquilo que os partidos lhe haviam negado.

O ESPÍRITO TAMBÉM EXISTE

Se ao conhecer profundamente as necessidades materiais dos pobres miseráveis, ele se empenhava na solução desse problema, por outro lado, ele começou a ver, também, que outro problema existia: o problema espiritual. Chegou a compreender que os homens tinham fome não só de pão mas, também, de espírito. Essa linha de preocupação foi-lhe dominando deuma maneira visível. Suas leituras a essa época reuniam aos problemas sociais os problemas de ordem espiritual. A doença, como faz a muita gente, também veio bater-lhe à porta. Foi esse o seu momento decisivo. Meses de sofrimento levaram-no decisivamente para o lado do espírito. O homem que podia, sem grave injustiça, ser chamado de materialista (e poeta), descobrira definitivamente o espírito. Sobre o conflito inicial, ele assentaria, agora, um outro conflito, esse de natureza existencial, na fonte do próprio eu.

CONHECE-TE A TI MESMO

E ele procurou conhecer-se. Procurou saber quem era. O que pensava, o que pretendia, o que queria. Descobriu em si o gérmen do mal que está em todo homem. E iniciou um longo caminho de purificação. De como ele veio a descobrir-se, dá conta, por exemplo, este episódio que anotei, contado por ele: "Uma mulher, já idosa, entrou no seu consultório e, depois de cumprimentá-lo, perguntou-lhe o seguinte: O doutor não quer uma coisa daqui (e mostrou a ponta da orelha)? O Pupo ficou sem resposta. É que um pensamento ruim passou pelo seu coração: não podia ser coisa honesta a pergunta daquela mulher. Como demorasse a resposta, a mulher concluiu: Trouxe aqui para o

Doutor uns pés de moleque da ponta da orelha. São bons que o Doutor vai ver. Prove. E estendeu para o Pupo um pacote de pés de moleque que ela fizera para o Doutor". Ele ficou tão envergonhado à mera lembrança de um pecado, possível ainda escondido no seu coração que por muito tempo não conseguiu se esquecer da história. Diante da inocência da mulher, o veneno do pecado na alma do homem, que teima em ser puro e que — tenho convicção disso — ainda conseguirá ser puro entre os homens, apesar de tudo.

EU NÃO FUI, EU SOU

Nos escritos do seu caderno, é interessante observar-se que ele não renunciou a nada. Paradoxal apresentar-se-á a muitos a sua afirmação: "Eu não fui, eu sou". Paradoxal num homem de uma vida vivida sem folga, sem interrupção, de uma vida vivida sem férias (um homem de uma vida vivida sem espaço entre — esse é o Pupo). É que ao dizer que não foi, ele dá como integrado no seu presente todo o seu passado. Como se ele fosse apenas o seu passado, com bom bergsoniano que ele não é. Se tudo se reune, conflui, integra-se ao seu presente, ele pode dizer que não foi, mas que é. Esse "é" cobre todo o passado. isso virá a suceder sempre, em todo o seu futuro, quando ele voltar a dizer de si que ele é e não que ele foi. Tudo se encontra no seu caderno. Tudo o que constituía a sua preocupação ontem, continua a ser, somado ao que constitui a sua preocupação hoje. A preocupação dele é como um rio, que partindo de sua fonte primitiva, vai engrossando ao receber outros rios, outros motivos de sua preocupação.

O MISTÉRIO (O MITO E A DESMIOTOLOGIZAÇÃO)

E ele topou com o mistério. Enfiou-se terra adentro o seu Guadalquivir. E, pela terra, ele chegou até aos astros (mas não fêz astrologia). Foi ao Egito (mas não aceitou tudo o que lhe veio dos egípcios). Viveu ao lado dos gnósticos, tanto junto dos mais quanto dos menos fantasistas e criadores (o que não quer dizer que ele tenha se subme-

tido ao gnosticismo). É curioso e estranho mas foi isso mesmo o que sucedeu (pois não é o Pupo um homem fantástico?): num vôo ele chegou à Índia. Leu os livros sagrados que lá encontrou (mas não se submeteu a eles).

Para uma coisa ele estava preparado. Quando Rodolfo Bultmann apareceu com a sua desmitologização do cristianismo, ele pôs de quarentena o pensamento de Bultmann. É que a desmitologização de Bultmann era feita em nome de uma consciência científica do homem moderno. Antes de Jaspers fazer a crítica dessa consciência científica moderna, em nome da qual falava o pastor alemão, já o Pupo — pela sua experiência existencial, sua experiência de toda vida — conhecera os limites a que está submetida a ciência e sofrera por isso.

Novo motivo de conflito? Realmente, um novo motivo de conflito, se o Pupo vive integrado aos temas que recebeu. O fato de ele não aceitar, já prova que ele tem presente em si o tema com o qual ele se defronta cotidianamente. É assim a vida do Pupo: um enfrentar-se cotidianamente com todos os temas que formam o substractum de sua vida. Aceitando ou recusando mas passando tudo honestamente pelos dois pólos, é essa a sua maneira de viver os seus temas.

Isso faz dele um homem fantástico, com o qual pode ser ao mesmo tempo muito fácil e muito difícil de conversar. Não há diálogo possível com o Pupo. Não, porém, no sentido em que não é possível um diálogo com Milton Carneiro, para o qual o homem não passa de uma ponte sobre o qual ele se refugia no seu passado, não. Não há diálogo possível com o Pupo porque este toma conta da conversa, falando de tudo e tudo sabendo, de um e de outro ponto de vista. Parece o Pupo um homem eclético. Creio até que os menos prevenidos terão essa impressão do Pupo. Ele, contudo, não é eclético. É um homem que, como um rio, vai engrossando no seu curso. Em qualquer trecho, porém, ele é ele mesmo no seu presente e mais todo o passado incorporado, que vive nele — que nasceu homem e que tem consciência disso. Um homem nunca será um eclético. Será, isto sim, um homem. Saiba demais,

como sabe o Pupo ou saiba muito pouco, enquanto não conhece o para que (de sua realização segunda), esse homem não será nada, nem mesmo eclético, num ponto de vista limitadíssimo (aspecto puramente intelectual). Noutro sentido, existencialmente, todo homem pode ser eclético, pelo que recebeu, embora não se conduza ecleticamente, como é o caso do Pupo, que é apenas homem. Homem para...

SÍNTESE IMPRÓPRIA

Ser de exceção — tendo nascido homem sem precisar fazer antecipadamente todo o caminho do homem — e sendo, enquanto homem, uma unidade (que vive dispersa), o Pupo fez no seu "caminho para", uma síntese imprópria. Ele não mediou. Não fez mediação. Não aproximou os extremos, de maneira a que eles deixassem de ser num momento superior. Ele fez uma síntese, simplesmente mantendo os dois pólos ou extremos (como quiserem) em tensão. Ele sabe disso. E sofre por isso. Mas essa é a sua maneira de existir (ou de ser enquanto homem). Péssima é a comparação com o rio. Eu poderia dizer até, parodiando alguém: homem algum é um rio. Não há síntese tão apropriada como a do rio. Síntese imprópria, o Pupo avança batendo-se contra os extremos que o mantém. Mesmo aceitar, para ele, é um bater-se porque ele conhece o pólo ou extremo oposto ou, melhor, a outra parede do corredor. Um homem num corredor com nostalgia do vasto-mundo, do qual é poeta, eis uma imagem do Pupo!

O CONHECIMENTO TRÁGICO

Todo conhecimento para o Pupo chega de uma maneira trágica. Supõe-se, por isso, que ele deveria abandonar o conhecimento. Mas é o contrário disso o que ele faz. Ele se informa cada vez mais. E jamais se esquece do que viu, leu, ouviu...

CONFLITO E DÚVIDA

O Pupo sabe que se prepara para alguma coisa. Mas para que? Para que? Não, essa dúvida ainda não surgiu. Quando ela surgir, porém, não sei o que será do Pupo. Será para isso o que ele faz, a sua vida? Viver para os outros? Cuidando deles material e espiritualmente? Mas para isso só não nasceu o Pupo. Sua vida exige dele mais alguma coisa. A sua própria realização pessoal, segunda. Mas como ele virá a se realizar? Fazendo simplesmente o que faz? Continuando a fazer o que faz? Isso, se por um lado, lhe dá uma enorme alegria interior, não lhe dá o sentido do seu caminho, da sua busca, aquilo que ele impropriamente denominaria "seu perder-se em Deus" (que o Pupo não é absolutamente um místico e ele sabe disso). Eis o dramático da vida do Pupo! Quando surgir a dúvida, o que será dele? Ele precisa ter fé. Mas fé em que? Um objeto para a sua paixão (como diria Clementino Schiavon Puppi) ou um objeto para a sua fé. Mas, se ele nem sabe se tem fé. Se ele simplesmente vai andando no seu caminho. Andando sem saber para onde. Andando para alguma coisa. Em direção de alguma coisa. E se essa coisa for apenas a morte? Então, o seu esquema existencial será esse: um homem que foi desde menino, que se inquietou, que sofreu, que fez o bem que pode fazer e que chegou a morrer sem saber porque fins Deus lhe pôs no mundo. Talvez, simplesmente, por graça... Mas isso o Pupo não pode, não deve saber.

DO DISCÍPULO PARA O MESTRE

Alceu Schwab

DO DISCÍPULO PARA O MESTRE

Nosso primeiro contato com o professor Antenor da Silva Pupo ocorreu em 1946, quando, no então Laboratório Geral do Estado da Diretoria Geral de Saúde, hoje Secretaria de Saúde, à Rua Ubaldino do Amaral, exercíamos funções de laboratorista da Secção de Bromatologia e, simultântaneamente, freqüentávamos o Curso Superior de Química do Instituto de Química do Paraná.

Na mesma época, o professor Pupo, na Secção de Microbiologia do mesmo Laboratório, preparava, montava e testava as mais avançadas técnicas para realização dos futuros exames microbiológicos de água, não só da capital do Estado, mas, principalmente, de inúmeras cidades do interior do Paraná, verdadeiro trabalho pioneiro, futuro embrião de uma consciência ecológica que surgiria alguns anos mais tarde.

Recém indicado pelo Governo do Estado, através do Departamento de Água e Esgoto, para planejar, equipar e instalar o Laboratório de Microbiologia de Água — e enquanto, essa obra estava em franca construção — o professor Pupo, com permissão e autorização da Diretoria Geral de Saúde, utilizava-se das instalações da Secção de Microbiologia do Laboratório Geral do Estado para testar os métodos a serem utilizados para os exames de água.

Não poderíamos omitir o decidido apoio do então Diretor do Departamento de Água e Esgoto, professor Plínio Costa, na construção, aquisição de equipamentos e preparo de pessoal habilitado a desenvolver essa tarefa, para qual o professor Pupo fôra designado. Esse Laboratório, ainda, hoje, localiza-se na Rua Engenheiro Rebouças, próximo ao Estádio Durival de Brito e Silva.

Interessante ressaltar que este Laboratório acabou constituindo-se na célula mãe, verdadeiro marco inicial da atual Superintendência dos Recursos Hídricos e Meio Ambiente — SUREHMA — e atual responsável pela política do meio ambiente, tudo numa decorrência de verdadeira antevisão do que mais tarde foi batizada com o nome de Ecologia.

Anne Chisholm, em seu livro ECOLOGIA — UMA ESTRATÉGIA PARA A SOBREVIVÊNCIA, realizado em colaboração com alguns dos mais eminentes ecologistas do mundo inteiro, como FRANK FRASER, RENÊ DUBOS, EMIL HADAC e JEAN DORST, afirma que — "ouviu a palavra Ecologia, pela primeira vez, no outono de 1969, em Londres, durante um congresso. O que me interessou mais do que qualquer outra coisa não foi o real conteúdo da Ecologia e, sim, o que ela trazia em sua mensagem. Alí estavam, a meu ver, uma nova moralidade e uma estratégia para sobrevivência da humanidade, englobadas num só corpo".

GRANVILLE H. SEWELL, em sua publicação ADMINISTRAÇÃO E CONTROLE DA QUALIDADE AMBIENTAL, da Editora Pedagógica e Universitária Ltda. (E.P.U.) e Companhia de Tecnologia e Saneamento Ambiental de São Paulo (CETESB), 1978, menciona: "dentro do controle ambiental, a Ecologia representa uma ciência e um modo de pensar. A Ecologia pode ser definida como o estudo das interrelações entre organismos vivos e seus ambientes. A palavra deriva do grego "OIKOS", que significa casa ou lugar de habitação, acrescida do sufixo de estudo "logos".

No último ano do Curso de Química, onde se situava a disciplina de Microbiologia e Tecnologia das Fermentações, prelecionada pelo professor Pupo, recebemos as primeiras noções sobre o fascinante mundo dos sêres microscópicos aos quais o químico e gênio francês LOUIS PASTEUR denominava dos "infinitamente pequenos".

Em suas dissertações teóricas, sempre que possível, o professor Pupo, para motivá-las e torná-las ainda mais atraentes, usava o expediente de iniciar com frases de efeito, creditadas aos grandes mestres da Ciência. Possuia

a convicção de que essas citações sensibilizavam e marcavam os alunos.

Lembro-me, perfeitamente, de uma que usava, exatamente, na aula inaugural. De autoria de PASTEUR, adequada e compatível à abertura de um curso de Microbiologia: "O papel dos infinitamente pequenos na Natureza é infinitamente grande".

Sempre tivemos particular predileção pelo estudo da Biologia Geral, desde os bancos do Ginásio "Regente Feijó", de Ponta Grossa, e, a convivência mais íntima com o professor Pupo fez com que enveredassemos, logo ao final do Curso, pelos caminhos da Microbiologia, seguindo a orientação acadêmica e a trilha do Mestre e Professor Pupo.

Em 1948, concluimos o Curso de Química Industrial, padrão superior, no então Instituto de Química do Paraná. Desejávamos naturalmente, passar da carreira de laboratorista, de caráter não universitário, para outra compatível de grau superior. A oportunidade aconteceu em 1950, quando o professor Pupo honrou-nos com o convite para seu Assistente, na disciplina de Microbiologia e Tecnologia das Fermentações, da então Escola Superior de Química do Paraná.

Característica marcante da sua formação, o professor Pupo sempre se preocupou com o equilíbrio do meio ambiente, como mestre de Biologia Geral, no então Ginásio Paranaense, hoje Colégio Estadual do Paraná, de Microbiologia Médica nas Faculdades de Medicina da Universidade Federal do Paraná e Faculdade de Medicina Evangélica, além de professor de Microbiologia e Tecnologia das Fermentações do Curso de Engenharia Química da Universidade Federal do Paraná. Essa constante preocupação é traduzida nos 10 trabalhos sobre microbiologia de água relacionados em seu currículo constante desta publicação.

Na oportunidade, seja-nos permitido extrair e transcrever de um dos seus trabalhos, denominado "EXALTAÇÃO À ÁGUA", 1960, então, já preocupado com a pureza e qualidade higiênica das águas: "Que dizer de nosso tempo, quando as fontes necessitam urgentemente de proteção?

Quando a pureza e limpidez passou ser convite à poluição. É este, mais do que um crime cometido contra a natureza-mãe, um crime que se pratica diariamente contra os homens. A eliminação do sagrado vai sedimentando um inconsciente que se manifesta no sadismo que ameaça a condição humana. Quem de nós não lamenta esse nosso humilde rio curitibano chamado Barigüi do Seminário que, estagnado, se converte em lôdo, esquecido do tempo feliz em que podia exibir a todos a limpidez hialina de sua corrente, desmemoriado do azul, sem notícias das estrelas? Corre, hoje, levando as marcas do progresso, transformado em serpentina fétida, colorida pelas vísceras, riosinho humilde feito fossa ambulante. Rio curitibano, estrelado de escarros, sem a esmola de um olhar; imagem deste tempo sem escrúpulos, quando o homem vive sem prever e morre sem prevenir".

Do mesmo trabalho, mais um trecho: "Uma gota de água basta para purificar um oceano. Uma gota de água impura é suficiente para contaminar um universo. A água pura é sutil.

Quando se medita na ação do puro e do impuro, sente-se a transformação da imaginação material em imaginação dinâmica, deixa-se de pensar como substância e começa-se a pensar como força, a fim de aglutinar a pureza. Parece-nos que, longe dessas meditações, nosso mundo sofreu uma redução na maneira de viver. O racionalismo técnico e científico anulou a imaginação, extinguiu a intuição, acabando por modificar nosso pensamento e originar as crises que nos angustiam".

O professor Pupo admirava, incondicionalmente, Renê Dubos, professor da Universidade Rockefeller, microbiologista e patologista, detentor de muitos prêmios, entre eles o "ARCHES OF SCIENCE AWARD", Autor de inúmeros livros memoráveis traduzidos pela Universidade de São Paulo, dentre os quais conviria destacar PASTEUR E A CIÊNCIA MODERNA, UM ANIMAL TÃO HUMANO, O DESPERTAR DA RAZÃO E UM DEUS INTERIOR. Recentemente, 1981, o professor Dubos prelecionou série de conferências na Universidade de Brasília, enfeixadas num volume inti-

tulado "Dubos na Universidade de Brasília". Faleceu pouco depois, a 21 de fevereiro de 1982.

Renê Dubos, em seu livro "Um Animal Tão Humano", Edições Melhoramentos, Universidade de São Paulo, 1974, relata que, "durante a reunião anual da Associação Americana para o Progresso da Ciência, 1966, o historiador LYNN WHITE JR pleiteou nova atitude com relação à Natureza e destino do homem, afirmando ver como única esperança para salvação do mundo o sentimento profundamente religioso que os franciscanos do século 13 tinham para a interdependência espiritual e física de todas as partes da Natureza. Os cientistas, especialmente os Ecologistas, deveriam, segundo insistiu, adotar como patrono SÃO FRANCISCO DE ASSIS.

O professor Pupo possuía particular admiração por São Francisco de Assis. Acreditava não haver santo mais universal que São Francisco de Assis, o POVERELLO , o SANTO DO AMOR, o TROVADOR DE DEUS. Cultivam-no os crentes e descrentes, tradicionalistas e progressistas, cultos e incultos, cristãos e não cristãos, pois, ao seu redor, se forma o ideal da unidade do gênero humano. Podemos afirmar, sem receio, que seu culto é ecumênico, Segundo os estudiosos, a Idade Média trouxe o cristianismo das catacumbas e palácios para os mosteiros e universidades. São Francisco de Assis, por sua vez, abriu-lhes as portas ao ar livre e o levou à Natureza.

Tivemos o privilégio de desfrutar da convivência quase diária do professor Pupo. Assistimos a todas suas brilhantes aulas teóricas, geralmente abertas com frases de efeito creditados aos grandes mestres. Suas palestras, cursos de extensão universitária e as famosas "rodinhas" marcavam personalidade lúcida, atualizada e extremamente inteligente. Era querido pelos discentes — geralmente paraninfo ou homenageado especial — e respeitado pelos colegas pela sua personalidade e indiscutível cultura.

A propósito, umas de suas palavras prediletas era — "entusiasmo" — derivada do grego "entheos", significando "Deus Interior". Cabe, nesse momento, mais uma citação

de Renê Dubos contida em seu livro "Um Deus Interior": "pode ser que o homem não acredite mais na origem divina da inspiração, mas são poucos os que não conservam a fé antiga e quase mística de que o entusiasmo é a fonte do espírito criador. Seja qual for a sua filiação religiosa ou filosófica, todo o homem sabe que haveria pouca possibilidade de melhorar o mundo se não fosse a fé derivada do Deus interior. O poeta ficaria em silêncio se não fosse sua musa".

Era impressionante observar no professor Pupo o entusiasmo como adquiria e avidamente lia seus companheiros inseparáveis — os livros. Aliás seu amigo de tertúlias literárias, professor Ernani Reichmann, em seu livro "INTERMEZZO LÍRICO FILOSÓFICO — 2.ª parte — edição do Autor — 1961, num magistral ensaio denominado "O FANTÁSTICO DOUTOR PUPO", também fazendo parte dessa publicação, afirmava, com impressionante propriedade, essa sua faceta, quando escreveu — "todo o conhecimento para o Pupo chega de maneira trágica. Supõe-se, por isso, que ele deveria abandonar o conhecimento. Mas é o contrário disso o que ele faz. E jamais se esquece do que viu, leu e ouviu". Ainda mais, Ernani Reichmann o considerava como um dos maiores leitores que conheceu.

Em 1974, a doença chegou para o professor Pupo. Operou o coração e foi acometido de um insulto cerebral, passando por experiência que durou 8 longos anos, que denominou a "experiência ou prova do silêncio", pois sabia o que desejava expressar, porém, a palavra lhe faltava. Praticamente, perdeu-a, mas guardou absoluta consciência do seu estado.

Encontrávamos quase que diariamente para otradicional cafezinho no Alvorada da Rua 15, com demais amigos, e, onde são afixados, na parede do prédio, as notas de falecimento por ele denominado "placar dos mortos".

A idéia inexorável da morte foi transformada pelo inesquecível poeta Manoel Bandeira, na figura conhecida como a "INDESEJADA DAS GENTES". O professor Pupo

citava de outro vate a que segue "A GENTE NÃO MORRE, FICA ENCANTADO". Possuía uma, de sua autoria, "A GENTE NÃO MORRE, VAE ANTES".

No dia 20 de julho de 1982 "ele foi antes" e "ficou encantado".

BIGORRILHO — JANEIRO — 1985

Alceu Schwab

BIBLIOGRAFIA

1938

Sobre um caso de septicemia estafilocócica — Revista Médica do Paraná — n.º 6 — ano VII.

1946

Contribuição ao Estudo das Propriedades Antagônicas dos Filtrados de cultura do**Bacillus Subtilis,** sobre algumas bactérias patogênicas — Tese de Concurso para Professor Catedrático da 8.ª cadeira — Elementos de Microbiologia e Tecnologia das Fermentações do Instituto de Química do Paraná.

1947

Estudo da Ação Terapêutica da Água proveniente da Fonte Santa Terezinha. Trabalho apresentado na Associação Médica do Paraná em sessão de 12 defevereiro de 1947. Revista Médica do Paraná. Volume XVI — janeiro e fevereiro n.º 1.

1947

Anti-Vitaminas e Anti-Hormônios — Revista Médica do Paraná — Volume XVI — número 3 — maio e junho 1947.

1959

Bacteriologia da Água. Isolamento das Bactérias Patogênicas. Anais da Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná. Volume 2, n.º 1 — Curitiba — julho.

1962

Microbiologia dos Fundos Marinhos. Origens dos Petróleos — Conferência pronunciada no VII Curso de Fisiologia de Microrganismos do Instituto de Bioquímica da Universidade do Paraná — Curitiba.

1962

O enterococo nas Águas de Abastecimento — Antenor Pupo e Alceu Schwab. Anais da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná — Curitiba — janeiro — julho.

1963

Exame Bacteriológico da Água das Cidades de Maringá e Lapa. III — Promoção da Universidade Volante — Curitiba — Antenor Pupo — Alceu Schwab — Darcy Pasquini e Luiz Alberto Silva Veiga — Curitiba.

1964

Exame bacteriológico da Água do Litoral do Paraná — Antenor Pupo, Alceu Schwab, Darcy Pasquini e Luiz Alberto Silva Veiga — 5.ª Promoção da Universidade Volante — Paranaguá.

1964

Interferon — Um tema fascinante — Palestra proferida no VIII Curso de Fisiologia de Microrganismos do Instituto de Bioquímica da Universidade do Paraná — Curitiba.

1965

Virus e Câncer — Palestra proferida na 1.ª Jornada Paranaense de Prevenção do Câncer Ginecológico — Curitiba.

1965

Proteção das Piscinas — Antenor da Silva Pupo — Alceu Schwab — Darcy Pasquini e Luiz Alberto Silva Veiga — Imprensa da Universidade Federal do Paraná.

1965

Properdina e Imunidade — Conferência de Encerramento do IX Curso de Fisiologia de Microrganismos do Instituto de Bioquímica do Paraná. Curitiba.

1966

Estrutura da Parede Celular das Bacterias — X Curso de Fisiologia de Microorganismos — Instituto de Bioquímica da Universidade Federal do Paraná e Divisão de Bioquímica do Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas — Curitiba.

1971

Discurso de agradecimento em seu nome e no de outros professores no recebimento do Título de Professor Emérito da Universidade Federal do Paraná. Anuário da Universidade Federal do Paraná.

SEM DATA

Exaltação à Água — Cópia do trabalho sem indicação do nome da publicação.

SEM DATA

Doenças do Vinho — Cópia do trabalho sem indicação do nome da publicação.

SEM DATA

Emprego da Bacteriologia e da Bioquímica na Indústria — Cópia do trabalho sem indicação do nome da publicação.

OUTRAS PUBLICAÇÕES

1958

Três cartas a Ernani Reichmann sobre religião — Curitiba.

1958

Canção do homem incendiado — dedicado a Fritz Alt — Edição de grupo de amigos — Curitiba — Agosto.

1960

Palestra proferida em templo maçônico de Curitiba sobre o simbolismo da bandeira Nacional.

1960

A Salvador de Maio — Poesia.

1962

Ação Social e Cultural da Maçonaria — A Lâmpada — Instituto Néo-Pitagórico — n.° 116 — 117 — ano XXXII.

1963

A Pseudo Ação e a Revolução Francesa — A Lâmpada — Instituto Néo-Pitagórico — n.°s 120 — 121 — ano XXXIII.

1963

A morte Iniciática e o nome simbólico — A Lâmpada — Instituto Néo-Pitagórico — n.°s 118 — 119.

1966

A Loja Maçônica — Amizade — Revista Maçônica Paranaense n.° 1 — junho.

1966

Na Consagração dos Templos — Amizade — Revista Maçônica Paranaense n.° 3 — agosto.

1966

Professor saúda Ministro — Amizade — Revista Maçônica Paranaense n.° 4 — setembro.

1966

O Dia do Brasil — Amizade — Revista Maçônica Paranaense n.° 4 — setembro.

1966

A Presença da Maçonaria — Amizade — Revista Maçônica Paranaense — outubro.

1966

Maçonaria e ideal Republicano — Amizade — Revista Maçônica Paranaense — novembro.

1967

Discurso de Paraninfo da turma de Engenheiros Químicos — Amizade — Revista Maçônica Paranaense — n.° 8 — janeiro.

1967

Cadeira de União — Amizade — Revista Maçônica Paranaense — n.° 8 — janeiro.

1967

Aspecto Físico do Candidato — Amizade — Revista Maçônica Paranaense — fevereiro.

1967

A Morte Iniciática e o Nome Simbólico — Amizade — Revista Maçônica Paranaense — abril.

1967

A Pseudo Iniciação e a Revolução Francesa — Amizade — Revista Maçônica Paranaense — maio.

1968

Ação Cultural e Social da Maçonaria — Amizade — Revista Maçônica Paranaense — junho.

1968

São João e a Maçonaria — Amizade — Revista Maçônica Paranaense — julho.

1968

A Uma Estrela — Amizade — Revista Maçônica Paranaense — agosto.

1968

As Sociedades Iniciáticas e o Pensamento Moderno — Amizade — Revista Maçônica Paranaense — outubro e novembro.

1968 e 1969

O Simbolismo Agrícola e o Natal — Amizade — Revista Maçônica Paranaense — dezembro e janeiro.

1969

O Patrono — Amizade — Revista Maçônica Paranaense — janeiro.

1973

Patética — Ao Benedito Nicolau dos Santos — Autor das Lendas e Tradições do Paraná — Curitiba.

1974

As Mulheres do Café Alvorada — Publicado no jornal "O Estado do Paraná" — junho.

SEM DATA

Ritual de Iniciação do Médico — Templo de Asclépios — Mensagem aos calouros de Medicina.

SEM DATA

O Analista — Poesia editada por grupo de amigos.

SEM DATA

Balada de três de outubro — Poesia.

SEM DATA

São Francisco e o Mistério — artigo publicado sob pseudônimo de Paracelso e dedicado a Alceu Schwab no jornal "O Estado do Paraná".

SEM DATA

Discurso Impopular — Discurso de paraninfo aos Engenheiros Químicos da Universidade Federal do Paraná.

SEM DATA

A Bíblia — Palestra.

PUPO

O MÉDICO E PROFESSOR

"Oh! Deus, fazei de mim um instrumento de vossa paz, dai-me coragem, discernimento e prudência que o quinto cliente serei eu."

(fragmento de seu diário)

Atenção, yátricos, vou repetir a frase hipocrática:

"As coisas consagradas só se revelam aos homens consagrados, vedadas dos leigos, enquanto não estiverem iniciados nos mistérios do saber".

(Pausa)

Pontífice — Ide buscar o leigo.

(a ordem é cumprida)

O pontífice bate quatro vezes na porta do Templo, significando que o leigo está preparado para o prosseguimento.

Demiurgo — Quem bate, yatrico, guarda maior?

G. Maior — Quem bate, yátrico, guarda menor?

G. menor — Quem bate, yátrico, Pontífice?

Pontífice — (fora do recinto, respondendo através da porta entreaberta).

É o yátrico pontífice, que acompanha um leigo, que perdido na exterioridade do mundo estava ameaçado pela corrupção. Agora, sob a minha responsabilidade, pede para ser introduzido no Asclepião.

G. menor — repete

G. maior — repete

Demiurgo — Que devemos fazer em benefício desse leigo, Yátrico orador?

Orador — Uma vez que conhecemos seus passos na escola, sabendo das suas aspirações e ideais, devemos aceitá-lo, para que seja libertado dos perigos que o ameaçam. Para que, iniciado no saber, ganhe a vida da inteligência, para que sua imaginação possa criar instrumentos de paz e de progresso. Que a cegueira desapareça dos seus olhos. Para que sua boca aprenda a pronunciar palavras dignas de um iniciado, para que seu corpo possa ser purificado e que ao se dedicar ao trabalho exerça a moralidade dos costumes, inspirando-se no espírito de solidariedade e de virtudes, consiga aptidão para uma vida decente.

Demiurgo — Yátricos, acabais de ouvir a opinião do nosso orador. Agora manifesteis vossa aceitação pelo sinal.

(todos aprovam batendo o estilo várias vezes).

Demiurgo — Guarda menor, mandai franquear ingresso ao leigo.

G. menor — Yátrico pontífice, trazei o leigo.

(entram, pontífice e leigo, este desprovido dos adornos, etc., traz sobre os olhos uma máscara de cirurgião), segue dirigido pelo pontífice, até o altar, frente ao demiurgo).

Demiurgo — bate com o estilo (...), todos levantam-se.

Yátrico pontífice, que pretendeis de nós.

Pontífice — Amigo deste leigo, peço para ele proteção e purificação. Peço que se lhe conceda a Luz.

Demiurgo — Que o leigo seja bem-vindo. Agradecemos que deseje participar deste Asclepião. Antes, lembro as páginas de São João: Ao passar viu JESUS um homem cego de nascimento. Perguntaram-lhe seus discípulos: Mestre, quem pecou para este homem tenha nascido cego, ele ou seus pais? Respondeu Jesus: nem ele nem seus pais pecaram; senão para que as obras de Deus sejam nele manifestas".

Que os primeiros passos do leigo neste asclepião sejam dados ao fulgor da luz e que desde agora ele conheça mais um pouco a importância da verdadeira luz. Prestai atenção ainda uma vez ao texto joanino: "Disse Jesus: Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer de novo pela água e pelo espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que nasceu da carne é carne, mas o que nasceu do espírito é espírito. Não te admires de eu te dizer; É necessário nasceres de novo, o sopro sopra onde quer; bem lhe ouves a voz; mas não sabes de onde vem nem para onde vai. O mesmo sedá com todo aquele que nasceu do espírito.

A luz veio ao mundo, mas os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque suas obras eram más. Pois quem pratica a verdade chega à luz, para que se manifeste que suas obras são feitas em Deus."

Que a luz se faça — (o pontífice tira a máscara que veda os olhos do leigo que fita o caduceu iluminado, etc.).

Demiurgo — É mais um trabalho eficiente no plano do Supremo médico. Este asclepião recebe mais um homem, que a violência das paixões do mundo não mais perturbará. Conhecerá o caminho da honra no cumprimento do dever.

És mais um yátrico. Não conhecerás as ilusões, nem as decepções do homem que palmilha os caminhos da vida. Quantas dúvidas e barreiras conheceste até chegar neste asilo de sabedoria. Aqui conhecerás a paz de espírito, no remanso da fraternidade que afugenta as adversidades. Alheio aos artifícios da vaidade mundana, irás aprender que os bens que doamos e conservamos, são antes de tudo a reverência por nossos semelhantes. Yátrico, guarda maior, por que razão estamos aqui reunidos?

G. maior — Para despertar nos homens essa vontade de fazer da terra o reinado do bem. Para lembrar que os nossos ancestrais fundiam as virtudes da força, da beleza e da saúde com aquelas da alma, a piedade, a moderação e a justiça, em uma unidade harmônica. Essa fusão proclamava a simetria do Universo, refletida na vida material e espiritual do homem.

Revigorar no homem o equilíbrio do corpo, onde a harmonia e o equilíbrio sejam a essência da saúde e da perfeição.

Reativar o conceito de saudável, que se dispersando contamine tudo quanto vive, porque a saúde é o ponto de encontro entre a igualdade e a harmonia, fontes do bom e do justo, ideal da cultura humana.

Demiurgo — Como conseguiremos esse objetivo, Yátrico guarda menor?

G. menor — Pela persuasão, pelo exemplo e ação.

Restabelecendo o conceito exato das palavras que retornarão a significar valores espirituais. O mundo vulgar permitiu que as expressões mais importantes se perdessem na vulgaridade das polêmicas entre o pedantismo enfatuado, assim que Deus passou a ser uma entidade sobrenatural, anti-natural, extra-cósmica. A Fé reduziu-se na credulidade e passou a ser crença nas opiniões alheias e a Esperança nada mais que um degrau para atingir as ambições pessoais. Queremos que essas palavras retornem aos campos da consciência. Esse o nosso objetivo e mistério, pois ninguém pode conhecer um estado de consciência sem ter-se experimentado alguma vez.

Demiurgo — Honramos e veneramos o supremo médico, a quem devemos a nobreza das nossas ações para com o próximo. Consideramos iguais todos os homens, reverenciamos os homens pois todos merecem ser tratados, para nós não existe o reino dos pobres e o reino dos ricos.

Os médicos da antigüidade consideravam a medicina como causa auto-consciente, auto-existente, eterna e universal. Na atualidade, a medicina é uma força cega que vai inconscientemente pelo caminho da ambição.

No passado, a ciência foi religião, hoje é um mero artifício sem conteúdo de verdade. Na ausência da afetividade, a medicina perdeu a religiosidade e tornou-se irracional. Falta ao médico a essência, falta a religião que não é outra coisa que a relação que possui o homem com o divino. O homem é o ser que pensa Deus. Os antigos diziam que Deus dorme nos minerais, sonha nas flores, está vigilante nos animais, e sabe que está acordado no homem.

Combatemos a ambição e o orgulho, a ignorância e a superstição — flagelos que perseguem a humanidade. Recomendamos a justiça recíproca, que preserva os direitos, abrigando o interesse de todos. Disseminamos a tolerância, que permite a liberdade de cada um dispor da individualidade, de ser livre de consciência e de pensamento.

Yátrico orador, dizei algo sobre o nosso símbolo.

Orador — O caduceu é o nosso símbolo. A tradição conta que foi o atributo primordial de Hermes o Trimegisto. Era figurado numa haste de louro ou de oliveira, que tinha no extremo superior duas asas. Nessa haste duas serpentes enroscam-se. A lenda conta que um dia Hermes separou, com uma haste, duas serpentes que lutavam. Desde esse dia, o caduceu representou o símbolo da concórdia. Entre os antigos e principalmente entre os gregos, serviu para representar e distinguir os embaixadores e os arautos. Foi o símbolo da paz.

Mais tarde, a medicina adotou o caduceu, com uma serpente apenas, a serpente de Epidauro. Contendo no ápice da haste um espelho, onde a serpente se reflete. É o espelho da prudência.

Epidauro, cidade situada no mar Egeu, onde existiu o primeiro Templo de Asclépios, asilo primitivo, convergências dos doentes do corpo e do espírito.

Nesse templo, passavam dias e noites, enquanto os sacerdotes interpretavam seus males. O santuário abrangia vários Templos, onde os doentes eram assistidos. A célebre fonte sagrada fazia parte da paisagem.

Epidauro mostra ainda os ex-votos e as famosas mesas, onde estão gravadas as curas miraculosas.

Demiurgo — Yátrico secretário, contai-nos mais sobre esse símbolo, porque o caduceu permanece.

Secretário — A haste do caduceu simboliza a árvore da vida e do ser. O eixo do mundo ligando a matéria ao espírito, as asas representam essa imaginação que aciona tudo para a ascenção, as asas da vida. As duas serpentes primitivas são bem o emblema da matéria e do espírito, na configuração do eternamente vivo e sua ilusão, que constantemente entrelaçadas se unem para manifestar o Universo autêntico.

Demiurgo — A serpente, símbolo antiquíssimo, réptil mítico. Foi transportado este símbolo por Esculápio, Cibeles, Minerva e Hércules. Hoje, sábios e legisladores, médicos e filósofos, mestres das ciências e das artes e so-

bretudo da higiene, terão que voltar a interpretá-lo, para compreender os meios de curar os males, melhorando os costumes.

Unida ao Tau, a serpente é a lembrança do passado, a inteligência do presente e a providência do futuro, para que a inteligência governe todos os quadrantes da Terra.

Ao fitar esse símbolo, devemos pensar que nem a Ciência médica, nem a prudência, nem a materialidade da haste, bastam, pois precisam sempre da proteção do Supremo Médico, o Grande Arquiteto do Universo.

Portanto, a ninguém surpreende a perenidade do caduceu. A idéia necessita dos sentidos para se manter comunicativa. Os símbolos são as imagens do que sentindo o coração torna sensível o entendimento.

Conta a tradição que Esculápio amargurava-se diante da morte dos pestosos. Amargurado foi ao monte Sinai implorar auxílio através da oração. Lá viu uma serpente agonizante, que socorrida por outra e fricionada sobre a erva, recuperou a vida.

Esculápio, então, colheu daquela erva e aplicou nas úlceras dos enfermos, da mesma forma que fazendo infusões que, bebidas pelos doentes, restabeleceu-os. Para recordar esse acontecimento, fez uma serpente de bronze fixada numa haste, que serviu para comunicar o fato.

Universalizou-se o símbolo. Reproduzido está na Bíblia, "onde Deus, mandou Moisés elevar uma serpente, cuja admiração curava os enfermos" — Num. 21-9.

Mais tarde, homenageando Esculápio, no mesmo monte Sinai, Saladino construiu um hospital, que assistiu enfermos e abrigou peregrinos.

Yátricos, o leigo está iluminado e já percebe o mistério dos símbolos.

Dizei agora, yátrico orador, quais os nossos deveres para com ele?

Orador — Fazer com que se aplique em vencer suas más inclinações, não se deixando corromper por maus

conselhos, libertando-o do vício e das companhias perniciosas. Ensinando o sacrifício dos interesses particulares pelo bem de todos.

Sabemos que só existe uma liberdade, que é a de cada um cumprir seu dever. O médico, mais que os outros homens, logo após a sua formação, deve procurar uma esposa e constituir um lar. Deve entender que os vários períodos da vida comportam deveres determinados, mas que nenhum deles é superior.

O chefe de família é semelhante ao celibatário, que se tornou religioso. A vida do varredor de rua é tão importante como a de um rei no trono.

Mandai o rei varrer as sargetas para ver como se porta. Mandai o varredor governar para ver suas ações. O homem afastado do mundo não é melhor que o que vive nele. É mais difícil estar no mundo ligado ao Supremo médico, do que ficar contemplativo, isolado, tranqüilo e sem preocupações.

O médico deve ter família e respeitar o grande mistério. Trabalhar, sem cuidar dos resultados. Ajudar o semelhante, sem pretender a recompensa. Não buscar o renome ou a fama. Um covarde pode se tornar valente conforme as circunstâncias, um médico pode ser herói com a simples aprovação da sociedade.

O dever máximo do médico é ganhar o seu sustento, porém jamais utilizando a mentira, enganando ou roubando os outros homens.

Deve conhecer os homens antes de tê-los como amigos, afastar-se dos corruptos para impedir o erro.

Demiurgo — Os yátricos respeitam a mulher. Olham todas as mulheres, exceto a sua esposa, como se fossem sua própria mãe, irmã ou filha. Olham todas as mulheres com o respeito que dedicam à mãe.

A figura materna é a suprema evolução do mundo. Por ela sabemos do desprendimento. Por ela sabemos a máxima lição, pensar primeiro nos filhos que em si mesma. Feliz o homem que pode considerar todas as mulheres

como símbolo da maternidade. Grandiosa a mulher que considera o homem como símbolo da paternidade de Deus. Prometeis, yátricos, propiciar esses ensinamentos ao leigo?

Todos — prometemos.

Demiurgo — Seja pois aceito e purificado.

(O mestre de cerimônia coloca o leigo frente ao altar, queima o incenso).

Demiurgo — Que estas nuvens perfumadas, que se dispersam pelo Asclepião, sejam as homenagens da terra ao Eterno. Que o Supremo médico inspire este estudante nas leis da honra e da sabedoria.

(tocando as pálpebras do leigo)

Que vossos olhos se abram para a luz da verdade, ganhando a faculdade de divisar o mal para vencê-lo, encontrando assim o caminho da paz para conduzir todos os homens nossos irmãos, tocando a orelha).

Que vossos ouvidos se abram ao clamor dos que sofrem. Escutando sempre a música inefável daquelas palavras que os séculos conservam. "Amai-vos uns aos outros".

(borrifando água sobre as mãos)

Que vossas mãos fiquem sempre puras, limpas do vício. Que rejeitem a vingança pela força bruta e pela traição e que nunca gravem escritos nocivos à moral e ao gênero humano.

(tomando a fronte com algodão impregnado de sal).

Que o sal, símbolo da natureza e da amizade, vos inspire idéias justas e sadias, elevando vossos pensamentos à suprema bondade, atraindo amigos fiéis.

(mel sobre os lábios com uma espátula)

Que a tua boca se acostume a dizer palavras doces e meigas como este mel, que não conhece os sons da calúnia e da injúria.

Que não conheça a mentira, nem o brado cruel da superioridade e do desprezo.

(cedendo um fragmento de pão ao leigo)

Que este pão, símbolo da energia vitalizante, vos inspire altos pensamentos e dê a vossa alma a coragem e a vontade de suportar as seduções.

(avivando a chama da pira)

Que este fogo sagrado purifique o vosso ser, fazendo em vosso coração brotar o amor pelo semelhante. Que vosso espírito desperto domine a matéria. Que desperte em vós a reverência pelos que vos instruiram e ensinaram a liberdade pelo trabalho. Que vossas alegrias sejam aquelas da alma e de espírito.

(entregando o avental ao mestre de cerimônia para revestir o leigo).

Este avental é a insígnia da vossa profissão, significa a vossa missão entre os homens, tem a cor da vossa ação, a cândida pureza do vosso trabalho. Lembrai-vos sempre que trabalhar é pagar nossa divida para com a humanidade.

O ocioso que não trabalha rouba a sociedade.

Tem na alvura a imagem da pureza e da inocência.

Recebei pois este avental e que ele vos acompanhe sempre porque a sua presença despertará onde estiverdes a lembrança deste dia em que recebestes a verdadeira luz que este avental não conheça as manhas da desonra.

Agora exigimos ainda de vós um compromisso solene.

De pé e a ordem. (todos levantam-se e ficam a ordem).

"Prometo, pela minha honra, jamais revelar o que acabo de assistir, e o que me foi revelado. Esforçar-me-ei para cumprir o que me foi comunicado. Se porventura assim não proceder, que eu seja considerado indigno entre os homens."

Mestre de cerimônia, conduzi o novo yátrico ao seu lugar devido.

(obedece)

Desde agora o sr. ..... está transformando em yátrico efetivo deste Asclepião.

(todos sentam-se)

(o filântropo colhe o denário)

(o demiurgo concede a palavra ao orador para solenizar o ato, etc.).

Demiurgo — (de pé e a ordem)

Em nome do Supremo Médico, declaro encerrada esta sessão de iniciação, congratulando-me com este Asclepião pela aquisição que acaba de fazer de mais um Yátrico (quatro pancadas com o estilo).

Retiram-se.

Ágape

DISCURSOS ACADÊMICOS

DISCURSO IMPOPULAR

AO PARANINFAR TURMA DE ENGENHEIROS QUÍMICOS DA UFPR (sem data)

Há um lustro, conheci êstes jovens que hoje recebem o diploma de Eng. Químicos. O encontro teve por cenário o salão nobre da Escola de Química. Êles eram calouros e receberam por meu intermédio a primeira aula, aula inaugural, que abriu o caminho dessa jornada; quizeram-lhes que eu fôsse desta vez o último, — Paraninfo, estou nesta tribuna, prisioneiro da afetividade para, conforme a cerimônia requér, fazer um discurso, — o degráu mais alto da prosa, verdadeira alquimia de idéias.

Sendo o vosso primeiro professor, venho dentro das minhas limitações ser o último entre os meus colegas de Congregação, o primeiro por um acaso da rotina escolar, o último por ter atendido aos apelos da amizade.

Estou transformado em paraninfo, não por ser o mais excelente da minha escola, mas porque emocionado não soube recusar.

Têmo que, ao discursar, não póssa revelar a plenitude consciênte do meu pensar. O mais certo, será atender ao meu sub-consciente, que aspira fazer poesia, reportando-se assim às origens prístinas da linguagem, quando a palavra, sendo livre mostrava seu conteúdo exato. Fazendo poesia, libertamos a matéria, que, através da musicalidade das palavras, sem indecisões, ganha formas definidas, qual pedra bruta enobrecendo-se pela vontade do escultor.

Entendo, meus afilhados, que desejais, muito mais que um discurso, um poema, porque êle, como uma ponte que nos levando de uma a outra margem, nos mostra, os caminhos novos, povoados de raridades não pronunciadas.

Sabeis pois, das minhas intenções, que seria na vossa festa, fazer da matéria alma e da palavra música.

Ensinei Microbiologia, que confiada aos invisíveis se aproxima do imaginário, pois ela nasceu de um poema, por milênios a Microbiologia habitou num poema, que por ser esplêndido, pôde ser homérico e se chamou Iliada...

E, porque todo leitor procura algo no poema, termina sempre por encontrar, uma vez que o desejado já leva dentro de si. Dessa forma Redi, reflete no preceito de Aristóteles: — "Todo corpo sêco que se umedece, ou todo corpo úmido que se seca, produz animais, desde de que seja possível alimentá-los".

Para Redi, algo estava oculto, no décimo nono canto da Iliada, que descrevia Aquiles, carregando nos braços o cadáver de Pátroclos, e não quer afastar-se para ir buscar vingança, pois temia que as moscas penetrando pela ferida que o bronze causou no esforçado filho Menétio, produzissem vermes, desfigurassem o corpo sem vida e corrompessem todo o cadáver.

Depois, Tétis a deusa dos pés prateados, aconselha: "Não se turbe o ânimo tal pensamento, eu afastarei os importunos enxames de moscas que se cevam nas carnes dos varões mortos na guerra, com tal cuidado que ele se conservaria melhor que agora, talvez melhor ainda".

Reflete Redi, sôbre êsse simples diálogo, perdido na magia do poema: "será que os vermes das carnes decompostas, não procedem dos ovos deixados pelas moscas?"

E assim, partiu para a experiência de comprovação, colocando carne de vitela e peixes do Arno, em frascos firmemente fechados. Viu que putrefação prosseguia, mas, sem formação de larvas. E a carne não se transformava em larvas; estas surgiam nos frascos, testemunhas abertos, que permitiam o livre trânsito dos insétos importunos.

E Francesco Redi grava sua experiência em 1688, em Florença. Desde aí começa a estrada que se alonga até as culminâncias da Microbiologia.

Assim, afirmo no poema, um fragmento vivo da ima-

ginação, partícula sagrada onde se arranjam as fôrças, onde se organiza um labor poético. Foi na humildade quieta e rebuscadora, perfume da poesia, que esplendeu a ciência dos micróbios, que viria retardar um pouco mais a putrefação da vida, única riqueza digna de ser preservada. Foi da amizade por um corpo amado, catarse de um poeta, que nasceu a centelha ideativa, aprimorada pelos pasteurianos.

Deduzo, meus afilhados, que ao optares, pelo professor de Microbiologia para vosso Paraninfo, revelastes uma vontade — aspirais à participação — ser parte de um princípio único, continuar essa experiência comprobatória, que vai muito além do presumido, desejais continuar a mensagem silenciosa, que une os pontos extremos, a vida e a morte, dialética insolúvel da existência humana. É um previlégio ser vosso mediador.

Para isso, tenho que usar palavras, e sendo elas que proclamam o homem real, receio ignorá-las. Quem não sabe que ignoramos o inominado? Tenho me perguntado muitas vezes; onde começa o mal? Nas palavras ou nas coisas? Sei apenas que as palavras se corromperam, e perdendo o significado, tornam-se inseguras, e os objetos não se apoiam mais nos seus nomes. A palavra marca a existência do homem, a linguagem é o alicerce da idéia. Alguém já profetizou que um dia a poesia será patrimônio de todos, pois que então, falar será o mesmo que crear, quando o homem conseguir conciliar a linguagem com a realidade possível.

A convivência entre os homens exige palavras vivas, e então porque não aceitarmos uma reforma augusta, uma reforma da linguagem?

A palavra é a essência da liberdade, essa fôrça que projeta o indivíduo. As palavras significativas não servem como substrato aos homens corrompidos. O utilitarismo domesticou-as, deturpou a oratória que terminou, por não expressar mais o que se pensa, degradando a linguagem social que se retirou para as cavernas da demagogia, abrigo dos políticos, técnicos ou periodistas, onde fabricam a bebida dos suicidas. Hoje, quando dizem, por exemplo:

"ir ao povo", já sabem que não existe mais esse povo, e, que resta exclusivamente uma massa organizada, pronta para o aplauso, subornada pelos organizadores, autênticos assassinos das palavras.

Esquecem, que os poetas do passado, foram sacerdotes ou profetas, santos ou rebeldes, mendigos ou heróes, que conduziram as Nações, que as perpetuaram nos mármores da imortalidade, não pelas formas que apresentaram mas pelas idéias que significaram, manancial perene da nossa existência atual.

Sempre foi o poema que descobriu o povo; a ideologia o mesmo que a poesia trazem a profundidade do sêr, no reduto da conciência e encarna a linguagem da comunidade.

O utilitarismo do século, do nosso século, sufocou o poeta, travestindo-o em propagandista, que semeia na massa as arengas pré-fabricadas pelos títeres. O propagandista, o "Slogan ambulante", penetra pelos telhados, "papagaiando" reformas e programas preparados nas fortalezas, onde entre silêncios de gobelins custosos, ressaltam tinir de cristais boêmios.

O propagandista personagem estranho aos outros tempos vai mistificando a inteligência, elaborando essa paisagem de rebanho, assim que, dos famosos inquéritos de opinião pública, conclue que a massa, no seu desespêro, apela para as soluções do socialismo. Repentinamente, a propaganda oficializa a linguagem, até então herética das esquerdas, proclama até as virtudes de uma revolução que, se por surprêsa vinga, vai encontrar os "Slogans ambulantes" nos palácios e ministérios, desta vez feito delatores ou humildes salvadores do regime, outras vêzes quando não hesitam em utilizar as fórmulas de humilhação nacional, pela catástrofe das refórmas intempestivas.

A palavra sufocada pela propaganda, termina por crear a confiança da massa, que sente, nas promessas, o real do que necessita, e sempre, como na esperança que se adia, continua permanecendo como vítima diante do carrasco, enxovalhada nas favelas, vendo de longe as Babi-

lônias se erguerem espelhando nos lagos artificiais aquarela das empenas brancas.

Por isso que, a Microbiologia ligando as nascentes da poesia, desperta os anseios de participação, ciência que se propõe alimentar e preservar a vida que educou de tal forma êsses pigmeus microscópicos, que aceitaram trabalhar dia e noite em benefício do homem, sem o mínimo salário a não ser, um pouco de nosso cuidado, e que submeteram-se a êle, perdendo até a agressividade de sua virulência e reduziram-se nas mais eficientes samaritanas da higidez humana. Da mesma forma resulta, em nós, a vontade de participação, nessa educação do gênero humano, firmando em nós a crença necessária de ser possível ainda, eliminar a virulência do homem, que, agora, resolveu deliberadamente empestar a atmosféra, fonte do ar respirável, última substância inteiramente gratuita, filtro universal da verdadeira luz, com a arma moderna dos tempos.

O grande destaque da Microbiologia, é a sua fonte poética. Se Homéro iluminou Redi, Pasteur, humanizando-os, fêz realidade do que era predicação e de uma fantasia pôde fazer ciência; e fêz religião e apóstolos. Pois era preciso curar os cégos, as chagas, e, atenuar o impacto das pestes. Era preciso preparar as terras, a abundância das colheitas e a imensidão dos rebanhos; era urgente beneficiar o vinho, êsse orgulho das colinas, para a alegria dos convivas dessas bodas eternas entre a humanidade e a terra. Era preciso fazer madurar as gerações, fazer as crianças atingirem a plenitude da vida, para substituirem os velhos que se esclerosam e tombam infalìvelmente, pois o homem é um sêr que sabe que vai morrer, Pasteur foi o apóstolo dêste século, quando a Microbiologia ensina a fazer o pão honesto do trabalhador e o antibiótico que alonga a vida. Fêz de uma imagem Homérica uma realidade histórica, que hoje é uma reinvindicação social-alimento e saúde para todas as criaturas.

Pasteur, simboliza a reverência pela vida, único tesouro que possue o homem, reverência que se afirma na alma do homem através da educação, reverência que se aumenta cada vez mais do nosso meio.

Pasteur fez reverência, por isso que a Microbiologia é mais emotividade, mais coração, mais bondade, por isso que Vallery Radot salienta — Pasteur possuia a faculdade intuitiva que de grande cientista faz o grande poeta.

Pasteur, qual Tétis — a dos pés prateados — continua preservando em reverência a forma humana, fez maturar as gerações com tal cuidado, que quase chega a entender que o homem existe para ser o cenário do divino, como desejava Scherer.

Vamos insistir um pouco mais, para afirmar que a palavra não recua e nem avança, pois que a poesia não sofre mutação, não perece nem decai; a sociedade sim degenera e definha, as idéias entretanto são imperecíveis, uma vez que se purificam pela poesia. Assim é que devemos pensar dêsse poema do homem que pensa Deus, o Cristianismo, que continua, porque traz a essência da palavra de Cristo. Êle é a sua palavra, então, o que degenerou foi a sociedade cristã, quando expulsou Deus do ambiente de suas criaturas, morando nesse vazio de Deus, cheio de carne e osso, que elimina o semelhante para aumentar a solidão.

O transcorrer dos tempos nos ensino que o Evangelho se conserva limpo e puro, e repleto de moralidade. Lembro Bergson, que referindo-se a um tirano disse: "Com êle provo, que quem está contra o Cristianismo está contra a moralidade, está contra o cristianismo. Falava em termos de Cristianismo, porque sendo uma creação potente, a palavra desperta a consciência, êsse segrêdo inviolável, para mover essa consciência, bastam palavras necessárias e insubstituíveis e as palavras de Cristo não podem ser corrigidas nem modificadas.

Meus afilhados, a convivência entre os homens é possível, porque persiste em tempo presente uma vontade, fôrça atuante, que deixando o passado penetra no futuro, vontade intencional, com atitude creadora de coisas imprevistas. O homem neste ambiente planetário, começa a sentir que tudo depende dêle. Começa a observar as fôrças disputantes do seu mundo, vendo de um lado o imperialismo econômico apresentar sua justificação, arvorando a ban-

deira da liberdade e do outro o ideal comunista arvorando em oposição, o estandarte da igualdade. Percebe que pretendem em nome dessa liberdade e dessa igualdade se destruirem, numa guerra que trará como conseqüência uma afirmação, de que a verdadeira paz, só será possível na ausência do homem. Porém, deseja, graças a vontade intuitiva e creadora, a paz com a presença do homem, por isso que começa a sentir que falta um ponto de apôio que sustente a liberdade reclamada e a igualdade proclamada, êsse apôio é a fraternidade? Êsse pensamento pertence ainda a uma minoria. Deve ser no futuro melhor compreendido pelos educadores, que se dedicam aos ideais progressivos do gênero humano, principalmente daqueles que se reunem nas Universidades, pois esta deve trazer do passado a conceituação do presente que se impõe nas sociedades pela eficiência das ações construtivas que promove. Uma Universidade deve ser como a memória das Nações, daí que, quando enfrentam seu destino, recebem as crises como inspiração para o renascimento, pois conhecem as experiências já esperadas e se dispõem a traçar planos para o futuro. Uma Universidade significativa tem que ser constituída e fortalecida por mestres sempre ocupados na formação de uma pátria nova. Não basta reformar, o imperativo será renovar, mesmo que tenha de transmitir às gerações as idéias impopulares, porque trazem a vantagem de evitar a estagnação das coisas populares e comuns. Só uma vocação deve mover uma Universidade; é a de pensar, e pensar com profundidade.

Hutchins, experiente educador da Universidade de Chicago, insatisfeito com a rotina educacional norte-americana, em trabalho recente, já alertou, quando afirma: "Uma Universidade é um centro de pensamento independente; como centro de pensamento independente, é ao mesmo tempo um centro de crítica. A liberdade de uma Universidade moderna na sociedade democrática, não se baseia nos restos de uma tradição medieval, senão nas premissas de que as sociedades requerem centros de pensamento e crítica se querem progredir ou sobreviver. A liberdade acadêmica significa que a independência do pensamento que se elabora na universidade, é tão importante para a sociedade, que os empregadores não podem restringir ou castigar um

homem porque sustente opiniões que não concordem com as próprias.

A inércia e o conformismo, portanto, não devem pertencer ao clima da Universidade. Dela parte o pensamento ativo que deve emocionar a humanidade. Universidade que se amolda ao ambiente social, servil nos conluios políticos, não cumpre suas funções aderentes à opinião dominante e se encaminha para a morte.

A Universidade tem que ensinar, desafiando o aluvião que escorre sobre a pátria, dela deve surgir a oposição sistemática contra a astúcia que se organiza em parasitos sociais, que se encastelam nos urbanismos majestosos, cercados pelo ruralismo favelado de casebres aluídos, morada dos deserdados, das crianças que respiram o ar do vício dos adultos, que fracassam na luta contra a desumanidade dos privilegiados.

A Universidade que pensa com profundidade, ensina a construir uma nova era humana, fecunda uma organização social, nova em seus cimentos; reaviva a luz da razão que extingue nos espíritos, e seus mestres se convertendo em heróis apagam a covardia, esse tema dominante da épocas de inteligência ausente.

A Universidade é a casa da reverência pela comunidade, abriga tesouros de conhecimentos, que devem ser transformados em realidade que beneficiará toda nação; de outra forma, persistirá formando profissionais úteis para os privilegiados, que vivem de mostrar o que temos em riquezas naturais para outros povos utilizarem-nas.

Todo o acréscimo proporcionado pelas ciências à humanidade deve ser caldeado pela Universidade e entregue da melhor forma possível para as gerações de estudiosos que a procuram. Tudo existe, o princípio e o fim de todas as especulações, (da Universidade), tudo permanece para o homem, homem que se afirma, quer diante da natureza, quer ensimesmado no mistério do ser, quer externando a magia da convivência, esse o sentido humano da existência, bússola que o leva para esse fragmento do mundo que lhe compete, é essa unidade humana com

seu horizonte do povo, seu destino mais alto, ser parte da humanidade.

Sentimos, face à realidade brasileira, que a Universidade não pode continuar na área exígua, da formação de simples profissionais, pois que para a eficiência social, precisamos muito mais que doutores que se limitam a garantir o bem-estar de uma clientela bem instalada e limitada aos seus interesses, clientelismo que a persistir deforma as intenções mais nobres do ensino, que recebendo de toda a comunidade nacional nada devolve coletivamente, tornando-se verdadeira parasita entrincheirada, que tudo recebe e nada devolve.

Os estudantes que procuram a Universidade querem participar dos problemas brasileiros; temos então que desafiar o subdesenvolvimento e ao invés de descrever é melhor acionar os métodos que proporcionem o progresso. Sabe ela perfeitamente o empirismo utilizado na solução dos problemas, sabe o porquê desse desnível que distancia os privilegiados dos humildes, e que Disraeli chamava a política das duas nações a dos "pobres e a dos ricos"; dentro da mesma nação, ninguém ignora que nesse desnível reside a origem das confusões sociais, porque o clientelismo aumentando, aumenta o número de ociosos, e a crise estoura como um rojão nos céus, quando o número parasitos sociais é maior que o dos que trabalham.

Ninguém, pensando com profundidade, pode aceitar que continuemos acatando as soluções empregadas pelos privilegiados, que unicamente se amoldam aos seus interesses de bem-estar e olham a miséria em termos de beneficência, como um desagradável artefato intelectual. A Universidade deve ganhar a aliança do povo, devolvendo a ele o prêmio da sua participação nos cometimentos que dinamizem a emancipação nacional.

A nossa realidade não pode continuar sendo uma fotografia, temos que modificá-la. Pela frente temos um único trabalho; formar uma sociedade, onde os homens tenham melhores condições de vida.

Precisamos sair dessa periferia cujo centro é o mirante do colosso dominante, que nos observa e domestica,

criando a insegurança; precisamos ensinar a utilização das nossas matérias-primas em benefício dos brasileiros.

O estudante tem que aprender a maneira de atuar diante das condições nacionais para transformar em bens, o que aprendeu. Sem esse raciocínio, continuaremos favorecendo as oligarquias, que mantém o País inerte, fiéis à monocultura, e o que é mais grave, a de figurantes como doadoras de matérias-primas a vorazes empresas. Não esqueçamos que exportar matérias-primas é exportar um trabalho que nunca mais será executado nesta terra, é extinguir o trabalho do futuro.

"Parasita entrincheirada", expressão do sociólogo Wyatt Marrs, da Universidade de Oklahoma, esses que, recebendo gratuitamente da pátria, tudo conseguem das Universidades, custeadas pelo esfôrço de toda nação, tudo recebem de graça, honrarias, prestígio, para se dedicarem a construção das mansões luxuosas nessa arquitetura, onde o mármore tem leveza de nuvens, ou em outro campo, se dedicarem a atender a clientela selecionada entre os beneficiários dêsse "complot" que se compraz a reduzir nosso potencial de trabalho. Tudo isso num país em que os operários vivem acampados à espera das fábricas.

Por isso, meus afilhados, enquanto permanecer o clientelismo em nossas Universidades, os Engenheiros Químicos se diluirão entre os milhares de estudantes. Vós os verdadeiros técnicos, sois insignificantes entre os milhões de brasileiros, porque os donos dêste país dispensam os que aprenderam a manufaturar as riquezas do Brasil. Assim que o lema do momento é exportar porque não sabe fazer.

A Universidade tem que olhar este aspecto da realidade, temos que manufaturar os objétos que os brasileiros necessitam, temos que ensinar as bases de um nacionalismo defensivo, onde o primeiro passo foi essa posse, essa minúscula partícula da nossa riqueza, configurada na Petrobrás, que sòsinha precisa de todos os Engenheiros Químicos presentes e futuros.

Assim, a Universidade tem que ser uma reunião de mestres sempre preocupados. Mestres de justiça e per-

feição, na constância do esfôrço próprio, mestres que saibam superar as limitações das debilidades humanas. Mestre — 'o magis latino', — para dizer que é mais que os outros homens, mais sábio e mais justo, maior em inteligência, superior em espírito, mais que o conhecedor dos textos, mais que o predicador, pois que conhece pela atividade pessoal a seleção de que pode ser realizado.

Mestre "o arquireacionário" — a expressão é de Max Pickard — o legítimo e único esquerdismo, porque capaz de julgar todos os estados, sejam êles capitalistas, ou comunistas, arquireacionário, que sabe de uma unidade orgânica anterior aos fragmentos, um espírito vivente ligando as partes ao todo.

Sejam as nações blocos e escravos ou conchavos de ambiciosos, o Mestre sabe, que sempre existirá o indivíduo, para que sobreviva a espécie e que não há justificação capaz para que uma pessoa sirva a um grupo, indivíduo que não pode ser destruído pelos interêsses da sociedade, porque entendeu, que o pensar é patrimônio da pessoa e o existir impõe a superação como na pregação de Gabriel Marcel.

Mestre é o que transmite aos discípulos o manejo e o conhecimento dos utensílios, impedindo que êles se mecanizem, nesse contacto com os instrumentos, lembrando sempre à êles que a finalidade não é a satisfação do manejar perfeito, mas, a qualidade de transformação da matéria-prima grosseira, nesse produto que vai destinado ao homem, dando-lhe energia e confiança, fazendo-lhe prosperar numa sociedade que evolue.

Difícil ser mestre, porque dificílimo é o aprender, ninguém avaliou ainda as torturas que o mestre sofre diàriamente, a fim de ter sempre em abundância a fartura de conhecimento que sacie a sêde dos discípulos. O mestre está sempre com a tortura crônica da insegurança do que vai transmitir, êsse sofrimento que faz a suavidade dos grandes mestres, calma suave que abriga as pérolas do conhecimento. Martin Heidegger, resumiu com felicidade; o mestre, o verdadeiro mestre, não deixa aprender, nada mais que o "aprender", daí que deixa sempre essa im-

pressão, de que pròpriamente não se aprende nada dêle, se por aprender entendemos a aquisição de conhecimentos úteis. Por isso onde se fraternizam mestres e discípulos, desaparece a hierarquia do sabe-tudo.

Deixo aqui meus respeitos pelos mestres, porque sei que muitos entre vós, meus afilhados, se aprestam a enfrentar, aquela insegurança do magistério; sei que sereis úteis em vossos Estados, nas futuras Universidades ou nas existentes. Deixai que se afirme essa vocação, pois que a influência do Mestre, atinge profundidades nas nações e vai como aquela levedura, fermento invisível, potencializar blocos enormes de matéria passiva, conformista, inerte, mergulhada no quotidiano das rotinas sociais. Enalteço antecipadamente à vossa missão de mestre, mormente, nêstes tempos de valorizações superficiais, quando se extinguem as vocações do Magistério, quando as conveniências exigem os "docentes famosos".

Mais um conselho aos que vão ensinar. Sabeis que a Microbiologia teve a sua melhor fase, justamente, quando Pasteur nada mais possuia, que sua imaginação fecunda, portanto é de tôda a conveniência, respeitar a pobreza, que não seja ela motivo para a inércia, é normal na atualidade, essa estrita relação entre a ciência e o dinheiro, é quase certa que essa convivência altera a substância científica tudo que o mundo possue de magnífico nas humanidades ou nas ciências nasceram na pobreza. A moda no Brasil é dinheiro para a investigação, laboratórios esplêndidos repletos de uma aparelhagem extraordinária, luxo ostensivo, com decorações de bienal, mas ninguém espere ciência, não esqueçam que o manejo perfeito nada produz. Primeiro os homens, depois as grandes instalações, para consumar a obra iniciada, que não se constrói o Templo sem antes existir a religião em marcha, já diz o rifão. Fleming nos deu uma lição preciosa numa conferência feita em Oklahoma Foundation, com simplicidade diz: "quando um investigador, habituado a um laboratório vulgar, passa para um palácio de mármore, ou êle vence o palácio, ou o palácio é quem o vence. Se o investigador ganha, o palácio torna-se oficina e fica semelhante a qualquer outro laboratório; se o palácio ganha, o investigador está per-

dido". Não esqueçam da recomendação de Mardunon "o dinheiro aos que só sabem gastar, a pobreza aos que podem tirar dela a verdade".

Meus afilhados, entre vós, quase todos, principalmente os do nordeste, não estão conformes com as injustiças sociais, e querem fazer côro com êsse homem anônimo, essa máquina que fala, que clama por alguém que signifique, que não suportam mais a sinfonia da miséria, que as mães já cansaram de sepultar entranhas, que olham a vida como uma comédia imoral destituída de valor. Principalmente os do nordeste, querem ser mensageiros dos deserdados, e ninguém em sã consciência os censura, e eu justifico essa vossa atitude, como Weber diante de um jovem revolucionário, ao dizer: "Deus em sua cólera o converteu em homem político. Sou contra qualquer revolução, pois admito que nãoé revolução. O que não fôr a criação de um conjunto histórico, é simples ditadura militar, que resulta nessa paisagem, que se assemelha a um carnaval de intelectuais, fantasiados de políticos. "Sois sinceros e não escondeis essa cólera. Lembro de um que me perguntava. 'Porque no Brasil comemoramos a data do herói Tiradentes? Não foi êle um rebelado contra a espoliação do colonizador? Porque se impede que os moços lutem pelos mesmos ideais do legendário mártir? Ou será que no 21 de abril nos regozijamos pelo seu fracasso?"

Essa revelação é uma amostra da sinceridade dêsses jovens, que querem ser homens entre as coisas, que desejam caminhos novos, que se reunem nas escolas para aprender planos, que melhoram as coletividades. Quantos deles trouxeram temas e indagações: como fazer vinho do cajú, como beneficiar as fibras vegetais? Como produzir mais barato o álcool industrial, e os amiláceos, que fazer das raízes amiláceas? Eram perguntas simples, ingênuas, mas reveladoras dessa vontade de participação, de devolver em bens, a reverência pela terra onde nasceram. São perguntas que sensibilizam, têm cheiro de mato, possuem a graça gentil dessas florzinhas campestres, que humildes, embora lindas no colorido, duram pouco, talvez para não empanar a glória das flôres mais seletas e aristocráticas. É uma geração felizmente, preocupada com as coisas sim-

ples. Chegam de tôdas as regiões do Brasil, para aprender coisas simples, e se tornam ressentidos porque aprendem de tudo de tôda a parte, e ficam, estrangeiros no Brasil.

Quantas vêzes, deixei-os estáticos e até incrédulos ao citar mestres brasileiros como Raymundo Moniz de Aragão, Oswaldo Lima, Borzani, Jaime de Almeida, Bacila, que relatam em nossa língua, façanhas científicas, tão memoráveis como as dos mais salientes pesquisadores estrangeiros. Essa geração de moços, deixa por onde passa o agreste aroma da terra brasileira, é um prazer ensinar o Brasil aos Brasileiros, é uma alegria ver a Pátria com êles.

É uma geração que começa a chegar de tôdas as partes do Brasil, querem aprender nas Universidades, querem mestres que ensinem. Vieira Pinto, filósofo brasileiro, caracteriza esta geração como pioneira, de uma fase especial, e que ele chama de "Dependência significativa", já distante da submissão, tácita e inerte. Geração que possui uma atitude reflexiva da realidade brasileira, rebelando-se contra o chavão do subdesenvolvimento, querem o país autodirigido; significa isto que estamos em trânsito para uma etapa de definitiva autonomia. Enquanto na fase anterior a subordinação era total à consciência do dominador, aceitando dele a filosofia e a ciência, nesta se dispõe para a crítica dos processos utilizados; a nossa realidade está aqui para se entendida por nós de forma independente, o que não era possível quando na dominação bruta, quando o nosso valor era avaliado por estranhos. Na fase atual, as reformas não subsistem pois que substituir um sistema por outro é o mesmo que tentar curar um vício por meio de um remédio mais pernicioso, cuja eficiência consiste em eliminar o viciado. Daí esse conflito, que mostra apenas que o povo começa a entender o sentido das políticas econômicas, que as ajudas, os átomos para a paz, assistência e cooperação se resume em pura espoliação. Afirma, então Vieira Pinto: este conflito resulta de uma nova Pedagogia: o trabalho estafante e miserável do povo, o trabalho estafante que pesa sobre os ombros da massa é também um processo pedagógico, dotado de um formidável poder de produzir e ensinar idéias, que exprimem a realidade tal como é, para aqueles que

modificam com as mãos. É tão educativo quanto a escola, ou melhor, mais educativo ainda, porque dele não há evasão, não há dificuldade em aprender suas lições, que penetram a existência, nele não há férias, porque é o sofrimento da cada dia. "Daí que, meus afilhados, chegamos um pouco além, já que estamos nesta fase de dependência significativa, depende de nós, a sua duração, o mais difícil, foi sair da primeira, a de dominação bruta.

Resta-nos apenas, nos convencer que a Democracia deve ser conservada, desde que ela seja capaz de extinguir as oligarquias, desde que se cure dessa grave enfermidade que a compromete e que se chama complacência, que além de desfigurá-la tornou-a conivente com o Capitalismo, que, na sua hipertrofia teve que despertar as forças marxistas que erguem sua bandeira em 1848 no célebre manifesto. O capitalismo tem sido a lépra da democracia. Raríssimos os casos como o desse Rockfeler, que ao morrer declarou: "É vergonhoso para um homem muito rico, morrer rico". Sempre assistimos essa ansia do empresário em promover suas cruzadas lucrativas, que culminam, perturbando os pacíficos povos democráticos. Precisamos começar a pensar nos processos de eliminar as influências das empresas, que impõem normas desajustadas de vida que destroem as condições mínimas de liberdade. Não dinamizar a democracia é aceitar passivamente o avanço inevitável dos oligopólios, que avançam sem cessar, agora utilizando em massa suas empresas de divulgação, contra uma pretensa ameaça comunista, que nada mais significa que um novo tipo de alienar os povos, fazendo-os pelo temor de uma infecção remota esquecer que a doença já está diagnosticada e corrói o organismo das democracias.

O ataque do capitalismo é contínuo e inevitável, diante da indolência dos povos democráticos, é, como sabemos, um intento inconsciente do capital, que na pressa da dominação esquece, que está apressando uma crise imprevisível.

Esse capital perfeitamente entrosado nos oligopólios vai solenemente manipulando, deformando, anulando e frustrando implacavelmente o funcionamento da Demo-

cracia contemporânea, beneficiando-se das suas conquistas temporárias. Baseiam-se os capitalistas em que as forças sociais não têm consciência de sua existência, daí que se torna mais desumanos e, acabam por entrar em conflito com os aspectos legais das democracias, e tratam de modificá-los convenientemente para satisfazer seus interesses brutais. Por isso que quando não encontram uma oposição esclarecida evoluída e sábia feita por homens livres e de bons costumes conseguem através de agentes, estrategistas deturpados, que por meio de artifícios subornáveis levam para a aniquilição as últimas resistências da Democracia efetiva.

Num magnífico livro intitulado "O Capitalismo Contemporâneo", John Etrachey, comenta com autoridade: "Não está na natureza das coisas, que o programa comunista, para a reconstrução revolucionária da sociedade seja frustrado, enfrentando-o estatisticamente em defesa do que é. Já que nada será mais certo que afirmar, que temos que reconstruir a sociedade contemporânea, e que será reconstruída. A única maneira de se derrotar aos comunistas, seria efetuar essa indispensável reconstrução por meio de processos democráticos; só derrotaremos os comunistas, se as democracias conseguirem novos caminhos que levem ao verdadeiro bem social.

Por isso que as tarefas desta geração é mais que temer os perigos vermelhos, execrar o capitalismo inoperante que está aqui e agora. Não esqueçamos que é possível um socialismo democrático que vai se tornando inevitável e que nada tem que ver e que será fundamentalmente diferente, desse socialismo que só é alcançado à custa de coação ditatorial.

De passagem quero deixar registrado um fato notório, e que interessa o ensino no Brasil; é esse de ignorarmos que nos países ditos evoluídos, existe uma pedagogia uniformizada, apta para providenciar profissionais ajustados aos padrões capitalistas. Resulta daí que nos países atrasados, ou melhor, dominados, deve persistir o antagonismo da escola vazia dos conteúdos modeladores da libertação consciente. Por isso que de nada serve, que as nações pobres enviem estudantes e professores em pere-

grinação para se embasbacarem diante do frusto das Universidades estrangeiras, cheias de prêmios nóbeis.

É inútil utilizar esse estilo de transfusão cultural, desde que entendamos que lá a educação corresponde as prestações da comunidade evoluída. Disso resulta que a maioria dos professores, ao regressar dessa jornada aos Grandes Centros, não concebem mais as instalações modestas das escolinhas suburbanas, e prosseguem como um espelho que continuamente refletisse um passado de glória entre os oráculos da ciência.

Para a conquista da nossa liberdade, não existe fórmulas estranhas ao nosso ambiente, tudo reside na possibilidade de entendermos uma Luz que projeta a nossa Democracia efetiva, que seja a nossa Verdade e a nossa vida. Nós brasileiros procedemos de uma grande Pátria, que nos impõe uma compreensão urgente, de aceitar que os homens com quem convivemos, não são objetos, mas indivíduos que existem num território que as circunstâncias nos legou. A Pátria é o nosso princípio comum, vive em nós e, enquanto existirmos, o Brasil será a nossa força e a substância da fraternidade, por isso que estendemos as nossas mãos porque sabemos que as mãos, que se estreitam, perdem o peso.

Sabemos que não existe liberdade, nem existência em nenhum plano, fora do cumprimento do dever. Só permanecerá uma liberdade conceituada no direito de cada um cumprir seu dever. Mas, ninguém pode exercer seus deveres com alegria plena, vendo diariamente esse espetáculo que humilha aos que trabalham, ao ver que os relapsos que se negam a cumprir seus deveres são justamente os que prosperam. Quem, senão os fortes, podem resistir a essa correnteza, alimentada pelos regatos, do vício e da ociosidade?

Livre é o homem que cresce armazenando energia, que enfrenta a natureza decidido e vencê-la orientado pela vontade de justiça; livre é o homem que podendo ser arbitrário resolve ser justo; livre é o homem que dotado de inteligência ganha valores estranhos à natureza e aumentando sua capacidade de razão ajuda a construir uma consciência de liberdade.

Meus afilhados, um século passou desde que Pasteur atuou nos problemas da geração espontânea; sabia ele, por certo, que uma coisa é a origem da vida e outra as manifestações intermediárias dessa mesma vida, uma coisa as formas que nos sensibilizam e outra a essência, sabia que a vida pertence a esse espontaneísmo do "pelo menos uma vez". Pasteur não destruiu a prioridade da essência arquitetônica, planificadora da evolução, apenas verificou que a matéria bruta nada gerava, então a vida tinha que ter sido creada pelo menos uma vez, para seguir nessa destinação entremeada de crescimento e reprodução, foi por certo uma centelha de luz, luz que sendo sombra do espírito vivente, criou esse fermento que tudo deixa levedado, porque sombra da luz.

Sempre o apriorismo, projetando a sombra. Temos que sempre nos ligar ao passado destruindo-o, revitalizando mais tarde os fragmentos dos escombros nessa atualização que se eterniza em nossos espíritos, então que, matando o passado fazemos reviver esses catalizadores imortais que ativam as formas sem se ligarem a elas. Então que Pasteur não negou o espontaneismo, apenas repensou-o. Da mesma forma que foi preciso repensar Descartes, que por sua vez tinha repensado Aristóteles, e agora repensamos a Democracia e se assim não fôsse estaríamos sempre nas origens, naquele primitivismo que não conhece a seqüência das heranças. O homem supera herdando e acrescentando.

As sociedades, esses agregados de indivíduos que mentalizam fatores repensantes, como que somam enzimas adaptativas, que esterilizam as forças negativas do progresso, podem evoluir ou estacionar e até regredir, tudo dependendo das forças que acionam. Também nos microbiologistas que aprendendo a cultivar os micróbios nos meios de cultura adequados, sabemos que é possível exaltar ou atenuar a virulência, de tal forma que eles se tornarão irreconhecíveis pela passividade ou pela sua agressividade. Pois bem, o planeta, da mesma forma é o artifício cultural, onde os homens constituídos em colônias, formam as sociedades. Notamos pois que estas sociedades ou colônias, em determinadas situações podem sofrer mu-

tações por fatores, que as irritando, alteradas ficam de tal forma, quais esporos de resistência, representados pelas religiões de classes, que se enquistam para sobreviver, que com o tempo atingirão a exaltação da revolução total. Então compete a todos que conhecem a biologia do espírito das sociedades, atenuarem esse estado de agressividade social, quem em sã consciência ignora as causas? Ora, os efeitos estão presentes nos espectros da miséria e da fome, que vão carreando as populações ignorantes, que seguem cantando hinos e desfraldando bandeiras de todas as cores, seguindo irremediavelmente para os campos da morte.

Não esqueçamos, que deve restar uma alternativa que quase está extinta, devemos recordar que deve ser preservada a linhagem.

Quem maneja com as bactérias tem esse fato sempre presente. Assim que, as bactérias virulentas atingidas pelos antibióticos, se reduzem, por fim, a paupérrimas e insignificantes formas, que não fazem mais pensar naquelas formas primárias cheias de terror da patogenicidade, são as mutantes que degeneram e nada mais significam para o homem.

Mas justamente, essa forma que o poderíamos chamar de ingênua bactéria, ainda possui e como que uma missão, a de preservar a linhagem, o futuro da linhagem, agora desligada do poderio anormal dos ascendentes, agora inofensiva e ridícula, porém com a responsabilidade de lançar para o futuro a presença da espécie, o futuro da vida, nessa esperança da adaptação, que no persistir justifica a espera.

Vejamos a seguir sumariamente o problema dos humanos e já nos convencemos da parecença, povos existem que foram reduzidos, propositadamente por outros que se dizem civilizados, a tal primitivismo, que nada mais representam que máquinas de linhagem, tal a ingenuidade e a miséria que vegetam, pelas praias ou nos sertões e sobrevivem pela caça ou buscam na pesca quando não sangrando as mãos nos arrancos das raízes. Eles sim são os verdadeiros simples que aguardam o reino da eternidade,

porque resistindo projetam inconcientemente o dever esplêndido de eternizar a herança da espécie humana, eles os supra-humanos que resistem à brutalidades dos monstros civilizados, dos fósseis imorais, eles os heróis que semelhantes a Prometeu, permaneceram encadeados, na escravidão porque persistem em doarem o fogo da linhagem. Não aceito a incriminação de bárbaros ou subdesenvolvidos, que se pretende para eles, prefiro considerá-los por essa expressão mais cândida e suave que reconheço na palavra ingênuos, são povos ingênuos que resistem aos bárbaros dominadores que se intitulam civilizados e que pensam organicamente e sempre em têrmos de lucros, e que por onde passam tudo destroem, semeando a angústia que elimina a alegria da vida. Por isso que os mitos também estão cada vez mais atuantes, e continuam sempre alimentando a crença do herói do redentor socialista nascido para destruir o reino do capital", herói simbólico presente em nosso tempo, o redentor, o ungido figurado na forma do proletariado, porque humilhado e sofredor, quer no mito de Siegfried, que, encarnou na antiga — Alemanha, que Rolland descreveu, "como alma virginal e brutal, cândida e maliciosa, sentimental e mordaz, cheia de pensamentos profundos e sonhadora de batalhas sangrentas", e que serviu há poucos anos para saciar a astúcia nazista naquela guerra infamante, que exigiu até o sangue inocente dos nossos patrícios. Não esqueçam meus afilhados, que os povos ingênuos e sonhadores esperam sempre pelo herói limpo e puro, divino e humano, único que poderá forjar a espada rutilante da libertação, solidificada no fogo da esperança e que se destina destruir o dragão da ignorância. Mito eterno, que as culturas do século XX, pretendem ignorar, mas que tem a resistência da simbólica Fênix que renasce das próprias cinzas. E, neste momento, que eu pretendi, retardar um pouco mais, com essas lembranças agradáveis das coisas ingênuas, sinto que vou terminar; não fiz o poema que desejei, sinto que não sendo nada, tentei cumprir uma missão, para a qual também não estava capacitado, por isso que nem pude dar algo, portanto nada merecendo, tive unicamente esta recompensa, que me custa muito, porque quando reinava o silêncio eu tive que falar, embora desejando me afogar na quietude

porque, não adianta rebelar-me quando tudo parece estar concluido, embora eu tenha a certeza que tudo deve começar de novo.

Mas vejo, adensar-se e cair aos poucos as minhas fantasias, que começaram agigantadas enormes como esses tufões que se encrespam rapidamente para levantar só insignificâncias como as poeiras desprezíveis.

Vou terminar esta tarefa, foi talvez mais uma lição, o pensamento se aumenta, vem agora a debilidade e o cansaço de um trabalho que me cegando exige que eu advinhe, o mundo que não me pertence, mas que devia ser meu, não para meu uso, mas para que eu pudesse vos dar, como presente de formatura, para gravar definitivamente em vossos corações que o pensante é a regularidade e que a desordem não tem alma.

O PONTO QUE NÃO ESTÁ NO PROGRAMA

Aula Inaugural proferida na Escola de Engenharia Química da Universidade do Paraná pelo Prof. Antenor Pupo.

E penso que, nesta casa nós devemos preparar para atingir a perfeição, baseada na beleza e com a fôrça oriunda da sabedoria, a Universidade nos adverte que a sabedoria nos procura, procura os homens por todos os caminhos e, dele só encontra leves sinais de passagens nas areias desta agitada e infeliz sociedade.

Da Universidade precisa sair o perfume que deve ser utilizado no altar do bom senso mas que o homem apenas utiliza para incensar os altares dos instintos, naquela casa a sabedoria favorece o despertar da memória, para contemplarmos as eternas visões dos séculos passados e futuros, sabedoria que sobrevive sem os cantos da glória, nem as carícias da fama.

Na Universidade mora "o espírito vivente" ali trabalham os mestres ali se aprende a ciência, os mestres se alimentam e respiram do "espírito vivente" como no dizer de GOETHE: "o amor é a vida e o espírito, a vida da vida".

Mas a sabedoria está acima dos mestres que apenas espalham alguns conhecimentos científicos, embora não possam fazer o mesmo com a sabedoria, da mesma forma que o sol não pode emprestar seus olhos para que outros possam ver a luz do sol.

A ciência forma o discípulo; a prática forma o mestre, a ciência e a aprendizagem.

Para aprender a sabedoria Universal é necessário respirar o "espírito vivente". "Êsse espírito vivente" que nos

sugere JASPERS deve servir para lembrar aos mestres e aos discípulos que jamais se deixem dominar pelas fôrças materiais, transformando a vida numa escrava dos instintos, pois que resistir aos apetites é penetrar no conhecimento do magno mistério.

Cada abstinência é um novo conhecimento é um novo poder.

Aquele triângulo que ornamenta a magnífica fachada da Universidade é realmente um grande símbolo, no entretanto não é pelo fato dele permanecer na fachada, não é suficiente a nossa admiração por êle para têrmos a plenitude da formação, êle apenas nos informa que, de tudo que teve vida nada morreu; os tempos remotos; as antigas crenças; os povos primitivos, deixaram suas marcas, que apenas através de evocações meditativas podemos sentir, podemos apenas sentir a eloqüência muda dos monumentos.

Existe inegàvelmente em certas coisas uma magia que renova as vidas passadas, que nos pareciam mortas, o simbolo, não é, apenas promessa é também um programa de realização necessária, se o fato de entrarmos para a Universidade fôsse suficiente para ganharmos SABEDORIA, FÔRÇA E BELEZA, nada mais fácil. Mas é preciso o estudo e a meditação. É preciso saber o que se sabe e o que não se sabe. É preciso distinguir o científico do não científico.

Saber que, o não científico é o saber dogmático, isto é aceitar opiniões já elaboradas. É preciso saber que científico é saber consciente dos limites, é crítica ampla é autocrítica.

É preciso aprender logo que, no átomo mineral tudo se reduz a conservação de um equilíbrio dinâmico e a fôrça atômica age desta maneira, sem se preocupar com a sabedoria, nem tão pouco com a beleza, no átomo existe apenas uma predominância de fôrça, mas, na célula orgânica desaparece qualquer predominância, razão por que tudo se harmoniza e se algo perecer tudo perece. Na célula orgânica intervem a sabedoria para construir e conservar o organismo, resultando a beleza que é o objetivo de tudo que é organizado.

Compete a Universidade preservar êste entendimento criando um ambiente que possibilite o direito que o homem tem de poder afirmar que nasceu livre. Compete a Universidade o ensino dessa evolução.

Compete a Universidade criar um estado de discernimento que consinta ao indivíduo usar a fôrça pela sabedoria afim de construir um ideal de beleza.

Infelizmente vivemos um tempo que se pode chamar de hipertrofia das especialidades.

Ninguém mais possui uma visão do universal. ORTEGA e GASSET nos alerta dizendo: "É preciso que o homem de ciência deixe de ser o que hoje é com deplorável freqüência: um bárbaro que sabe muito de uma coisa".

A pouco tempo encontrei na leitura de um livro de LA VEGA uma pasagem que ilustra bem a nossa época: Um estudante pedia a um naturalista a classificação de um determinado inseto, ao que o professor respondeu: "Sinto muito não poder fazê-lo, pois me dedico exclusivamente ao estudo das patas posteriores".

Ninguém mais cuida de alertar a juventude no setor das afinidades entre os ramos do saber, facilitando-lhes uma maior amplitude de horizontes.

Maior responsável por êstes tempos na opinião de SCHWEITZER é a falência da filosofia, ninguém mais cogita de traçar uma concepção total do mundo, apenas prevalece os dogmas espirituais.

A filosofia está para nós como sentinela que nos devia guardar, mas na hora do perigo dormiu. A filosofia devia ser a muralha da cultura. Entendemos por cultura o conjunto de tudo que provoque o progresso material e espiritual do indivíduo e das coletividades, mas, que será êste progresso? Poderíamos encarar êsse progresso no estado atual da civilização como tudo que possibilitasse no mínimo a subsistência; o direito de subsistir está acima de qualquer direito, mesmo o de pensar, quem pode pensar sem subsistir? A criação de condições de subsistência torna-se uma medida imperiosa se quisermos reconstruir as novas bases morais para o homem moderno. A luta

pela subsistência depende de dominarmos a natureza pela razão não esquecendo também do domínio da natureza humana.

Constitue sinal dos tempos e decorrente das limitações do homem moderno êsse movimento que rotulamos de nacionalismo, que o velho SCHWEITZER chama "Patriotismo impróprio, extremado levado ao absurdo, que está em relação ao que é saudável e nobre, assim como a alucinação está para a visão normal dos fatos".

É desculpável êste conceito Europeu do nacionalismo, todo o nazismo, através daquele sabem, dos extremos que chegou a inundação política, que atolou certos países, e que abalou mesmo culturas notáveis, de povos, que ainda procuram atingir uma posição condigna.

Mais grave que êsse nacionalismo e que constitue hoje mesmo uma aberração e conseqüência mesmo do passado é o satélitismo de conseqüências imprevistas, que se manifesta principalmente no domínio comercial econômico, cerceando liberdades primárias de povos chamados subdesenvolvidos, como se existissem padrões de desenvolvimento obrigando povos a girarem como satélites sem luz em tôrno de sois fictícios.

É lógico, que, se desenvolva uma reação entre os povos humilhados, sem liberdade de dispor de suas riquezas, numa forma de nacionalismo de aspecto mais individual do que coletivo, como êsse que vemos no Brasil, muitas vêzes manifestado apenas com colorido eleitoreiro.

O nacionalismo brasileiro, da-me a impressão, de uma atitude idêntica a aquela do homem que, privado das necessidades se torna ladrão ou do homem que mente, porque foi castigado quando disse a verdade; o nosso nacionalismo existe, porque estamos proibidos de exercer o direito de universalidade. O nosso nacionalismo é o do brasileiro, que não se envergonha de ser nativo do Brasil, da mesma forma que o sapateiro se orgulha do pai sapateiro.

Nacionalistas, são os nativos do Brasil, que sentem vergonha de certos auxílios estrangeiros que, nos deixam cada vez mais miseráveis, mais incultos e assistem a

morte da vontade obrigando-nos a alianças incondicionais, impondo-nos a marchar para uma tragédia que não desejamos.

Nacionalismo que reage contra o satélitismo que nos transforma em servos que nos empobrece e atrofia; o nosso nacionalismo é natural e compreensivo, porque brota do orgulho latente; o nosso nacionalismo é exercido contra certos nacionais que querem parecer exóticos; o nosso nacionalismo é exercido por nativos que tem certeza de que a nossa liberdade não se encontra na mudança de formas, pois que, ela depende da mudança do espírito.

Ninguém ignora, que o Brasil usa uma fantasia feita de calças Européias e blusão estrelado.

Nem os livros, nem as revistas estrangeiras, nos dão a chave da nossa liberdade, os jovens do Brasil comecem a compreender que é preciso levantar a massa com o fermento do seu suor; que a palavra mágica é criar mesmo que seja uma criação modesta e humilde mas que seja nossa criação.

Os moços sabem ou devem saber que se a República não ampara a todos a República morre, porque não existe República de privilegiados, privilégio é manifestação de fôrça não se origina na sabedoria e não constroe beleza. Os estadistas nativos surgem do estudo direto de nossa natureza, estudam para aplicar, não para copiar.

Todos precisam ensinar, que o luxo ostensivo é inimigo da decência, apodrece o homem leviano e abre as portas ao estrangeiro.

Assistimos há pouco no mundo, um movimento revolucionário, fundamentado em soluções nacionalistas, vemos o terror e os crimes que estão sendo cometidos como todos os crimes que foram cometidos em tôdas as revoluções históricas, parece que estamos ouvindo ainda SAINT JUST dizer da revolução Francesa: "Um patriota é aquele que sustenta a República em massa. Quem quer que a combata parcialmente é um traidor. O que constitue uma República é a destruição de tudo aquilo que a ela se opõem; SAINT JUST era o chamado apóstolo do terror.

Ainda relembra MARAT: "Contestam-me o título filantropo. É uma grande injustiça. Quem não percebe que eu quero cortar um pequeno número de cabeças para salvar um grande número".

Cito apenas êsses aspectos humanos do revolucionário demagogo para afirmar que em tôdas as revoluções históricas constituiram sempre o império da lei pessoal do direito pessoal da tirania vocacional.

É preciso não esquecer que nos ambientes de pessoas os homens se unem pela afetividade. Na conquista dos objetos os homens se unem pela delação.

A cidade que se desejava símbolo da fraternidade transforma-se em formigueiro de homens sòzinhos.

CAMUS chega mais a realidade quando afirma: "No mundo do processo finalmente conquistado e acabado, um povo de culpados, caminhará sem tréguas para uma inocência impossível sob o olhar amargo dos grandes inquisidores".

No século XX o poder é triste.

Uma revolução começa em nome da liberdade no mundo da necessidade. O Brasil está em período pré-revolucionário, marchamos para o cáos. O nacionalismo constitue o seu Mito. Êsse mito é eterno e generalíssimo, já houve alguém que falou na internacional do nacionalismo, nos falta apenas o apóstolo do terror de demagogo que agite as camadas inferiores necessitadas com a bandeira da pretensa liberdade.

Todos temem a rebelião, o govêrno principalmente combate os seus mitos, mas ignora o poder das idéias, os pensadores são considerados inúteis para os governantes os pensadores são tidos como párias.

Nada mais perigoso que esta atitude mormente num País que deseja soluções adequadas. As idéias se manifestam de outra forma, favorecendo o espírito revolucionário, através de uma série de associações principalmente de caráter religioso. As sociedades filantrópicas, cultos mágicos enfim o povo tem fome de conhecimento já que não

satisfazem a sua fome de pão, o povo quer convivência o povo quer ser esclarecido em alguma coisa.

Na formação da revolução misturam-se dogmas intelectuais, racionalismos, forças sombrias e contaminações espúrias mais os assalariados e marginais que a crise engloba e faz andar na caudal revolucionária.

Os carbonários de ontem são os nacionalistas de hoje os carbonários do século XIX preformaram a explosão dos sentimentos nacionalistas atuais, através de seitas religiosas nihilistas e anarquistas; as organizações sindicais obreiras e socialistas de dentro ou de fora preparam os movimentos; sempre foi assim, sempre será assim.

Na revolução Francesa as "associações de pensamento" influiram no movimento. "Os Jacobinos segundo MALLET DU PAN copiaram sua organização dos Jesuitas. Mais tarde, Lenine leitor assíduo dos exercícios espirituais de INÁCIO DE LOIOLA organizou suas fôrças em "células" baseado na estrutura arquetípica, com disciplina férrea e a Hierarquia absoluta adotada pelos Jesuitas. Na pré-revolução nos ensina SOREL: "Contra tôda previsão a anarquia se organiza e a fôrça organizada se dissolve. Tôda a filosofia ou ideologia política que se transforma em patrimônio de massa perde a hierarquia de valores".

Tudo o que dissemos até aqui, tem apenas um sentido de alertamento, afim de evitar uma surprêsa. O Brasil está pronto para entrar em violenta convulsão, os mitos eletrizam o povo que vai se fanatizando.

Pergunto agora: Será que uma mudança de regimem político, de disciplina pelo terror, com fuzilamentos, guilhotinas e outros processos usuais nestes momentos irão produzir alguma evolução? Será que o processo de entrosamento político social e econômico é revolução?

Só existe ainda uma segunda experiência que não foi tentada, seria a de fazer uma modificação revolucionária no centro, esquecendo a periferia, uma revolução da mente. É lógico que ninguém deseja tomar semelhante atitude, desde que entendemos por revolução de periferia o estabelecimento de melhor condição econômica, mais prospe-

ridade, mais confôrto, mais luxo, o que queremos é trocar uma casa velha por uma casa nova.

Ninguém pensou ainda na revolução da mente. O homem esclarecido não se preocupa com as modificações externas, por que êle já sofreu uma revolução interna e seus atos morais são inconscientes; o homem esclarecido não precisa consultar mandamentos. Entendo que uma virtude consciente é imoral, o homem virtuoso no interêsse da própria segurança e do próprio confôrto é um simulador, os atos de **virtude devem ser inconscientes,** da mesma forma que a folha da árvore é produto das raízes enterradas, a mente consciente é produto do inconsciente profundo.

O consciente e o inconsciente não podem ser diferentes. Nós é que, não estamos habituados com o inconsciente.

Só conhecemos o consciente que convive ao nosso lado nas competições diárias da ganância, da inveja e do ódio.

Em resumo, essa revolução do pensamento pode modificar as nossas atitudes. Por que desprezamos os humildes e prestigiamos os poderosos?

Por que nos curvamos diante dos que tem altos cargos Políticos? Será que é por mêdo?

É lógico que dos grandes nós sempre esperamos algum favor, do mestre, do examinador, do político, de nossos pais, do gerente do banco, nós queremos alguma coisa.

O que podem nos dar os fracos, os humildes, os pobres? Por isso nos os desprezamos, ninguém lembra da sua existência; não sabemos que estão famintos, sujos e debilitados.

Tememos os que tem tudo e desprezamos os que nada têm. Só estas inovações do conceito da convivência podem salvar ainda a crise que se anuncia. A nossa civilização é formada de vários padrões e a educação envez de despertar a inteligência completa do homem, cerceia o seu desenvolvimento em tôrno de um padrão determinado.

A educação tem de formar o homem autêntico, uma vez que sem o conjunto a vida se transforma em conflito.

Para que continuarmos formando advogados se continuamos perpetuando litígios? Para que formar técnicos, químicos e médicos, se continuamos usando a capacidade técnica e industrial para nos destruir?

Para que confôrto e as religiões si continuamos em conflito?

Se modificarmos a nossa mente, podemos ainda evitar a eclosão de um movimento esteril, que apenas terá a significação efêmera, produzir áalgumas datas e alguns heróis.

A Democracia ainda é o melhor regimem para realizar os ideais dos homens. A Democracia é a melhor mas também é a mais difícil, pois que seus fundamentos estão na liberdade do homem e na dignidade de sua pessoa individual o que exige um nivelamento pela moral consciente dos indivíduos.

Mais com o objetivo de dar brilho a esta modesta e descolorida lição que já vai longa, apelo para um pensador muito mais didata do que eu, o qual sintetizou tudo numa simples oração: "O que não mata, não corrompe, nem rouba, nem mente, possue uma honra completamente negativa e nem por isso vai a santidade. Não basta não matar, é preciso acrescentar ou melhorar a vida alheia: não basta não corromper é preciso irradiar pureza de sentimentos, não basta não furtar, devendo-se acrescentar e melhorar o bem estar público a fortuna pública e a dos demais, não basta não mentir é preciso dizer a VERDADE.

(21-06-1959 — "O Estado do Paraná")

DISCURSO PRONUNCIADO NO DIA 19/12/66 PELO DR. ANTENOR DA SILVA PUPO, PROFESSOR CATEDRÁTICO DA CADEIRA DE MICROBIOLOGIA E TECNOLOGIA DAS FERMENTAÇÕES, POR OCASIÃO DA SOLENIDADE DE COLAÇÃO DE GRAU DOS ENGENHEIROS QUÍMICOS, FORMADOS PELA ESCOLA DE ENGENHARIA QUÍMICA DA UNIVERSIDADE DO PARANÁ.

Magnífico Reitor
Ilustre professor Diretor
Douta Congregação
Autoridades Civís e Militares
Digno Patrono
Meus Afilhados:

Momento notável este, quando escalais o último degrau e vislumbrais diante de vós, o mundo a desafiar — como a esfinge de Tebas — a vossa irreprensível responsabilidade profissional.

Engenheiros Químicos:

Se longo é o tempo do aprendizado, rápido é o instante da purificação e interminável será o transcurso de vosso impostergável aperfeiçoamento.

Um imperativo chamou-vos para o estudo da Química: a vocação.

Viestes de todos os recantos do Brasil. Mas não só do Brasil. Nos olhos de alguns, pude perceber o panejamento colorido das bandeiras de outras Pátrias: da Bolívia, do Paraguai e do Equador. Planetário o clima que respiramos nesta Universidade, brasileira e universal!

Muito aprendestes no trato paciente das várias disciplinas.

Desde a Química Inorgânica, em degraus de respeitável e lógico critério, ascendendo gradativamente até a Microbiologia — como a palmilhar o caminho da matéria, da simplicidade à complexibilidade dos arranjos fantásticos, das vidas invisíveis, sempre prontas a atender e completar as transformações, quer nas rochas mais sólidas quer nas células mais nobres.

Vestis, neste momento destinado a purificação, a negra túnica das reminiscências lendárias. Essa cor é bem o negro da matéria que marca o início do caminho alquímico, que nos conduzirá à grande obra, à grande meta: à Perfeição.

E, porque conheço as vossas intenções, posso antecipar, na visão de uma explêndida imagem — a transmutação dominando — ganharem as vestes de agora, tintas ainda do nigredo, ganharem — repito — aquela alvura cândida e imaculada que revela a pureza da alma, ao mesmo tempo que expressam as benesses dos buscadores da verdade.

A cor negra e soturna de vossos trajes fala-nos ainda dos tempos empíricos da Química, remetendo-nos ao horizonte distante das primitivas cerimônias. Mas, para que esse símbolo apenso a uma cor negra e soturna? Observai bem — trata-se da certeza permanente de que nossa existência não se compõem apenas de ruidosos cânticos de luz e alegrias. Ela é também a cor da piedade, a exigir o vosso cuidado, a vossa dedicação e destinos que a vida distorceu. Se sugere o infortúnio, basta também e sem mais acréscimos para nobilitar a vossa profissão. Símil dessa humaníssima atitude que sendo ético-mística, poderá transformar-vos em autênticos argonautas do bem. Sabeis desde logo — e porque não nesta noite? — que os momentos de alegria e felicidade não excluem a lembrança das noites intermináveis, sem astros, a envolver os desamparados, contidos em seu desenvolvimento psíquico porque corroídos biológicamente.

Permiti que recue aos tempos remotos da veneranda Grécia, para relembrar os ritos de Ceres Munia, nos quais a deusa da abundância se encarnava num ramo de trigo florescente e sob esta forma recebia pomposas oblações.

Assim, é eterna a reverência das gentes aos profissionais. Entendi, através dos arcanos da humanidade, que sempre, em todos os momentos, foram eles mais importantes, mais úteis e mais necessários do que os homens de estado e poderes reunidos. É o profissional, meus Afilhados, é aquele homem que pode como Ceres, a deusa da abundência, fazer crescer duas espigas de trigo onde antes não havia senão uma só espiga.

Sois profissionais, sabeis preparar instrumentos e condições necessárias à produção. Podeis multiplicar, essa a grande síntese do vosso longo aprendizado.

Sou o Vosso paraninfo. Minha presença nesta cerimônia é importante e inafiançável.

Paraninfo, tenho de exercer um ato e mais do que um ato, um dever — que é o o vos acompanhar pelas veredas incomuns da existência, conduzir-vos para novos horizontes e, principalmente, o de assumir por todos vós, o mais grave e puro compromisso perante a Universidade do Paraná.

Amigo reconhecido e dignificado, angustia-me esta homenagem, pois nada mais consegui do que amealhar algumas palavras, num esforço para agradecer o bem recebido.

Considero esta homenagem, presente régio ao mestre da humildade que, sendo o menor entre os que sabem, talvez possa ser o maior entre os experimentados na fraqueza humana.

Cabe-me dizer-vos — Engenheiros Químicos, meus Afilhados! — que sois os pioneiros de uma nova era na formação dos profissionais da Química no Brasil, fase esta ansiosamente esperada, a fim de que se tornasse efetiva a adoção de conhecimentos científicos adaptados às mais urgentes necesidades do País.

Mestre de humildade, represento nesta noite o frágil elo dessa imensa corrente de professores autodidatas, do tempo em que as Escolas Superiores de Química, quais capelinhas de beira de estrada, apareciam sem devotos e sem oficiantes, iluminados seus modestíssimos santos pelas luzes tremulantes do velário piedoso.

Foi num momento de humildade que me fiz professor. Mas, porque não dizer: fizeram-me professor? Só agora, passados já trinta anos, pude saber — como num estado de graça — que tão longo tempo se traduz num único gesto de devoção à Pátria, num serviço prestado à sua mocidade. Submeti-me volutariamente, durante o transcurso de minha geração, à trágica prova da esperança. Testemunhei, confirmei e, hoje, posso anunciar-vos, sem falso orgulho: numa Pátria justa e digna, as coisas pequenas amadurecem e se tornam grandes.

A certeza do que vos falo está em que, neste ano de 1966, em vossa presença, consegui gravar mentalmente no pórtico de nosso laboratório de Microbiologia, a frase substancial de Pasteur: "Interessai-vos por estas casas sagradas, conhecidas pelo expressivo nome de laboratórios. Providenciai para que se multipliquem, eis que são os Templos do futuro.

Pude ver um ideal plasmar a forma. A capelinha transformou-se em Templo. Tem devotos e oficiantes. Seus mestres equiparam-se aos mais excelentes no saber e na inteligência. Resta a este professor improvisado, a este autodidata, entoar — com serenidade, se for capaz e se aprendeu a sua lição — entoar, sim o seu "canto de cisne".

Desde a primeira aula que ministrei — como poderia esquecê-lo? — no velho porão do edifício da praça Santos Andrade, valeu-me uma inspiração que, na linguagem dos homens, pode-se traduzir assim: "Desce onde se encontram os jovens, se queres subir ao nível de Deus".

Guardai este segredo. Talvez possa servir aos que, atendendo às urgências do ensino vieram a usar a cátedra. Meditai sobre esta lição: não na modesta arquitetura da frase mas no que ela encerra de sentencionismo.

A Juventude contemporânea — assim foi sempre e me parece que o será em todos os tempos — vem sendo acoimada pelos mais ridículos qualificativos. Não, nossa juventude não é baderneira, não é leviana, não é subversiva. Comete-se aqui, injusta e dolorosamente, uma impropriedade de termos.

Meditai comigo: quando se enche um vaso de água, ouve-se o gorgolejar característico. Repleto o vaso, cessa o ruído. Ora, o jovem que não estiver na plenitude de conhecimentos — a plenitude de conhecimentos implica, por certo, na maturidade — manifestará sua presença de maneira sonora, ruidosa, polêmica, inquieta, controvertida... O ruído da testemunha da busca, da inquietação, é próprio do chamado estágio de discernimento. Aos mestres compete esclarecer, orientar. Mostrar o caminho. Conduzir ao discernimento. O que importa é o conteúdo, não o vaso.

Gostaria de me referir, muito especialmente, aquele ruído necessário e eficaz, que se pode ouvir quando um Mestre — legítimo e verdadeiro Mestre — transfere ao discípulo a água transparente da ciência ou da filosofia, numa lição viva da realidade. O Mestre é todo o contrário do demagogo que se vale do palavreado quantitativo, mas vazio, oco, sem substância real. O Mestre, pleno de ideal, conduz ao silêncio. Daí porque, lentamente, mas sempre, os mestres hão de governar a humanidade.

Circula a abelha ruidosamente sobre a flor. Quer pousar, ansiosa na expectativa do mel. Depois, prisioneira entre as pétalas, é em silêncio que sorve o nectar. Polemiza debate e agita-se o jovem de um lado a outro de uma corrente doutrinária, de uma idéia, de uma frase. Falta-lhe ainda, como à abelha, conhecer o nectar da fé que fortalece a esperança, o mergulho num único ideal, suficiente para merecer a sua vida. Que as escolas sejam flores! Que os mestres possam fornecer nectar em abundância! Que mas poderíamos pedir ,para a construção de uma Pátria Imortal?

Perdoai-me, caros Afilhados, estas palavras que procuram expressar pensamentos aparentemente desconexos. Espero que ela vos dêem, pelo menos, o segredo dos conceitos, pálido reflexo da realidade.

Sabeis, contudo, que nada se conseguiu aprender ainda desse quimismo que faz brotar da matéria obscura, a consciência clara de nosso existir. Nem se sabe mesmo como os átomos e moléculas se orientam para a superior forma humana. Convenhamos porém, que a ciência é au-

daciosa e começa a desafiar o grande mistério — sua concepção do possível precedendo e alargando o campo de todas as realidades. A Química analisa e se instrue na natureza.

O cientista é um apóstolo da sinceridade. Se não alcança responder às indagações que encontra em seu caminho, é capaz, pelo menos, de afirmar corajosamente: "Não sei". Com esta atitude afasta-se a ciência, cada vez mais, das superstições arcáicas, que simulam tudo saber, não confessando nunca, com lealdade, a própria ignorância. Graças à ciência, o homem moderno pode concluir a investigação necessária sobre a miséria, procurando energicamente os meios de vencê-la. Se até então ignorou-a, foi porque se sentia impotente sequer para vê-la. Ninguém mais em nosso planeta, desconhece que dois terços de nossos semelhantes estiolam-se padecendo, pró-pudor, de fome. Teilhard Chardin gravou em seu "O Fenômeno Humano", esta frase aparentemente ingênua mas trágica: "Para pensar, é preciso comer".

Usai a vossa profissão, meus Afilhados, a mais capaz e instrumentada para atender aos apelos urgentes de nosso tempo, aos apelos da produção, que dará sentido ao século XX. Aprendestes a manipular no terreno da extração e transformação da matéria. É o que basta, no concernente à esfera social de ação. A esfera individual so pode ser laborada pela consciência, constantemente voltada para si mesma.

O homem realizou a máquina. Conseguiu movê-la. Fez dela um instrumento de progresso. Não devemos nos esquecer, porém, que as locomotivas e os navios servem também para transportar alimentos e que, para isso, não querem mais do que ser acionados pelo espírito de solidariedade planetária.

A máquina, meio e não fim não deve ser permitido sobrepor-se ao espírito. Estreita é a faixa de pensamento e atuação dos materialistas, ao contrário dos espiritualistas, que sabem o Universo como decorrência de uma Ordem pré-estabelecida, implicando na existência de Um Grande Arquiteto. O materialista permanece nos rigorosos limites

traçados pela máquina, recusando-se a aceitar uma parcela mínima de espiritualidade. Ata e restringe, assim, o materialismo, enquanto o espiritualismo desata e eleva a mente.

Repito as palavras de Chesterton: — Diante de um problema humano, os materialistas analisam a parte fácil. Negam a parte difícil e vão para casa tomar chá".

Meus afilhados:

Tenho certeza que estas palavras jamais serão esquecidas. Elas estarão presentes ao longo da construção de vossa vida. A nós coube o presente, futuro de um passado que vai longe. É chegado o momento. Ide e erguei, sem vacilações, a Pátria do Futuro.

Discurso de saudação ao Ministro de Educação, Prof. Dr. RAYMUNDO MONIZ DE ARAGÃO, no ato da inauguração das novas instalações da Escola de Química da Universidade F. do Paraná, 1966.

Coube-me a grata tarefa de o saudar, sr. Ministro, nesta solenidade, por certo, a mais augusta da Escola de Química do Paraná. Nenhuma recusa seria justificação idônea, devido principalmente as afinidades de Cátedra, muito embora, antecipo, considere-me deliberadamente seu discípulo. Assim ficará melhor situada a minha posição aferida como deve ser, a distância indefinida que existe entre **este** professor da Escola de Química do Paraná e V. Excia. Sr. Ministro que, sendo professor, é o Mestre legítimo da Microbiologia Industrial do Brasil.

Parece-me ainda, que entre nós existe algo mais que a simples afinidade pedagógica, há um culto, o da AMIZADE, lei que manda pedir aos amigos coisas honradas e fazer coisas honradas pelos amigos.

Serei breve nos louvores, pois o elogio será inconseqüente, à quem V. Excia. Sr. Ministro é dos raros que pode merecer as galas oratórias do prof. Clementino Fraga Filho no momento da sua titulação na Academia Nacional de Medicina. Saliento especialmente um trecho nobre da saudação do prof. Clementino Fraga, disse ele: "Vivemos no encalço e no engôdo de honras vãs, em busca de títulos, medalhas e condecorações, que, segundo Bernard Shaw, servem para dar distinção aos medíocres, para embaraçar o homem superior, e, muitas vezes, para serem desonrados pelo homem comum"... "Diferentes na significação, são o título acadêmico e a láurea universitária, conquistados mediante trabalhos, realizações ou provas que projetam as vidas dedicadas ao estudo, à ciência e à cultura, outorga-

dos por respeitáveis tribunais profissionais..." "Desta ordem — continuou Clementino Fraga — são as honrarias que vindes recebendo, ao longo da vossa carreira profissional, sr. Prof. Moniz de Aragão, sempre alcançadas da forma mais idônea, a custa de talento, de esforço, de dignidade e competência".

Eis aí, srs. Professores, num traçado expontâneo sem sem nenhuma mutilação da verdade o caráter do Prof. Moniz de Aragão.

Sr. Ministro: Penso que a sociedade humana se fundamentou sempre em ideais comuns, favoráveis à dignidade do indivíduo, simultâneos com o direito e a oportunidade econômica para todos os cidadãos. São eles fundamentos eternos e conformes à todas as filosofias. Ninguém pode negar a energia potencial da vontade humana. De qualquer forma, o homem é o ser que tenta atingir o desconhecido. O homem é um sujeito e não um objeto. Se ele abismar-se no objetivo cai na animalidade rígida e inconsciente.

A função da educação democrática, quer dizer mais de atos que de palavras; deve forçosamente ensinar os meios de ampliar o espírito livre do homem; este ser, ao qual a história da humanidade deve todo o seu progresso.

Democracia é o mesmo que confiança e ao mesmo tempo reconhecimento da sua fragilidade. Ela, sendo um sistema que nos permite ser governados por líderes que elegemos, não aceita, portanto, o slogan: "se não estás de acordo comigo te destruirei". Temos que, educadores que somos, persuadir nossos semelhantes, mais pela força da lógica que pelos sofismas do poder.

O que acontece na ausência da democracia? Isto: o líder se converte em lei, impõe sua vontade e é quando se corrompem os espíritos e as almas se degradam.

Deve prevalecer sempre a reverência e o culto pelo indivíduo, quer me parecer, no entanto, que este respeito vai tranqüilamente sendo rejeitado. Quando o homem se torna infalível, então a perseguição é justificada. Nunca

uma sociedade pode evoluir no clima da hipocrisia. Temos certeza que a democracia será ou mesmo poderá ser adotada inclusive pelos povos que não têm o privilégio de conhecer suas normas, desde que possamos amadurecer as lideranças. Nenhuma Nação deseja permanecer na rigidez da rotina.

Mas, ao meu ver a grandeza da democracia é essa, a de possuir em si, a intuição de elevar os níveis de vida e dar a todos os homens a oportunidade de desenvolver a personalidade. E é quando um país atinge sua liberdade política que se manifesta eficiente a expansão da energia até quando dispersada na luta pela liberdade, então parece que tudo ressurge desperto do sono secular, é como sofrer as dores de um novo nascimento.

Ninguém melhor que V. Excia. sabe dos muitos desherdados reduzidos ao limiar da apatia que nem pensam mais sobre a Vida e nem nos valores superiores.

Ao termos que sustentar a democracia, resta apenas fortalecer por todos os meios a Educação e acelerar o desenvolvimento econômico. Numa geração suprir os erros seculares, nivelar as desigualdades, revisar as relações sociais injustas, livrar-nos dos abusos consagrados e dos costumes arcáicos.

Vemos esta evolução democrática, alentadora de esperanças, neste significativo mutualismo permanente já com reflexos no organismo mundial, assim que se consolida o conceito de que as nações mais desenvolvidas têm que auxiliar as subdesenvolvidas. Em nosso mundo não há mais como ignorar o compromisso de aceitar cooperação pacífica e construtiva e recusar as competições destrutivas. Nem há mais isolamento geográfico ou político, econômico cultural, expande-se além das fronteiras nacionais para uma ampla e fraternal comunidade das Nações. Democracia significa então: respeito mútuo político, ético ou religioso. Democracia é ainda, reconhecer justa essa urgência que têm todos os povos de viver plenamente. Ninguém ignora a Declaração da Independência Norte Americana que afirma com eloqüência virtual: Todos os homens têm direito à vida, à liberdade e à busca da felicidade.

Anular estes direitos é o mesmo que extingüir o futuro da Terra.

Pela educação, por ela temos que ampliar os meios de entender os homens, redescobrindo neles a força do espírito, para definirmos mais uma vez seus fins.

Sabe, sr. Ministro, de longa data apreciar a verdade que encerra a frase, feita de pureza ingênua que acompanha todas as meditações. "A Educação não formará jovens para um estado presente e sim para um futuro melhor".

Temos confiança em V. Excia., Sr. Ministro da Educação, pela firmeza de suas atitudes, gentil com os semelhantes, desejoso de ser contemporâneo do futuro, tornará realidade este pensamento.

Tarefa árdua, mas não impossível, poderá ser feita em vários estágios progressivos.

Ninguém ignora que o problema educativo, neste fim de século deixou de ser pedagógico para se tornar mais econômico e social. A magnitude do problema, deixou de ser brasileiro, e Rui Barbosa já afirmava no seu tempo: "a instrução pública é uma coisa ainda por criar, uma ridícula mesquinharia negaceada às classes carentes, alcijada, impura... inacessível à maioria dos contribuintes".

Hoje aquela ridícula mesquinharia é universal, pois que o drama do Ensino é uma crise de crescimento da civilização. Crise gerada pelo progresso técnico-científico que propiciou o aumento da média da vida humana duplicando-a. A mecanização aboliu as distâncias terrestres, invadiu até os espaços planetários. Então, que se a sociedade humana se fez mais esclarecida, não pode evitar de se tornar mais complexa, mesmo porque existem mais aspirações intelectuais.

Antes o homem dependia da sua força muscular ou daquela dos animais, logo aprendeu a conseguir vantagens por intermédio das máquinas que o aliviava de enormes esforços materiais, mas também percebeu que se ampliavam as necessidades intelectuais.

Então chegamos a esta curiosa situação precisarmos

mais de cérebros do que de braços, mais mestres que operários.

Aí está o problema das vocações científicas, jovens hoje centenas, amanhã milhares excedentes diante da "mesquinharia ridícula" do arcaismo do presente que insiste na recusa que teme ser contemporânea do futuro, nada fazendo para não errar. Temos, pois, que sair rapidamente da timidez e cuidar do ensino, tal qual a França que já em 1962 iniciava um plano educativo superior capaz de satisfazer a geração de 1975.

Assim que será útil não construir o edifício, mas aperfeiçoa-lo.

Tem pois, pela frente sr. Ministro esta magna tarefa, a V. Excia. que não maneja a moenda falsa do patriotismo, que sabe usar o outro da verdade, deve pedir aos chefes de nossa democracia que analisem os temas do presente no mais puro desejo de ver engrandecido o Brasil.

PROFESSOR ANTENOR PUPO, AGRADECENDO EM SEU NOME E NO DE OUTROS PROFESSORES O RECEBIMENTO DO TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO

Magnífico Reitor:

É significativa esta cerimônia universitária, é por demais relevante, ao exaltar cada um destes Mestres com o título de Professor Emérito.

Atendendo à proposição dos meus colegas da Escola de Química, o Egrégio Conselho Universitário incluiu-me entre os que mais deram de si mesmos à Universidade Federal do Paraná.

Esta cerimônia é o clímax de um primeiro e remoto apêlo vocativo, o sonho de construir um Templo à Sabedoria.

Ainda me pergunto dos motivos e da razão desta minha presença, nesta solenidade destinada a conferir o Mérito a estes Mestres perfeitos, provados e testados nos mais complexos campos da ciência, da pesquisa, da didática e até mesmo afeitos aos sofridos encargos administrativos. Todos eles, possuidores de uma brilhante, destacada e incomparável fé do ofício, estendida por longos anos, bem avaliados e reconhecidos neste venerando Prof. Manoel França do Nascimento.

Bem refletindo, aceitei o título, aderido à amizade que manda pedir coisas honestas aos amigos e fazer coisas honradas por eles; mas insisto, sou o menos qualificado.

A palavra, o adjetivo Emérito, possui interpretação vária, pode designar o professor insigne e sábio, e neste conceito eu situo os meus colegas exaltados. Mas Emé-

rito é também aquele professor aposentado que continua gozando os rendimentos e honrarias do cargo. Neste sentido, sim, eu me situo.

Justificando, permitam meus colegas, agradecer ao Colendo Conselho Universitário esta honrosa concessão.

Recebem o prêmio de uma Vocação. Desafio aceito para transportar uma pedra, modesta mais polida. O mérito de hoje confirma — a pedra polida nunca fica ignorada à margem do caminho.

A antiga tradição persa diz:

> Esquadra-te para seres utilizada
> Uma pedra adaptável à estrutura
> Não fica abandonada no caminho.

Assim contribuimos, aqueles mais, ou menos, na construção deste Templo — a Universidade Federal do Paraná. A Universidade nos abrigou. A ela nos adaptamos com tal plenitude, que às vezes chegamos a omitir as outras pedras lavradas, nos sentindo proprietários das suas arcadas, mas a ilusão foi transitória. A Universidade, nos dando abrigo, nos inundava com suas messes de encantamento.

É que ela plantou em nosso íntimo esse rochedo obscuro de que nascem, como água da fonte, os sonhos.

É que ser Mestre é sentir-se portador dos elementos necessários à construção do mundo. Assim, compreendendo que a abnegação é a renúncia de si mesmo, e que só Deus confere esse privilégio, o professor é um desses privilegiados; se a eternidade vai sintetizando a vida, há na Terra um homem que ensina a protegê-la, transmiti-la e conservá-la; esse homem é o Mestre.

Ensinamos à sombra deste Templo, procurando captar na Cultura o ideal do magistério perfeito, doando aos discípulos mais do nosos afeto e ternura.

Ensinamos aos jovens, se não a Sabedoria, um pouco do que já estava latente no entendimento deles, eis que a projeção imaginativa do homem não empresta suas asas a outro homem.

Quero dizer que jamais condicionamos a juventude pelas nossas idéias, mas permitimos que ela continuasse no limiar de sua própria inteligência. Tentamos atuar qual o músico que podendo comunicar o ritmo que há no Universo não consegue fornecer o ouvido que capta, nem a voz que repete a melodia. Estamos sozinhos, sozinhos para interpretar a vida, então, nossos semelhantes devem permanecer livres, a fim de captarem o acontecimento da vida. O homem só evolui construindo uma linguagem própria capaz de pensar o mundo do seu tempo.

Na atualidade, a Educação não formará jovens para um estado presente e sim para um futuro melhor. Talvez essa tarefa não possa ser executada com a rapidez desejada.

Pois, para promover uma renovação total no terreno da Educação, temos de contar com exigências progressivas.

No momento, o problema educativo deixou de ser apenas pedagógico para se tornar econômico e social. Pela sua magnitcde, o problema deixou de ser brasileiro, tornou-se universal, pois o drama do ensino é uma crise de crescimento da civilização.

Crise decorrente do progresso técnico e científico que duplicou a média da vida humana, aboliu as distâncias ao sabor das máquinas. Uma sociedade que, sendo mais fraterna, tornou-se mais complexa, com mais anseios intelectuais. Antes o homem era dependente da sua força muscular ou daquela dos animais, mas foi conquistando paulatinamente mais e mais vantagens graças às máquinas que atenuavam os esforços materiais.

Então neste estágio atual do progresso sentimos que aumentam as necessidades intelectuais.

Eis porque chegamos a esta estranha situação de precisarmos mais de braços, de mais Mestres que operários,

Não sofremos da doença da presunção, isto é, do vício da esperança em demasia, que consiste não em esperar muito, mas em esperar mal. Nem sofremos do vício do amor humano excessivo, que não significa amar demasia-

do o nosso próximo, mas amar erroneamente, e que resulta na idolatria.

Por isso, antecipamos. Antecipo minha confiança no Mestre de várias gerações, no professor Algacyr Munhoz Mäder, Magnífico Reitor da Universidade Federal do Paraná, de quem tivemos a melhor parte ao receber de suas mãos o honorário do nosso mérito.

Ele não pertence ao padrão dos homens cansados, nem aquele dos chamados "bem-viventes". Cansados os que, mal iniciam o caminho da escalada, já começam a lamentar o abandono do albergue confortável que ficou lá em baixo. Bem viventes os que saboreiam os prazeres da subida e param logo, a fim de gozarem o espetáculo da paisagem.

Para que seguir em frente?

Mas a felicidade plena é apanágio dos ardentes, aqueles que se dedicam plenamente à ascenção, à busca e à descoberta. Eles querem sempre "tornar-se mais" — repelem as seduções da tranqüilidade e do prazer — orientam-se para uma felicidade de ampliação.

Para os ardentes, nenhuma mudança beatífica, a menos que se opere uma ascenção.

Não hesito em situar nosso Magnífico Reitor no padrão dos homens ardentes tipificados por Teilhard de Chardin.

Eis que possui a decisão do guia, reage à tendência para o menor esforço que leva tudo à estagnação ou vai procurar na agitação exterior a renovação de nossas vidas.

Obrigado Magnífico Reitor por receber das Vossas mãos este Prêmio. Nós nos unimos aos que se arriscam à subida para alcançar mais altura.

> "QUANDO OS ÍMPIOS SOBEM, OS HOMENS SE ESCONDEM, MAS QUANDO ELES PERECEM, OS JUSTOS SE MULTIPLICAM" Prov. 28.

TRABALHOS TÉCNICOS

SOBRE UM CASO DE SEPTICEMIA ESTAFILOCOCICA

Piorry o inovador da nomenclatura medica creou entre outras, a expressão septicemia para designar alterações do sangue por materias putridas. O termo foi aceito lá pelo ano de 1847, mas, na realidade os fatos vistos por Piorry se relacionavam as febres malignas ou putridas dos antigos. Adoptado em seguida pelos cirurgiões para designar o conjunto de acidentes graves frequentes na época e consecutivos á feridas purulentas, a septicemia continuava sem uma definição satisfatória.

Experiencias foram feitas no sentido de explicar, entre ellas principalmente as de Arcet que com injeções intravenosas de substancias putridas, especialmente puz, conseguiu os mesmos sintomas até então observados; dessa maneira a septicemia mais parecia uma alteração grave do meio sanguineo.

Apareceram em seguida os primeiros trabalhos de Pasteur sobre a infecção, e a aplicação das doutrinas pasterianas, firmaram a etapa decisiva na historia da septicemia. Coze e Feltz mostraram que o sangue septicemico era virulento para os outros animaes. Desta maneira saiu-se das obscuridades escolásticas, com o conceito fundamental da septicemia, **a virulencia do sangue.** Esta noção foi satisfatoriamente demonstrada após os trabalhos de Pasteur, Roux e Chamberland sobre o vibrião septico, bem como com os trabalhos de Pasteur e Vidal sobre o estreptocóco.

Nas septicemias o sangue apresenta um agente infeccioso.

Somente após o aparecimento da Hemocultura como processo corrente de investigação, foi que os estudos so-

como as septicemias enterococicas. As lesões diversas das vias respiratorias podem originar septicemias pneumocócicas e estreptocicas, etc. Em certo número de casos o ponto de entrada é desconhecido — criptogenética.

Uma vez o germen introduzido no organismo atinge a circulação geral por um dos dois sistemas circulatorios ou pela rede sanguinea ou pela rede linfatica. A penetração linfatica é sem duvida a mais habitual, um germem penetrando na pelle percorre sucessivamente os vasos linfáticos, depois os ganglios, para atingir enfim a circulação geral, si não fôr destruido na sua marcha. A penetração direta no sangue interessa as septicemias cirúrgicas, abertura de um abscesso num vaso, propagação de uma infecção localizada em uma parede venosa determinando assim flebite infecciosa. O mecanismo da trombo-flebite é frequente na infecção puerperal e mesmo nas septicemias conseqüentes a otites, furunculo dos lábios (trombose sínus). — Uma vez chegando o micróbio na circulação o o organismo se esforça para impedir a sua acção por processos diversos :eliminação pelos orgãos de excreção ou destruição pelas defesas organicas. Ás propriedades destrutivas dos elementos celulares especialmente dos leucocitos actualmente bem conhecidos pódem ainda ajuntar as propriedades aglutinantes do serum: uma propriedade puramente fisica, a estabilidade no sangue, tem segundo Gowaerts um papel primordial, sómente os microbios estaveis poderiam persistir no sangue, quando ao contrario os germens são instaveis as plaquetas sanguineas se juntam a elles e depois entre si formando flócos que são precipitados nos capilares. Deixando de lado esta questão da estabilidade apenas esboçada, sabe-se que deante das defesas organicas os germens diferem, uns poucos ativos são destruidos ou eliminados. Outros virulentos e patogenicos vencem as defesas organicas e entram em desenvolvimento, portanto a evolução de uma septicemia é uma funcção da virulencia. Esta virulencia ainda deve ser encarada sob dois pontos de vista a virulencia póde ser absoluta e pode ser relativa dependendo da diminuição da resistencia do organismo conforme as experiencias de Porchet e Desoubry, resfriando ou colocando o animal a 38°, observaram que os germens preexistentes pódem entrar

na corrente sangüínea e produzir a septicemia. A intervenção desta causa segunda tem grande aplicação na clinica podendo se explicar por ella um grande numero de septicemias médicas especialmente quando são primitivas. Uma vez o germen no sangue as suas toxinas serão responsaveis por todos os acidentes, isto é, os sintomas febre, astenia etc. São essas as despretenciosas considerações que desejava fazer unicamente com o fim ilustrativo em torno de uma enfermidade que está tomando vulto em nossa cidade, a qual já conta com inumeros casos. Um unico caso que tivemos oportunidade de observar, caso esse que felizmente não teve um desenlace fatal graças unicamente a uma Hemocultura que prontamente esclareceu o diagnostico precoce que por sua vez nos levou a uma terapêutica racional e eficiente. Trata-se de R.P. com 14 anos de idade que no dia 18 de Abril corrente acamou-se dado o seu profundo abatimento geral. Ao simples exame clinico apresentava uma facies abatida com expressão de torpor e angustia, os olhos profundamente encovados, a pelle seca em determinados momentos coberta por suores frios. Temperatura 39,8, sendo que, essa temperatura já a sua família vinha observando há cinco dias com variações de alguns décimos. Aceleração do pulso que oscilava entre 110 e 120, bulha cardiaca abafada, baço augmentado; com este quadro a primeira impressão era de que se tratava de um estado típico. Requisitamos uma reação de Vidal e Hemocultura no laboratório do Professor Paula Soares. A prova de Vidal foi negativa para todo grupo tiphico. A Hemocultura executada em um meio especial que vem o referido Laboratorio usando com optimos resultados para cultivo de cócos (composto de caldo peptonado, uréa, glicose, fosfato de amonio) deu desenvolvimento após incubação na estufa pelo espaço de 24 horas de abundantes colônias de cócos de coloração gram-positivo semelhantes à estafilocóco. A identificação desse cóco foi obtida por semeada em meios solidos de Sabouraud, dando colonias amareladas características da variedade estafilocócos aureus.

Diante desse resultado ficou firmado o diagnóstico de Septicemia estaphilococica, cuja origem ainda não ficou esclarecida; atribuimos a porta de entrada a um dente com

carie adeantada, pois não havia um outro foco qualquer que nos chamasse attenção.

Quanto ao tratamento tivemos resultados os mais satisfatorios possiveis empregando inicialmente um sôro antiestaphilococcico 20 cc e depois foi indicado os comprimidos de Rubiazol um de 2 em 2 horas e ainda uma ampola de 5 cc de Prontosil diariamente, e accessoriamente ampolas de Coramina.

Dr. Antenor da Silva Pupo

CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DAS PROPRIEDADES ANTAGÔNICAS DOS FILTRADOS DE CULTURA DO BACILLUS SUBTILIS, SOBRE ALGUMAS BACTÉRIAS PATOGÊNICAS.

Tese de concurso para professor catedrático da 8.ª cadeira, Elementos de Microbiologia-Tecnologia das Fermentações, do Instituto de Química do Paraná.

Curitiba
1946

INTRODUÇÃO

"Os sábios estabelecem que sobre as pulgas vivem outras menores alegremente. E ainda muito menores mordem a estas. E assim prossegue a coisa para o infinito".

Jonatan Swift

Estamos vivendo um momento em que, os micro-organismos passaram novamente a absorver toda a esfera de atenção dos pesquisadores, não mais no que se refere as suas propriedades perniciosas, mas sim, no sentido da sua utilização como produtores de substâncias benéficas, capazes de prejudicarem o desenvolvimento das infecções, armando o homem, com novos recursos, os quais vêm felizmente completar a quimioterapia propriamente dita, nesta nova forma de luta contra as doenças infecciosas.

De há muito sabem os bacteriologistas, que, se um grande número de espécies diversas de micro-organismos, são obrigados a competirem uns contra os outros, desde que se encontrem confinados a um espaço de proporções limitadas, saem dessa competição com o prêmio da vida, uma ou duas das espécies microbianas, e a este fato chamou-se **antagonismo microbiano.**

Atualmente encontra-se suficientemente patenteado que inúmeros micro-organismos produzem substâncias, as quais exercem sobre outras, uma ação altamente prejudicial, semelhantes mesmo àquela dos antisépticos essas substâncias passaram a ser conhecidos com a designação de **antibióticos.**

Depois de muitos anos é que o homem no seu intento de pesquisa, principiou a utilizar uma espécie microbiana inofensiva como arma mortal, contra outros germens que se apresentam hostis contra a saúde e a vida humana. Uma vez que sejam descobertos todos os métodos, accessíveis, pelos quais, uma espécie de micróbios extermina outra, teremos conseguido uma vitória decisiva contra as moléstias infecciosas.

E foi seguindo essa gradação científica que o Prof. Alexander Fleming, conseguiu um antibiótico, uma nova substância biológica, a qual constitue, a mais poderosa que as mais ativas substâncias germicidas até hoje descobertas pelo homem: a **Penicilina.**

Essa conquista, reveste-se de tal grandiosidade, que, se for dado um balanço nas produções dos cientistas do século XX no intuito de minorar os padecimentos humanos, terá ela, indiscutivelmente, a primazia, entre as grandes descobertas desta época, o aparecimento da Penicilina de Fleming. É G.M.Santos, que no seu entusiasmo jovem, nos diz:

> "Se atendermos bem as circunstâncias em que se deu a descoberta da Penicilina, pois, que o Dr. Fleming ao observar uma cultura de estafilococcos, que tinha preparado, verificou que a mesma fora contaminada por um mofo, de coloração esverdeada e de aspecto aveludado, percebeu que, nas vizinhanças de mofo, as colonias de estafilococcos tinham desaparecido, vêmos que o cientísta britânico é daqueles que podem ser incluídos no seleto grupo dos eleitos dos Deuses, os cientistas videntes, que como Galileu, que da oscilação de uma lampada na catedral de Pisa, deduziu a lei do pendulo e, como Newton que, de queda de uma maçã, derivou a lei da gravidade, pois ao deparar com uma cultura de micróbios mofada, acidente que deve ter ocorrido em circunstâncias idênticas, com outros cientistas, teve a acuidade de observação bastante grande para ver o mundo de possibilidades que esse acidente encerrava".

Dando prosseguimento a este trabalho, desejamos passar em revista a posição atual do Antagonismo microbiano e substâncias antibióticas, para em seguida, apresentarmos algumas pesquisas sobre as propriedades antagônicas dos filtrados de cultura do **Bacillus subtilis** em face de algumas bactérias patogênicas.

ANTAGONISMO MICROBIANO

Temos que nos reportar a 1877, quando Pasteur faz a primeira referência sobre antagonismo microbiano, no decorrer dos estudos para achar os meios de cultura para a bacterídia carbunculosa. Após verificar que a urina neutra ou alcalina, constituía ótimo meio para o desenvolvimento da referida bactéria verificou que "se no momento que colocamos na urina a bacterídia a título de semente, semearmos um outro organismo aeróbio, por exemplo uma das bactérias comuns, a bacterídia não se desenvolve ou se desenvolce pouco, e termina por degenerar num tempo mais ou menos longo".

Observou igualmente, que a bacterídia carbunculosa, inoculada ao lado de outros germens, não se desenvolve no corpo dos animais, não provocando portanto a eclosão do carbunculo. Vejamos como interpreta Pasteur este fato: "Nos seres inferiores mais que nos superiores, animais ou vegetais, a vida impede a vida. Um líquido invadido por um fermento organizado, ou por um ser aeróbio, consente dificilmente, na evolução de um organismo inferior, mesmo que este líquido, seja, pelo seu estado de pureza, próprio para a nutrição deste último, é coisa bem curiosa, este fenômeno repete-se no organismo animal".

Pasteur dando expansão a sua fecunda imaginação terminou por fazer uma séria concepção, e assim escreveu: "Estes fatos (antagonismo), nos autorizam a acreditar nas maiores esperanças do ponto de vista terapêutico" e o tempo encarregou-se de concretizar essas esperanças.

Emmerich, em 1877, verificou que o estreptococco da erisipela, impede o desenvolvimento da bacterídia carbunculosa no coelho; não somente numerosos animais, infetados previamente com estreptococcos de erisipela não

contraem o carbunculo quando se lhes injecta a bacterídia carbunculosa, como também, esses mesmos animais, embora com sinais evidentes de Carbunculo podem ser salvos quando se lhes injecta sob a pele uma cultura em caldo de estreptococcos da erisipela. No decorrer dos seus estudos verificou que, nos meios artificiais, o estreptococcos e o bacillo piocianico, não impedem o desenvolvimento da bacterídia carbunculosa.

Diante desse fato, Emmerich juntamente com Freudenreich, concluíram pela não influência, de um germen sobre outro, e admitiram a ação excitante das células dos tecidos.

Nesse mesmo ano, Pavlowsky, Watson-Cheyne, verificaram que o **micrococcus prodigiosus** bem como bacilos de Friedlander opõem-se in vivo ao Carbunculo.

As pesquisas nesse sentido prosseguem agora perfilhadas por Freudenreich, Guignard e Charrin, Woodhead e Cartwright-Wood. Buchner, Blagovestchensky, os quais anotam que o bacilo piociânico apresenta as mesmas propriedades impedientes. Charrin afirma que: "o bacilo piociânico atenua a bacterídia carbunculosa secretando substâncias perniciosas para ela".

Blagovestchensky, notou que inoculação simultânea no olho do coelho de bacilos piociânicos e de bacterídias carbunculosas, impedem na maioria dos casos ao desenvolvimento destas últimas, sem no entanto tornarem os animais, com raras excepções, refratários a uma infecção carbunculosa posterior. Esta ação é menos intensa quando os bacilos piociânicos são inoculados a uma certa distância das bacterídias. O antagonismo só aparece quando o bacilo piociânico encontra-se na vizinhança da bacterídia. Contra as verificações de Freudenreich, esse pesquisador afirmou que: "mesmo fora do organismo o bacilo piociânico exerce ação nociva sobre as bacterídias".

Em 1896, Boinet e Roeser, D'Arsonval e Charrin, referem-se sobre o antagonismo existente entre a levedura de cerveja e os bacilos do carbunculo e tífico. Em 1897, aparece em Lyon uma tese de autoria de Duchesne, re-

latando pela primeira vez o antagonismo existente entre certos bolôres do gênero Penicilium e certos micróbios.

No decorrer desse mesmo ano, Metchnikoff estudando as antitoxinas nas dejeções de vários animais, comunicou nos Anaes do Instituto Pasteur, que o bacilo mesentérico e o bacilo subtilis desenvolvendo-se no caldo tetânico, enfraquecem a toxina tetânica, afirma também que a toxina diftérica do veneno das serpentes podem ser enfraquecidas por determinados micróbios.

Em 1907 Maurice Nicolle, estuda minuciosamente a ação do B. subtilis sobre várias bactérias e concluiu que os filtrados deste saprofita cultivado durante 3 dias a 37.° em caldo peptonado a 2% "solubiliza" quase completamente os pneumococcos, o B. da Morve, a bacterídia carbunculosa, o B. tífico, o B. de Shiga, etc. Notou a seguir a nítida ação que o bacilo subtilis exerce sobre a toxina diftérica e tetânica no sentido de enfraquecê-la.

Em 1910 Fortineau, realiza em Nantes, a primeira tentativa terapêutica no homem com um produto de base antagônica, utilizando a Pyocyanase no tratamento do Carbunculo. Diz williams, de Oxford, que esse mesmo preparado era vendido até pouco tempo na Alemanha se bem que o seu valor curativo fosse duvidoso.

Quer me parecer de interesse, assinalar uma observação curiosa, feita pelo botânico Noel Bernard em 1910; segundo experiências, os bulbos de certas orquídeas produzem uma substância fungicida semelhante a uma diastase. Um fragmento do bulbo incluído na gelose de um meio de cultura, impede o desenvolvimento de um bolor o **Rhizoctonia repens** quando semeado na superfície da gelose. A substância fungicida produzida pelo bulbo é facilmente difuzível e age mesmo em grandes diluições, sendo de notar que a diastase secretada por um bulbo dado tem uma ação específica não se generalizando a outros cogumelos.

A partir de 1910 em diante é quase impossível acompanhar o desenvolvimento das pesquisas sobre o antagonismo. Vaudremer e Rappin estudam a ação do B. Sub-

tilis ou de micróbios proteolíticos sobre o bacilo da tuberculose e notam uma atenuação da virulência deste último.

J. Van Canneyt (1926) mostra que o B. subtilis e o B. mesentericus vulgatus secretam produtos aos quais o B. de Koch é muito sensível.

Rosenthal confirma que o Tyrothrix e, em particular T. scaber e B. mesentericus apresentam um poder "dissolvente" em relação as bacilos tíficos, coli, proteus, disentéricos estafilococcos, diplococcos, etc.

Estudando o poder lítico destes filtrados, verificou que o máximo de atividade aparece no fim da segunda ou terceira semana e que somente as culturas cujo véo se mantém na superfície são verdadeiramente ativas.

Em 1924 Lieske e Gratia deram a conhecer que vários bolores, em particular o Penicilium glaucum possuem a propriedade de lisar o B. piociânico e a bacterídia carbunculosa. Gratia asinalou que as colônias do Streptotrix colocadas sobre placas de gelose contendo por exemplo estafilococcos 'produz uma clarificação completa do meio, não se limitando só em torno da cultura mas também marginando esta, pois no fim de 36 a 48 horas atinge 2cms de largura". Gratia mostra que um filtrado de cultura em caldo de Streptotrix dissolve rapidamente as suspensões de um grande número de micróbios vivos ou mortos. É mais ou menos nestes termos que alguns anos mais tarde, Fleming viria descrever a ação antibiótica de um outro Penicilium o P. notatum, diante do estafilococco. Por essa época Fleming já era estudioso da lise microbiana, pois desde 1922 vinha descrevendo na saliva a presença de uma diastase, a lizozyma que apresenta ação lítica em relação a vários germens.

Em 1929 estava Fleming analisando as variações dos estafilococos em placas de Petri, quando verificou que uma das placas fora contaminada por um bolor que deixou as colônias de estafilococcos transparentes e em via de lise.

Como todo o bacteriólogo, deve procurar lançar mão, de todos os meios para evitar que suas culturas se conta-

minem, e quando isso acontece tudo fica inutilizado, mas neste caso particular, a atenção de Fleming concentrou-se no especial caráter do fenômeno, interessou-se no antagonismo existente entre o bolôr e a bacteria e procedeu o isolamento do môfo para investigar minuciosamente suas propriedades, verificou que o referido penicilium quando cultivado em meios adequados deixava solubilizada uma substância que gozava de alto poder antibiótico a qual mereceu a designação de Penicilina. Somente 10 anos mais tarde com Florey e Chain da Escola William Dunn iniciaram uma investigação sistemática dos fatores químicos e biológicos que produzem os antagonismos entre os microorganismos. A leitura do muito que já se havia escrito sobre o tema, as descrições feitas por Fleming e outros, despertaram a sua atenção e decidiram encetar um esforço no interesse de obter a penicilina, princípio ativo dos líquidos nos quais havia crescido o penicilium.

Em 1939 Dubos do Instituto Rockefeller, extraiu das culturas do B. brevis (germen esporógeno do solo) novos agentes antibacterianos em particular a gramicidina.

No Brasil, Fontes Magarão, Silvio Thales e A. Arriagada em colaboração conseguiram no decorrer do ano de 1944, a lise total do bacilo de Koch entre 5 a 10 dias, com culturas de B. subtilis por eles isolados e aclimatados. Utilizando variadas técnicas conseguiram isolar no estado de pureza o princípio ativo, a que deram o nome de Subtilina.

Ressalta a nossa vista o mérito inadmissível desse trabalho, si atentarmos bem para este pequeno trecho que conseguimos obter da sua primeira comunicação:

"Com respeito à subtilina bruta, depois da filtração em vela, ficou demonstrado o seu efeito bacteriostático e a injeção em cobaios, em grandes doses (5cc subcutaneos diariamente) não produz nenhuma reação nem local nem geral. Em cobaios tuberculosos o seu efeito não só sobre o cancro de inoculação como também sobre o ganglios caseificados e lesões do baço e dos pulmões se fez notar por acentuado poder curativo". (Arriagada)

Entre 1944 e 1945, na França Ramon e Richou, estu-

dam em múltiplos detalhes o B. subtilis no que diz respeito ao seu poder atenuante das toxinas tetânicas e diftéricas etc.

Trabalhos recentes de Gaston Ramon e sua escola, Maurice Vallé, de Saint Rat e Olivier, verificaram que o bacilo da peste, o bacilo de Bang, o bacilo diftérico, o bacilo de Prétsz — Nocard sofrem uma inibição total quando semeados em presença dos filtrados de B. subtilis.

Paul Remlinger e J. Bailly verificaram mais recentemente que a "subtilina" inativa em duas horas e meia a 38° o virus rábico.

Assim se processou a marcha de 1877 a 1945 em torno do antagonismo microbiano.

Apresentamos em continuação um resumo das propriedades químicas e biológicas dos antibióticos conhecidos.

ACTINOMICETINA A: extraída do A. albus, tem ação bacteriolítica, é solúvel em água, termolabil, proteíca e precipita pelo álcool.

ACTINOMICETINA B: extraída do A. violaceus, tem ação bacteriolítica, hidrosolúvel e termoestável, insolúvel no álcool e no éter.

ACTINOMICINA A: extraída do A. antibioticus, tem alto poder bacteriostático, é fungicida e fungistática, solúvel no álcool, éter, benzol e cloroformio. Insolúvel no éter de petróleo, coloração alaranjada, muito tóxica.

ACTINOMICINA B: Extraída do A. antibióticus, bacteriolítica para germens Gram positivos, solúvel em éter, álcool e éter de petróleo, incolor.

ALFA-HIDROXIFENAZINA: extraída do Ps. pioceanea, inibe os protozoários.

ÁCIDO ASPERGÍLICO: extraído do A. flavus, tem ação contra as bactérias Gram positivas e Gram negativas, solúvel em álcool, éter, acetona, insolúvel em éter de petróleo, Tóxico.

CITRININA: extraída do P. citrinum e A. candidus, ação so-

bre os germens Gram positivos, precipita pelos ácidos, pulverulenta, solúvel na água e no álcool.

CLAVACINA: (Patulina, Claviformina, Clavatina): extraídas dos A. clavatus, P. patullum, P. claviforme, P. expensum e provavelmente por inúmeros outros cogumelos, age sobre algumas bactérias Gram negativas bem como sobre outras Gram positivas. Solúvel no éter, álcool e água, reveste-se de toxidade.

CLORORAFINA: apresenta ação bacteriostática contra o St. hemolítico e E. coli.

CORYLOPHILINA: produzida pelo P. corylophinum, o qual apresenta um princípio ativo que pode ser purificado e concentrado e é bactericida in vitro: age sobre o estafilococco, estreptococcos hemolítico, pneumococco, colibacilo, trypanosoma equiperdum e treponema palidum. Neutralizada pelo sôro humano é praticamente inativa in vivo. Tóxica.

ENZINA: produzida pelo B. pleomorficus, ativa para a cápsula do pneumococco III.

ESPINULOSINA: produzida pelo P. spinulosum e A. fumigatus, apresenta fraca ação bactericida.

ESTREPTOMICINA: produzida pelo A. griseus, age contra bactérias Gram positivas e Gram negativas, hidrosolúvel e pouco tóxica.

ESTREPTOTRICINA: produzida pelo A. lavendulae, ação nítida sobre várias bactérias Gram negativas, solúvel em água e álcool, insolúvel no éter e cloroformio, pouco tóxica, ativa in vivo.

FLAVACIDINA: (Flavatina, Aspergilina, Ácido gigântico, Parasiticina) apresenta-se muito semelhante a penicilina, é produzida pelo A. Flavus.

FUMIGACINA: produzida pelo A. fumigatus, apresenta intensa ação contra bactérias Gram positivas, tem coloração branca em forma de cristais aciculares, ponto de fusão 185° a 187°, solúvel no álcool, pouco solúvel na água.

FUMIGATINA: oriunda do A. fumigatus, ação enérgica sobre o V. cholerae, B. antracis e S. aureus.

GLIOTOXINA: produzida pelo Trichoderma, Gilocladium fimbriatum e A. fumigatus, fungicida e bactericida.

GRAMICIDINA: proveniente do B. brévis, bacteriostática e bacteriolítica para germens Gram positivos, solúvel em éter e acetona, insolúvel na água.

H-1 (WRIGHT): oriunda de bacilo não identificado, bactericida para germens Gram positivos.

ÁCIDO HELVÓLICO: tem ação bacteriostática e é extraído do A. helvólico, parece ser idêntico a fumigacina purificada.

NOTATINA: extraída do P. notatum e P. chrisogenum, age sobre várias bactérias Gram negativas e positivas, age em presença de glicose.

PENATINA: idêntica a anterior.

PENICIDINA: extraída do S. Penicilium, age sobre bactérias Gram negativas, solúvel no éter e cloroformio, insolúvel no éter de petróleo.

PENICILAMINA: oriunda do P. notatum, bactericida e derivada da Penicilina.

ÁCIDO PENICÍLICO: oriundo do P. puberulum, P. ciclopium, incolor e hidrosolúvel, age sobre várias bactérias tanto Gram positivas como Gram negativas.

ÁCIDO PENILICO: vem do P. notatum, bactericida e derivado da Penicilina.

PENICILINA: oriunda do P. notatum, P. chrisogenum, e A. flavus, apresenta intensa ação sobre bactérias Gram positivas aerobias e anaerobias, solúvel no álcool e água, termolabil, baixa toxidez, ação in vivo.

PENICILINA B: oriunda do P. notatum, não é dializável, só age em presença de glicose.

PIOCIANASE E PIOCIANINA: extraídas da Ps. aeruginosa, apresentam ação sobre bactérias Gram positivas.

PROACTINOMICINA: age sobre o gênero Neisseria.

ÁCIDO PUBERULICO e PUBERULONICO: oriundos ambos do P. ciclopium viridicatum, P. johanioli e P. aurentio virens, Bacteriostaticos.

TIROCIDINA: vem do B. brévis, ação bacteriolítica.

TIROTRICINA: idêntica a anterior, fonte da tirocidina e gramicidina.

Como vimos a lista é numerosa, e mais ainda serve para mostrar o interesse que os trabalhos de Fleming despertaram em todos os pesquisadores. Outro interesse não tivemos citando essa breve sinopse histórica acima referida, senão salientar mais e mais os méritos de Fleming.

Somente pedantes e ridículos, poderiam se aproximar com uma lente para observar se no pedestal sobre o qual se ergue Fleming, não existe outro precursor que tenha contribuído com algumas pedrinhas.

BACILUS SUBTILIS

Subtilis: penetrante, que se infiltra por todas as partes. Que se imiscue mui facilmente.

(Laudelino Freire)

Isolamento e Caracteres Gerais

O Bacilus Subtilis foi pela primeira vez estudado por Ehremberg e revisto por Cohn em 1872. Prazmowski em 1880 criou o gênero Bacilus para os bastonetes esporulados Gram positivos aerobios; aí colocando o Bacilus Subtilis. Ao gênero Clostridium também criado pelo referido autor ficaram atinentes os bastonetes Gram positivos esporulados anaerobios.

O Bacilus Subtilis é considerado como a espécie mais disseminada que se conhece; os seus espóros são encontrados em abundância no ar, nas poeiras, na água e nas camadas superiores do solo. É o contaminador habitual das culturas microbianas. São encontrados freqüentemente nas plantas frescas ou sêcas, principalmente no fêno que dada a sua freqüência foi chamado vulgarmente de bacilo do fêno. (Heubacilus). São encontrados em número exagerado nos excrementos dos herbívoros, pois são por estes naturalmente ingeridos e resistem a ação dos sucos digestivos.

Existem, não resta dúvida, vivendo nas mesmas condições inúmeras outras espécies, com caracteres mui vizinhos, o que em um estudo atento pode ser isolado convenientemente, com perfeita diferenciação — o grande número de espécies com caracteres semelhantes foi, provavelmente a causa das divergências existentes a seu respeito.

A espécie que ora tratamos foi obtida pela fervura de uma maceração de fêno, previamente neutralizada, durante 15 minutos. De uma maneira geral os outros germens não resistem à essa temperatura. A seguir a maceração é resfriada a 30° e no fim de 2 dias observa-se na sua superfície um véu característico.

O exame microscopico revela que as celulas microbianas apresentam-se com o aspecto de bastonetes celindricos com as extremidades arredondadas, medindo de 4 a 5 micra de comprimento por 0,7 a 0,8 micra de largura.

Dispõem-se na preparação em formas isoladas ou formando cadeias mais ou menos longas e na superficie dos meios liquidos formam por reunião, véus mais ou menos espêssos. Apresentam movimentos extremamente ativos os quais devidos a cilios já descritos por Koch, que os verificou utilizando a impregnação desses germens com extrato de pau campeche. Os metodos atuais de coloração de cilios nos revelam que êles se dispõem em número de 10 ou 12, disseminados por toda a periferia do bastonete, e são notados principalmente nas formas isoladas. As cadeias são moveis como as formas isoladas si bem que apresentem um movimento mais lento e ondulatorio; os elementos celulares que dispõem-se nas extremidades da cadeia são providos de um cilio na extremidade livre, desde que a cadeia venha a fragmentar-se, os germens recem isolados adquirem rapidamente os seus cilios. A divisão dos bastonetes faz-se rapidamente e pode ser vista facilmente na preparação. Verifica-se que a reprodução está em função direta da temperatura; pois a 21.° dá-se uma divisão cada tres quartos de hora e a 35.° a divisão processa-se em vinte minutos.

Os esporos são encontrados e formados rapidamente no interior dos bastonetes e principalmente nas culturas. Interessante observar o germen que vai esporular: torna-se imovel e uma mancha de tonalidade escura aparece na parte mediana ou na extremidade, esta mancha cresce torna-se ovoide e salienta os contornos, o espóro toma aspecto curto e cilindrico ou quasi esférico e acentúa-se os contornos da membrana. Um vez o espóro formado, o bastonete torna-se imovel, mais tarde a membrana disso-

cia-se e o espóro é posto em liberdade e vão ao fundo do vaso quando o meio é líquido ou germinam quando transplantados. Possuem em média 1,2 micra de comprimento por 0,6 micra de diâmetro e são envolvidos frequentemente por um contorno de protoplasma, restos do conteúdo da celula mãe.

A germinação pode se processar em 12 horas na temperatura normal, a germinação dá como resultado os bastonetes pelo fendilhamento da membrana no seu menor diâmetro, é frequente nas formas vegetativas jovens notar-se as duas válvulas da membrana do espóro acopladas na extremidade do bastonete.

A coloração nas formas vegetativas torna-se facil, são Gram positivos. Os espóros são corados pelos metodos especiais para esse fim.

OBacilus Subtilis comporta-se nas culturas como um germen verdadeiramente aerobio. Não se desenvolve em absoluto na ausência do oxigênio. As células vegetativas tornam-se imoveis e os espóros não germinam dêsde que escasseie o oxigênio. O B. Subtilis desenvolve-se exclusivamente na superficie dos meios denotando sua avidez pelo ar, formando espêssos véus, que isolam o restante do meio de cultura do contacto da atmosféra, permitindo até a cultura de germens anaerobios verdadeiros na profundidade.

Desenvolvem-se com facilidade nos meios nutritivos comuns.

Em placas de Gelatina, apresenta em 24 horas, pequenas colonias redondas amareladas, discoides, as quais espalham-se em placas transparentes com bordos sinuosos penetrantes na gelatina sob a forma de filamentos, o centro vai se deprimindo gradualmente para no fim de quatro dias começar a se liquefazer; a liquefação aumenta progressivamente para deixar ao fim uma cavidade cheia de grumos. Em picada, nota-se uma estria cinzenta-esbranquiçada a qual liquefaz o meio que toma o aspecto de dedo de luva.

Em gelose; há formação de uma camada branca lei-

tosa, tôda pregueada, tomando mesmo um aspecto de folha sêca, com tendência a tomar conta de tôda a superfício do meio, um dos característicos destes germens é que suas colonias são aderentes na gelose.

Na Batata: forma na temperatura normal de laboratório, um enducto espesso cremoso com bordos recortados, nas culturas velhas têm-se a impressão de polvilhado de farinha.

No Caldo de Carne: nota-se turvação no inicio para em seguida formar-se na superficie um delgado véu que espessa-se, aderindo as paredes do vaso e formando no fundo do recipiente um deposito mínimo constituido por espóros.

No Leite: verificamos a coagulação sem formação de ácido, e consequente dissolução do coagulo.

As culturas não apresentam odor.

Uma das propriedades mais notaveis do Bacilus Subtilis é a dêle ser completamente inofensivo para os organismos animais.

Pode ser introduzido em doses consideraveis sem a menor alteração sem qualquer acidente nos animais.

Wyssokowitsch, notou que os seus espóros, injetados nas veias, fixam-se no figado e no baço onde podem ser encontrados muito tempo depois em estado de germinar, sem que êstes órgãos resintam-se de sua presença.

Êstes característicos foram decisivos no tempo de Buchner, que confundiu lamentavelmente o Bacilus Subtilis com o Bacilus Antracis.

As provas usuais para a perfeita determinação da especie fundamentam-se nos seguintes caracteres:

Aerobio — Movel — Peritrichio.

Espóros: ovoides ou cilindricos, central ou sub central.

Gelatina: Liquefeita.

Dextrose e Sucrose: há produção de ácido.

Lactose: não há produção de ácido.

Agar: presença de colonias aderêntes:

No caso que estudamos, como o isolamento foi feito a partir do fêno o qual pode estar poluido por terra, é de tôda conveniência diferenciar principalmente do B. anthracis bem como de outros germens tais com o B mycoides e B.mesentericus, isso fizemos seguindo de perto a orientação indicada por Kolmer e Boerner que se encontra no seguinte quadro:

Germen	Motilidade	Soro Sanguineo	Leite	Virulencia (cobaia)
B.antracis	Ausente	Nenhuma digestão ou pequena	Acido e coagulação	Virulento
B.subtilis	Presente	Digestão	Alcalino	não virulento
B.mycoides	Presente	Nenhuma digestão	Acido sem coagular	não virulento
B.mesentericus	Presente	Pequena digestão	Acido sem coagular	não virulento

FILTRADO DE BACILUS SUBTILIS — PREPARAÇÃO

Utilizamos na preparação dos filtrados, culturas de B.Subtilis por nós isolados a partir do fêno conforme técnica descrita acima.

Uma vez obtida a película característica na infusão do fêno, transplanta-se por esgotamento numa série de tubos de gelose simples, a-fim-de obtermos o afastamento de outros esporulados possíveis em tais infusões.

Finalmente obtido o germem em estado de pureza, torna-se necessário a presença de meios de cultura adaptados a obtenção de filtrados os mais ativos possiveis.

Inicialmente utilizamos os meios aconselhados por Ramon-Richou, ou sejam a base de feijão, farelo, farinha de trigo, centeio, etc., adicionado ou não de acetato de sódio.

Uma das formulas por nos usadas tinha a seguinte composição:

decocção de farélo de trigo (40 0/00)
filtrar, ajustar pH 7,3 e adicionar
farinha de centeio 20 grs 0/00
levedura 4 " 0/00
acetato de sódio 8 " 0/00

distribuir em balões de 500 cc e esterilizar a 120°, 3/4 de hora.

A seguir semeia-se uma alçada de B.Subtilis previamente isolado em gelose e leva-se a estufa a 36°, durante 10 dias, no fim dos quais filtra-se em velas Chamberland L 2.

Inegavelmente o meio apresenta-se com ótimo desen-

volvimento logo no primeiro dia, dando excelente riqueza em propriedades antagonicas. Mas as dificuldades são imensas no que tange a filtração em velas de porcelana, não só devida a lentidão da filtração mas principalmente em virtude da viscosidade do meio pelo fato de apresentar materias amilaceas e mucilagens oriundas da decocção da farinha. Aliás, o próprio autor do meio refere-se a essa dificuldade, propondo mesmo a substituição dos meios de base vegetal, por outros de base química definida utilizando o meio de Sauton com pequenas modificações. O meio de Sauton proposto por Ramon-Richou é o seguinte:

Asparagina	4 grs.
Glicerina	50 "
Acido citrico	2 "
Fosfato bipotássico	0,50 "
Citrato de ferro amoniacal	0,05 "
Sulfato de magnesio	0,50 "
Água de torneira	1.000 cc.

O meio é ajustado ao pH 7,2 e distribuído em balões de capacidade variavel sofrendo a seguir uma esterilização durante 40 minutos a 115°.

Faz-se a inoculação de uma alçada do B.Subtilis oriundo da gelose e conserva-se na estufa a 27°, durante 10 dias. A seguir filtra-se em vela Chamberland L3.

Verificamos que a filtração e a riqueza em propriedades antagonicas é francamente favoravel. No entanto só podemos usar o meio de Sauton poucas vezes, em virtude da dificuldade que tivemos em obter certos componentes da sua formula.

Deante desse imprevisto tivemos a liberdade de experimentar o caldo peptonado a 2% e obtivemos resultados mais ou menos semelhantes com reais vantagens na preparação, filtração e facilidade de confecção. A peptona utilizada foi a de Witte e o pH 7,3.

A preparação do caldo de carne foi a descrita por O.Bier na sua Bacteriologia.

Como nas preparações anteriores o B.Subtilis é semeado em condições idênticas e levado a estufa à 36°, quando então é filtrado em vela de Chamberland L3.

AÇÃO ANTAGONICA DO FILTRADO DO BACILUS SUBTILIS SÔBRE O STREPTOCOCCUS PYOGENES, BACILO DE SHIGA E BACILO DE FLEXNER.

Antes de mais nada, devemos dizer que em todas as experiências por nós efetuadas, utilizamos apenas o filtrado "bruto". Deve-se notar igualmente, que a filtração quasi sempre se processa lentamente, o que póde redundar em um enfraquecimento do poder antagonico do filtrado devido a adsorção da maior parte dos fermentos pela vela.

Antes de estabelecermos qualquer prova de antagonismo, devemos como aconselha Ramon fazer um teste inicial, o qual consiste em verificar o poder gelatinolitico; êsse poder é avaliado dêsde que encontremos a menor quantidade de filtrado que seja capaz de produzir no espaço de 4 horas na temperatura de 35°, a gelatinolise de 1cc. de gelatina preparada nas seguintes condições:

Gelatina	3 grs.
Água fisiológica	100 cc.

Isto posto devemos acrescentar que a menor quantidade de filtrado capaz de provocar a gelatinolise, nas condições acima descritas corresponde a unidade gelatinolitica

Os filtrados por nós obtidos apresentaram os seguintes valores:

Vegetação em meio Ramon	a 30° 5.000 unidades
Vegetação em meio de Sauton	a 30° 2.000 unidades
Vegetação em caldo peptonado	a 30° 1.500 unidades

Uma vez determinados os valores gelatinoliticos, passamos a verificar no filtrado obtido as propriedades bacteriostaticas, bactericidas e bacterioliticas em relação ao

B.pyogenes, B.Shiga e B.Flexner seguindo a técnica abaixo discriminada:

a) **Ação bacteriostatica.**

A ação bacteriostatica é posta em evidência realizando o seguinte ensaio: distribuem-se em pequenos tubos de ensaio quantidades variaveis do filtrado ou sejam 4cc. 1cc. 0,50cc. 0,25cc. 0,10cc, etc. a seguir adicionamos um volume fixo (4cc) de caldo nutritivo adaptado a bacteria em prova. Em seguida acrescentamos a essa mistura 0,1 da cultura de 24 horas em meio liquido da bacteria em prova. A preparação é levada à estufa onde permanece de 24 a 48 horas, verificando-se a presença de vegetação microbiana.

Os resultados por nós obtidos, utilizando filtrados de cultura de B.Subtilis em caldo peptonado estão resumidos abaixo:

Tubo n.º		Veg. 24h.	Após 48h.
1	4cc de filt. + 0,1cc de cultura de S.pyogenes	—	—
2	2cc de filt. + 4cc de caldo + 0,1cc de cultura de S.pyogenes	—	—
3	1cc de filt. + 4cc de caldo + 0,1cc de cultura de S.pyogenes	+	+
4	0,5 de filtrado + 4cc de caldo + 0,1cc de cultura de S.pyrogenes	+	+
5	4cc de filtrado + 0,1cc de cultura B.shiga	—	—
6	2cc de filtrado + 4cc de caldo + 0,1cc de cultura de B.shiga	—	—
7	1cc de filtrado + 4cc de caldo + 0,1cc de cultura de B.shiga	—	—
8	0,50 de filtrado + 4cc de caldo + 0,1cc de cultura de B.shiga	—	—
9	0,25 de filtrado + 4cc de caldo + 0,1cc de cultura de B.shiga	+	+
10	0,1cc de filtrado + 4cc de caldo + 0,1cc de cultura de B.shiga	+	+
11	4cc de filtrado + 0,1cc de cultura de B.Flexner	—	—
12	2cc de filtrado + 4cc de caldo + 0,1cc de cultura de B.Flexner	—	—
13	1cc de filtrado + 4cc de caldo + 0,1cc de cultura de B.Flexner	—	—
14	0,5 de filtrado + 4cc de caldo + 0,1cc de cultura de B.Flexner	—	—
15	0,25 de filtrado + 4cc de caldo + 0,1cc de cultura de B.Flexner	+	+
16	0,10 de filtrado + 4cc de caldo + 0,1cc de cultura de B Flexner	+	+

Verificamos no quadro exposto que 2cc de filtrado de B subtilis adicionado de 4cc de caldo impede o crescimento do B. Pyogenes. Verificamos também que 0,5cc do mesmo filtrado misturado a 4cc de caldo impede totalmente o desenvolvimento tanto do B. Shiga como do B. de Flexner.

b) Ação bactericida.

A ação bactericida determinamos, transportando 0,5cc das misturas que satisfizeram a ação bacteriostática, após prévia exposição de 3 dias à temperatura da estufa, para tubos contendo 4cc de caldo nutritivo deixando 24 a 48 horas na estufa a 37°; resumidos no quadro a seguir as nossas observações:

	Veget. 24h.	Após 48h.
4cc de caldo + 0,5cc n.° 1 da prova anterior	—	—
4cc de caldo + 0,5cc n.° 2 de prova anterior	+	+
4cc de caldo + 0,5cc n.° 3 da prova anterior	+	+
4cc de caldo + 0,5cc n.° 4 da prova anterior	+	+
4cc de caldo + 0,5cc n.° 5 da prova anterior	—	—
4cc de caldo + 0,5cc n.° 6 da prova anterior	—	—
4cc de caldo + 0,5cc n.° 7 da prova anterior	—	—
4cc de caldo + 0,5cc n.° 8 da prova anterior	—	—
4cc de caldo + 0,5cc n.° 9 da prova anterior	+	+
4cc de caldo + 0,5cc n.° 10 da prova anterior	+	+
4cc de caldo + 0,5cc n.° 11 da prova anterior	—	—
4cc de caldo + 0,5cc n.° 12 da prova anterior	—	—
4cc de caldo + 0,5cc n.° 13 da prova anterior	—	—
4cc de caldo + 0,5cc n.° 14 da prova anterior	—	—
4cc de caldo + 0,5cc n.° 15 da prova anterior	+	+
4cc de caldo + 0,5cc n.° 16 da prova anterior	+	+

Verificamos segundo o quadro acima que 2cc do filtrado adicionado a 4cc de caldo impede e paralisa o poder vegetativo do Streptococco; e que 0,5cc do filtrado nas mesmas condições impede e paralisa o poder vegetativo não só do bacilo Shiga, como do bacilo de Flexner.

c) Ação bacteriolítica.

A ação bacteriolítica foi por nós verificada através da seguinte experiência:

Em um volume fixo de 2cc usamos quantidades variáveis de filtrado e água fisiológica, em seguida adicionamos 0,5cc das culturas recentes dos germens em estudo e o fenômeno de lise foi constatado após exposição de 72 horas na estufa a 37° aplicando como teste a classificação completa da mistura.

Os resultados obtidos estão expostos abaixo:

	Veget. após 3 dias
2cc de filt. + 0,5cc de S.pyogenes	+
1,5cc de filt. + 0,5cc de sol. fisic. + 0,5cc de S.pyogenes	+
1cc de filt. + 1cc de sol. fisio. + 0,5cc de S.pyogenes	+
0,5cc de filt. + 1,5cc de sol. fisio. + 0,5cc de S.pyogenes	+
2cc de sol. fisio. + 0,5cc de S.pyogenes	—
2cc de filt. + 0,5cc de B.Shiga	+
1,5cc de filt. + 0,5cc de sol. fisio. + 0,5cc de B.shiga	+
1cc de filt. + 1cc de sol. fisio. + 0,5cc de B.Shiga	+
0,5cc de filt. + 1,5cc de sol. fisio. + 0,5cc de B.Shiga	+
2cc de sol. fisio. + 0,5cc de B.shiga	—

O mesmo sucede para o B. Flexner.

Assim verificamos a ação bacteriolítica do filtrado.

* * *

CONCLUSÕES

Os filtrados obtidos a partir de culturas de B. Subtilis em caldo peptonado, apresentam propriedades bacteriostaticas, bacterioliticas e bactericidas em graus variaveis, para o S. Piogenes, B. Shiga e B. Flexner.

* * *

Nota: — Os germens utilizados em nossas experiências definitivas, foram obtidos da coleção do Prof. Xavier Vianna.

OBRAS CONSULTADAS

Revistas e Jornais:

Archivos de Biologia — setembro e outubro 1946
Biologia Médica — Vol. III — junho 1945
Boletim Médico — Scientífico — setembro e outubro 1945
Boletim Médico — Scientífico — julho e agosto 1946
Discovery — abril 1945
Distribuição dos fungos antagônicos na Natureza e sua ação antibiótica — Selman Waskhan — E. Horming
El Farmaceutico — janeiro 1944
Imprensa Médica — julho 1944
O Hospital — julho 1946
Presse Medicale — G. Ramon e R. Richou — 28-7-1945
Revue de Imunologie n.º 5-6 — 1944 — 1945
Scienciais — n.º 2 — 1946

Livros:

Bergey — Manual of Determinative Bacteriology — 1939
Besson — Tecnique Microbiogique — 1928
Calmette Negre et Boquet — Microbiologie et Serologie — 1926
Carvalho Lima — Bacteriologia — 1934
Doyen et Roussel — Atlas de Microbiologie

Gotschlich e Schurmann — Microparasitologia y Serologia — 1923

Haduroy — Dictionaire des Bacteries Patogenes

Kolmer e Boerner — Tecnica de Laboratorio — 1939

Lecort — Bacteriologia e Imunologia — 1940

Lacorte — Bacteriologia e Imunologia — 1940

Mondolfo — Microbios Vencidos — 1945

Oto Bier — Bacteriologia e Imunologia

Stich — Bacteriologia y Esterilizacion — 1923

* * *

ESTUDO DA AÇÃO TERAPÊUTICA DA ÁGUA PROVENIENTE DA FONTE SANTA TEREZINHA.

"Trabalho apresentado, na Associação Médica do Paraná, em sessão de 12 de fevereiro de 1947.

Por insistência do Dr. Sousa Brazil, proprietário da Fonte Santa Terezinha existente na cidade de Castro, neste Estado, juntamente com o Dr. Libanio Cardoso ilustre médico alí residente, aceitamos a incumbência de estudar as possíveis ações terapêuticas da água que dessa fonte emana.

Aceitamos, não sem pensar nas dificuldades que iria encontrar, pois que tais estudos constituem capítulo quasi novo no que se refere as águas minerais de nosso Estado. Tudo se encontra por fazer, para que possamos sair desse verdadeiro empirismo que se encontra a Crenoclimatoterapia cujos resultados tem beneficiado a inúmeros portadores, das mais variadas afecções.

Abandonar semelhante tarefa seria ignorar aquelas linhas tão cheias de encanto e de acerto do Prof. Austregesilo quando diz: "Não sou feiticista a ponto de crêr na infalibilidade da hidriatia ou da crenoterapia; mas confesso-me um crente na ação misteriosa das fontes, que nos dão às vezes lições tremendas de aprendizado clínico".

As dificuldades que previamos foram encontradas e na maioria não foram diminuidas, pois que a Crenologia na realidade deve ter como fundamento básico a observação clínica mas precisa para ser eficiente que seja acompanhado de estudos químicos, realizados na própria água, dados climáticos e pormenores geológicos. E além de tudo de uma organização técnica que centralize resul-

tados analíticos e experimentais capazes de fornecerem aos médicos instruções dignas de fé. Torna-se isto indispensável para que possamos dar um sentido mais científico à utilização das fontes minerais do Paraná.

Sabemos que para um estudo Crenológico a tendência atual orienta-se para a verificação dos poderes antitóxicos, agocíticos, anagocíticos, antianafiláticos e hormo estimulador exercidos pela água.

Estudo esse que deve ser feito in vivo com observações clínicas sistemáticas utilizando processos de exploração biológica comuns a farmacodinâmica.

Queremos perfilhar com Bruno Lobo quando se refere, nem sempre ser possível explicar em laboratório, após os dados fornecidos pela observação das propriedades físico-químicas de uma água, às propriedades farmacodinâmicas observadas. O aparelho principal que deve ser utilizado é o organismo humano. Estudar os efeitos sobre o mesmo é o mais exato. E reforçando ainda mais este parecer pontifica Renato de Sousa Lopes o qual produz uma magnífica definição dizendo que água mineral deve ser: "toda água mineral proposta ao consumo em razão de propriedades terapêuticas ou higiênicas especiais".

O que terminamos de expor não deve ser levado ao extremo, pois devemos ter presente que muitas vezes a composição química e física responsabiliza determinada ação terapêutica de uma água, desde que uma análise revele a existência de elementos os quais, em quantidades mais ou menos elevadas, possam agir isoladamente. Por outro lado embora conhecendo a quantidade existente de um elemento ativo, não estamos autorizados a deduzir daí, o grau terapêutico que a água apresenta. Citamos um exemplo já clássico devido a Kopazewski: "a fonte Grand Grille de Vichy com 5 grs. de Bicarbonato de sódio, possue ação muito mais pronunciada que a de Vals Rigolete cujo resíduo é de 8 grs. Esta devia ser terapêuticamente mais ativa. Bezancon em 1932, a esse fato manifestou-se escrevendo o seguinte: Fizeram muito justamente observar que as águas do tipo Vichy não saturam simplesmente a acidez gástrica pelas doses relativamente mínimas de

bicarbonato de sódio que elas encerram e que não são em média de 5 grs. por litro; elas chegam entretanto a produzir efeitos pelo menos iguais, senão superiores aos de fortes doses dessa substância. Deduziu-se que outros elementos intervinham para determinar esse resultado. Serão a termalidade, a radioatividade, a presença de outros sais contidos nas fontes? Não se saberia presentemente dizê-lo".

Em geral este é o conceito emitido por Crenologistas, mostrando ser impossível a relação entre ação terapêutica e composição química.

Do enunciado podemos prever abusos inevitáveis, sinão se fizer sentir e agir uma fiscalização rigorosa para observar diretamente a ação farmacodinâmica apresentada por determinada água.

Felizmente, o Decreto-Lei n.° 7.841 de 8 de agosto de 1945 o qual regula as águas minerais, procura solver satisfatoriamente essas ocorrências pois através de seu desenvolvimento verificamos disposições que impedem, que águas com diminuta mineralização sejam passíveis de serem utilizadas coletivamente, desde que apresentem propriedades terapêuticas incontestes.

E por motivos particulares do proprietário da Fonte Santa Terezinha, nos vimos na contingência de encetar com o Dr. Libanio, e com os recursos locais, os trabalhos, a que nos propuzemos.

A Fonte Santa Terezinha está localizada em um estabelecimento balneário na cidade de Castro. Esta cidade está a 1.005 metros de altitude.

A Fonte consiste em uma vertente abundante de água que deve vir de profundidade regular. Encontra-se a mesma dentro de um jardim e é captada a 12 metros de profundidade ,existindo para esse fim instalações adequadas. Encontra-se nas proximidades um balneário de aspecto agradável com banheiros esmaltados nos quais a água é super aquecida para ser usada em banhos .

Obtive resultados de várias análises da referida água procedida em vários departamentos tais como D.N.S.P.

o Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas e em todos os laudos se notou logo a baixa mineralização não havendo mesmo nenhum elemento predominante, o que para satisfazer uma classificação de acordo com a legislação vigente, esta água, se encontra entre as chamadas Oligominerais, isto é, aquelas águas em que as substâncias minerais se acham em proporções reduzidas chegando mesmo a existirem poucos centígramas por litro, estando mesmo muitas vezes, próximas das águas potáveis de fonte. No Brasil contam-se inúmeras águas enquadradas neste setor desde as de mineralização extraordinariamente diminutas como as de Cambuquira com 18 mgs. por litro até a da Fonte em questão que apresenta 0,077 mgs por litro.

Entre as Fontes Oligominerais existem as termais e as frias; as da fonte em questão estão entre as frias; pois que a sua temperatura constante é de 19°. De notar também o odôr levemente de gás sulfídrico, o que segundo Robin e Bardet lembram um dos caractéres das águas sulfo-sódicas simples, pois o odôr sulfídrico nestas fontes segundo os mesmos autores só aparece quando a água é posta em contacto com o ar pela libertação do hidrogênio sulfurado.

Como é sabido as águas oligominerais apresentam metais em reduzidas proporções sob fôrma coloidal, aos quais atribuem-se ação catalítica.

Uma vez de posse destes dados, fornecidos nos dispuzemos a verificar as ações terapêuticas dessa água.

A primeira observação e a que mais surpreende é a abundante diurése verificada, após 20 a 30 minutos da ingestão hídrica, pois a absorção pelo tubo digestivo desta água é rápida principalmente quando ingerida em jejum e com lentidão, o que constitue um dos mais salientes característicos das águas oligominerais. — Segundo Sammartino citado por Marfori, elas atravessam ràpidamente o organismo eliminado-se pelos rins, efetuando assim uma grande lavagem interna, atravez da qual é possível a eliminação dos produtos catabólicos dos tecidos, e essa ação é devida em grande parte a presença de metais em estado

coloidal, isto é, capazes de agirem como fermentos inorgânicos, ativando os processos de oxidação celular, seja diretamente que a ação diurética está em relação direta com a quantidade absorvida e neste caso a diurése torna-se elevada com a introdução de 2 litros ao dia, tal dóse torna até desagradável a certas pessoas dada a imperiosidade de micção. Tivemos oportunidade de verificar várias vezes em dosagens sucessivas o aumento da eliminação do ácido úrico, eliminação que atingiu em um caso a 1,50 por litro de urina.

As curas hidro-minerais são curas de desintoxicação e desensibilização não específicas, corrigindo as insuficiencias das funções dos órgãos; nêste caso particular quer nos parecer que em razão de seu pequeno teôr em enxofre, absorvidas pelo intestino atuam sôbre o figado pela sua ação colagoga, ajudando a eliminar pela urina os resíduos oriundos da constipação intestinal na fórma de éteres sulfo-conjugados.

As manifestações da constipação no que se referem ao aparelho digestivo tais como perda de apetite, língua saburrosa, máu halito, na opinião de Alvarez, são devidas a pequenas ondas de contração, que se originam na parede do intestino carregado, e que se propagam em sentido contrário sôbre o intestino delgado, estômago e o esôfago.

Um forte argumento a favor de um elemento tóxico estar influindo nos sintomas referidos, é o fato positivo de que muitos pacientes afetados dêste estado, mesmo em gráu acentuado, não excretam Indican na urina, e como foi mencionado acima, outros indivíduos que por alguma razão desconhecida, excretam grande quantidade desta substância, permanecem livres dos sintomas.

Podemos admitir igualmente que as pequenas quantidades de enxofre principalmente sob as fórmas de sulfatos vá ter influência na formação do Glutation que é um composto sulfihidrilado, descoberto por Hopkins em 1921 no levedo de cerveja e no fígado, mostrou-se que a hidrólise ácida do Glutation resulta três ácidos aminados: ácido glutâmico, cistina e glicina, ficando estabelecida sua natureza tripeptídica. O interesse bioquímico do Glutation reside no grupo SH (sulfidrila) existente na sua molécula.

No diabete Campanacci e outros notaram a diminuição do Glutation no sangue. Beaux encontrou o Glutation diminuido na insuficiência suprarenal, entre nós, Gilberto Vilela encontrou em três casos de Ictericia, uma acentuada dificiência do Glutation no sangue.

As águas oligominerais tem o apoio de Bilard e Loeper os quais aconselham mesmo doses fracas considerando que vale mais a qualidade que a quantidade.

Lumiere provou experimentalmente que a maior parte das moléstias agudas podiam ser provocadas nos animais, dêsde que se injete na sua circulação substâncias precipitadas insolúveis, incapazes de reagir quìmicamente sôbre os líquidos orgânicos e não exercendo, por conseguinte, seu efeito primitivo senão por um processo puramente mecânico, Glenard afirma textualmente: "As desordens patológicas assim provocadas ou produzidas, variam essencialmente, segundo a fórma física das substâncias precipitadas que se faz penetrar nos vasos". Doses extremamente fracas, digamos homeopáticas, podem ter uma ação notável. Esta ação se manifesta pela ação de floculados os quais exercem uma irritação excitadora sôbre as terminações endovasculares da rêde simpática; fácil seria para nós a explicação de grande número de fatos se um exame últra-microscópico revelar granulações visíveis ou sejam coloidais na água da Fonte Santa Terezinha, pois sôbre a ação das águas chamadas catalíticas, já o Dr. Orozimbo Corrêa Neto, tem realizado bem fundamentados estudos.

Estavamos nos referindo a uma das mais acentuadas ações terapêuticas da água Santa Terezinha, a diurética. Esta ação constitue uma das características das águas oligominerais e no nosso caso a dose que melhores resultados produzem não fogem da regra isto é, 2 litros diários promovem abundante diurése. As propriedades diuréticas das águas minerais estão em estreita relação com a sua hipotonia que favorece a absorção rapida e abundante, daí resultando a hidremia, esta hidremia por sua vez é momentânea, porque a água em excesso é eliminada provocando uma abundante diurése. Também determinados elementos químicos podem tornar mais evidentes esta

ação, o ion cálcio neste particular reveste-se de grande importância. Para Violle as águas oligominerais que contem cálcio estimulam o epitelio renal, como demonstra o aumento do ácido hipúrico secretado pelo rim após a ingestão de ácido benzóico e glicocola simultâneamente com água mineral. Mancini também observou que o cálcio adicionado a líquido que irrigue o rim em quantidades acima do normal, provoca poliuria; Coronedi notou que além da ação renal de certas águas minerais, convém salientar uma dupla ação renal, que consiste não só na hidremia mas também nas profundas modificações do metabolismo, provocadas pelas ditas águas: sempre acompanham a poliuria, vários princípios urinários como o ácido úrico, uratos, indol, escatol, etc..

É de notar também a ação dos banhos com a referida água desde que se observem certos cuidados referentes a temperatura, verificou-se que os banhos de imersão com a água na temperatura vizinha de 34°, são essencialmente calmantes e podendo ser prolongados, deles beneficiam-se principalmente os casos de excitação nervosa e algumas nevralgias. Os banhos com temperaturas variando entre 37° a 40° promovem uma vaso dilatação periférica com descongestionamento profundo, são analgésicos e estimulam o sistema nervoso central, aumentam a freqüência respiratória, ativam a circulação e a leucocitose favorecendo as oxidações orgânicas e a reabsorção dos exsudatos. E deles beneficiam-se principalmente os estados congestivos crônicos, articulares e cutâneos.

Podemos pelo exposto e pelas numerosas observações clínicas cuidadosamente coligidas pelo Dr. Libanio e mesmo por vários e ilustres médicos deste Estado, chegar a um traçado das mais eficientes indicações terapêuticas das águas da Fonte Santa Terezinha.

São beneficiados os casos em que predomine a diatese úrica ou oxálica, principalmente quando apresentarem concreções nas visceras e demais tecidos como a litiase renal, tôfos, etc..

Nas afecções externas estas águas produzem resul-

tados satisfatórios em certas dermatoses principalmente nos eczematosos, nas úlceras atônicas, nas varizes e flebites, desde que se associe a ingestão, ao banhos de imersão.

Devemos ter presente as contraindicações o que aliás constituem a regra em quase todas as águas Oligominerais.

Não devem fazer uso dessa água as pessoas que se encontrem nas idades extremas da vida, as que apresentam arteriosclerose, hipertensão, cardiopatias descompensadas, tuberculose em geral, cachexia e diabetes juvenil.

São também contra indicados nos casos de atonia e dilatação gástrica.

Quanto a maneira de usar o líquido desta fonte, quer nos parecer que a ingestão de 100 a 200 c.c. com intervalos de 15 a 20 minutos entre uma dose e outra não excedendo de três litros ao dia; á pessoas que ingerem quantidades extremamente altas chegando mesmo a ingestão de 40 a 50 copos diários o que não é absolutamente aconselhado. No entretanto não existem restrições severas na quantidade a ingerir, a não ser as reservas circulatórias e digestivas, pois como estas águas são pouco mineralizadas não se notam alterações como nas águas de mineralização mais elevadas.

Destinada a balneação, possui a Fonte uma balneário com aquecedor adaptado devendo os aquáticos iniciarem sempre os banhos em geral a 33° e ir aumentando lentamente a temperatura, até 37° a 38°.

A duração de cura está compreendida entre 15 a 20 dias.

E ao terminar esta exposição na qual procuramos por em relevo, de uma maneira sucinta, o que verificamos e pudemos anotar de interessante no que diz respeito a ação terapêutica da água da Fonte Santa Terezinha, não resistimos a tentação de transcrever este trecho do Dr. Eurico Branco Ribeiro, iniciador do estudo, sobre as águas do Paraná, escrevendo: "O progresso das nossas estações

de águas tem sido, sobretudo, resultante desse poder invencível que é a credulidade do povo. Ela é que divulga a existência da fonte, que obriga o proprietário a explorá-la, que impõe os primeiros melhoramentos, que desperta a atenção da classe médica e que reclama os favores do poder público, e essa credulidade nasce do empirismo..."

ANTI-VITAMINAS E ANTI-HORMÔNIOS

Além dos componetnes normais, tais como, lípideos glucidios, protidios, águas e sais minerais, necessárias a nutrição normal, quer dos animais superiores, quer dos microorganismos, existe uma série de compostos de constituição química, geralmente diferenciado as quais V. Euler, reuniu com o nome de ergosimas ou ergonas as quais são as seguintes: 1.° **Vitaminas;** bio-catalisador exógeno que o organismo recebe com os alimentos; 2.° **Hormonios,** bio-catalisadores endógenos produtos de secreção de grandulas endócrinas; 3.° **Fermentos,** que existem em todas as celulas e presidem todas as reações bioquímicas. São em grande número as publicações existentes, com referência as ergosimas; razão porque achamos de interesse por em evidência, sob a denominação comum de anti-ergosimas ou anti-ergomas as substâncias de grande especifidade paralisadora da ação biológica das vitaminas e hormônios, conforme diz Santos Ruiz. Em virtude desses novos fatos terem revolucionado a quimioterapia moderna, para isto seguindo a orientação do referido autor dividiremos o assunto em anti-vitaminas e anti-hormonios, já que não queremos nos embrenhar nos estudos dos anti-fermentos.

ANTI-VITAMINAS

Em 1938 Fleming notou que as sulfamidas não tem ação bactericida, mas sim bacteriostatica. Lock Wood fez através de exames microscópicos, a demonstração, de que, pequenas quantidades de peptona, anulam ação bateriostática das sulfamidas. Mac Intor e Witeb admitiram que a ação das sulfamidas fosse devida a um bloqueio de alguma função enzimática ou em geral metabólica. A substância paralisadora da ação sulfamídica foi denominada por

Green de fator P. Stamp e Green determinaram a existência desse fator, no fígado, urina, carne, sangue, levedura. Essas substâncias tinham caracteres de mono peptidios, mais tarde foi identificada com o ácido para amino benzoico. As sulfamidas portanto agem porque são anti-vitaminas. Fildes, apresenta dois grupos de substâncias que favorecem o desenvolvimento das bactérias: Os metabólitos essenciais, que são indispensáveis para o crescimento das bactérias e se sintetisam, e os fatores do crescimento que são introduzidos, com o alimento e não podem ser sintetizados. Para esse mesmo autor, metabolito essencial, é a substância orgânica que faz parte de uma cadeia de sinteses, necessárias ao crescimento microbiano, e fator de crescimento é o metabólito essencial que deve ser suprido pré-formado, em virtude das células microbianas serem incapazes de sintetizar, por exemplo, o ácido nicotínico é um metábólito essencial para todas bactérias, mas somente para algumas, torna-se um fator de crescimento. Citando ainda Fildes, as anti-vitaminas atuam de 3 maneiras: por oxidação da vitamina, por formação de uma combinação molecular e finalmente por concorrência de uma apoenzima que está combinada com a vitamina. As anti-vitaminas ocupam o lugar da vitamina, em virtude de semelhança química, ao formar-se o fermento; e desta maneira desaparece as propriedades de metabólito essencial. As vitaminas e anti-vitaminas, segundo Khum, concorrem na célula no mesmo suporte, e por união com este atuam as vitaminas. A combinação do receptor com a anti-vitamina precisa da função fisiológica do suporte com a vitamina. Foram preparadas combinações sintéticas com ação vitamínica, as quais consideram-se como sucedaneos. O suporte deve ser um proteidio e a combinação vitamina receptor em caráter enzimático. As anti-vitaminas apresentam especificidade, não somente para as vitaminas correspondentes mas também para o organismo em que agem. A afinidade da anti-vitamina (sulfamida) para as bactérias é de 200 mil vezes menor que as vitaminas. Entre as vitaminas e anti-vitaminas existem semelhanças químicas muito acentuadas. Por exemplo: Sulfamida e ácido para amino benzóico; ácidos sulfopantotênico e ácido pantotênico; ácido nicotínico e nicotamida, etc., etc.. O ácido carboxílico é uma substância

de desenvolvimento; o ácido sulfônico uma substância inibidora. Não somente os derivados sulfonados, mas outras substâncias parecem atuar como antivitaminas desde que tenham constituição molecular análoga, as vitaminas cuja ação prejudicam ou inibem. Diante disso se nos apresenta a importante possibilidade de verificar-se que vitaminas necessita cada bactéria responsáveis de uma infecção. Uma vez isso averiguado e determinado a constituição de tal vitamina como diz Khum, pode-se em seguida proceder a modificação adequada da molécula, para obter substâncias capazes de substituir a vitamina na célula, quer dizer agentes quimioterápicos específicos sem necessidade do trabalho sistemático e extenuante da investigação até chegar-se a consecção do preparado: Exp.: Preparação de 914 surgido de salvarsan. Esses conceitos nos levam exemplificando para uma terapêutica racional da tuberculose no sentido de se preparar uma anti-vitamina K, já que o pitiocol (agente anti-hemorrágico e ao mesmo tempo transportador de H) é um pigmento, fator de crescimento do bacilo de Koch.

ANTI-VITAMINA PARA AMINO BENZOICO

O fator anti-sulfonamida é o ácido para amino benzóico: Vitamina B x (vitamina anti-canicia) pois ao infeccionar ratos, por via intra-peritonial com streptococus hemolíticos e introduzir no estômago, por meio de canulas, sulfanilamida, com ou sem sal sódico do ácido para-amino benzoico, observa-se claramente que com sulfamida unicamente protege-se bem os ratos; ao contrário com o ácido para amino-benzóico entram em infecção rapidamente (Hodes). Kimel chegou a resultados análogos com gonococcus. Rubbo e Gillespie encontraram em 1940 em uma levedura o fator anti-canicia, em forma de combinação benzoilica do ácido para amino-benzóico: substância do crescimento do "Clostridim acetobuty licum". O ácido paraamino-benzóico é também denominado vitamina H', pelo fato de haver sido encontrado e concentrado, pela primeira vez da vitamina H (Holler, Schwarz, Kuhn). As vitaminas H', inibem fortemente a ação das sulfamidas, sulfopiridina, sulfatiazol, uliron, etc., e mais debilmente inativa ao ácido p-Fenolsulfônico germanina, atoxilio, salvarsan, etc. Denomina-se todas essas substâncias como anti-vitaminas Bx.

ANTIBIOTINA: Gyorgi e Snell demonstraram que na albumina do ovo existe uma substância antagônica da vitamina H (biotina, vitamina anti-seborreica), a qual designou com o nome de avidina (avidalbumina). Esta substância é um dos componentes da albumina, tóxico em alto grau, não só inativa a biotina por combinação com ela, mas também impede sua absorção pelo intestino, conseqüência disto é que a vitamina H, administrada por via parenteral é de 3 à 5 vezes mais ativa que por via oral. A avidina embora seja de natureza proteíca, é resistente a ação da pepsina e tripsina.

ANTIVITAMINA NICOTINICA: Mc. Ilwan obteve derivados sulfonados do ácido nicotínico e nicotaminado e provou seu efeito sobre o crescimento do estafilococcos proteus vulgaris e colibacilos.

ANTIVITAMINA PANTOTENICA: Kuhn preparou um derivado sulfonado do ácido pantotênico (vitamina antidermatítica da galinha) que considera como antivitamina pantotênica.

OUTRAS POSSÍVEIS ANTIVITAMINAS: Na carpa encontra-se uma substância que destrói a vitamina B1 (Giorgyi), vários animais alimentados com carpa crúa, apresentam evitaminoses B1 (Crison e Evans), deve tratar-se de um inibidor que tem certas analogias com a Antibiotina, por outro lado os sulfatiazois recordam a estrutura química da aneurina, e portanto atuariam como antivitaminas B1, ainda mais se atentarmos que este fator vitamínico age como fator Bios sobre o crescimento de cogumelos e leveduras. Ao suprimir-se a vitamina H da dieta, verificou-se a diminuição da proporção de cânceres experimentais em ratos, o que vem por em evidência o transcedental problema da existência possível, de uma antivitamina que iniba o Câncer.

ANTIHORMOZINAS

O conceito de antihormonio foi introduzido por Collip, observando que a ação de cada hormônio atenua-se por uma quantidade adequada de antihormônio que seria a causa de certos estados hipoglandulares. Esta teoria é de valor hipotético, mas apresenta grande interesse.

Segundo Collip os antihormonios tem ação específica e se formam no sangue durante o tratamento hormonal. Nem todas as investigações estão de conformidade com esta afirmação, alguns pensam que em lugar de formar-se no sangue, é possível que os antihormonios existam em condições fisiológicas, manifestando-se por estímulo do hormônio; admite-se igualmente que não existem no organismo e sua presença estaria ligada a impurezas que acompanham os hormonios.

A questão não é de fácil solução, porém tem se observado que o tratamento com hormônio endocrinotrópo da adenohipofises determina no animal uma reação antagônica que póde conduzir a uma inversão do efeito fisiológico do hormônio. Verificamos que as sulfamidas impedem os processos fermentativos bacterianos ao utilizar o ácido para aminobenzóico factor anticanicie os animais superiores; e que ao ser imprescindível para o desenvolvimento das bactérias se o pode considerar como fitohormônio (factor bios) o mesmo que com o ácido pantotênico, vitamina H, nicotamida aneurina etc. As vitaminas do crescimento bacteriano podem ser aceitas portanto como antifitohormônios. Considera-se as vitaminas como biocatalizadores e exogenos e aos hormônios como endogenos, não resta dúvida que as substâncias dos estimulantes do crescimento vegetal são fitohormônios e portanto seus antagonistas são antifitormônios.

Antihormonios Hipofisários:

1) Fator antitiereotropo: Anderson e Collip demonstraram que o hormônio tireotropo do lóbulo anterior da hipofise, não só inativa-se por sua administração prolongada aos animais mas também provoca um efeito fisiológico oposto o que foi comprovado por vários autores (Korechewski Evans, Aron e Loeb) etc..

2) Fator antigonadotropo: Seyle e Collip encontraram no sangue dos animais tratados com hormônios gonadotropos do lóbulo anterior da hipofise uma resistência e ação contrária, devido a formação e aumento de concentração de um fator antigonadotropo. Collip pôs em evidência também um antihormônio contra o princípio hipofisário do

crescimento, Aub ao princípio paratirotropo do lóbulo anterior, e Rivoire ao pancreotropo.

ANTIHORMONIOS TIROIDE: O estudo da substância antitireoides tem particular importância e existem no comércio numerosos preparados utilizados nas diversas formas de hiperatividade da glândula tiróide. Tem ação antitiroide as seguintes substâncias: Cortidina de OCHME, que é um extrato de suprarenais. Retardina isolada dos pâncreas por Balo, Orofisina obtida da hipofise, Insulina e Sintalina segundo Magistris, Catequina isolada do Sangue por Blum, e muitas outras, como a acetilcolina, quinina vitamina C, colesterina muscarina tirosina, fosfatos, ácido, oleico, pilocarpina etc..

Da paratiróide também Collip extraiu um antihormonio apresentando ação sobre o crescimento.

Para Seyle e Collip, a estrina exerce uma ação direta no ovário e uma indireta na pituitária. A atrofia das gonadas, após um tratamento prolongado com hormonio estrogênico é para Mazer devida a inibição da atividade gonadotrópica da hipofise. Zondek atribui a atrofia ovárica a ação antihormônica da estrina quando administrada em tratamento prolongado.

BACTERIOLOGIA DA ÁGUA

REVISÃO DO ASSUNTO E APLICAÇÃO DE NOVOS MEIOS DE CULTURA NAS PROVAS USUAIS. NOÇÕES BIOQUÍMICAS FUNDAMENTAIS

Na identificação das Enterobactériaceas tem importância fundamental a lactose que é o açúcar chave do reconhecimento, ou melhor, da sistemática. Sabemos que se pode classificar essas bactérias em lactose positiva e negativa. No problema da água vamos ver que tanto a Escherichia como o Aerobacter fermentam a lactose com maior ou menor rapidez; a Escherichia até em menos de 24 horas e o Aerobacter fermenta mais lentamente, às vezes em mais de 48 horas. Em ambos casos sempre se produz fermentação com produção de gás, notando-se maior quantidade de gás no desenvolvimento do A. aerogenes.

Outros acúcares como a manita e a glucose são também fermentados com produção de gás, tanto na Escherichia como no A. aerogenes; no referente à sacarose há muita irregularidade segundo os diversos tipos, não havendo mesmo importância prática na questão do ataque bioquímico a esse açúcar.

Vários pesquisadores salientam a importância da fermentação da glicerina, observando que o A. aerogenes ataca essa substancia com produção de ácido e gás, enquanto que A. cloacae fermenta sem produzir gás.

Vários outros elementos completam com eficiência o quadro bioquímico, tais como o chamado teste de PARR constituido do seguinte:

1.° — Produção do Indol (I de IMVIC)

2.° — Pesquisa pelo teste do vermelho de metila (M de Methyl Red Test).

3.° — Pesquisa pela reação de VOGES PROSKAUER (V de VOGES PROSKAUER, seus descobridores).

4.° — Utilização do citrato de sódio (IC)

Como é usual, êstes diversos testes foram abreviados por PARR na denominação nemônica IMVIC que tem, mais ou menos, o seguinte comportamento.

a) — E. Coli — I positivo, VM — positivo, VP — negativo, IC — negativo.

b) — E. intermedium e E. freundii (que, na prática estão reunidos como intermediários).
I — positivo, VM — positivo, VP — negativo, IC — positivo.

c) — A. aerogenes e A. cloacae.
I — negativo, VM — negativo, VP — positivo, IC — positivo.

O teste de PARR pode sofrer extremas variações, tanto asim que o indol, que se apresenta contante na E. coli aparece muito variável nos E. intermedium e nos Aerobacter.

Uma observação interessante e quase que geral é o caso de Aerobacter isolado das fezes, pràticamente nunca produzir indol, enquanto que os isolados da água são altamente indológenos, havendo mesmo DIENERT criado uma escala a fim de distinguir a E. coli.

A pesquisa do indol resulta de pouco interêsse na identificação dos coliformes na água, pois existem espécies de E. coli que não produzem indol. KAUFFMAN isolou das fezes uma raça de Escherichia anindológena e somente os estudos bioquímicos e antigênicos autorizaram classificá-la como E. coli.

Tem grande mérito a pesquisa do H_2S a fim de diferenciar a E. freundii que é francamente produtor dêsse derivado sulfurado, considerando também a questão da gelatina que é proteolizada pela A. cloacae.

Nos trabalhos de rotina devemos nos ater, perfeitamente, no reconhecimento dos coliformes seguintes:

a) — E. coli

b) — E. intermediários (E. intermeidum E. freundii).

c) — Aerobacter (A. aerogenes e A. cloacae)

Devemos não esquecer a importância que, na atualidade, apresenta o gênero Paracolobacterium que deve, forçosamente, ser incluido como bactérias coliformes da água. Verificamos, com freqüência nas nossas águas, a presença dêsses gérmens, e acreditamos que o bacteriologista desavisado ficaria confuso diante da interpretação bioquímica. Portanto, incluimos aqui o estudo dêsse gênero e recomendamos maior interêsse, conforme acentua BUTTIAUX:

O gênero Paracolobacterium compreende os chamados Paracoliaerogenes que fermentam os açúcares com produção de gás e os Paracoli anaerogenes que fermentam com pouca ou nenhuma formação gasosa.

As propriedades bioquímicas do gênero Paracolobacterium são vizinhas às do Escherichia coli, Escherichia intermediárias e dos Aerobacter; no entretanto o característico fundamental está em não fermentar a lactose senão lentamente, isto é, após 10, 20, 30 e até 60 dias de incubação a 37°C. A fim de abreviar a duração do tempo de fermentação recomenda-se aumentar a quota de lactose para 10% ao invez de 10/1.000 como é corrente.

Segundo STUART e WHEELER existem três tipos de Paracolobacterium:

1.° — P. coliforme

I — negativo, VM — positivo, VP — negativo, IC — negativo

2.° — P. intermediários

I — negativo ou positivo, VM — positivo, VP — negativo, IC — negativo.

(Neste grupo podem aparecer algumas formas H2S positivas reunidas por EDWARD BUNNER no P. bethesda)

3.° — P. aerogenoides

I — negativo, VM — positivo, VP — positivo IC — positivo.
(as propriedades são semelhantes às do Aerobacter com exceção do VM)

IDENTIFICAÇÃO DOS COLIFORMES DA ÁGUA E INTERPRETAÇÃO HIGIÊNICA

Atualmente, uma revisão do assunto nos autoriza a modificar o conceito primitivo de que somente a E.coli tinha uma origem fecal certa e que as demais Escherichia e Aerobacter procediam do solo ou dos vegetais. As novas interpretações são sintetizadas como segue:

a) — A E.coli é indiscutivelmente de origem fecal, sua presença na água é índice seguro de contaminação por excretas humanas ou animais.

b) — As E. intermediárias e Aerobacter são freqüentemente encontradas nas fezes, principalmente em crianças recém-nascidas ou de baixa idade, coexistindo muitas vezes com a E.coli.

BRISSOU e MAGRON estudaram exaustivamente coliformes isolados de fezes, urinas, hemoculturas e registraram o seguinte:

58,8% de Escherichia coli
33,3% de Aerobacter aerogenes
3,17% de Aerobacter cloacae
3,17% de Escherichias intermediárias
1,5% de Klebsiella

Diante desses resultados concluem por não aceitar, nos isolamentos de coliformes dos alimentos, a procedência fecal ou não fecal da E. intermediária e Aerobacter.

Então, devemos ampliar os conceitos de potabilidade da água admitindo que a E. intermediária e o Aerobacter podem ter a mesma significação da E. coli.

BUTTIAUX registra os seguintes dados que ilustram a interpretação higiênica quando afirma:

1.° — A E. intermediária e Aerobacter têm maior vitalidade no meio exterior que a E. coli, dai se poder considerar que a presença desses gérmens indica principalmente, a antigüidade da contaminação.

2.° — O Aerobacter e a E. intermediária são muito mais resistentes aos diversos antissépticos que a E. coli isto é, são mais resistentes ao cloro, hipoclorito e cloraminas, daí subsistirem nas águas tratadas por essas substâncias quando a coloração é insuficiente.

3.° — O Aerobacter e a E. intermediária adaptam-se facilmente ao meio hídrico, formando verdadeiros "ninhos microbianos" na rede de distribuição.

TAYLOR assinala vários fatores que podem interferir no predomínio na água de tal tipo de coliforme. Por exemplo:

temperatura de mais de 10°C— A. aerogenes
temperatura de mais de 13°C — E. intermediária
temperatura de 13 a 17°C — predomina a E. coli

Continuando, vamos verificar que pouco ou nada se sabe sobre o valor higiênico do genero Paracolobacterium. Ninguém melhor que BUTTIAUX pode informar a esse respeito. Vamos transcrever a sua opinião pessoal:

1.° — Os Paracoli são encontrados com freqüência nas fezes se bem que, com menos constância que a Escherichia coli. A presença dos Paracoli na água indica contaminação fecal.

2.° — Os Paracoli mostram também a antigüidade da contaminação fecal, devido à resistência ao meio exterior.

3.° — Os Paracoli desenvolvem-se com facilidade nas águas e são encontradiços nos encanamentos, resistindo a doses elevadas de cloro.

Devemos manter, frente aos Paracoli a mesma conduta do E. intermediários e Aerobacter.

O Paracoli coliforme pode ser índice de contaminação recente.

TÉCNICA DE ROTINA

Vamos prosseguir descrevendo sumariamente a técnica usada na rotina diária no Laboratório do Departamento de Água e Esgotos do Estado do Paraná, que se fundamenta no seguinte:

1 — Contagem total das bactérias em gelose.

2 — Determinação do índice colimétrico (Exame presuntivo)

3 — Ensaio conformatório parcial.

4 — Ensaio final de identificação (Ensaio completo).

No presente trabalho abstemo-nos de detalhar as técnicas referentes aos pontos 1 e 2 em virtude de serem assunto amplamente conhecido.

Focalizaremos apenas os pontos 3 e 4 que constituem assunto de mais atualidade.

ENSAIO CONFIRMATÓRIO PARCIAL

Neste exame vamos utilizar vários tubos de caldo lactosado, que positivo no ensaio presuntivo, principalmente naqueles que, receberam menores concentrações de água e por intermédio de uma alça de platina, semear na superfície de um dos seguintes meios contidos em placas de Petri: gelose de TEAGUE, LEVINE (E.M.B.), e Endo.

1) Gelose de TEAGUE LEVINE (E.M.B.)

Lactose	5g
Peptona tripsica	10g
Sacarose	5g
Fosfato bipotássico	2g
Agar em pó	15g
Azul de metileno	0,065g
Eosina Y	0,4g
Água destilada	1.000ml

Dissolver por aquecimento, ajustar o pH a 6, 8, distribuir em tubos (20ml) e autoclavar durante 20 minutos, a 120°C.

2) Gelose Endo

Peptona tripsica	10g
Fosfato bipotássico	3,5g
Agar em pó	15g
Água destilada	1.000ml

Aquecer esta mistura em esterilizador a vapor até dissolução, ajustar o pH a 7, 4, adicionar 10g de lactose e, para cada 100ml do meio, ajuntar sulfito de sódio anidro, 0,25g e solução alcoólica de fucsina básica a 10%, 0,5. Distribuir, autoclavar 15 minutos a 120°C. A coloração do meio deve ser levemente rosada.

Após 24 horas a 48 horas de incubação a 37°C no meio de TEAGUE LEVINE examinamos as placas de Petri semeadas com os tubos positivos do ensaio presuntivo e vamos verificar o seguinte:

a) — A **E. coli** apresenta colônias diminutas, achatadas, secas, coradas em violeta carregado, quase negras, apresentando a superfície com brilho metálico. A colônia é circundada por uma delicada linha rosada.

b) — O A. aerogenes e A. cloacae formam grandes colônias róseas com mancha central azulada, colônias essas mucosas, brilhantes, convexas e salientes na superfície do meio.

c) — As **E. intermediárias** não podem ser distingüidas da E. coli.

d) — As **Enterobacteriaceas** não fermentadoras da lactose e sacarose formam colônias incolores levemente esbranquiçadas; estão neste caso, principalmente a Proteus mirabilis e não tem capacidade invasora do meio ao contrário do Proteus morgani que são freqüentemente encontrados nas águas muito poluídas.

e) — As **Salmonelas** e as **Shigellas** também produzem colônias incolores, porém não são evidenciadas neste tipo de exame.

f) — Os **Paracoli** não fermentando a lactose e a sacarose formam colônias incolores. Prosseguindo na incubação, havendo fermentação tardia, a colônia toma uma

cor escura, chegando mesmo a assemelhar-se às colônias da Escherichia coli.

Nas placas contendo o meio de TEAGUE LEVINE verificamos numerosas Enterobactérias de grande importância; era necessário repicar as colônias em um meio de diagnóstico. Usávamos o meio de KLIGLER. De 1957 em diante passamos a utilizar os meios chamados brasileiros, tais como o de COSTA-VERNIN e o de BARACCHINI, sendo que damos preferência a este último neste tipo de exame, deixando o COSTA-VERNIN para diagnóstico de bactérias patogênicas. Vejamos a preparação do meio de BARACCHINI:

1.°) **Preparação do meio**

Extrato de carne	5g
Triptose	9g
Cloreto de sódio	5g
Tiosulfato de sódio	0,15g
Sulfato ferroso	0,20g
Ágar	20g
Dextrose	0,15g
Lactose	15g
Sacarose	15g
Uréa	8g
Indicador	10ml
Água destilada	1.000ml

Em um balão de 2.000ml mistura-se extrato de carne, triptose, cloreto de sódio, tiosulfato de sódio, sulfato ferroso, ágar e água, dissolver a 120°C durante 20 minutos. Na mistura ainda quente adicionar o indicador, agitar e ajustar o pH a 7,2 e em seguida acrescentar a dextrose, lactose, sacarose e uréa, agitando para dissolver. Distribuir em volumes de 4,5ml em tubos de 12x120 (previamente esterelizados), proteger com papel as rolhas de algodão, dos tubos e esterelizar a vapor fluente durante uma hora. Inclinar deixando uma base de 3cm, mais ou menos. (Fig. 1).

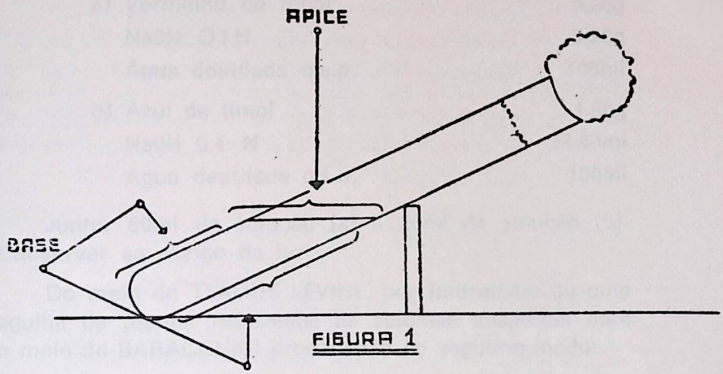


FIGURA 1

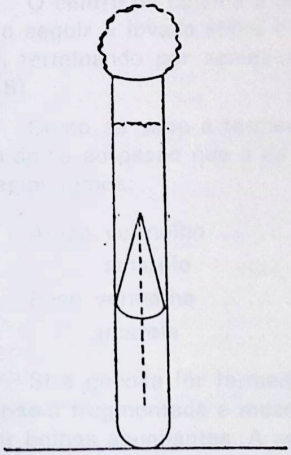


FIGURA 2A

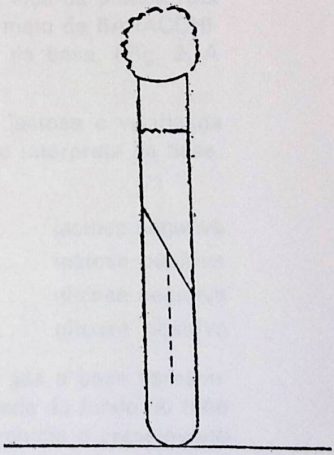


FIGURA 2B

A figura 2A mostra principalmente a semeadura no ápice enquanto que a 2B esclarece a base. A leitura neste meio pode ser feita entre 12 e 14 horas.

2.°) **Preparação do indicador**

a) Vermelho de fenol 0,20g
NaOH O.I.N. 5,70g
Água destilada q.s.p. 100ml

b) Azul de timol 1,60g
NaOH 0,1 N 34,40ml
Água destilada q.s.p. 100ml

Juntar 80ml da solução (a) a 20ml da solução (b). Conservar ao abrigo da luz.

Do meio de TEAGUE LEVINE, por intermédio de uma agulha de platina repicamos as colônias suspeitas para o meio de BARACCHINI procedendo do seguinte modo:

O centro da colônia é picado com alça de platina reta e a seguir é levada sôbre o ápice do meio de BARACCHINI, terminando por semeá-la tambem na base. (Fig. 2, A e B)

Como se sabe a fermentação da lactose é verificada no ápice ao passo que a da glicose se interpreta na base. Assim temos:

Ápice vermelho ..... lactose negativa
" amarelo ..... lactose positiva
Base vermelha ..... glicose negativa
" amarela ..... glicose positiva

Si a glicose fôr fermentada com gás a base apresentar-se-á fragmentada e mesmo descolada do fundo do tubo por bolhas abundantes. A sacarose propicia o crescimento do Proteus e alguns Paracolobacterium. Nota-se mesmo que o Proteus e alguns Paracoli produzem reduzidas quantidades de gás, ficando confinados a uma bolha de gás na extremidade da picada. Caso não haja formação de gás a glicose fica amarela. A formação de H_2S também se verifica na base, sendo acusada por um enegrecimento mais ou menos acentuado.

INTERPRETAÇÃO DOS COLIFORMES NO MEIO DE BARACCHINI

Afim de adotarmos definitivamente o meio de BARACCHINI tivemos oportunidade de compará-lo com o meio de KLIGLER, e assim em mais de 2.000 colônias pudemos testá-lo e, ao nosso ver, o meio de BARACCHINI substitui perfeitamente o meio de KLIGLER com a vantagem de destacar o grupo Proteus.

Orientamo-nos com o meio de BARACCHINI seguindo as instruções abaixo:

Base	amarela com gás
Ápice	amarela
H2S	negativo — Uréia negativa
Estria	filiforme ou serrilhada

E. COLI ou E. INTERMEDIÁRIA

Observação: Quando a estria é acentuadamente mucosa e a quantidade de gás é considerável — **AEROBACTER.**

Base	amarela com gás
H2S	positivo
Ápice	amarelo — Uréia negativa
Estria	filiforme

E. FREUNDII

Base	amarela com gás
Ápice	vermelho
H2S	negativo — Uréia negativa
Estria	lisa filiforme

PARACOLI, AEROGENES (raro), **PARACOLOBACTERIUM**

b) Mesmos caracteres, porém H2S positivo:
BETHESDA, ARIZONA (raro), **SALMONELLA**

Base	vermelha
Ápice	vermelho
H2S	negativo
Uréia	negativa

a) — **ALCALIGENES**

b) — Havendo cheiro desagradável: **PSEUDOMOSAS** (pigmento)

Base	amarela sem gás
Ápice	amarelo
H2S	negativo — Uréia negativa
Estria	filiforme

E. ANAEROGENA ou **SHIGELLA DISPAR** (KAUFFMAN — FRANTZEN)

Base	violeta sem gás
Ápice	violeta sem gás
H2S	positivo ou negativo
Uréia	positiva

PROTEUS

ENSAIO FINAL DE IDENTIFICAÇÃO (ENSAIO COMPLETO)

Sabemos das íntimas relações entre Escherichia e Aerobacter, quer quanto à origem, quer às propriedades bioquímicas, embora a Escherichia seja habitual no intestino humano e animal e o Aerobacter, por sua vez, proceda do solo dos cereais, podendo, porém ser acidentalmente encontrado nas fezes. Em vista dessas possibilidades admite-se as variedades "fecal" e "não fecal" em relação ao Aerobacter, devido acreditar-se que algumas variedades podem ser parasitas intestinais.

Segundo STUART até o momento não se pôde isolar e diferenciar raças "fecais" e "não fecais" de Aerobacter, já de longo tempo observou-se que, em tubos de caldo lactosado, raças típicas de E. coli produzem, excepcionalmente, mais de 15% de gases nos tubinhos de DURHAM, ao passo que raças puras de A. aerogenes provocam cerca de 75% de gases, constituindo êste fato o início de diferenciação relativamente ao metabolismo dos açúcares.

SMITH (1895) e ROGERS, CLARK e LUBS (1918) verificaram também que as amostras típicas de E. coli produzem CO2 e H2 em volumes quasi iguais, enquanto que o A. aerogenes formam duas vezes mais CO2 que H2, daí se considerar as E. coli como bactérias fermentativas fracas (CO2/H2 = 1) e o A. aerogenes como bactérias fermentativas fortes (CO2/H2 = 2). As bactérias fermentativas fortes (A. aerogenes) são encontradas raramente no intestino do homem e dos animais (6%), sendo frequentes e normais no solo e nos cereais, não sendo consideradas de importância nas águas de abastecimento, já não acontecendo o mesmo com as bactérias de fermentação fraca (E. coli) que predominam na flora intestinal do homem e dos animais, podendo também existir no solo e nos cereais.

Observou também SMITH que o grau de acidez final era inferior no A. aerogenes que na E. coli. JORDON em 1890 isola o A. cloacae dos esgotos e diferencia-o da E. coli pela capacidade que possuia o primeiro de liquefazer a gelatina.

Em 1898 VOGES e PROSKAUER aprofundaram mais os caracteres diferenciais, quando descreveram uma reação de coloração observada em várias bactérias que não a E. coli.

A reação observada pelos autores acima citados consiste em adicionar algumas gotas de solução concentrada da potassa em um cultivo, em meio de cultura dextrosado. A produção de uma coloração rósea de aparecimento lento denota a positividade da reação.

A razão de ser desta reação foi demonstrada por HARDEN e MORRIS em 1912 que demonstraram existir diferenças notáveis no metabolismo dos açúcares, entre E. coli e A. aerogenes.

Retiramos da Bacteriologia de SALLE o seguinte quadro que demonstra bem a diferença fermentativa da glicose entre a E. coli e A. aerogenes.

PRODUTOS	Glicose fermentada (% em pêso)	
	A. AEROGENES	E. COLI
Álcool	17,10	12,85
Ácido acético	5,10	8,84
Ácido succínico	2,40	5,20
Ácido fórmico	1,00	0,00
Ácido láctico	5,50	31,90
C02	38,00	18,10
Razão C02/H2	2,40	0,83

QUADRO I

HARDEN e WALPOLE chegaram à conclusão que a diferença reside no fato que o A. aerogenes forma 2:3 butileno glicol (CH3 CHOH. CHOH CH3), e acetimetilcarbinol (CH3CO.CHOH.CH3), o que não se verifica com o E. coli.

O acetilmetilcarbinol na presença de hidróxido de potássio e do ar oxida-se para diacetil (CH3.CO.CO.CH3) que, com a peptona produz uma coloração semelhante à eosina. Sabe-se também que o componente que origina esta coloração é o núcleo de guanidina — NH:C (NH2) NH.R — do amino ácido arginina.

A reação de VOGES e PROSKAUER (V.P.) tem importância relevante na Medicina Sanitária, uma vez que DURHAM e MAC CONKEY verificaram maior incidência de tipos VOGES PROSKAUER negativos nas raças isoladas das fezes. Segundo TOPLEY e WILSON deram resultados positivos 11 das 178 amostras isoladas das fezes humanas; 8 das 67 amostras isoladas das fezes de cavalos e 0 de 87 das de terneiro, cabra e ganso.

HOME (1904) anotou que havia uma relação entre as reações V.P. positivas e a capacidade para produzir grandes quantidades de gás na dextrose.

PETRUSCHKY tratou de medir a acidez produzida pelas bactérias intestinais e SMITH preocupou-se com as nítidas diferenças verificadas entre A. aerogenes pouco acidificador e a E. coli grande acidificador. Indiscutivelmente a introdução dos indicadores veio proporcionar um enorme avanço no estudo deste fator do metabolismo bacteriano, possibilitando a determinação da concentração dos hidrogeniones verificada durante a fermentação de uma substância em ensaio.

CLARK e LUBS criaram, nesta base, a chamada reação do Vermelho de Metila (V.M.) utilíssima para a diferenciação das Enterobacteriaceas.

Sabemos que em 1912 MICHAELIS e MARCORA notaram que a E. coli fermenta a lactose formando ácidos que produzem um pH-5 nas culturas, acidez esta que detinha o crescimento das bactérias. Desta observação concluiram que o abaixamento do pH nos cultivos de E. coli era uma constante fisiológica. Como dissemos CLARK e LUBS confirmam estas verificações e anotaram que a E. coli provoca, em uma determinada quantidade de açúcar, maior quota de ácido que o A. aerogenes, visto que a E. coli não forma 2.3 butileno glicol nem acetilmetilcarbinol ao contrário do A. aerogenes. A quantidade de açúcar fermentável requerida para a E. coli atingir a acidez máxima, não é suficiente, para que o A. aerogenes chegue à sua concentração limite de hidrogeniones; dessa forma, enquanto que a E. coli é praticamente inibida no seu crescimento, o A. aerogenes prossegue esgotando totalmente o açúcar, uma vez que termina a quota de hidrato de carbono continua o ataque, utilizando agora as substâncias nitrogenadas do meio, usando-as como matéria plástica e energética. Dessa forma a reação do meio vai se tornando cada vez mais alcalina.

CLARK e LUBS utilizaram estes conhecimentos e criaram a chamada reação do Vermelho de Metila (V.M.) para o conhecimento diferenciativo das bactérias deste grupo. A junção do vermelho de metila é feita nas culturas de quatro a cinco dias em fosfato, dextrose, peptona, água, diferenciando perfeitamente as raças produtoras de alta concentração de hidrogeniones das amostras que tendem

à neutralidade pela formação de corpos amoniacais, oriunda das decomposições das proteínas.

As culturas do E. coli em presença do indicador produzem uma coloração vermelha, qualificando-se como V.M. positiva. O A. aerogenes produz, da mesma forma, uma coloração amarela e é considerada como V.M. negativo.

LEVINE mostrou, posteriormente, as relações existentes entre as reações de VOGES e PROSKAUER e do vermelho de metila, indicando a importância dessas pesquisas na sistematização das bactérias intestinais, organizando os agrupamentos que são hoje, apresentados.

O aparecimento de um grupo de bactérias intermediárias, ainda não bem conhecidas, e que se situam entre o E. coli e A. aerogenes fez com que BROWN propusesse a utilização de um meio à base de citrato a fim de aprofundar o conhecimento sobre a E. coli.

KOSER compôs um meio cuja única fonte de carbono era o citrato de sódio, verificando, com tal meio, ser possível reunir as bactérias coliformes nos seguintes grupos:

I — Tipo coli: VM — (positivo)
VP — (negativo)
Citrato — (negativo)

II — Tipo aerogenes: VM — (negativo)
VP — (positivo)
Citrato — (positivo)

III — Tipo intermédio: VM — (positivo)
VP — (negativo)
Citrato — (positivo)

No exame de 104 amostras originárias do solo foi demonstrado que 32,1% era do tipo coli, 67,3% do tipo aerogenes e 7,7%. do intermédio, tendo sido, este dados, confirmados mais tarde por inúmeros bacteriológistas, principalmente por PAVAN, ficando evidente o valor da reação de KOSER para diferenciar o grupo intermédio do coli. Ficou, universalmente, assentado que a E. coli fecal típica não utiliza o citrato de sódio ou do potássio como fonte de carbono, de maneira que a adição destas subs-

tâncias aos meios sintéticos não favorece o crescimento das coli fecais.

Quanto à produção do indol devemos salientar que no concernente à E. coli a sua produção é, de fato, permanente; já no que se refere às E. intermediárias e A. aerogenes os resultados são variáveis. As A. aerogenes isoladas das fezes jamais produzem indol, é o que categoricamente afirma BUTTIAUX, ao passo, que os isolados da água são fortemente indológenos.

No último caso a A. aerogenes produz indol em quantidades superiores à da próprio E. coli. DIENERT preparou mesmo uma maneira de avaliar as capacidades indológenas.

Os bacteriologistas franceses vem, ultimamente, reduzindo o valor da pesquisa do indol na identificação dos coliformes da água porque KAUFFMANN isolou raças não produtoras de indol, francamente de origem fecal, as quais, nos esquemas bioquímicos e sorológicos revelam-se como E. coli. Temos encontrado, também vários tipos anindológenos o que nos obrigou, anteriormente, a catalogar como formas atípicas ou inominadas. No entretanto, está consagrada a pesquisa do indol no IMVIC de PARR.

Como sabemos, o indol é resultante da decomposição do triptofano por diversas bactérias. Nem todas as proteínas contém triptofano; a caseina que é a proteína fundamental do leite é a mais rica neste aminoácido.

Vamos, a seguir, descrever a composição dos meios de cultura utilizados para realizar o teste de PARR:

I — MEIO CITRATO DE KOSER

Fosfato de sódio e amônio	1,5g
Fosfato di-hidrogenado de potássio ..	1,0g
Sulfato de magnésio	0,2g
Citrato de sódio	3,0g
Água destilada	1.000ml

Distribuir e esterilizar a 120°C durante 15 minutos.

II — MEIO DE CLARK E LUBS

Peptona tripsica	0,5g
Fosfato bipotássico	0,5g
Glicose	0,5g
Água destilada	1.000ml

Dissolver por aquecimento, ajustar o pH a 7,5, distribuir 10ml por tubo, esterelizar a 120°C durante 20 minutos.

III — ÁGUA PEPTONA PARA FERMENTAÇÃO DOS AÇÚCARES

Extrato de carne	1,0g
Peptona tripsica	10,0g
Cloreto de sódio	5,0g
Vermelho de fenol	0,018g
Água destilada	1.000ml

Juntar o açúcar a ser estudado (lactose, glicose, sacarose, etc.) na dose de 5 a 10 gramas por litro. Dissolver aquecendo ligeiramente, ajustar o pH a 7,6, distribuir em tubos munidos de tubinhos de DURHAM, autoclavar durante 15 minutos a 120°C. É necesário não ultrapassar 15 minutos a fim de não alterar os açúcares e outras substâncias adicionadas.

IV — ÁGUA PEPTONADA

Peptona tripsica	15,0g
Cloreto de sódio	5,0g
Água destilada	1.000ml

Ajustar o pH a 7,6, distribuir, esterelizar a 120°C durante 20 minutos.

V — VERIFICAÇÃO DO HIDROGÊNIO SULFURADO
Utiliza-se o meio de BARACCHINI ou o de COSTA VERNIN

VI — MEIO DE COSTA VERNIN

1) — Ágar semi sólido

Peptona difco	2,0g

Cloreto de sódio	0,5g
Ágar	0,5g
Água destilada	100ml

Ferver para dissolver. Ajustar o pH com NaOH N/10 7,3 ou 7,4. Ferver para precipitar. Filtrar em algodão. Juntar os indicadores: azul de timol, 0,3ml e ANDRADE, 1,0ml. Distribuir em balões em volumes de 100 a 200ml. Esterilizar em autoclave a 115°C. No momento de preparar o meio, fundir o conteúdo dos balões, esfriar a 48 ou 50°C e juntar assepticamente a solução "C" de açúcares com uréia na proporção de 10ml para cada 100ml de meio.

2) — Ágar sólido

Peptona	1,5g
Tripticase ou outra peptona com triptofano	0,5g
Ágar	2,0g
Água destilada	100ml

Ferver em fogo brando para dissolver. Ajustar o pH a 7,3 ou 7,4 com NaOH N/10. Ferver novamente para precipitar. Filtrar em algodão. Juntar o sulfato ferroso amoniacal: 0,02g e tiosulfato de sódio, 0,02g. Adicionar os indicadores: azul de timol, 0,3ml e ANDRADE 1,0ml. Distribuir em balões com volumes de 10ml a 200ml e esterelizar em autoclave a 115°C por 15 minutos. No momento de usar, fundir o meio, resfriar a 48 ou 50°C e juntar, assèticamente, 10ml das soluções de uréia e açúcares para cada 100ml do meio.

3) — a) — Azul de timol 1,6g
NAOH 0,1-N 34,4ml
Água destilada 65,6ml

b) — Indicador ANDRADE

c) — Solução de uréia e açúcares

Uréia	20g
Lactose	30g
Sacarose	30g
Água destilada	100ml

Aquecer a mistura para dissolver. Esterilizar por filtração, em SEITZ. Guardar em geladeira.

4) — Preparo final do meio.

Distribuir primeiro o ágar semi-sólido em tubos de 12x120mm colocando 2,5ml em cada tudo. Deixa-se solidificar em temparatura ambiente, em posição vertical. Distribuir o meio sólido sôbre esta parte semi-sólida, também em volumes de 2,0 a 2,5ml e inclinar para solidificar. Dêste modo tem-se uma camada inferior de meio semi-sólido com uma altura de 12 a 15mm. Incubam-se os tubos na estufa a 37°C durante 24 horas. Examinam-se todos os tubos para desprezar os que tiverem bolhas de ar. Conservar o meio na estufa até o momento de usar. Não se deve guardá-lo na geladeira.

5) — Semeadura.

Deve ser feita inoculando-se o meio com uma agulha, à semelhança do que se faz com o meio de tríplice acúcar. A picada deve ser feita até à metade da parte semi-sólida, fazendo-se depois a estria na superfície da parte sólida.

Após a semeadura coloca-se uma tira de papel de filtro prêsa à rolha dos tubos e embebida em reativo de EHRLICH: Incuba-se durante 24 a 48 horas a 37°C.

INTERPRETAÇÃO

A
- Coloração ..... Vermelho ou amarela
- Gás ..... abundante
- Mobilidade ..... positiva ou negativa
- Uréa ..... negativa
- H2S ..... negativo

E. COLI, A. AEROGENES e PARACOLI

N.B. — (H2S: positivo — **E. FREUNDII**)

B
- Coloração ..... sem alteração (ou esverdeada na parte sólida)
- Gás ..... ausência
- Mobilidade ..... positiva
- Uréa ..... negativa
- H2S ..... positivo ou negativo

SALMONELLA

N.B. — (amostras não fermentadas de lactose, com H2S positivo:

P. BETHESDA

C
- Coloração ..... Sem alteração ou vermelha (fermentação tardia)
- Superfície ..... esverdeada ou azulada
- Gás ..... ausência
- Uréa ..... negativa
- Mobilidade ..... ausência
- H2S ..... ausência

SHIGELLA PSEUDOMONA, ou ALKALIGENES

D
- Coloração ..... azul ou verde (na urease positiva tardia)
- Gás ..... presente ou ausente
- Mobilidade ..... positiva ou negativa
- H2S ..... positivo ou negativo

PROTEUS

Identificação do Grupo E. COLI A. AEROGENES e Bactérias Próximas

Já verificamos, anteriormente, que, na observação do meio de BARACCHINI podemos separar as culturas suspeitas de E. coli ou de A. aerogenes.

Base ..... amarela com gás
Ápice ..... amarelo
H2S ..... positivo ou negativo
Estria ..... filiforme ou serrilhada, etc.

Resta agora identificar si se trata de Escherichia ou Aerobacter.

Costumamos proceder do seguinte modo:

1.º — Retiramos uma alçada do meio de BARACCHINI e semeamos em água peptonada, aproveitando o excedente da alça para confeccionar lâminas, para estudos morfológicos e tintoriais (bastonetes GRAM negativos).

2.° — Colocamos a água peptonada na estufa a 37°C durante 24 horas a fim de obtermos um desenvolvimento regular, servindo esta cultura, para a verificação da mobilidade e semeadura sucessivas em outros meios diagnosticos.

3.° — Da água peptonada, do tempo anterior, semeamos para o meio de KOSER, sendo esta semeadura procedida com agulha fina de platina, evitando grande massa microbiana, que poderia falsear o resultado, produzindo turvação no meio (esta é a razão do uso de agulha e não de alça de platina). Semear.

4.° — Semear em tubo com meio de CLARK e LUBS.

5.° — Semear também com agulha de platina, em tubos de COSTA VERNIN, a fim de verificar com mais detalhes o H2S, a uréa e, ao mesmo tempo, reservar material para as provas sorológicas.

6.° — Apesar de termos indicações do poder fermentativo em relação à glicose, lactose, etc., pela observação do tubo com meio de BARACCHINI, é útil semear em tubos contendo água peptonada, mais indicador, mais manita, lactose e glicose, em tubos separados.

Ficamos, então, com a seguinte disposição de tubos na estante:

1) — Água peptonada
2) — Meio de KOSER
3) — CLARK e LUBS
4) — COSTA VERNIN
5) — Manita
6) — Lactose
7) — Glicose

Podemos, a fim de apressar os resultados, fazer a semeadura diretamente no meio de BARACCHINI.

A seguir, a estante é colocada na estufa a 37°C. Ao fim de 24 horas podemos já, avaliar a fermentação dos açúcares, a formação do H2S, o crescimento na picada (C. VERNIN), podendo mesmo proceder à verificação do indol.

Após 48 horas, verificar o tubo de KOSER a fim de avaliar se houve crescimento da bactéria. Nesse período, constatar a reação de VOGES PROSKAUER. É usual, também, observar o teste de PARR (INVIC) ao fim de 4 dias.

Devemos observar certos critérios, no quadro abaixo, no que diz respeito ao tempo de observação:

	E. COLI	E. COLI Anaero-genes	E. INTER-MEDIÁ-RIA	E. FREUNDII	AERO-BACTER
Manita	(+)	(+)-C	(+)	(+)	(+)
Lactose	(+)	(+)-C	(+)	(+)	(+)
Glicose	(+)	(+)-C	(+)	(+)	(+)
Citrato de sódio	0	0	+	+	+
V.M.	+	+	+	+	—
V.P.	—	—	—	—	+
H2S	0	0	0	+	+ 0
Indol	+	+	+ 0	+ 0	+ 0
Uréia	—	—	—	—	—

QUADRO II

LEGENDA:

(+) = fermentação com gás
\+ = positivo
— = negativo
0 = não produz gás
' = indiferente
0
(+)-0 = fermentação sem gás

Por exemplo:

O citrato de sódio pode acusar crescimento entre 48 e 72 horas de incubação a 37°C, às vezes, porém, depois de mais tempo (5,6e 7 dias).

O aparecimento de gás, revelado na fermentação da

lactose ou glicose, certas vezes, aparece sòmente após 48 horas.

O tempo de incubação do meio de CLARK e LUBS deve ser, no mínimo, de 5 dias.

Não é raro verificar-se, no caso das Klebsiella, que têm a propriedade de utilizar a acetoina, que produzem, ocasionando então um fenômeno paradoxal e revelando o V. P. positivo em 48 horas e negativo após 4 dias. (BUTTIAUX).

Pode ocorrer também, que o meio de BARACCHINI denuncie o crescimento de uma bactéria não produtora de gás no ápice, isto é:

Base	amarela com gás
Ápice	vermelho
H2S	positivo ou negativo
Uréa	negativa
Estria	serrilhada.

Neste caso, pode ocorrer estarmos diante do Paracolobacterium ou de Salmonella e a diferenciação tem de ser feita na prova fermentativa da lactose, que será positiva no caso da Paracolobacterium e negativo no da Salmonella. Está suficientemente comprovado que, neste tipo de exame, foram, excepcionalmente isoladas bactérias do tipo da Salmonella, uma vez que estas bactérias podem somente, ser reconhecidas desde que utilizemos meios de enriquecimento.

Prosseguimos nos exames finais, da mesma forma já indicada, isto é, usando os meios de KOSER, CLARK e LUBS, água peptonada, manita, lactose e COSTA VERNIN. Chegamos assim, ao término desta exposição referente à pesquisa dêste importante grupo de Enterobactérias, utilizando uma técnica clássica e conhecida de todos os bacteriologistas; apenas, com a técnica apresentada, sentimo-nos mais tranquilos dos resultados usando meios de cultura perfeitamente adaptados neste tipo de exame bacteriológico, como sejam os meios de BARACCHINI, COSTA VERNIN, que nos revelam, ràpidamente, a orientação a ser tomada, com economia de tempo e de material.

Com a inclusão dos meios acima referidos, podemos precisar, com rapidez, a presença de E. Coli que constitui elemento fundamental na avaliação da potabilidade da água, visto que está perfeitamente comprovado que tôda água contendo E. coli, deve ser considerada nociva, constituindo, além disso, um método rápido que facilitará uma revisão nos progressos evidentes nesta importante família bacteriana.

Antes de terminar vamos expor os resultados que obtivemos em 1856 amostras de água realizados os exames com a utilização da técnica exposta, constando de cêrca de 1.195 amostras de águas cloradas negativas e 661 amostras de águas "in natura" com exame presuntivo positivo, isto é, que fermentaram o caldo lactosado. Destas, 531 amostras chegaram ao exame final ou completo. As bactérias isoladas foram classificadas bioquimicamente de acôrdo com elementos fornecidos p rincipalmente por BUTTIAUX, BRISSOU, EWING, HAUDUROY e KAUFFMAN, pesquisadores cujos informes, nos possibilitam de organizar o seguinte quadro:

As bactérias classificadas correspondem aos tipos A e B no meio de BARACCHINI. Conseguimos também isolar bactérias dos tipos C, D e E no (BARACCHINI) as quais, no exame bioquímico revelaram os caracteres anotados no quadro abaixo:

Pareceu-nos interessante registrar o encontro com o grupo Paracoli pois que constitui assunto de atualidade, sendo ainda pouco estudados em Bacteriologia. São, no dizer de BUTTIAUX "os primos pobres" das Enterobactérias, mais ainda por que apresentam interesse não só pela patogenicidade como pelas surpresas que apresentam aos bacteriologistas, em virtude de poderem simular outras Enterobactérias. Dai o necessitarmos na bacteriologia das águas, mais conhecimento afim de evitar confusões possíveis com as Shigellas e Salmonellas. Devemos, em relação a essas bactérias, fazer, sumariamente, uma divisão em B. Paracoli Aerogenes ou Paracolobacterium e B. Paracoli Anaerogenes diante da capacidade que possuem de fermentar os açúcares com ou sem produção de gás.

	E. COLI	E. Intermediária	E. Intermediária Atípica Brissou	E. FREUNDII	E. COLI (Anindologena)	A. Aerogenes	A. Cloacae	A. Cloacae (Vizinha)	A. Cloacae (Anindologena)	A. Cloacae (Forma Mixta I)	A. Cloacae (Forma Mixta II)	PROTEUS	PROTEUS
Glicose	(+)	(+)	(+)	(+)	(+)	(+)	(+)	(+)	(+)	(+)	(+)	—	
Lactose	(+)	(+)	(+)	(+)	(+)	(+)	(+)	(+)	(+)	(+)	(+)	—	
Manita	(+)	(+)	(+)	(+)	(+)	(+)	(+)	(+)	(+)	(+)	(+)	—	
URÉA (COSTA VERNIN)	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	+	+
Indol	+	—	+	+	—	—	+	—	—	+	+		
Citrato	—	+	+	+	—	+	+	+	+	+	+		
V. M.	+	+	+	+	+	—	—	+	—	+	—		
V. P.	—	—	—	—	—	+	+	—	—	+	—		
H2S	—	—	—	+	—	—	—	—	—	—	—	+	—
Gelatina	—	—	—	—	—	—	+	+	+	+	+		
	350	38	17	26	5	26	10	4	11	9	16	4	15

QUADRO III

Quadro Descritivo de 531 bactérias isoladas "in natura"

LEGENDA: (+) = fermentação com gás; + = positivo; — = negativo.

	Glicose	Lactose	Uréia	Manita	Indol	Citrato	V. M.	V. P.	H_2S	N.º de Amostras Encontr.
Paracolobacterium Coliforme	(+)	+	(+)	—	+	—	+	—	—	7
P. Intermedium	(+)	+	(+)	—	+	+	+	—	—	3
P. Bethesda	(+)	+	(+)	—	—	+	+	—	+	1
Providence	(+)	—	—	—	+	+	+	—	—	5
P. Aerogenóide	(+)	+	(+)	—	+	+	—	+	—	1

QUADRO IV

Bactérias isoladas de água "in natura" correspondente aos tipos C, D e E (Baracchini)

LEGENDA: (+) = fermentação com gás; + = positivo; — = negativo.

Podemos, às vezes, diferenciar com precisão o Paracoli coliforme das Salmonellas atendendo principalmente aos seguintes pontos:

1.° — Os P. coliformes sempre produzem indol ao passo que as Salmonellas jamais produzem. P. aerogenóides apresentam sempre o V.P. positivo o que não acontece com as Salmonellas em que o V.P. é negativo.

2.° — Difícil a distinção entre P. intermedium (indol negativo) e Salmonella paratiphi A. ou entre P. Bethesda e S. Tiphi murium. Teremos, então, que apelar para as repicagens sucessivas na lactose que, no caso do Paracoli, resultará na produção de gás devido à exaltação do poder fermentativo.

3.° — Toda bactéria suspeita de Salmonella deve ser estudada sorologicamente, havendo mesmo assim a possibilidade de persistir a confusão com os Paracoli, devido à existência de antígenos comuns.

4.° — Já assinalamos a raridade de isolamento de Salmonella na ausência de meios de enriquecimento. As bactécias P. anaerogenas podem apresentar confusão com a Shigella, como no caso do tipo Providence (B. Paracoli 29.911 STUART). Ocorrendo isso, apelamos para a mobilidade, nula na Shigella, fazemos a prova de fermentação na lactose a 10% que será atacada rapidamente, no caso de se tratar de P. anaerogenes, persistindo negativa quando se tratar de Shigella. Muitas vezes e, em geral, somente a sorologia constitui prova definitiva.

Parece de interesse registrar em nosso trabalho o encontro de bactérias com caracteres do Providence, raramente encontrados em exames bacteriológicos de água, pelo menos na literatura que compulsamos. Nos autores nacionais apenas COSTA G. A. e SUASSUNA, I estudaram este tipo em exames de fezes. Trata-se de bactéria descrita por STUART como Paracolon anaerogênico tipo 29.911 (Bacilus inconstans ORSTEIN 1921) apresentando os caracteres de uma bactéria estudada por BERGER (1945) com o nome de Shigella Wakefield. Em 1951 KAUFFMAN propôs a criação do **grupo Providence** para reunir as bactérias estudadas por **STUART**, que EWING, TRAMER e DU-

BACTERIOLOGIA DA ÁGUA — ISOLAMENTO DAS BACTÉRIAS PATOGÊNICAS

É antigo o conhecimento das infecções transmitidas pela água. A história registra as recomendações de Hipocrates, mandando ingerir água fervida ou infusões aromáticas, no intuito de preservar a saúde do povo.

No século passado, o conceito de infecciosidade da água ganha realismo quando SNOW na Inglaterra teve oportunidade de revelar, servindo-se dados estatísticos que, a epidemia de cólera, observada em Londres no ano de 1854 tinha origem na água de abastecimento, fornecida pelo rio, uma vez que os coléricos tinham ingerido a água dessa fonte, ao passo que as populações afastadas deste manancial e que se utilizavam de outras fontes estavam notoriamente indenes do mal. Quase na mesma ocasião W. BUDD refere-se à febre tifóide como doença de origem hídrica.

Em 1884 KOCH fundamenta a pesquisa bacteriológica sistemática criando métodos de isolamento, isolando o vibrião colérico, nas águas de várias localidades da Índia, documentando a importância da água como veículo de agentes infecciosos.

BROUARDEL em 1.887 põem em evidência o bacilo tífico em águas de abastecimento daí por diante as descobertas sucessivas vieram cada vez mais firmando a importância da água como fonte de infecções.

Salientam os autores modernos certos fatos ainda não elucidados, entre eles, a questão de sabermos se uma bactéria patogênica encontrada em uma determinada água assinala obrigatoriedade de uma epidemia, fatos que naturalmente estão ligados à vitalidade dessas bactérias no meio hídrico.

Numerosas experiências demonstram que essa vitalidade é variável dependendo da concorrência vital com os Saprófitas, ou ainda dependentes de fatos como quimismo da água, a temperatura, a luz, substâncias antibióticas, e fagos, apenas para lembrar os mais importantes.

É óbvio que, no estudo bacteriológico das águas de abastecimento, devia ser salientada principalmente a presença de bactérias patogênicas tais como Salmonellas, Shigellas, no entretanto isso não pode ser feito diante das dificuldades inúmeras conforme vamos logo enumerar.

Daí os laboratórios especializados habituarem-se a realizar apenas "testes" para avaliar as condições higiênicas das águas, através da verificação de bactérias reconhecidamente de origem fecal e possíveis de reconhcimento fácil, concretizando-se que as enterobactérias patogênicas podem acompanhá-las na contaminação da água, assim que a pesquisa da E. coli e coliformes, E. intermedium. A. aerogenes, S. faecalis, W. perfringens, passaram a ser estudados no interesse de avaliação da poluição fecal das águas de abastecimento, omitindo-se a presença das bactérias reconhecidamente patogênicas.

Atualmente podemos afirmar que o conceito de "satelismo" pode ser modificado graças a métodos perfeitamente ajustados à hidrobiologia, isto é, usando meios de enriquecimento e eletivos para o isolamento das Salmonellas e Shigellas.

Neste particular BUTTIAUX é taxativo quando afirma "que a pesquisa da Salmonella e Shigella nas águas foi por muito tempo considerada um mito, hoje não é mais assim."

Porém é preciso não esquecer certos pormenores que são indispensáveis, neste tipo de pesquisas, principalmente os que seguem:

a) Bactérias fecais e saprófitas tendem a eliminar as bactérias patogênicas.

b) As bactérias patogênicas na água estão em número reduzido e não tem condições de multiplicação (pobre-

za nutritiva do meio, bacteriófagos específicos, concorrência vital).

Por conseguinte, no intuito de impedir esses inconvenientes devemos, para objetivar Salmonellas e Shigellas, proceder de maneira a realizar o seguinte:

1.º) Concentrar em pequeno volume as bactérias patogênicas existentes em grandes volumes de água.

2.º) Uso de meios de enriquecimento que impeçam o desenvolvimento de Escherichia e Gram positivos, que permitem a exaltação da Salmonella e Shigella.

3.º) Impedir o desenvolvimento de bacteriófagos.

A fim de divulgar, entre nós, esses conceitos atuais principalmente entre os que se iniciam no estudo deste setor da hidrobiologia é que vamos relatar no presente trabalho, a nossa experiência no isolamento das bactérias patogênicas da água, seguindo o método preconizado em quase todas as bacteriologias francesas, com as modificações que achamos oportunas, decorrentes do material que dispomos em nosso laboratório.

I — OBTENÇÃO DA CONCENTRAÇÃO DE BACTÉRIAS NA ÁGUA

Preparação do "leite de alumina" (conforme DIENERT, GUILLERD, ÉRILLART e WANDENBULKE). Colocar:

1.º) Um frasco de 500 ml uma solução de sulfato de alumínio a 10% em água estéril, que será precipitado por adição de amoníaco.

2.º) Submeter à fervura a fim de libertar o excesso de amoníaco. A alumina precipita em partículas gelatinosas.

3.º) Deixar decantar durante 24 horas, retirar o líquido sobrenadante e substituí-lo por água estéril. Agitar e deixar em repouso por mais 24 horas;

4.º) Rejeitar o sobrenadante e prosseguir assim até desaparecer completamente o amoníaco;

5.º) Lavar o precipitado várias vezes em água destila-

da estéril, proceder no final até obter uma emulsão espessa, distribuir em frascos ou tubos e esterilizar a 110°C durante 15 minutos.

II — USO DO LEITE DE ALUMINA AFIM DE CONCENTRAR AS BACTÉRIAS

Usamos os próprios frascos utilizados na colheita da água por nós fornecidos, com capacidade entre 100 a 250 ml. Colocamos então cerca de 1 ml de leite de alumina em 100 ml de água, de preferência recém-colhida. Agita-se demoradamente e coloca-se o frasco em geladeira durante 2 a 4 horas.

Forma-se um precipitado no fundo do recipiente um verdadeiro coágulo a maioria das bactérias existentes na água, esse coágulo é retirado por meio de pipetas estéreis e colocado nos meios de isolamento adequados, conforme vamos descrever: Quase sempre obtemos 5 ml de coágulo que será distribuido da seguinte maneira:

1.°) 2 a 3 gotas em placas de S.S. (espalhar com tubo fino)

2.°) 2 a 3 gotas em placas de Ágar Verde brilhante (KRISTENSEN)

3.°) 1 a 2 ml em meio de MULLER e KAUFFMAN (Tetrationato de sódio)

4.°) 1 a 2 ml em selenito.

Na maioria das vezes temos encontrado perfeito desenvolvimento de bactérias do tipo Salmonella e Shigella nas placas de S. S. e KRISTENSEN nas primeiras provas, mas é sempre necessário prosseguir semeando o material dos tubos de Selenito e MULLER e KAUFFMAN, retirando com pipetas de PASTEUR alguns centímetros do fundo dos tubos, colocando-os em tubos estéreis e mergulhando a alça de platina, semeando em placas de S. S. e KRISTENSEN, quando suspeitos de S. tiphi, WILSON BLAIR. Essas placas são colocadas em estufa durante 24 horas, após o que procedemos ao reconhecimento das colônias suspeitas seguindo as seguintes recomendações:

1.°) S. S.

Salmonella — Colônias esbranquiçadas com ou sem núcleo escuro.
Shigella — Colonias esbranquiçadas.
Pseudomonas — Colônias esbranquiçadas que se tornam esverdeadas com o tempo.
Paracoli — Colônias esbranquiçadas.
Proteus — Colônias esbranquiçadas ou levemente róseas.
Escherichia — Colônias róseas (framboeza) com ou sem núcleo preto.
Aerobacter — Colônias salientes esbranquiçadas na periféria e rósea no centro.

2.°) ÁGAR VERDE BRILHANTE KRISTENSEN.

Salmonella — Colônias vermelhas.
Escherichia e Aerobacter — Colônias branco-esverdeadas.
Shigella — Inibição.

Prosseguindo, retiramos as colônias suspeitas e semeamos em meio COSTA-VERNIN e BARRACCHINI que nos fornecerão dados para o reconhecimento definitivo (Ver Bactériologia da água PUPO, A. Revista Médica do Paraná — Vol. 1 — 27 — julho — agosto — setembro — 1958 — N.° 3).

MEIOS DE CULTURA UTILIZADOS

Utilizamos, na rotina de trabalho, os seguintes meios:

1.°) Meios de enriquecimento

a) Meio ao Selenito de LEIFSON — (DIFCO).

b) Meio de MULLER e KAUFFMAN ao tetrationato de sódio (LE MINOR)

a) Em balão de 250 ml, esterilizar em autoclave 5 g de carbonato de cálcio (20 minutos a 120° C.)

b) Juntar assepticamente após resfriamento e na seguinte ordem:

a) Caldo de carne estéril ..... 90 ml

b) Solução de tiossulfato de sódio a 50% 10 ml
(esterilizar 20 minutos a 120°C).

c) Solução não aquecida de:
Iodo ..... 20 g
Iodeto de potássio ..... 25 g
Água destilada ..... 100 ml

d) Solução não esterilizada de Verde Brilhante a 1/1000 em água destilada .. 1 ml

e) Bile de boi autoclavada 20 minutos a 120°C ..... 5 ml
Fazer a mistura sempre com agitações após cada adição.
Distribuir 10 ml em tubos (10x16) previamente esterilizados.

II) Meios seletivos.

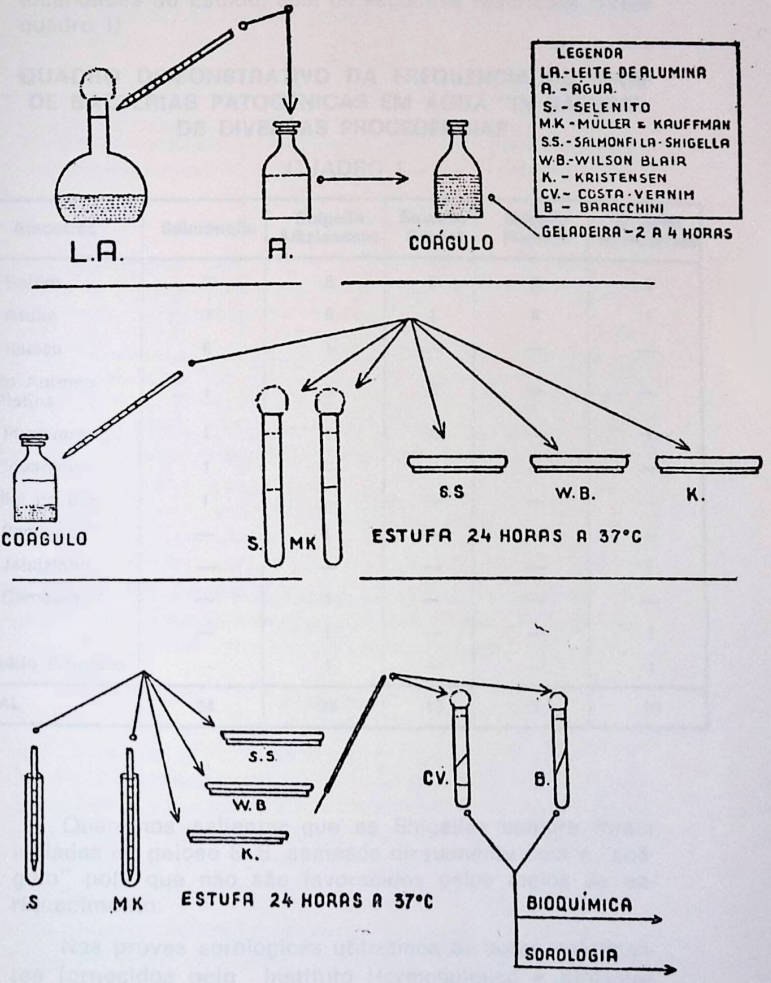
a) Ágar S. S. (DIFCO).

b) KRISTENSEN (LE MINOR)

Gelose nutritiva (Ágar a 25/1000 lactose 15/1000, pH 7 a 7,2)
Autoclavar durante 20 minutos a 120°C.
No momento de usar, fundir e para 100 ml juntar 4 ml da seguinte solução de vermelho de fenol:
NaOH N/10 ..... 4 ml
Vermelho de fenol ..... 1 g
Água destilada ..... 460 ml
E mais 0,15 ml de uma solução de Verde brilhante a 0,5% em água destilada.
Manter o pH de 7 a 7,2. Distribuir em placas.

NOSSAS PESQUISAS

Utilizando o método acima exposto, método, que por razões didáticas resolvemos chamar "método Francês", cuja seqüência se compreende melhor no gráfico anexo, passamos a encontrar com freqüência bactérias do tipo Salmonella e Shigella tanto assim que em 77 amostras


LEGENDA
LA.-LEITE DE ALUMINA
A. - AGUA.
S. - SELENITO
M.K - MÜLLER E KAUFFMAN
S.S. - SALMONFILA - SHIGELLA
W.B. - WILSON BLAIR
K. - KRISTENSEN
CV. - COSTA - VERNIM
B - BARACCHINI
GELADEIRA - 2 A 4 HORAS
L.A.
A.
COÁGULO
COÁGULO
S.
MK
S.S
W.B.
K.
ESTUFA 24 HORAS A 37°C
S
MK
S.S.
W.B
K.
ESTUFA 24 HORAS A 37°C
CV.
B.
BIOQUÍMICA
SOROLOGIA

de água "in natura" obtidas de fontes diversas e de várias localidades do Estado, com os seguintes resultados: (Veja quadro I)

QUADRO DEMONSTRATIVO DA FREQÜÊNCIA DE TIPOS DE BACTÉRIAS PATOGÊNICAS EM ÁGUA "IN NATURA" DE DIVERSAS PROCEDÊNCIAS

QUADRO I

Amostras	Salmonella	Shigella Alkalescens	Shigella Sonnei	Shigella Flexneri	Shigella Dysenteriae
Rio Belém	7	8	6	3	5
Rio Atuba	7	6	1	4	1
Rio Iguaçu	6	1	—	—	—
Santo Antonio da Platina	1	3	2	—	—
Rio Piraquara	1	1	4	—	1
Rio Iguaraçu	1	—	—	—	—
Jundiaí do Sul	1	—	—	—	—
Rio Pequeno	—	1	—	—	—
Rio Jataizinho	—	—	—	—	1
Rio Cambará	—	1	—	—	—
Irati	—	1	—	—	1
Cornélio Procópio	—	1	—	—	1
TOTAL	24	23	13	7	10

Queremos salientar que as Shigellas sempre foram isoladas da gelose S. S. semeada diretamente com o "coágulo" pois que não são favorecidos pelos meios de enriquecimento.

Nas provas sorológicas utilizamos os soros aglutinantes fornecidos pelo Instituto Hormoquímico e Biológico S/A, preparado sob orientação de TAUNAY, C. CALEF e F. ALAYON.

Nas provas bioquímicas os tipos por nós isolados corresponderam ao estabelecido no quadro abaixo. (QUADRO II).

QUADRO II

Bactérias Gram Negativas - Imóveis	Shigella Dysenteriae	Shigella Flexneri	Shigella Alkalescens	Shigella Sonnei
GLICOSE	+	+	+	+
LACTOSE	0	0	0	+
SACAROSE	0	0	0	+
MANITA	0	+	+	+
INDOL	0	+	+	0
CITRATO	0	0	0	0
V. M.	+	+	+	+
V. P.	—	—	—	—
	Grupo Lactose = 0 Manita = 0	Grupo Lactose = 0 Manita = +		Grupo Lactose + Manita +

Na impossibilidade de estabelecer os tipos de Salmonella isolados nos contentamos, por enquanto, com a aglutinação por Soro-Salmonella polivalente.

RESUMO:

O autor apresenta neste trabalho um processo de concentração de bactérias por meio do chamado "Leite de alumina", muito divulgado entre os bacteriologistas franceses, motivo pelo qual é designado pelo nome de "método francês".

A finalidade das pesquisas do autor é a organização de um método que possa ser utilizado de rotina, visando principalmente isolar com rapidez e precisão, bactérias patogênicas.

Ele expôs seu método e os meios de isolamento mais

úteis no laboratório de bacteriologia, e fornece o resultado de 77 análises de águas "in natura" de várias procedências do Estado do Paraná, salientando a freqüência de bactérias do tipo Salmonella e Shigella.

RÉSUMÉ

L'Auteur donne dans ce travail un moyen de concentrer les bactéries par le processus du "Lait d'alumen", bien connu des bactériologistes français et pour cette raison désignée par le nom de "méthode française".

Le but des recherches de l'Auteur est l'organisation d'une méthode qui puisse d'isoler avec rapidité et précision les bactéries pathogènes.

Il expose sa méthode et les moyens d'isolement les plus utiles dans les laboratoires de bactériologie, et fournit le résultat de 77 analyses d'eaux "in natura" de provenances diverses de la province du Paraná, en soulignant la fréquence des bactéries du type Salmonella e Shigella.

SUMMARY

The author presents in this work a method of bacteria concentration by the way called "Milk of alumina" very well known among the French bacteriologists, so it is called "French method".

The author intends with this datas to organize a method which can be used as routine, showing mainly how to isolate rapidly and surely pathogenic bacterias. He shows his method and the ways of isolation more useful in the laboratories of bactereology and gives the results of 77 analysis of water "in natura" of different regions of the Paraná State, emphazising the frequency of bacterias Salmonella and Shigella types.

OBRAS CONSULTADAS

BUTTIAUX, R. — L'analyse Bacteriologique des Eaux de Consommation — Flamarion — Paris 1951.

CALMETTE — BOQUET — NEGRE — Man. Tech. de Microbiologie et de Serologie — Masson — 1948.

DUMAS — J. — Bact. Medicale — Masson — Paris — 1957.

GASTINEL, P. — Precis de Bact. Medicale — Masson — Paris — 1957.

MOUSTARDIER, G. — Microbiologie Medicale — Librairie — Maloine — 1054 — Paris.

NEVOT, A. — Le Diagnostic Bacteriologique en Pratique Medicale — Masson — Paris — 1954.

MICROBIOLOGIA DOS FUNDOS MARINHOS ORIGEM DOS PETRÓLEOS

O estudo da gênese dos petróleos requer uma técnica especial que é do domínio da "Bio-micro-palentologia"; o micróbio no tempo e no espaço.

Neste tema, não faltam os adeptos da "vida semeada", microgermens, viajantes dos espaços cósmicos que aderiram a superfície da Terra nos primeiros estágios, da sua arquitetura. Os estudos de Ruffer e outros, exigiram esses raciocínios, que, obrigaram Lipman utilizar processos delicados, no isolamento de bactérias siderais, utilizando meteóritos, buscando conhecer a flora dos meteoritos. Lipman evidenciou bactérias nessas rochosas "cápsulas" não intencionais.

Era a "Panspermia" de Richter, mais uma verdade provisória. Lipman avançou um pouco mais a favor de Richter, ao verificar nos meteóritos, algo infinitesimal de matéria orgânica, fatores úteis ao viajante microscópico. Ao verificar a presença de bactérias no interior de pechblenda, os pesquisadores de Belgrado, comprovaram a "fantasia" de Lipman.

A historicidade do micróbrio na Terra, começa com Van Thieghem em 1879, ao observar que formas bacterianas eram fossilizadas perfeitamente, junto com o seu suporte paleozóico.

Renault viu o mesmo nas camadas do devôniano, arriscando até um nome para os micro-fósseis: **Micrococcus devonicus.**

Em 1914, Walcott, nas rochas de Montana, algonkianas de 13 milhões de anos, segundo Moodie, isolou um Micro-

coccus que passou a ganhar foros do mais antigo do germens conhecidos.

Por sua vez Lipman agora situado na Terra, investiga terrenos pré-cambrianos e deles retira formas em cadeia muito iguais ao grupo dos Actinomyces. Lieske investiga o **Bacterium-liquefaciens-fluorescens**, na antracite e que ali estavam por ação das águas de infiltração.

Lipman e Lieske fundamentam suas teorias, uma a do germen na profundidade perseverando na profundidade desde a sua formação, e outra aquela do germen arrastado pelas águas que se infiltram no sentido da profundidade.

A "verdade provisória" de Richter e os trabalhos de Lipman, no momento encontram apoio no livro de Dauvilliers e Desquin — "L'Origine Photochimique de la Vie", onde apreciamos a vida surgir num mar primitivo, geléia doce, própria não só da Terra mas também das estrelas cadentes ou mesmo das poeiras cósmicas que pulverizam o espaço. Nem faltam nessa paisagem os relâmpagos que permitindo o nitrogênio fixar-se ao oxigênio, tornasse possível o cianogênio. As forças radiantes comparecendo, tornam possíveis as sínteses dos açúcares, fazendo da água prisioneira do carbono, e o aldeído fórmico surgir pelo trabalho dos raios ultravioleta, mais ainda, aparece o glicol e esses notáveis, "ácidos aminados de longa cadeia molecular, que são na verdade a medula elementar da arquitetura biológica". No princípio, segundo a lógica científica, era: "massas açucaradas coloidais, flutuando nas águas quentes e salgadas, carne em potencial, protoplasma semi-acabado, formando moléculas gigantes, quais virus, onde Bochian recobriu com a membrana de uma possível síntese geradora de mitocôndrias que se associaram para formar micróbios... e assim chegariam até ao homem".

Mas, retomemos o assunto, para dizer com Walcott, que a vida começou no arqueano e é velha de pelo menos um bilhão e quinhentos milhões de anos. Pelo sim ou pelo não, há um hieroglifo vivo impresso no arqueano sob a forma de Estreptococo. Decorre, que da presença dos microorganismos sobre fósseis de animais e vegetais, podemos aceitar que eles agiram sobre cadáveres desde os primei-

ros tempos. Estudos feitos em "bogheads" ou seja pântanos fossilizados, numa hulhificação aparece o micrococcus nas paredes das algas endurecidas, esses coccos mereceram a designação de **M. petrolei** por Renault, Bertrand, admite que alguns Botryococcus, interfiram nos pântanos primordiais, pois que, estando na superfície dos lagos, sob a ação da densidade, sedimentam lentamente e no fundo vão formar depósitos oleosos, os "saprogeis", de espessura média de 10 metros.

Predominavam algas oleógenas nos lagos primordiais, sujeitas a lipidólise, que acentua a alcalinidade, que é o caso dos lagos — Beloe, Ala-Kool, Ahlbeckersse. Daí que os saprogeis se enegrecendo se transformam em saprocolas, que, quando distiladas, produzem hidrocarbonetos. Com os tempos geológicos as saprocolas serão betumes, asfaltos ou "bogheads". Percebemos então, que as relações micróbios — algas, fazem por merecer um estudo acurado dos fundos e dos humus marinhos.

É indiscutível a atuação de Walcott e Renault, que em prospecções iniciadas em 1884 patentearam a grande densidade microbiana dos fundos marinhos nas diversas profundidades. Pesquisadores como Zobell, Anderson, Rittemberg, Emery, Diety, Waksman e Trask, bem como Jean Brissou, prosseguem na análise bacteriológica das profundidades marinhas.

Recordemos ainda os trabalhos de Kriss e Roukine nas vasas do mar de Och na Sibéria, onde por grama de vasa encontraram mil bactérias heterófilas algumas vezes, outras mas de dez mil, bactérias micrococcus ou esporuladas, embora não precisando os gêneros. Interessantes ainda nessas pesquisas é que os referidos autores deixaram patente que, nas regiões ricas em H_2S o número de bactéria desnitrificantes chegava a mais de um milhão por grama de vasa, sendo que as espécies thioxydantes eram raras. Já Zobell e Anderson, trabalhando na costa californiana em 1933 registraram milhões de bactérias cultiváveis. A resistência as pressões altas é uma característica das bactérias marinhas assim que esses autores, em Java em profundidade de 7.200 metros isolaram um milhão de

germens por grama-vasa, em 1952 na mesma região encontrou a mesma cifra à 10.460 metros de profundidade. Pela técnica da Granulometria, atualmente se condiciona a flora microbiana, quer dizer pelo teor orgânico das lamas e pela composição mineralógica. A Granulometria condiciona a adsorção das bactérias marinhas, fator valioso para Brissou, pois que a superfície sólida apressa os contactos entre micróbios e matérias nutritivas, retardando a difusão enzimática, as bactérias ficam estáveis e ativas, o granulo encaminhando-se para a profundidade, favorece o contacto, aumentando em bactérias ampliando a atração de substâncias nutritivas.

Esses fenômenos decorrentes da Granulometria, foram confirmados em profundidades de dois mil metros, no mar Cáspio, Morto e mar Negro. Porém as prospecções modernas, mostram aspectos que estão sintetizadas nas conclusões de Zobell — "Os microorganismos viáveis, são encontrados na maioria dos sedimentos examinados, independente da profundidade da água e da distância da terra".

Peeterson, estudou os sedimentos marinhos e salienta que eles podem variar de 300 a 7.200 metros de espessura e que neles se superpõem camadas ricas em germens e camadas pobres, essa diversidade seria decorrente de propriedades físicas e químicas, assim que Zobell constatou partículas grandes pobres de N com 22.000 bactérias por grama e nos colóides ricos em N 1.510.000 bactérias por grama. Vemos que este aspecto do problema reclama um mutualismo entre biologistas e mineralogistas. Atualmente procura-se saber a natureza da flora abissal ou bêntica característica pela estabilidade e menos variável bem como a pelágica isto é, a que medeia entre a superfície e o fundo. Bactérias aeróbias ou anaeróbias estão indiferentemente distribuidas. Particularmente Senez estuda os sedimentos marinhos impressionando-se com a pobreza do oxigênio livre, considerando as condições redutoras reinantes, o Eh da vasa é negativo. Debysser estuda em 1952 o pH sobre as vasas flúvio marinhas de la Rochelle encontrou na superfície valores correspondentes a 6,35 e 6,80, concluindo que ao aumento da acidez equivale a atividade microbiana. Debysser verifica mais que as variações surgi-

das entre o dia e a noite, maré alta ou baixa resultava da ação vital de diatomáceas, bactérias e algas microscópicas. Interessante a reação verificada por Zobell entre aeróbios e anaeróbios facultativos nesses ambientes, anaeróbio-aeróbio; 1/162 na superfície e 0,5 a 68 centímetros. A diminuição dos aeróbios seria fácil a explicar, o mesmo não acontecendo para os anaeróbios. Trask afirma que de cada quilo de matéria orgânica formada por ano e por metro cúbico de oceano 0,2 a 2% atinge a profundidade, lógico que os detritos que chegam ao fundo são os que resistem a ação microbiana, resistindo as bactérias da superfície, não são alimentos, resultam em restos. Verificou ainda que o humus marinho mostra que 1/17 da substância orgânica é fracionada desde os primeiros centímetros, onde os germens estão em nível eficiente, abaixo de 5 centímetros a matéria orgânica diminue, embora rochas sedimentares apresentem até 1,5% de substâncias orgânicas, sedimentos marinhos recentes apresentam 2,5%.

As bactérias estudadas por Lloyd nas lamas marinhas eram 90% anaeróbias facultativas e eram aparentadas aos gêneros **Cromobacterium, Sarcina, Bacillus** e **Spirillum,** com predominância de tipo gram-negativo. Nas Philipinas Zobell acha bastonetes gram-negativos, curtos em cadeias e mais **Pseudomonas, Flavobacterium, Bacterium, Micrococcus, Clostridium,** notando mais que, as altas pressões modificam as bacterias, reduzindo-as a micrococcus, que provavelmente seria a forma descrita por Renault em 1897.

Interessante frizar neste momento alguns elementos, que nos facultem compreender a atuação das bactérias sobre o sedimento marinho, uma vez que as condições nesse ambiente até certo ponto disgenésicas, pois que predominam pressões elevadas, salinidade e baixas temperaturas, próximas quase sempre do 0°C. Zobell destacou algumas fontes nutritivas, entre elas bastam as substâncias oriundas da dissolução de celulose, quitina, detritos animais e vegetais e ainda de corpos microbianos. Existe então no meio marinho um metabolismo complexo, predominando; proteólise nitrosação, amonificação, lipidólise, celulólise e quitinólise. Importante para Zobell o metabolismo proteolítico e desnitrificante, que foi destacado por Waksman

no oceano Atlântico, nas Bermudas a uma profundidade de 4.742 metros. Estes autores revelaram ainda a presença constante de bactérias agarolíticas que estão bem conhecidas desde 1944 principalmente graças aos trabalhos de Zobell e Upham. Não se omitam as bactérias ureolíticas as sulfato-redutoras e as sulfo-bactérias.

Em 1953 o russo Osnickaja, estudou bactérias putrefativas nos fundos do mar Cáspio, determinou a presença de bactérias oxidantes do metano em 60% das vasas e oxidantes do H_2S em 70% dos sedimentos estudados, ainda ficou evidenciado em todas as amostras **bacilos thioxydans.**

Depois da apreciação sumária, sobre esse tema surpreendente passamos a avaliar a conceituação Bactéria e petróleo, que vem interessando americanos do norte e russos os quais desenvolvem pesquisas notáveis diante da realidade geológica entre fundos marinhos bactéria e petróleo.

Ora, sabemos que desde Bertrand e Renault, vigora a participação dos micróbios na gênese dos petróleos. Permanece na atualidade conceito de que a matéria prima do petróleo é indiscutivelmente uma substância orgânica transformada por microorganismos ou por outros seres próximos. As bactérias ativam a matéria orgânica nos sedimentos marinhos, transformando-a, quer deshidrogenando, quer por lipólise, por redução do nitrogênio ou pela redução, modificando os thiocompostos. No decorrer desses fenômenos volumes gazozos se formam, conforme as sondagens patenteiam.

Não há dúvida que em todos os depósitos petrolíferos esteve em princípio um sedimento marinho ativamente modificado pela ação microbiana, atuante até aonde condições de vida permitiram. Terminada a participação vital dos micróbios a dinâmica geológica fez o restante.

É freqüente nas jazidas petrolíferas a presença de germens, Muller encontrou em areias petrolíferas e mesmo em rocha-mãe, germens em cerca de 13 das 38 amostras obtidas. Pesquisadores russos isolaram bactérias de águas das jazidas petrolíferas do Bakou, essas águas, note-se,

provinham de mil metros de profundidade, mostravam uma salinidade de 18% e apresentavam temperatura de 45°C. Comprovações semelhantes foram feitas na California, e em profundidades superiores, até dois mil metros lá estavam as bactérias. Nas rochas sedimentares de Saratov e Bougouroslau, Kzertzer encontrou esqueletos bacterianos. Não esquecer que nas rochas não petrolíferas é raríssima a presença de microorganismos. As pesquisas de Schwartz e Muller, possibilitaram-nos a chegar às conclusões seguintes: a) é razoável que várias bactérias isoladas dos poços de petróleo tenham surgido por contaminação no curso da sondagem: b) existe uma flora microbiana autoctone provada por colheitas realizadas com o máximo rigor de assepsia. Se estas bactérias autoctones descendem das primitivas que participaram da elaboração do petróleo na precisa época geológica ou se elas são recentes, é uma pergunta difícil. As pesquisas de Zobell na América e de Laigret na França afirmam a certeza das bactérias na feitura dos hidrocarbonetos. Laigret deixou mesmo um processo prático para demonstrar a facilidade com que se obtém um produto muito semelhante ao petróleo bruto, fazendo atuar a **W. perfringens** em resíduos ricos em gordura. Quando catalisado pelo iodo, **W. perfringens** transforma os formiatos em CH_4, os sabões alcalinos em CO_2 mais um líquido semelhante ao petróleo bruto. No humus marinho, sob a ação microbiana, Zobell revelou fatos notáveis, assim que enquanto há um acréscimo de carbono e de hidrogênio, vai minguando o oxigênio, o nitrogênio e o enxofre. Vai a matéria orgânica se reduzindo progressivamente, até que predomina o C e o H, ou melhor dizendo os hidrocarbonetos. Em 1940, Prèvot dedicou estudos especiais sobre a flora anaeróbia das águas em geral e das fontes minerais e insistiu na identificação das bactérias encontradas na lama. Viu Prévot que dominava, o **Cl. valerianicum, caprolcum, perfringens** e **sporogenes** que são grandes redutores e lipidolíticos.

Acompanhemos Jean Brissou (Microbiol. du milleus marin): Conhecemos a atividade microbiana no nível dos sedimentos e sabemos que ela é justamente condicionada pelo que chamamos "granulometria", (o aspecto geológico

do terreno e a qualidade da substância orgânica à transformar). Sabemos que a salinidade da água não constitui obstáculo para a atividade microbiana. Conhecemos o papel seletivo da pressão e da temperatura. Um certo número de espécies se adaptam a grandes pressões. Se designam por "barophilas". As baixas temperaturas também não são obstáculos para o crescimento dessas bactérias. Por sua vez as altas temperaturas que são encontradas em algumas jazidas petrolíferas, cerca de 85°C, nada impedem. As pesquisas ainda em curso se propõe a elucidar o problema por inteiro".

Plantas e animais mortos, fazem o banquete dos micróbios marinhos, que iniciam um ciclo onde a oxidação produz gás carbônico e amoníaco mais água e sulfatos, 30 a 40% do carbono orgânico é convertido em substância bacteriana nessa primeira fase. O restante 60% vai formar o humus marinho, que contém ademais partículas indestrutíveis, a sedimentação se faz lentamente, mais a temperatura, mais a pressão e as novas oxigenações vão permanecer atuantes até ao final da sedimentação. Então o humus marinho no dizer de Waksman é o resto da matéria orgânica das plantas, animais e resíduos de toda a sorte após ter sofrido o ataque da flora banal, por isso que é rico em carbono e pobre em nitrogênio. Uma vez estável nas vastas profundidades é a vez das atuações químicas, físicas e geológicas, e ainda as bactérias provavelmente insistirão na faina da mineralização. Por fim nessa complexa e impenetrável zona de silêncio, onde sobre tudo se impõe um fator enigmático; o tempo. Rico em carbono e hidrogênio, paupérrimo em azôto e oxigênio, está o petróleo bruto, uma matéria orgânica reduzida na precisão química da palavra.

Por falar em tempo, Cox, afirma que o petróleo mais recente tem dezesseis milhões de anos, estando confinado no plioceno. Nesse tempo se acrescente fenômenos radioativos e inúmeras desaminações e transmetilações. Mas o primeiro operário o artesão, pelo menos no primeiro estágio foi o micróbio. Mesmo o petróleo bruto pode sofrer os efeitos microbianos, tal é a possível passagem de petróleos parafínicos em naftênicos por germens sulfato-redu-

tores, o aumento dos resíduos asfálticos condicionados por micróbios foi acentuado por Pansz já em 1919. Tausson e Shopiro encontram bactérias modificadoras dos aspectos físicos dos petróleos tais como, índice de refração, índice de iodo, saponificação e densidade. Brissou pode com um **Microsporum gipseum,** baixar de 30% o teor de enxofre de alguns petróleos.

Nos resta nesta oportunidade deixar consignado mais alguma coisa de aspecto mais objetivo, pois que até há pouco falamos apenas do artesão do petróleo, mas é preciso lembrar que as bactérias podem se apresentar como prejudiciais na indústria petrolífera, criando problemas sérios, quando não objetivados em tempo. Vejamos pois alguns casos;

No curso de perfuração costuma-se usar misturas de fluidos, que, quando adicionados aos perfurantes, facilitam o trabalho, as mais utilizadas dessas misturas contém lodo mais amido gelatinizado ou ainda carboxi-metil celulose, substâncias facilmente deterioradas por variados agentes microbianos, por isso que as misturas exigem sempre a presença do para formaldehido como antiséptico. Várias bactérias podem no entretanto serem benéficas, transformando a metil-celulose e facultando um melhor lodo. Usa-se nas instalações petroleiras, água que vai aos poços por injeção através de material poroso, visando recuperar o óleo. Várias bactérias obstruem o instrumental utilizado, principalmente as do gênero **Beggiatoa, Crenotrix** e **Pseudomonas** e ainda algumas algas, recomenda-se o cloro, formaldehido como inibidores desses gêneros. Não faltam as bactérias que, solubilizando sais minerais, aumentam a porosidade e permeabilizam as formações geológicas, tornando mais fácil a recuperação do petróleo, assim que as espécies **Dessulfovibrio Hidrocarbonoclasticus** e afins se prestam para tratar formações, reduzindo sulfatos e oxidando hidrocarbonetos, melhorando o rendimento, existe mesmo uma patente americana chamada Zobell. Certos derivados petrolíferos são corrompidos, quando armazenados em presença de água. Há variedades bacterianas que na interfase gasolina-água formam peróxidos e gomas que precipitam o

tetraetilo de chumbo, outras produzem metano que apresenta o perigo da ignição expontânea.

Um novo campo de investigação constitue a pesquisa de bactérias próprias para a prospecção geológica do petróleo, consiste em isolar certas espécies de bactérias que servem de teste reveladores de emanações petrolíferas, oxidantes de hidrocarbonetos, reveladoras da presença deste no solo. Bactérias que possam retirar o carbono de fontes metânicas, Schwartz e Muller utilizaram esses métodos na Alemanha com alta eficiência. Esperamos com **Aerobacter aerógenes,** chegar em breve a algum resultado prático.

Assim esperamos ter cumprido nossa missão, trazendo nesta oportunidade um esboço de um tema importante pela atualidade, e que nos faz pensar em Pasteur, quando sentia como era infinitamente grande o papel dos infinitamente peqúenos.

A mim só resta agradecer a vossa atenção, escutando com interesse a leitura deste texto que alongou-se na superfície da extensão porque eu procurei resistir a ameaça constante da profundidade.

BIBLIOGRAFIA

1) — Lobo, B. — Microbiologia — 1938 — Imp. Nacional.
2) — Prado, A. de Almeida — As doenças através dos séculos — 1961 — Ed. Anhambi.
3) — Sanchez — Microbiologia Industrial — 1961 — Ed. Química — México.
4) — Brissou J. — Microbiologie du Milieu Marin — Flamarion — Paris.
5) — Beertecher — Petroleum Microbiology — 1954 — Ed. Elsevier Press.
6) — Dauvillier, A. — L'Origine Photochimique de La Vie — 1958 — Masson — Paris.

O ENTEROCOCO NAS ÁGUAS DE ABASTECIMENTO

Antenor Pupo
Alceu Schwab

INTRODUÇÃO

Sendo a pesquisa do grupo Enterococo considerada um complemento da colimetria, teste destinado a avaliar a pureza das águas próprias ao consumo humano, merece um estudo especial. Hóspede habitual do intestino humano, o enterococo vai, quando evidenciado na água, possuir o mesmo significado do "colibacilo", revelador típico das contaminações por matéria fecal. Importa ainda considerar que, o enterococo é uma das bactérias mais resistentes no exterior e por isso servirá para demonstrar poluições remotas. Importa seu estudo, principalmente, nas águas fornecidas pelos poços, único meio de abastecimento nos subúrbios e na zona rural. A sua pesquisa, entretanto, não interessa lògicamente nas águas tratadas, ou sejam "cloradas".

No presente trabalho pretendemos mais elaborar um roteiro, objetivando um plano que facilite aos estudiosos dos problemas sanitários, um ingresso mais rápido nos métodos acessórios da colimetria.

Para realçar mais a importância do problema, é feita de início uma revisão histórica para situar a posição do enterococo com relação ao problema, para em seguida tratar do seu isolamento e dos resultados obtidos.

Estudamos a seguir o enterococo e suas relações com a água de abastecimento a fim de comunicar a nossa experiência no trato de algumas análises feitas neste particular, focalizando os seguintes capítulos: 1) Histórico,

2) Posição do Enterococo, 3) Isolamento, 4) Resultados, 5) Discussão e 6) Conclusão.

HISTÓRICO

Em 1885, Escherich, Tavel e Eguet descreveram estreptococos capsulados no intestino de recém-nascido. Marot anotou um S. bucal. Em 1894, Besson no trabalho intitulado "Um nôvo Estreptococo", onde em doentes com supurações pos-tifoidicas (pleurisias, artrites supuradas múltiplas, conseguiu isolar cocos em cadeia).

Thiercelin, em abril de 1889, publica: "Sur une diplocoque de l'intestin susceptible de devinir pathogéne". seguido de outro: "Morphologie et mode de reproduction de l'Enterocoque".

Jouhaud, em 1903, em "Caractéres biologiques de l'Enterocoques", reconhece os trabalhos de Thiercelin, o que vem esclarecer as preferências pela palavra enterococo, embora permaneça o Streptococcus enteritis de Escherich. Thiercelin, prossegue no intuito de responsabilizar o enterococo pelas enterites do adulto.

Lesage, Hutinel e Nobécourt, estudando as enterites da criança encontram o mesmo agente de Thiercelin. Marfan encontra-o na cólera infantil. Gaillard e Monnot fazem menção desse germen na "cólera nostra". Sacquépee o responsabiliza por uma intoxicação alimentar.

O enterocóco passa logo a ser o agente das apendicites. Lemoine e Sieur conseguem isolá-lo de supurações peritoniais em estado puro. Gilbert, Lippmann, Kramer e Cushing o encontram nas infecções biliares e o próprio Thiercelin acompanhado de Trastour e Levy o isolam de vários casos de icterícia[1].

Não faltou a presença do enterococo no quadro da patologia pulmonar e Rosenthal descreve broncopneumonia pseudo lobar com sintomatologia grave, causada por enterococia pulmonar.

Claude, Sacquépee e Thiercelin isolam o enterococo da endocardite infecciosa e salientam a importância desse coco nas complicações cardíacas do reumatismo articular.

Thiercelin, Sacquépée, Leukowicz e Rosenthal revelam enterococos em casos de meningite secundárias e gripe e ainda de causa primitiva. Besson registra o enterococo em meningites durante a epidemia de gripe de 1918.

Rosenthal encontra o enterococo na osteomielite. Também em diversos casos de uretrites longas e rebeldes, consecutivas e infecção gonocócica, são relatados a presença do enterococo, por Trastour e Lavenant.

Procurava-se responsabilizar o gérmen por uma entidade clínica, mas ele teimava em se apresentar em toda a patologia infecciosa. Nessa época, entretanto, Thiercelin não tinha dúvida em enquadrá-lo como causa da enterocolite aguda das crianças, da cólera infantil, da "colera nostra" do adulto e principalmente da apendicite enterococica onde um síndrome entero-infeccioso, revelando enfraquecimento, anemia, febre vespertina, língua saburral, hálito fétido no despertar e congestão hepática, fácies subictérico, acentuação de manchas na face principalmente ao redor da boca e nariz.

Notar que na espécie enterococo ingressavam bactérias reconhecidas por vários pesquisadores e sob inúmeras designações, por exemplo: Streptocoque de la bouche de Marot, Streptococcus lactis, Micrococcus ovalis d'Escherich e Diplocoques de Claude e Bloch[2].

Aparece em Lancet — t. 2 (pp. 708, 775, 852), 1906, uma publicação de Andrews e Hordex que, não fazendo referência ao enterococo descrevem com o nome de Streptococcus faecalis, bactéria em tudo semelhante àquele, inclusive fermentando a sacarose e a manita[3].

Os primeiros autores, ao descreverem o enterococo, assinalaram que as suas propriedades fermentativas variavam ao extremo. Besson, principalmente, afirma: "as propriedades fermentativas variam muito com as diversas raças de enterococo e se usarmos a ação sobre os açúcares como base de uma classificação, é preciso distinguirmos inúmeros tipos", este autor registra que a glicose, levulose, galactose, maltose, lactose, sacarose e manita são atacadas por todos os enterococos, apenas que certos tipos atacam lentamente alactose e debilmente o manitol. Grande

éo número de variedades que atacam a dulcita e glicerina. Besson anota também que a fermentação é muito lenta em meio líquido (água peptonada açucarada), sendo mais ativa em meio sólido (gelose açúcarada)[1].

Foi assim que o enterococo de Thiercelin passou a exigir novas investigações ao mesmo tempo que era assimilado pelo Streptococcus.

Neste particular, Topley e Wilson[2] opinaram que, enquanto não fosse possível definir a espécie, o melhor era ficar em posição de expectativa.

Já no referente ao estreptocóco, sabia-se que eles deviam fermentar a lactose e salicina e não a inulina e o manitol bem como a rafinose. A inulina, por sua vez, serviu para diferenciar os pneumococos, uma vez que este glucosídeo era fermentado por estes germens, ao passo que os estreptococos não o fazem.

Por sua vez o manitol, serviu para diferenciar os estreptococos que participam da flora intestinal humana.

Rochaix conseguiu resultados interessantes no estudo dos estreptococos de origem fecal, quando observou que eles fermentavam quase que especificamente a esculina em meio biliado. Nos trabalhos com esculina (glucosídeo extraído da castanha da Índia), não há o crescimento do pneumococo devido à presença dos sais biliares e, os demais "streptococcus", crescem porém, sem enegrecer o meio.

O meio de Rochaix, passou a ser o melhor para a caracterização do enterococo ou "S. faecalis", pois crescia enegrecendo o meio, visto possuir uma enzima solúvel que desdobra a esculina em glicose e esculetina, difenol que escurece o citrato de ferro .

As pesquisas de Armstrong de 1913 revelaram o seguinte: do exame de 349 amostras de estreptococos isoladas de fezes, 123 do homem, 129 de cavalos, 97 de bovinos constatou que 65% dos estreptococos fecais humanos fermentam o manitol, que 2 ou 3% das amostras eqüinas ou bovinas fazem o mesmo. Não encontrou nas fezes humanas estreptococos fermentadores da rafinose,

enquanto que 12% das isoladas de fezes eqüinas e 73% das bovinas fermentam êste açúcar. Armstrong ainda verificou que as amostras eqüinas quase nunca fermentam a lactose.

Após estas pesquisas, o exame bacteriológico do leite mereceu grande interêsse e desde logo foi isolado um gérmen designado por "S. lactis", com semelhanças ao dos estreptococos encontrados nas fezes humanas.

A seguir, Lancefield verificou que as amostras de estreptococos de origem humana não hidrolisam o hipurato de sódio, ao passo que as de origem bovina o hidrolisam ao mesmo tempo que fermentando a sorbita ficam inertes na trehalose.

Lancefield, entre 1928 e 1933, passou a utilizar reações antígeno-anticorpo, do tipo precipitina, na caracterização dos estreptococos[3].

Preparou extratos com vários tipos de estreptococos, obtendo os anti-sôros que marcariam a presença de antígenos semelhantes nos vários tipos. Então, pôde observar que existia pelo menos 3 componentes antigênicos, nos extratos; procurou conhecer a distribuição deles, nos vários estreptococos hemolíticos das mais variadas procedências. Verificou inicialmente que um dêsses antígenos é uma proteína ácido-solúvel, variável nas numerosas raças de estreptococos hemolíticos de procedência humana. Designou essa proteína de substância "M". Um outro componente parecia a um complexo hidrocarbonado e estava presente em tôdas as raças hemolíticas.

Prosseguindo, Lancefield constatou que êste polissacarídeo era quantitativamente variável no conjunto dos S. hemolíticos e que essa desigualdade de conteúdo, servia para diferenciá-los em grupos especiais.

Assim, o grupo original "A" de Lancefield correspondia a 21 amostras oriundas de lesões humanas de caráter agudo. No grupo "B", num total de 18 amostras procedentes do gado. Um terceiro grupo, o "C", 49 amostras tipificadas, originadas de diversos animais (cobaia, vaca, cavalo, porco e aves), atacadas de infecção definida. No

quarto grupo, ou "D", em número de 8, estavam amostras isoladas do queijo. Com amostras colhidas em leite com liberação sanitária, diferenciou o grupo "E". Aos antígenos específicos de grupo, Lancefield chamou-os de "C" ou substância C. Evidente que, entre os diversos grupos, existem ainda fatores tipo específicos, que Lancefield chamou "Substância S".

Caracterizou também, uma núcleoproteína, comum aos estreptococos hemolíticos, viridans, pneumococos e ao estafilococo aureus, que chamou de antígeno não específico P. Havia uma outra proteína "Y", da qual nada precisou. Mais tarde os grupos antigênicos foram ampliados, ficando então os grupos de Lancefield nesta seqüência: A, B, C, D, E, F, G, H e K, L, M, N (quadro I).

POSIÇÃO DO ENTEROCOCO

Sendo nosso objetivo salientar o enterococo, vamos estudar o grupo ao qual estão relacionados.

Êles pertencem à família das Lactobacteriaceae, tribo Streptococceae, gênero Streptococcus, grupo Enterococcus.

Gastinel, referindo-se à posição do enterococo, ao estudar o grupo "D" de Lancefield, diz: "parece que as raças dêste grupo apresentam os caracteres dos enterococos".

Importa esta citação, porque os antígenos grupo-específicos dêste grupo são quimicamente desconhecidos, ignorando-se, se na sua composição existem substâncias antigênicas tipo-específicas.

Sabe-se que no grupo "D" estão reunidos estreptococos que produzem hemólise beta, no ágar-sangue. Todd mostrou que êles possuem uma hemolisina filtrável. No grupo "D", reúnem-se as bactérias isoladas dos queijos e das fezes humanas.

É de convir que, embora possuam a presença do polissacarídeo D, de Lancefield, a maioria das espécies não são hemolíticas, ou se produzem hemólise beta, não formam hemolisina solúvel, reconhecida pela técnica usual:

QUADRO I — Divisão dos estreptococos (segundo Sherman)

Divisão	Grupo ou espécie	Grupo de Lancefield	Hemólise	Crescimento a		Crescimento em presença de			Poder de redução (vermelho neutro)	Sobrevivência a 30 minutos 60°C	NH3 a partir da peptona
				10°C	45°C	6,5% NaCl	pH 9,6	0,1% azul de metileno			
Piogênico	S. pyogenes	A	+	—	—	—	—	—	—	—	±
	S. mastitidis	B	±	—	—	—	—	—	—	—	+
	S. equi	C	+	—	—	—	—	—	—	—	+
	Animal pyogenes	C	+	—	—	—	—	—	—	—	+
	Humano C	C	+	—	—	—	—	—	—	—	+
	Minuto hemolítico	F	+	—	—*	—	—	—	—	—	+
	Grupo C	G	+	—	—*	—	—	—	—	—	+
	Grupo E	E	+	—	—	—	—	—	—	—	+
	Grupo H (+)	H	±	—	+	—	—	—	—	—	+
Viridans	S. salivarius		—	—	±	—	—	—	—	+	—
	S. equinus		—	—	+	—	—	—	—	+	—
	S. bovis		—	—	+	—	—	—	—	±	—
	Variedades de S. bovis		—	—	+	—	—	—	—	+	—
	S. thermophilus		—	—	+	—	—	—	—	+	—
Lácticos	S. lactis	L	—	+	—	—	—	+*	+*	+*	+
	S. cremoris	L	—	+	—	—	—	+*	+*	±	+
Enterococos	S. faecalis	D	—	+	+	+	+	+	+*	+	+
	S. liquefaciens	D	—	+	+*	+	+	+	+*	+	+
	S. zymogenes	D	+	+	+*	+	+	+	—	+	+
	S. durans	D	+	+	+*	+	+	+	—	+	+

* — Indica uma possível variação da reação.

\+ — Os estreptococos do grupo H, de um poder hemolítico duvidoso, são colocados entre estreptococos e viridans do ponto de vista das caracteristicas fisiológicas.

"Fazer um cultivo de 6 horas em caldo sôro a 20% (as hemolisinas não se formam na ausência do sôro). Adicionam-se quantidades variáveis de cultivo — de 0,1 a 1 ml — a 0,5 ml da suspensão a 5% de glóbulos vermelhos de boi ou de cavalo. Leva-se à estufa a 37°, durante 1 hora e meia. Verificar o aparecimento da hemólise. As hemolisinas solúveis, são evidentes em filtrados livres de células, oriundos do caldo-sôro, embora permaneçam por prazo mínimo. São de dois tipos, a estreptolisina O, inativada ràpidamente pelo oxigênio, mas reativadas pelos redutores, estável ao frio. A estreptolisina S resistente ao oxigênio, termolábil, sensível aos ácidos, estável em temperaturas muito baixas (— 73°C). Ambas as lisinas são inativadas a 37° de 2 a 4 horas" [4].

Convém lembrar que desde Thiercelin, considerava-se como característica do enterococo, a grande resistência diante do efeito das temperaturas, pois que as amostras isoladas resistiam até 60° durante 30 minutos, e determinou-se as temperaturas de 43° a 45° como úteis para o seu isolamento.

Dible em 1921[5], examinou esta propriedade e verificou nas fezes humanas um grupo tipicamente resistente, quase sempre manitol positivo, com formas diplocócicas ou em curtas cadeias, ao mesmo tempo que verificou outra propriedade; êstes tipos de bactérias desenvolviam-se nos meios hiper-salinos (cloreto de sódio a 6,5%) importando ainda a fermentação da esculina *. Resistentes à ação de vários antissépticos. Macé, neste pormenor, já havia registrado o seguinte: "A resistência aos antissépticos parece grande. O micróbio cresce bem no caldo fênicado que serve para o isolamento de colibacilo".

Os trabalhos de Sherman salientam as dificuldades para o isolamento dos estreptococos não hemolíticos. Propõe principalmente os testes onde intervêm as temperaturas limites de crescimento juntamente com os testes

(*) — Preparação do meio de Rochaix — Em gelose a 15 por mil, adiiconar 2 gramas de citrato de ferro. Repartir 4 ml por tubo de ensaio. Esterilizar a 110° 15 minutos. Ao sair do autoclave, juntar em cada tubo 0,2 ml de uma solução tindalisada de esculina a 0,30 g por 15 ml de água destilada. Misturar bem inclinar.

QUADRO II — Estreptococos piogênicos (segundo Sherman)

Grupo ou espécie	Grupo Lancefield	Fibrinolise Ativa	Hipurato de sódio Hidrólise	Hidrólise do amido	Ataque a esculina	Crescimento 40% bile, sangue e ágar	Liquefação da gelatina	Coagulação do leite	pH final no caldo glicosado	Ácido produzido a partir de: Arabinose	Maltose	Sacarose	Lactose	Trehalose	Rafinose	Inulina	Glicerol	Manitol	Sorbitol	Salicina
S. pyogenes	A	+*	—	—?	±	—*	—	—*	6,0—4,8	—	+	+	+*	+*	—	—	—?	±	—*	±
S. mastitidis	B	—	+	—	—	+	—	+*	4,8—4,2	—	+	+	+*	+	—	—	—	—	—	+
S. equi	C	—	—	+*	—	—*	—	±	5,5—4,8	—	+	+	—	—	—	—	—	—	—	±
Animal pyogenes	C	±	±	±	±	—	—	±	5,0—4,6	—	±	+	+	—	—	—	—	—	—	+
Humano C	C	—	—	—	+	—	—	—	5,4—4,6	—	+	+	±	+	—	—	—	+	—	+
Minuto Hemolítico	F	—	—*	±	+	—	—	—	5,4—4,6	—	+	+	±	±	+	—	—	—	—	+
Grupo G	G	±	±	±	±	±	—	±	6,0—4,6	—*	+	+	±*	+*	±	—	—	—	—	+
Grupo E	E	—	—	±	±	—	—	—	4,8—4,2	—	+	±	+	+	—	—*	—	±	—	+
Grupo H	H	—	—	—	±	—	—	—	5,0—4,5	—	+	+	±	±	—	+	—	—	—*	+*

* — Ver quadro I.

QUADRO III — Estreptococos viridans (segundo Sherman)

Grupo ou espécie	Crescimento em 2% NaCl	Hidrólise de amido	Hipurato de sódio Hidrólise	Ataque a esculina	Liquefação da gelatina	Coagulação do leite	pH final no caldo glicosado	Ácido produzido a partir de: Arabinose	Maltose	Sacarose	Lactose	Trehalose	Rafinose	Inulina	Glicerol	Manitol	Sorbitol	Salicina
S. salivarius	+	—	—	±	—	±	5,4—4,0	—	+	+	+	±	±	±	—	—	—	±
S. equinus	+	±	—	+	—	—	4,5—4,0	—	+	±	—	±	±	±	—	—	—	±
S. bovis	+	+	—	+	—	±	4,5—4,0	±	+	+	+	±	+	±	—	±	—	+
Variedades de S. bovis	+	—	—*	+	—	±	4,5—4,0	—	+	+	+	±	+	±	—	±	—	+*
S. thermophilus	—	—	—*	—	—	+	4,5—4,0	—*	—*	+	+	—	±	—	—	—	—	—

* — Ver quadro I.

QUADRO IV — Enterococos

Espécies	Grupo Lancefield	Hemólise	Liquefação da geletina	Redução — V. Neutro	Fribinólise	Hipurato de Sódio Hidrólise	Amido Hidrólise	Ataque a esculina	Coagulação do leite	pH final no caldo glicosado	Ácido produzido a partir de: Arabinose	Maltose	Sacarose	Lactose	Trehalose	Rafinose	Inulina	Glicerol	Manitol	Sorbitol	Salicina
S. faecalis	D	—	—	+*	—	±	—	+	+	4,5—4,0	±	+	±	+	+	±	—*	±	+*	+	+
S. liquefaciens	D	—	+	+*	—	±	—	+	+	4,5—4,0	±	+	+*	+	+	±	—	+	+	+	+
S. zymogenes	D	+	±	+*	—	±	—	+	+	4,5—4,0	±	+	+*	+	+	±	—	+	+	+	+
S. durans	D	+	—	—	—	±	—	+	+	4,5—4,0	—	+	—*	+	±	—	—	—*	—*	—	±

* — Ver quadro I.

bioquímicos. Sherman adota uma divisão prática: hemolíticos e não hemolíticos, chama estreptococos piogênicos aquêles que não são enterococos, dessa forma aceita quatro grupos: 1.°) S. pyogenes; 2.°) S. viridans; 3.°) S. lactis; 4.°) Enterococo [6]. Será útil detalhar um pouco mais êsses grupos.

1.°) — **S. pyogenes** — Êste é o grupo dos estreptococos hemolíticos; sua divisão corresponde à tipificação de Lancefield, testes de cultivo e bioquímicos.

Seria um complemento da classificação de Lancefield (quadro II) [6]. Os gérmens dêste grupo crescem entre 10° e 45°C, não resistindo às temperaturas baixas. Possuem fraco poder de redução. Sherman reúne aqui vários estreptococos pertencentes a diferentes grupos de Lancefield:

Grupo A — S. pyogenes é o representante. Hemolítico. Produz estreptolisina e fibrolisina. A êle referem-se os tipos sorológicos isolados por Griffith.

Grupo B — S. mastitidis. Hemolíticos de origem bovina.

Grupo C — S. animal pyogenes, S. hemolítico, S. hemolítico humano C. Estreptococo encontrado no homem são e em alguns casos de erisipela. Habitualmente fibrinolítico.

Grupo F — S. hemolíticos de Long e Bliss (minute hemolitic S) formador de pequenas colônias puntiformes e hemolíticas, oriundo da garganta de indivíduos sadios e de patogenia duvidosa.

2.°) — **S. viridans** — Próprio dêste grupo é a ausência de poder hemolítico. Cresce bem a 45°; algumas raças resistem 60° a 30 minutos não crescem a 10°. Fraco poder redutor, não produz NH_3 à custa de peptonas. Este grupo é fracionado incompletamente. Entre êles estão: S. salivarius, descoberto na garganta. Corresponde ao S. mitior de Schottmüller.

Sikl e Wagner, quase sempre o isolam de endocardites (Osler). S. equinus — Encontrado em fezes humanas, eqüinas e bovinas. Não patogênico Não fermenta a lactose.

S. bovis — Em geral não patogênico para o homem, no entretanto, Sikl e Wagner encontram-no em formas de endocardite lenta.

S. termophilus — Encontrado nos queijos (quadro III) [6].

3.°) — **S. lacticus** — São assim chamados os gérmens do leite azêdo; todos são produtores de ácido lático. Resistem a altas e baixas temperaturas. Resistem às grandes concentrações de azul de metileno — Grande poder redutor. Duas espécies são apontadas:

a) **S. lactis** — Lister, 1873 — grande variação no comportamento fermentativo.

b) **S. cremoris** — fraco poder fermentativo, não cresce a 40.° Kauffman não conseguiu obter sôro de grupo com S. cremoris.

4.°) — **Enterococo** — Os enterococos estão incluídos pelos autores americanos ao grupo D de Lancefield, representando as seguintes espécies:

S. faecalis — não hemolítico.

S. liquefaciens — não hemolítico.

S. zymogenes — hemolítico não patogênico.

S. durans — hemolítico não patogênico (quadro IV) [6].

Alguns autores, entre êles Sikl e Wagner, entretanto, tem encontrado S. faecalis e S. zymógenes em casos de endocardite lenta do tipo Osler.

Para significar a importância dos enterococos e facilitar o seu isolamento nas águas de abastecimento, esta orientação de Sherman satisfaz, facilitando a interpretação dos resultados (quadro II).

Particularizando, vamos resumir as características do Enterococo: Habitat: cavidades naturais do homem e animais, água, solo e ar.

Patogenia: supurações, infecções urinárias e intestinais. Endocardite de Osler.

Identificação: distingue-se dos S. pyogenes e viridans, por apresentar as seguintes características:

a) — morfològicamente; os cocos são geralmente ovalares — formas que lembram bolas de Rugby [5], agrupados dois a dois ou formando cadeias curtas, cápsula envolvendo a cadeia. Nas diversas espécies isoladas encontramos formas móveis, fato já referido por Topley e Wilson que, citando os trabalhos de Koblmüller e Pownai de 1935, esta "mobilidade" parece ser própria dos enterococos. Diante dos processos de coloração se apresentam gram positivos, com tendência a perder a gram positividade quando o descoloramento se prolonga, algumas formas são gram negativas (Topley Wilson);
b) — pelo crescimento fácil nos meios comuns sem o enriquecimento com sôro e ascite.
c) — crescem em presença de azida de sódio adicionada aos meios, bem como nos meios hiper-salinos, isto é, adicionados de cloreto de sódio a 65 por mil.
d) — suportam o aquecimento durante 30 minutos a 56°;
e) — coagulam ou descoram o leite azul de Sherman;
f) — crescem fàcilmente no meio sólido ao telurito (1/700%);
g) — crescem no meio de Rochaix (esculina)
h) — crescem no meio de Hajna e Perry [7]
i) — teste "confirmativo", com etil-violeta, proposta por Rothe.

O ISOLAMENTO DO ENTEROCOCO NA ÁGUA

Nas análises por nós realizadas seguimos as normas propostas por Buttiaux. Êste tipo de pesquisa será sempre um complemento da colimetria, e serão necessárias principalmente nas águas de poço e nas provenientes da zona rural.

As últimas publicações justificam a nossa rotina, pois se considerarmos que os bacteriologistas da água, consideram sem dúvida a azida de sódio como a melhor substância seletiva e recomendam a utilização do meio de Hajna e Perry, fixam também a temperatura de cultivo em 45,5°C. Como faltava sensibilidade ao processo de Hajna e Perry, visto que certos enterococos de origem animal não se desenvolviam, pois se verificava que em muitos resultados o número de enterococos obtidos na cultura era inferior ao da realidade existente do líquido analisado.

Litsky, em 1953, utilizou a fórmula de Rothe que propunha um meio confirmativo com a adição do etil-violeta à composição do meio Hajna e Perry[7].

Assim, passamos a utilizar a seguinte técnica, conforme Buttiaux.

Dispor dos seguintes meios:

a) concentrado

peptona	—	40g
glicose	—	10g
cloreto de sódio	—	10g
fosfato bipotássico	—	5,4g
fosfato monopotássico	—	5,4g
azida de sódio	—	0,4g
água destilada	—	1.000ml

Dissolver por aquecimento suave, distribuir 10ml em tubos de 220 por 22mm. Esterilizar a 120° 20 minutos.

b) simples

peptona	—	20g
glicose	—	5g
cloreto de sódio	—	5g
fosfato bipotássico	—	2,7g
fosfato monopotássico	—	2,7g
azida de sódio	—	0,2g
água destilada	—	1.000ml

proceder da mesma forma já recomendada.

Exame presuntivo:

Água a analisar é distribuída em 5 tubos na proporção

de 10ml por tubo do meio concentrado. Colocar 1ml da mesma água em dois tubos do meios simples e semear ainda da mesma forma diluições de 1/10, 1/100 a 1/1.000. Os tubos vão à estufa a 45,5° pelo tempo de 24 a 48 horas. Os que apresentarem turvação durante este período, são suspeitos de desenvolvimento de enterococo. Passarão ao teste confirmatório.

Exame confirmatório:

Está baseado no emprego do etil-violeta. Este corante, adicionado ao meio procedente, o transforma em eletivo. A fórmula utilizada é a seguinte (Buttiaux):

Peptona	20g
glicose	5g
cloreto de sódio	5g
fosfato bipotássico	2,7g
fosfato monopotássico	2,7g
azida de sódio	0,3g
sol. de etil-violeta a 0,01% em água destilada	5ml
água destilada	1.000ml

Distribuir e esterilizar como os demais meios.

Recomendar etil-violeta Gurr, Upper Richmond, Londres)[7].

Proceder-se assim para o exame confirmatório :os tubos positivos do exame presuntivo serão agitados e através de uma alça de platina, transferidos para o meio com etil-violeta, o qual vai à estufa, durante 24 a 48 horas (37°C). O aparecimento de turvação revela a presença do enterococo. Segue-se a identificação.

O número de enterococos é avaliado como na colimetria.

RESULTADOS

Analisamos 583 amostras de água provenientes de poços dos diversos subúrbios de Curitiba. Constatamos a presença de E. coli com 536 amostras e do enterococo em 336, tabelas n.òs I e II. As espécies de enterococos encon-

tradas comportaram-se como sorbita e trehalose positivas e arabinose negativa, próprias do S. faecalis.

Até o momento parece que o meio de Hajna e Perry, com azida de sódio é o que apresenta maior seletividade para este germen.

TABELA I

Resultados de exames procedidos em bairros de Curitiba

Nome do Bairro	Número de Exames	Positivo para E. Coli	Negativo para E. Coli
Prado Velho	44	41	3
Bacacheri	46	41	5
Cartório do Taboão	42	38	4
Pilarzinho	42	27	15
Vilas: São João, São Pedro, São Paulo	42	39	3
Boa Vista	46	45	1
Bom Retiro	26	19	7
Vila Lindóia	15	14	1
Bairro Alto, Vila Tinguí	66	60	6
Vila São Jorge	40	40	0
Vila Ribas	42	42	0
Alto Cajuru	45	44	1
Bairro Alto	22	21	1
Vila Guaíra	27	27	0
Vila Guaíra	22	22	0
Vila Guaíra Ahu de Cima	16	16	
TOTAL	583	536	47

TABELA II

Resultados de exames procedidos em bairros de Curitiba

Nome do Bairro	Número de Exames	Positivo para Entero-coco	Negativo para Entero-coco
Prado Velho	44	23	21
Bacacheri	46	26	20
Cartório do Taboão	42	10	32
Pilarzinho	42	16	26
Vilas: São João, São Pedro, São Paulo	42	30	12
Boa Vista	46	29	17
Bom Retiro	26	4	22
Vila Lindóia	15	9	6
Bairro Alto, Vila Tinguí	66	38	28
Vila São Jorge	40	27	13
Vila Ribas	42	21	21
Alto Cajuru	45	37	8
Bairro Alto	22	18	4
Vila Guaíra	27	23	4
Vila Guaíra	22	12	10
Vila Guaíra, Ahu de Cima	16	13	3
TOTAL	583	336	247

DISCUSSÃO

Verificamos nas tabelas uma discordância entre a E. coli e o enterococo em relação à freqüência concomitante de ambos. A presença do enterococo isolado sem outro germen fecal parece destitui-lo de valor, conforme os pesquisadores franceses, entre eles Buttiaux[8], que os tem encontrado em vários produtos alimentares por ele reputados como de excelente qualidade. Contrariam essa opinião, os autores americanos, entre eles Ostrolenk e Hunter[8], que atribuem a ele grande importância como índice de contaminação fecal. Entretanto, Buttiaux não deixa de reconhecer a grande resistência do enterococo, nas fezes dessecadas e nos solos contaminados, o que faz sobreviver muito mais tempo que o E. coli. É possível então explicar a discordância por nós encontrada como reflexo de uma contaminação antiga ou ainda a presença isolada deste germen ser devida mais a uma infiltração decorrente de águas de infiltração através de um solo permeável, do que propriamente a uma contaminação direta por matérias fecais. Somente novos estudos poderão esclarecer este problema.

CONCLUSÃO

Por enquanto a interpretação se restringe nas seguintes considerações:

1) — Nos casos de coexistência entre E. coli e Enterococo na água, este último confirma a contaminação fecal.

2) — Nos casos onde se verificar a ausência de E. coli, porém estando presente germens de significação incerta, como E. intermediaria. Aerobacter, Paracoli etc, a presença do enterococo juntamente com eles evidencia a contaminação fecal[6].

RESUMO

Foi feita uma revisão do grupo Enterococo, visando uma síntese, que sirva de roteiro para os que se dispõem ao estudo da bacteriologia das águas de consumo. Foi feita a apresentação de 583 análises bacteriológicas de águas oriundas de poços dos diversos subúrbios de Curitiba,

nas quais foi procurado confrontar a freqüência da concomitância da **E. coli** e do **Enterococo.** Verificaram que os enterococos encontrados se comportam com as características do **S. faecalis.** Propõem uma norma de trabalho a fim de serem padronizadas as pesquisas, estabelecendo uma interpretação definitiva. Ao mesmo tempo procurou-se uma explicação para os fatos verificados.

Concluiu-se que é importante a pesquisa do enterococo como complemento da colimetria.

É um índice da antigüidade da contaminação fecal.

O seu aparecimento ao lado da **E. coli** ou de outros germens discutíveis indica verdadeiramente a contaminação fecal.

BIBLIOGRAFIA

1) **E. Mace** — Traité pratique de bacteriólogie, 5.ª ed., Paris, Librairies J. B. Baillière et Fils, 1904.
2) **A. Besson** — Tecnique microbiologique et sérothérapique — 8.ª ed, 1928.
3) **W. W. C. Topley e G. S. Wilson** — Bacteriologia Immunidad 1.ª ed. espan. — 1942.
4) **L. Whitby e M. Hynes** — Bacteriologia médica, El Ateneo, 1960.
5) **A. Nevot** — Le diagnostic bactériologique en pratique médicale, 2.ª ed., Paris, Masson et Cie., 1958.
6) **P. Gastinel** — Précis de bactériologie médicale, 2.ª ed., Paris, Masson et Cie., 1957.
7) **R. Buttiaux** — La standardisation des métodes d'analyse de l'eau, **in:** Revue d'hygiene et de médicine sociale, **6** (2) Mars (1958).
8) **R. Buttiaux** — L'analyse bactériologique des eaux de consommation, Editions médic. Flammarion, 1951.

EXAME BACTERIOLÓGICO DA ÁGUA DAS CIDADES DE MARINGÁ E LAPA

ANTENOR PUPO
ALCEU SCHWAB
DARCY PASQUINI
LUIZ ALBERTO SILVA VEIGA

I — ÁGUAS DE ABASTECIMENTO

Seria inútil uma investigação científica que não se tornasse compreendida pela coletividade. Não pode o investigador permanecer mudo, preocupado, em apenas assimilar conhecimentos, seria como uma pedra preciosa perdida no cascalho. Estudiosos e pesquisadores que se confinam no abstrato e no silêncio, envenenam os destinos da nação.

Estas palavras iniciais se destinam principalmente aos jovens que se aprestam nos temas referentes à proteção da saúde humana. Saúde que muito embora não sendo tudo, tudo se esvasia sem ela.

Proteger a saúde através da água é de fato um tema singular. Pensemos um momento na água veremos então que ela não é uma substância comum, pois que, sendo de todos conhecida é estranhamente ignorada.

Recordemos que na antiguidade, quando o homem começou a transpor o estágio do nomadismo para o sedentarismo das cidades, se já possuia o ar, precisava das águas dos rios e dos lagos, que foram as fontes gregárias das primitivas sociedades humanas. Foi a água que permitiu a convivência, modelando e educando as primitivas cidades, e se homem perdeu a liberdade quando nômade, ganhou em vontade, ao permanecer sedentàriamente

estático, ao afirmar a reverência pelo semelhante; a água foi a matéria prima dessa elevação moral.

Sendo fluida, penetrava, dissolvendo-se na forma, criou a imaginação, que, dela fêz o símbolo da purificação transcedental; caindo do alto, feita de chuva, móvel nas ondulações, líquida e certa como a grande solução de tudo. Para entender o princípio e o término de tudo, o homem fez dela tôda uma ideação de sagrado, pois que ela envolvia tudo, envolvia terras e banhava o mundo, repositório que era das sementes e dos germens da fecundação, foi o tema da transcedência; pela água conheceu o discernimento que por sua vez ensinou ao ser humano essa existência, que, consiste em tudo transformar. Foi a água, êsse fluido singular, que alicerçou a imagem futura do perene progredir e mostrou que o existir é, como a continuidade do fluir, algo essencial na substância, de algo móvel infiltrando-se continuamente no passivo sedentário de matéria, que nada podia ser estável, tudo é um constante fluir de si.

A vida é um movimento incessante de transformação, é a fixidez da forma na infinita permuta de matéria. A vida é permuta entre o corpo e o meio ambiente, extremos de oposição, que dissolvendo-se livram energia, coisas que se reformando armazenam energia. O bioquímico Rondoni nos diz, que, a matéria viva está em constante dissolução e concentração, em harmonia dinâmica, sendo o organismo um fluxo constante de matéria e energia, que sendo transformador nunca será Creador.

Van der Leeuw (1) nos fala de um diálogo ouvido entre os negros de Surinam, onde um falava: "o homem não pode viver sem a água", argumenta outro: "nem na ausência do fogo", o primeiro prossegue: "Não, senhor; não se pode comparar o fôgo à água, porque o homem conseguindo fazer o fôgo não faz a água. Ela é atributo de Deus. A água é indispensável a tudo quanto vive; homem, animal e planta, porém apenas o homem não pode viver sem o fôgo'. Pois então se os nossos ancestrais puderam criar tais lances de imaginação, porque os nossos contemporâneos se confinam nessa postura irracional de ignorância dêste singular princípio, permanecendo sub-

misso e escravizado ao meio em que vive, cuidando unicamente de aumentar o volume corporal sem adquirir um mínimo acréscimo imaginativo?

Justamente, por ser a água tão disseminada, tão comum, ninguém se lembra que, sem ela não é possível viver e que é urgente estar imerso nadando nela.

Temos que salientar, aquêles escuros 9 meses, quando na estufa materna, começou inundado de água tépida, para seguir entre o nascimento e a morte, recebe um misterioso rio que serpenteia por entre alas marginais de carne e osso, que vai banhando todo o nosso mundo interior. Verdadeiro sôro vital, água de vida que tudo solubiliza. Pensar que o sangue é água, que há tecidos que tem mais de 82% de água que o carnoso músculo é mais de 75% dela. E a água hepática? E a rigidez do osso que requer mais de 22% de água para se manter com vitalidade? Oitenta por cento do pêso corporal é água. Então se permanecemos vivendo é apenas porque a água vai fluindo pelo sedento corpo, nêste dever de repor o líquido que se evapora dos tecidos nêsse vapor respiratório. Ninguém avalia que pela nossa bôca, escorre silenciosamente, por ano, água cinco vêzes superior ao nosso pêso, e que entre o princípio e o término do homem, que, vivendo a temporalidade normal, êle ingere imperceptìvelmente 26.000 litros dêsse líquido singular.

Alguém mais capaz já escreveu, que: (2) "Poderia escrever-se a história do crescimento do homem em função de suas épicas preocupações pela água".

Observando a história notamos um fato estranho: água difícil — homens unidos. Aonde o homem civilizou-se, sempre a água foi escassa e as chuvas raras, difíceis aquelas da superfície. Foi a sêde que determinou a reunião dos homens, para que agrupados, concretizassem numa região sêca um plano hidráulico. Nem falta na tradição o lendário pôço de Jacob em 30 metros de rocha perfurada. Canais profundos fizeram da Mesopotâmia um jardim maravilhoso e os egípcios antigos de 5.000 anos, represaram águas numa barreira larga de 110 metros e alta de 12, que serviu para regular o Nilo e levar águas a grandes distâncias.

Basta o que afirmamos nesse apressado intróito para significar que numa sociedade humana o importante é o desapego do egoísmo individual para o sustento do bem coletivo, é o instinto de cada um dominado pela imaginação coletiva, pelo raciocínio controlado do grêmio, que faz nascer a ética que possibilita as sociedades estáveis. Por isso que um notável manual registrou estas sábias palavras: "Talvez a especialização econômica e os postulados morais básicos de todas as religiões nasceram da ... água".

II — NECESSIDADE DE ÁGUA

Estávamos quase nos deixando levar pelos terrenos abstratos de uma quase metafísica. Já os assistentes nos rotulavam de abstratos. Mas o que desejamos é o bem de todos. Certo que vivemos uma Utopia, quando tudo permanece no domínio da idéia nesse fluir do espaço-tempo, quando é necessário lembrar Heráclito e sua famosa charada: "Não podes banhar-te duas vezes no mesmo rio, pois as águas que fluem sobre ti são sempre novas".

O século vinte exige uma cultura tecnológica calcada no ferro-cimento-petróleo e desatende o problema hídrico, esquecendo que a água é de fato singular.

Crescem os povos, os homens vão sendo numerados em milhões, afirmam-se em números estatísticos e não sabem que estão sedentos, porque nos planos das cidades modernas se omite a singularidade da água. Os habitantes do civilizado século vinte padecem de sede crônica.

Recordamos que nas antigas populações, bastavam ao homem pouco mais de 20 litros diários, ao continuar, já no alvorecer da técnica consumia 60 litros e na atualidade estamos em que, ao duplicar-se a população, a necessidade hídrica se sextuplica, mesmo porque as técnicas fizeram aparelhos tais como as máquinas de lavar roupas, as secadoras, os lava-pratos, o ar condicionado, as eliminadoras de resíduo e um sem número de outros objetos que vão aos poucos esgotando as fontes de abastecimento da água.

Na observação do problema da água nos países desenvolvidos aprendemos exemplos como os que vamos expor:

no beneficiamento de um simples alqueire de milho se consome de 10 a 20 toneladas de água; uma insignificante pesada de carne benignamente tratada inutiliza 20 toneladas do líquido; para um barril de petróleo são consumidos 18 barris de água; 50 litros de cerveja arrancam 1.200 litros de água; 250 toneladas de água são utilizadas para fazer 1 tonelada de celulose e uma tonelada de carvão consome 100 toneladas do líquido singular.

Esses exemplos satisfazem para sentir porque um país industrializado como a América do Norte está precisando de 960 mil milhões de litros de água por dia, e o sucesso das suas empresas estará dentro de 20 anos, conforme as previsões dos geólogos a consumir 2,4 bilhões de litros diários.

Pelo exposto será fácil concluir que, desenvolvimento é evidentemente abastecimento de água.

III — ÁGUAS RESIDUÁRIAS

Devido ao alto consumo de água pela indústria, muito se estuda a recuperação das águas industriais. Isto pode ser conseguido, porém custa muito. Porque ou elas se evaporam ou se tornam inúteis pelo tipo de acréscimos ou resíduos, os quais ao serem derramados nos rios ou lagos, os deixam como simples depósitos de sedimentos cloacaes e industriais. Um tema que os tempos atuais exigem é de como recompor a água tornando-a novamente utilizável. Por isso ativam-se técnicas que, ou favoreçam as chuvas artificais ou que busquem aproveitar as águas oceânicas.

Mas, ilustremos o nosso assunto com a opinião de K. S. Davis e J. A. Day (2), os quais se esmeram elaborando métodos de limpar as águas contaminadas tornando-as aproveitáveis, ao mesmo tempo que evitam a poluição das fontes naturais. Assim os estudiosos citados, reclamam no fornecimento de água potável para uma cidade de mais ou menos 20.000 habitantes, que pelo menos 75% de água provenha de um rio e que o restante 25% seja extraída de poços.

Pretendem ainda deixar rotina que uma prévia esteri-

lização deve ser feita em câmaras adequadas pelo cloro (pré-cloração), segue-se uma floculação por adição de alumina, ferro e cal, de maneira que um floculado decorrente do hidróxido de ferro surgente, manifeste uma coagulação que ao sedimentar-se arraste os sedimentos suspensos, numa câmara de decantação. No seguimento do método de purificação, a água filtra-se em camadas de areia fina (900mm de espessura); prossegue-se dando a moleza na água adicionando cal e carbonato de sódio anhidro, que retira substâncias calcáreas, magnesianas e ferruginosas enquanto acentua-se um equilíbrio neutralizante induzido pelo amolecedor. Finalmente uma nova cloração e a água sobe bombeada para os sistemas de distribuição.

Ainda os mesmos estudiosos prosseguem recomendando os meios de se evitar poluição, visando o tratamento dos resíduos cloacois, e estabelecem que: "Nunca se deve derramar numa corrente de água, resíduo cloacal algum em seu estado natural; todos os resíduos cloacaes devem ser submetidos a tratamento antes de proceder sua eliminação".

Esses resíduos cloacaes, são eliminados num tratamento chamado primário que depende da capacidade digestiva do rio, o qual muitas vezes requer um tratamento secundário.

O primário, muitas vezes se resume numa simples peneiragem que elimine até 25% dos sólidos, 20% das bactérias e mais a avidez de Oxigênio.

Importa recordar que se mede a poluição orgânica da água pelo B.O.D. (Demanda Bioquímica de Oxigênio) que quer dizer o consumo necessário de oxigênio capaz de oxidar compostos orgânicos inestáveis presentes. Quanto mais consumo de oxigênio mais poluição. Uma decantação, por sedimentação, livra a água cloacal de 70% dos sólidos com diminuição evidente das bactérias; nisto consiste o tratamento primário.

Quanto ao tratamento secundário, decorre do volume cloacal em referência ao volume do rio. Nesse tipo de tratamento, usa-se o "lôdo ativado" ou seja o resíduo cloacal

metabolizado por bactérias, que digerem resíduos cloacaes novos e o processo segue a seguinte marcha:

Primeiro: após filtração e sedimentação, o resíduo recebe até 35% de lôdo biologicamente ativo.

Segundo: a mistura é arejada para proporcionar crescimento bacteriano, daí que a matéria orgânica se oxida, facilitando a sedimentação.

Terceiro: após a sedimentação a água resultante, efluente, está límpida, com um mínimo de substâncias orgânicas.

O sistema de tratamento reduz até 95% a avidez de oxigênio e elimina 98% das bactérias. Evidente que, nos tanques de lôdo, manifesta-se uma reação fermentativa, altamente produtiva de gases combustíveis, que acionam as instalações industriais. Várias cidades são iluminadas por luz originada de energia cloacal. Também o resíduo lodal revelou ser ótimo adubo que ativa substancialmente os solos esgotados. As instalações em geral se tornam autosuficientes economicamente pela venda dos adubos resultantes.

Notemos, que no desenvolvimento desta lição, existe um critério: aquele de despertar um conceito suficiente para alertar toda uma população, para que ela torne eficiente a proteção das suas fontes de abastecimento hídrico.

Mas pensando nas regiões ressequidas do Brasil, naquele nordeste estiolado devemos anunciar que mais uma esperança surge criada por estudiosos, entre os quais cito, Walter Badger, que ampliou de muito as possibilidades de aproveitamento da água do mar.

Até pouco tempo as possibilidades de passar água salgada para água doce era um problema, devido a água do mar ao evaporar-se deixar um enorme resíduo salino que ao incrustar-se no interior dos encanamentos causava obstruções incontroláveis. Tentaram corrigir esses inconvenientes com a utilização de canos especiais de cobre-

níquel os quais resultavam caríssimos deixando o uso proibitivo. Badger em 1958, estudou o assunto, tratando de arranjar métodos que impedissem a cristalização intra-tubos. Introduziu grânulos de incrustações triturados na água do mar original à proporção que ela ia sendo enviada aos condutores.

Em 1960 o método Badger se revelava capaz de produzir 4.800 litros, diários, graças a uma instalação piloto instalada na Carolina do Norte. No momento esse processo vai sendo aplicado no Texas e produz cerca de 4 milhões de litros de água doce aproveitando águas do Golfo do México.

IV — ÁGUA POTÁVEL

Toda água destinada ao consumo humano deve ser potável devendo possuir qualidades especiais. Tratando-se de um líquido básico de alimentação, chega ao organismo quer em estado livre como bebida ou complexada com os alimentos. A água livre é a que nos interessa e principalmente os problemas bacteriológicos decorrentes, que quando executados devidamente revelam que a água se converte em certas circunstâncias numa fonte de infecções originariamente hídricas. Os responsáveis por essas enfermidades são seres microscópicos, notadamente bactérias contaminantes, nela permanecendo temporariamente, embora inibidas no seu crescimento. Por sua vez a referida contaminação hídrica é de origem especificamente humana, portanto é analisada como tal.

As mais freqüentes infecções carreadas pela água são muito bem caracterizadas, entre elas são comuns entre nós a febre tifóide, disenteria bacilar, diarréia aguda e icterícia infecciosa, consideradas como as mais típicas da via hídrica. Acrescentamos ainda que essa via pode além do mais veicular os chamados agentes parasitários causadores das disenterias amebianas, giardiose e ascaridiose.

Evidente está que a pesquisa bacteriológica na água

fica restrita na busca de microorganismos habituais no intestino humano, que ao serem reveladas prontamente esclarecem os médicos ou os serviços de saúde pública, que fatalmente terão de impor as normas clássicas de proteção às águas de abastecimento, tornando-as potáveis.

Bacteriologicamente, o mínimo que se deve exigir no referente à água usada pelo homem é que ela apresenta apenas algumas bactérias saprófitas ou inofensivas e que não apresente nenhuma espécie fecal ou hóspede de intestino, ou outras que por menos freqüentes sejam patogênicas.

Consideramos ainda, que nesse julgamento devem ser multiplicadas as análises para que a freqüência bacteriana suspeita se mostre duradoura ,uma vez que, uma única verificação não basta para uma avaliação efetiva.

Claro que toda a cidade deve manter ou procurar recursos que facultem pelo menos semanalmente o controle bacteriológico das águas de seu abastecimento.

A técnica bacteriológica fornece meios quase perfeitos e com elas demonstramos rigorosamente a poluição fecal; por isso na interpretação dos resultados decorrem medidas de grande alcance na proteção das populações.

V — ENFERMIDADES HÍDRICAS

É uma realidade inconteste que várias doenças se propagam preferencialmente pela água, principalmente febre tifóide, disenterias bem como quase todos os germens infecciosos já foram encontrados neste veículo.

As manifestações da patologia hídrica se caracterizam, por surtos epidêmicos com aparecimento simultâneo de inúmeros casos de uma daquelas doenças, bem como às vezes se limitam aos aglomerados humanos que usaram uma determinada fonte, e que coincide com o desaparecimento da epidemia, com a esterilização ou proteção dos mananciais responsáveis.

VI — FENÔMENO DE MILLS E REINKE

A água verdadeiramente influi na saúde, não apenas na evolução das infecções mas atinge planos diferentes atuando sobre afecções orgânicas de origem não microbiana ou de origem ignorada; essas conclusões devemos a Mills e Reinke. Reinke em Hamburgo pelo ano de 1893, notou após a distribuição de água filtrada em areia, que comparando o quadro de mortalidade do ano anterior no tratamento do manancial, que a mortalidade por febre tifóide baixava de 47 por 100.000 habitantes a 7; era uma redução de mortalidade nunca dantes verificada. Mas o que surpreendia era o fato de não baixar apenas a mortalidade por febre tifóide; a realidade é que houve ainda uma diminuição total da mortalidade geral, de 24 por mil para 17. Essas anotações prosseguiram com a mesma regularidade nos anos que se sucederam.

Paralelamente Mills chegava às mesmas conclusões em Lawrence, onde também depois da purificação da água a mortalidade por febre tifóide caiu de 121 a 26 por 100.000, ao mesmo tempo que a mortalidade geral passou de 24 a 20 por mil habitantes.

A seguir generalizaram-se as observações em várias cidades, e as curvas de mortalidade sempre coincidiam com as primeiras anotações de Mills e Reinke.

Hazen, engenheiro, americano, chegou a uma lei, que ilustra a importância do fenômeno. É a seguinte: "Em uma morte evitada por tifóide se eliminam duas a três mortes devidas a outras causas mórbidas".

Não está devidamente esclarecido o mecanismo do fenômeno de Mills e Reinke. O que importava é que êle estava presente sempre após o tratamento da água. Na verdade bastava muitas vêzes uma simples modificação na condução do líquido, outras vêzes a modesta cobertura dos aquedutos, enfim qualquer meio de proteção dos mananciais, fazia um efeito como se houvesse uma íntima modificação bacteriana das águas.

Então a lei de Hazen e o fenômeno de Mills e Reinke

devem estar presentes quando nos dispomos a estudar os meios protetores da saúde das populações.

VII — BACTERIOLOGIA DA ÁGUA — NOSSOS MÉTODOS

O laboratório de Microbiologia da Escola de Química da Universidade do Paraná, está devidamente equipado para realizar e ministrar aos seus alunos os métodos mais atuais para exame de água; procuramos despertar a aptidão para o assunto e várias cidades brasileiras de há muito vêm se beneficiando dêstes conhecimentos.

Aparelhamo-nos para isso com o intuito de revelar dois grupos bacterianos: Bactérias satélites e patogênicas (3 e 4).

VIII — ÁGUA DE MARINGÁ

Plano em execução:

a) instrução de pessoal habilitado, fornecimento de material para a colheita e transporte da água;

b) seqüência no laboratório visando o rápido isolamento de bactérias satélites;

c) tratamento das águas pelo Leite de Alumina, técnica de sedimentação e captação de tôda a população bacteriana contida na água colhida. Distribuição em meios especiais;

d) interpretação, provas bioquímicas, microscopia, sorologia. Sistemática.

Os quadros apresentados, resumem nossas pesquisas.

A colheita das águas de Maringá, obedeceram o critério abaixo:

Águas naturais: Rios, poços artesianos e semi artesianos.

Águas residenciais: Casas, escolas, hotéis, hospitais, bares, padarias, mercearias, pensões.

Águas de piscinas: Torneiras públicas, etc.

IX — POÇO SEMI-ARTESIANO E RIO

Localidade	Grupo Cóli Aerógenes	Entero-coco	Proteus	Paracoli	Pseudo-monas
Prefeitura Municipal	—	—	—	—	—
Padaria Copacabana	+	—	—	—	+
Bebidas Virginia	—	—	—	—	—
Bebidas Ouro Verde	—	—	—	—	—
Fonte Maringá	+	—	—	+	+
Padaria Herval	+	+	—	—	—
Padaria Arco Iris	—	—	—	—	—
Panificadora Nokae	—	—	—	—	—
Padaria e Confeitaria Maringá	—	—	—	—	—
Padaria Rio Branco	—	—	—	—	—
Bar Urso Real	—	—	—	—	—
Pensão Central	+	—	—	—	—
Av. Getulio Vargas	—	—	—	—	—
Maringá Clube	+	—	—	—	—
Auto Centro de Serviço S. Paulo	—	—	—	—	—
Hospital Sta. Rita	+	—	+	—	—
Av. Brasil, 5552 —					
Hotel N. S. de Fátima	—	—	—	—	—
Av. Colombo s/n	—	—	—	—	—
Rio Pirapó	+	—	+	—	—
Rio Pirapó	+	+	—	—	—
Rua 3, data 6,	+	—	+	+	—
Colegio Maringá	—	—	—	—	—
Escola de Aplicação Anita Garibaldi	—	—	—	—	—
Ginásio Sto. Inácio de Loiola	—	—	—	—	—
Colégio S. Cruz	—	—	—	—	—
G. E. Visconde de Nacar	—	—	—	—	—
Colégio N. S. Glória	—	—	—	—	—
Identidade	E. freundil E. coli Klebsiela pneumoniae (?)	Strep faecium Strep bovis (?)	Proteus sp Proteus mirabilis		Pseudo-monas sp

\+ Gás em 24 horas no caldo lactosado e crescimento no meio de Hajna e Perry.

— Ausência de gás no caldo lactosado em 48 horas e ausência de crescimento no meio de Hajna e Perry.

X — POÇO COMUM E PISCINA

Localidade	Grupo Coli Aerógenes	Entero-coco	Proteus	Paracoli
Pensão Portugal — Av. Santos Dumont	+	—	+	—
Casa do Estudante — Avenida Cerro Azul	—	—	—	—
Maringá Clube — Piscina	+	—	+	—
Rua Matias de Albuquerque	+	—	—	—
Rua Joaquim Nabuco, 486	—	—	—	—
Av. Brasil, esq. Cleópatra	+	—	+	—
Av. 14 de dezembro, 403	+	+	+	—
Av. São Paulo s/n — Bar Alvorada	+	—	+	+
Colégio Estadual Gastão Vidigal	+	—	—	+
Grupo Airton Plaisant	—	—	—	—
Grupo Escolar Rodrigues Alves	+	—	—	+
Grupo Escolar Campos Sales	+	+	—	+
Identidade	E. freundii E. coli Klebsiela pneumoniae (?)	Strep faecium Strep bovis (?)	Proteus sp Proteus mirabilis	

\+ Gás em 24 horas no caldo lactosado e e crescimento no meio de Hajna e Perry.

— Ausência de gás no caldo lactosado em 48 horas e ausência de crescimento no meio de Hajna e Perry.

XI — Água da LAPA

Localidade	Grupo Coli Aerogenes	Enterocóco
Ginásio ESstadual General Carneiro	+	+
Pôsto de Higiene do 2.° distrito Sanitário	—	—
2.ª Circunscrição Agrícola	+	—
Casa da Criança José Lacerda	—	+
Asilo São Vicente de Paula	—	—
Hotel Rio Branco	+	+
Hospital Fundação Hipolito e Amélia Alves de Araújo	+	+
Grupo Escolar Manoel Pedro	+	+
Caixa Elevada da Estação de Abastecimento	+	+
Bar e Restaurante Faixa Azul	+	+
Posto S. Benedito	+	—
Supermercado Miraluz	+	+
Bar Avenida — Rua Manoel Pedro — esq. Westphalen	+	—
Bar Pérola	+	—
Ginásio S. José	+	+
Pensão S. Carlos	+	+
Rua Amintas de Barros, 416	+	+
Rua Amintas de Barros, 486	+	+
Posto S. Jorge	+	—
Prefeitura Municipal	+	—
Identidade	A. cloacae E. intermediária E. intermediária atipica (Brissou) E. coli	Str. faccium Str. Durans Str. faecalis variedade faecalis Str. faecalis

\+ Gás em 24 horas no caldo lactosado e crescimento no meio de Hajna e Perry.

— Ausência de gás no caldo lactosado em 48 horas e ausência de crescimento no meio de Hajna e Perry.

XII — BACTÉRIAS SATÉLITES

O chamado colibacilo, hóspede permanente da flora intestinal humana, bem como as bactérias coliformes denunciam quando presentes na água de abastecimento, uma contaminação de origem chamada fecal. Por isso a investigação dessas bactérias é um tempo indispensável para estimar a potabilidade de um líquido qualquer e mesmo de todo o alimento.

A revelação da Escherichia coli é fundamental, pois é a que melhores condições possui para resistir no meio hídrico. É considerada como "satélite" uma vez que gira sempre em tôrno de grupos bacterianos de significado mais importante, de isolamento mais difícil tais como as Shigellas e Salmonellas.

Utilizamos com o mesmo designio e a fim de confirmação rápida de contaminação fecal, evidenciar ao mesmo tempo a presença do Enterococo, pois há unanimidade atualmente entre os bacteriologistas em considerar êstes germens igualmente típico da flora intestinal. Ilustramos êste pormenor citando Buttiaux (5), grande autoridade, que a êsse respeito registra o seguinte: "Basta reter, entretanto que o Enterocóco coexistente na água com outros germens teste de contaminação fecal, confirma a existência da poluição" (6).

XIII — BACTÉRIAS PATOGÊNICAS

Utilizamos ao lado da investigação das bactérias satélites, técnicas acessíveis capazes de mostrar a presença de germens mais significativos. Graças ao aperfeiçoamento dos meios de cultura seletivos, está simplificado o isolamento de bactérias tais como: Shigellas. Salmonellas e Proteus. Essas as que mais nos têm preocupado.

Salientamos que pela primeira vez nos dedicamos ao grupo Proteus. Êsse grupo é composto de bactérias encontradas em águas de variada procedência. Não há discussão possível quanto a sua origem fecal. Sua presença salienta a poluição. Portanto as águas onde elas persistem não estão em condições de potabilidade. Essas bactérias são

úteis, para nos contar da poluição fecal ou devidas a matérias orgânica em putrefação.

BIBLIOGRAFIA

1) Leeuw, L. van der — La Religion dans son Essence et ses Manifestations.

2) Davis, K. S. e J. A. Day — Água: Espejo de la Ciência, Eudeba, 1961.

3) Pupo, A. — Bacteriologia da Água, Rev. Médica do Paraná, 27 (129) (1958).

4) Pupo, A. — Bacteriologia da Água, An. Fac. Med. Univ. Paraná, 2,41 (1959).

5) Buttiaux, R. — L'Analyse Bacteriologique des Eaux de Consommation, Flamarion, Paris, 1951.

6) Pupo, A. e A. Schwab — Enterococo em Águas de Abastecimento Com. à XIV Reunião Anual da SBPC, Curitiba, 1962.

CONTEÚDO

I — Águas de abastecimento
II — Necessidade de água
III — Águas residuárias
IV — Água potável
V — Enfermidades hídricas
VI — Fenômeno de Mills e Reinke
VII — Bacteriologia da água — Nossos métodos
VIII — Água de Maringá
IX, X e XI — Tabelas
XII — Bactérias satélites
XIII — Bactérias patogênicas
XIV — Bibliografia
XV — Conteúdo

EXAME BACTERIOLÓGICO DA ÁGUA DO LITORAL DO PARANÁ

Antenor Pupo, Alceu Schwab, Darcy Pasquini e Luiz Alberto Veiga

da Cátedra de Microbiologia e Tecnologia das Fermentações da Escola de Química da Universidade do Paraná

PARANAGUÁ
1964

Barracos escuros filtrando chuva e vento; chão úmido de terra batida; fumaça sufocante; gente apinhada; cobertas rôtas em catres imundos; crianças esquálidas, sujas e cheias de feridas; fossas negras contaminando a água dos poços; água poluída contaminado seres humanos; desânimo; promiscuidade, doença, degeneração, morte! Meu Deus! Quem os teria condenado?

Ivo Arzua Pereira

ÁGUAS DE ABASTECIMENTO

"O médico deve viver da saúde e não da enfermidade" Rene Sand

Em outras oportunidades dedicamos atenção sobre as questões mais objetivas a serem focalizadas, com relação a Bacteriologia das águas de abastecimento, que servem várias cidades e regiões do litoral paranaense a fim de, avaliar o grau de poluição das respectivas fontes, todas em estado natural de origem. (1, 2, 3 e 4).

Insistindo, nesta questão, pretendemos apenas, salientar a importância do assunto, ao mesmo tempo que objetivamos, influir no estudante de química e nos futuros médicos, para que eles sintam os problemas atinentes à Medicina preventiva, principalmente os referentes à prevenção primária, pois que da secundária, ou seja no curso das endemo-epidemias, resulta que, vários indivíduos já sofreram lesões orgânicas, às vezes irreparáveis. Fiel a este critério é que Ramazzini afirmou: "Prevenir é melhor do que curar".

Cientes da falta de originalidade dos nossos trabalhos, deixamos neles unicamente revelados, uma finalidade, procurando afirmar os passos para sair do campo da Microbiologia pura, para atingir esse mais prático, dirigido e adaptado às necessidades individuais e coletivas.

Nosso esforço, será compensado se ele merecer atenção dos que meditam, sobre os meios de ativar a Medicina Preventiva e sentem sinceramente que, ao se especializarem nela, cuidarão do bem estar social, cônscios do juramento hipocrático que, na realidade significa: "uma nova forma de viver e não simplesmente uma maneira de ganhar a vida". (5).

Pouco a pouco, o próprio Estado vai sentindo que as coletividades humanas, esperam dele muito mais que os tratamentos de uma determinada doença, querem normas de prevenção para obter um melhor bem estar. Nada melhor que os especialistas em Saúde Pública, os que, Sanitaristas se integram na assistência total da prevenção. Tão importante a atuação do sanitarista em nosso tempo, que ainda há pouco o Professor Loffler, de Zurique (6), escreveu este tópico que salientamos: "situam-se os médicos de grupo, os médicos sociais e os representantes da medicina preventiva, que não devem ser considerados, aliás, unicamente como invenção do mundo moderno, e cuja função é a de erradicar ou de prevenir doenças completas.

Estes grupos devem ter em comum uma base médica e científica, a fim de que, sejam evitados penosos atritos. Estes médicos devem se compreender, colaborar, estimular reciprocamente e não prever e edificação de uma nova Torre de Babel".

Nada melhor do que este tema da água e sua importância em Saúde Pública, para se desenvolver a Higiene, ao mesmo tempo que alertar ao Estado, que todo e qualquer saneamento, deve começar pelo fornecimento de água em perfeito nível de potabilidade.

A Organização Mundial de Saúde (O.M.S.) quando definiu o conceito de saúde revela a perfeita compreensão das necessidades individuais e coletivas, pois, para essa organização, Saúde, "é um completo estado de bem estar físico, mental e social, e não somente a ausência de enfermidade e invalidez"; claro que uma pessoa quando está sã tem saúde, por sua vez uma comunidade está saudável quando cada indivíduo ou cada um de seus membros é são e quando todos os membros da sociedade estão satisfeitos com a comunidade em que vivem, podemos dizer que existe bem estar social e espiritual.

Boyle no século XVII, alicerçou o conceito da potabilidade da água sob o ponto de vista químico determinando certas condições ótimas de salinidade, porém Pasteur formulou em bases biológicas e viu na água o veículo ideal,

para a disseminação dos microrganismos, quando afirmou concretamente "As águas dos rios estão constantemente contaminadas. Continuamente as poeiras atmosféricas se depositam sobre o solo, de onde as águas das chuvas as levam e as reúnem". Evoluindo as idéias de Boyle e Pasteur, ou seja os princípios de química e da biologia bacteriana se tornaram efetivas, as investigações se aprimoraram e foi possível estabelecer um critério justo para a avaliação da pureza, da potabilidade da água, essa substância fundamental da vida, sangue da terra e também sangue do homem.

Hoje, ganha importância o conhecimento biológico, ao mesmo tempo que químico desse líquido no qual a vida está imersa. As investigações se aperfeiçoaram de tal forma, tanto na biologia como na química que podemos precisar, através dos meios de isolamento que proporcionam reconhecer desde as bactérias patogênicas até o satelitismo das coliformes. Do ponto de vista químico podemos oferecer aos estudiosos um capítulo que bem poderia se denominar Química, água e câncer, como exemplo de prevenção, desse flagelo ainda misterioso que assola a humanidade sem uma explicação razoável. Para os químicos, esse capítulo constitui um tema notável de colaboração com o sanitarista, na medicina preventiva, pois a carência do magnésio, elemento estudado há mais de 30 anos por Delbet, que suspeitou com muita propriedade de que a ingestão de quantidade deficientes desse elemento, favorecia o aparecimento do Câncer. Registramos as palavras textuais de Voisin (7) "investigadores holandeses (Tromp e Diehl) comprovaram em 1956, que a escassês de Magnésio em algumas águas, especialmente as de rios purificadas que bebemos geralmente nas cidades modernas, poderiam ser muito bem uma das causas da mortalidade por Câncer, cuja freqüência é muito maior nos bairros das cidades e do que nas regiões aonde não se bebem estas águas purificadas". Reveste-se de importância esta citação, principalmente depois das descobertas de Pillemer em 1956, sobre a properdina que por sua vez veio salientar o papel do Magnésio no Câncer. É preciso que os nossos químicos se disponham a apreciar este assunto, para no futuro talvez muito próximo, termos que reformu-

lar as nossas atuais técnicas de purificação de água, tornando-as mais racionais de acordo com o teor natural da sua composição.

Tem razão Sedgewick quando se mostrou um tanto pessimista do pouco que sabemos a respeito destes assuntos, quando em 1901 escrevia "poucos sanitaristas avaliam como são recentes nossas idéias sobre higiene dos abastecimentos de água. A clara percepção da água como veículo de doenças tem apenas cinqüenta anos e nossos métodos de purificação científicos e não singelamente empíricos só se desenvolveram a partir de 1886. (8).

O progresso evidente da bacteriologia hídrica mostrou técnicas notáveis de isolamento, capazes de revelar todos os tipos de contaminantes nocivos ou não, permitindo apreciar até os "fagos", porém, a realidade mostra que a maior parte das fontes naturais, como as fontes, rios, poços, águas subterrâneas, permanecem constantemente sépticas e sem a mínima proteção. Mesmo as grandes cidades possuem duas categorias importantes de potabilidade, uma a que recebe água purificada, e outra que se contenta com a água "in natura", com todas as conseqüências e imprevistos decorrentes da poluição fecal.

É o mesmo que dizer que existe essa paisagem mista onde se biparte a cidade em moderna e primitiva, de um lado as benesses da ciência e da técnica, e de outro a rural, onde o povo medievalizado nem suspeita da existência dos aquedutos nem dos meios primitivos de proteção que aconselhavam colocar os poços e cisternas distantes o mais possível das fossas e dos resíduos domésticos. Pensamos sempre na utilidade de recordarmos com mais freqüência, aquela passagem, contada por Serouya em La Kabbale. (9). Em que, com muita propriedade comenta os costumes dos Essênios, focalizando os cuidados preventivos daquele povo, "Ninguém podia ser aceito na comunidade sem passar previamente por um ano de noviciado. Terminado esse prazo, o noviço podia cumprir as abluções rituais. Dava-se a cada neófito uma veste branca e um avental que por decência o revestia durante o banho ou na toilete. Ao mesmo tempo recebia uma espécie de bastão que servia para escavar um buraco no solo,

onde ficava suas necessidades naturais, a fim (conforme o Talmud) de não ser ofuscado o Sol na sua glória". Vemos que na antigüidade cuidava-se e instruia-se com zelo quase religioso de modo empírico, mas de resultados preciosos que intuiam a idéia de medicina preventiva.

Vários acontecimentos influem no aumento ou na redução da flora microbiana na água, sejam eles climáticos, quando decorrem das estações chuvosas que modificam a vazão ou retenção de pântanos ou mesmo a presença de vegetação que retem o escoamento das águas de superfície e o período outonal que com a queda das folhas, carreia a vegetação morta para os cursos. A passagem das águas pelos campos de pastagem, lavando esses terrenos e arrastando resíduos animais de várias procedências para as fontes naturais de abastecimento, acontecimentos estes que aumentam extraordinariamente a chamada "poluição natural". Porém ,o drama da medicina preventiva é logicamente a poluição humana com todas as conseqüências, quer sejam indiretas, acidentais, próprias das regiões ainda despovoadas ou aquel'outra, direta quase que intencional, freqüente nas zonas densas de população, quando os esgotos e resíduos mais variados são lançados diretamente nos rios ou que por infiltração no solo, atingem o lençol subterrâneo.

A gravidade decorrente da poluição humana é derivada da presença das bactérias intestinais, diz mesmo American Water Works Association (A.W.W.A) (8). "a extensão dos danos causados ao curso d'água é a grosso modo proporcional à razão entre a população e a vazão da corrente". Se a poluição natural é menos grave, alterando somente as propriedades organolépticas, a poluição humana apresenta seriedade porque ameaça a coletividade, mostrando a presença de bactérias patogênicas, que fatalmente terminam por vencer as barreiras defensivas do organismo, mutilando-o, quando não, ceifando vidas preciosas. As pesquisas, nos trazem dados cada vez mais seguros sobre a flora da água natural mostrando as mais freqüentes, tais como as bactérias do gênero Pseudomonas, típico produtor de pigmento verde, algumas vezes fluorecentes, com as espécies mais comuns, a Pseudomona aeru-

ginosa e a Pseudomona fluorescens, a primeira possível de figurar nas enterites de origem hídrica.

Fazem parte da flora normal da água em natureza, gêneros outros como Serratia, Flavobacterium, Cromobacterium, todos êles fàcilmente reconhecíveis pela produção de pigmentos. Se êstes gêneros não apresentam problemas patogênicos, podem ser prejudiciais a certos tipos de indústrias devido a alterações decorrentes da elaboração de pigmentos, que variam desde o vermelho até o violeta.

O solo é como um fornecedor contínuo de quantidades de bactérias, mórmente durante as chuvas, quando então aparecem novos gêneros quase sempre resumidos assim:

a) Gram positivos — Bacillus — B. cereus variedade micoides e B. subtilis, todos aeróbios esporulados e anaerógenos.

b) Gram negativos — Aerobacillus — B. macerans e polymixa, ambos produtores de gás e que merecem um estudo atento, pois que induzem a êrros de interpretação ao serem confundidos com os coliformes.

Em determinadas condições devemos salientar outras bactérias tais como a Crenotrix ferruginosa, que embora inofensiva, elabora depósitos de óxido de ferro nos tubos condutores.

Mas, a flora intestinal presente na análise bacteriológica é que constitui sinal evidente da poluição humana, uma vez que os excretas ao atingirem o meio hídrico trazem inúmeras bactérias que são hóspedes habituais do intestino normal e estão muitas vêzes acompanhadas de bactérias patogênicas provenientes de indivíduos enfêrmos ou convalescentes. Por isso, é importante a pesquisa da flora intestinal normal do homem e dos animais nas águas de abastecimento. Devido às dificuldades técnicas do isolamento de bactérias patogênicas pela morosidade da análise, basta o recurso rápido do reconhecimento da "fecalidade" para se avaliar da potabilidade de uma água.

Vejamos adiante um quadro que organiza a família

das Enterobacteriaceae, conforme Buttiaux, Beerens e Tacquet (10).

Bacilos gram negativos, móveis ou imóveis. Crescimento rápido nos meios artificiais. Fermentam a glicose com produção de gás. Algumas produzem ácido. Aeróbias e anaeróbias facultativas. Não possuem oxidase (citocromo-oxidase). Com raras exceções em Erwinia, transformam nitratos em nitritos.

Sôrológicamente esta família apresenta um "mosaico antigênico" muito complexo, que mostra um cruzamento entre vários gêneros.

Vejamos em conjunto as Enterobactérias acomodadas em Tribus e Gêneros.

TRIBO	GÊNERO
Escherichieae	Escherichia Citrobacter Klebsiella Aerobacter Cloacae
Erwineae	Erwinea
Serratiae	Serratia
Proteae	Proteus-Morganella-Retgerella-Providência
Salmonelleae	Salmonella — Arizona — Shigella

Salientamos especificamente a Tribo Escherichieae com seus gêneros como sendo os melhores indicadores de poluição fecal e conhecido por grupo coliforme. Lembramos aos interessados o que está mencionado na página 12 de "American Water Works Association (8)", as bactérias dos gêneros Escherichia e Aerobacter são bastonetes não esporulados, móveis ou imóveis, alguns liquefazem a gelatina. Diferenciam-se da maioria das raças do gênero Proteus e das bactérias intestinais patogênicas, pela capacidade de produzir gás na lactose. Enumerem-se as espécies: Escherichia coli, Aerobacter aerogenes, Aerobacter cloacae e Escherichia freundii. A Escherichia coli, decididamente a mais comum, é normalmente encontrada no trato intestinal do homem e dos animais e relativamente rara do solo, admite-se fenômeno oposto em rela-

ção às outras espécies. Nos exames rotineiros de laboratório nos Estados Unidos, não se costuma diferenciar as espécies, consideram-se em conjunto, membros do grupo coliforme com igual importância sanitária. A determinação da presença dos membros do grupo coliforme constitui o índice mais sensível e seguro de poluição, atualmente disponível, assim como da eficiência dos meios de purificação e da potabilidade da água".

Da importância de outras bactérias como o Enterococo (3). O Enterococo pode servir como teste de confirmação. Prosseguem as pesquisas, muito embora a ausência dele não tenha muita segurança, tudo favorece para que quando presente signifique a antigüidade da poluição. Fato importante para nós é que nas várias amostras colhidas no litoral paranaense eles estiveram quase ausentes. Este fato merece ser confirmado em futuras análises.

Apresentamos no quadro I, o resultado das análises bacteriológicas das águas do litoral.

Purificação de águas poluídas. Como o habitante das cidades medievalizadas, da zona rural, não possui meios de receber água em condições corretas de purificação, têm que se contentar com as fontes naturais, buscando-a diretamente nos poços que comumente são do tipo escavado. É urgente então, que se proteja estas fontes contra a poluição fecal. Recomenda-se que eles sejam construídos o mais distante possível e acima das privadas ou das fossas sépticas. Deve-se ainda cuidar para que estejam devidamente protegidos contra a poluição natural das águas superficiais. Usualmente recomenda-se que o poço escavado seja construído até se encontrar areia ou cascalho aqüífero. Tem em média 1,20 a 1,80 de diâmerto e 3 a 12 metros de profundidade. Quando bem construídos preenchem os critérios de proteção. Sugerimos o projeto visto na figura 1. (11).

Recomendamos para orientação dos moradores da zona rural em geral, os seguintes cuidados que tornam possível a pureza bacteriológica das águas suspeitas de poluição, quer como emergência ou nos casos de epidemia.

1) Colocar duas gotas de tintura de iôdo a 7% por

QUADRO I

Número da análise	Localidade	Aerobacter aerogenes	Escherichia intermedium	Proteus	Aerobacter cloacae anindológena	Escherichia coli	Enterococo	Escherichia coli anindológena	Escherichia freundii	Grupo Arizona
1	Guaratuba	—	+	—	—	—	—	—	—	—
2	"	+	—	—	—	—	—	—	—	—
3	"	+	+	—	—	—	—	—	—	—
4	"	—	+	—	—	—	—	—	—	—
5	"	—	—	—	+	—	—	—	—	—
6	"	—	+	—	—	—	—	—	—	—
7	"	—	—	—	—	+	—	—	—	+
8	"	—	+	—	—	—	—	—	—	—
9	"	+	—	—	—	—	—	—	—	—
10	Caiobá	+	—	—	—	—	+	—	—	—
11		—	—	—	+	—	—	—	—	—
12		—	+	+	—	—	—	—	—	—
13		+	—	—	—	—	—	—	—	+
14	Matinhos	—	—	—	—	—	—	—	—	—
15		—	—	—	—	—	—	—	+	—
16	Paranaguá	+	—	—	—	+	—	—	+	—
17	"	+	—	—	—	—	—	—	—	—
18	"	—	—	—	—	—	—	—	—	—
19	"	—	—	—	—	+	+	—	+	—
20	"	+	—	—	—	—	—	—	—	—
21	"	+	—	—	—	+	—	—	—	—
22	"	+	—	—	—	—	—	—	—	—
23	"	—	+	—	—	—	—	—	—	—
24	"	—	+	+	—	—	—	—	—	—
25	"	—	—	—	—	—	—	—	—	—
26	"	+	—	—	—	—	—	—	—	—
27	"	—	+	—	—	—	—	—	—	—
28	"	+	—	—	—	—	—	—	—	—
29	"	+	—	—	—	—	—	—	—	—
30	"	—	—	—	—	—	—	—	—	—
31	"	—	—	+	—	—	—	—	—	—
32	Guaraqueçaba	—	—	—	—	—	—	—	—	—
33	"	—	—	—	+	—	—	—	—	—
34	"	+	—	—	—	—	—	—	—	—
35	"	—	+	—	—	—	—	—	—	—
36	Morretes	—	—	—	—	—	—	—	—	—
37	"	—	—	—	—	+	—	—	—	—
38	"	—	—	—	—	+	—	—	—	—
39	"	—	—	—	—	—	+	—	—	—
40	"	+	—	—	—	—	+	—	—	—
41	"	—	—	+	—	—	—	—	—	—
42	"	—	—	—	—	—	—	+	—	—
43	"	—	—	—	—	—	—	—	—	—
44	"	—	—	+	—	—	—	—	—	—
45	"	—	+	—	—	—	—	—	—	—
46	"	+	—	—	—	—	—	—	—	—

(+) — Presença do microrganismo indicado.
(—) — Ausência do microrganismo indicado.

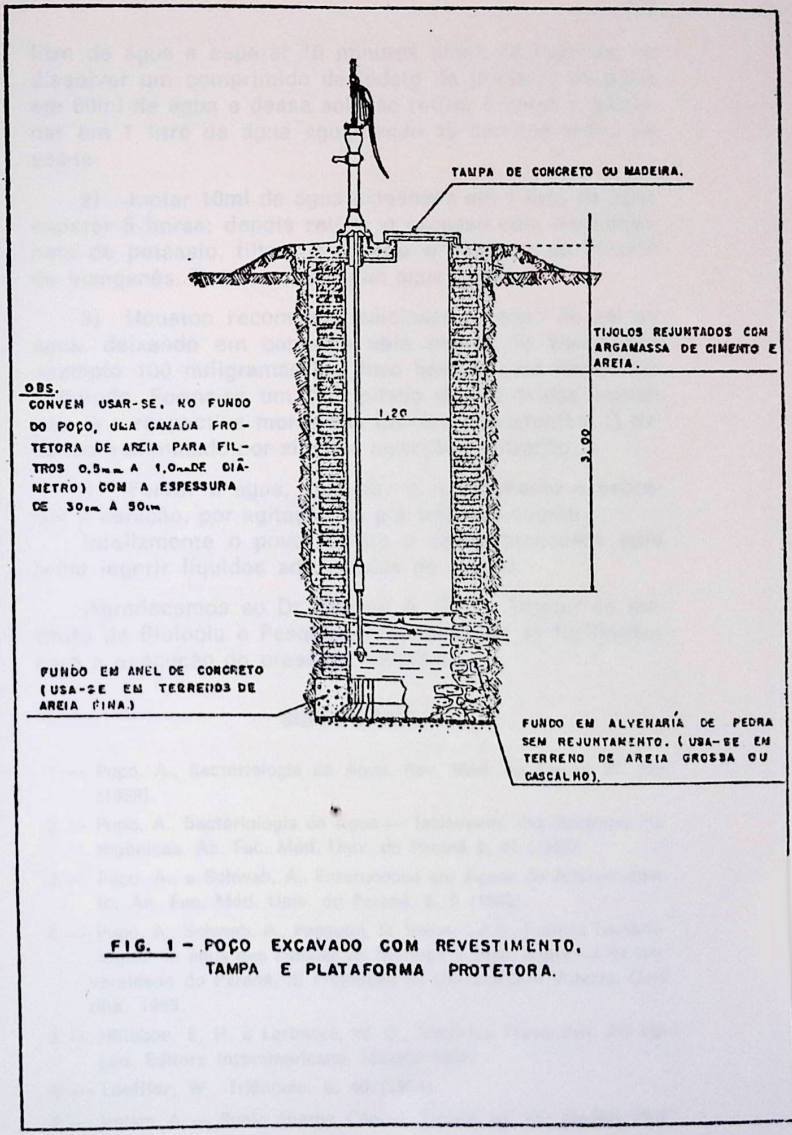


FIG. 1 - POÇO EXCAVADO COM REVESTIMENTO, TAMPA E PLATAFORMA PROTETORA.

litro de água e esperar 10 minutos antes de ingerí-la, ou dissolver um comprimido de iodeto de potássio de 0,50g em 60ml de água e dessa solução retirar 6 gotas e adicionar em 1 litro de água aguardando 10 minutos antes de usá-la;

2) Juntar 10ml de água oxigenada em 1 litro de água esperar 5 horas; depois retirar o excesso com permanganato de potássio, filtrar e esperar o depósito de bióxido de manganês. Temos assim uma água estéril.

3) Houston recomenda adicionar excesso de cal na água, deixando em contacto pelo menos 12 horas. Por exemplo 100 miligramas por litro bastam para esterilizar o líquido. Forma-se um precipitado de hidróxidos insolúveis e a respectiva morte das bactérias existentes. O excesso é eliminado por simples agitação e filtração.

4) Ferver a água, aguardar o resfriamento e proceder a aeração, por agitação ou por transvasamento.

Infelizmente o povo resiste a esses processos pois teme ingerir líquidos adicionados de drogas.

Agradecemos ao Dr. Nelson A. Costa, Diretor do Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas as facilidades para a execução do presente trabalho.

BIBLIOGRAFIA

1 — Pupo, A., Bacteriologia da Água, Rev. Méd. do Paraná **27**, 129 (1958).

2 — Pupo, A., Bacteriologia da Água — Isolamento das Bactérias Patogênicas, An. Fac. Méd. Univ. do Paraná **2**, 41 (1959).

3 — Pupo, A., e Schwab, A., Enterococos em Águas de Abastecimento, An. Fac. Méd. Univ. do Paraná, **5**, 9 (1962).

4 — Pupo, A., Schwab, A., Pasquini, D. Veiga, L.A.S., Exames bacteriológico da água das cidades de Maringá e Lapa, Imprensa da Universidade do Paraná, III Promoção da Universidade Volante, Curitiba, 1963.

5 — Hilleboe, E. H. e Larimore, W. G., Medicina Preventiva, XII Edição, Editora Interamericana, México 1962.

6 — Loeffler, W., Triângulo, **6**, 40 (1964).

7 — Voisin, A. — Suelo, Hierba, Cancer, Tecnos, pg. 102, Madrid, 1962.

8 — A. W. W. A. (American Water Works Association) — Água Tratamento e Qualidade, Ao Livro Técnico S/A, Rio de Janeiro, 1964.

9 — Serouya, H., La Kaballe, Ed. Grasset, pg. 110 (Paris), 1947.

10 — Buttiaux, R., Beerens H. e Tacquet, A., Manuel de Techniques Bacteriologiques, Ed. Flammarion, Paris, 1962.

11) — Sabbag, O. Posição das Prefeituras face aos grandes problemas sanitários das pequenas cidades brasileiras. — Imprensa da Universidade do Paraná, 3.ª Promoção da Universidade Volante. — Maringá, 1963.

INTERFERON

UM TEMA FASCINANTE

Sabemos atualmente, que, além da imunidade decorrente da infecção vírica, manifesta pela anticorpogenêse, um outro fato pode ocorrer, que é a formação de uma substância, nas células de vertebrados, que, anula a duplicação dos virus. Interferon é a designação dessa substância. Portanto, o seu conhecimento ganha em interesse, quer por se tratar de mais uma barreira defensiva, das células diante da agressão vírica, como também um evidente protetor das células normais.

Em princípio, devemos as primeiras notícias desse fenomeno a um clinico — fenomeno de Magrassi —, observador atilado que foi o primeiro a se impressionar com a realidade, de um mesmo animal, inoculado sucessivamente por dois virus diversos, resistir a infecção ou apresentar apenas discretos sinais da virose. Era como se houvesse uma destruição recíproca, por interferência de ambos os competidores agressivos.

Ao fenômeno de Magrassi, chamou-se de interferência, super infecção, extinção mutua e ainda de bloqueio celular.

Um exemplo, ilustra melhor a observação de Magrassi: um coelho recebe através da córnea o inoculo de vírus herpético; segue-se naturalmente uma encefalite, por via trigemeo-cerebral. Dias após este primeiro ato, antes mesmo que os sintomas se revelem, for inoculado, agora outra linhagem de vírus por via cerebral, o animal não mais apresenta os acidentes infecciosos .Parece que da concorrência entre os dois vírus, resulta uma anulação de ambos. Findlay e Mc Callum observaram a seguir que em

macacos inoculados por via subcutânea com mistura de vírus da febre amarela e vírus da febre vale do Rift, morriam em menor proporção do que quando inoculados somente com o vírus amarílico.

Logo se soube que o fenômeno não apresentava especificidade, pois que, vírus antigênicamente diferentes podiam interferir com outros dispares que o interferon é uma proteína com atributos antivíricos, encontradas nas células dos vertebrados que receberam contaminação por vírus. Após decorridos mais de 25 anos de pesquisas o fenômeno foi patenteado entre os vírus animais, bacterianos e vegetais. A verdade é que, o fenômeno de Magrassi denuncia que a célula infectada por um vírus, adquire resistência diante de várias infecções víricas. Resulta que, diante da ineficácia da terapêutica antivírica, aumenta o interesse pelo conhecimento do interferon, que veio mostrar a possibilidade de novas defesas da célula, fora daquelas, já conhecidas, proporcionadas pelos anticorpos.

Ignoram os pesquisadores a interferência entre os vírus vegetais e bacterianos, porém os vírus animais muito ensinam sobre o interferon.

Entre os estudiosos deste tema é de ressaltar os trabalhos de Alick Isaacs da Universidade de Glasgow, que em 1960 já obteve resultados práticos, protegendo parcialmente contra vários vírus, inúmeros ratos que previamente receberam por via intranasal, vírus da influenza irradiados com raios ultravioleta, e que faculta a esses animais elaborarem seu interferon.

No estudo desta substância, obtem-se células infectadas com vírus, lavadas e semeadas em meio recente. O interferon possuí propriedades físicas e químicas diversas que aquelas dos vírus originários.

O interferon separado do vírus infectante, passa a proteger outras células, de uma infecção vírica. Atua o interferon de modo diferente do anticôrpo, pois que exerce uma ação tipicamente celular, sendo nula qualquer reação extracelular. A formação protéica ou polipeptídica é evidenciada corretamente, pois que o interferon perde a ação antivírica sob o efeito das enzimas proteolíticas. Avaliou-

se o seu pêso molecular em 64:000, por métodos de difusão em agar. Forma-se o interferon na intimidade das células, mais tarde se difunde pelo meio e possivelmente protege as células contíguas, fato que faz entrever uma possível proteção dos tecidos diante das viroses, com a devida recuperação após a infecção, ademais está em suspenso o conhecimento dos sucessos do interferon no metabolismo da célula normal.

Sabe-se depois dos trabalhos de Bang e Gey com células in vitro cronicamente infectadas por vírus, que, se o agente infeccioso inicialmente destruía a célula passa a viver em perfeita harmonia com ela, resultando uma infecção benigna que se prolonga por vários meses, sendo possível que isso aconteça por uma seleção das células resistentes ao vírus; entretanto aferiu-se que após a cura, raras células eram possíveis de sofrer novas infecções.

A causa vírica produz um efeito: o interferon. Será que a cronicidade das viroses não é própria da elaboração do interferon?

Um particular aspecto é real, a interferona se acumula nas células in-vitro cronicamente infectadas, Glascow e Habrl em 1962 provaram a importância do interferon no curso da cronicidade da virose, demonstrando que, no caso de células de rato cronicamente infectadas com vírus da vacina, o acréscimo contínuo de meio de cultivo e a adição de tripsina reduz a concentração de interferon, favorecendo a destruição das células pelos vírus; porém, se mantivermos constante o meio, conservando o caldo velho, o interferon se concentra e favorece a cura total da infecção vírica.

No caso do hérpes simples, virose crônica humana, manifesta por erupções vesiculosas peribucaes, nos surtos febris, as experiências nestas infecções víricas crônicas in-vivo, revelaram que isto acontece devido a grande concentração local de interferon. Os experimentadores reconhecem as dificuldades da recuperação do interferon in-vivo, pois se torna muito complexa, pela presença de anticorpos.

Tudo se facilitou, ao usar-se o embrião de galinha o

qual pode evoluir de uma virose sem a participação de anticorpos, nem de qualquer sensibilidade. Está confirmado que as viroses provocadas no embrião de galinha, quando evoluem beneficamente, tudo decorre de uma resistência condicionada pela produção de interferon.

Nos embriões com menos de 7 dias, o interferon é mínimo e a resistência é pouca, mas a proporção que o embrião amadurece a produção de interferon aumenta, razão porque a resistência antivírica é satisfatória.

Os embriões suportam a infecção o que mostra que o interferon, intervem na recuperação post-infecciosa.

Na primeira fase de uma virose num animal adulto, o interferon surge no local onde há a multiplicação do vírus. Numa segunda fase o animal elabora o anticorpo específico antivírico, que dificulta a reinfecção pelo vírus em questão, tornando-se imune. Na atualidade parece que a tendência é diminuir um pouco a importância dos anticorpos nas defesas específicas do organismo.

Muito se têm aprendido sôbre a Virulência dos vírus, embora a complexibilidade desse assunto seja enorme, Enders, verificou já em 1960, que um vírus não virulento do Sarampo induzia alta taxas de interferon o que não acontece com os vírus virulentos; parece que o mesmo acontece com os vírus da poliomielite, observações que merecem sérias meditações, pois que outros dados mais recentes confirmam com mais precisão essas observações. Assim que, Isaacs e Cols. em 1963, observaram mutantes de vírus, cuja virulência é de intensidade variável para um certo animal ou ainda para células animais in-vitro, também apresentam grandes variações na capacidade de produzir interferon. Parece certo que as mutantes não virulentas induzem a formação de mais inteferon do que as mutantes virulentas, pois que aquelas são mais sensíveis a ação do interferon. Para Isaacs e Cols. a virulência vírica, depende de fatores do vírus que o protejam, das defesas normais das células, contra determinada infecção.

Virulência de vírus e formação de interferon tem que ser uma constante necessária para a resistência celular. Por exemplo, a doença de Newcastle, virose das aves,

vírus por demais virulento para os embriões e aves adultas suscita mínimos traços de interferon, este mesmo vírus, sendo pouco virulento para o homem, crescendo mal em células humanas **in-vitro,** é por sua vez ótimo indutor de grandes quantidades de interferon.

A moderna conceituação química dos vírus está em considerá-los como um ácido nucleico, revestido de uma camada protéica perfeitamente aderida e dotado de atributos transmissores de "instrução" à célula, afim de sintetizar novos vírus.

Ácidos nucleicos víricos e celulares normais foram encarados até há pouco tempo como processos sintéticos simultâneos, análogos, que deixava transparecer ser impossível a duplicação dos vírus sem a conseqüente reprodução das células, mas, os trabalhos evoluíram de maneira a mostrar que a duplicação vírica é separada da multiplicação celular, graças ao emprego da Actinomicina D, que ao ser empregada no tratamento das células, inibe a síntese do RNA da célula normal sem prejudicar a duplicação de determinados vírus RNA. Mais importante e atual, é a ação da Mitomicina que, impede a síntese do DNA da célula normal deixando livre a síntese do DNA, possibilitando a duplicação de adenovirus DNA. Desse conhecimento resultou, que as sínteses são independentes, sendo então, possível atender a síntese de ácidos nucleicos víricos, sem prejuizo das sínteses celulares normais que se referem ao ácido nucleico.

No início da infecção vírica, as células sintetisam enzimas, urgentes para a síntese do ácido nucleico do vírus, assim que a RNA polimerasa viral, distinta da RNA polimerasa celular normal, ativam a reunião nucleotídica que vai formar RNA vírico. Segue-se a síntese da proteína da camada que circunscreve o vírus aderida ao ácido nucleico, resultando nas partículas víricas maduras que se liberam das células, as vezes em certas viróses com a respectiva destruição celular, entretanto, na maior parte das viroses há um elemento ordenador que regula a multiplicação. As referidas sínteses são temporárias e terminam por permitir que a célula se livre da infecção. Parece que o elemento regulador se confunde com os estudados por

Jacob e Monod nos fagos infectantes da **E. coli** bem como com os processos de indução enzimática. O interferon, parece o regulador nas células animais. Baron, Isaacs, Paucker, Camtell e Henle, em 1962, puderam demonstrar que em células saturadas de interferon, anula-se o crescimento dos vírus sem divisão celular, salvo se a dose de interferon excede a 2.000 vezes a dose requerida para inibir em 50%, o crescimento do vírus, é então quando o crescimento das células cai, só voltando ao ritmo normal quando o interferon diminui, o que significa que os ácidos nucleicos víricos são mais sensíveis ao interferon do que as sínteses das substâncias normais.

Dos trabalhos realizados pelos pesquisadores referidos, podemos concluir que o interferon não impede a adsorsão nem a penetração dos vírus nas células. O interferon bloqueia o crescimento vírico logo em seguida a separação do ácido nucleico da proteína vírica, ou seja antes da duplicação do ácido nucleico. Quanto a síntese do ácido nucleico vírico, não se soube ainda como possa ser inibida.

Todas as pesquisas, no momento se orientam no sentido de obter o interferon e quais as substâncias estimuladoras da sua produção; para isso usou-se vírus inativos, sabendo-se que nem sempre a multiplicação deles é necessária para o fim desejado, o que demonstra que é uma partícula apenas, que é a indutora. Puderam os pesquisadores obter o interferon, usando como estimulante ácidos nucleicos não víricos, pois RNA ou DNA inativado estimulam a formação de interferon. Isaacs, prossegue suas pesquisas, usando RNA oriundo de microsomas de fígado de galinha e ratos, que resultou eficaz, pelos respectivos testes antivíricos em células de embrião de galinha e de rato.

Verificou-se que o RNA microsômico, ou seja extranho, protegia a célula contra a infecção vírica.

Todos estes fatos fazem que as modernas pesquisas, agora aprimoradas com o concurso dos antibióticos, tais como a Actinomicina D, a qual facilita o desenvolvimento de determinados Vírus RNA que não dependem do DNA

celular, mostrando que o interferon está dependendo mais do DNA celular, produto de sínteses de ácidos nucleicos celulares. Por isso conclui Isaacs, conhecer a natureza destes fatos é um tema fascinante para as investigações futuras.

Também no domínio da microobservação nos parece que o pequeno mundo, está em expansão, deixando as coisas próximas cada vez mais distantes. Vemos que o mundo físico ativa o mundo mental que, se expande, através da imaginação, pelo Espaço e tempo, deixando sempre uma sucessão de "temas fascinantes".

BIBLIOGRAFIA

PONS, Pedro — Tratado de Pat. y Clin. Medicas — Vol. VI, 624, 1960.
WATERSON, A.P. — Introd. a la Virologia Animal — 79 — 1962.
ISAACS, Alick — Endeavour — Vol. XXII, 86, 1963.

VÍRUS E CÂNCER

Inicialmente, como justificava necessária, devo admitir que a submissão ao controle do tempo, que é restrito para tão grande tema, possa gerar uma pequena confusão didática, considerando-se que a pressa é uma inimiga constante da clareza e elucidação dos fatos. Preliminarmente, consideremos dois tópicos básicos:

I) Câncer, grupo de tumores malígnos, localizados ou difusos. Constata-se um crescimento anárquico determinando a malignidade, resistente a qualquer controle e que cessa ou não. A malignidade é correlata ao crescimento, o que se nos apresenta intensa às vezes e é fator decisivo e impeditivo da avaliação. Recordemos que, um epitelioma não evolui com a rapidez de um epitélio em regeneração, vários tecidos normais são mais ativos no crescimento que vários tumores, a medula óssea, por exemplo, sintetiza por dia 1/30 do seu peso total, razão por que, temos que considerar a malignidade pelas metastases apresentadas.

II) Vírus, partículas intracelulares, parasitos obrigatórios, autônomos nas células por continuidade genética e dotados de poder infectivo. A noção de infecciosidade indica a célula em si e mais a capacidade de difusão nas contíguas, efeito esse, conhecido por poder "citopatogênico". Está provada a existência de Vírus tumorais, tanto que nas classificações víricas, figuram numa chave final, assim distribuídos:

I) Tumores Benignos:	Moluscum contagiosum
Vírus Proliferativos:	Verrugas Papilomas Miofibromas do coelho — Tumor de Shope

II) **Tumores filtráveis dos pássaros** Sarcoma de **Rous** Leucemias **Transmissíveis**

Entretanto, experimentalmente, estamos num terreno quase tipicamente veterinário. Será necessário perguntar: é possível colocar todos os tumores numa única categoria vírica, mesmo aqueles em que não se percebe a presença do vírus? No domínio dos animais que apresentam tumores reconhecidamente virogênicos, qual será o comportamento e qual o papel do Vírus? Todo câncer é de origem vírica?

Eis pois, a razão destas rápidas e sucintas notas, objetivando dar as possíveis respostas sob um aspecto direto e imediato. Vejamos de início, algo sobre um tumor de origem etiológica vírica indestrutível — o sarcosoma de Rous das aves, e se possível, os sucessos obtidos no estudo da Leucemia do rato branco.

A hipótese fundamentando a relação Câncer-Vírus, vem desde às primeiras investigações de A. Borrel no Instituto Pasteur, quando todas as certezas deveriam provir de uma causa infecciosa, que revelasse a especificidade de um Germen. Borrel emitiu neste terreno uma "teoria de angústia", pois diante do Câncer, esgotou todas as possibilidades de encontrar um agente responsável, e concluiu que tudo estava aderido a algum esquivo e imperceptível Vírus. Ora, o sábio Pasteur, anos passados não teria por constatação superado o angustiante problema da Raiva, evidenciando o efeito desses invisíveis "contagium vivum"? Também Borrel, desprovido de meios comprobatórios ,deixou-se ficar no vasto corredor do tempo, aguardando as surpresas que o futuro oferece. A imaginação alimenta sempre a esperança no que está acima e além das evidências experimentais. Se Borrel imaginou, outros homens de lógica disciplinada comprovaram a "hipótese de angústia". Quem levou o prêmio, que galardoa aos que perseveram, foi Peyton Rous, patologista de Michigan que se dispôs a perseguir a etiologia do Câncer. Justamente em 1911, Rous anunciava uma grande descoberta, que foi primeira neste campo dos tumores. Escolheu como "matéria prima", o tumor que aparece no músculo peitoral da galinha Plymouth Rock, e que passou a chamar-se Sarcosoma de Rous.

Digamos rapidamente, que Rous, retirou os sarcosomas da Plymouth, triturou-os, em areia fina, filtrou o material triturado em filtros adequados, após reconhecer que o material estava isento de bactérias indesejáveis, e possivelmente contendo as partículas filtráveis de um desejado Vírus. Injetou o filtrado em 10 (dez) frangos sadios e verificou que 4 (quatro) apresentavam sarcomas, nos pontos de inoculação. Como sempre, Rous teve o seu martírio, esse que persegue os inovadores. A notícia foi recebida com a ironia clássica. E. Borek, registra desta maneira o acontecimento: "foi recebida pelos patologistas seus contemporâneos com o acolhimento proverbial que se dá a um gambá num chá festivo". Pois será que Rous, ignorava, que o supremo patologista Ewing, já havia encerrado o assunto quando gravara lapidarmente isto: "O Câncer só será compreendido e controlado no dia em que, a vida for controlada e compreendida".

Outro, escreveu, repudiando o trabalho de Rous, dizendo: "Não pode ser tumor, porquanto se encontrou para ele agente causador". É bem verdade que no início das pesquisas, Rous não dispunha de técnicas concludentes para impor seus trabalhos, pois as culturas de células não estavam ao alcance do pesquisador. Mas, neste caso, o tempo foi razoável e permitiu a Rous assistir ao abalo da hostilidade profissional, já em 1938, pôde assistir, pessoalmente, o isolamento do agente causador do Sarcoma que leva o seu nome e que está assim descrito: "É um vírus (tumor I), com diâmetro variando de 70 a 100 milimicra, e que nos tecidos afetados tem a forma redonda ou oval, situado nas paredes e vacúolos das células, com uma dupla membrana limitante e um corpo central que aparece muito denso aos elétrons. Pode ser cultivado em embrião de galinha, local onde cresce em forma de pequenos focos citopatogênicos na camada monocelular da alantóide, deixando as células, com o protoplasma entumescido e granuloso e deslocando o núcleo conforme o número de partículas desenvolvidas.

Após as devidas aquisições científicas e graças ao que se aprendeu no embrião e no cultivo de tecidos, podemos reduzir o problema, dentro desse critério: I) Um

vírus, pode causar tumor, no nível de um trilhonésimo de grama (20.000 partículas).

II) Em 1953, os estudos de CARR. demonstraram que o Vírus sofre um eclipse durante o seu desenvolvimento, pois ao infectar um lote de galinhas jovens, com uma suspensão de vírus, e as sacrificando, em intervalos regulares, com dosagem do poder infeccioso numa certa massa de tecidos, verificou a redução do poder infeccioso no espaço de 16 (dezesseis) horas na diluição de 1/100 do título original, título que permanece invariável durante 72 (setenta e duas) horas para a seguir, evoluir acima do valor inicial.

III) No córion, o Vírus determina um tumor do tipo octodérmico que avança em profundidade até atingir o mesoderma. Ao se inibir o crescimento das células pelos esgotamentos de fatores de crescimento, o vírus cresce na proporção de uma partícula em cada 100 (cem) células por hora.

Atualmente a pesquisa se orienta, indagando se o crescimento do vírus é paralelo ao do tumor. O professor Pierre Lepine (in Le VIRUS — Presse Universitaire — Paris — 1961) conclui: "Não há dúvida entretanto, de que se trata de um autêntico Câncer, visto que o seu tipo histológico é o de um fibro-sarcoma, que se desenvolve, seguindo um crescimento anárquico, infiltra o músculo de maneira invasora, dá metástase à distância, especialmente no fígado e finalmente leva o seu portador à morte por caquexia e generalização; tem portanto, todos os caractéres que reconhecemos num câncer".

Salientamos que o Sarcoma de Rous e mesmo as leucemias aviárias, embora se reproduzam através de inoculação em laboratório, na natureza são raríssimos os casos de contaminação, e do mesmo modo não se registra jamais nos indivíduos adultos.

A contaminação é evidente, quando se coloca no recinto infectado, ovos oriúndos de um outro ambiente asséptico e os deixando permanecer em contacto permanente com os animais infectados, isto é, galinhas jovens. Só assim, verifica-se a incidência de 70% (setenta por cento)

de contaminação entre os animais normais. Se os animais colocados no aviário infectado, tem 30 (trinta) dias de idade a contaminação não vai além de 50 (cinqüenta por cento); aos 60 (sesenta) dias a incidência é de 21% (vinte e um por cento), e além dessa idade, não se registra mais do que a porcentagem de 2% (dois por cento).

Os ovos retirados do aviário não infectado e desenvolvidos nas condições normais, nunca apresentam leucemias expontâneas, mas se apresentam suscetíveis e sujeitos à contaminação por tempo impreciso.

As investigações prosseguem no sentido de avaliar a existência de possíveis fatores que influenciem o determinismo da infecção, pois nos aviários contaminados se constatou que 10% a 12% dos embriões portadores de vírus permanecem como simples veículos, daí concluir-se que os animais jovens contaminados, exigem um fator desencadeante. O estudioso Latarget — citado por Zapatero (in Microbiologia médica, editora Aldus S. A. — Artes Gráficas, Santander 1962), registra o seguinte: "Temos duas raças de ratos, uma doadora outra receptora; doadora — AK —, receptora C3H e que é indene à Leucemia. Cerca de 85+ dos ratos da raça AK é sensível à leucemia aos 9 (nove) meses de idade. Inoculando-se aos receptores C3H, em seguida ao nascimento, mesmo antes da primeira alimentação, obtem-se leucoses, que são transmissíveis por enxêrtos nos ratos adultos do tipo C3H mas que resultam negativos nos adultos do tipo AK."

Eis o esquema de Latarget: doadores AK, 85% de leucemia espontânea receptores: C3H — não leucêmicos (C58). No adulto C3H — negativo.

Extrato celular AK:

Nos recém-nascidos nas primeiras horas:
- leucemia C3H que se reproduzem no adulto C3H
- tumores salivares
- sarcomas de Griffit (salivares).

Pergunta-se; por que a transmissão se registra entre os animais jovens? Há influência tipo hormonal ou de

outra natureza, talvez imunitária nos mesmos? Atualmente está em evidência os fenômenos de tolerância.

A questão da tolerância, surgiu após a observação de u'a mulher inglesa que casualmente possuía dois grupos sanguíneos. Assim, fatos semelhantes só eram conhecidos no campo da veterinária e observados principalmente no gado **vacum**; então um veterinário aviltrou a possibilidade da mulher ter um gêmeo, suspeita essa que posteriormente, veio a ser confirmada. É pois aceitável que as células hematopoiéticas do gêmeo se enxertaram nessa mulher, durante a vida intrauterina, assunto que foi provado, tendo em vista que experimentalmente, é possível injetar no embrião — extrato homólogo — para em seguida, obter-se no animal adulto um enxêrto eficiente. Isto é o que se conhece por estado de tolerância. O outro estudioso Simonsen, esclarece melhor a tolerância, após ter inoculado células de galinha no embrião de pato, constatou no pato adulto, proveniente daquela inoculação, a existência do Sarcoma de Rous. Ainda recentemente, Stewart e Eddy, inocularam cultivos celulares de rim de macaco, células de embrião de rato branco mais filtrados de leucemias linfoides e de tumores salivares, e tiveram como resultado um Vírus que provoca nos ratos recém-nascidos: tumores salivares e câncer em vários órgãos, porém, nunca leucemias.

Assim, concluímos, pode o Vírus imprimir o caráter canceroso? O aspecto conceroso de uma célula revela que foge de um contrôle, adquire atributo próprio que norteia o distúrbio metabólico assimilativo e que induz o crescimento exagerado. Logicamente, esta fuga e este horror ao controle, manifesta-se por superioridade sobre a célula normal ou por se tornar insensível aos sistemas inibidores. Hodiernamente, as experiências vão paulatinamente se ingressando no jogo dos ÁCIDOS NUCLÉICOS. Neste particular COHEN recorre aos trabalhos sobre o fenômeno conhecido da transdução, e usando uma bactéria incapaz de sintetizar tiamina, coenzima fundamental do ácido nucléico e presente no fago T2.

Ao infectar a referida bactéria com este fago, COHEN

obteve uma célula microbiana autônoma capaz de se completar na síntese da tiamina.

Com esta experiência, evidencia-se um novo problema de natureza científica, o da possibilidade dos ácidos nuclêicos influírem no processo da cancerização, no entretanto, esses estudos não atingiram ainda uma suficiente maturidade. Todavia, neste interregno das experiências, LATARGET tenta uma rota nas bases da transdução, e sugere mais dois capítulos aos investigadores: I) Os ácidos núcléicos ativos a derivam dos vírus cancerigenos, possivelmente presentes nos tecidos neoplásicos. Os ácidos nucleeicos extraídos de um vírus podem conservar as suas propriedades infectadas, fato esse registrado no vírus polimielítico;

II) Os ácidos nucléicos ativos são próprios das células cancerosas e podem ser incorporadas à célula sadia, desencadeando o caráter da malignidade. Essa incorporação pode ser atribuída a uma vírus vector, da mesma forma que é observada nas experiências das bactérias.

O pesquisador Julien, nesta fase investigativa e indagadora, declara que será muita temeridade, transpôr para a patologia humana os resultados das experiências realizadas em animais de laboratório. Os ratos utilizados nas demonstrações são espécies quase artefatos, em relação aos ratos selvagens, que vivem em outros ambientes e na natureza.

Em conclusão, diremos que nada, por enquanto, autoriza-nos a aceitar qualquer evidência de vírus cancerígenos no homem.

Neste impasse etiológico, estamos por analogia, em presença daquele discípulo que ouvindo os sofismas elaborados por Zenon de Eléa, que ensaiava uma solução para um tema suscitado, disse: "Vejo a solução, mas não vejo o problema". E assim concebendo, diante desta terrível doença do século, vemos o problema, mas não encontramos a solução.

PROTEÇÃO DAS PISCINAS

PROF. ANTENOR SILVA PUPO
" ALCEU SCHWAB
" DARCY PASQUINI
" LUIZ A. VEIGA

Há muito tempo, por razões de ofício temos nos ocupado com problemas da água, principalmente, aqueles referentes à bacteriologia e às maneiras de torná-la, devidamente, acessível ao consumo público.

Até então, visávamos conhecer os modos de testá-la, num sentido de tornar prático o reconhecimento da higidez, tão necessária para o seu consumo, a fim de evitar a disseminação das enfermidades, reconhecidamente de origem hídrica.

Desta vez, fomos solicitados para o estudo de uma outra modalidade do emprego da água, a água de banho, não de banho de limpeza, mas daquele de recreação. Recreação que se polariza, desde o simples mergulhar refrescante, até a competição esportiva.

O verão exige das populações, o mergulho refrescante, de forma que, a piscina passou a ser um complemento da vida social. Os clubes, em todos os recantos citadinos, exibem a graciosa e ondulante superfície esverdeada da água armazenada, qual sinal de evidente exigências do século XX. Nem falta na paisagem moderna, a piscina pública, a residencial, a dos hotéis e das fazendas. Disseminou-se o uso das piscinas, por todas as partes, e, multidões acorrem a elas, nos momentos caniculares do verão.

Creio que a palavra piscina sofreu uma queda no significado, nem se sabe do primeiro emprego dela, no uso recreativo. Poderíamos chamar de queda semântica, vez

que nos textos tradicionais, encontramos essa palavra piscina a modo de piscina probática, feito depósito de água, situada perto do Templo de Jerusalém e que era o local adequado à limpeza, dos animais aprestados ao sacrifício. Depois, teve um uso mais a fim com a religião, pois, dizia dos lugares próprios à purificação da alma; era o mesmo que dizer: fonte batismal. Foi, também, palavra usada para significar sacramento da penitência. No medievo, vamos, encontrá-la, já adequada aos conventos, às fontes, onde os sacerdotes costumavam limpar as mãos, após as refeições.

Com o passar do tempo, perdeu o conteúdo e serviu para dizer do tanque onde se limpava e se dessendentava o gado. Foi também criadeira de peixes. Afinal está aí como grande tanque de natação.

Talvez que, da análise dessa palavra, surja modesta reflexão, que possibilite aos banhistas, despreocupados, não mais se recordarem da evolução dela por demais explícita, a qual conserva uma finalidade, e que seria, em todas as ocasiões de nos atêrmos, conscientemente, às normas de purificação física e mental.

Que a palavra piscina vigore, atualmente, como instalação, mais ou menos complexa, destinada às práticas de um simples divertimento ou mesmo às atividades esportivas; que ela perdesse seu significado, que não seja mais o local destinado a purificação da alma; que ela esteja reduzida a um conceito mais simples e de mergulho refrescante, o qual pode causar bem-estar individual. Com tudo isso estamos de acordo, mas, temos que estar advertidos que, dessa prática podem resultar problemas sérios ao nosso semelhante, ao nosso próximo, que também deseja um certo conforto, apenas preocupado com a satisfação pessoal. O que inicialmente se deve alertar, é que a satisfação pessoal, não pode ficar confiante nos poderes da ciência e da técnica, e possa cometer todos os abusos contra o que preceitua a higiene, convencido que a "cloração" é uma garantia ilimitada. Valho-me de uma citação, gravada pelo cronista Henrique Pongetti, (1) o qual, com afinado senso literário e com risível realidade, elucida toda a temática das relações balneárias. Diz Pongetti; "PIS-

CINA, PEQUENA PORÇÃO DE ÁGUA MUITO ELEGANTE ONDE HOMENS E MULHERES MERGULHAM FINGINDO ACREDITAR QUE TODOS DEIXARAM OS RINS E A BEXIGA NO VESTUÁRIO".

Confesso que, essa definição, nos abreviou tempo precioso, pois diante dos resultados que obtivemos, das nossas análises químicas e bacteriológicas, conforme o quadro demonstrativo, (Veja quadro I), estávamos longe de chegar a esse magistral condensado.

Da observação do quadro demonstrativo, concluímos que, ao em vez de título — Proteção das piscinas — seria mais lógico falar sobre — Sacralização das piscinas e recomendar a oposição, em todos os recintos, destinados ao banho corporal, aquele trecho célebre do segundo Fausto, onde Goethe resume o arcano da água: "Tudo nasce da água. Tudo a água conserva. Oceano, concede-nos tua eterna proteção".

Se nos fixarmos um pouco na antiguidade, veremos que o banho teve ilações muito estritas com o pensamento religioso. Ali, o banho era uma ato a fim com a vontade de purificação, basta considerar que, o batismo cristão, foi nos seus primórdios, um autêntico banho. Moisés impôs aos seus companheiros da "Liber via", e banho mensal para as mulheres. No Corão, vemos todo um ritualismo exigido nas abluções, porém, é na Índia que o banho vai ser tradicional e revestir-se de sacralidade, assim que, enquanto purifica o corpo, vai sutilizando a alma.

Os corpos mergulham, no Ganges, até a cintura, ao mesmo tempo que vai se derramando água sobre a cabeça do mergulhador, para, depois, lançá-la em direção aos quatro pontos cardeais.

Na antiga Grécia, um banho sagrado precedia a todas as cerimônias. Gradualmente, os banhos foram sendo censurados devido, exclusivamente, à licenciosidade abusiva dos devotos, que culminaram durante a Idade Média.

Já na Grécia, o banho vinha se desligando, gradualmente, dos temas religiosos e, terminou por ser profano e praticado nos rios e no mar. Homero refere-se aos ba-

Número do exame	Data da coleta	Microorganismos identificados	Matéria Orgânica g/litro	Pesquisa de Nitritos	Pesquisa de Nitratos	Pesquisa de Cloretos
1	23-1-965	E. coli anindológena e S. fecalis	0,00296	0	traços	+
2	23-1-965	A. cloacae E. coli-anindológena	0,00368** 0,00418*	0	0	+
3	23-1-965	E. coli-anindológena	0,00320	0	0	+
4	23-1-965	S. fecalis	0,00344	0	0	+
5	23-1-965	E. coli-anindolgena e A. cloacae anindológena	0,00312 0,00224	0	+	+
6	23-1-965	E. coli-anindológena. S. fecalis	0,00360 0,00440	0	0	+
7	23-1-965	E. coli	0,00240	0	+	+
8	23-1-965	A. cloacae, E. coli anindológena	0,00232 0,00560	0	+	+
9	23-1-965	A. cloacae anindológena	0,00320 0,00216	0	0	+
10	23-1-965	S. fecalis	0,00128	0	0	+
11	23-1-965	S. fecalis	0,00320	0	0	+

Legenda: O = negativa + = positiva: * = piscina de menores ; = piscina de adultos.

Obs.: no frasco esterelizado empregado para a coleta das amostras para exame, foi adicionado 0,1 ml de uma solução de tiosulfato de sódio à 10% com agente declorador.

nhos quentes ,em recintos propícios. Mas, o banho mórno foi amplamente desacreditado, passou a ser considerado sinal de moleza e, principalmente, abolido em Esparta. Os banhos gregos atingiram alto grau de requinte. É célebre a chamada sala homérica de Tyrintho.

Em Atenas, os banhos públicos surgiram mui tardiamente, e logo passaram a ser explorados pelos empresários, que cobravam tributos dos banhistas. Os ginásios se localizavam próximos aos banhos públicos; untavam-se os corpos com óleos perfumados e, a seguir, praticavam-se os exercícios. Entre os romanos, o banho teve mais aceitação. No início eram simples e humildes, depois foram se aristocratizando e só no século III é que surgiram as termas, as quais estavam diretamente sob a vigilância dos prefeitos. O banho obedecia uma sequência que ia, do banho de ar quente a sêco, ao banho de água quente, depois água fria e terminava com massagens e unções.

Quanto à Idade Média, ela nos faz pensar na frase célebre de Michelet: "Em mil anos nem um só banho". Embora a prescrição não seja tão rigorosa, houve os banhos nas abadias e nos castelos. O século XI conheceu os primeiros banhos públicos nas cidades, quando se separavam os sexos. Talvez, sob influência do Oriente: "Fazia-se refeições a dois numa banheira". Porém, as casas de banhos que permitiam essas "refeições", tornaram-se pouco recomendáveis e eram frequentadas pelos desfaçados. Os escândalos culminaram na proibição do banho, no século XV. Seguiu-se a contra-reforma, com os rigores do ascetismo. O banho passou a pertencer ao receituário médico. Era forma de terapêutica, tendo sido condenado e confinado à intimidade. Assim, nos tempos de Luiz XIV, Paris possuía, unicamente, dois estabelecimentos balneários, mas tornavam-se frequentes os banhos no Sena.

No século XIV, começou a prosperar as redes de distribuição de águas, por meio de canalizações, daí, não se procurar mais a água pois ela vinha ao indivíduo. (2,3).

A Higiene, que é ciência, é ao mesmo tempo arte. Ciência quando pesquisa; arte quando maneja os meios de conservar e melhorar a saúde. Indiretamente, a higiene am-

para a saúde, quando procura alertar; adoece menos, aquele que tem melhor saúde. Por isso, o ideal da Higiene é o de proporcionar as condições para que todo o indivíduo transite de um estado saudável, para um outro melhor, quer seja do ponto-de-vista físico, mental ou social. Dessa forma, damos à saúde um conceito de Valor. A Higiene desconhece uma escala de saúde individual, então, que apreciamos a saúde, no aspecto qualitativo e não no quantitativo. A Organização Mundial de Saúde já se definiu nesse campo, quando considerou: "um estado de bem-estar físico, mental ou social e, não somente, uma ausência de enfermidade ou de invalidez". Ruiz Moreno (4) sailenta, que: "Da análise deste conceito, surge a idéia de que para diagnosticar saúde em uma pessoa, temos que provar a existência de um sentir-se bem — subjetivo — e um estar bem objetivo orgânico ou funcional. Não deve existir alteração, que exceda dos limites do estabelecimento, como normal, para cada orgão, aparelho ou tecido. O bem-estar deve ser completo, tanto no aspecto físico, mental ou social, nos três aspectos simultâneamente.

Bem-estar pode ser definido como um estado de adequada adaptação física, mental e espiritual ao meio".

A falta de adaptação seria o mal estar físico, mental e espíritual, ao meio.

Ora, no que se refere à saúde, temos sempre que apreciá-la, no aspecto individual e coletivo. O conceito da Organização Mundial de Saúde tem mais um estilo pessoal; o saudável tem saúde e basta para uma comunidade, porque toda a comunidade é saudável quando cada membro dela é sadio. Portanto, os assuntos sanitários interessam a todos, principalmente neste assunto das Piscinas, quando não manifesta as relações inter-humanas. No caso dos banhistas, é importante recordar sempre, este problema, quando o bem-estar depende da saúde física, mental e social de cada membro. Resultando a necessidade de confiar um no outro, e que cada elemento do grupo se compenetre que, ao entrar na piscina, o bem-estar dos demais depende de cada indivíduo, isoladamente, do indivíduo como valor físico, mental e social. Assim, o citado Ruiz Moreno, insiste: "Conservar a saúde é man-

ter a saúde que se possuí num momento determinado. É nunca perder o que se conseguiu.

A Higiene deixou de ser previlégio do médico, certo sim, que ele seja mais avisado, pois tem a competência intransferível de trabalhar com os meios capazes de restaurar a saúde. Porém a Higiene, de há muito, pertence a toda a atividade humana total, quer seja individual ou coletiva.

Todo o ser humano tem por dever fazer, higiene quer no interesse pessoal, quando busca beneficiar o corpo, quer quando ativa a mente, situando-se na sociedade. O que pretende a Organização Mundial de Saúde é apenas isto: que cada membro de uma coletividade seja responsável. Por isto, deve ser higienista todo e qualquer cidadão, médico, enfermeira ou visitadora sanitária, administrador ou guarda sanitário, governante ou patrão, funcionário ou operário visto que todos pertencem ao meio social, todos exercem um dever cuja finalidade é promover o bem-estar social e mais, o aprimoramento cultural, pois que se ampliando a liberdade, vão se consolidando os direitos humanos, que é, por certo, desejo das Nações Unidas de 1948.

Ao traçarmos estas linhas, tivemos em mira aquele objetivo, pois é indispensável que os membros responsáveis da sociedade se capacitem das normas fundamentais da Higiene, políticos ou sacerdotes, pastores e pedagogos, devem se preparar no desideratum de conservar a saúde, evitando e prevenindo a enfermidade, todos, indistintamente, ensinando como viver, mostrando sempre o que convém fazer. Higiene é promoção e conservação da saúde, isto é suficiente para distinguí-la da Medicina Preventiva, que se esmera na prevenção da doença. Medicina Preventiva, sim é patrimônio do médico, pois é ação orientada que se destina a evitar a enfermidade. Higiene é mais uma decisão, um atributo que deseja o bem-estar total.

Qualquer ser pode decidir fazer higiene em benefício próprio, mesmo a coletividade, resolutamente, poderá assumir a proteção de cada um. É o que sempre caracterizou a Higiene Individual ou Particular e a Higiene Pública ou Sanitária.

Então, seguindo este critério, cada indivíduo tem uma responsabilidade, quer seja consigo conservando sua integridade, ou para com o próximo evitando poluir o ambiente, anulando, por exemplo, o contágio da doença transmissível. Em nosso caso, a piscina, evitando tornar insalubre o meio, mesmo se rebelando contra o que já estabeleceram as prescrições sanitárias, quer corrompendo água potável com seus excretas, secreções infectadas, roupas contaminadas ou outros detritos.

Sanitarismo e Higiene Pessoal devem se afinizar sempre, no particular as piscinas, pois todos os membros da sociedade se esforçam para proporcionar os meios que facultem um bom fornecimento de água, pura e estéril, potável e límpida com salinidade, conforme prescrevem as normas sanitárias. Não será justo que o banhista desconheça os mais rudimentares conhecimentos atinentes às normas higiênicas e passe a exercer uma função individual negativa, levando para o depósito de água toda uma remessa de poluição, que é uma constante ameaça aos "combanhantes".

Na piscina, está a prova de que, a higiene, favorecida pela comunidade, em benefício de todos os seus componentes, protege o meio físico e biológico, tornando eficiente a maneira pela qual, cada um possa fazer Higiene Pessoal impedindo que fatores adversos favoreçam a enfermidade. Será indispensável, por outro lado, providenciar para que o indivíduo se ajuste ao meio social, impedindo que ele seja causador de mal-estar individual ou coletivo, De um lado está a Higiene fornecida pela coletividade, norteada pelos seus encarregados da Saúde Pública, e do outro, está toda a sociedade, província ou nação, que por intermédio dos governantes, legisladores, mestres e escritores, todos, enfim, que devem fazer e ensinar a fazer Higiene Social. Assim, pensamos estar fazendo Higiene Social ao elaborar estas páginas, que despidas de originalidade, vão mais como uma intenção de atualizar o que é necessariamente útil, a fim de proteger a saúde dequeles que ,ainda, conseguem uns raros e preciosos momentos para se dedicar à recreação.

Se iniciamos estas linhas muito apegados à prolixi-

dade, nos preocupando com o "historicismo" do banho, foi mais para situar a piscina no tema da convivência humana; ela é mais uma maneira de religar os homens, neste século, sem catedrais, como há pouco dizia Flusser, quando a cinelândia é local dos encontros fortuitos, para onde converge toda a cidade.

Realmente, a piscina é uma criação do século XX, é uma exigência da cidade moderna, ela vai ganhando os territórios rurais, ela é o ornamento dos Clubes e são muitas as fazendas que a possuem; cremos, pois, ser de interesse falar de educação sanitária e disseminar por todas as partes, tudo que se aprendeu sobre a proteção das piscinas.

Há preceitos que não podem ser ignorados, para que a recreação seja benéfica — as horas livres devem ser vividas e não gastas. A recreação perfeita deve sempre ser um ato biológico físico e mental, melhor ainda, espiritual.

Wood (5), define a educação sanitária "como a soma de experiências que modifica favoravelmente os hábitos, as atitudes e os conhecimentos relacionados com a saúde individual, comunal e social".

Assim, a educação sanitária de uma determinada comunidade requer uma aprendizagem, para que as pessoas possam receber orientação e empreender ação sanitária mais independente e inteligente. Todo o freqüentador de piscina deve possuir hábitos normais de comportamento, compatíveis com os costumes higiênicos e permanecer fiel aos preceitos recomendados pela educação sanitária. Desta orientação básica resultará a proteção da saúde dos banhistas.

Verificamos que o resultado das análises químicas e bacteriológicas, realizadas em todas as piscinas desta capital, demonstram que é uma realidade o fato de as piscinas constituírem focos de infecção, pois, nelas, estão presentes fatores químicos ou biológicos, verdadeiros satélites, que denunciam poluições. Não basta interpretar estes resultados: tem-se que transformar os hábitos, instruindo, desde o responsável pelas instalações, até infor-

mar ao banhista despreocupado, que, às vezes, nem lembra-que é um veículo de doença, às vezes, inocentemente, eliminador de compostos que alteram a composição da água. Então, a educação sanitária ganha conteúdo como aplicadora de um ensino básico, através de pedagogia permanente, comunicada e transmitida, pelos médicos e, principalmente, pela visitadora sanitária e até pela imprensa, pelo rádio e televisão.

A Secretaria de Saúde Pública do Paraná e a Universidade Federal do Paraná, através da Universidade Volante, já alertaram neste sentido, e os presidentes de sociedades acorreram e apoiaram, sem constrangimento, tudo que foi possível para tornar eficiente a proteção das piscinas. Solicitaram, mesmo, que se elaborassem estas notas, que se apresentam como o início de uma campanha de educação urgente. Devo lembrar que, a obra, não é totalmente nossa, para que a terminemos, e nem somos suficientemente livres, para que dela não participemos. Por isto, estamos presentes.

Não basta querer controlar o estado de higidez do associado: é necessário manterse um serviço informativo inter-sociedades, para que a comunidade se capacite das possíveis circunstâncias negativas ou das práticas recomendáveis que surgirem, destinadas à manutenção conveniente das piscinas. Neste particular de saneamento das instalações, sugerimos que se desse ênfase ao papel das visitadoras sociais e que, as sociedades mantivessem por ocasião das temporadas, a presença delas, a fim de que ministrassem informes úteis, sobre o comportamento individual em benefício de todos.

Samuel Pessoa (6), falava da educação sanitária, com palavras elogiosas para as visitadoras sociais, e dele retiro este trecho muito elucidativo da questão: "O curso de Educação Sanitária levantará as questões sanitárias e sociais passíveis de serem encaradas pela educadora e a maneira mais consentânea para resolvê-las. A aplicação é, pois, tudo na educação para a saúde. A maneira de difusão dos preceitos sanitários e de fazê-lo pela população é a pedra de toque do serviço em atividade. O conhecimento é adquirido pela inteligência e pela razão; a maneira de

difundi-lo e fazê-lo ser bem recebido pela comunidade já não pertence à inteligência mas muito ao coração. É por isso que os homens não são bons educadores; só a mulher possui aquele discernimento próprio e um coração sensível capaz de orientado pelo instinto mais desenvolvido do que no homem, sentir o momento propício e a maneira acertada para sua aplicação, nas condições do meio onde trabalha. Mas para aplicá-los com sucesso, surge a necessidade teórica de conhecer o que realmente se pode fazer e o que deve ser feito. Também todo o dogmatismo é prejudicial; o instinto de humanidade deve presidir, de forma primordial a mais completa e possível ação. Assim, a educadora, é que deve viver a vida dos membros da comunidade.

Se em nosso Estado o número de piscinas é grande e o número de banhistas é acentuado, então, já está em tempo de ser criado um serviço que favoreça a educação neste setor, e que forneça os necessários subsídios, objetivando a evitar os problemas que surgirão, e que possam condenar esta salutar forma de recreação. Devemos lembrar que os dicionários da língua portuguesa apresentam a palavra "alberca", no sentido de significar água represada, e entendida entre nós, como um tanque ou, ainda, como água parada. Será conveniente tornar mais corrente o uso dessa palavra, a fim de que possamos caracterizar, com precisão, o que se entende por piscina. Então as coisas ficariam bem distintas. Enquanto alberca significará simples reservatório de água, com aspecto vulgar, antitécnico, anti-higiênico e empírico, condenável do ponto de vista bacteriológico, químico e parasitológico, a piscina será um reservatório de água apresentando todas as condições técnicas e científicas capazes de garantir toda a proteção sanitária, conforme os postulados da Engenharia Sanitária.

Assim, é verdade que, se a distinção é notória, desde que obedecidas as condições técnicas, não há dúvida de que a melhor e mais perfeita piscina, uma vez abandonada, sujeita à poluição química e biológica, quer decorrente da adversidade de hábitos dos freqüentadores, quer mesmo por excesso de banhistas, poderá se transformar numa alberca.

Não há dúvida, que tanto albercas como piscinas devem merecer a máxima atenção da Saúde Pública. A educação deve estar ativa e vigilante. Existem as piscinas de água parada e outras de água circulante. No primeiro tipo, a água é renovada totalmente, após o uso, enquanto que, nas outras, há sempre uma corrente contínua de água circulando, água essa que provém de uma fonte de abastecimento ou da própria piscina, submetida a tratamento adequado, após filtração. Deve-se evitar as piscinas de água parada, pois dificilmente podem sofrer qualquer processo de desinfecção e, geralmente, convertem-se em depósitos de materiais nocivos.

Nas piscinas de corrente contínua, a água circulando, arrasta toda matéria suspensa, ao mesmo tempo que mantém constante as concentrações de cloro necessária. Toda vez que a matéria orgânica está presente, é ameaça à sanidade da piscina, principalmente porque anula a eficácia do cloro residual; o volume da água de renovação deve ser de modo a substituir totalmente a quantidade de água da piscina, pelo menos, três vezes ao dia.

Nestas piscinas o número de banhistas nunca deve ultrapassar de cinco (5) pessoas por metro cúbico de água limpa de renovação. Nas albercas, portanto, nos tanques sem renovação, recomenda-se a presença de uma (1) pessoa por 2 metros cúbicos de água. Neste tipo de alberca, toda vez que o número de banhistas atingir a seis (6), por metro cúbico, a água deve ser renovada totalmente.

Da exigência dessas normas, evitar-se-á, possibilidade do contágio direto. Nas albercas, o contágio é a regra, pois é freqüente aquelas que recebem água já poluída por agentes de origem intestinal, sendo que as infecções mais freqüentes são as disenterias, salmoneloses, hepatite infecciosa e febre tifóide. Cabe citar aqui, o tópico registrado por Samuel Pessoa (7): "Em Jacarezinho (Paraná), Coutinho e Pessoa (1949) encontraram o principal criadouro e foco ativo da doença (Esquistossomose) em uma piscina pública formada pelo representante de um riacho".

Fatos idênticos foram constatados em vários pontos do nosso País. Portanto, é momento de olharmos, atenta-

mente, para êsse problema que poderá, num futuro próximo, criar situações lamentáveis, mormente em nosso tempo, quando já é corrente, principalmente nos Estados Unidos da América, afirmar-se "que após a Segunda Guerra Mundial surgiu uma nova profissão — aquela do contratista de piscinas" (8).

Falávamos em contágio direto e no perigo da aglomeração, pois, algumas vêzes a "água é como a mulher de Cesar, deve estar acima de qualquer suspeita". Vejamos, pois, esse trecho: "Da mesma forma o Departamento de Saúde é responsável pelo saneamento das praias e piscinas. A quantidade de infecções adquiridas nesses locais, é muito maior do que, em geral, o público crê; anota que o principal perigo está, não na água, mas na praia em si mesma e especialmente na gente da praia". (9). Assim, o assunto merece algumas reflexões, pois não se pode atribuir todos os perigos à água como veículo esquecendo o ser humano como o verdadeiro foco de infecção. Por isso devemos algumas vezes analisar o problema das doenças venéreas, das lesões impetiginosas, da escabiose e das dermatomicoses. Já em 1956 o professor João Barros Barreto (10) concluia que: "as piscinas atendem deste modo, a realização de uma prática salutar, mas de outro lado se podem tornar ameaça para a saúde. Realmente, está provado que uma série de doenças pode decorrer da natação feita coletiavmente em espaço restrito".

Indiscutivelmente, a enfermidade mais frequente adquirida nas piscinas e albercas é conjuntivite por inclusões, doença de origem vírica, causada por um vírus estudado por Morax desde 1903 e reconhecido em 1907 por Halberstaedter e Prowazek sob a forma de corpúsculos de inclusão citoplasmática. Esta virose é considerada uma doença urogenital de caráter venéreo, sendo eliminada pela urina e designada mesmo como conjuntivite das piscinas.

A profilaxia desta infecção é satisfatória através da correta cloração. ("Thygeson e Stone (11) controlaram a piscina de uma Universidade e comprovaram que não havia infecção. Isto contrasta com o número extraordinário de casos que se encontram nas piscinas, que não foram quimicamente tratadas.

Felizmente, com relação à poliomielite apesar do vírus ser frequente nas águas de esgôtos, nunca foi constatado nas águas de piscinas e albercas.

O professor João Barros Barreto (10), salienta a possibilidade das águas de albercas e mesmo das piscinas serem veículos do agente etiológico da doença de Weil, e alerta sobre o problema da vulvovaginites da infância de origem gonocócica, reportando-se às pesquisas de Manheimer.

Doença típica dos banhista e que vem se fazendo cada vez mais presente, é a designada por dermatite ou prurido do nadador, estudada por Brumpt (12) na Europa e verificada por Ehlers e Steel (8) nos Estados Unidos, principalmente, em Minnesota e Wisconsin, e produzida pela penetração através da pele das cercarias da **Trichobiliarzia ocellata,** que é um esquistossomídeo transportado pelos pássaros e que completa seu ciclo vital em caracol do tipo **Limnae** e próprio das albercas com abundante vegetação. As cercárias penetram, rapidamente, através da pele minutos após formando em duas um eritema que em dez horas se transforma em vesículas altamente pruriginosas. Cura-se em torno de dez dias expontâneamente.

Smilie, (13) célebre sanitarista americano, registra as infecções mais frequentes adquiridas nas piscinas e que são, principalmente, epidermofitoses e conjuntivites, otites, infecções do trato rino-faringiano, lesões impetiginosas, referindo-se, também, a vários tipos de distúrbios intestinais contraídos nessas fontes.

Barrientos citado por Barreto (10) anota a constatação de febre tifóide e surtos intestinais em escolares do Chile. As anginas estreptocócicas parecem estar mais afinisadas com as infecções oriundas das piscinas. Cita Barreto: "o assunto da higiene das piscinas carece ser, entre nós encarado com mais firmeza. Victor Linsinger (14) apontou, serem, em geral, péssimas, há alguns anos, as condições sanitárias das existentes no Rio de Janeiro.

É preciso considerar sempre que as possíveis fontes de infecção estão, principalmente, entre os freqüentadores, porque, nas piscinas, em geral, se utiliza a mesma

água do abastecimento público, portanto, perfeitamente potável, límpida, e quando mais estará sempre esterilizada, desde que se mantenha uma constante presença de pelo menos 0,2 a 0,5 ppm de cloro livre.

Todo banhista terá, portanto que se sujeitar completamente despido a uma ducha com perfeito ensaboamento antes de ingressar na piscina. O cuidado com os pés é, ademais, indispensável e, para isso, deve imergir os membros inferiores, num lava-pés que contenha 15% de tiosulfato de sódio ou 1% de soda clorada. Estas normas devem ser corretamente observadas. Além disso, todos os objetos acessórios, principalmente, as toalhas devem ser esterilizadas. Os pisos, bancos e locais circundantes devem ser lavados diariamente com uma solução de hipoclorito. Deve haver uma permanente vigilância por parte de pessoas hábeis, intruídas de preferência pela Escola de Saúde ou de Instituição afim que ministre princípios de Saneamento. O preparo das Educadoras deve compreender em tese, as seguintes instruções: 1 — vigilância dos banhistas; 2 — conhecimento sobre a rotina da cloração e demais exigências de ordem química e bacteriológica; 3 — observação meticulosa dos pertences dos banhistas; 4 — observação constante do número de banhistas em contacto com a água. Com o desenvolvimento e execução desses 4 itens, em breve, se constituirá pessoal habilitado e capaz de prestar uma ótima assistência as atuais e futuras piscinas. De início, compete a Educadora Sanitária, observar e instruir os banhistas isolados ou em grupo: **1.° Isolado** — vedar o acesso à piscina de pessoas portadoras de moléstias transmissíveis ou apresentando lesões ou escoriações e feridas expostas ou protegidas com curativos. Recomendar aos banhistas que se submetam "ao banho de superfície" sob ducha antes de penetrar na piscina, pois, a pureza desta depende daquela providência preliminar. Esse "banho de superfície" deve ser executado, antes, mesmo, de vestir o traje de banho e acompanhado de um rigoroso ensaboamento do corpo. Esta medida, tem que ser obrigatória, e jamais será dispensada. Há um teste, que talvez auxiliará na recomendação dessa exigência, e que consiste em observar a parte posterior dos pés na altura do tornozêlo; se essa região estiver

seca é sinal de que a ducha foi insuficiente e, portanto, destituída de valor; 2 — **coletivo** — será proibido fumar ou fazer refeições nas proximidades das piscinas, para evitar a chegada na água de corpos estranhos. Recomenda-se, também, o afastamento de pessoas trajadas com vestes de rua, das proximidades da piscina. Os trajes de banho a menos que sejam lavados, rigorosamente, possuem sempre inúmeras bactérias. Será mais lógico trajes fornecidos pela administração da piscina, pois, seriam lavados e esterilizados após o banho. Essa limpeza e esterilização dos trajes seria feita mecanicamente com água e sabão seguida de completa secagem. Providenciar que haja trajes em abundância para provisão, evitando-se o fornecimento de trajes sépticos. O fornecimento de trajes ou acessórios deve ser realizado distante do material já usado e, portanto, contaminado, Literatura sobre esse assunto assinala inúmeras conseqüências desagradáveis, inclusive epidemias e enfermidades da pele, pela inobservância dessas simples, mas, absolutamente, indispensáveis regras. Importa ainda, observar uma exigência fundamental. O equipamento referente a casa de banho deve apresentar número suficiente de W.C. e duchas, requerendo no mínimo uma ducha para 30 vestiários. Um W.C. para 30 vestiários na secção das senhoras e um W.C. para 40 vestiários com um mitório para cada 20 vestiários na secção masculina. Com a finalidade de evitar a poluição das piscinas com urina, deve se recomendar o uso dos mitórios "antes do mergulho" e, para isto, será melhor conduzir os banhistas dos vestiários para o W. C. e duchas. As duchas estão situadas na altura dos ombros dos banhistas e funcionam com jorro inclinado. Não deve ser permitido o transporte, pelos banhistas, de qualquer objeto de uso, tais como: toalhas, pentes, escovas e artigos e toucador. A observância de todas estas medidas apresentam um cunho benéfico e, uma vez adotadas, todos sentir-se-ão em segurança. A enfermidade mais difundida nos balneários é a epidermoficia, designada por "pé de atleta". Para combatê-la, tem-se adotado medidas com maior ou menor eficiência. Essa dermatose é originada do contacto dos pés com as superfícies das duchas e contornos das piscinas. Recomenda-se, como medida de ordem

profilática, vários métodos, tais como: o de mergulhar os pés em banhos contendo soluções de cloro a 0,03 a 0,06 ppm, ou, ainda, soluções com 15% de sulfato de sódio. O êxito dessas precauções são muito variáveis. Quanto ao sulfato de sódio, é evidente que ele reduz o cloro residual, na água da piscina, portanto, só será utilizada, após a saída do banhista. A mais eficiente profilaxia, ainda, é cuidar do saneamento e da limpeza correta dos pisos, pois estes devem ser contruídos de maneira a facilitar, rapidamente, com uma eficiente e diária limpeza, com soluções de hipoclorito. Uma vez que do manter o solo seco, constitui-se, na melhor forma de fazer a profilaxia do "pá de atleta". Recomendamos, que os vestiários, apresentem perfeita e correta ventilação. Antes de finalizar esta nossa tarefa, queremos registrar que desde 1939, a Secretária de Educação e Saúde Pública do Estado de São Paulo elaborou um Decreto-lei estadual com o número 10.840 de 22-12-1939, que procurava disciplinar o uso das piscinas. Naquela oportunidade, o Químico Nicácio Serafim Barcelos (15) coordenou magnífico trabalho intitulado. "Funcionamento das Piscinas". Diz Barcelos, nas considerações preliminares: "Todavia, grandes dificuldades têm embaraçado a sua aplicação, em virtude do geral desconhecimento, por parte dos interessados, dos recursos de que poderão socorrer-se para colocar e manter suas piscinas dentro das exigências legais". Pelo que constatamos em 1965, o problema do Estado do Paraná é idêntico ao de São Paulo de 1939, com a agravante de que, aqui, nenhuma medida oficial ter sido tomada, pelo menos como lá, na medida da letra. Entre nós, nenhuma regulamentação foi até este momento sugerida ou apresentada. Então, "a ordem é cair na água". Estudamos e apresentamos, aqui, mais sugestões do que propriamente a instrução. Queremos deixar o fermento, não demos o pão pronto, desejamos apenas, levedar a massa. Olhamos a piscina com visão bacteriológica e, deixamos, agora, aos dispostos por vocação legislante ou mesmo, ao douto Corpo Docente da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, a execução da tarefa de regulamentar o uso das nossas piscinas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 — Pongetti, H., Ed. Nac. 5-9-1965 de "O Globo", Rio de Janeiro.

2 — Actas Ciba n.° 1, Do Banho, 1948.

3 — Actas Ciba n.°4, A Água, 1948.

4 — Moreno, Guido V. Ruiz, em Leciones de Higiene, Medicina Preventiva y Medicina Social, Ed. Aguilar, Buenos Ayres, 1960.

5 — Wood, T. D., em Medicina Preventiva, Ed. Interamericana S. A., México 1959, pág. 405.

6 — Pessoa, Samuel B. Ensaios Médico-Sociais, Ed. Guanabara-Koogan S. A., 1960, pág. 123.

7 — Pessoa, Samuel B., Endemias Parasitárias da Zona Rural Brasileira, Fundo Editorial Procienx, São Paulo, Brasil, 1963, pág. 210.

8 — Ehlers, Victor M. e Ernest W. Steel, Saneamento Urbano y Rural, Ed. Interamericana S. A., México, 5.ª Ed., 1958, pág. 126.

9 — Anderson Gaylord, Margareth Arnstein e Mary Lester, Control de Enfermedades Transmissibles, Ed. Interamericana· México, 4.ª Ed., 1965, pág. 116.

10 — Barreto, João de Barros, Tratado de Higiene, Livraria Atheneu S. A., Rio de Janeiro, 3.ª Ed.· 1956, pág. 469.

11 — Thygeson, P. e W. Stone Jr., cit. em Rivers, T. e F. Horsfall, Virus y Rickettsias, Ed. Interamericana S. A., 3.ª Ed., 1965, pág. 604.

12 — Brumpt, E., Précis de Parasitologie, Ed. Masson, Paris, 5.ª Ed., 1963, pág. 689.

13 — Smillie, Wilson G., Medicina Preventiva y Sanidad Publica, Ed. Espasa-Calpe S. A., Madrid, 1949, pág. 118.

14 — Linsinger, Victor, cit. em Barreto, João de Barros, Tratado de Higiene, Livraria Atheneu· Rio de Janeiro, 3.ª Ed., 1956, pág. 475.

15 — Barcelos, Nicácio Serafim, Funcionamento das Piscinas, Emp. Gráfica da Rev. dos Tribunais Ltda., São Paulo, 1942.

PROPERDINA E IMUNIDADE NATURAL

A imunidade é um atributo biológico que proporciona aos organismos a possibilidade de resistirem às agressões microbianas, virulentas ou tóxicas.

Desde as primeiras anotações especulativas, costuma-se aceitar como definitivo dois tipos de imunidade, uma natural e outra específica mais propriamente adquirida. A imunidade natural, expontânea é mais uma propriedade biológica que se afirma no espaço, enquanto que a específica é particular à espécie, situa-se no tempo, na vida que se afirma resistindo e se adaptando ao meio ambiente.

Para efeito de imunidade, os recursos empregados pelo organismo variam se rotularmos as reações sensíveis veremos que, numa fase empírica da medicina o sintoma febre, foi considerado pelos médicos da antigüidade como uma típica defesa, diante da qual, Hipocrates afirmou: "A febre representa o esforço próprio do organismo que defende-se contra a enfermidade; é semelhante ao fogo, purifica o corpo".

Charles Nicolle, mais próximo de nós, irá usar uma outra imagem, menos simbólica, porém com o mesmo sentido de interpretação, diz ele:

"A enfermidade infeciosa é a reação do nosso organismo, do animal ou da planta, com respeito as forças funestas do infinitamente pequeno".

É pois, a febre o tema permanente do fisiólogo ou do bioquímico que deseja investigar esse sintoma que por ser tão comum passou ao ról das coisas ignoradas. Hoff, professor de Frankfurt, analisa a febre, como sendo um sinal que busca aliar todo o inespecífico do metabolismo orgânico, salientando o inconveniente e prejudicial hábito

que faz aderir a febre à enfermidade quando a realidade é que, a primeira é apenas uma reação inespecífica de defesa contra a segunda.

Portanto, é preciso e estamos próximos de esmiuçar a bioquímica da febre, desde as causas até os efeitos, afim de interpretar esta geral reação do organismo para usá-la com eficiência na conservação da saúde, como norma terapêutica.

Estamos no tempo em que os bioquímicos principiam a se interessar, nas indagações dos porquês da febre, para obterem a solução do enigma terapêutico de todas as enfermidades; quando isso acontecer, o investigador conseguirá a realização da passagem, do virtual filosófico para o técnico, ao provar, aquilo que Parmênides, o filósofo grego, entreviu ao formular: "Dai-me o poder de criar a febre e curarei todas as enfermidades".

Este preâmbulo leva o intuito de salientar o aspecto inespecífico, natural e expontâneo das reações que elaboram, as defesas inespecíficas que constroem nos organismos a propriedade vital, que os faz resistir as enfermidades.

Essas reações, criam um estado de resistência natural, inata, graças a qual uma determinada espécie animal consegue anular as ações microbianas ou tóxicas.

Cada espécie é portadora de uma imunidade ou de determinada receptividade, recusa ou aceita passivamente uma determinada infecção, assim que o homem é naturalmente resistente a cólera das galinhas, a peste bovina e a peripneumonia dos bovinos. Por sua vez os animais estão devidamente protegidos contra algumas doenças tipicamente humanas tais como a lepra, gonococcias e meningococcias. Há mesmo, certos aspectos particulares que fazem da raça uma privilegiada dentro da espécie, tanto assim que o carneiro algeriano é imune ao carbunculo, os esquimáus resistem a difteria e a coqueluche, é notório como exemplo de imunidade natural a galinha que resiste ao tétano e o boi que recusa a morve. Registra-se até a imunidade relativa que faz variar a resistência conforme

fatores decorrentes da virulência do germen ou dependentes da debilidade do organismo, sendo típica a esse respeito a clássica experiência de Pasteur que obrigou a galinha a adquirir o carbunculo por efeito do resfriamento.

Recordamos rapidamente nesta oportunidade, os fatores naturais que amparam os individuos diante da infecção. De início, temos as barreiras ou defesas externas situadas na pele e mesmo nas mucosas aliadas as secreções, principalmente a lisozima de Fleming, tão saliente nas lágrimas, muco-nasal, no colostro e nas secreções intestinais. Lisozima que tem a propriedade de hidrolisar os mucopolissacárideos e que é uma proteina termoestável e atua sobre a membrana da bactéria, quase que exclusivamente sobre as saprófitas.

Vencidas as defesas externas o microorganismo se submete aos efeitos da ação interna e que no caso da imunidade natural é expontânea, acrescida da fagocitóse, essa defesa celular conhecida desde mais de cinqüenta anos e que representa a mais importante contribuição de Metchnikoff no capítulo das defesas naturais.

No tema fagocitóse, podemos acrescentar que se conhecemos muito bem a dança dos granulócitos na missão de ingerir as micropartículas, mas, em que pese, o que está estudado mesmo em bases científicas, ignora-se praticamente tudo sobre a bioquímica intracelular no que respeita as seqüências da digestão das bactérias ingeridas pelos fagócitos.

Numa revisão deste assunto feito por Hirsch em 1956 ficou demonstrado vários fatores evidentes no citoplasma dos fagócitos tais como ácidos, a lisozima e uma fagocitina de natureza desconhecida e que atua na ausência do complemento e do magnésio. Hirsch apesar das minúcias da revisão omitiu a importância da catalasa, que está provado ser abundante nos leucócitos.

Esta enzima que possui uma apoenzima proteíca e um grupo prostético do tipo "heme", tem por função desdobrar rapidamente o peróxido de hidrogênio, substâncias tóxica que na ausência, ou melhor na deficiência dessa enzima, provoca lesões irreversíveis na célula. Eficiente ainda,

são as opsoninas, amortecedoras das bactérias e que existem no soro normal, representam um fator natural de defesa embora sejam mais abundantes nos animais imunisados previamente o que demonstra uma possível transição entre defesa não específica.

Mas, nosso interesse no decorrer desta dissertação é focalizar algo mais importante na tentativa de explicar a natureza da imunidade natural e que coube a Pillemer descrever com sucesso através de uma proteína por ele chamada Properdina.

Desde as pesquisas de Buchner, soube-se que o soro sangüíneo desprovido de fagócitos, possuía uma notável propriedade bactericida, a qual esse pesquisador chamou Alexina.

Pillemer em 1955, quando na revisão dos conhecimentos sobre o Complemento, encontrou uma substância, a Properdina, que muito serviu para ampliar o conhecimento da resistência orgânica de origem não específica. Tudo faz pensar que com a descoberta da Properdina ficou a bacteriologia situada como detentora da mais sensacional descoberta dos últimos tempos.

Essa substância, aos poucos vem sendo divulgada encontrando-se descrita em vários manuais de bacteriologia, como por exemplo no livro de Moustardier (1) onde encontramos o seguinte trecho que nos informa didaticamente do problema: "o complexo alexina-properdina, compreende o fator alexina descoberto por Buchner e a properdina revelada recentemente por Pillemer".

Outro tratado de Microbiologia que faz citação é o de autoria de Zapatero (2) no qual aparece com ênfase um capítulo: A Properdina, razão porque ao notar que são escassos os elementos necessários para os esclarecimentos deste assunto, resolvi trazer neste curso de Fisiologia de Microorganismos esta modesta contribuição, que espero ter um único mérito, esse de alertar os futuros investigadores.

Pillemer reconhece na properdina a proteína sérica fundamental no mecanismo da defesa humoral contra a infecção.

Era notório que o sôro normal destrói várias células e bactérias como também alguns virus; com a descoberta dessa proteína começaram a ser desvendados certos mecanismos obscuros da imunidade natural.

Verificou-se logo que a properdina é relativamente abundante nos animais de sangue quente e quanto mais resistente o animal às infecções, maior é a quota dessa proteína, sendo quase imperceptível nos animais sensíveis.

Vejamos para exemplificar e caracterizar melhor o quadro seguinte, demonstrativo da riqueza em properdina nos diversos animais inclusive o homem. As avaliações são dadas em unidades properdina, (uma unidade de properdina é o mínimo da solução problema capaz de fixar 50% do complemento (C3) em presença do complexo properdina-zimosan), e já começamos a entender a incógnita da defesa inespecífica.

Rato — 25 a 50 U. ml
Vaca — 10 a 20 U. ml
Rato branco — 10 a 20 U. ml
Porco — 8 a 12 ml
Homem — 4 a 8 ml
Coelho — 4 a 8 ml
Carneiro — 2 a 4 ml
Cobaia — 1 a 2 ml

É evidente pelo exposto, a relação entre a resistência natural e as unidades de properdina, no caso, a cobaia o mais vulnerável às infecções apresentando taxas mínimas da proteína de Pillemer. Prosseguindo nos estudos, Pillemer observou que a resistência do organismo produzía a morte das bactérias as quais libertavam nos tecidos da vítima, os seus componentes celulares mais as toxinas, sendo que quando estes componentes virulentos eram mínimos, ativavam o aumento da properdina. Mas, quando essas substâncias agressivas eram em excesso, acumulavam a proteína defensiva. Hinz conseguiu com injeções de polissacarídeos oriundos de bacilos tíficos, excitar o aumento das unidades de properdina ao mesmo tempo que obtinha sua queda no curso das enfermidades não infecciosas.

Pillemer demonstrou ademais que a properdina é uma euglobulina cujo peso molecular é oito vezes superior ao da gama globulina e, que essa substância inespecífica está presente na proporção de 0,03% nas proteínas séricas, mais, que é estável a 48°C, perde a atividade a partir de 50°C ficando totalmente inativa a 60°C.

Pillemer, prosseguiu criando o processo de doseamento dessa substância que se incorpora ao zimozan, então que a properdina existente no sôro sangüíneo podia ser avaliada a temperatura de 10°C. (O zimozan é um polissacarídeo extraído da levedura e obtido após o tratamento da célula fresca com tripsina e álcool).

A mistura properdina-zimosan forma um complexo insolúvel que deixa o sôro restante desprovido da propriedade bactericida a qual será restabelecida quando fôr restituida a quantidade de properdina retirada.

Em síntese, a técnica recomendada por Pillemer é a seguinte: — purificação da substância ativa a titulação conseqüente pelo sistema hemolítico; podemos aprender a técnica no trabalho de Soulier e col. (3). O desenvolvimento da reação consiste em fazer reagir a properdina com a fração C3 do complemento na presença do zimosan. Na seqüência adicionamos o sôro a analisar ao sôro reativo properdina (R.P.) do qual foi extraída a substância ativa em presença do zimosan a 17°C, adicionava uma dose padrão do açúcar em vários tubos e incubá-los a 37°C. Daí a fração de properdina no sôro em análise fixar-se-á ao zimosan, desde que o R. P. tenha a quantidade de C3 suficiente. A incubação se processa a 37°C, durante 1 hora, a seguir centrifuga-se os tubos e ao sobrenadante junta-se o sistema hemolítico. Aparece hemólise nos tubos que contém excesso de C3 previamente tratado com properdina. Titula-se, observando o último tubo sem hemólise e o primeiro hemolisado. Assim, obtem-se um teste que como todas as provas de fixação do complemento pode indicar se há properdina suficiente num determinado volume de sôro capaz de reagir com a fração C3.

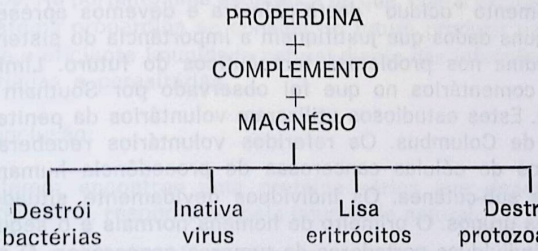
Interessa não ignorar que a properdina se une com os polissacárideos das membranas celulares das bactérias da mesma forma que o faz com as leveduras.

Pillemer, objetivando interpretar essa reação conceituou em princípio, que a properdina nada tem de comum com os anticorpos normais. Enquanto Skarnes, Watson e Nelson pensam que essa proteína e os anticorpos podem ser levados em conta de um único fator. Aqui é preciso entender que a properdina é prontamente inativada pelo aquecimento a 50°C em 30 minutos e que o mesmo não acontece com os anticorpos que permanecem estáveis. Por estas simples observações podemos concluir que de fato se tratam de duas substâncias, Properdina e anticorpos.

Interessante gravar que: 1) o complexo antígeno-anticorpo exige para manifestar-se do complemento integral e na ausência do ion magnésio. 2) na reação tipo sistema properdina as três frações do complemento são inativadas, permanecendo somente a C3. 3) Para que exista a ação bactericida do sistema properdina há necessidade do complemento e é essencial a presença do magnésio. 4) Neste tipo de reação a fração C3 permanece ativa.

Assim, pelo exposto, há declaradamente uma dualidade entre reação específica (antígeno-anticorpo) e essa outra reação de defesa inespecífica, natural através do sistema properdina junto com as membranas das células bacterianas.

Vejamos um quadro proposto por Zapatero que esclarece melhor a importância da properdina na proteção natural do organismo:



Muitas são as tentativas de explicar a presença da properdina no sangue. Pretende-se que a freqüência de infecções inaparentes, discretas e desconhecidas seriam

as responsáveis pelo seu aparecimento, apenas que ao assim considerar caimos na tese de ser ela um verdadeiro anticorpo.

Na opinião de Boivin ela se origina da expontânea imunização dos organismos diante dos múltiplos microorganismos saprófitas, possuidores de antígenos comuns com vários microorganismos patogênicos, como se sabe existir na semelhança entre o pneumococco II, pneumobacilo de Friedlander e uma levedura não patogênica e, mesmo entre colibacilos não patogênicos e várias salmonelas observadas pelo próprio Boivin. Nesse tópico conclui Moustardier: "Para explicar sua presença apelamos para um certo número de hipóteses que são sedutoras para o espírito e estão longe da evidência".

Temos que pensar na possível transição da defesa específica para outra natural, na qual o complemento participa, comparável a ação da catalasa que atua indiferentemente tanto na imunidade específica ou não específica.

A função da properdina seria a de um fator de defesa instantânea do organismo contra qualquer agressão bacteriana, sendo que cabe ao anticorpo uma especificidade dirigida a um determinado antígeno, enquanto a properdina surge quase que com a própria vida o anticorpo é tardio e depende de estímulo antigênico.

Tudo faz crer que a properdina se assemelha a uma enzima, cuja natureza é desconhecida. Estamos chegando ao momento "ociduo" desta palestra e devemos apresentar alguns dados que justifiquem a importância do sistema properdina nos problemas terapêuticos do futuro. Limito meus comentários no que foi observado por Southam e col (4). Estes estudiosos utilizaram voluntários da penitenciária de Columbus. Os referidos voluntários receberam enxertos de células cancerosas de procedência humana, por via sub-cutânea. Os indivíduos devidamente situados em dois grupos. O primeiro de homens normais e o segundo de indivíduos portadores de tumores cancerosos. O objetivo era o de conhecer quais os fatores inerentes ao crescimento tumoral e das possibilidades de resistência orgânica.

Logo notaram que os enxertos se disseminavam rapidamente entre os portadores de câncer, enquanto que nos indivíduos normais os tecidos enxertados eram quase que expelidos, sem nunca apresentarem a generalização. Em dois dos observados do grupo canceroso o enxerto se desenvolveu com tal rapidez que a sobrevida não atingiu além de sete semanas. Trataram a seguir, de precisar a causa dessa resistência anti-câncer no grupo dos homens normais. Afastada a possibilidade de qualquer intervenção de mecanismo produtor de anticorpos, concluiram pelo seguinte: "Os voluntários que resistiam contra o enxerto tumoral apresentaram maiores teores, mais elevadas taxas sangüíneas do sistema properdina. Nos demais do grupo portador de câncer o sistema era ínfimo. Estabeleceram ainda que, a carência de magnésio contribuia para a maior rapidez da evolução de câncer. Interessa sobremaneira na atualidade rever o problema do metabolismo desse ignorado magnésio principalmente diante do seu antagônico o potássio, estudar o hipertiroidismo, no curso do qual aparece quedas brutais do magnésio sangüíneo. Não esquecer nunca a célebre regra de ouro: muito, ou muito pouco prejudica". Pois que o excesso de magnésio pode ser prejudicial. Já Hingert o Conway relacionaram casos de insuficiência suprarenal simultânea com o excesso de magnésio. Pillemer sugere que talvez seja possível com as substâncias estimuladoras do Sistema properdina, proteger as populações contra os efeitos nocivos da irradiação, desde que os antigenos não possuam a toxidade dos atuais polissacarideos. Há portanto uma esperança de que, com a excitação do Sistema properdina se consiga no futuro produzir uma sólida e eficiente Imunidade natural diante das infecções bacterianas e parasitárias.

Conclusão:

Pillemer encontrou uma proteína sérica que denominou, Properdina, responsável pela imunidade natural.

A properdina é uma fração normal do sôro, sem relação alguma com os estimulantes antigênicos.

A properdina pode se combinar debilmente com antí-

genos estranhos ao organismo. Atua na destruição de bactérias, virus e lisa certos tipos de eritrócitos. Atua sempre em presença de complemento e do magnésio.

Fisicamente é uma gamaglobulina hidrossolúvel com peso molecular superior a 1.000.000. Desaparece pela inativação do soro.

Não é absorvida pelo complexo antigêno-anticorpo, nem participa da coagulação do sangue. O conteúdo em properdina varia no sangue dos animais sendo maior nos mais resistentes a infecção e menor nos mais sensíveis.

BIBLIOGRAFIA

G. Moustardier — Microbiologie Medicale — Lib. Maloine 2.ª ed. Paris — 1960.

E. Zapatero — Microbiologia Médica — Aldus S.A. Santander — 1962.

J. P. Soulier, D. Menaché et M. J. Larrieu — Dosage de Properdine, Étude Technique Revue de Française D'Etudes Chimiques et Biologiques — Octobre 1957 Vol. II n.° 8.

Southam, Moore e Rhoach. Science, 125, 158, 160 — 1957.

Proceedings of the American Association for Cancer Research 2—, 521. 522 — 1957.

Voisin — Suelo, Hierba, Câncer Tecnos, S. A. 1961.

Vilela, Bacila e Tastaldi — Bioquímica, Ed. Guanabara, Pg. 417 — Rio 1961.

J. E. Cushing, D. H. Campbell — Principles of Immunology Mc Graw-Hill BookCompany — N. Y. 1960.

ESTRUTURA DA PAREDE CELULAR DAS BACTÉRIAS

"Se experiências de laboratório, sobrepujando o fator tempo, chegarem a realizar uma complexidade verdadeira, nada de assombroso haverá em que esta, desde que suficiente, manifeste uma expontaneidade, uma vida e portanto uma certa interioridade. A produção de vida em laboratório, caso se demonstre possível, nada proverá contra a finalidade. Demonstrará simplesmente que os fenômenos que se desenrolaram com o aparecimento da biosfera podem reproduzir-se na neosféra, no domínio do reflexivo, sob o domínio dessa finalidade consciente que é a causalidade da idéia, da inteligência livre. Aos olhos do homem religioso, o mistério apenas mudou de registro, de plano. e com isso o mundo de modo algum se dessacralizará, pois que a investigação é um dever sagrado."

(Trecho de uma carta de Claude Cuenot e Roger Garaudy em Perspectives de l'homme).

Participando deste X Curso de Fisiologia de Microorganismos, preocupo-me apenas de exercer meu dever, embora ele se cumpra modestamente, pois que a magnitude dos temas programados não me parecem muito convidativos.

Se a seqüência cronológica do programa elaborado foi obedecida, há pouco mais de um dia, tivestes já informes precisos por intermédio dessa magnífica investigadora, Déa Amaral, que dissertou, com capacidade, sobre Polissacárideos bacterianos. Espero hoje, não ter que chegar atrasado nesse assunto muito velho.

Descreve-se a estrutura da célula bacteriana, assim:

a) uma região interna, onde se encontra uma massa

coloidal ou citoplasma, limitada por uma membrana citoplásmica e que contém o núcleo, arranjo que é denominado protoplasto, e, que possui a ação biófila da respiração, das sínteses enzimáticas, da esporulação, da maturação e crescimento de fágos.

O protoplasto, ademais, é extremamente sensível a ação osmótica configurada na plasmólise.

b) uma região externa, envolvente, membrana envolvente, e, que apresenta camadas mais ou menos definidas, descritas de fora para dentro: 1) camada externa, muco-gelatinosa, revestindo a face externa da membrana propriamente dita; esta camada, se em muitas bactérias é rudimentar e imperceptível, em outras está intumescida, e é então quando se denomina cápsula; 2) — uma membrana propriamente dita "cell-wall", dos autores anglo-americanos. Califano, citado por Scanga (1), refere-se a extrema confusão referente a essa estrutura e registra a variada sinonímia usada por autores, desde, parede celular, "cell-wall", membrana peri-celular, membrana celular, ectoplasma até cortex celular. A tendência, porém é a de preferir para essa estrutura a designação de parede celular. Importa mais, dizer que ela é rígida, mantendo a forma conforme a tensão interna e a permeabilidade seletiva. É constituida de mucopolisácarídeos distintos daqueles de outras células, distribuidos em frações variáveis entre as diversas espécies; nela estão ainda lipídios, proteínas e glicidios. Saliente-se, mais, o ácido diaminopimélico, substância encontrada exclusivamente nas células bacterianas. Esta camada é responsável pela eletiva reação de Gram a qual por muito tempo vem nos proporcionando diferenciar os distintos grupos Gram positivos e Gram negativos, sendo que na parede celular dos primeiros existe um complexo proteína-ribonucleato de magnésio.

c) finalmente uma membrana citoplásmica, quase que formada por um aglomerado de mitocôndrias, organelas de grande importância na fisiologia bacteriana, visto estarem nelas os citocromos e os variados sistemas enzimáticos.

Precisemos, agora que a parede celular, objeto deste estudo, é aquela película consistente que contornando e

modelando a célula bacteriana, está como um divisor entre a membrana citoplásmica e a cápsula.

Entretanto nem sempre esse divisor é evidente, pois pode em certas condições aparecer a membrana envolvente como que fundida, tornando impossível uma diferenciação específica das camadas envolventes. Espécies ha, em que tudo se assemelha a um espessamento da parede celular, outras vezes lembra um envolvimento mucoide de aspecto particular, pois algumas espécies de bactérias, elaboram uma substância mucilaginosa, pastosa e solúvel, tudo diferente de uma típica cápsula. Mas de maneira geral temos que salientar que parede celular e cápsula são realmente estruturas distintas.

Extensivo esse critério também para a membrana citoplásmica.

A parede celular tem em média 0,2 micra e somente pode ser visualizada após o emprego de recursos técnicos, por métodos especiais de coloração em células plasmolisadas e impregnadas a seguir com Azul Vitória, seja ainda com os recursos da microscopia eletrônica.

Frobisher, autor que se esmera na didática elucidativa, nos explica parede celular por meio de analogia: "microscopicamente, pode-se compará-la com uma bola de basquete, do estilo antigo, com câmara de ar interna" (2).

Em 1872, Conn, suspeitou da existência da parede celular; contentou-se em demonstrá-la mais observando a resistência da bactéria às tentativas de desintegração provocada por ácido e álcalis. Concluiu Conn não ser possível a insolubilidade do citoplasma, devia, portanto, existir uma membrana protetora. Mas a precariedade dos métodos não permitiu maiores avanços.

Pertence a Fisher a evidência desse fato. Já em 1894, utilizando os recursos tangíveis da plasmólise, emulsionando células bacterianas em soluções concentradas de sacarose ou de cloreto de sódio; ora, nesta oportunidade, havendo maior concentração no meio externo, o citoplasma celular cede água, tornando reduzido o volume celular interior através de uma deshidratação do citoplasma com

conseqüente isolamento, qual despregamento da parede celular. Este fenômeno Fisher chamou de Plasmólise. Experimento simples, mas objetivo, que muito ampliou o campo das pesquisas biológicas, proporcionando de imediato e pelo menos duas propriedades notáveis da superfície celular: 1) — há uma membrana semi-permeável contornando a célula, visto que o conteúdo dela responde de modo variável às alterações na pressão osmótica do meio de cultivo. 2) — No exterior da membrana há uma parede celular rígida, rigidez tão acentuada diante da pressão osmótica sofrida pela estrutura quando a célula, por exemplo, está imersa na água distilada e mais tarde mediu-se essa pressão e se avaliou em cerca do equivalente a vinte atmosferas por centímetros quadrado. Logo, designou-se de membrana plasmática a essa superfície que permite as trocas osmóticas e de parede celular a essa estrutura que resiste à pressão referida. Logo, foi possível encontrar meios de isolamento da parede celular sem alterar o protoplasto. A membrana plasmática, limita o protoplasto, sendo de extrema sensibilidade as mais débeis variações da pressão osmótica no meio de cultivo. Os protoplastos se intumescem ou se retraem conforme a pressão dos diversos ambientes exteriores. Compreende-se então que a membrana plasmática tem evidente participação no metabolismo, restante à parede celular uma função tipicamente mecânica.

A investigação da célula bacteriana, continuou agora com uma finalidade mais fisiológica que morfológica, era interessante precisar esse complexo quimismo da parede celular. No confronto com outros organismos, aprendeu-se que outros seres apresentavam igualmente paredes rígidas. Vegetais superiores e até modestas algas, revelavam estruturas químicas, afins com a celulose nas paredes celulares, e, mesmo a quitina aparecia como componente do revestimento em vários cogumêlos. Um pouco mais tarde aparece a constante presença dos polissacarídeos nas superfícies bacterianas.

Para atingir essa fase "polissacarídica", que revelou o quimismo dessa película foi preciso desenvolver muitas técnicas, extremamente delicadas e, Sistrom resume o muito trabalho especulativo, registrando (3): "Somente nos

últimos anos os microbiólogos puderam determinar a composição química da parede celular. O primeiro passo foi o desenvolvimento de métodos para obter grandes quantidades de material de parede celular purificada e que pudesse ser submetida a análise química.

Esses métodos foram desenvolvidos, principalmente por Salton e Horne (Biochim. Biophys. Acta. 7, 177, 1951) onde se combinam a intensa agitação da suspensão bacteriana em alta velocidade em presença de partículas de vidro.

Tais técnicas, bastaram para valorisar mais ainda a função da parede celular no metabolismo, pois ela participava em cerca de mais ou menos 20% de peso seco da célula.

Baddiley, (4) salienta a importância do assunto, assim: Sua importância no metabolismo bacteriano ficou reconhecida desde que se descobriu a principal ação das penicilinas sobre as bactérias, consiste em perturbar a biossíntese da parede, provocando o acúmulo de precursores. Outro aspecto importante das paredes se refere ta comportamento das bactérias nos tecidos do animal infectato; os antígenos estimulam o organismo a produzir anticorpo são importantes para ajudar ao animal a vencer a infecção. Muitos antígenos se encontram na parede ou relacionado com ela. É evidente que o conhecimento da estrutura química da parede é importante para uma perfeita comprensão de muitos aspectos da biologia e da química bacteriana".

Em 1947, portanto com muita antecedência, Gale (J. Gen. Microbiology. 1: 327: 1947) registrou que as bactérias gram positivas, as mais sensíveis portanto, a penicilina, concentram quantidades notáveis de aminoácidos no interior das suas células, de preferência ácido glutâmico, essas concentrações sendo maiores nas células em fase de crescimento rápido, exigentes de energia logicamente decorrente da degradação da glicose durante o processo glicolítico. Acentuava Gale, que a penicilina evitava o transporte do ácido glutâmico através da parede celular, daí que havendo esgotamento desse ácido o crescimento celular acabava por deter-se. Interessante apresentar o grá-

fico proposto por Gale afim de esclarecer o "assassinato da bactéria" — fig. 1 —

Em 1949, Park e Johnson, isolam três nucleotídeos da uridina que se concentravam nos estafilococcos tratados com penicilina; mostraram ainda que o principal nucleotídeo era um pirofosfato de uridina ligado através do n-acetil de um amino açucar a um peptídeo que contém D e L alanina, L. lisina e ácido D-glutâmico, que está representado assim, no artigo de E. P. Abraham — (Los antibióticos en Microbiologia — Endeavour — vol. XVIII — Num. 72 — 217 - 1959) (5)

Uma substância que muito auxiliou a investigação da parede celular foi a lisozima. Verificou-se que em geral as bactérias gram positivas possuem um envoltório frágil embora suportem pressões osmóticas elevadas em virtude da presença da parede celular rígida. Então que essas bactérias quando submetidas a ação de soluções hipertônicas de sacarose, mais lisozima, suas paredes se dissolvem e parecem massas esféricas, os protoplastos, apresentando apenas a proteção da membrana citoplásmica, que explode ao ser reduzida a pressão osmótica pela diluição do meio externo.

A parede das bactérias gram negativas apresentam uma complexidade extrema; nela foram registrados excesso de lipídeos ligados a proteínas e polisacarídeos ainda não esclarecidos. Razão porque os exemplos se referem mais as bactérias gram positivas onde predomina um mínimo teor de lipídeos, polisacarídeos e os mais recentes polímeros investigados os ácidos teicóicos. Nas bactérias gram positivas dominam os mucopeptídeos que são responsáveis pela estrutura rígida da parede. Esses polímeros ou mucopeptídeos formam cadeias de polissacarídeos constituidos de acetil glucosamina e ácido acetil murâmico unidos a cadeias laterais peptídicas, assim dispostas, conforme o esquema proposto por Sistrom (Obra citada — Vida microbiana — pg. 50)

Merece um registro especial, a citação de que há um ácido característico presente a esse envoltório que é o ácido diaminopimélico, fato importante por que esse ami-

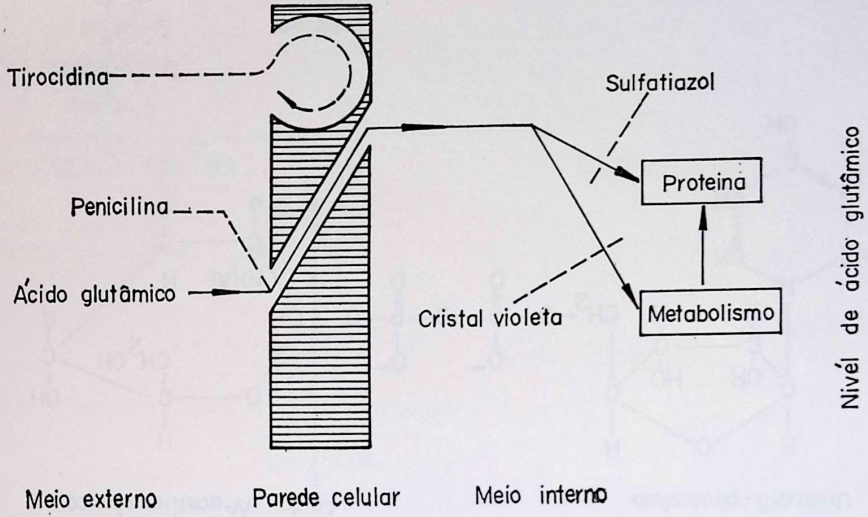
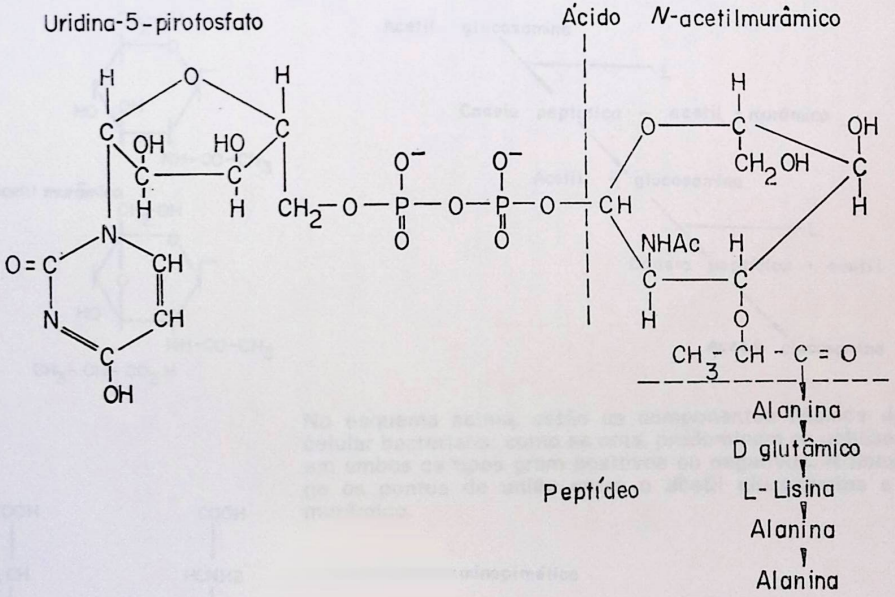
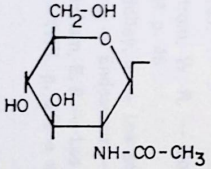

Tirocidina
Penicilina
Ácido glutâmico
Sulfatiazol
Proteina
Metabolismo
Cristal violeta
Nivél de ácido glutâmico
Meio externo
Parede celular
Meio interno

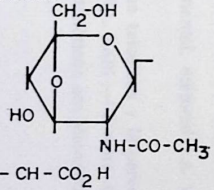
Figura 1.

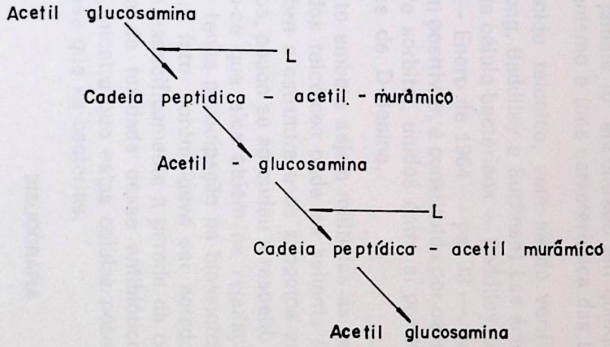

Uridina-5-pirofosfato
Ácido N-acetilmurâmico
Peptídeo
Alanina
D glutâmico
L-Lisina
Alanina
Alanina

β – N - acetil glucosamina

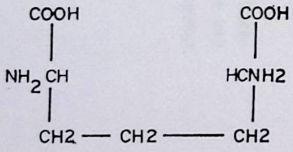


N-acetil murâmico





No esquema acima, estão os componentes básicos da parede celular bacteriana; como se nota, predominam os polissacarídeos, em ambos os tipos gram positivos ou negativos. A lisozima atinge os pontos de união entre o acetil glucosamina e o ácido murâmico.



Ácido diaminopimélico

noácido jamais foi encontrado em qualquer outro tipo de microrganismo é uma característica das batérias.

O ácido teicoico, vem sendo verificado desde 1958 (Armstrong, Baddiley e Buchnan) Los ácidos teicoicos y la parede da célula bacteriana — Baddiley. V. — Endeavour — Vol. 88 — Enero de 1964 — pg. 33 —, presente em bactérias gram positivas, é constituido por cadeias de glicerol ou restos de sorbitol, unidos entre sí por hidroxilase ligados a frações de D-alanina.

Muito embora sejam múltiplas as pesquisas em torno dos ácidos teicóicos onde se salienta mais as preocupações sobre a estrutura e os aspectos serológicos desses polímeros, pouco se aprendeu a respeito das suas funções, suspeita-se que eles atuem na regulação iônica e metabólica e tenha participação na biossíntese dos mucopeptídeos. Um fato, porém, deve ser notado. Se a penicilina, perturba especificamente a parede da célula bacteriana, a ausência de toxidade desse antibiótico para as células animais, mostra que estas células possuem outros meios de síntese que as bactérias.

BIBLIOGRAFIA

1 — Scanga, Franco, La Celula Bacteriana. Aguilar — Madrid — 1959 p.23.

2 — Frobisher, Martin, Microbiologia Médica, Salvat ed. 3.ª edição. p. 143.

3 — Sistrom, W. R. — Continental, editorial s.a. Vida Microbiana — 1964 p. 48

4 — Baddiley, J. — Los ácidos teicoicos y la parede da célula bacteriana — Endeavour — V81. XXIII — Janeiro 1964 — p. 23e seg.

5 — Abraham, E. P. — Los antibióticos em Microbiologia — Endeavour, vol. XVIII. p. 212 e seg.

EXALTAÇÃO À ÁGUA

O bem estar decorre de uma perfeita adaptação física, mental e espiritual tanto ao meio físico, quanto biológico e social em que se vive. Daí a necessidade essencial de uma salubridade física e biológica adequadas. A higiene pessoal é condição para eliminação dos fatores ambientais que favorecem a enfermidade. Higiene Pública e Higiene Social devem ser complementares e simultâneas. O indivíduo e a sociedade são convergentes nos cuidados que vem merecendo dos poderes públicos: são metas prioritárias, sem dúvidas, nas decisões nacionais.

Sem a água a higiene não seria possível. É preciso, pois, que falemos da água. E à água ficará limitado o nosso tema, não obstante tão vasto quanto o vasto mundo em que vivemos. Primeira colocação tudo o que desejamos pode ser reduzido à imagem da água. Nossa imaginação se polariza em dois extremos: num, ela se fixa no pitoresco agradável da novidade e do imprevisto diante de uma natureza já pronta e realizada; noutro, ela se subjetiva, se assim poderíamos dizer, para penetrar no íntimo do ser, buscando conhecer a essência do primitivo e do eterno que dominam o espaço e a história. Não seria demais, assim, distinguirmos duas espécies de imaginação: uma formal e outra material ou, melhor, uma que vivifica a causa formal e a outra que anima a causa material. Ou, dito de outro modo: a vista significa e a mão reconhece que há um despertar da substância e um modificar-se da forma, de formas perecíveis num vir a ser das superfícies. Se há um peso, há também um coração.

Há um existir decorrente de uma essência. Da matéria surge uma vegetação escura. Das trevas da matéria surgem flores negras que possuem já cobertura de veludo

e fórmula de perfume. Eis porque para a existência de uma imagem são necessárias, como a planta, a terra e o céu, a substância e a forma. Ou, como disse Jacques Bonsquet: "Uma imagem custa tanto trabalho a humanidade como um caráter novo a uma planta." Todo o ideal possui a sua matéria. Todo o ideal elabora um elemento material que lhe é próprio. Eis porque, num exemplo, os sonhos devem ser interpretados materialmente. E não podemos, mesmo, compreender uma psicanálise dos sonhos isolada da psico-física e da psico-química dos sonhos. Nada mais material do que a psicanálise contemporânea. O que provoca a doença o leva à cura é o elemento material. Sim, sofremos e nos curamos pelos sonhos. Na cosmologia dos sonhos há um sólido fundamento construído pelos elementos materiais. O sonho humano é o preâmbulo da beleza natural.

A água é um tipo de destino. Não mais o simples destino da imagem fugitiva mas de um destino essencial, que permanentemente transforma a substância do ser. Essa nova colocação aumenta nossa simpatia pelo pensamento de Heráclito, que pode ser considerado, assim, como uma filosofia total. Não nos banhamos duas vezes no mesmo rio — mas por que? Porque, em sua profundidade, o ser humano tem o mesmo destino da água que corre. A água é, em verdade, um elemento transitório. Intermediário entre o fogo e a terra, o que pertence à água é um ser em vertigem, que morre a cada instante (algo da sua substância que se desmorona). A água corre, precipita-se e termina sempre numa morte horizontal. O sofrimento dela é infinito. Um homem será, pois, perfeito na proporção que possa superar a condição humana, na tentativa de alcançar uma nova imagem calçada na imagem antiga. É a imaginação que inventa a vida nova e o novo espírito.

Ela é que abre nossos olhos para usa nova visão. Essa visão, porém, terá de ser educada antes com os sonhos que com as experiências.

O sonho precede a experiência. D' Annunzio compreendeu-o quando disse: "Os acontecimentos mais notáveis chegam para nós muito antes que a alma se aperceba.

Quando abrimos os olhos para o visível de há muito estamos aderidos ao invisível". Charles Nodier quando escreveu: "O mapa do mundo imaginável é traçado pelos nossos sonhos. O universo sensível é infinitamente pequeno". E, finalmente, Bachalard, ao fixar: "Os sonhos constroem a matéria da beleza. Adão encontrou a mulher, ao sair de um sonho. Eis porque a mulher é tão bela!"

A água é o símbolo do virtual e a matriz de todas as possibilidades da existência. Um texto indú afirma-o claramente: "Água, és a fonte de todas as coisas e de todas as existências. O sacerdote védico incluia em suas orações, o seguinte: "Que as águas nos tragam o bem estar. As águas são em verdade curativas. Afastam todas as enfermidades (Atarva Veda, II, 3, 6). A água constitui a substância primordial da manifestação cósmica. Dela, todas as formas emergem e para ela tudo retorna, por regressão ou cataclisma. É no princípio e no término do ciclo histórico ou cósmico. Existiu sempre. Porém, nunca sozinha, pois que sendo germinativa, guarda em suas unidades indivisíveis o virtual de todas as formas. Precede-as e suporta sempre o criado. Em qualquer cultura, a imersão na água simboliza uma volta ao pré-formal, uma regeneração completa, um tornar a nascer, eis que a imersão equivale a uma dissolução das formas na reintegração do clima pré-existente! O sair da água por sua vez, simboliza a reprodução do gesto cosmogônico da manifestação formal. O contato com a água implica numa regeneração porque a umidade fertiliza e aumenta o potencial de vida e de criação. É por isso que encontramos esse renascimento formalizado em todos os rituais iniciáticos, curativos ou funerários, prometendo-o sempre post-mortem. Ao incorporar todas as virtualidades, a água se transforma no símbolo da vida.

Na consciência primitiva tudo estava ordenado conforme uma unidade que a nossa análise ameaça fragmentar. Essa unidade moldava o cosmos. Nela um mesmo símbolo evocava sempre um conjunto de realidades inseparáveis isoladas apenas graças a experiência profana ou, melhor, civilizada, e com fundamentos dialéticos. Tal o significado polivalente de um símbolo: no sumério a letra "a

significa água e, ao mesmo tempo, tudo o que se refere a: esperma, concepção ou geração. No mesopotâmio água e peixe simbolizam a fecundidade. Mais tarde, o mito intuidor sofrerá uma degeneração desse plano em que buscava explicar as realidades. Os termos água e semem viril passam a ser confundidos, tal como na lenda dos índios Pima no Novo México em que uma bela mulher é fecundada por uma gota de água que se desprendeu de uma nuvem e na outra, da Ilha Tobriand, que nos conta como a mãe de herói Tudava tornou-se adulta ao receber em seu corpo algumas gotas de uma estalactita.

Mas a civilização, ao analizar o fenômeno cósmico, tudo reduziu ao plano da razão e acabou por suprimir os valores religiosos.

Perdeu-se o conceito de pureza, anulada com o marco básico de valorização. Com isto desligou-se a água da purificação. E a imaginação material não mais encontra na água a matéria pura por excelência.

Contudo, é imperioso a tudo reformular para que possamos restabelecer o sagrado, distanciando-o do profano... Temos de criar uma psicologia coletiva ou social de purificação. O plano social afirma-se na temática do valor. A valorização social é feita de valores conhecidos e aplicados a todos os membros do grupo. O que consolida uma sociedade são as valorizações dos desejos ignorados, o despertar de ideais que pretende ter o mundo como único companheiro. Uma sociedade valorizada tem, necessariamente, que possuir um ideal de pureza firmado não importa em que matéria.

Se certas coisas ordenam nossas idéias, as matérias elementares pôem em ordem nossos ideais. As matérias elementares sempre recebem, conservam e exaltam nossos sonhos. Para existir a purificação, temos que admitir uma matéria que simbolise esse desejo de pureza. Para tanto, nada melhor do que a limpidez da água. A água clara constitui uma permanente tentação para o compreensível simbolismo da pureza. É a imagem que apresenta espontâneamente, acima de todas as convenções socias.

Uma psico-física da imaginação deve contar com esta descoberta natural e direta. Temos que concentrar nossa atenção nesse atributo valorativo de mais importância que uma simples experiência ordinária.

Se alguns conceitos se desatualizam rapidamente, a imaginação material permanece sempre atuante. A tradição sobrevive, atualizando muitas formas mitológicas, por força de certas e indispensáveis transformações. Uma forma estática não se transforma. A transformação só se efetivará ao influxo de uma imaginação material atuante. A cultura é apenas transmissora de formas, quase sempre formuladas em palavras. Se soubermos, apesar da cultura, encontrar um pouco de imaginação natural (um pouco de ideal) então chegaremos a compreender o simbolismo e sentir que este possui uma forma material. A aspiração é um atributo da natureza. Portanto, nunca poderemos conhecer a pureza sem desejá-la. A pureza é a força, o sinal, a prova, a substância da natureza.

Numa psicologia da imaginação, deveremos sempre recusar os dados meramente racionais. Para um espírito moderno, a pureza ou impureza da água é um dado especificamente racional e vem determinada por químicos e higienistas. Basta um letreiro acima de uma fonte anunciando água potável e tudo parece resolvido. Um racionalista moderno, ao analisar um texto antigo, às mais das vezes, transporta seu conhecimento atual para o texto, concluindo, desde logo, que o conceito de pureza era outrora muito falho, imbuido que está (ele, racionalista) das modernas análises químicas e bacteriológicas. Para os modernos, as lições antigas eram totalmente desprovidas de inteligência. O mais que concedemos aos antigos é reconhecer que eram dotados de "conhecimentos naturais". Esquecemos porém, que esses conhecimentos fundavam-se numa imaginação natural ou, melhor, numa intuição também natural. Para a exégese dos textos antigos, é necessário o conhecimento prévio de sua capacidade intuitiva, pois que na literatura tudo é imaginado antes de ser gravado, mesmo a mais modesta descrição. Consta em Hesíodo ("Os trabalhos e os dias"), há mais de oitocentos anos antes de nossa era: "Não deves urinar jamais na embocadura dos rios

que escoam no mar nem em suas nascentes. Lembra-te sempre disso." O mesmo Hesíodo acrescenta "Nem satisfazer nunca outras necessidades: isso é tanto mais funesto." Um racionalista atual, modelado por uma psicologia pragmática, ao analisar este texto, concluirá logo que Hesíodo já estava preocupado com uma didática elementar de higiene, qual uma advertência para os homens da Higiene Natural. Ao aprofundarmos a leitura de Hesíodo, encontraremos, logo mais, outra interdição: "Nunca deves urinar voltado para o sol". Neste momento, o escritor passa a ser ridicularizado pelo racionalista, que nenhuma utilidade vê nesta interdição. O que o racionalista não compreende é que Hesíodo queria evitar também uma poluição da luz. O protesto viril contra o sol, símbolo do pai, é bem conhecido. A mesma interdição que protege o rio, vale para o sol protegendo-o contra a ofensa. Encontramos aqui uma lei moral complementar, dupla se assim pode, se dizer — primitiva, que visa proteger a paternidade do sol e a maternidade das águas.

Que dizer de nosso tempo quando as fontes necessitam urgentemente de proteção? Quando a pureza da água passou a ser um convite permanente a poluição? E esta, mais do que um crime cometido contra a natureza - mãe, é um crime que se pratica diariamente contra os homens. A eliminação do sagrado vai sedimentando um inconsciente que em manifesto ao sadismo que ameaça a condição humana. Quem de nós não lamenta esse nosso humilde rio curitibano que, estagnado, converte-se em lodo, esquecido do tempo feliz em que podia exibir a todos a limpidez hialina de sua corrente, desmemoriado do azul, sem notícia das estrelas? Corre, hoje, levando as marcas do progresso, transformado em serpentina fétida, colorida pelas vísceras, riosinho humilde feito fossa ambulante. Rio curitibano, estrelado de escarros, sem a esmola de um olhar: imagem deste tempo sem escrúpulos, quando o homem vive sem prever e morre sem prevenir.

Não devemos nos esquecer que as águas impuras, vistas pelos olhos do inconsciente, têm uma nocividade polivalente. A água impura é acusada de todos os defeitos. Se para o espírito consciente ela é considerada como um sim-

ples símbolo do mal, para o inconsciente ela se faz ativa, substancial. A água poluída, impura, é um reservatório do mal, depósito aberto a todos os males ou, mais propriamente, a própria substância do mal. O que é mau em um aspecto, torna-se mau em seu todo. O mal contamina: passa da qualidade para a substância. A água pura pede-se uma pureza ativa e substancial, qual força renovadora, fecunda e polivalente. A prova desta potência íntima vem expressa em cada minúscula gota. Na Eneida, encontramos um trecho elucidativo: "Coryneu leva por três vezes, ao redor de seus companheiros um ramo de oliveira impregnado de uma onda pura, espalhando sobre eles um leve orvalho e os purifica." (Eneida, VI). É na aspersão que reside a grande realidade psicológica que nos chega pela tradição e por seu registro no Velho Testamento (salmo L): "Tu me borrifarás com o híssopo e serei purificado. Lavar-me-as e me tornarei mais branco que a neve". Trata-se aqui da água enquanto potência capaz de purificar o ser interior desde que se verifique uma aspersão moral correspondente. Esta citação vale mais como exemplo da lei fundamental da imaginação material. Uma gôta de água basta para purificar um oceano. Uma gota de água impura é suficiente para contaminar um universo. Eis aí a chave que permitirá encontrar o mais hermético de todos os mistérios: tudo procede do sentido moral da ação determinada pela imaginação material. Se desperta o mal, propaga a impureza, faz eclodir o germem diabólico. Se deseja o bem, confia até mesmo numa gota da substância pura, que passa a irradiar pureza benéfica. A água pura e sútil torna-se em vontade e então o interior passa a comandar — de um ponto central, de uma vontade condensada, a irradiar ação substancial. Quando se medita na ação do puro e do impuro, sente-se a transformação da imaginação material em imaginação dinâmica, deixa-se de pensar como substância e começa-se a pensar como força, a fim de aglutinar a pureza. Parece-nos que, longe destas meditações, nosso mundo sofreu uma redução na maneira de viver. O racionalismo técnico e científico anulou a imaginação, extinguiu a intuição, acabando por modificar nosso pensamento e originar as crises que nos angustiam. Essas crises não nos pertencem exclusivamente. Há mais de dois

mil anos Chuang-Tse alertava contra os perigos da mecanização. "Quando Tse Cung percorria as regiões ao Norte do rio Han, encontrou um velho que trabalhava na sua horta. Fazia covas para irrigação. Descia ao poço e voltava carregando em seus braços um vaso cheio de água que logo derramava nas covas. Daí que se cansava muito sem obter grande resultado. Disse-lhe, então, Tse Cung: Há um aparelho com o qual se pode regar cem covas por dia. Com pouca fadiga, faz-se muito. Não queres usá-lo? Ao que o hortelão, atenciosamente, perguntou: Como é o aparelho? Tse Cung passa a descrevê-lo: "É uma alavanca de madeira leve na frente e pesada atrás. Dessa maneira, podemos tirar água como se esguichasse." Ao ouvir esta resposta, o velho irritou-se e falou: "Ouvi dizer o meu mestre: quando alguém usa uma máquina faz todo o seu trabalho maquinalmente. Quem faz maquinalmente todo seu trabalho, acaba por ter um coração de máquina e quem tem no peito uma máquina como coração perde a pureza de sua simplicidade. Quem perde a simplicidade torna-se incerto nos movimentos do espírito. A incerteza nos movimentos do espírito é incompatível com o verdadeiro senso. Conheço tal coisa mas envergonho-me de usá-la".

Essa mesma incerteza nos movimentos do espírito vai se generalizando, enquanto aumenta nossa crise e sepulta lentamente a imaginação que, só ela, pode levar o homem a superar sua condição humana. Falemos, para concluir, mais um pouco dessa paisagem canicular de uma sociedade aglomerada, longe das águas e, portanto, condenada ao satanismo da impureza. São os favelados dos desertos salientes, dos morros mal vestidos, das portas sem trinco, do chão salpicado de estrelas mas deploravelmente destituídos do mínimo adorno higiênico, sem água e sem esgoto, onde nem tudo é chão de estrelas, onde se blasfema contra o sol com fezes e urina — o que causaria repugnância ao velho Hesíodo. Pois desses morros mal vestidos, de eterno feriado nacional, descem por ocasião das chuvas, as enxurradas carreando lama e detritos. Com essa torrente, recebe a cidade poluições completas de lixo, urina e fezes. A enchente faz extravasarem os bueiros, inunda as vias públicas. Arranja-se nos andares térreos dos soberbos edifícios. Enfia-se pelas garagens e demais dependências,

não poupando as caixas de água subterrânea. Com a pressão negativa no encanamento motivada pelo fornecimento descontínuo do líquido, a água de fora é aspirada — tudo agravado pela poluição oriunda das fraturas dos tubos de esgotos. Então, a água purificada biologicamente, chegando à cidade com índice coli zero, contamina-se ao passar pelas belas ruas da Guanabara, com as chuvaradas até mesmo sem elas. É desta forma que o prof. Bandeira de Mello relata o drama da cidade maravilhosa e faz um apelo para que todos contribuam com suas luzes na solução desse problema, difícil mas não insolúvel.

DOENÇAS DO VINHO

O estudo microscópico do vinho nada nos pode indicar sobre a sua constituição; isto é uma questão, que é da competência da análise química. Em compensação, só o microscópio é que nos pode revelar a natureza de certas alterações bem especiais que o líquido sofre devido a existência, em sua massa de microorganismos particulares que se desenvolvem a sua custa. É esta a importante questão das doenças do vinho, tão bem elucidadas em 1866 pelas importantes pesquisas de Pasteur.

Desde aquela época, nada houve de novo a acrescentar ou modificar nos trabalhos de Pasteur.

As bactérias que provocam as diversas alterações são muito numerosas, elas causam as doenças conhecidas pelo nome de "vinho azêdo, flor do vinho, vinhos turvos, vinho amargo e vinho gordo".

FLORES DO VINHO: — A flor do vinho é devido ao desenvolvimento na superfície do líquido d'uma levedura, a Saccharomyces mycoderma (Mycoderma vini de Pasteur) esta espécie se desenvolve rapidamente na maior parte dos líquidos alcoólicos expostos ao ar, quando o grau alcoólico é fraco. Ela forma uma película fina esbranquiçada algumas vezes amarelada, a princípio lisa e enruga-se pouco a pouco à medida que ela aumenta e adquire um aspecto ondulado.

A forma das células que compõe esta película é extremamente variável. Elas são muitas vezes ovóides ou elípticas. Encontra-se também formas cilíndricas com as extremidades arredondadas.

As de forma ovóide medem 6 micra de comprimento por 4 de largura. As de forma cilíndrica atingem 12 a 13 e

às vezes 20 micra de comprimento por 3 a 4 de largura. Entre as dimensões acima encontram-se todas as intermediárias. Certas espécies podem produzir 3 ou 4 esporos redondos de 3 micra de largura em filas longitudinais.

Estas flores do vinho são excessivamente freqüntes na superfície dos toneis em viragem; desde que as substâncias sejam puras, sua ação é pouco sensível ou quase nula. Elas oxidam uma pequena quantidade de álcool e diminuem dentro de pequenos limites a riqueza alcoólica do líquido.

AZEDUME DO VINHO: — É uma alteração grave do vinho e infelizmente a mais comum. É aquela que dá o vinho ácido, picante ou azedo. Ela é devida ao desenvolvimento no líquido d'um fermento especial, o Bacillus aceti (Mycoderma aceti de Pasteur), o fermento do vinagre. É um fermento muito espalhado na natureza; o observamos facilmente expondo ao ar líquidos fracamente alcoólicos, pobres em matérias orgânicas, e melhor, ligeramente acidificados com um pouco de ácido acético.

Não é só uma espécie de bactérias que desenvolve esta curiosa propriedade, utilizada para a fabricação do vinagre, muitas ao contrário, podem servir para o mesmo fim. Sua distinção é apenas perceptível.

O fermento acético de Pasteur, é formado de bastonetes curtos e grossos 3 micron de comprimento por 1,6 de largo. Os bastonetes parecem ligeramente estrangulados no seu meio e formados pela reunião de dois glóbulos, estão reunidos ordinariamente em chapeletas mais ou menos longas, curtas ou sinuosas.

O fermento se desenvolve muito rapidamente sobre a superfície do vinho. Ele produz à superfície, um véu uniforme aveludado, bem diferente do aspecto do véu da Saccharomyces mycoderma. Esta película a princípio transparente, membranosa, torna-se pouco a pouco grossa e por fim fica opaca. Sua consistência é bastante grande, ela resiste à forte pressão do dedo em logar de se romper como a flor do vinho. Pode mesmo adquirir grande espessura. Si se desenvolve no vinho tinto, ela toma coloração avermelhada, devido à fixação de uma parte da matéria corante.

Estudado ao microscópio se reconhece que é formado de numerosos filetes longitudinais de bastonetes unidos por uma matéria gelatinosa consistente.

O fermento acético se desenvolve juntamente com a flor do vinho, neste caso seu desenvolvimento é retardado. O mal é ainda remediável, sendo que extravasa-se com cuidado e fecha-se bem em vasos apropriados.

Quando ele se desenvolve só ou que chega a vencer faz desaparecer a flor do vinho. Neste caso o vinho só se presta para fazer vinagre, na maior parte das vezes.

VINHOS TURVOS: — Nos meses de grande calor o vinho se torna turvo, ele turva e se o agitarmos num tubo de ensaio, vê-se ondas florescentes que se desfazem em diferentes sentidos. Os toneis vasam sob a influência de uma pressão interna. O fundo pode mesmo ficar abaulado. Se fizermos uma fresta o vinho jorra com força e muito longe. O sabor torna-se fraco e a cor carregada e pode tornar-s violeta, donde vem o nome de "vinho azul".

A bôrra do vinho turvo é devido sem nenhuma acepção aos filamentos da largura e comprimento variado, medindo geralmente menos de 1 micron de diâmetro. Quanto ao depósito do tonel não se deve confundir com o depósito ordinário, mas é uma massa de filamentos geralmente muito longos, entrelaçados, impregnados de matéria corante, formando ordinariamente uma massa escura viscosa que se junta e se une em fios viscosos, desde que se retire com a ajuda de tubo afilado mergulhando-o até ao fundo do tonel ou da garrafa. A doença da bôrra é portanto constituída por uma fermentação devida a um fermento organizado, especial e é sobre a influência do desenvolvimento deste parasita que a limpidez do vinho, seu sabor e qualidade indicam mudanças muito pronunciadas.

A ação do fermento dá lugar a um desprendimento de ácido carbônico, que produz o puz, como se diz. É muito fácil conhecer a doença no princípio. Tomando-se uma pequena quantidade do vinho pode-se reconhecer numa gota a presença de longos filamentos, característicos, quando são pouco numerosos, é preferível deixar repousar o lí-

quido algumas horas num copo cônico e observar as últimas gotas que ficam depois da decantação.

Na bôrra dos vinhos em garrafas atacados por esta doença encontram-se os mesmos filamentos mais ou menos longos misturados geralmente com células de levedos, que são células da Saccharomyces Mycoderma ou do fermento ordinário do vinho ou Saccharomyces Ellipsoideus e cristais de bitartarato de potássio e de tartarato neutro de cálcio. Este fermento dos vinhos turvos é muito comum nos vinhos de toda sorte, finos ou comuns; é encontrado a todo instante no exame do depósito do vinho sadio, ele só espera condições favoráveis para o seu desenvolvimento; a principal condição é a temperatura bastante elevada. Segundo Pasteur nada é mais fácil que reconhecer se o vinho está prestes a ter esta doença. Abre-se a torneira adaptada ao tonel, rejeita-se as primeiras porções do vinho que se escoa, tira-se de novo um copo que se deixa repousar algumas horas, depois da decantação se examina no microscópio as últimas gotas restantes no copo. Se a pouco tempo o vinho está turvo, as gotas mostram numerosos filamentos. Muitas vezes mesmo o exame atento de uma gota de vinho sem esperar que ele repouse e suficiente para reconhecer se há um começo de doença. O exame de uma sedimentação do tonel é muito instrutivo desde que se faça em diversos intervalos. Destampando o orifício do tonel e mergulhando-se um tubo de vidro até ao fundo, serve-'se dele a maneira de uma pipeta. Se há flores na superfície do vinho elas cobrem a parte exterior do tubo desde que se retire do tonel. Deve se limpar esta flor com um pano e deixar escorrer as primeiras porções do depósito e em seguida observar no microscópio. É fácil de julgar a presença mais ou menos grande do parasita no depósito formado depois da última viragem ou depois do último exame microscópico. Este parasita existe no vinho muitas vezes desde a origem e leva um tempo muito variável a manifestar a sua ação, dependendo das circunstâncias do meio. Um dos melhores efeitos das mudanças repetidas que se faz aos vinhos é de evitar estas causas de alteração deixando os fermentos na sedimentação.

AMARGO DO VINHO: — É uma doença que ataca so-

bre tudo aos vinhos velhos, como acontece com certos vinhos da Borgonha. No princípio da doença o vinho torna-se sem gosto e desenvolve um odor especial "sui-generis". Pouco após aparece o sabor amargo, antes fraco depois mais pronunciado. O líquido carrega-se de anídrido carbônico. Se examinarmos ao microscópio uma gota de vinho em pleno período de "amargura" se encontra em grande abundância bastonetes bastante longos, raramente isolados, geralmente reunidos em longos filetes. Nos vinhos engarrafados onde a doença leva mais tempo a se desenvolver, o parasita que se encontra no depósito, tem a forma um pouco diferente. Ele forma como diz Pasteur espécies de ramos todos nodosos de diâmetro mais ou menos grandes às vezes incolores ou fracamente coloridos em vermelho, com um tom claro, vivo ou um tom marron muito carregado. Os filamentos podem constituir ele só todo o depósito, ou são associados à lâminas de cor uniformes ou de massas emboloradas ou cristais. É possível separar-se o fermento velho da matéria corante que se encrusta na sua membrana, tratando-o por álcool ou água acidulada. A coloração vermelha ou marron desaparece, o diâmetro diminui e adquire o aspecto dos filamentos jovens.

VINHO GORDO: — É uma doença sobre tudo freqüente nos vinhos brancos. Ela se declara nos toneis e nas garrafas melhores acondicionadas. O vinho atacado turva-se, torna-se viscoso como óleo, desde que se o derrame; ele é untuoso ao tacto, pode mesmo ser um pouco viscoso. O sabor é fraco. A gordura do vinho não é produzida como se admitia há muito tempo, pela precipitação de uma substância gelatinosa mais ou menos análoga a certos princípios do gluten do trigo, formando-se depósitos no vinho devido à influência de causas desconhecidas. É esta uma fermentação acessória devido ao desenvolvimento de um parasita. O germen deve ser atribuido à uva e provavelmente a certos grãos de uva que apodrecem na cepa, pelo efeito do mesmo parasita ou de uma de suas variedades ou metamorfoses (Pasteur). O parasita abundante no vinho doente é de elementos esféricos de um micron de diâmetro em média, com variações para mais ou menos.

Estes elementos estão raramente isolados, mas reuni-

dos em dois ou em grande número, formando longas correntes flexíveis. No vinho engarrafado encontra-se o parasita em todo o líquido e nas sedimentações; nos toneis em viragem ele pode formar um véu à superfície como o fermento acético.

O fermento segrega uma matéria gomosa particular que se denomina "viscosa" que dá ao líquido sua consistência especial.

EMPREGO DA BACTERIOLOGIA E DA BIOQUÍMICA NA INDÚSTRIA

Consideradas sob o seu ponto de vista mais geral, todas indústrias em que intervêm produtos de organismos vivos, o mesmo acontecendo na produção do couro ou do leite de vaca, quer na de seda ou do algodão, compreendem processos bioquímicos. Em um sentido mais limitado, porém mais real, pode-se dizer que verdadeiramente utilizam-se os processos bioquímicos quando as condições são reguladas ou variadas experimentalmente para produzir ou aumentar o rendimento material, de suficiente importância já na indústria.

Fica compreendida dentro dessa definição, toda a química agrícola.

Como exemplo particular de aplicação especializada, citarei a variação no processo de fermentação do açúcar pela levedura, empregada pelos alemães durante a guerra de 14, para a obtenção de uma grande quantidade de glicerina necessária para a fabricação de explosivos, poupando desse modo as graxas. Outra solução distinta de um problema análogo constituiu, também durante a 1.ª guerra mundial, a decomposição de uma alga gigante do Pacífico usada pelos norte-americanos para a produção de grandes quantidades de acetona.

Como os organismos cuja atividade é necessário vigiar experimentalmente, devem ser de fácil obtenção e em número suficiente para a produção com rendimento industrial, utilizam-se de preferência os organismos vegetais saprófitas e parasitas.

Se bem que, alguns destes processos tenham sido empregados desde os primeiros tempos da humanidade, só

recentemente a técnica da fermentação alcoólica converteu-se de arte em ciência e, só nestes últimos tempos a produção de álcool industrial separou-se dos processos rotineiros da obtenção de bebidas alcoólicas. Assim mesmo, a busca de organismos específicos capazes de produzir uma determinada reação encontra-se em sua infância.

Como indicou Sir William Pope, a obtenção de compostos orgânicos utilizando as ações enzimáticas dos animais ou vegetais é muito menos custosa que a obtenção dos mesmos compostos por síntese. Isto é evidente, pois os organismos vivos utilizam a energia solar que não custa nada, não exigem salário ou um dia de trabalho de 8 horas. Crê por isso aquele autor que, a exploração intensiva destes métodos de fermentação para produzir compostos orgânicos importantes, contribuiria para diminuir o custo cada vez maior dos combustíveis e, as exigências crescentes dos obreiros em busca de salários mais elevados e menos horas de trabalho, pedidos que se bem que legítimos não diminuem o custo da produção.

Estudaremos brevemente alguns dos processos que atualmente empregam-se na indústria e mencionaremos logo algumas de suas possibilidades futuras.

Empregam-se diversos processos na obtenção industrial, em grande escala, do álcool etílico. Assim, por exemplo, usam-se cogumelos para a sacarificação do amido e, o açúcar produzido fermenta logo por meio da levedura.

O vinagre e os ácidos lático e butírico, obtem-se por fermentação e, processos bioquímicos análogos aplicou-se à preparação dos ácidos cítrico, pirúvico, fumárico, etc., embora Chapman em 1923 tenha escrito que "biologicamente, a indústria do vinagre encontra-se ainda no mesmo ponto em que a deixou Pasteur e, as indústrias bioquímicas de menos importância como as da produção dos ácidos láticos e butírico estão ainda em pior estado", de modo que se deduz a possibilidade de um desenvolvimento considerável em um futuro próximo dessas indústrias.

Num processo comercial, utilizam-se certos cogumelos para transformar a glicose em mais da metade de seu peso em ácido cítrico.

Nos últimos anos patenteou-se grande número de processos relacionados com a produção de acetona e álcool butílico a partir do amido por processo de fermentação. O motivo principal de todos eles, é a produção de álcool butílico a baixo preço necessário à obtenção do acetato de butila usado como dissolvente na indústria de vernizes à base de celulose. Comprovou-se que o Clostridium acetobutyricum é particularmente eficaz nesta conversão, em que se emprega o grão de cereais como material amiláceo. Atualmente, nos E. Unidos, duas grandes fábricas produzem mais de 5 t por dia de uma mistura de acetona e butanol. São empregados os grãos de cereais inferiores que não podem ser utilizados com fins nutritivos. Esta bactéria, converte três partes de amido em uma parte de mistura daqueles dissolventes em solução a 2,5%, composta de 6 partes de álcool butírico, 3 partes de acetona e 1 parte de álcool etílico. Desprende-se além disso uma mistura de gases formado por 45% de hidrogênio e 55% de anidrido carbônico. Este último separa-se facilmente fazendo passar a mistura de gases por uma torre de água e, o hidrogênio quase puro lava-se por último com soda cáustica. Foram ensaiados vários processos para utilizar estes produtos residuais como, por exemplo, com bons resultados na produção de amoníaco; o nitrogênio necessário obtem-se nestes casos pela combustão de uma parte do hidrogênio no ar. A mistura primitiva dos gases pode ser também comprimida e sob a ação de catalizadores produzir, em quantidade suficiente para seu rendimento industrial, álcool metílico.

Na indústria queijeira, os processos de fermentação são também necessários e vão se fazendo cada vez mais precisos. Na preparação da manteiga e do queijo o grau necessário de acidez é produzido pela fermentação da lactose. Pasteuriza-se o leite para destruir os microorganismos estranhos e adiciona-se uma cultura pura de bacilo láctico (denominado "iniciador" ou "provocador"), deixando que prossiga a fermentação até que se produza a quantidade necessária de ácido láctico.

Nas manufaturas de margarina tiram-se às graxas empregadas seu cheiro e sabor, e dá-se-lhes o sabor e aroma

próprio da manteiga, semeando as bactérias empregadas em leite muito puro e introduzindo esta cultura nas graxas líquidas em fusão.

A pectina emprega-se hoje em grande escala, tanto na indústria como para usos domésticos, para preparar geléias e marmeladas. Produz-se em grande quantidade dos materiais residuais da indústria da cidra, vinagre, ácido cítrico e outros produtos dele derivados; na produção da sacarose a partir da beterraba, ou diretamente da cenoura por sua extração com ácidos orgânicos tais como o cítrico, tartárico, láctico ou málico. Produzida deste modo, fica misturada com amido e proteina que devem ser separadas para poder preparar geléias transparentes. Segundo Oshima y Church, neste último processo é muito conveniente o emprego de cogumelos do grupo do Aspergillus flavus-orzyae.

Para curtir o couro por meio de taninos vegetais os microorganismos são também muito importantes. Por outro lado, a antiga fermentação usada nos cortumes para produzir um certo grau de acidez não é econômica devido ao longo tempo que requer e foi substituida pela adição de ácido sulfúrico ou ácido láctico. Este último é obtido na indústria por meio de microorganismos.

Os processos de fermentação empregam-se na manipulação do linho, a produção de indigo natural, a fabricação do pão e o tratamento e utilização das águas residuais.

A agricultura utiliza também os microorganismos para a conversão do nitrogênio e seus compostos em outras formas mais fáceis de utilizar pelos vegetais superiores.

Uma intervenção mais direta do homem no meio agrícola nos oferece a conversão da forragem verde, no processo da ensilagem, em outra forma que permite o seu armazenamento durante largos períodos e em que se deixam fermentar os açúcares daquele alimento, com o que se produz uma quantidade apropriada de ácido acético.

Este processo, do modo como de ordinário se verifica, permite também a produção de ácido butírico e outros ácidos graxos elevados e prejudiciais. Ao que parece, es-

te processo de fermentação pode ser (e por tanto, deve ser) controlado para reduzir ao mínimo a produção daqueles compostos indesejáveis.

Na palha, fermentada anaerobicamente por microorganismos em presença de carbonato de cálcio para evitar o desenvolvimento da acidez, grande parte de sua celulose, galactose e linhita transforma-se em metano (com uma pequena quantidade de hidrogênio), de tal modo que 34% da energia calorífica da palha obtem-se nesta forma gasosa. Este processo é empregado em pequena escala, nas grandes granjas, para a obtenção de luz. Em condições de vida aeróbia a palha ao fermentar converte-se em humus, e este processo pode ser utilizado em grande escala na produção de adubos artificiais.

Segundo Lipman, o Thiobacillus thiooxidans, que se pode desenvolver num meio mineral podendo obter seu carbono do anidrido carbônico, é o organismo que oxida por excelência o enxofre. Forma ácido sulfúrico, e desta oxidação o organismo obtém energia para seus próprios processos vitais; por cada 32 partes de enxofre oxidado o organismo assimila uma parte de carbono. Pode resistir a uma concentração de 5% de ácido sulfúrico. Tem sido empregado em experiências em grande escala para resolver com êxito certos problemas agrícolas. Assim, por exemplo, uma cultura deste bacilo misturada com enxofre e rocha contendo fosfatos, bem estendida no solo, em conseqüência da reação do ácido formado com o fosfato produz-se, ao cabo de 6 a 10 semanas, uma capa superficial contendo 16% de fosfato solúvel.

Em alguns processos industriais parece ser mais útil o emprego direto de preparados a base de enzimas. Na manufatura da seda, a separação da capa protetora de sericina da fibra propriamente dita, obtém-se facilmente pelo tratamento com certos enzimas como a tripsina e pepsina, em solução debilmente alcalina ou ácida, completando este processo por uma curta imersão numa solução diluida de sabão.

Os preparados de invertina empregam-se na inversão parcial da sacarose dos produtos alimentícios que a con-

tém, com o que aumenta a solubilidade e, por tanto, a possibilidade de uma maior concentração dos xaropes que tornam-se também mais higroscópicos (pelas propriedades da levulose assim produzida). A sacarose que fica cristalizada em pequenos cristais, portanto quer a consistência, quer o aroma destes produtos, aumentam com este tratamento. Este tratamento é útil na preparação do xarope dourado e produtos análogos. No Canadá, Áustria e E. Unidos emprega-se uma grande quantidade de invertina com fins industriais.

Um exemplo curioso do descobrimento acidental de organismos úteis contribuem as investigações de Cristoph, que o levaram ao isolamento de um cogumelo. Transportado pelo vento, foi este cogumelo desde uma casa de frutas até uma fábrica de cerveja nas imediações onde era fabricada uma cerveja bávara negra. Fez cessar a fermentação secundária da cerveja ao separar as proteínas e hidratos de carbono da cultura da levedura, e parar a sua produção de anidrido carbônico. Este cogumelo cultivado na cerveja e em outros meios ligeiramente ácidos, produz só pequenas quantidades de álcool e gás, mas em troca forma outro composto com um aroma muito intenso, análogo ao da banana. Crê Cristoph que este método poderia ser utilmente empregado para fazer vinhos de frutas e outros refrescos.

A descoberta acidental feita pelos alemães durante a guerra, de um organismo que pode sintetizar facilmente a proteina a partir do nitrogênio inorgânico e um simples hidrato de carbono, oferece perspectivas muito mais vastas para o futuro. Na atualidade é empregado para produzir alimentos em grande escala.

As antitoxinas e outros produtos bacterianos importantes representam em menor escala outro caso da aplicação dos microorganismos.

Obtem-se um rendimento de 18% de manita fazendo ferver a sacarose com um organismo específico (B. invertentemannite lactici) isolado do suco da fermentação do aspargo.

Os exemplos anteriormente indicados demonstram até que ponto as bactérias, leveduras e cogumelos se empregam já na indústria. Entre outros problemas cuja resolução se tem tentado e que ao serem resolvidos representariam um emprego ainda maior desses organismos, citarei por exemplo, a utilização da lactose (para produção de ácido láctico) que fica ainda no sôro do leite nas queijarias depois de havê-los separado no possível para preparar o "açúcar de leite" que se utiliza na alimentação infantil; a produção, a partir da celulose e por um processo puramente biológico, de açúcar fermentecível, e a produção sintética de proteína e graxa de nitrogênio inorgânico e um hidrato de carbono barato (aplicando em maior escala método alemão). Um estudo detalhado poderá nos revelar também a essência do mecanismo em virtude do qual os vermes e os vagalumes produzem "luz fria", permitindo a adaptação útil de seu correspondente processo químico.

Como indicou Hopkins, é necessário determinar, todavia, qual é a concentração ótima de hidrogeniones das reações que intervêm em todos esses processos que utilizam microorganismos, e quais são os melhores meios para deter a reação no momento necessário que permite obter o rendimento máximo do produto que se deseja, pois muitos desses produtos convertem-se logo pelo próprio microorganismo em produtos menos desejáveis. As trocas notáveis de atividade que se aos novos meios, de composição distinta produzem ao habituar-se os organicos dos originais, requerem também um estudo detido, e, facilitando assim a seleção cuidadosa de microorganismos para determinadas reações específicas melhoram provavelmente os resultados teóricos e industriais.

Alguns, se não a maior parte, destas atividades específicas empregam-se hoje ao azar, como resultados de observações casuais.

Por sua própria natureza os organismos superiores não podem ser utilizados no mesmo grau, mas entretanto, um ramo da indústria os utiliza e explora cada vez com maior perfeição; pois a preparação de produtos de secreção interna do pâncreas, tireoide hipófise etc., dos animais sa-

crificados no matadouro é uma indústria importante, não esquecendo que sua purificação e dosagem cuidadosas requerem um estudo muito detido.

Muitos destes produtos resultantes da atividade animal serão provavelmente substituidos por seus correspondentes produtos sintéticos quando estes possam ser preparados. Em alguns casos o químico não pode competir todavia com o animal, pois o produto sintético custa mais que o animal. Possivelmente acontece isto com a tiroxina. Harington obteve por síntese, mas ao mesmo tempo encontrou um processo para aumentar seu rendimento material e fazer mais barata sua obtenção da tireoide animal. Um caso oposto constitue o perfume do almiscar, que recentemente, como resultado de uma brilhante investigação, identificou-se como ciclopentadecanona. O produto sintético (a "exaltona"), pode ser vendido muito mais barato que o almiscar natural. A identificação e preparação química destes produtos e de muitos dos alcalóides produzidos pelas plantas oferece para o futuro um campo muito extenso de atividade para o químico orgânico industrial.

Voltando aos microorganismos, vejamos sua ação como reativos biológicos. Castellani e Taylor demonstraram que a levulose é decomposta pelo hipomiceta Monilia krusei, mas não pelo M. bateanica. A maltose é fermentada pelo M. pinoyi, e não pelo M. krusei; a galactose pelos M. metalondinensis e M. tropicalis, mas não por M. pinoyi e M. bronquialis. A lactose é fermentada pelo M. pseudotropicalis, mas não pelo M. macedoniensis; a sacarose pelo M. tropicalis, mas os produtos não reduzem o licor de Fehling. A inulina é fermentada pelo M. macedoniensis, mas não pelo M. rhoi. Utilizando estes cogumelos como reativos pode-se estabelecer um processo analítico no qual a produção de gás indica uma reação positiva. Obtiveram-se desse modo resultados mais rápidos que com os métodos químicos ordinários.

Basta o indicado para fazer ressaltar a importância que pode ter para o futuro a aplicação da bacteriologia e da bioquímica na indústria.

PUPO

O POETA

Um homem num corredor com nostalgia do vasto mundo, do qual é poeta, eis uma imagem do Pupo.

(Ernani Reichmann)

CANÇÃO DO HOMEM INCENDIADO

A Fritz Alt
1958

Você aí,
que sabe que eu morri incendiado
por meninos de Copacabana —
Sabe que cresce o rebanho dos famintos,
dos mutilados, dos tristes e dos covardes?
Sabe que andam pelas ruas
mulheres fugidas das enfermarias, dos cortiços
e das favelas,
a carregar
crianças sem choro,
de pés pequeninos cobertos de sangue?
Você aí,
que sabe que nos palácios
eles dividem os orçamentos,
falam-sobre cavalos
e escolhem a mulher da noite —
Você aí,
que sabe que nos parlamentos
o erário é diluido
na voracidade das ambições —
Sabe que Judas seria santo entre nós?
Você aí,
que recorda a fisionomia
dos homens dissolvidos pela miséria
dos campos de concentração —
Você aí,
que sabe dos homens asfixiados
nas câmaras de gás,
que contou os cadáveres na guerra

e manda os filhos aos quartéis
aprender a matar —
Sabe que as safras da terra fértil
se escondem nas cavernas do câmbio negro?
que escasseia o pão
e o trigo é queimado?
Sabe que nos roubam as ilhas
e nos assaltam nas estradas
e postos de gasolina?
Que nos levam as areias
e o óleo podre
do seio da terra?
Você aí,
homem virtuoso.
— Oh! homem virtuoso! —
que compra revista de figurinha,
que prefere filme de bandido —
Você fica calado?
Você não diz nada?
Será que também você,
Oh! homem virtuoso —
participa da imensa,
da incomensurável
p l a t é i a d o s i l ê n c i o ?
Também você!?
Também você!?

A SALVADOR DE MAIO

1960

O homem que queria dormir... falou assim:
"Sou uma fantasia de Baudelaire,
um homem, convalescendo eternamente
que viu a morte e regressou a vida,
e vê, um mundo de novidade
embriagando-se no cotidiano.
Absorvo sofregamente o mundo.
Sou dono das formas e proprietário das cores.
Construo fantasias crepusculares
Na minha sensibilidade de criança
trago sempre nos olhos
o entusiasmo estático dos escolares
que olham presépios, e olham flores
pela primeira vez.
Eu sei da eternidade das imagens,
dos perfumes,e da luz das santidades.
Não sou como o animal, no ambiente
sou um homem, tenho o mundo.
Um homem inteiro
que sente as razões misteriosas do Universo
e a unidade da multidão na essencia do Creador.
Meu sustento é a multidão
é meu ar minha água meu alimento
e, minha família é a síntese de todas as belezas
conhecidas e desconhecidas.
Repentinamente, fugazmente
sou como um iluminado
que viaja incógnito por toda a parte.
Ignorado no centro do mundo.
Uma visão esquecida de Baudelaire

vivendo em delírio de convalescente
um imenso espelho refletindo o mundo.
Sou um caleidoscopio consciente
girando sempre o carrossel da vida.
Mas... sei que vou dormir
e nesse sono, alguém vai me dizer:
Há luz em tudo
quanta beleza vais perder dormindo,
enquanto dormes não verás
os movimentos da liberdade humana.
Mas é preciso dormir
estou cansado do horror do cotidiano
e de ser iluminado incognito.
O espetáculo da vida
lentamente se transforma
em paisagem com mãos sangrentas
com faces mutiladas
e exércitos que vão cantando para o fim do mundo
e cidades que o urânio amarelou de incêndio
deixando um cogumelo de fumaça.
Restam gemidos e uma cidade dissolvida.
Morre a multidão, que era a marca desta época.
É melhor dormir levando na retina
uns cabelos encaracolados ou entrançados
que perseguem crianças
que circundam melodiosamente
nesta tarde que se dilui em violeta".

PATÉTICA

Ao Benedito Nicolau dos Santos, autor das "Lendas e Tradições do Paraná"

O que você quis dizer no teu livro é que os homens estão sendo sepultados num progresso mecânico.

A minha arte é inestética ao extremo, sem interesse e impossível de ser justificada, mesmo assim aceite esta patética, provocada pela leitura do teu livro.

Curitiba, 5 de abril de 1973.

Desta janela, torre sombria
vejo surgir o sol da melancolia,
doirando paisagens
onde casas, ruas, homens,
a cidade, ora um complexo etéreo.
Então deixei se ser de agora
do ambiente, deste lugar,
ausento-me.
Viajor imaginário
vou encontrar o que perdi.
Desentranho-me deste chão, e
na aurea de Claudel: "fecho os olhos
nada é mais externo. Sou o Externo"
Converto-me no que sonha
ao som de uma valsa brasileira.
É o sonho uma poesia involuntária,
dança de átomos pensantes
num incoerente ectoplasma,
vou elaborando peças de saudades
e, penetro na Cidade Aldeia,

Vilinha do Atuba. Cidade nova,
sorriso. Cidade capital
cheia de gente municipal.
E, antes que cheguem
outros mecânicos medonhos
e comecem um novo horizonte,
vou perguntando:
onde estão as crianças,
os homens e as mulheres
do teu tempo adolescente?
do "charco imundo, do beco escuro
do triste horror"
Daquela Curitiba-menina
da queda do pinhão
do mês de Maria, das procissões
dos casamentos na capela
incenssada da Senhora da Luz.

Nos dias dos teus padroeiros
adornavam-te de flores
e bandeirolas multicores,
recortadas no papel de seda,
entremeadas de guirlandas, e
casario caiado de novo
para exaltares teus sonhos
místicos e patrióticos.

Quem escondeu a cidade antiga
traçada por meus passinhos de menino.
Conhecida na palma da mão.
Onde está o capinzal imenso
que escondeu a bola de meia?
Quem mandou teus cisnes negros?

Não, não gosto dessa roupa nova
que te vestiram.
Quem, acertou o relógio?
o relógio da praça Osório,
parado sempre, sempre parado
marcando tranqüilamente
as horas da tua meiguice,

Quem arrancou as canforeiras?
Não as esqueço, elas chorando,
chorando lágrimas de óleo canforado
Que é como choram as canforeiras.

Onde está a cidade do sexticampeão,
O Britania que devia ser Bretagno
na erudição do Carlito Thá:
"Bretagno codificadora"
e o povo, o teu povo simplório
traduziu: "Britania, alvirubro,
ingenuidade e força.
Nele o Mucundú, os Marinoni
os Bertoldi, os Martins, o Schiavon,
o Ephigênio, o Faéco, o Pandú,
Zé de Freitas,. fizeram melhor
e de graça,o que Pelé contemporâneo
faz, por um orçamento nacional.
As carrocinhas da Estação
trazendo flôres para teus finados.
As vezes pressinto
nalguma rua deserta
algum ausente, tímido, olhando...
olhando... se algum bondinho vem por ali.
A cidade dos idos de trinta.
do meu furor patriótico.
Desfilando, na farda brim cáqui,
cantor inútil, desafinando o "João Pessoa".
"Como um cedro que tomba na Mata",
deixei morrer os teus pinheiros.
Quem pos a flor no fuzil?
Cidade poesia: do Tempo das Musas
quando Apolonio de Tiana, ciente da beleza de tudo,
ia doando, na festa das violetas,
a sinfonia das Crotonas do Céu.
A cidade que viu surgir
uma Universidade
arquitetada na "Luz Invisível".
Cidade da Maria Balão, do Pé espalhado,
do Nêgo Sóla, do Madrugada, da Muda

que não podia contar seus pecados
nem os dos seus clientes austéros.
da Estrela da Manhã, do Operário,
da Avila corps, do Sobradinho
das francesas da Gineste
onde os pagadores de whisky, eram
promovidos a notabilidades.
Gruta Azul, Café Gaúcho, Bar Palácio
Velho Egg o do chopp mastigado.
O 14 de janeiro o vinte e sete,
Quem desfolhou o calendário
da tua boemia?

Curitiba moderna espetada de pombais
de cimento e ferro no coração,
cercada pelo imenso deserto
dos presépios suburbanos, não,
não gosto do teu traje
concreto e maciço.
Prefiro a cidade antiga,
de quando o capim rasteiro crescia nas ruas
bordando de verde o granito cinzento
e, a diversão era, ver casa bonita na Comendador.
Da imensa praça, a praça da Santa Casa,
pedindo Misericordia, deserta como um assombro
onde a noite, um único poste de luz
enfrentava, solitário, a escuridão do mundo.

A cidade antiga cabia numa flor...
Quando eu era menino
o pão era um tostão
e saia quentinho e perfumado
pela janela farinhenta do Marchand.
Os invernos curitibanos ! ! !
quem encomendou a neve
para quebrar a monotonia das geadas?
Quem vai levar as águas dos teus rios
recheados de entranhas
Eras um jardim!

Quem amassou canteiros
Quem chorou quando morrestes?
Quem vai caiar teus pombais
nos dias dos teus centenários?
Quem te amou mais do que eu?

Antenor Pupo

Alto São Francisco
5-4-73.

AS MULHERES DO CAFÉ ALVORADA

Antenor Pupo

"Arre, estou farto de semi-deuses onde é que há gente no mundo?"

Fernando Pessoa — Poema em linha reta.

I

As mulheres do Café Alvorada
ouviam muito, escutavam nada.
Transportavam um cemitério
na memória. Uma dizia:
"Ah! morreu?... que pena...
ontem servi cafezinho pra ele...
Existiam, tranqüilas, fugindo sempre,
pela porta em frente,
onde está o "placard" dos mortos.
Caminhantes verticalizadas,
prisioneiras inculpadas
no muro niquelado
Corpos de dedicação
afeitas ao permanente gesto
de servir, percorriam...
horas pendulares, enfrentando homens
— meio busto estáticos.
Braços erguidos nas tipoias invisíveis
sustentando chicrinhas brancas.
subindo e descendo descendo e subindo
balancins monótonos
dos relógios da floresta negra.

Louças alvas, recheadas
de tintura escura.
Viviam no silêncio do tempo,
aquarianos, derramando na cerâmica,
aquecida e alva a alquimia da terra:
noite solúvel e adociçada, noite
irmã menor do grande silêncio.
Servidoras de trevas
as mulheres do Café Alvorada
distribuiam trevas à Cidade,
profissão estranha essa,
servir noite diluída.

II

Há um resto de luz
no amarelo ociduo dos aventais,
cor do desamparo, da solidão —
das culpas ignoradas.
Todas sorriam, um riso amarelo
riso cansado grudado na face,
destinado a perdurar, na rotina
da totalidade dos dias indiferentes.
Elas sempre as mesmas
os homens mudando sempre:
Doutores com anel, doutores sem anel
Cabeludos, sem cabelo, paletó
sem paletó, gravata, não gravata
lentos, apressados, ricos
vazios de tudo, pobres repletos de riqueza
"Com açucar, sem açucar".
Governantes e governados, vencedores,
vencidos, possuidos na verdade
eterna dos fracos, preocupados
com a ilusão temporária dos fortes.
Multidão consubstanciada, mosaicos
originalmente arquitetados
com elementos banais. Experimentadores
do acaso na roleta da procriação.
Condenados a solidão de cada um.

Solitários e eufóricos, solitários tristes.
Interconhecidos de vista.
Quantos? um... dois... três...
a sinfonia dos pires distribuídos
açucareiros entupidos.

III

Dotô... será que o sió... esse
remédio... nha mãe... pressão alta
velha setenta. "Linguagem misteriosa
espaçada entre uma chicrinha e outra,
é um "argot" brasileiro, código secreto
língua verde, quase um canto,
linguajar dos humildes e soando
na mesma cadencia das baladas
de François Villon, sempre eloqüentes
mesmo murmuradas. É na boca
que a alma se instala.
O bule acaba, consulta demora mais...
"não esqueça meu remédio"
fala a maquinista. A da caixa
entre uma ficha e o troco:
"meu vizinho tem coceira"
tem sorte, na fila está o mecenas
do laboratório, o propagandista
abre a pasta, medicina pelo "guichet".
Outra... não foi entendido.
Mas... há aquela que não diz nada.
Nunca disse nada e tem perfil de azteca.
Calada como um abandono.
E, um dia mostra algo
assim, como um sorriso
tem ternura e meiguice, dizendo
"será que o siô colabora
na nossa caixinha de natal?

IV

Falta-nos uma mensagem
sublimada na tela de um pintor
e quadro ausente da galeria.

Rembrandt pintou a "Aula de Anatomia"
Renoir, os "Guarda chuvas",
Velasquez as "Fiandeiras",
Brueghel a "Boda dos Camponeses",
falta na coleção: o quadro da Cidade
"As Mulheres do Café Alvorada".

BALADA DE TRÊS DE OUTUBRO

Dia três de outubro de coisa e tal.
Parece que não vai chover. Isso é importante.
As crianças estão alegres e as esposas felizes.
As primeiras porque não tem aula.
E as segundas porque os maridos não podem beber.
Hoje o álcool não pode dissolver caráter
As ruas estão como soalho de tipografia.
Inundadas de retângulos brancos, irriquietos
exibindo nomes de partidos
"legenda que não acaba mais",
e também nomes de homens,
só de homens,
Sim, porque as mulheres tem mais o que fazer.
Homens candidatos,
candidatos que esqueceram ou nunca souberam da
existência
da cândida e branca túnica das antigas assembléias.
De branco e puro, só as cédulas
esvoaçando no ar e rolando nas sarjetas.
Com nomes em polaco, em turco, em italiano,
em japonês e, até em brasileiro.

Os homens eleitores, começam a chegar.
Solenes, misteriosos, incorruptíveis.
Nacionalizados,comunizados, integralizados,
democratizados, mas principalmente cabalados.
Alguns trazem o ar cínico, com sardonismo provocante
como a dizer "o governo já ganhou".
Agora o sol vai alto e a fila é enorme.
Lá na frente, a velhinha de vestido preto
está impaciente, só veio votar, porque o neto

é candidato, todo o seu aspecto parece dizer
"meu neto é candidato" votem nele.
Mais adiante a moça da secretaria,
vai votar no chefe, com medo, com receio de ir pra rua.
A empregada do vizinho também está na fila
dizem que ela vota no moço do rádio
que faz capelinha e lê cartas de ouvintes,
e a minha vendeira que disse que ia votar no meu candidato,
Coitada, prometeu votar em todos os candidatos de todos os seus fregueses, mas vai votar mesmo é no candidato do padre.
É enorme a fila, fila da mentira, fila do medo
fila camuflada.
Sussuro... parou a eleição?
não é nada é a mesa que vai comer.
Recomeça o movimento.
Chega um candidato apressado
vai por cédula na cabine
sonhando com outras cédulas cor de abóbora.
Olha angustiado pela fila
e diz ao companheiro "aqui vou bem"
Esse já ganhou diz alguém jocosamente
que negócio demorado diz outro
"falta de organização" "isso não resolve diz outro e mais outro"

A eleição prossegue, a urna vai engulindo nomes
em polaco, em turco, em italiano, em japonês,
em todas as raças, em todas as cores, em todas as legendas.
Pronto. Encerrou a votação.
Ninguém vota mais.

Bem chegou o atrasado, não podia faltar
o eleitor que não pode votar mais.
Bate na porta, reclama um pouco
olha o título guarda as cédulas e pensa
"isso não resolve mesmo"

Agora anoitece, os eleitores vão para casa
pensar na mesma coisa, ouvir a pergunta eterna da
eterna esposa.
"será que os preços agora vão baixar".
Só as crianças agora estão tristes
e as esposas infelizes
As primeiras porque amanhã tem aula
e as segundas porque os maridos vão beber.

E o rádio vai anunciando bombástico
"notável a educação cívica do povo
tudo transcorreu na mais perfeita paz.

"O ANALISTA"

No quarto, que era um sonho oriental,
No leito, todo azul e branco,
Estava uma criança que parecia recém-chegada do céu,
Com as tranças ainda trançadas pelos anjos
Ainda com imagens paradisíacas nos olhos,
No quarto de riqueza mourisca, no leito de marfim dourado
Ao impacto da "Terra", na convivência dos seres,
A criança estava no inferno da febre,
Na tortura da doença, exalava um perfume de maçãs vermelhas,
Reclamava o ar que andava lá fora em névoa irisada,
A jovem mãe, agora toda alma e mansidão,
Rezava... Rezava... Rezava... e entre as orações dizia, numa voz molhada pelo orvalho do coração:
Esse doutor, esse doutor que não chega...
Um desabafo move o silêncio, chegou o médico famoso,
Divino detentor da verdade baconiana
Da verdade feita de mentiras conscienciosas,
O médico famoso de memória límpida, mas de esquemas incertos,
Dos seus olhos peritos, das suas mãos afeitas
Dos seus ouvidos sensíveis... nada.
E a voz do médico abalou a casa desolada:
O laboratório, o analista... o analista sem demora...
Ninguém soube da presença do analista, nem quem foi
Nem quando entrou nem como foi.
Depois, poucas horas depois, se soube que o doutor famoso,
Recebeu um envelope, abriu e olhou rapidamente,
leu num segundo
Uma frase curta, tão curta que continha toda a verdade.

O doutor famoso, sorriu e colecionou mais uma glória
Na sua carreira de sucessos "hipocráticos".
E, o envelope ficou perdido, entre as coisas inflamáveis
Mas a criança continuou feliz no seu reino encantado
Vendo o sol doirado escrevendo a vida nas folhas verdes.
Bem... Mas, nunca ninguém soube... como era...
quem era mesmo... o... analista?

PUPO
O HUMANISTA

Aquilo que o céu dispõe chama-se natureza essencial.
A conformidade com a natureza essencial chama-se lei natural.
O aperfeiçoamento da lei natural chama-se cultura.

O DIA DO BRASIL

Ir.'. Paracelso — Loja "CARDOSO JÚNIOR" — Or.'. da Capital.

I — A vida se coordenando apresenta os problemas, e o filósofo tenta respondê-los.

O homem torna-se idôneo, sofre uma crise e é quando por meio da razão, conclui: "se posso ser livre, não preciso ser escravo de ninguém". Temos que aceitar, ademais, que são raríssimos os homens que, expontaneamente, atingem essa meta reflexiva; selecionam-se por: "um entre mil, dois entre dez mil".

Qual o meio de tornar o homem idôneo, dando-lhes os meios de libertação?

Essa especulação, os pequenos mistérios, constituiram sempre a filosofia maçônica, que resultaram corporificados na GNOSE "essência e medula de Maçonaria".

GNOSE, conhecimento do Universo, especulativo e filosófico, cerne da tradição que acompanhou todos os ritos iniciáticos aprimorando a Ordem através de uma arquitetura planificada; Gnose, embora significando um conhecimento amplo, não se reduziu ao sabor vulgar e que quando encontrava uma barreira ia buscar nos símbolos a expressão de uma outra realidade. Transmitir o conhecimento foi o objetivo iniciático fornecer uma doutrina iniciática numa seqüência que jamais fosse interrompida. Realizar uma seleção, escolher os "eleitos", os capazes de se sentirem livres reunindo-os nas Fraternidades secretas.

O culto das iniciações pela direção que impunha, foi-se aprimorando, fechada, restrita ao esoterismo iniciático atinentes às minorias vigilantes, perplexas ao ensinamento

que recomendava e afirmava: lentamente, porém sempre, os Sábios conduzem a Humanidade".

Fraternidades secretas? Sim. Mas o secretismo maçônico equivale ao silêncio porque o silêncio é eterno e o ruido é temporal. Pitágoras foi o grande mestre do silêncio: em Eleusis êle mostrava aos iniciados o leite de Presérpina, a seguir, os discípulos se retiravam levando os dedos sobre os lábios, gesto significativo que bastava para expressar que tudo quanto haviam apreciado era inefável.

No esoterismo iniciátivo, tudo está condicionado nas três etapas gradativas, três estágios de uma educação que realiza a compreensão do misterioso sucesso: nascer, crescer e produzir.

A maçonaria preservou no silêncio, procurando métodos esclarecedores de homens que os ensinassem a trabalhar para o bem comum, plenamente harmonizados com as necessidades pacíficas das duas existências. Esclarecer e polir o homem, tornando-o receptivo à razão que reside no núcleo espiritual, tornando-o consciente de sua condição humana.

Ao despertar o núcleo espiritual, surge a idéia que atuará qual energia fecundando a coletividade que possue, inato, um princípio que adquire forma.

Idéia e forma, geração e organização, eis a herança iniciática que se firmou no maçonismo, qual doutrina que objetiva a perfeição do gênero humano despertando a consciência do indivíduo que se superpõe a qualquer crítica. Geração e organização, eis a colunas que estão em todos os templos simbolizando uma idéia que recorda, funda e estabelece a substância passiva que representa todo o que é conservado e consistente.

Porém o maçonismo está obediente ao processo das vocações iniciáticas já que MUITOS SÃO OS CHAMADOS E POUCOS OS ELEITOS e por isso mesmo são "específicos" os que conseguem efetivar o espírito interior da Gnose iniciática, razão pela qual se contam nos dedos o número de reais condutores da Humanidade, os realmente sábios. Os que conseguem assimilar o conhecimento perfeito da

Gnose, do maçonismo, recomendam e exigem a pesquisa intelectual que favorece a penetração na origem das coisas, desvendando o mistério da natureza humana para, afinal, investigar os arcanos que aguardam todos os sêres.

Tempos inenarráveis transcorreram até que o homem pudesse desejar ser livre, até chegar a condição de se julgar um indivíduo e não um simples objeto passivo, até adquirir idéia idônea de liberdade. Esse aprendizado foi lento e silencioso, entretanto, contínuo; corporificou-se e tornou-se consistente, dessiminado atráves de um sonho de um ideal corporativo, difundindo através da cadeia de União tão eficiente nas comunicações tradicionais. A idéia de expandir entre os cada vez mais numerosos iniciados, fortalecidos numa confiança mútua, afinizados nas Ordens que abominavam a escravidão.

Tornando-se consistente, a idéia imprimiu um giro histórico, surgem povos, conceituam-se as pátrias definen-se nações de homens livres, os homens estavam nesse aprendizado que ensinava o manejo do esquadro e do compasso a fim de medir o lugar competente que cada um merece na grande herança da Humanidade. Desfraldaram bandeiras multicôres, cantaram hinos, ergueram muralhas, fortificaram-se e resistiram as maiores obscurecidas que não puderam compreender os estados de servidão e preferiram destruir as heresias libertárias.

O nosso Brasil vê no 7 de setembro nesta data tão saliente que na atualidade está quase omitida do seu sentido tradicional, convertida que se encontra não mais no dia da Liberdade mas já de há muito na "Semana da Pátria", tão simplesmente dia festivo.

II — A Maçonaria do Brasil se manteve fiel ao tradicionalismo, realizou a tarefa da Libertação, concluiu a obra e se absteve retirando sua mão, partiu para outras etapas mais urgentes: disseminação do ideal de Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

O sentido nobre da nossa Independência tem algo de ineditismo, pois que ao mesmo tempo que o estandarte da Liberdade era elevado, cuidou-se simultâneamente de

estabelecer o clima da Igualdade. Esteve presente em todos os tempos da nossa História os temas da Igualdade e, sobre ela, fortaleceu-se a Liberdade. O Brasil conseguiu realizar precócemente o Universalismo — esse fantástico legado maçônico simbolizado na Fraternidade dos povos.

Várias causas influiram nesse acontecimento: Portugal dos descobridores, enviou-nos os portugueses do século XVI, que representavam uma mistura caldeada de vários povos, onde estava presente desde os ibéricos, os romanos góticos e até os fenícios, judeus e mouros, assim que os colonizadores desde o início dos nossos tempos primitivos trouxeram do além mar um espírito mesmo inconsciente e que se superpunha a qualquer preconceito racial, encontrando aqui, uma região continental onde predominavam duas raças: Tupi e Tamoio. Mais tarde tudo se iria complexar com os negros oriundos das mais diversas regiões do continente africano.

III — Por que os altivos tupis e tamoios, remanescentes da misteriosa civilização americana se recusaram a colaborar com o colonizador? Por certo que intruiram esse futuro que os reduziria a escravos, submissos à vontade do caudilho e facilmente optaram pela liberdade convidativa e imposta pela largura dos horizontes desse imenso desconhecido que viria a ser o Brasil. E provável ainda que aquela indiada, já tivesse conhecimento pelo "sem fio" da mensagem feita por meio das maratonas americanas, quando um selvícula se dispunha a percorrer distâncias incríveis para alertar todas as tribus com as notícias mais importantes. Talvez que numa dessas mensagens viessem a saber dos propósitos daqueles homens saídos do mar; daqueles europeus sedentos de posse e fanatizados pelo enrequecimento rápido. É possível que tenham se multiplicado várias reuniões iguais aquela do cacique Huytean que fugido das hediondas atrocidades cometidas a larga pelos espanhois, reuniu sua gente e disse numa linguagem digna de um mestre: "Sabeis vós que os espanhois vêm por aqui e de que maneira trataram tais e tais tribus e por que assim o fazem"? Ao ouvir a negativa, proseguiu: "Não, não é apenas porque sejam naturalmente crueis e malvados. Mas é também porque adoram a Deus". E apontando

para um cofre abarrotado de ouro, lhes disse: "Eis aqui o Deus dos espanhois ..... e todos concordaram lançar o cofre num grande riacho que passava perto". Conta-nos Las Casas, que esse cacique foi aprisionado com toda a sua gente e queimado vivo. Mas antes, já amarrado ao tronco, mereceu a piedade de um sacerdote de São Francisco, o qual lhe contou algo de Deus e das particularidades da fé cristã, pensando dessa forma o beneficiasse naquele último transe permitido pelo carrasco. Então que se ele adotasse a crença do franciscano, iria para o céu onde reside a glória e o repouso eterno; caso contrário, iria para o inferno onde seria perpétuamente atormentado. O cacique meditou algum tempo sobre aquela última proposta. A seguir assim indagou ao religioso: "Os espanhois vão para o céu?"; então o religioso só pôde dizer que sim, desde que fossem bons; eis quando o cacique conclue; prefiro ir para o inferno, pois sera a melhor solução para continuar distante de tal gente".

Vemos por este modesto relato feito por Las Casas, que havia no selvagem um discernimento, mais ainda, um estado natural da liberdade. A natureza expontânea, simples e solitária, era preferível à convivência ruinosa movida pelos interêsse absurdos. Sabemos que o homem de virtude própria, consciente nem manda e nem obedece. Seculos mais tarde, Hegel iria dizer: "A liberdade é a necessidade compreendida".

IV — Ali estava delineado o Brasil do futuro, alheio às nuances múltiplas e as vezes notáveis da cultura européia, continente ignorado, qual pedra bruta que ia se entregar, embora resistindo ao desbastamento, diante do invasor europeu, representante de uma cultura que ensaiara todas as mutações de govêrno que havia amado e sofrido tôdas as formas de vida.

O invasor trazia, em si, aquela dura experiência gravada por Cícero; aquela de que toda a forma de governo traz intimamente uma enfermidade congênita que o condena sempre a uma degeneração, no auge da qual surge uma rebelião que liquida as leis vigentes e que promove a derrubada do governo e o substitui por outro que também degenera e sai e assim prossegue. Nos debates fa-

mosos entre Platão e Aristoteles, já ficara estabelecido o destino dos sucessos políticos e que na Europa continuava sempre nesta mesma rotina: primeiro havia uma forma mais alta e pura de governo, que era a Monarquia sob a tutela de um soberano iluminado, porém devido ao mal congênito, o tal absolutismo, decai, degenera, corrompe-se e, então, os homens se rebelam, oportunidade em que os homens mais ricos e influentes promovem-se a aristocratas, estirpando definitivamente a monarquia na seqüência em que fundam a constituição aristocrática, aprendendo, desde logo, que nesse tipo de disciplina prevalece apenas aos interesses dos vencedores que formam uma esplêndida oligarquia. A seguir chega a vez do povo que ao eliminar os previlégios oligárquicos estabelece a democracia que por sua vez prossegue sem liderança ou por excesso delas como típico e incontrolável cáos anárquico sempre assistida por demagogos e burocratas que se aprofundam nas violências que vão oprimindo as massas desde logo transformadas em plebe. A típica anarquia prosperando chega a vez de demagôgo sedutor que explora o realismo retórico, geralmente um mais poderoso e astuto, apoiado em forças legionárias, o qual atinge facilmente o poder e implanta a tirania que, ao se perpetuar, converte-se em monarquia. Assim foi o ciclo das instituições européias, comparável, portanto, àquela imagem da serpente mordendo a cauda. Aqueles portugueses eram em decorrência perfeitamente cépticos no julgamento dos temas políticos.

A Maçonaria, agora ocidentalizada, afeita aos problemas sociais mais urgentes, iria quebrar esse ciclo eternizado, visando a educação do povo para consolidar os direitos humanos.

A América, por excelência o Brasil, estava pronto para receber o fermento da liberdade ao lado daquele outro e da igualdade. Sim, as lutas pela Igualdade antecederam, vez que em nossa terra se fez indispensável, obrigatória e dominante toda uma população negra, que por métodos trágicos atingiram nossa Pátria.

A insubmissão de índios, forçou ao colonizador importar o africano, que aqui chegando, mesmo reduzido à condição de besta, menos que plebeus, inconscientemente de-

ram início a fusão que resultaria na mestiçagem nesse complexo multi-racial do povo brasileiro único a dar demonstração da realidade democrática racial. Nada melhor que a estatística para comprovar os fatos. Foi Rio Branco quem registrou que o Brasil possuia nos albores da independência ali por 1.818, aproximadamente 3.800.000 habitantes, donde 1.043.900 eram brancos e 1.930.000 negros e, os demais, mulatos já aí se notava uma mistura incomparável; vejamos outro exemplo, desta vez restrita a Minas Gerais, baseado no relato de Eschwege, tinha em 1821, aproximadamente 696.000 habitantes, assim distribuídos: brancos — 131.047, negros — 211.559, mulatos 353.394, eis aí a mais exemplar e admirável "síntese de miscigenação nacional". Tudo decorrente de um estranho e imponderável "acaso histórico" que estava pre-estabelecido nos insondáveis métodos do Grande Arquiteto que se empenha em tudo conduzir enquanto os homens se agitam; esse o ideal permanente que vem modelando as formas no Brasil-Colônia, de um lado estava o extenso e irremediável latifúndio e, de outro, a minoria ridícula de mulheres brancas que acompanharam os conquistadores. Veio da África a alquimia misteriosa da Igualdade. Veja-se a esse respeito as meticulosas, páginas de Gilberto Freire em 'Casa Grande e Senzala" onde se encontram bem documentadas as relações entre senhores e escravas e onde nem faltam também como curiosidade àquelas de padres incontinentes emancebados ou "fornicários vagos".

Eis que na América, Jefferson pode dizer que a "doença da liberdade é contagiosa".

Aqui o ciclo da serpente mordendo a cauda ia ser interrompido, tornando possível o estabelecimento da Democracia efetiva fazendo as massas confiantes no Governo, desde que os direitos do homem estabeleceu: que todos os "homens nascem iguais e tem o mesmo direito a vida, à liberdade e à busca da felicidade", idéia arcáica da especulação gnóstica que acompanhava por milênios a marcha do sol até encetar um terreno propício, "há uma coisa mais poderosa que todos os exércitos; é uma idéia cujo tempo tenha chegado, dizia Vitor Hugo, interpretando sabiamente o mistério da liberdade.

VI — Eis que a Maçonaria brasileira conseguiu implantar neste imenso país tornando real o sonho dos Grandes iniciados, eis que em nossa pátria um Grão de Mestre proclama a independência e um Primeiro Vigilante traça os rumos da futura República.

Meus Irmãos, deixo aqui vagas reflexões sobre o Dia do Brasil, mesmo porque respeito o espaço restrito que a "AMIZADE" me concede, confiando sempre que a História é semelhante ao leito aberto pelo imenso rio da Vida que segue a procura do grande oceano. Que a História não está terminada, se ela serve para explicar a origem do presente pode ser também um trampolim para o futuro, então que estou convicto que, todo homem mormente um maçon deve possuir educação ampla e dignidade humana bastante para que depois de viver uma primeira vida possa deixar gravada uma segunda.

Assim viveram os nossos respeitáveis Irmãos que ergueram as três colunas do Grande Oriente do Brasil e nelas gravaram a trilogia eterna da Liberdade da Igualdade e da Fraternidade. Façamos pois uma Maçonaria mais dinâmica, capaz de reconhecer que o espaço é uma força geradora de energia psíquica que alargando a visão desperta a alma e da coragem ao homem para invadir o futuro.

MAÇONARIA E IDEAL REPUBLICANO

Ir'. Paracelso — Loja "CARDOSO JÚNIOR" — Or.'. da Capital.

Preciso na síntese do ideal maçônico, foi o Cavaleiro de Ramsay, nos meados do Século XVIII, sabendo impor o argumento de que a Terra era uma imensa República, onde cada nação se equiparava a uma família e que todos os cidadãos se comportavam como crianças. Então era mister elevar os infantes, dando-lhes, por meios educativos, uma condição idônea e compatível com a dignidade humana. Tarefa árdua, mas não impossível a todos os mestres que souberam preservar na Ordem e possuir o progresso Educar é o mesmo que tentar transformar o homem do estado animal instintivo para um outro mais digno do indivíduo normal, portanto, consciente e espiritual. Decorreram milênios até que o homem compreendesse as vantagens da cidadania e deixasse de se comportar como um simples objeto manuseado ao sabor dos interesses inconseqüentes.

Longa foi a perigrinação da Democracia até conseguir se firmar nas formas republicanas; conheceu estágios extremos, desde as repúblicas aristocráticas dos previlégios, nos moldes daquela da Veneza, até as americanas tipificadas em normas presidencialistas como aconteceu no Brasil de 1889. Importa considerar que o objetivo foi conseguido, e que o homem moderno possue uma consciência democrática e tende executar um estílo político que o permite ser govêrnado por decisão própria através de líderes que ele, voluntáriamente, escolhe buscando discernir entre os competentes, leais, vocativos e sinceros. Portanto, elege sem estar submissos por coações, e para isso, apela para uma análise lógica e racional que não aceita o sofis-

ma rotineiro da força, do poder econômico ou daquele outro das armas.

Quando assim não poder proceder, quando fora das eleições livres, diretas ou indiretas, a experiência histórica demonstra que sempre originaram-se crises mais ou menos profundas e de graves repercusões internas ou externas do país. Tôda a vez que surgem líderes expontâneos, cedo ou tarde fundam-se as tiranias, e o tirano costuma converter-se em lei, impõe sua vontade, fundem-se os corifeus, e os ditâmes são formulados neste diapazão: "se não concordas com o que exigimos sereis destruídas".

O clima das tiranias é incompatível com a dignidade humana, porque se deixarmos de aplaudí-la seremos segregados, se protestarmos, seremos silenciados, o tirano é um debilóide narcisista, hipócrita e o povo não aceita os regimes personalistas que anulam a verdade e asfixiam o espírito. Numa república democrática a efetividade dela exige um sentido progressivo onde sejam aprimorados os meios para a elevação da vida social de todo o povo e que cada cidadão de per si possa evoluir na sua personalidade.

Eminentes historiadores, sábios escrutinadores, Laicos ou sacerdotes, incriminam a Maçonaria de ser uma simples entidade política com finalidades espúrias, criticando acerbamente os trabalhos maçônicos em Loja como vulgares complôs e que os maçons fazem de suas atividades um constante acessos ao poder. Tudo falsidade intencional, reveladora tão somente das frustrações que norteiam essas inteligências assalariadas pela moeda falsa do patriotismo que não souberam avaliar que nada é estático e que tudo evolue enquanto eles sedimentam o ódio. Ignoram que a Maçonaria é uma Instituição tradicional, única capaz de proporcionar a iniciação num rito da passagem para uma Consciência Universal de todos os problemas científicos ou religiosos e que só os homens iniciados podem conviver aquecidos pelos ideais de justiça que elevam a dignidade humana, não podendo ser maçons o egoista que entre nós é rotulado como "porco que se alimenta do ouro". Portanto a Maçonaria não será o trampolim para se chegar as portas da vida política das nações. Os que assim

se comportam não merecem a honra de serem considerado irmãos.

Desde os primórdios da nossa Ordem, a política e a religião não tiveram guarida nos Augustos Templos Maçônicos, eis que de antanho se aprendeu que ambas nutrem os sectarismos que dividem os homens; forjaram as opiniões que são as úlceras gangrenadas da sociedade. Os maçons dignos têm um culto e podemos afirmar sem receio um dogma: "A TOLERÂNCIA".

A Maçonaria, nos Templos ensina a despertar da intuição que permite discernir os fatos sem outros objetivos; a colocar a Verdade na sua posição correta objetivando o esclarecimento dos problemas e dos designios coletivos. A Loja educa o maçon essa criança de três anos de idade a evoluir tranquilamente para a defesa dos princípios sociais e morais que são os fundamentos de qualquer sociedade evoluida. Desta forma podemos concluir que, a Maçonaria é a filosofia da liberdade, que procura avançar no futuro para explicar a inefável sedução do universo.

Portanto, não fazemos política, aprendemos Cultura Política para amadurecer futuros condutores de povos e de Nações. Ora, quem não julga em nosso tempo esses desfalçados "políticos" contemporâneos que o próprio povo já os considera como sinônimos de astutos, velhacos, corruptos, devassos, cínicos que comparecem às agências de divulgação para ostentarem as suas deformidades ou tentarem justificar os seus assaltos aos cofres públicos?

A democracia republicana foi ninada acalentada, amadurecida. Não foi gerada expontaneamente.

A Maçonaria conseguiu fazer uma pedagogia política, e pela ação perseverante, foi tornando-a expansiva. Vejamos, obedientes à brevidade, como isso aconteceu.

Notamos — e todos os irmãos estão cientes — que na Maçonaria Simbólica tudo se arranja para retirar o profano inconsciente do barbarismo para dar-lhe o sentido normal de adaptação a um estado civilizado, quando que, na Maçonaria Filosófica, já estamos enfrentando o homem civilizado mais próximo da perfeição e quer adquirir a Ra-

zão disciplinada pelo Sentimento, possuindo uma imaginação ativada pelos simbolos e prossegue espiritualizado a matéria aparentemente invulnerável a qualquer influência subtil. Podemos dizer então que a Maçonaria Filosófica faz eclodir uma Inteligência que começa por condenar o estado de escravidão, definido, desta forma, a primeira etapa da evolução social: libertar os escravos.

Esboça-se ainda titubeante a primeira geração configurada no símbolo — Estrêla Flamígera — que vai iluminar as veredas tortuosas da peregrinação maçônica. O trabalho na Pedra Bruta não foi inútil, nela aprendeu a conhecer a imagem da estática; desbastando-a, deseja chegar ao núcleo intacto, despido das manchas do vício ou daqueles entraves que perturbam a natureza.

Eis que na Maçonaria Filosófica o Sol domina — pois é o símbolo da Verdade — e começa a conhecer o encanto da difusão da Luz e, a ignorância, vai sendo extinta para deixar clara e duradora a fé na perfeição humana. E daí por diante, está definitivamente gravada o desejo de prosseguir lutando para eliminar os erros. A Luz impõe, ademais, um sentido capaz de captar a Harmonia da existência; em tudo há uma identidade, uma Igualdade, então a consciência adquire uma noção virtual do Poder Criador.

O homem vive de pé é indivíduo real — o Pai em marcha. Eis que o maçon se converte em mensageiro da Igualdade, qual pai do oprimido e desamparado; peregrina por todos lugares, do recesso da família a praça pública, guiando os homens, fazendo-os ingressar na rota certa do progresso. É o apóstolo da idéia. Atributo que jamais foi ou será sufocado. Unindo-se aos demais idealistas amplia a força da ação educadora. Então a verdade explode, as Virtudes e os talentos saem vitoriosos do túmulo do ignorado.

Dessa forma é a Maçonaria: uma Universidade com a missão de difundir a ação civilizadora.

Coordenemos agora esses fatos numa seqüência histórica e teremos que:

Os magos agremiaram-se nos desertos da Caldéia e instituiram uma Verdade, fundaram o Patriarcado, presenti-

ram que a ignorância imperava, ergueram então uma tribuna onde os iniciados subiam para se submeterem ao exame da Sabedoria; aprovados, ingressavam entre os companheiros. Mas nos tempos do patriarcado não bastava ser erudito era preciso mais, ter a "Gnose" e dominar a Oratória: a palavra engastada em jóia para que fosse possível ensinar deleitando. Não estavam concordes com a Sabedoria sem a eloqüência, nem com a eloqüência sem Sabedoria, era exigida a duplicidade. Pois bem, aquela primeira Tribuna iria palmilhar lentamente os locais mais conspícuos daquela vetusta antigüidade, esteve instalada nas Abóbadas Sagradas e, entre os nômades e caravaneiros com a missão precípua de os convertê-los em cidadãos.

A primeira "Estrela Deserto" alteou-se magnífica às margens lendárias do Eufrates e, rapidamente, fez-se constelação quando atingiu Palmira, Ecbatana Damasco e foi a Índia e aprimorou o grosseiro comunismo das tribus; gravaram-se os primeiros Códigos.

A inteligência virtual fazia-se real.

A Tribuna prosseguindo, foi ao Egito e civilizou os selvagens. Ciro encantou-se dela na Abóbada Sagrada de Jerusalém; fez a ciência dos Cabalistas, que predicaram em termos de Metafísica, buscando conhecer a profundidade da natureza humana e a magnitude de Deus. Então aquela Tribuna ambulante era a Luz da Verdade que, ao se instalar nos mais variados climas ou vales, criava as nações, foi daí, meus irmãos, que se começou a admirar as assembléias maçônicas e a dominá-las simplesmente por Orientes. Entre os ciríacos chamou-se Cadme e, entre os gregos. Academia. Ainda, hoje, todo o sábio é chamado oriental ou acadêmico, por isso que tudo vem do Oriente ou da Sabedoria, e todo o trabalho digno se faz claramente à luz do meio-dia, porque o Sol — emblema da Verdade — está no explendor do Zênite.

Iniciado no Egito, o democrata Pitágoras, de origem e de educação grega, fez da Tribuna a "Maçonaria de Crótona" e que comportava dois graus: Aprendiz e Tribuno. Exigia do aprendiz cinco anos de silêncio antes do ingresso à Tribuna, porque exigia um conhecimento amplo, lógico,

severo e mais, o talento imprescindível para persuadir, convencer e elevar pelo arrebatamento os ouvintes até o extase do entusiasmo.

Os princípios da Igualdade educaram as massas humanas, da Crótona pitagórica sairam os tribunos do povo. Cristo denominou Apostolos aos seus iniciados (enviados) e deu-lhes a missão de proclamar por todas as partes os direitos da nossa linhagem. Ao saber da trágica experiência grega, civilização que, esterilizou-se ao recusar a implantação de uma comunidade política, oposta à grandeza de Roma coesa por uma unidade administrativa e militar territorial. Ficou ciente que toda a civilização se estiola nos limites do tempo, fechada num espaço como simples marco geográfico e pode profetizar a queda do poder da depravação. Por isso pregou a filiação de todas as gerações e de todos os países, alertando que todos os homens eram simplesmente IRMÃOS, livres e iguais na PÁTRIA DO MUNDO, na lei da Razão e tutelados pelo PAI onipotente. Quando surgiu a demanda sangrenta entre o altar e o trono, que visava obter o poder à custa da miséria do povo, foram os Magos que mais uma vez instalaram as Tribunas tanto no norte como no sul da Europa, entre os Guildas e nas terras de Castilla, foi nesse momento que o escravo se converteu em servo, acréscimo importante para essa época em que a mocidade e as paixões obrigavam a adorar a Deus pelo terror das ameaças ou pela gratidão do benefício; viu-se lentamente o evoluir do feudalismo para os parlamentos e mais uma vez exaltou-se a palavra. Mas, uma dificuldade estava evidente, o cléro possuia a Cátedra e por isso, entregou o mundo aos reis, estabelecendo-se o cezarismo.

Foi quando, mais uma vez, a Maçonaria apresentou a Tribuna para proclamar que os homens possuiam dignidade e foi quando o servo se transformou em vassalo e aguardou o dia em que todos pudessem sentir as benésses da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade.

Vemos pois que o homem, essa criança de que falava Ramsay, se encontra ainda no máximo estado de desamparo social, mas os maçons não esmorecem e erguem outras

tribunas a'i mesmo onde medram as injustiças e buscam ativar a Inteligência.

O Ir.'. Palmeira, nosso esclarecido Mago, adverte com precisa e inimitável síntese, quando da mais atual Tribuna. "O antigo é a tradição, a imanência, o aspecto substantivo que é imutável. O novo é a evolução, a contingência, o aspecto adjetivo que é variável. De certa maneira: o antigo é a Ordem o novo é o progresso".

Em consequência daquela Tribuna cosmica, aconteceu que o Brasil viu surgir na alegria auriverde o dia 15 de Novembro de 1889, nova etapa na sua evolução pois, formava-se um Govêrno Provisório que proclama e decreta uma nova forma de governo, a República Federativa". O antigo império descia para permitir a evolução dos "Estados Unidos do Brasil". Poucas horas após a proclamação, surge o emblema que anunciava a adesão a República e no estandarte figurava: "ORDEM E PROGRESSO". Mais uma vez a tradição se impunha e a Maçonaria vencia os pelagos atlânticos e instalava no Brasil o austero Tribunato, sob a guarda de legítimos mestres, eis que o governo de 89 estava assim constituido:

Chefe — Marechal Manoel Deodoro da Fonseca — Mestre Maçon.

Guerra — Tenente Coronel Benjamim Constant Botelho de Magalhães — Mestre Maçon.

Marinha — Comandante Eduardo Vandenkolk — Mestre Maçon.

Fazenda — Ruy Barbosa — Mestre Maçon.

Interior — Aristides da Silveira Lôbo — Mestre Maçon.

Justiça — Ruy Barbosa (interinamente) em seguida substituído por Manoel Ferraz Campos Sales — Mestre Maçon.

Agricultura — Demetrio Nunes Ribeiro — Mestre Maçon.

Relações Exteriores — Quintino Bocaiúva — Mestre Maçon.

Era o galardão que mais uma vez enaltecia os legítimos iniciados os únicos que podiam ter acesso à Tribuna, prêmio destinado aos que conheciam as leis do mundo material e espiritual.

Confiemos, meus irmãos, nada de pessimismo, o Brasil está preparado para ser uma grande comunidade de ideais de afetos, de memórias e de esperanças. Pelos maçons convictos, havemos de amparar a família que definha vez que sabemos que o jovem seu lar não tem ponto de apoio social; alimentaremos o brasileiro desamparado, a criança, esta vítima da especulação deshumana, porque não ignoramos que sem comer não é possível pensar nem ter acesso a evolução biológica, conseguiremos meios para uma educação condigna, adiantada ao nosso tempo, porque sem ela não poderá a mocidade ordenar as faculdades psíquicas. Compete a nós, maçons livres e de bons costumes, despertar os nossos mortos já que os vivos preferem adormercer, Reverenciamos, pois neste novembro primaveril aqueles idealistas republicanos que desejaram um Brasil livre e que forjaram uma Pátria sempre cheia de Paz que madura as coisas pequenas para deixá-las grandes e necessárias.

PALESTRA PROFERIDA PELO PROF. DR. ANTENOR DA SILVA PUPO, em Templo Maçônico desta Capital, em 30-04-60

Lamentamos os nossos mortos que partiram para o Oriente Eterno, mas, como a Maçonaria tem por norma a sobrevivência do espírito sobre a matéria, sabemos que eles não morreram, e, sim, como diz o provérbio oriental: "partiram primeiro". Sentimo-nos, muitas vezes, entristecidos e humilhados pelo despreso que o homem comum dá ao simbolismo do Eterno. O Brasil tem por símbolo o Eterno e o Infinito. O que é Eterno é imutável. Se algum dia o mundo tivesse que escolher um símbolo que representasse a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade universais, a mais verdadeira configuração simbólica já estaria impressa na Bandeira do Brasil! Se se abatesse sobre a atual civilização alguma catástrofe total de aniquilação, e só depois de milenios, viessem as novas gerações a pesquisar o passado longínquo e encontrassem a Bandeira do Brasil, encontrariam na linguagem de seus símbolos a decifração que há milênios teria existido um povo que já expressava no Eterno e no Imutável a tradução de seus sentimentos de fraternidade universal, buscada na fonte da HARMONIA CÓSMICA. E o que verificamos, meus Irmãos, neste infausto mês de Abril de tão tristes recordações para nós Maçons? Assistimos, perplexos e impotentes em nossos protestos sinceros, que não encontram éco na simbiose da ignorância e do barbarismo de um profanador qualquer. Vimos, alardeado em publicidade bombástica, um cidadão qualquer, um político "bossa nova", tirado à última hora do bolso de colete d'outro insano "bossa nova", por conluio de conterraneidade e vizinhança casual, em pose de lacaio de libre, tirar da lapela de seu paletó uma estrela de papel e pregá-la com um alfinete nesse símbolo sagra-

do nessa Bandeira de simbologia imutável, nessa Bandeira astronômica, como se fosse possível a um mortal, na demência de seu pensamento doentio, pregar, no Céu, mais uma estrela. O Céu que ali está representado é o Eterno e o Imutável, visto e levantado pelo insígne patrício TEIXEIRA MENDES, na noite de 15 de Novembro de 1889. Tudo ali tem significado Eterno. Todas as posições estão matemática e astronomicamente distribuidas. A riqueza da sua simbologia está na glória de sua imutabilidade!

Não lhe falta mais nada. Não tem lugar para mais nada. É universalmente completa. É cosmicamente simbólica.

O VERDE: O Verde expressa e representa o esforço do individualismo no concerto do conjunto. É a cor da individualidade esforçando-se pela evolução. Não é, tão somente, como se aprende em bancos escolares, a representação de nossas matas. O Verde é o "Prana" universal que se expressa na clorofila existente no planeta e sua individualidade é a exemplificação da vida vegetal, onde atua preponderantemente. O vegetal é o símbolo do ciclo evolutivo individual perfeito. A sua seiva é líquido, cuja água é o princípio vital do planeta e seu lenho produz fogo que transforma e purifica alquimicamente, nas indefenidas transformações do evoluir. Segundo o livro dos "Vedas", da Sabedoria Milenar da Índia, Agni, o Fogo, é neto das Águas, porque se obtém da madeira em que se acha a Água, sob a forma de seiva. O princípio de todo o mundo vegetal é a Água e com ele se relaciona a Lua. Em seu aspecto físico, a Água simboliza o elemento cósmico, o princípio universal, as "águas primordiais" sobre as quais boiava a Flor de Lotus do Espírito Criador. "Et Spiritus Dei Ferebatur Super Aquae". ("O Espírito de DEUS boiava sobre as águas") — Gênese — Cap. I, vers. 2.

O AMARELO: Não só representa, simplesmente, "o ouro de nossas minas". Vai além. Seu significado tem amplitude espiritual. Ele está encerrado em nossa Bandeira no losango áureo pitagórico. O amarelo é a vibração colorida mais elevada deste planeta, e, por isso, a maior força. É amor espiritual e Criador! É Sabedoria Divina e é o aspecto mais alto de Deus que somos capazes de compreender no presente. Por isso, os anjos, santos e querubins

de altas hierarquias espirituais são representados com uma auréola amarela em redor de sua cabeça. No Universo o AMARELO é a cor da Vida. É a expressão máxima da manifestação vital. É a cor da aurora matinal! É a cor do Sol. Um versículo do Atharva-Veda diz: "No princípio, as águas criaram um germe, do qual saiu um ovo em casca. O germe, nascido das águas, tomou o nome de Prag'apati ou Senhor da Geração, um dos qualificativos do deus Brahmann." Na cosmogonia bramânica, o ovo de Brahma corresponde, exatamente, ao Hiranyagarbka — germe de ouro — da cosmogonia védica. Na primeira concepção, o ovo áureo, sem dúvida, era o Sol, mas, a posteriori, fez um ovo cósmico desse ovo de ouro a surgir das águas. Imaginava-se o caos universal, a bipartir-se em céu e terra. Foi natural a idéia tenebroso e as trevas como o oceano. Das trevas sai a luz, do oceano surge o ovo. Da água mística, pela manhã, emerge AGNI e nele se esconde de noite. Esse mar se representa no céu nublado de onde o fogo — Agni — vem, ora sob a forma de luz, ora sob a forma de raio (dourado)" (Os Vedas — Raul F. Xavier). É a cor da alma querubinada. No plano material representa a riqueza, a realeza, o poder.

O AZUL: A cor azul representa todas as qualidades mentais superiores. Nas suas sub-correntes ou nuances, estão a literatura, a música, a arte, a educação superior, a organização, a ordem, a harmonia, etc. Ele representa o Céu. Define e exprime o Infinito. A esfera azul expressa o eterno e o indefinível; portanto, o sentido de que não é atributivo de nosso país alegar a quem serve. Simboliza a Igualdade — a Nivelação; a intercessão da haste vertical da cruz, A Evolução; com a Horizontal — a Nivelação. É o Nirvana Brahmânico, o Eterno Repouso.

O BRANCO: Representa a reunião harmônica e ordenada de todas as cores. A síntese vibratória da transmutação pela dinâmica, demonstrada no disco newtoniano. A faixa que liga o nosso sistema planetário na espiral da Via Látea a que o nosso pertence.

O CONJUNTO SIMÉTRICO

O QUADRADO: É o símbolo do Perfeito. Significa a Obra acabada. É o círculo contendo os mesmos 360.°, divi-

dido em 4 angulos retos de 90.°, representando os quatro elementos principais: a terra, o ar, a água e o fogo.

O LOSANGO: É o losango áureo pitagórico. É a amplitude do deslocamento simétrico do quadrado, inscrito na imutabilidade de seu significado. Seus ângulos somam também 360.°.

A ESFERA: Tem por sentido o simbolismo universal. Dado que o Universo é infinito, temos que a circunferência, como linha infinita, é, na representação geométrica, a figura ideal para representá-lo.

A FAIXA: Representa a Via Láctea a que pertence o nosso sistema planetário no concerto das miríades de vias lácteas com os seus inúmeros sistemas solares e planetários.

AS ESTRELAS: De significado profundo, a simbologia estelar, com o seu mais belo e místico interpretar, remonta a sabedoria milenar da mitologia iniciática. É nessa simbologia maravilhosa que buscavam os egípcios, os caldeus, os indús, os essênios, terapêutas, os druídas, os cabalistas de Israel, os persas e os assírios, e, antes destes, os sumérios — tem o significado da Vida Eterna em linguagem universal. É olhando os sóis, as estrelas, os planetas e os satélites que Galileu nos ensina que tudo, na matéria, se apresenta ao inverso. Aquilo que pensamos existir não tem existência real. A matéria nada mais é que energia condensada. O que existe realmente é aquilo que não vemos, que apenas supomos a sua existência. É a energia livre. O Mito é a única existência real no Eterno. É a criação do Pensamento Emanante. Dessa Energia Livre e que provem a Condensada. Desmitologar é destruir. A desmitologação é obra dos insanos. Dos que não tem apego, não tem tradição, não tem fé e não tem Deus. O conjunto estelar formado pela nossa significativa e bela Bandeira, representa o mapa astronômico de nosso Céu na noite de 15 de Novembro de 1889, conforme o Ilustre pratício TEIXEIRA MENDES.

A ESPIGA: A estrela Espiga, situada acima da faixa que representa a VIA LÁCTEA, significa a união Cósmica de nos-

so sistema com os demais sistemas interligados pelas diversas Vias Lácteas do mundo incomensurável; ALFA, BETA, DELTA, GAMA e IPSILON do nosso belo Cruzeiro do Sul; a exuberante PRÓCION; a brilhante SIRIUS; a bela CANOPUS; a vermelha ANTARES; Alfa, Beta e Ipsilon do Triângulo Austral; a extrema e cintilante SIGMA de OITANTE e as SETE ESTRELAS DO SIGNO DE ESCORPIÃO que dá o belo sentido de "serpentis" para significar o Símbolo da Vila; o lado positivo do magnetismo — o SOL — a Serpente Forte, e o lado negativo do magnetismo — a LUA — a Serpente Fraca, da Iniciação egípcia; a união espírito com a matéria, a Energia Livre e Criadora Emanente de Deus com a Energia Condensada. Ensina-nos a Sabedoria mitológica representada por esse Signo que, antes de o Verbo se fazer carne e habitar entre nós, uma Entidade — o Cuidado — criou uma imagem, um ídolo feito de barro, o mais perfeito à semelhança da idéia de Deus, mas, essa figura era inanimada e, por mais que o Cuidado se esforçava em dar-lhe Vida, não o conseguia. Deus, compadecido, enviou-lhe, então, uma Divindade que, soprando em suas narinas, deu movimento, deu Vida ao corpo feito pelo Cuidado. Logo que este se pôs a mover e a ter existência própria, surgiu entre o Cuidado e a Divindade a disputa de a quem pertencia o Ser animado. O Cuidado argumentou que lhe havia criado o Corpo e a Divindade disse que quem lhe tinha dado vida era ela; por isso, lhe pertencia. Quando o Ser já estava para ser destruido na voracidade da disputa dos dois litigantes, Deus se interpôs e estabeleceu que, enquanto o Espírito estivesse preso à matéria, o Ser pertenceria ao Cuidado e, quando o Espírito fosse libertado do Ser material feito pelo Cuidado, a Vida voltaria a pertencer à Divindade. É nesse conjunto maravilhoso que se encerra o significado imutável, intelegível, perpétuo e eterno de nossa Sagrada Bandeira! E, na sapiente interpretação dessa maravilhosa simbologia, não podemos compreender que esse profundo significado possa ser modificado, porque ele é infinito é eterno. Não podemos, por isso, concordar e nem admitir que, por contingencias administrativas eventuais e passageiras, possa haver influência na modificação desse significado. Uma estrela sem significado nenhum, uma estrela amorfa, uma estrela de papel, à

guisa de exibicionismo e rasgo publicitário, foi, no dia 21 de Abril de 1.960, pregada com alfinete nesse símbolo sagrado e imutável que é a Bandeira do Brasil, cujo gesto paripatético desse négrido cometimento incrimina quem o comete, desonra quem o permite e sacrileja a quem o inspira e ordena. Um indivíduo que assim procede só tem um bestial problema: prepotencia, sexo e estômago. Não tem espiritualidade. É desmitologado. Não tem respeito. Nunca olhou o Céu. Nunca interpretou e nem sentiu a força que expressa um símbolo. São a esses "bossas novas" corruptos que interessa ver um povo faminto e cego, porque assim é mais fácil de impor a força que aniquila, a canga que subjuga e a espada que mata.

Compete-nos combater a senvergonhice dos que modificam aquilo que é divino e imutável! É necessário que desmanchemos essa mistificação de barbarismo e ignorância. Os que vivem pedindo em nome de Deus, não querem um Deus; querem um sócio que só será lamentado na derrota e nunca lembrado na vitória. A síntese do saber está na elite das minorias. Precisamos começar a ensinar que, para milhões de mecânicos e físicos, existe um Galileu Galilei. Para milhares de cientistas e sábios, existe um Einstein. Para milhões de médicos e enfermeiros, existe um Fleming! Aquilo que há dois mil anos começou a ser ensinado por Jesus Cristo, o Amor, teve, sempre, em seus seguidores, um menor número. É o que Galileu Galilei demonstrava a seu discípulo Andréa quando, olhando Júpiter e seus satélites pela primeira vez ao telescópio, atonito perguntava: "E Deus onde está ? Está atrás de Júpiter? Atrás de seus satélites?" E, Galileu Galilei ensinava: "Não Deus está aqui e lá. Deus está em nós. Tanto está lá como está aqui." ELE é em AB INITIO o princípio imutável do TODO. Da mesma forma que nós não podemos olhar os nossos olhos, não podemos, também, ver DEUS, fisicamente!

"A PSEUDO INICIAÇÃO E A REVOLUÇÃO FRANCESA"

Ir'. PARACELSO, Loja 'CARDOSO JÚNIOR"
Or.'. da Capital

Diante das imperfeições humanas, os povos vivem, práticamente, em estado de rebelião crônica.

A habilidade dos demagogos consiste em ativar esse estado de rebelião para uma revolução concreta. A França do século XVIII, viveu essa transição do povo rebelado e revoltado. Há em verdade, momentos em que as contingências tornam efetivos os antagonismos sociais, quando a população sente que grande massa de povo vai produzindo mais do que consome, e que toda essa produção está centralizada numa minoria dominante — aristocracia clerical — que tudo consome, assenhoreando-se de propriedades, dos bens em geral sem nada produzir. Esse o tema daquela França da Revolução, tema eterno que desenha o panorama constante do pobre suarento diante da indiferença absurda e corrompida de nobres, bispos e toda uma gama de previlegiados, onde, nem faltam burocratas cívis, fardados e filósofos; todo um recheio inútil, que se aborrece no exagêro do luxo, que salienta a mediocridade das ações, detentores das fortunas, dos palácios e, sobretudo, dos vícios, esmerando-se em compôr as mentirosas paginas da história — essa reportagem desumana de ruínas batalhas, morticínios, reis, heróis, armistícios alianças etc.

A França do século XVIII, fêz mais uma vez atual um processo clássico de distribuição social e dissolução de privilégios, que, na história do Egito, num papiro velho de mais de quatro mil anos, traduzido por Erman descreve aquela vetusta antiguidade, já senil: "Vagabundos em ex-

cesso — nem se cultiva a terra e todos dizem não saber o que vai pelo país. Sujeira por toda a parte, ninguém possui as roupas limpas. A terra gira como um tôrno. Não resta mais homens. Ouro e pedras ornam o pescoço das escravas. Todos estão tristes. Todos gemem dizendo que seria melhor não ter nascido. Cidadãos se grudam às pedras dos moinhos. As damas são como as servas. Restos são roubados dos focinhos dos porcos, tanta é a fome. Escancaram se as intendências e roubam-se as listas ..... Os escribas e as atas são destruidas. Umas poucas pessoas sem sentido privaram o pais da Monarquia. O segrêdo do rei foi revelado. Os funcionários estão dispersos pelo país. Não há cargo que esteja no seu devido lugar, é como um rebanho espantado e sem pastores. Nenhum artista trabalha. Os mais são os que assassinam os menos. Quem nada tinha possui tesouros, é elogiado pelos grandes; quem do seu Deus nada sabia, hoje lhe oferece sacrifício com incenso do outro. A insolência se apoderou de todos os habitantes. Antes os homens se acabassem e não houvesse mais fecundação. Antes houvesse silêncio em toda a Terra e não houvesse mais luta ....."

Não encontrei páginas melhor para descrever a precariedade das relações humanas.

Pois era assim a França do século XVIII. Ninguém queria lutar, os sacerdotes diziam missas, recitavam sermões e não esqueciam as orações. Alguns dançam, caçam ou vão às águas; outros se deixam ir às guerras. Os govêrnos reinam. Mas quero crer que na França desse tempo, uma geração se dispôs a ouvir os filósofos, sem perceber que eles eram homens que pretendiam saber tudo de si mesmos ignorando totalmente seus semelhantes. Dentre as muitas fórmulas por eles propostas, figurava uma que se não era nova, agradou essa de substituir a tirania do clero católico por sarcedotes laicos. Velhas polêmicas se travaram, paixões adormecidas se acordaram, e a França conheceu mais uma revolução típicamente religiosa. Mais uma vez a Crença foi origem de um carnaval sangrento.

Eis porque, quando se balançaram os resultados da célebre revolução francesa, que pretendendo reformular e ampliar os conceitos de liberdade, igualdade e fraternidade,

deixou transparecer as manchas da mais cínica intolerância, com tanta efusão de sangue, só comparável com a fúria nazista. Eis porque um sacerdote, astuto e fingidamente ingênuo — como um bom jesuíta — logo em 1798, quando era vivo, ainda, o pasmo diante da miséria revolucionária antes mesmo que o juízo dos historiadores se manifestasse adianta-se e escreve 2.000 páginas que, editadas, deram um livro intitulado "memórias para servir de estudo ao Jacobinismo" livro que recebeu a autoria do Abade Barruel. Na referida obra, o abade Barruel, mostra-se constrangido em face da ferocidade sangrenta que assistiu contra o trono e o altar. Então a excluisiva preocupação do "santo Barruel" permanece, únicamente, na exaustiva pesquisa de descobrir os bárbaros autores desse "complot" horrível. Fêz-se cansativas buscas conventuais, e eis que, súbitamente, se esclarece, não há dúvida era uma solução genial: sómente uma organização podia estar à testa daqueles disparates anárquicos só a Maçonaria podia desenvolver tanta monstruosidade. Barruel retira debaixo da batina, entre muitas, frases como estas: "Nesta revolução francesa, tudo foi previsto, meditado constituido resolvido, estatuido; tudo foi fruto da perversidade pois que tudo foi preparado e conduzido por homens que sozinhos possuiam o fio das conspirações há muito tempo urdidas nas sociedades secretas".

E, nesse tom apresenta uma Maçonaria à sua moda, jesuítica, ultramontana, qual uma reles e medíocre carbonaria, subsidiária de soberanos estrangeiros, tais como Frederico II e Catarina II, com fim de exterminar o império francês. O interessante jesuita não deixa de salientar, de vez em quando, a frase que resultou famoso no antimaçonismo a da "Guerra ao Cristo e a seu culto, guerra aos reis e a todos os seus tronos".

Importa saber, que esse livro, teve notável repercursão. O Abade Barruel teve louvores por ter revelado tão sábio arejamento mental, embora não apresentasse a mínima prova ou documento que capacitasse alguém mais ajuizado de se aprofundar nos problemas históricos da Revolução Francesa. Então criou-se toda uma concepção absurda da Maçonaria, e o livro vale, por mostrar justamente, o

que ela não é; foi esse monte de sandices e calúnias que mostrou o avêsso das doutrinas iniciáticas, nele tudo se apresenta intencionalmente deformado, ao sabor de um plano que vem sendo elaborado nas retortas dos loyolas. Nada das milenárias provas eternas que proporcionaram a síntese dos ensinamentos primordiais que atuaram no erguimento da humanidade, nem de leve mostra que as doutrinas iniciáticas, possuem em germe tudo o que o homem pode ser e que, estando acima das religiões, implicando temas de intuição, faz o homem ir além da razão, única saída para que a humanidade pudesse prosseguir sem deixar de ser humanidade.

Apenas a preocupação de Barruel foi atualizar o surrado tema da Ordem: propiciar a heresia e o sacrilégio, tornando atual todas as cantilenas infames, que, séculos antes, levaram à fogueira os "Templários renegados". Nesse livro, transcreve o abade suas alucinações, é como se anunciasse o advento dessa nossa literautra negra, onde impera a deformação, onde nem faltam os castelos sinistros e misteriosos, onde duques e condes praticam o nudismo em rituais de naturismo e permitem a presença de mulheres, cenas de furores sexuais entre os adeptos. Aparece Saint-Germain chefiando tudo numa macabra festa de "Teósofos", apelido que o jesuíta arranjou para os responsáveis. Mais adiante, já nos primórdios de 1787, o abade prossegue em seu delírio, dizendo que surge a Maçonaria, agora assulando a plebe, aliciando criminosos e vagabundos para em unisono, clamarem: "A morte para o traidor". Dai surge, enorme, o Grande Oriente que ordena aos veneráveis que se armem dos seus punhais para a execução do planejado, sem deixarem de se abastecer da água profana que passou a ser o veneno oficial da Maçonaria, no cérebro desse jesuita hilariante.

Mas, se o padre Barruel demonstra uma ignorância intencional, ela tinha sedimento, era o resultado de uma fonte degenerada, seu cérebro não podia inventar tanto, pois nem era gênio para criar uma literatura tão saborosa pelo ineditismo. O padre se limitou a reportar um fenômeno de secretismo que, em 1776, surgiu na Alemanha, de um professor de direito canônico da Universindade de Ingols-

tadt, chamado Adam Weishaupt. Do egocentrismo do canônico, surgiu o que se conhece por seiva dos Iluminados, que de fato mesmo sem conteúdo objetivo, iria mudar o ambiente europeu e até mundial.

Convém apreciar de relance a evolução dos Iluminados de Weishaupt, que não se distancia muito dos processos ainda recentes de hitlerismo, assim que os primeiros adeptos aparecem, de início, entre alunos e amigos. Aparece logo Xavier Zwack e mais o abade Hertel que era eclesiástico em Munich.

Hertel jura matar reis e sacerdotes, nem deixa de surgir um médico mentecapto, o Dr. Baader, e era preciso um financiador: o conde Savioli e mais o comerciante Troponero. Estava pronta a equipe e, consolidada a existência dos Iluminados. Um pouco de ostentação, e a seita se espraia. Adquire novas celebridades; vem a adesão do Barão de Bassus, e o Barão de Constanza, que, por razões especialíssimas, foi endeusado como o modelo de virtudes humanas, a seguir desembarcam o conde Papenhein, o Magistrado Lang e o secretário Geiser, mais o barão Schroeckenstein. Nesse tempo a seita já está instalada em Munich numa biblioteca (no século XX a instalação será menos condigna, pois ficará adstrita numa cervejaria).

O proselitismo conquista os jesuitas da Universidade, a Baviera conhece os primeiros sacerdotes "sagazes e convenientes". Começam a aparecer principes e conselheiros, guindados aos cargos mais salientes. Weishaupt passa a misturar o dinheiro da sua Igreja com o do Estado, para poder prosseguir o plano de estrangular sacerdotes e derrubar tronos. Pignatel, historiador maçônico, exclama: "Weishaupt era um humorista".

Os iluminados prosperam, possuem cinco lojas em Munich, mais quatro pela Alemanha, uma em Viena e outra em Tirol. A Itália comparece com a sua. Os irmãos se denominam 'irmãos insinuantes". Weishaupt domina a Universidade, é educador e moralista, faz profecias.

Prevê e Provê, graças a uma irmandade de delatores. Organiza um fichário, onde cataloga todas as autoridades

administrativas das cidades, registrando seus vícios, costumes e ambições. Compõe canções e escreve manifestos. Inventa segredos que todos desejam possuir, constrói um templo que principia pela fachada, estrutura graus. Possui areopagos. É tal a sua notoriedade que ingressa na franco-maçonaria, e aqui graças ao seu oportunismo, percebe a importância do terreno que tem pela frente, aconselha que seus adeptos se transformem em maçons. Foi tal a degeneração da Maçonaria, com o acréscimo dos Iluminados que em 1783 a Grande Loja de Berlim resolve excluir através de circulares, expulsando do seu seio todas as lojas que adotaram o iluminismo, profanando a Maçonaria. Era a manifestação de uma tardia reação contra os eternos inimigos da Maçonaria, contra os irregulares permanentes que se acobertam com o eventual da decência, para corromper as coisas puras.

Se Weishaupt tinha idéias, embora medíocres, faltava alguém prático, o que foi satisfeito com a aquisição do Barão de Knigge, o qual no congresso maçonico de Wilhemsbad, notando que os maçons presentes, nem sabem o que desejam, que mostram remotíssimos fins políticos irrealizáveis, apenas deixando entrever uma possível crença de um destino, diante de tais fatos que mostravam uma destituição completa de convicções, fácil se tornou para Knigge dominar o congresso, provando que o Iluminismo possuia verdades e mistérios, falando com eloqüência, de graus e conquistas, desenvolvendo uma tremenda retórica do idealismo, deixou embasbacados os pobres e ingênuos maçons que nunca pensaram em investigar, nem porque eram maçons. Eram, simplesmente, humanos a procura de um líder, facílimo foi, então, para Knigge, a aprovação da sua idéia, de tornar possível o ingresso de todos os maçons dos três primeiros graus, nas mais variadas obediências. Então percebemos que foi esse barão Knigge o charlatão responsável por essa crise que perdura; estava semeando o germe da deturpação, era o ingresso da quantidade dominadora da seleção criteriosa e vocacional das iniciações. O Iluminismo ganhando os Templos, corrompeu os graus primitivos da Maçonaria, foi o jesuitismo que entrou, definitivamente, na Ordem. Os iluminados da Baviera, os adep-

tos de Weishaupt, foram admirados com miras de sagrado, tornou-se moda, e atraiu nobres e professores e toda uma mediocridade de intelectuais e, sobretudo, aristocratas que mal traiam a hipocrisia do desejo, das vantagens e do acesso fácil ao poder. Foi tal a inundação de profanos que Weishaupt e seus areopagos se estontearam era o enxurro das falsas iniciações.

Foi então que, um célebre iniciado chamado Böde, tenta reunir uma minoria restante de maçons, apelando para a observância dos mistérios, para a antigüidade da Ordem, pedindo lealdade dos irmãos. Porém tudo fracassou, porque as autoridades governamentais, já se tinham capacitado dos funestos planos anárquicos do iluminismo. As polícias estavam cientes de que tudo era um sadismo manifesto, o iluminismo era um plano de corrupção. Justamente é um jesuita chamado Lang, membro da loja de Munich, que entrega à polícia da Baviera os planos comprometedores. Não se esperou pelas medidas punitivas contra aqueles precursores dos baderneiros atuais.

Mas, por qualquer forma, o Imperador e os príncipes ligados a Maçonaria houveram por bem não intervir. Weishaupt e Zwack desaparecem da cena, então tudo se passa absurdamente, pois que os iluminados se transformam, instantaneamente, de inimigos públicos em pacíficos membros de sociedades literárias (Lanternismo). Surge a imprensa venal, com jornalistas industriados, e tudo se destina ao antimonarquismo. A atuação das sociedades literárias através a imprensa, vai modelar, facilmente, a opinião pública, enquanto as sociedades secretas instruem aos seus adeptos. Começa a etapa da revolução violenta. Perseguido na Alemanha o iluminismo vai se instalar na França. No congresso de Wilhemsbad os franceses ficaram contaminados pelo iluminismo, o prefeito de Strasbourg chamado Dietrich é um exemplo, pois celebrizou-se num quadro em que ele figura ouvindo Rouget de l'Isle cantando a Marselhesa, em pose de opereta. Mirabeau, indo a Berlim em missão diplomática volta "iluminado" e da mesma forma que os seus adeptos da Baviera, se convence que os maçons franceses estavam tremendamente adormecidos, totalmente imbecilizados.

Foi fácil também a Mirabeau disseminar o iluminismo, fez seu apostolado na sociedade dos Filaletas, e para explicar a nova doutrina falava como um "patife sonoro"; no dizer de um comentarista. A deformação iniciática chega ao auge quando se insinuou que o iluminismo era a mesma coisa que a Maçonaria de Swedemborg, que sendo mais filosófica era menos política. Era a primitiva tese do Böde que ia agora iluminizar a França. Foi o iluminismo a idéia que predominou na Maçonaria Francesa, foi essa filosofia fracassada na Alemanha que sustentou a Revolução na França.

Mas tentando resumir, nesta palestra, direi que, segundo Lantoine, ao se constituir o Terceiro Estado, entre 605 deputados 405 eram apelidados Maçons. Naturalmente houve uma campanha eleitoral que não foi diferente de todas as manobras eleitoreiras. Foi preciso muito dinheiro, que saiu da caixinha do duque de Orleans, então Grão-Mestre do Grande Oriente, que estava bem guarnecido por destacados banqueiros. É Pignatel que, melancolicamente, salienta: "Podemos afirmar que o povo não escolheu seus deputados entre os administradores capazes, competentes ou profissionais experimentados, tudo aconteceu como ainda hoje, uma multidão de advogados e de médicos — como se os governados, nada mais tivessem em suas vidas que fazer processos e tomar remédios, o povo votou naqueles eleitos que foram assoprados em seus ouvidos, isto foi a usina envenenada, da idéia de Weishaupt; a loja, a sociedade literária, o círculo.

Ainda para me resguardar da malícia dos boasventuras zelosos e iluminados contemporâneos, que permanecem nas atuais lojas maçônicas, clamando por dinamização, e perseveram em fazer da Maçonaria um partido político, que já falam até numa liga eleitoral maçônica; e são como os herdeiros daqueles iluminazados da Baviera, quero descrever, sumariamente, o ambiente que predominava na Maçonaria francesa quando mal se delineava a brutalidade e a insânia, quando se mandava matar para não ser morto. Quero apenas mostrar de relance como funcionava essa carbonária, que o padre Barruel bem instruido pelo ultramontanismo, insiste em chamar Maçonaria, como se não

bastasse sua presença milenária no planeta para significar estabilidade, e que só sobrevivem as sociedades realmente iniciáticas, porque elas se alicerçam nos ideais de justiça e fraternidade efetivas, que determinam a supremacia do espírito humano sobre as coisas, se a Maçonaria perdura é porque se fundamenta solidamente em colunas visíveis e invisíveis, nessa perenidade cíclica do ideal para o real, perseverando nessa harmonia que eleva o que e profano e vulgar porque sabe que a animalidade instintiva dos homens concretos destrói o que é grande. Maçonaria patrocinadora de iniciados autênticos, os que acreditam que até as verdades devem ser disseminadas.

Vejamos pois, essa horda de iluminados que povoaram as lojas do século XVIII. É de se notar que nos regimentos é onde havia o maior número delas, havendo até casos de uma loja em cada dois regimentos. Na arma de artilharia, já que essa arma era considerada como privilégio de cientistas e filósofos, era onde se ajustava melhor o tal iluminismo. Era de ver soldados, graduados, oficiais se afinizarem numa igualdade teórica, era uma virtuosidade exibicionista que resultava em glória para o duque de Orleans, o infeliz Grão-Mestre.

Nas lojas civis, que eram antros de ignorância e oportunismo — no dizer de Barruel — era aí que os sublimes maçons tramavam crimes, tudo se resumia em alegres reuniões, com ruidosas baterias e banquetes povoados de brindes generosos.

Eram apenas homens convertidos em filósofos, que nem sabiam exatamente o que pretendiam, nem de leve suspeitavam que as **tiranias não se derrubam porque elas simplesmente se suicidam,** ou que as sociedades são agregados humanos, logo é preciso construir os homens. Então os boletins saídos das sociedades literárias falavam muito em Gigantes da revolução, mas, nas memórias de Mme. Roland, achamos uma curiosa passagem: "A França estava como esgotada de homens; é de fato uma coisa surpreendente, a sua falta nessa revolução, só tem havido pigmeus". Ora, nesse estado de pigmeus, os homens estavam reduzidos ao barbarismo da animalidade, restringindo qualquer freio social, então aderem rapidamente aos delírios tre-

mendos da multidão. Mas vejamos algo sobre o Grande Oriente: ali reinava o duque de Orleans, assessorado por clérigos e nobres, mais escritores, de mistura de advogados e burgueses ambiciosos. Tudo se resume em festins, a loja onde ele trabalha está instalada no seu palácio de Mousseaux; quando os acontecimentos se exasperam ele se desloca para Estrasburg e dali para Brest. Todas as lojas celebram festivamente qualquer acontecimento na sua família: nascimentos, curas de doenças dos seus parentes. Cria dentro da sua Maçonaria, um clube político que se destina orientar as lojas nos seus planos de sucessão; tudo se resumia em conspirar contra a monarquia; os salões elegantes de Paris são focos anti Luiz XVI, Mme. Necker e sua filha, baroneza de Stael-Holstein, recolhem altos senhores e famosos filósofos. O duque é da mesma opinião da Sociedade Filantrópica. Na loja do Contrato Social ele foi entronizado venerável com os magos das finanças, mais o marquês de Lafayette e o barão de Stael. Lafayette rompe com o Grão-Mestre por causa de uma bela dama, retira-se e funda uma maçonaria própria, sob inspiração de Mesmer, o mago do magnetismo, loja que se denominou **Sociedade da Harmonia,** financiado pelo banqueiro Kormann; dissemina sua cisão pelas grandes cidades francesas, chega o seu rito a mesma culminância do Grande Oriente. É esse, meus irmãos, em linhas gerais o ambiente iluminizado que dominava o ambiente revolucionário na França do século XVIII. Esse o ambiente que bastou ao padre Barruel para escrever seu livro, que deu tanta projeção revolucionária à Maçonaria, e que ela ainda hoje não se redimiu das calúnias e deformações, pela vulgaridade dos demagogos iluminizados, que nem foi carbonária e nem secreta; foi apenas um ajuntamento de humoristas que foram surpreendidos diante da guilhotina. Vejamos ainda a declaração do duque de Orleans feita em fevereiro de 1793, no segundo ano da república francesa: "Entrei para a franc-maçonaria, que é como a imagem da igualdade, numa época em que não se podia prever esta revolução do mesmo modo que entrei no parlamento que é a imagem da liberdade. Porém depois abandonei estes fantasmas pela realidade". Em agosto do mesmo ano o Grande Oriente comunicava o afastamento do Grão-Mestre. Em dezembro de 1793, a guilhotina

derrubava a cabeça do duque de Orleans, o Grão Mestre demissionário.

Esse foi o resultado dos que confundem iniciação em conversão, dos que não distinguem maçonaria de partido político, dos que não reconheceram a humildade da ascese iniciática e preferem mais as glórias da praça pública, dos que não se conformam com o silêncio dos Templos onde se constroem os indivíduos e preferem o calor das multidões, do reino quantidade. Nietzche resume profeticamente tudo que se pode dizer a este respeito e eu reverencio nesta oportunidade sua memória, porque revela todo um ensinamento iniciático e, com estas linhas, encerro esta palestra: "Onde começa a praça pública, começa também o rumor dos grandes comediantes e o zumbido das moscas venenosas. O comediante acredita no que produz grandes efeitos, no que obriga as pessoas a acreditar nele próprio. Amanhã ele terá nova fé e depois de amanhã uma fé ainda mais nova. Tudo o que é grande passa-se longe da praça pública e da glória".

Ergamos pois, meus irmãos, o verdadeiro Templo da Fraternidade, a Luz ainda permanece ignorada aguardando os Verdadeiros Mestres.

SÃO JOÃO E A MAÇONARIA

Ir.'. PARACELSO, Loja "CARDOSO JÚNIOR", Or.'. da Capital.

O assunto que vamos tratar é por demais interessante e cheio de atração.

É certo que não podemos no simples curso deste trabalho esgotá-lo. Entretanto, vamos tentar, rapidamente, bosquejar um pálido quadro, uma simples aquarela, apenas esboçada sem o colorido necessário, para dar o esboço a outro mais substancioso no futuro, procurando mais prestar um esclarecimento ao espírito dos aprendizes que se esforçam por captar a interpretação dos símbolos maçônicos tão caros às nossas tradições.

A festa desta noite constitui, na sua essência um símbolo vivo. Pode parecer que cultua um santo porém, para os iniciados esse culto não se presta a uma figura ou a uma imagem, mas à representação de uma idéia. É preciso entender que os símbolos têm a mesma antigüidade do homem e que representam os primeiros reflexos da inteligência. Por intermédio deles formularam-se as primeiras idéias que foram corporificadas na mente.

Os símbolos maçônicos derivam-se da simbologia primitiva e tiveram aplicação desde a mais remota antigüidade na arte de construir.

Infelizmente empalideceram, estão quase extintos de maneira que é preciso revigorar o estudo da tradição maçônica para que possamos adquirir uma forma espiritual mais elevada, tendo por objeto o conhecimento do mundo e o aperfeiçoamento do homem.

Desde já queremos deixar, à guisa de informação, principalmente aos que nos acusam de usarmos indevidamente os Santos da Igreja Católica, lembrando-lhes que no ano de 420 da nossa era, TEODORETO, bispo do Tiro, respondeu a um interlocutor que advogava a teoria da transubstanciação: "Ficastes preso aos mesmos fios que tecestes, pois, a natureza dos símbolos místicos não munda, em absoluto depois da consagração uma vez que prossegue tendo sua primeira substância figura e forma".

Queremos, também, fazê-los recordar que o maçon hermético PERNETTI, o Beneditino, nos esclarece a respeito dos símbolos da seguinte maneira: "Os sacerdotes da antigüidade pagã explicavam ao povo os hieroglifos e as alegorias segundo a letra e, aos iniciados, segundo o sentido. O povo se contentava com o exterior, e, por este motivo, eles contavam que tudo havia sido instituído para dar graças a Deus. Para o povo o símbolo era coisa significada, de maneira que ele adorava a figura em vez da realidade. Quantos simplórios nossos, sentem mais veneração pela figura de São Roque e por seu cachorro que pelo próprio Deus".

Ficam assim alertados; os que assim nos criticam, incorrem em erros profundos e que esses abusos e superstições disseminados ainda por sacerdotes fazem com que a crença nos símbolos, nas figuras ou imagens, possuam, a mesma virtude, idêntico poder sobrenatural, sejam as mesmas faculdades conservadoras ou benéficas que possuem o objeto divino figurado ou simbolizado.

Se um dia for possível terminar com esse absurdo desaparecerão **todas as conseqüências funestas, e a Verdade aparecerá em todas as religiões.**

Que significa, para os maçons, Loja de São João?

Esta pergunta é fundamental, embora todos os aprendizes tenham que utilizar esforços pessoais para entender, para responder. Vamos procurar facilitar a resposta diminuindo um pouco as dificuldades do caminho áspero, e num esforço de memória retornar aos tempos distantes, para explicar o porquê dos primeiros dias festivos quando a

alegria dos homens ou mesmo a tristeza se manifestavam em determinadas datas.

Isso se observa principalmente entre as populações agrícolas e desde então os estudiosos verificaram que aqueles acontecimentos procuravam dizer do reconhecimento das multidões ao Grande Arquiteto, pelos bens auferidos.

Os obreiros de todas as épocas antigas ou recentes, destinavam certos instantes do ano ao agradecimento; então entregavam-se a uma alegria coletiva, cessando todo o trabalho e executando o ritual de respeito e veneração, homenageando a Natureza. Os astros — o Sol principalmente — presidiam as cerimônias. Os astros é que mostravam os dias de prazer e determinavam as comemorações.

O aparecimento do Sol nos pontos cardeais é que marcava as grandes datas. As estações do ano eram iniciadas com grande júbilo.

As homenagens ao Sol eram efusivas por ocasião dos solstícios e dos equinócios.

O Sol inundava os povos de alegria na Primavera porque eles acreditavam no renascimento do Astro Rei que até então parecia morto, aprisionado, decretado aos infernos nos tempos que permanecia no hemisfério meridional. O Sol era simbolizado em Hércules no solstício de verão e, então, ele apresentava o máximo da força e do poder e as festas deste solstício eram um suceder de jogos públicos.

No equinócio do outono parecia que o Sol descambava no hemisfério superior, para o desconhecido, para o insondável, e, nesta queda, vai como que reagindo contra a adversidade que terminava por apagar o esplendor de sua luminosidade.

Esse equinócio era bem a representação da morte do Sol e a alma do povo, ficava triste, os cantos eram tristes, as cerimônias eram tristes e tudo parecia dizer que o Sol estava extinto ou que estava aprisionado no fundo dos infernos.

No solstício do inverno iniciava-se uma fase de consolação, e os homens angustiados começavam a ter uma es-

perança. Era a promessa da Luz, era a Natureza em festa e a fartura povoava os sonhos; os cantos eram alegres e a alegria retornava a Terra.

O Sol era a salvação e a liberdade, seu culto sempre foi universal e sempre foi comemorado em todas as instituições.

Embora ignorassem a duração do movimento solar, nunca se enganaram no estabelecimento ordenado das estações. Ragon disse que os povos antigos possuíam o gênio alegórico e simbólico, por isso que os sábios da antigüidade velavam suas aulas com emblemas e enígmas tornando-as procuradas e conservadas com mais entusiasmo.

Os símbolos e as alegorias tornavam as verdades profundas em coisas simples.

O incompreensível, ficava visível e palpável, o que era sem vida ganhava corpo, o que era sem forma ganhava personalidade.

As histórias uniam a Natureza e o homem a lembrança dos símbolos facilitava a retentiva da memória.

O linguajar dos povos primitivos era povoado de palavras simbólicas, de provérbios e mitos que ainda podemos conhecer quando estudamos o zodíaco através dos seus símbolos ou quando interpretamos as festividades cristãs, verificamos como aquelas mesmas festas, ainda são prestigiadas embora com nomes diferentes, mas possuindo para o iniciado o mesmo significado.

Para os maçons são designadas por festas solsticiais ou festas de São João, solenidade que a Maçonaria promove nos solstícios do verão, e do inverno.

Nos solstícios, umas são dedicadas ao reconhecimento, e outras, dedicadas à esperança.

A Maçonaria Simbólica e primitiva, considera São João seu patrôno. É sob a proteção de João Batista e João Evangelista que a Ordem, anualmente, festeja com o nome de festas de São João.

São João Batista preside o solstício do verão, e João Evan-

gelista, advoga o solstício do inverno. Essas festas remontam-se às primitivas iniciações, quando os mistérios eram praticados em rituais cheios de pompa e grandiosidade às margens do Nilo, Fliso e do Tigre.

Os solstícios marcam fases antagônicas em que a Natureza apresenta contrastes, os quais determinaram a todos os cultos e religiões, múltiplas alegrias.

A Maçonaria tem por objetivo ilustrar todas as classes sociais razão pela qual resumiu o quadro dos fenômenos solares nos seus Templos ou Lojas.

No interior da Loja vemos o Sol a Lua e a abóboda celeste recamada de estrêlas.

Da mesma forma que a Luz vem do Oriente do Mundo, nas Lojas maçônicas onde se unem os esforços mais elevados e mais notáveis que elevam a inteligência do Homem, convertem-se em focos de Luz, ou melhor, transformam-se em orientes isolados.

Desta maneira, nos Templos Maçônicos, os solstícios estão representados pelas Colunas que simbolizam no Ocidente e na porta de entrada a marcha aparente do Sol nos 12 meses do ano, símbolo, também, dos 12 trabalhos de Hércules, cujas viagens têm por limites duas Colunas semelhantes.

As festas solstíciais caracterizam-se na Maçonaria, por cerimônias especiais. Geralmente em Sessão Magna são empossadas as Grandes Dignidades e os Veneráveis, o que deve ser de estrita observância na Maçonaria Regular do Universo, e esta magnitude é feita em obediência a um conceito que é o fundamento da Doutrina Maçônica — A TRADIÇÃO — que é por si a origem de todas as crenças.

Em busca das fontes originais desta tradição que, hoje cultuamos, estamos nos avizinhando do nascedouro da água cristalina e pura que refresca os sedentos da Verdade. Sempre as águas das nascentes são límpidas.

Da mesma maneira que a água espiritual a proporção que vai se espraiando pelas planícies do pensamento, não pode ficar livre das contaminações oriundas dos egoísmos

e dos erros da Natureza Humana, semelhante à terra pútrida os rios que a serpenteiam pelos campos, vão se poluindo.

A TRADIÇÃO é a perpetuação de um ato é uma conseqüência do tempo e de um povo. Os espíritos incultos não conseguem realizar uma tradição porque não entendem que no correr do tempo e por culpa de sua indolência mental, os símbolos tornam-se obscurecidos e sem a tradição, compete aos iniciados analizar a eloqüência de uma tradição e a excelência de uma atitude Humana.

As relações Humanas são norteadas por formas ritualísticas, razão pela qual o ritual deve ser respeitado.

A vida é uma história simbólica, só a vulgaridade pode estingüir o Rito. Mas, entre os vulgares pode surgir alguém que apele para a lembrança, desperte a memória, e, faça rivever os símbolos. O que esta civilização tem de beleza e de sabedoria, deve-o exclusivamente, ao esfôrço das gerações passadas.

Podemos definir civilização como manifestação do conflito entre a lembrança de sua evolução anterior que persiste no homem, e as idéias espirituais que tendem ao esquecimento.

É preciso ficar entendido que, atualmente, existe uma verdade que é o respeito à personalidade humana e, quem não reconhecê-la, pode se considerar em estado selvagem.

Lecont de Nouy dedicou aos vulgares umas linhas que eu me permito transcrever: esses homens limitaram-se a aprender uma porção de frases, de gestos e de maneiras, capazes de iludir, à primeira vista, mas nada compreenderam ainda. Para ele a dignidade humana é destituída de sentido. No fundo não diferem muito desses chipanzés vestidos de acadêmicos, agaloados e de bicórnio que bebem e comem à mesa fumam e andam de bicicleta. De certo que os homens são mais hábeis que os chipanzés; há entre eles, sábios, médicos, banqueiros, comerciantes, artístas; mas sob o ponto de vista moral nem sempre são superiores ao macaco, que não percebendo bem o que é um acadêmico, terá sempre tendência em pegar o copo com o pé".

Tradição é reflexo da verdade na inteligência huma-

na, por isso entre os maçons existe uma TRADIÇÃO JOANÍTICA".

Joan, no hebreu, quer dizer Graça Divina; é portanto, um símbolo universal que incute a idéia do iniciado na verdadeira luz; representa, ainda, todos os iniciados que formam os anéis de uma corrente contínua que se iniciou com o tempo e só consumirá com o tempo, transportando de elo em elo a TRADIÇÃO DA VERDADE.

A TRADIÇÃO JOANÍTICA é impessoal e, se une, num determinado momento, com JANO, aquela divindade romana que trazia nas mãos as chaves dos mistérios que abriam as portas da iniciação.

No desenrolar dessa cadeia mística acrescentaremos mais um elo — é o EANUS — o Deus Fenício que lembrava o Tempo, que queria dizer: O que caminha eternamente" e era simbolizado por um dragão que morde a cauda, dando a entender a seqüência do ano e da eternidade que mais tarde se resumiu num círculo.

Semelhante a TANO, o OAN dos babilônios, depois o YOANES hebreu O OANES, YOANES, EAN, JUAN e JANO, constituem uma continuidade mística da acentuação simbólica.

O Deus babilônico tinha duas cabeças. Uma delas de homem e a outra de peixe, e, ter-seia originado do Mar Vermelho, trazendo consigo o ôvo primitivo que continha todos os germens.

As duas cabeças representavam o tempo que destruia indiferentemente na terra e na água; o ôvo representava os benefícios que produz a civilização.

Os antigos imaginavam o Sol se extingüindo no Mar.

O OANES saindo do Mar Vermelho é símbolo extraordinário que nos lembra o Egito, fonte cultural da Grécia, manando das suas águas à Caldéia, fazendo Ragon afirmar: "Quem não reconhece em OANES o protetor das nações civilizadas, habitantes do mar desde a entrada do Sol até sua saída a YOANES — o precursor, a São João com suas vestes, seu Cordeiro, suas doutrinas, suas Iniciações, seu

Jordão e seu Batismo". E, prosseguindo, ainda, Ragon: "IHAHO, o Jeovah dos Israelitas é uma palavra que significa tempo e Sol da mesma forma que EAN quer dizer "eu caminho", representando o presente, o passado e o futuro, revela ao mesmo tempo o nome oculto do Eterno de seu derivado JTAN — que significa em hebreu GRAÇA DIVINA.

Acredita-se que Baco se chamava JANUS e pertencia à ordem sacerdotal de OANNES.

Os sacerdotes do Egito se chamavam CHOANNES que queria dizer eleitos. OANNES abrevia-se para OAN para significar Sol entre os egípcios. Supõe-se que foi a palavra pronunciada por Moisés nos ouvidos do Faraó que ao som da mesma perdeu os sentidos fazendo com que os magos egípcios pensassem que Moisés fosse Baco.

Na disposição dos Apóstolos o primeiro Santo invocado é JOÃO ou JUAN, que se assemelha a JANO da Mitologia.

Jano iniciava o ano romano, e o nosso JOÃO EVANGELISTA, aproxima-se do ano novo.

O mês que abre o ano que é porta dos 365 dias anuais está representado por JANO (JANUÁRIO, JANEIRO).

JANO é o porteiro; possui as chaves que abre as portas do dia.

Consideravam os povos primitivos JOÃO EVANGELISTA não por causa do Evangelho ou boa nova, mas porque era portador do Evangelho que era considerado a história do EVAN ou OANNES.

EVAN é o deus Baco e era o grito das bacantes (EVOE BACHI).

O JANO Romano tinha duas faces, uma juvenil para dizer do ano entrante, a outra de um velho para contar do ano moribundo.

Para nós, sendo JANO o símbolo do Sol, os dois rostos nos lembram os Santos Solsticiais JOÃO BATISTA e JOÃO EVANGELISTA ao mesmo tempo que nos faz lembrar a frase do Evangelista: "É necessário que ele cresça e que eu diminua".

O JANO romano era portador das chaves do passado e do futuro, tinha na mão direita o número 3 e, na esquerda, o número 65 emblema dos dias do ano. As festividades nominadas em Roma chamavam-se JANUAL e eram realizadas em primeiro de janeiro.

Nesse dia se homenageava a JANO com oferendas, e essas festas ainda perduram universalmente, como pálida lembrança daqueles costumes. Entendemos que JANO é um dos primeiros objetos que simbolizou a introdução de Santos da Roma Antiga, essa Roma abjeta que simbolizou um culto novo, depois cresceu como uma peste alimentada pelos rostos desfigurados do paganismo até chegar a este proselitismo incensado por fanáticos sem piedade que modificaram uma religião de vida naquela inquisição, símbolo da morte, da perseguição e do ódio.

Resumindo podemos considerar o São João como símbolo do Messias, do Sol Messias.

JOÃO na Maçonaria é a luz nos pontos solsticiais é o símbolo do progresso. Embora não se apresente mais hoje com duas cabeças, conserva, ainda, o caráter da duplicidade JOÃO BATISTA do solstício do verão ou PRECURSOR e o JOÃO EVANGELISTA do solstício do inverno. Um representa a fraternidade humana e o outro é o símbolo da nova lei.

Na antigüidade o nome JANO é invocado sempre como protetor do início de todos os trabalhos humanos, razão pela qual os construtores primitivos, principalmente, os da antiga Roma, pediam o seu amparo.

A tradição Universal unificou JANO e JOÃO, sendo este o iniciado, a própria origem iniciatica, fonte primeira das idéias fraternais.

As duas faces de JANO, a dupla figura de JOÃO, confunde-se, hoje, com que centralizando o reconhecimento do passado, e a esperança do futuro.

Portanto. Loja de São João, é uma expressão simbólica utilizada em todas as reuniões de iniciados, homens espiritualmente elevados, verdadeiros Mestres da Sabedoria.

SÃO FRANCISCO E O MISTÉRIO

— PARACELSO —
ao Alceu Schwab

(um roteiro pessoal para seguir outro roteiro)

"Não ser como aqueles falsos crentes, funâmbulos da cruz, eternos profanos que, apenas se aproximam do Cristo no Natal e assim mesmo para comerem a palha do presépio".

O incrível não pertence mais a este mundo, foi abandonado, relegado ao Museu das antigüidades. Os veneráveis sonhos dos pitagóricos e dos alquimistas, transformaram-se em realidades, mais se o homem do século colocou um pé na lua e o outro no cosmos, ele permanece firme com um encantador poder de transmutações.

Sim, nossa época ouve ao redor duas palavras mágicas: ciência e técnica, melhor dizendo ciências e técnicas no plural, pois, nossas descobertas e invenções, as mais notáveis, decorrem de uma ordem de pesquisas próprias e de esforço especializado.

Do lado materialista nossa ocupação do universo e nossos amplos conhecimentos situam-se de maneira dispersa. Sonda-se em profundidade a psicologia e avançamos nos meandros do Cosmos, investiga-se os tecidos cancerosos e lançam-se máquinas teleguiadas. Pólos dispersos, mobilização intelectual, útil, necessária, aparentemente sem um elo unitivo.

Mas, ainda perdura a filosofia, ela permanece ainda "ciência das ciências".

O homem não é somente dispersão, ele ainda é espí-

rito e coesão. Há em cada um de nós, individualmente, uma unidade de pensamento perdurante qual exigência, mais compreendida no momento que nossa unidade material se decompõe. Opondo-se à fragmentação acentuada cada dia pelo mundo ambiente, nós resistimos com todo nosso espírito para uma síntece de nossas intuições interiores, pois, desejamos compreender o mundo na totalidade, por cima e além das técnicas e especializações. Este conhecimento puro, é o que tradicionalmente, alguns raros homens chamam de "Ciência Sagrada". Abrangendo amplamente toda a ordem do saber humano e supra-humano, ela utiliza, em resumo, o Esoterismo por doutrina e o Simbolismo por técnica. O Esoterismo existe em todos os tempos, está aderido no seio de todas as culturas foi contemporâneo de Manu, de Osiris de Buda, de Hermes, de Jesus ou de Maomé. Está sob a acácia do mundo de Hiran ou permanece inscrito no alto da Cruz gravado com letras de fogo I.N.R.I.; floresce com a rosa de Cristian Rosenkreutz, enfim a ciência sagrada é a chave da abóbada, abre todas as portas, desde as mais humildes trancas até a porta única da realidade quinta essencial. Comparada com a textura quase metafísica da matéria primordial, o sábio moderno não está distanciado do pesquisador cabalista de antanho ou dos filósofos herméticos. Apenas ele está situado numa especialização profana, o que o obriga a permanecer no grau de inferioridade na escala do conhecimento absoluto. Diferença, comparável a aquela que existia entre o que os hermetistas designavam o Ergon, ou realização do Eu, e o Darergom, ou realização da obra exterior ao reconhecimento do Ser. Toda essa linhagem tradicional, permite situá-las no Esoterismo, se bem que esta palavra, traga uma constante querela, o que nos leva atualmente, no afan de descobrir causas, ver traços de Esoterismo onde ele não existe ou mesmo nem está aparente, criando uma espécie de esoteromania, originando confusões.

Ele é algo murado, fechado ao comum dos mortais, as multidões. Seu domínio pertence aos raros privilegiados, situa-se num mundo particular e misterioso. Assim, que no decorrer do tempo tudo é que é misterioso é logo rotulado como Esoterismo, portanto, confunde-se freqüentemente

com magia ou ocultismo, aliás, de certa maneira a magia, e o ocultismo, brotam em linha reta do Esoterismo tradicional, são prolongamentos possíveis mas não obrigatórios. Utilizam os mesmos símbolos. Mas, é na maneira de utilizar e viver o símbolo que está a diferença. No verdadeiro adepto o símbolo permanece com nutrição espiritual necessária à iluminação interior; no magista e no ocultista ele surge como arma terrível, um instrumento de dominação. Em síntese, o adepto luta para interiorizar o símbolo, enquanto o mágico extrovertido, usa todas as suas forças para se projetar na imagem ou nas palavras simbólicas. Porém, no caso do misticismo a situação é outra. Não há obediência e nenhuma lei, não requer iniciação prévia, ele se encontra com o Esoterismo pelo alto, sem ter pedido nada; é da religiosidade inicial que ele extrai sua substância, sua força e sua inspiração. É uma via autêntica e admirável, a mais rápida, porém, a menos intelectual e a menos voluntária. A iluminação mística é dada jamais é adquirida. Neste caminho é Deus que escolhe o homem, não é o homem que opta para Deus, é o cerne no interior dos seus mistérios.

Francisco, filho de Pedro Bernardoni e de D. Pica de Bourlemont. Tradições estranhas, fazem desse nascimento uma predestinação. Uma especial, revela ser Francisco um ser Cristico — teria ele nascido num estábulo entre um jumento e um boi. Esse mesmo estábulo, seria transformado posteriormente, na capela de São Francisco il Picolo. Mas, vamos à expansão da luz interior, seremos breves. Inicialmente Francisco adoece, foi possuído de cansaço físico e mental permanece assim, semanas e lentamente vai se desligando de todas as vaidades que tanto gostava. Dizer do diagnóstico, não nos interessa. Melhor citar Boaventura: "Achou-se submetido a longos sofrimentos, através dos quais o Senhor preparou sua alma para corresponder à graça do espírito". O biógrafo Celano, completa este momento, após a doença; "nada daquilo que faz as alegrias dos olhos conseguia atraí-lo". Adiante, outro acontecimento já refeito e saudável, parte para Espoleto e adoece novamente, guarda o leito, tudo incerto; ouve então uma Voz áspera, perguntando onde ia. Logo após, uma pergunta: "Quem te pode fazer o melhor bem: o Senhor ou o Servo?"

É o Senhor, responde Francisco. E a Voz, continuou: porque então deixa o Senhor pelo Servo? Agora o jovem compreendeu que falava, era a mesma voz que derrubou Saulo no caminho de Damasco: Igual a Saulo, pergunta ele angustiado: "Senhor, que quereis que eu faça? e a resposta foi; "Volte a tua pátria e lá saberás o que deves fazer". Volta Assis, renúncia total. Aguarda a tarefa, espera o comando do Mestre. Enquanto espera, evita o mundo e suas pompas e aviva-se no cuidado dos pobres. Um dia surge o anúncio: "Francisco, tudo quanto amaste e desejaste possuir segundo a tua carne, deves agora odiar e desprezar se queres conhecer a minha vontade". Ora, o momento se ofereceu imediatamente. Logo ao sair de Assis encontra o supremo horror que até então conhecera, um leproso. Apeia-se da-lhe uma moeda, e segurando a mão gangrenada que se lhe estende, beija-a com ternura Sente-se possuído de um sentimento afetivo e expande sua intimidade com Deus. Daí por diante, os leprosos conheceram cuidados e afetividade — passaram a existir. Mas, foi na encantadora Igrejinha de São Damião, quase um quilômetro distante de Assis, situada entre oliveiras que estava reservado, o acontecimento máximo, Francisco orava diante de um crucifixo bizantino: "Senhor, suplico-vos me iluminais e dissipeis as trevas da minha alma". Ouviu-se então a resposta suave: "Francisco, restaura a minha casa que desmorona".

Iluminado, vai a loja paterna. O pai estava ausente, amealhou várias peças de tecido e dirige-se ao mercado de Foligno, vendeu os tecidos e mais a montaria. Volta a São Damião, entrega o dinheiro ao velho sacerdote administrador do santuário a fim de iniciar a restauração. Desconfiado o sacerdote recusa. Francisco deixa o dinheiro num canto com desdem e insiste em residir com o ancião. Mas, o Bernardone, ao regressar a Assis, ciente do roubo se enfureceu; reune parentes e amigos, chega a São Damião, à caça do filho desnaturado ladrão indigno. Francisco refugia-se numa caverna e ali passa um mês em oração, jejum e lágrimas. Mais tarde, sai a procura dos perseguidores. Assis o recebe com vaias e pedradas. Pedro Bernardone prende-o, aconselha-o a abandonar seus projetos. Viaja novamente e a mãe liberta o seu Francisco que regressa a São Damião. Mais tarde nova cena. O pai quer en-

cerrar o problema anômalo, apresentar queixa aos consuleses. Citado, Francisco compareceu e declarou-se a serviço de Deus e enviaram-no ao tribunal do Bispo. Francisco, intimado a restituir o dinheiro, responde com o gesto sublime: Afim de nada conservar da herança paterna, retira, despoja-se das próprias vestes atirando-as aos pés do pai, na eloqüência da sua nudez dirige-se aos presentes em solene linguagem: "Escutai-me todos e compreendei. Até agora, chamei a Pedro Bernardone, meu pai. Agora posso dizer: Pai Nosso, que estais nos céus". O Bispo, adota-o e cobre Francisco com seu manto. A cena da nudez é o dos momentos de perplexidade do cinema. Esmerou-se na grandeza talvez, jamais conseguirá tamanho realismo. Agora é a fase em que Francisco está totalmente a serviço da Igreja, obedece a crítica. Envergando o hábito de Eremita restaura o santuário, termina a São Damião, restaura em seguida a de São Pedro. Logo mais levanta as paredes de Santa Maria dos Anjos, capelinha distante 1 légua de Assis, tão pequena que todos a chamavam de "Porciuncula". Foi ali nessa Porciuncula, que em 24 de fevereiro de 1209, dia de São Mathias, que Francisco realizou-se espiritualmente. Ele ajudava a missa. O Evangelho do dia se reportava a Jesus, enviando aos apóstolos, levar a boa nova: "ide e pregai, dizendo: está próximo o reino dos céus ... não leveis à cintura ouro, nem prata, nem dinheiro, nem alforje, para o caminho, nem duas túnicas, nem sandálias, nem bordão: porque o operário é digno de seu sustento. Francisco gritou: "eis o que eu quero". Desfaz-se dos sapatos, abandonou o bordão, trocou o cinto por uma corda o manto por um capuz de lã, imitando os Campo neses do seu tempo. Era o CAVALEIRO DO EVAN GELHO. Agora sabia, não era a Igreja de pedra que a Voz lhe ordenara a construir, mas o corpo místico de Cristo dispersado pelo ódio, vivo e indiferença. Apóstolo, ia agora render testemunho de Cristo. Fiz esta modesta revisão por fidelidade histórica, vez que a técnica da imagem não pretende uma seqüência, está fiel a mensagem, tem algo a mostrar e é neste tema que me pareceu melhor o artista Franco Zefirelli, quando ao final deixou claro o emaranhado problema que viveu a Igreja no século XII. Não me preocupa tanto o fato São Francisco, mas as

conseqüências. Assim que todo o roteiro do cinema é centralizar e revelar a enorme lealdade a que estava reduzido o já milenário apostolado cristão. Para compreensão daquele momento dramático da cristandade, para mais valorizar a arte do cinema com seu poder de gravar na atitude de mostrar que estamos perdendo a nossa vida, que nos falta a potência de espírito superior para salvar todos de um cáos iminente. Então, no quadro final, temos que detalharam pouco sobre Inocêncio III, chamado o reformador. Vejamos pois, o que acontecia na noite de 8 de janeiro de 1.198, quando faleceu o Papa Celestino III e o conclave do Sacro Colégio escolheu um substituto recaindo essa opção no mais jovem de seus membros. É Lotário de Segni, iria se chamar Inocencio III, demonstrava inteligência e energia, tinha algo de meditativo, revelando certa inquietação. Estudante na Universidade de Paris, depois na de Colonia, discípulo de Uguccio de Piza, possuia bases clássicas e jurídicas, jovem nos trinta anos, quando seu tio Clemente III o fez cardeal-diácono, e com trinta e oito ingressava na Sé Apostólica, onde permaneceria durante 18 anos (1216) Teve seus dissabores, tanto que nas visões de Santa Ludgarda foi visto no purgatório cumprindo penitência até o juizo final Os seus atos políticos obscureceram as vezes as intenções cristãs de seu pensamento. O seu pontificado é um dos mais notáveis da história cristã. Conseguiu afastar o Imperador da Itália, exerceu tutela na Sicilia, atuou na Inglaterra, dispôs da coroa germanica, fiscalizou a Hungria, Aragão e Castella, retornou as cruzadas abateu a heresia pela violência das armas. Isto basta para mostrar seu caráter intransigente, soube manejar os meios temporais convergindo para uma finalidade: A Glória da Igreja, esteve sempre atento a sua Grandeza e Soberania. Os relatos nos contam que possuia certa brutalidade vaidosa.

Aqui só podemos lembrar, que o espírito sopra onde ele quer e as línguas de fogo do Pentecostes se põem sobre as cabeças designadas por Deus. Ao menos teoricamente, nenhuma pesquisa especial, nenhum conhecimento particular nem mesmo o ascetismo e a fé, figuram nas condições absolutas do extase místico. O caminho de Damasco pode estar revestido de péssimas intenções, o milagre da

graça continua sempre possível. A iluminação do espírito humano diante do mistério cósmico é o aspecto fundamental da gnose esotérica. Estas considerações me foram proporcionadas pelas imagens magistralmente seriadas do filme "Irmão Sol Irmã Lua", oportunamente apresentado nesta cidade. Talvez o título, não se recomenda, seria melhor afrontar destemidamente, apresentando: "A Vida de São Francisco de Assis — O Santo do Amor". Talvez estejamos nos aproximando de um destino mais consciente do cinema; foi com "entusiasmo e perplexidade que os privilegiados assistiram as cenas iluminadas pelo sol da Umbria, a terra de eleição. Cenas reais, cativantes, na terra de luminosidade áurea. Já a paisagem da Umbria no explendro da fotografia exprime paz, paz tão útil a penetrar a totalidade do ser, despertando em todos uma pátria interior imaginária. Assis, no flanco do Monte Subario, no vale de Chiasco. Assis, com suas portas, roelas, a imagem completa da cidade medieval, os dias centenários não extinguiram sua rude simplicidade nem a pobreza amparada pela ação do Poverello. Assis, ainda está mostrando, mesmo na imagem, a doçura dos gestos de São Francisco. O gigante do espírito, tudo impregnado do seu nome, nada, nenhuma pedra nem a paisagem, deixa de testemunhá-lo. As árvores, os pássaros, as fontes, reveladoras da paz da natureza nos levam na magia da filmagem, à legítima paz de Deus. Pureza cósmica aderida a pureza divina, ninguém mais se desliga da imagem, e o mistério brota da paisagem Umbrica, nem se poderia imaginar outra região, outra pátria para Santo trovador, é ali que o Mestre do cinema conseguiu juntar a ternura, a graça e natureza, tão plena a unidade, que o assistente viu aflorar em si talvez a alegria serafica, e quase todos choravam. O milagre do cinema conseguiu despertar o sentimento nostálgico, mais ainda, trouxe a consciência, a noção do espaço sagrado: "por mais variados e diversamente elaborados que possam ser os espaços sagrados, todos eles tem um traço comum; resta sempre uma atmosfera definida que torna possível, sob as formas mais variadas, a comunhão na sacralidade". Em Assis, nasceu em 23 de setembro de 1182.

Quando sua autoridade era ameaçada, respondia aos

seus adversários apodando-os de "asno fétido" ou "porco a chafurdar no lodo", o que não era uma forma muito pontificia de falar. Sabemos que as grandes qualidades de ação correspondem a gestos violentos. Mas não ignoramos possuir esse homem, apesar de combatido, um estranho pendor para a caridade, uma sincera amizade aos pobres, aos cativos doentes, uma piedade mística, provada nas obras de São Bernardo, de Hugo de São Vitor, e de São Pedro Damião. Havia humildade na figura deste homem situado na altura histórica da Igreja Medieval. Agiu para a glória de Deus. Conheceu o problema da Cristandade, por isso, afirmou a idéia reformista. De a muito, condenava esses Bispos que não gritavam bem alto a verdade da Palavra; "cães mudos incapazes de ladrarem". Suas bulas nos contam da sua vontade de destruir velhos erros, simonia e o nicolaismo. Numa delas, recomendou ao clero a dignidade do trajar, ameaçou com toda indignação aqueles que se entregassem a embriaguez, criticou com veemência os padres irresponsáveis que desprovidos de vocação se exibiam armados. Proibiu o exibicionismo na corte pontificia. Inocencio III, foi um obstinado. Foram inúmeras as reformas que impôs. Exemplo: afastou da Curia Romana os nobres arrivistas que circulavam em massa; os elaboradores de bulas falsas, e os funcionários venais. Recrutou bispos com garantes canônicos de idade e sabedoria. Repetia-lhes sempre o que aconselhou a um bispo de Leódio: "Aquele que a quem incumbe o serviço das almas deve brilhar pelo exemplo e pela ciência como um facho". Em Nórvico da Inglaterra, em Guiezno, da Polônia e na Dinamarca censurou severamente os padres incontinentes, e combateu a acumulação de benefícios e o gosto pelo lucro. Soube usar a ação pessoal ao extremo. Antes da morte encontrou sua consagração no quarto Concílio de Latrão, XII ecumênico em 1215, reunindo então quatrocentos e doze bispos, 800 abades e inúmeros embaixadores e foi o apogeu do seu pontificado. Mas a reforma moral dominou os trabalhos. Definiu-se o ideal do Clero, criou-se um mestre de teologia para instruir os jovens. Compreendeu a necessidade de retornar ao Evangelho, retorno que se devia fazer por novas vias dinamizou os meios da Igreja manter contacto com a massa humana, por isso apoiou premonstratenses, porque, esses clé-

rigos regrantes possuiam as mais elevadas virtudes, continuavam a ser os homens das paróquias. Anima os religiosos, a levar a caridade além do claustro; assim foi com a ordem do Espírito Santo, a qual, originariamente modesta, tornou-se internacional, com vários ramos, e, formada em 1213. Em 1198, São João de Malta, fundou a admirável ordem dos Trinitários cuja missão era tirar do Islão, os cristãos escravizados. Na Lombardia, agrupam-se todos para se santificarem, padres, religiosos, leigos, tecelões, comerciantes, todos se comprometem no exercício da caridade e a viver na castidade e na pobreza e a tal ponto atuaram que foram confundidos esse Humilhados, com os heréticos, mas Inocencio III, compreendendo o gesto os reconheceu em 1201. Entre os Valdenses e Cataros, alguns desejaram voltar a Igreja apenas pensavam praticar os hábitos anteriores continuar na pregação para elevar moralmente a sociedade. Inocencio III viu neles boa vontade, acolheu-os os prelados se alarmam mas o Papa doa-lhes um estudo e eles se chamaram Os Pobres em Cristo, dirigidos por Durand de Huesca. Foi início do apostolado leigo. Inocencio III foi além, reformulou os métodos de luta contra as heresias, criando novos métodos de pregação, mais próximos do povo. Imaginou homens possuidos de fé exemplar, plenos de ideal evangélico, alheios aos bens do mundo, prontos para chegarem aos humildes com as mãos abertas repetindo as palavras do Amor e da Verdade. Escolheu os discípulos do contemplativo São Bernardo, os Monges de Cister, os Monges brancos e para eles ditou a notável bula de 19 de novembro de 1206, onde mandou escolher, "homens experimentados que, imitando a pobreza, de Cristo, o grande pobre, não receassem ir com um humilde vestuário ao encontro dos hereges, para, com ajuda de Deus, arrancarem ao erro, servindo-se para isso do seu exemplo e da persuação das suas palavras". Mas, Cister já não era a mesma de São Bernardo. A Ordem possuia agora costumes estáticos e rotineiros; o ideal da pobreza não tinha mais lugar ali, como no século anterior. O Papa esmoreceu no seu afã, e com raras exceções não houve participações. Mas, a nobreza dos sentimentos Papal estava semeada. A Providência iria responder a sinceridade ao apelo, no exato momento de Inocencio III gravar a sua bula profética, crescia no âma-

go da comunidade cristã os homens a quem pertenceria nesse momento crucial da história a missão de levedar mais uma vez a massa cristã. Surgiam as ordens mendicantes, e foi o mérito do excelente Papa teocrata, ter apoiado este Santo, que iria recolocar na Igreja o princípio, da renúncia, SÃO FRANCISCO DE ASSIS. E foi no dia 16 de abril de 1210, que Inocencio III viu na audiência a mais frágil das criaturas. Vestido à moda dos camponeses do tempo, trazia o cinto era uma corda e os pés nus dentro de sandálias. Vinha de Assis, povoado da Umbria, rodeado por 12 companheiros tão indigentes como o guia doze discipulos eram os apóstolos que iriam expor ao Papa suas idéias apostolares. Inocêncio pensou: "mais um...". Não fora a recomendação do Bispo Guido de Assis e a influência do cardeal João Colonna e jamais o Poverello conheceria aquele diálogo, coroamento de sua destinação. Aqui volto, ao cinema no cenário grandioso eloqüente mágico no multi-colorido, pois o artista tornou-se realmente superado no poder sintético; ali estava no luxo, na ostentação, no exibicionismo, a anti-igreja, bem avaliada a assembléia filmada, exprime na imagem a resignação de Inocencio III: Justamente reune-se no cenário todo o charlatanismo, a hipocrisia, afim de salientar o que estava sendo condenado, reformado, cada especimem é um erro um vício, uma deturpação; em suma, os personagens apenas aparentam, nada de humildade nem caridade nem ao menos castidade. Nem podem ser exemplos, a cena foi estruturada para causar apreensão e escândalo. O mundo que São Francisco desafia é bem o da felonia, do lucro e da violência. Diante das futilidades, dos europeus está o Santo da Paz e do Amor. Inocêncio III conhecia bem a face da honestidade, viu de relance que o humilde Umbrio não se confundia com esses falsos profetas que medravam no tempo e ajudavam as dioceses e argumentavam com o evangelho contra a Igreja e nunca se sabia ao certo do que se tratava, se Valdenses, ou Patarinos. Francisco de Assis, começa a falar com satisfação, pleno de confiança com a certeza que está cumprindo as mais importantes das missões. Falava com ingênua eloqüência, fluiam as imagens poéticas, que tocavam a sensibilidade; era uma fonte crística. O Pontífice sentiu-se invadido de uma angústia desconhecida enquanto se exultava

Na noite anterior tivera um sonho, que correspondia aos seus propósitos, via a Basílica de Latrão, tempo básico de Igreja desmoronando, mais, surgia um homem enviado por Cristo que apoiava-se contra as paredes vacilantes, impedindo a ruína. Era um ser débil, face ascética olhos congestionados, usando a túnica do campo imagem perfeita exata, daquele que se achava ali mesmo na sua frente. Está face ao julgamento, não havia mais dúvida, o eremita débil conquistou a estima em São Francisco não residia a vaidade, não expunha uma teoria impraticável, nem defendia uma nova ordem. Citava três frases somente, aquelas do Evangelho: "Para servir a Cristo basta abandonar todos os bens (Matheus XIX, 21) aquela outra, em que é ordenado as testemunhas da sua Palavra que partam pelas estradas sem ouro e sem túnica, sem alforge e sem bordão (Lucas, IX, 3 e por fim, o coroamento da eloqüência eterna: "todo aquele que quiser seguir-me, renuncie a si mesmo e tome a sua cruz". (Mateus XVI, 24). Inocêncio III sentiu a presença da Providência, que superava qualquer espectativa; ali estava um mensageiro do Grande Pobre, esperado por ele. Quebrou-se o silêncio, e o Papa exclamava: "na verdade, é por meio deste homem piedoso e santo que a Igreja será restabelecida nas suas bases". Aproximou-se do "poverello" e falou ao grupo dos discípulos, dizendo: "Ide com Deus, meus irmãos, e pregai a penitência segundo a inspiração do Senhor. E, quando o Todo Poderoso vos tiver feito crescer, voltai junto de mim e eu vos concederei então mais do que hoje". O modesto grupo dos "penitentes de Assis", transformou-se em Ordem, a Ordem dos Irmãos Menores, nome que mais adiante, seis anos após, Francisco a denominaria com este espetáculo; gravou-se a mais importante página no livro, no qual a história registra os acontecimentos da Igreja. Aí está o cinema italiano, dando um exemplo de transmissão construtiva, mostrando na tela, um quadro admirável no colorido mágico que jamais a visão do homem contemplou. É mesmo a imagem condensada. revelando o mistério e a grandeza desses tempos, quando a moral, não valia mais do que a nossa, mas que, a energia, a força de um espírito possui algo de expontâneo e criativo.

O SIMBOLISMO AGRÍCOLA E O NATAL

Ir.'. PARACELSO

Ao Ir.'. Amon-Ra que soube ouvir a poesia dos nossos Símbolos, aprimorou-se na Tolerância, sem se tornar conivente nem passivo e vai disseminando compreensão e fraternidade.

Ao aproximar-se o Natal, lembrei-me do Ir.'. Aknaton, especialista emérito da floricultura, pois num certo dia já distante ele sugeriu-me esse tema, o do simbolismo vegetal.

Vou tentar desenvolvê-lo agora, quando se avizinha uma comemoração tipicamente tradicional, onde todos os povos se dispõem a adornar seus lares, concentrando-se na Árvore simbólica, feita intermediária entre esta permanente realidade de míseros decaídos e uma outra possível feita da desejada esperança, realidade que nos acompanha desde um tempo imemorial e está impressa na polaridade simbolizada nos mitos antagônicos de Prometeu e de Epimeteu.

De antemão sei das dificuldades à enfrentar, especialmente no limite extremo de espaço de "AMIZADE". Decidi-me, porém, a desafiá-las, porque sei existirem muitos Aknatons sequiosos da compreensão dos símbolos, eles sabem que a ordenação do mundo futuro depende não das contradições absurdas do presente, mas decorre dessa disposição corajosa de interpretar com perfeição o passado a fim de estabelecer a previsão do futuro. Sabem da presença do ontem do berço e do amanhã do túmulo.

A agricultura é uma atividade que acompanha o homem no tempo, ela faz o sobreviver. Tanto isto é verdade que o Livro Sagrado descreve o paraiso bíblico a maneira de um jardim cultivado sem esforço pelo primeiro homem, o homem adâmico, sem preocupações de vestuário ou de abrigo. O cristianismo, todo eivado de parábolas, referenda essa primitividade da agricultura e demonstra que ela imperou antes mesmo das profissões hábeis da edificação das casas ou dos templos. É pois significativo e demonstra ao mesmo tempo o desejo de retorno ao estado paradisíaco, o trecho evangélico impregnado de singeleza, onde Cristo na sua primeira aparição a Madalena toma a aparência de jardineiro.

Mas, se a agricultura foi uma atividade ancestral, a idéia de construção extraiu seu modelo arquetípico do ato divino da Criação do Mundo. Foi no modelo do Arquiteto que a Maçonaria evocou Deus, só por isso os símbolos vegetais foram sendo omitidos. Convenhamos, entretanto, que a matéria prima das primeiras construções foram obtidas da madeira sendo então o vegetal diretamente ligado simbolicamente ao protótipo da Árvore. Esse fato é representado na Maçonaria Simbólica onde a "Árvore Cósmica" está presente na Escada, a qual figura com destaque nos paineis das Lojas ou, ainda, no fio do prumo" que representa o eixo unitivo de todas as cosmologias sagradas ligando o Céu à Terra.

É certo na análise superficial que o aprendiz note apenas o domínio do aspecto mineral, desde o momento do seu primeiro trabalho da Pedra Bruta, mas se perseverar um pouco na interpretação dos símbolos, ele irá saindo lentamente dessa densidade material e verá o reino se sustilizando, ganhando em leveza e vida e logo notará, então, a transição da pedra para a vida, ao ascender na escada iniciática verá os instrumentos adaptados ao trabalho vegetal, conhecerá o machado, a resa mística e a espiga de trigo. Conhecerá a Acácia. A Acácia sempre encurvada sobre os sepulcros esquecidos, faz surgir em nós a Religião da Vida, vegetal que desafia a canícula e a aridez, vegetal que é apenas vida, quando no deserto só existe a morte. Quando tudo estiver perdido, a fé extinta, perdida a espe-

rança, o ramo de ouro dos iniciados faz ressurgir as convicções antigas e refaz o discernimento tornando tudo compreensivo. Foi esse vegetal que fez reaparecer o cadáver do Mestre, o símbolo da sobrevivência de um passado materialmente extinto, nada totalmente perdido e nós teremos sempre a oportunidade de redescobrir a Palavra Perdida enquanto cumprimos os ritos evocatórios.

Perceber que há uma arquitetura da vida e outra da morte é compreender que existe o mundo mineral estático e outro orgânico evoluido, arquitetos em contemplação e arquitetos em transformação.

Mas se olharmos o passado, especulando, ficamos logo cientes de que os símbolos vegetais tiveram mais evidência. Se nos fixarmos, por exemplo, nos ritos pitagóricos veremos o machado feito símbolo magno, mais tarde iria ter o mesmo valor entre as corporações dos carbonários e dos carpinteiros. Entre os essênios a enxada e o enxó, tiveram foros simbólicos.

Entre os pitagóricos o "enxó" revestiu-se de grandeza simbólica, sentiram mesmo nesse instrumento o **Logos** ou melhor viram na **Ascia** (instrumento misto de enxada, alvião e enxó) a identidade de Hermes de Cylene. Pois se esse instrumento era útil para desbastar e polir a madeira por analogia servia também para desbastar e polir os instintos, as paixões e os sentidos. Notemos que na palavra **Ascia** está a raiz semântica de ascése.

Qual o significado da letra Y "ipsilon" o símbolo de reconhecimento tão apreciado pelos discípulos de Pitagoras?

Esse símbolo evocava a ascia e o triângulo. Na idade média esse mesmo símbolo, o Y, mostraria as polaridades afins ao julgamento final de todos os humanos. Havia neste símbolo a correlação com a "Árvore dos vivos e dos mortos" simil daquela "Árvore do bem e do mal", na qual o tronco representa a árvore da vida, pois na sua verticalidade mostrava o Cristo.

Apolônio de Tiana (Dario Vellozo), descreve esse símbolo, herdado das mais vetustas tradições gregas nestes dois sonetos, plenos das iniciações helênicas:

A LETRA "Y" PITAGÓRICA

No limiar do Templo o candidato
A letra de Pitágoras ouvia...
E da letra o sentido refletia
Símbolo austero de solene ato.

Motiva em seu silêncio. Com recato,
Da consciência as luzes inquiria;
E, após deliberar, a dextra erguia.
A porta percutindo, intemerato.

Interpretava o enigma da existência,
O porquê dos destinos, o mistério
Que envolve o berço e sudariza a tumba.

Subia os belvederes da ciência.
Quebrava a algema que dos sentidos chumba.
a alma exilada do país sidéreo.

O tronco forte (Iod) da Terra o sumo
Bebendo, e abrindo em V os galhos rijos:
O do acaso: recurvo aos prejuízos;
O de leste: apontando excelso rumo.

Do zenite sobre V dardeja a prumo.
O Sol... E o tronco, em sombra os imprecisos
Tons da dúvida assume... Os altos visos
Dos galhos mais se afastam... Que resumo.

Dos caminhos da vida o postulante
Na Árvore de Santos vê? Que abecedário?
Que linguagem? Que Símbolo?, Distante.

O ipsilon desenha-se no espaço...
Abre, é Templo das Musas, teu regaço,
Indica ao Peregrino o itinerário!

"Que resumo" diz bem o vate. Apolônio gravou duas colunas na eternidade. Que exemplar meditação para todos os irmãos conscientes da realidade maçônica. Que meditação justa para a noite de Natal diante do "Pinheirinho".

Sabemos que qualquer símbolo deve ser olhado com emoção. Assim observada, a Árvore apresenta-nos, casca e medula, uma modesta observação nos dá notícia apenas da superfície, do aspecto exterior seria errôneo também, nos fixarmos somente na medula, pois o que é interno continuará interno e não se deixa exteriorisar. O centro jamais se opõe ao plano que o circunda. O centro está no princípio e origina os planos múltiplos. Mas, se ele se fizer no círculo deixa de ser centro, por isso; "o dia deve instruir o dia e a noite é conhecida pela noite" Ps. (XIX, XVIII, 3).

Mas as formas geométricas ao mostrar a Ordem real, permite-nos intuir uma concepção meta-física. Então a Árvore feito símbolo é um ponto situado entre o homem e a doutrina Divina; um mensageiro intelectivo central assim o murmúrio seria um mediador entre o som e o pensamento. Pureza de conhecimento e pureza de espírito se equivalem. Nunca deve existir oposições, mas complementarismo na Unidade. Eis que o apóstolo Paulo anotava, não existem três corpos, mas um só corpo, anímico e espiritual, daí que, afirmar a unidade do corpo não implica na negação do espírito. A árvore é uma, seus ramos e folhas se agitam ao sopro do ar. A médula está nela, é coração, silêncio e suco vital. Meditemos um pouco mais e sentimos logo que, mais importante, mais essencial que a médula e seiva é a semente, o germem oculto, situado na espiga ou no fruto, mas possuidor de todas as potências exteriores e interiores ainda não percebidas pelos sentidos.

Toda a árvore está resumida na semente. Assim também todo o Livro Sagrado está contido e centrado no Verbo Primordial. O Cosmos se submete ao comando do G. A. Por isso toda a Ordem Tradicional está centralizada na Palavra Sagrada do G. A. O nome do Eterno deve permanecer no coração e fazê-lo germinar e crescer qual uma semente, unir seus membros esparsos por meio de uma partícula espiritual transformada no alimento dos iniciados.

A árvore lembra a seiva. Atentemos que a raiz latina de seiva e Sapa que por sua vez nos lembra o vinho, e o Saber — sapere e a Sabedoria — sapientia. No próprio

judaismo, vinho e mistério são sinônimos, por isso o Evangelho comparou e encarnação do Espírito no dia de Pentecostes, quando os apóstolos receberam o dom das línguas, — a uma embriaguês de vinho doce.

E o que dizer da Rosa heraldica de cinco pétalas, já que estamos falando da simbologia vegetal? Aqui ainda se revigora o gênio pitagórico quando extraiu do "Y" (ipsilon), a inicial de Hermes o significado do Logos. O número cinco nos fala do significado do "casamento espiritual". Os gnósticos cristãos encontravam nesta letra o símbolo completo da encarnação. O número cinco possuia a "quintessência" tão procurada pelos alquimistas. Neste símbolo está toda a ansiosa busca da Vida entendida como plenitude unitária das essências.

A Rosa-Gnóstica é — essência — substância — figurativamente representada no número 32, a quintessência ou quinta potência, querendo exprimir o centro da manifestação, o mediador natural entre o que é Real e Eterno e o que é aparente e transitório; corresponde a Porta do Santuário, residência do Real e onde o aparente "é o fruto em sua estação" aderido a Árvore da Vida. Esse simbolismo culmina na representação da Cruz, que por sua vez representa o limite e o clima da realidade cósmica feito forma e Ser do homem, é a estrada da vida é cruzamento de Espaço e Tempo o momento de cada circunstância. A Cruz é então o Santuário da realidade, o estágio da Eterna Presença, a senda da Plenitude e da Perfeição. É a passagem estreita que conduz ao Reino, pois situa-se no centro, na própria concentração da mente e nas variadas faculdades do ser ao passo que a periferia, é a porta larga das facilidades que apresenta a perdição, é a dispersão de todos os esforços que tornam a alma inquieta e afastada da Unidade Divina ou do estado edênico, por isso permanece no sofrimento e na desordem.

É necessário sempre afinar a ponta de uma linha quando pretendemos passá-la pelo orifício de uma agulha, será impossível esta manobra se a ponta desse fio estiver esgarçada ou franjada isto é, dispersa — esse é o camelo da citação evangélica — daí ser difícil ao rico que está

disperso nos vários problemas exteriores, entrar no Reino. Portanto é imperioso sair da dispersão dos instintos, dos sentimentos e dos desejos e permanecer concentrado no essencial e no real se quisermos ter a Paz e a Felicidade.

Então qualquer Vida ou ser externo é um Santuário — é semelhante a Rosa na Cruz, desde que exista uma disposição interior de elevação e reverência. Daí resulta essa dicotomia entre o estado profâno que edifica um Santuário externo e nele situa Deus, que passa ser um meio para encontrar a Verdade e o estado de iniciado que está ciente de um único Deus em espírito e Verdade em si mesmo, no Santuário íntimo, ele é o que procura o centro, na intercessão mesmo da Cruz.

O Iniciado está na mesma situação de Jesus, está destinado a conhecer o Mistério da Cruz, mira a todo instante o altar de Deus em todos os momentos da Vida, olha ainda o Santuário em qualquer homem ou ser, recusa se dispersar na imperfeição das pedras que se superpõem no exterior, o Iniciado se fixa em algo situado interiormente e que tem a força de erguê-lo e torná-lo igual a sua imagem e semelhança.

Essa reflexão nos leva a reconhecer a Cruz o símbolo mesmo da Árvore Edênica, ou seja a passagem entre o Mundo Transcedente (eônico dos gnósticos), presença que corresponde ao Éden que significa "base ou fundação", horto ou jardim plantado por Deus no oriente (origem das coisas objetivas), alí colocou o homem feito "conforme sua imagem", ou seja, sua expressão subjetiva.

A Cruz simbolisa efetivamente o Éden e os seus quatro braços são os rios que surgem do centro — a sede, da Árvore da Vida — inundando-o: Pison, Gihon, Hiddekel e Eufrates. Pison é a fluidez da Vida espiritual ou Srística, circunda a Terra, onde está o ouro, a Alma Espiritual — território onde todas as coisas se encontram em estado de Aurea perfeição, diz o Genesis (II, 12) "o ouro daquela terra era bom". Representa o braço superior da Cruz, lugar do Iod, a mão ou poder divino, símbolo do tacto físico ou o juízo, o discernimento a intuição ou os fundamentos da Visão espiritual. Gihon significa a expansão da vida mental,

envolve o território da mente e da ilusão, é o lugar da alma intelectual, lembra que o homem tanto pode errar ou entrar em imperfeição, salienta a queda da idade do ouro para a da prata, é o braço esquerdo da Cruz onde está a letra "He" corresponde a visão metafísica. Hiddekel ou Tigris significa a corrente da Vida psíquica e emotiva, o íntimo da vida, a transição entre o que é subjetivo e objetivo, é o braço direito o que se projeta para o futuro ao passo que, o esquerdo ou mental, adere ao passado feito memória, possui a letra Vau do tetragrama. O quarto, rio Perat ou Eufrates, simbolisa a corrente da Vida física, é a porta de Deus ou corpo físico, corresponde ao braço inferior onde está a segunda letra "He" a qual unida a **Vau** forma **Hu** para expressar o domínio da Vida fisio-psíquica intuitiva e passional para se unir à **HI** ou **HIRAM** vida elevada, pela união do primeiro **Ho** com o **Iod ou** inteligência pronta para manifestar o discernimento a razão e a compreensão.

... precisamos terminar, antes era apenas um céu estrelado, agora vai amanhecer. Façamos uma tentativa para reconhecer no Natal que se aproxima a "Grande síncrese" é nessa noite vai nascer o "Sol Invencível", festa zoroastriana atualizada pelo nascimento do menino Jesus em Bethlem (casa do pão) quando os pinheiros se alvejam de neve símbolo da pureza das divindades teutônicas, mais os cordeiros místicos, reminiscência do bucolismo helênico, o Messias Judeu-Cristão, o carneiro assado dos costumes muçulmanos hospitaleiros, a fecundação da Virgem terrestre pelo raio luminoso de Zeus, a gruta, matriz terrestre, a pomba, o anjo Rafael e os quatro elementos, a estrela guia dos magos oriundos do longíquo Oriente com seus metais e perfumes o fogo purificador e as águas odorantes, tudo disposto em torno da Árvore Edênica, querendo impor um Reino de magia, onde as fadas distribuem brinquedos, tudo descendo pela chaminé. desafiando o fogo e a fuligem. O papai Noel recordando o Velho da Montanha com sua barba branca, acendendo a luz sob a efusiva alegria da juventude. Só os símbolos tem esse poder de preparar os laços fraternais, de promover a ligação entre a realidade e o ideal. Retornar a origem das coisas não é decair, é sim, adquirir uma fantástica extensão.

A LOJA MAÇÔNICA

Ir.'. PARACELSO
Loj.'. "CARDOSO JUNIOR"
Or.'. de Curitiba - PR

Loja Maçônica era, na antigüidade, a casa de madeira ou pedra aonde os OObr.'. trabalhavam perfeitamente abrigados das intempéries e era normal que uma Loja abrigasse doze a vinte trabalhadores da pedra.

Graças as múltiplas gravuras e documentos datados dos séculos anteriores, podemos imaginar de como evoluiram as nossas Oficinas atuais. A iconografia histórica mostra sempre as Lojas abertas deixando patente os Obreiros no ato de trabalhar. Porém, há um registro que se refere a um detalhe importante, relatando-nos através de uma nota oriunda da época da construção da Catedral de Exeter em 1404, em cujo recibo consta — "Uma barra de ferro, corrente para a porta da Loja, 5 dinheiros", registro este que demonstra que as Lojas eram fechadas. (P. Colombier).

Analisando uma Loja de Strasbourg, teremos uma idéia do funcionamento de uma Loja medieval. Nessa cidade existe um museu — Museu Notre Dame — surgido no século XIII e reconstruido no século XVI, nele encontram-se os documentos próprios das antigas Lojas — Sala de reunião da Loja, com o quadro de 1657, apresentando os desenhos das marcas dos mestres trabalhadores de pedra. G. Delavalle, refere-se a Loja de Orviette, Itália, onde a Loja chamou-se "CASSINA". "Ela era uma casa próxima da Catedral, onde os arquitetos, pintores, escultores, reuniam-se a fim de observarem os variados desenhos e modelos e para a devida execução após a conveniente aprovação pelo tesoureiro e pelos ordenadores dos trabalhos. Este

mesmo autor relata ainda que, entre 1542-43, na Inglaterra, os maçons encarregados de construir a Igreja da Cruz, incumbiram-se de procurar ou construir uma casa ou Loja para os maçons ocupados no trabalho. Entretanto, esta obrigação não está conforme com os estatutos de Aberdeem de 1670 sobre as sessões das Lojas, mas revela que havia assembléias dos maçons operativos e dos maçons aceitos: nenhuma Loja podia se reunir em casa habitada, mas em pleno campo, salvo nos casos de mau tempo, quando se escolheria uma casa onde não se pudesse ser visto nem entendido.

Muito se discutiu, objetivando definir uma Loja, conceituar Templo e Loja. Para uns, Loja e Templo se confundem; para outros, só existe Loja enquanto perdurar a reunião dos maçons, a Loja extingue-se com o encerramento dos trabalhos. Esta última interpretação parece ser mais consentânea (J. Boucher).

O sábio Guenon, vê a Loja com mais profundidade e pretende para ela uma origem mais transcendente, esse autor busca as origens no sanscrito, na palavra "loka" que quer dizer mundo e possui raiz "lok", que significa **ver,** por tanto afinizada com **luz** e conforme o latim "lux". Loka no sanscrito, no latim Locus, possuem sentido comum e dão a Loja uma característica simbólica do mundo, do cosmos, permanecendo em oposição às trevas exteriores que representa o profano, pois a Loja terá que ser o lugar esclarecido e regular onde tudo obedece a seqüência de um rito e está conforme a uma ordem (rita).

Oportuno lembrar que a Catedral começava sempre pela pedra fundamental situada no nordeste do edifício. Vemos que este gesto permanece, conforme na maçonaria especulativa, pois quando da iniciação do aprendiz, este toma posição no ângulo nordeste da Loja, assimilando a pedra fundamental que serviu de base ao Templo.

Na antiga maçonaria, a Loja era aberta conforme um ritual não escrito que o maçon devia saber pelo coração. São raríssimos os rituais anteriores a 1717. Os poucos encontrados nos informam que os trabalhos eram abertos pela

invocação de um nome divino de origem hebraica (inteiramente estranho à liturgia).

A revista "The Speculative Mason", em certa ocasião publicou uma prece que foi aprovada pela assembléia geral dos maçons de Wakefield em 30 de novembro de 1663. Eis o texto que foi traduzido por J. Reyer — "Muito Santo e Glorioso El Shaddai, Grande Arquiteto do Céu e da Terra, Doador de todos os dons e de todas as graças, que nos promteu que quando 2 ou 3 estivessem reunidos em Teu Nome, Tu estarias no meio deles; em Teu nome nos reunimos e reuniremos. Te suplicando humildemente a Tua bênção em todas as nossas empresas, de nos dar Teu Espírito Santo, a fim de iluminar nosso Espírito de Luz (Sabedoria) e a inteligência do nosso Venerável e digno obreiro, para que possamos Te conhecer e Te servir como convém e que todas as nossas ações possam se dirigir para Tua Glória e para a das nossas Almas".

Esta prece aparece ainda, em vários rituais de Aprendiz.

Todo Aprendiz ao ingressar na Loja, previamente devia conhecer e entender a Constituição da disciplina e prestar um juramento.

No manuscrito de Sloane, do período de 1640 a 1720, aparecem as disciplinas e as obrigações.

Esta palavra "maçon" e tudo quanto a ela se refere, vós guardareis segredo; jamais a revelareis por escrito, direta ou indiretamente. Tudo o que nossos Vigilantes vos aconselharem, será em segredo. Vós mantereis abrigado do homem, mulher e criança, bastão ou pedra. Só o revelareis a um Irmão ou numa Loja de Franco-Maçons e observareis fielmente as ordenanças da nossa Constituição. Tudo isso prometeis e jurais cumprir e guardar fielmente, sem equívocos ou reservas mental, direta ou indiretamente. Assim vos ajude Deus e o conteúdo deste livro".

Um outro texto, também muito ilustrativo, cópia um Landemarque antigo, onde se lê: "Existem vários sinais e palavras dos Franco-Maçons, que vos serão revelados se consentires em responder diante de Deus e do grande e

terrível dia do julgamento final. Vós jurais o segredo de não revelar aos ouvidos de quem quer seja, salvo os mestres e companheiros da dita sociedade dos Franco-Maçons. Assim Deus me ajude".

Em 1691, Robert Kirk, procura desvendar um pouco o mistério dessa palavra Maçon, depois de muita reflexão, assim concluiu sobre o segredo dela: "A palavra maçon é um mistério, do qual não vou esconder o pouco que sei. É uma espécie de tradição rabínica, uma sorte de comentário sobre Jakin e Boaz, as duas colunas erigidas no Templo de Salomão (Reis 1, 7 e 21), acrescido de certo sinal secreto, transmitido de mão à mão e por meio do qual, se reconhecem e se tornam familiares entre eles".

Em 1678, o reverendo Georges Hicker, registrou o seguinte sobre os Franco-Maçons: "Eles eram obrigados a receber a palavra dos Maçons que é um sinal secreto que possuem aqui para se reconhecerem no mundo todo; aquele que o possui, pode se comunicar com seu irmão maçon sem chamar por som, e sem que percebais o sinal". Sinais discretos e reservados que mesmo a mais perfeita observação não atinava com eles. A palavra pronunciada em voz baixa, era mais importante que os sinais e toques, aos quais o olho indiscreto não pode ver, reter e reproduzir. A palavra, o sinal e o toque faziam parte do elenco dos segredos, os mais exteriores da Franco-Maçonaria.

Na iniciação e durante ela o Aprendiz se relacionava com um ritual e com uma dívida simbólica para depois se integrar definitivamente na Fraternidade. Outro texto diz que o ensinamento iniciático da Maçonaria Operativa, estava destinado a "bem usar o esquadro e o calibre"; é pelo símbolo que os maçons conservam os princípios da Arte, devido lhes ser interdito os reproduzir por intermédio da escritura, compromisso sacralizado por juramento que os obrigava a usar tudo em benefício da Humanidade.

Nos regulamentos de York de 1370, existe uma gravação como esta: "E ainda é ordenado que nenhum maçon seja recebido como obreiro para o trabalho da dita Igreja, antes de ser examinado numa semana ou mais, sobre o seu bom trabalho, ser recebido com o comum assentimento do

Mestre e dos Vigilantes da edificação e jurar sobre a Bíblia, que deverá ativa e sinceramente trabalhar conforme o seu poder, sem perturbar e sem dissimulação nenhuma; ler e observar todos os pontos da supradita Lei". Notemos a importância desta última citação, que está em completo desacordo com o que afirma Marius Lepage, autor que não admite a presença da Bíblia nas Lojas da idade média, pela razão suficiente de que nesse tempo não havia imprensa. Mas temos de aceitar que existiam embora raras, Bíblias manuscritas.

Ainda conforme o texto relatado de 1370 aprendemos que, após um exame atento e uma lenta aprendizagem, que durava uma semana ou mais, onde o obreiro se aprimorava para depois ser considerado companheiro. Porém, antes devia servir por cinco anos, após o que era considerado Livre e de Bons Costumes; assim que, se na Maçonaria especulativa a idade simbólica do Companheiro é de cinco anos, na antiga Maçonaria o estágio de cinco anos era observado pelo aprendiz; o Companheiro é que lhe conferia as qualidades de ser Livre e de Bons Costumes.

Na antiga Maçonaria, quando o aprendiz terminava os seus cinco anos de aprendizado, recebia o título de Companheiro para ter ingresso no interior da Oficina. Na ocasião prometia através de juramento, a devida fidelidade à confraria, comprometendo-se a não mudar, jamais a marca distintiva que facultará reconhecer o seu trabalho, quando, então, recebia a palavra de passe e as formalidades necessárias para pedir socorro a seus irmãos.

O Mestre da Loja, no exercício de sua autoridade, a qual ele delega em caso de ausência a um Vigilante oficialmente instalado por ele, dirige os trabalhos da Loja, bem como os trabalhos da construção; reune a assembléia, o ordena e; por um simples golpe, de martelo, faz reinar silêncio.

A respeito do golpe de martelo, já em 1362, o parágrafo 28 das Ordenanças de Torgau, assim recomenda: "O Mestre baterá três golpes, o Vigilante dois golpes consecutivos e um para o alertamento; da manhã, do meio-dia e da tarde, como usual nos países". Talvez nessa breve citação esteja a origem da bateria do R. E. e do R. F.

Talvez esteja nesse tempo a mais formosa época da Maçonaria Operativa, quando o Mestre tinha uma atitude próxima do místico, era como um guru, um verdadeiro Mestre Espiritual; quando a Maçonaria ensinava, não por intermédio de um Mestre pessoal, mas sim, num total esfôrça coletivo, movido e ativado por um trabalho iniciativo de todos os Irmãos que compunham o quadro.

No século XV, aparece pela primeira vez na Escócia, uma personagem oficial encarregado pela soberania dos trabalhos, que vai exercer sua jurisdição sobre as Lojas e usa o título geral dos Maçons. Essa personagem chamava-se William Schaw.

O primeiro orador, o ancestral do atual órgão da lei, surge lentamente nas "Hutge" (Loja em Alemão), ou tabernáculas alemãs do século XV, com a designação de Parlier e com o privilégio de ocupar um lugar situado a leste do Mestre. Tinha a função de zelar pela observância dos estatutos e a submissão dos costumes. Tinha a missão de falar aos Companheiros e ser deles o intérprete. Em Praga, no século XVI, já estava presente o Parlier — a função cria o nome próprio — nessa cidade havia uma família Parler. Os documentos da Catedral de Praga, falam de um Peter Parler, cuja função era de elaborar as formas; esse documento fala não da esquadra, mas, de um instrumento igual a renete, peça em forma de U, próprio para traçar as raias na tela ou no coro. Depois do Mestre, do Vigilante, e do Orador, vem os Companheiros e os Aprendizes. Sabemos que, naquelas Lojas, o Aprendiz uma vez terminada sua instrução na Oficina, permanecia nela como Companheiro ou então se dispunha a viajar, especialmente os que pretendiam chegar a Parlier.

O que faziam nas Lojas fora das Iniciações? É provável que nunca saberemos. Naturalmente trabalhavam de modo diverso das tarefas executadas nas Lojas da Maçonaria especulativa. Antes de encerrar estas notas, digamos algo das funções do Arquiteto na vida da Loja. Muito difícil de precisar sobre as tarefas do Arquiteto na Maçonaria Operativa. Pierre Colombier, diz apenas: "O Arquiteto é um obreiro e como tal permanece até o fim. Entretanto, ele possui privilégios consideráveis".

Nos Estatutos de Bâle, consta o seguinte: "Mestre, um arquiteto, tem seu lugar na Loja situado a leste e ninguém tem o direito de usurpar este lugar". Querem os estudiosos que o arquiteto primitivo, era um obreiro não pertencente ao quadro da Loja.

Um fato ilustra essa tese, pois em Milão, em 1434, quando o famoso Il Duomo estava prestes a terminar, o arquiteto Brunneleschi, foi levado após ser requisitado pela corporação dos Maçons da qual se recusava a pertencer.

No início destas notas, relatamos a respeito do museu do trabalho de Notre Dame de Strasbourg, havia nos arquivos das antigas Lojas: "a sala de reunião da Loja, com o quadro de 1657".

O quadro da Loja, era assim chamado um desenho traçado a giz sobre o solo, ou pintado sobre uma tela na qual se apresentavam os diferentes símbolos que devem impreterivelmente ser encontrados em toda e qualquer Oficina regular. Cita o Abade Perau, que no século XVIII, no meio da câmara de recepção havia um grande espaço, sobre o qual se riscavam duas Colunas.

Ora, gravemos nesta noite, com a máxima atenção, que na essência o Templo moderno tem em si todos os símbolos do Quadro, podendo, então, ser dispensado, mas, quando os obreiros destituidos dos seus Templos desejarem em Loja, basta a presença do Quadro da Loja riscado no chão ou desenhado em tela para dar regularidade a assembléia, em qualquer local. Nas épocas de crise quando a ignorância dos jacobeus reinar extingüindo a luz da sabedoria, bastará um simples desenrolar do Templo. Gravemos bem, meus Irmãos esta lição, porque os tempos impossíveis em que estamos vivendo, nos autorizam a recomendar esta lição.

Na terra pátria do homem, todo e qualquer local poderá ser sagrado, convertendo-o em Templo. Basta que pela vontade do homem, fortalecida pelo ideal de unificação, defina-se os limites da grandeza espiritual, traçando mesmo no chão, a confinação desse desejo, riscando o quadrilátero mágico, que abrigará os homens livres e de bons

costumes, que se reúnem para traçar o plano do grande Templo da Fraternidade. Tracemos, pois, em todos os quadrantes do Brasil, os quadros da Loja de Aprendiz e Mestres sobre esses modestos símbolos, instrumentos que possibilitaram aos trabalhadores altearem-se até o G.'. A.'. D.'. U.'.. Disse Deus que, nominado ou inonimado, sempre está presente, sempre está antecipadamente na mira das nossas realizações. Os nossos irmãos Venerandos, das mais soberba antigüidade, procederam assim, para mostrar que não desejavam a posse da matéria, mas apenas, ambicionavam restabelecer o Paraíso perido, quando a Sabedoria real presidia os trabalhos em todos os pontos cardeais da órbe.

Quando esse barbarismo e inconseqüente, dos infames perjuros que já não possuem mais a palavra emanada da consciência, porque mostram-se acéfalos, na cicatriz da garganta cortada, quando eles, campeões da ignorância organizada, que eleva a mentira e a hipocrisia aos páramos das carcássas gloriosas, eles tanto farão que ninguém duvida mais que os justos serão perseguidos e eliminados por causa da Verdade e da Justiça. Então quando a hora chegar, quando nossa Ordem for novamente perseguida pelos cegos, mesmo nos campos de concentração, bastará o traço imaginário do Quadro para que surja, qual painel de ilusão pura na aspiração eloqüente da inteligência, a formosa e indiscutível Loja em toda a plenitude da Maçonaria Operativa, que opera, que trabalha para fecundar a esperada e necessária geração dos Maçons que permanecem entre o esquadro e o compasso.

Assim comprendemos que nesta terra, pátria do homem, todo e qualquer local, pode e deve ser sacralizado e convertido em Templo, bastando que a vontade do homem se fortaleça pelo ideal de purificação, bastando que se defina os limites da grandeza espiritual. Basta que essa vontade se disponha a traçar, mesmo no chão, os limites desse anseio, riscando o quadrilátero mágico que abrigue sempre os homens livres e de bons costumes dispostos a elaborar o plano do G.'. A.'. D.'. U.'. O Templo Augusto da Humanidade. Tracemos pois, em todos os quadrantes do Brasil, os quadros da Loja de Aprendiz e meditemos positivamente

sobre seus modestos símbolos, instrumentos que possibilitaram aos trabalhadores de todos os tempos elevarem-se até as supremas concessões desse Deus nominado ou inominado que sempre esta presente e antecipadamente na mira das nossas realizações.

O PATRONO

Peça de Arq.'. proferida pelo Resp.'. I.'. Paracelso, Ven.'. Mest.'. da Aug.'. Resp.'. Loja "CARDOSO JÚNIOR", por ocasião do 70.º aniversário da mencionada Loja.

No dia 15 de janeiro de 1826, nascia em Itaguai, Província do Rio de Janeiro, Francisco José Cardoso Júnior, filho de Francisco José Cardoso Júnior e de dona Propícia Francisca Carneiro da Fontoura Barreto; neto do Brigadeiro Manoel José Cardoso, senhor do Morgado da Vacaria, em Portugal, com Solar na Quinta dos Cardosos, em Lamego.

Do lado materno, era descendente de Cristovão de Portugal e Castro, fidalgo cavaleiro da Casa Real portuguêsa.

O futuro Marechal Cardoso Júnior fêz seus estudos na antiga Academia Militar, completando e obtendo o grau de bacharel em ciências matemáticas em 1858.

Iniciou sua carreira militar em 1842 . em 23 de junho de 1844 era declarado Alferes aluno, em 19 de junho de 1852, Tenente, em 2 de dezembro de 1855, Capitão e na mesma data promovido a Major por merecimento; a 3 de março de 1856. Tenente Coronel, em 22 de junho de 1875, Coronel, por merecimento e, finalmente, Marechal de Campo em 3 de fevereiro de 1892.

Eleito Deputado provincial por Minas Gerais, em 1852, nessa Província foi inspetor das Coletorias e da Estrada de Ferro do Rio Prêto. Em 1859, deslocou-se para a Província do Rio de Janeiro onde exerceu as funções de engenheiro-ajudante do Diretor de Obras Públicas, recebendo em 1862 pelos serviços prestados, agradecimentos da Câmara de São João Francisco Xavier de Itaguai.

Em 1868, na Guerra do Paraguai, foi Secretário do Estado Maior das Forças Armadas sob o comando do Marechal Marquês de Caxias.

No período, entre 2 de dezembro de 1869 a 11 de maio de 1871, presidiu a Província de Sergipe, onde teve o mérito de criar o Ateneu Sergipano. Nomeado Governador de Mato Grosso, assume este cargo em momento dramático, quando reinava naquela Província o cáos decorrente da Guerra do Paraguai, permanecendo ali, de 29 de julho de 1871 até 25 de dezembro de 1872. Nessa Província, além das tarefas executivas teve de assumir o Comando das Armas e proceder a reforma da instrução pública.

Eleito Deputado pelo Rio de Janeiro, na Bancada do Partido Conservador chegou a essa Província, onde permaneceu na Câmara de 1872 a 1875, participando nesse período de inúmeras comissões, tornando-se merecedor de efusivos agradecimentos e elogios de seus pares pelos relevantes serviços prestados. No Ministério da Guerra pertenceu a Repartição do Ajudante Geral e, no da Marinha, ao Conselho Naval.

A seguir vai ao Pará, a fim de ser Vice-Presidente daquela Província, quando já era Tenente Coronel. Assumiu o Governo de 17 de março a 6 de maio de 1888.

Por ocasião da Lei do Ventre Livre em 1887, promoveu a liberação de 109 escravos, recebendo os agradecimentos da Princesa Isabel.

Em 15 de novembro de 1889, data da Proclamação da República, Cardoso Júnior encontrava-se comandando a Brigada Militar de Curitiba, quando recebe do Marechal Deodoro, Chefe do Governo Provisório, o seguinte telegrama "República proclamada. Governo Provisório fortemente apoiado. Grande entusiasmo País. Mantenha ordem. Dentro em pouco será nomeado Governador para o Estado do Paraná".

Assumiu este cargo e tudo fez para que a adesão ao novo regime se desenvolvesse sem conflitos. Deodoro sempre desejou que Cardoso Júnior continuasse neste cargo como governador eleito, porém Cardoso Júnior recusou

a fim de não criar problemas partidários no Estado. A respeito desta atitude clara de renúncia recebeu de Floriano, então Ministro da Guerra, este telegrama: "Contava patriotismo velho camarada Obrigado".

Não esqueçamos entretanto, que Cardoso Júnior foi o 11.º Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil, cargo que exerceu de 1880 a 1885, sendo o sucessor do Visconde do Rio Branco.

Em 1890 transferiu-se para a Reserva no posto de Brigadeiro e foi graduado Marechal de Campo em 1892 por Ato do Vice-Presidente da República, Marechal Floriano Peixoto.

No Estado do Paraná, após instalar o Governo Provisório, exerceu o mandato de Deputado no Congresso Legislativo durante vários períodos. O Presidente Prudente de Morais nomeou-o Comandante da Guarda Nacional, da qual foi organizador no Estado do Paraná.

De 1891 em diante foi várias vezes Diretor da Biblioteca do Exército.

Faleceu em 1917, com 91 anos de idade.

Vejamos os acontecimentos no Paraná, por ocasião da Proclamação da República. Há de início uma fase epistolar, assim desenvolvida:

I — Província do Paraná, Palácio da Presidência, em 16 de novembro de 1899.

Ilmo. Exmo. Sr.

Tendo-me sido apresentado, enviado por V. Excia., um telegrama que lhe foi dirigido pelo Sr. General Deodoro, encarregando-lhe de manter a ordem nesta Província e, declarando-me 4 Oficiais da Brigada, sob o Comando de V. Excia. que está resolvido a assumir a responsabilidade da Ordem Pública até ser nomeado pelo Governo Provisório uma autoridade que governe o Paraná, pelo Presidente, declaro finda a minha missão e V. Excia. terá a sua disposição o que eu valer para que não seja pertubada a Ordem Pública. Deus guarde a V. Excia.

Ilmo e Exmo. Sr. Conselheiro Francisco José Cardoso Júnior.

(As) — **Marcondes de Oliveira Sá**

II — Na mesma data, isto é, em 16 denovembro de 1889, o Coronel Cardoso Júnior enviou ao Presidente demissionário a carta que segue:

"Quartel General do Comando da Terceira Brigada do Exército.

N.º 1413 — Curitiba; 16 de novembro de 1889.

Ilmo. Sr.

Tenho a honra de acusar o recebimento do ofício em que V. Excia. me comunica que tendo tido ciência por um telegrama ter-me encarregado o Exmo. Sr. General Manoel Deodoro da Fonseca de manter a ordem pública nesta Província até que fosse pelo governo provisório nomeado o do Paraná, julga V. Excia. finda a sua missão e está resolvido a entregar-me o governo que lhe foi confiado. Em resposta, cabe-me a honra de declarar a V. Excia. que devendo cumprir as ordens daquele general e em face dos acontecimentos que determinaram essa medida, como de salvação pública, como tive ocasião de dizer hoje a V. Excia. que estou pronto a assumir a responsabilidade do cargo que V. Excia. me passa, até que o governo provisório definitivamente designe o governador deste Estado. Por esta ocasião tenho a honra de declarar a V. Excia. que aceito como manifestação de V. Excia. e como brasileiro, de auxiliar-me quanto em si caiba para que a ordem pública não seja perturbada, como tanto convém ao progresso e a honra do Estado. Deus guarde a V. Excia. Ilmo. e Exmo. Sr. Conselheiro Jesuino Marcondes de Oliveira Sá.

(As) — **Coronel Francisco José Cardoso Júnior**
Comandante da Brigada".

Posse do 1.º Governador Republicano do Paraná.

"A Câmara Municipal da Capital da Província do Paraná, hoje Estado Federal do Paraná, o Exército e o Povo reunidos em sessão pública, às onze horas da manhã do

dia 7 de novembro de 1889, na sala da Câmara, aderiram ao Governo Republicano instalado no dia 15 do corrente na cidade do Rio de Janeiro sob a Presidência do General Deodoro da Fonseca e os cidadãos Ten. Coronel Benjamin Constant e Quintino Bocaiúva, constituídos em Governo Provisório da República Federal Brasileira. E por assim terem resolvido e assentado foi pelo povo, Exército e Câmara Municipal convidado o sr. Coronel Francisco José Cardoso Júnior, Comandante da Brigada, a tomar posse provisoriamente do cargo de Governador Geral do Estado do Paraná. Em ato contínuo, o Sr. Presidente da Câmara Municipal, Antônio Ricardo Nascimento declarou em uma das janelas da Câmara o seguinte: Está empossado aclamado pelo povo, Exército e Câmara Municipal o Sr. Coronel Comandante da Brigada Francisco José Cardoso Júnior do cargo de Governador Geral do Estado do Paraná. Eu, Antônio Ricardo Nascimento, Presidente da Câmara Municipal do Paraná a escrevi. Assinados: Francisco José Cardoso Junior, Antonio Ricardo Nascimento, João Pinto Rebelo, Guilherme Xavier de Miranda, Eugênio Badaseski, José Carvalho de Oliveira, José Teixeira de Freitas, Luiz Antônio de Souza Coelho, Tobias de Macedo, Vicente Machado. Seguem-se assinaturas".

Assim estava assegurada a República neste Estado.

Logo mais iremos encontrar no jornal "A República" uma notícias lacônica:

CORONEL CARDOSO JÚNIOR

"Deixou dia 4 do corrente (dezembro) o cargo de Governador deste Estado o ilustre militar, cujo nome serve de epígrafe a estas linhas. Cidadão honesto e inteligência esclarecida o Coronel Cardoso Júnior durante o pouco tempo que exerceu o alto cargo de Governador deste Estado futuroso, manifestou sempre a mais pura intenção de Justiça a par da mais rigorosa severidade. O Estado do Paraná fica sumamente grato a esse nobre militar".

Eis aí, cronologicamente vivida, os noventa e um anos de existência do nosso Patrono, toda ela dedicada à causa humana: Cruzado americano, Cavaleiro errante percorrendo

todos os caminhos ásperos do Brasil. Cardoso Júnior, maçon, interpreta com realismo a imaginação do poeta quando cantou: "Pátria mais perfeita será a mais local, pelo amor à gleba, e a mais universal pelo amor ao mundo".

Se por um desses milagres ainda possíveis nesta atmosfera de mercenarismo, houvesse um pouco de bom senso cívico, se um dia a Câmara de Vereadores, atual ou futura, resolver restaurar de fato o Culto à Grandesa e à Dignidade, abandonando a indústria dos famosos títulos de cidadania honorária e lembrar de Cardoso Júnior, talvez possa mandar colocar num subúrbio, numa ruasinha tranqüila, uma placa: CARDOSO JÚNIOR. E, talvez uma criança, cançada dos folguedos ingênuos possa ler assim: **"Cardoso Júnior, o que percorreu durante a sua existência tantas carreiras que cada uma delas chegaria para lhe dar um lugar na História do Brasil e, algumas, um lugar na História do Mundo".**

AÇÃO CULTURAL E SOCIAL DA MAÇONARIA

Ir.'. PARACELSO Loja "CARDOSO JÚNIOR"
Or.'. da Capital.
Aos Ir.'. da Aug.'. Resp.'. Loj.'. "FILANTROPIA GUARAPUAVANA" que souberam se desfazer dos ouropéis bizarros.

O NOSSO MUNDO

Ao tratar deste tema convém lembrar as palavras melancólicas do Ir.'. RUCHONET, pronunciadas em 1875: "A Maçonaria se impôs a tarefa de ilustrar a Humanidade. Que pedir ao neófito? A Luz. Sim, a Luz para dissipar as trevas que espalham sobre o globo os homens que fizeram da religião sim da religião muito especialmente, um instrumento para dividir os humanos e para pesar sobre as consciências. Levanta-te, pois hoje, oh! antiga Maçonaria, não vês como aí embaixo, como se abrem novas escolas que pretendem se apoderar da futura geração, para vender-lhe a preço de sua consciência uma sabedoria convencional, que sabe viver sem liberdade". E continua o mesmo autor: "A Maçonaria se impôs a tarefa de melhorar os homens. Realizou essa obra? Ai de mim meus IIr.'.! Quando tínhamos visto tanto quanto hoje, substituir o culto dos bens materiais, ao culto da virtude? A caça das fortunas rápidas se apodera como uma vertigem do cérebro dos homens; entre o luxo da civilização, a febre dos gozos impuros, o homem é conduzido ao selvagerismo das paixões pela violência dos apetites. Insensatos que preferis à orgia à tranqüilidade de uma alma pura e dona de si mesmo".

Sentimos nesse fragmento admirável um relâmpago que prenuncia uma tempestade, razão pela qual em todos

os quadrantes da terra os IIr.'. fazem as mesmas indagações: Que fazer agora, quando os homens se reduziram a simples máquina de pensar? Penso que somente resta uma fórmula quase mágica: lembrar-lhes que o homem não é um tema de conhecimento mas, uma questão de iluminação.

Em nosso tempo estamos assistindo o homem perder a própria linguagem, essa sinfonia de convivência, perder até a palavra que situava o portador dela. Ninguém pergunta mais onde se encontra a causa do mal e permanecem conformes ao próprio mal. Agrava-se essa crise onde a inteligência se anula, e a palavra indecisa e insegura definha, não podendo mais ser um proclama da Verdade. Esvasiou-se o homem que, desesperado, passou a buscar o último recurso — o prestígio — ignorando até que essa palavra se originou do velhaco prestidigitador daquele que engana com os dedos, daquele que mente com os gestos, que vai do supérfluo das aparências para os adornos. É o utilitarismo essa tempestade que inundou o planeta e, lentamente, vai afogando a Maçonaria. Maçonaria que resiste, disseminando uma débil higiene mental, através de uma educação misteriosa, que resulta na evidência das condições morais, que pede aptidões humanas, força e valor; que guarda uma fé conseqüente aderida a um segredo, a um princípio fixo e imutável. Profunda a nossa crise, árdua a missão da Maçonaria. Os inimigos eternos, aliaram-se à essa inovação que a antigüidade desconheceu a **propaganda.** Sim a propaganda que dirige as massas criando essa paisagem de rebanho, que impede o raciocínio pela imaginação e faz o povo acreditar na que teme, isto é: nos tiranos, nos déspotas, nos perjuros. Os tempos passados não conheceram o propagandista, nem o **"Slogan"** insinuado por toda a parte que, penetrando pelos telhados leve o vício, recomenda o tóxico onde falta o pão e impõe os líderes préfabricados nos escritórios forrados de gobelins custosos. Propaganda mistificadora do pensamento, estorvando a autonomia do indivíduo, impedindo que o homem construa um campo de consciência, essa essência do ser que torna possível o conhecimento. Nem a Maçonaria permaneceu livre ao impacto da propaganda, pois já testemunhamos serem muitos os obreiros que partiram para as arengas das

emissoras na procura de um lugar no banquete da vida, esquecidos que a missão da Maçonaria é persuasiva no restabelecimento da Moral Social. Permaneçamos, pois no Templo, invulneráveis e imunizados contra o vírus profano. A palavra de ordem é não vulgarizar os nossos Mistérios.

PRIMEIRO A CULTURA MAÇÔNICA

Diante das barreiras que se nos apresentam para o aprimoramento da nossa cultura, é urgente que ativemos o pensamento e definamos o que, realmente, queremos. A maçon não pode se diluir na função do homem que, mecanicamente, cumpre sua profissão; não pode fazer maçonaria sem convicção divertindo-se com o vasio dos graus adquiridos cronologicamente, esquecido de que eles devem sempre ser sacralizados pela Cultura. O grau deve merecer a elevação da consciência, determinadora de nossa ação. O aperfeiçoamento gradual, a elevação na escala maçônica, deve significar a formação de uma consciência oriunda da razão e do dever.

Façamos rapidamente uma auto-crítica e verificaremos, sem muito esforço o elevado número de maçons já contaminados gravemente pelo vírus do prestígio.

A Maçonaria ouve o murmúrio do passado e se faz vida no Obreiro para projetar o futuro.

Suprimir a vontade no homem, determiná-lo qual peça estética de u'a máquina, é fechar a inteligência que se origina na iniciação com a dinamização do homem interior.

Saber e querer são fatores que ativam a consciência espiritual numa determinada circunstância, portanto, a educação maçônica deve nos levar ao que Jaspers desejou quando disse: "a educação leva o indivíduo, através do seu próprio ser, à participação do conhecimento da totalidade. E ao invés de permanecer imóvel, aderido ao seu lugar, entra no mundo de maneira que sua existência se amplie no seu limitado campo. A capacidade do homem para ser ele mesmo está tanto mais animada de decisão quanto mais claro e pleno seja o mundo com o qual se identifica". Negar a substância da totalidade é aceitar o declínio da

educação e fazer os aprendizes desconhecerem o ambiente e a beleza do universal. Surge então a insegurança na Ordem, e o abismo se apresenta para tudo sepultar. A educação determina o futuro do homem. Por que existem homens desajustados? É conseqüência de uma educação que determinou, no exclusivismo da carne, o chamado homem de carne e osso, vasio, portanto, de substância tradicional, essa particularidade que a história transmite. Perder essa substância tradicional é criar um clima de perigo. A educação sem unidade filosófica, aumenta o perigo porque desenha essa paisagem de meios sem finalidades determinadas, ampliando a descrença na liberdade, essa palavra que passeia pelo mundo como mero ornamento porque está sendo pronunciada por mestres vazios, mais escravizados, semelhatnes aos companheiros de Espartacus.

Quem não vê no mundo profano da paisagem brasileira, o quadro deprimente da juventude que, certificada do fracasso dos homens responsáveis, pretende se apresentar com o heroismo de uma maturidade adolescente?

Meditemos sobre esse espetáculo e verificamos que, psicológicamente, se explica o fenômeno. Observa-se que a mocidade se aquieta e se sente incapaz quando a educação sendo rica em conteúdo espiritual acentua o conceito da totalidade. Mas quando esse conteúdo falta a mocidade se animando ganha uma maturidade e deseja imprimir e aparentar o que a sociedade já perdeu.

O mesmo fenômeno apreciamos entre os aprendizes que, adquirindo uma falsa responsabilidade desejam superar os falsos mestres que delapidaram a herança espiritual. Os aprendizes pretendem impor aquilo que os mestres não mais possuem. Mestres artificiais que deviam estar ainda nas câmaras de reflexões, diante do terror das trevas ou até repudiados pela fatalidade das **esferas negras**, se a vigilância ainda perdurasse.

Ora, a juventude e os aprendizes fracassam no seu intento reformista, pois não conseguindo elevar-se pelo progresso facultado pelo tempo, ainda não ascenderam pela austera escada que leva à totalidade. Falta-lhes o discernimento, a constância e a capacidade para o término da

obra. Na ausência de convicções, ao penetrarem no negror das câmaras de reflexões não reconheceram entre os símbolos da morte a rudeza material da vida não foram iluminados não chegaram ao plano das realizações autênticas.

Os graus que marcam o aperfeiçoamento construtivo, são prêmios, devem ser acrescentados à consciência e não servirem apenas de revestimento, maquilagem que deforma e desaparece na espuma da limpeza. Confundimo-nos então mais com o mundo profano, nessa lamentável educação de adultos — sinal dos tempos, confusão total — pois que profanos adultos e mestres imperfeitos não estão situados no mundo são apenas espectadores, não conhecem a ação que dignifica os construtores sociais. Querem uma nova cultura, sem terem esgotado e difundido a velha. Aceitamos, meus Ilr.'. essa realidade, sem desesperar, pois o homem permanece sempre numa espectativa, nessa esperança de poder sublimar-se sobre as profissões e as ideologias. Permanece na espera, sente que uma nova sociedade vai surgir infalívelmente. Aceitemos a instrução dos mestres bem como a dos adultos no mundo profano é uma realidade própria da época. Se o maçon deixou de ser perfeito é apenas porque não pôde compreender a Maçonaria e, ingressando nela não permitiu que ela penetrasse nele. Horizontalizou-se sobre os escombros da demolição cultural, representa o fim de uma ilusão que se dissipa. A indiferença pela cultura criou esse cáos.

Mas justamente na desordem é que sentimos o valor da Ordem; no rigor do inverno é quando mais desejamos o iluminado calor do verão. Assim a Maçonaria, ou melhor, os maçons despreocupam-se dos faustos da liberdade gravando apenas raros fragmentos da sua história, mas reage quando decadente e sente que lhe falta a vida reage quando percebe que de sua vida depende a Humanidade. Sendo uma reação puramente imaginativa, ativação mental exclusiva cria os processos úteis à construção. A Maçonaria chegou até o século XX no carro da lenda esse encanto misterioso da mente. Interpretamos, pois, mais uma vez a lenda, penetramos no lendário, agora que estamos atraídos pelo imã forte da vulgaridade, campo de lutas da bestialidade, gramado horizontal das paixões e dos instintos.

Voltemos à tradição, para deixarmos impresso na história mais uma página onde esteja manifesta as aspirações maçônicas.

INÉRCIA

A evolução desvenda lentamente o mistério, vai deixando de lado o desconhecido. Nos admiramos sempre que os mestres da antiguidade, no recesso de um meio quantitativamente ignorante tivessem descorberto leis que, hoje, apenas constatamos. Na arquitetura as pirâmides revelando o trabalho exato dos primitivos maçons; elas nos contam da perfeição das leis do arranjo certo de verdades que ainda desconhecemos. Reconhecemos que do iniciado arcaíco, emanava mais energia formativa possuia uma força eloquente no raciocínio, ligava-se à ação revelava o desejo do eterno. Vemos que os iniciados modernos, diante da mecanização da nossa época, tornam-se inertes nas iniciativas, estiola-se e seu espírito termina estéril, incapaz até para atender os símbolos. Essa preguiça mental acentuou-se de tal forma que Gerard Encausse se permitiu esta frase: "..... ignoram quase tudo na Ciência Maçônica, e se sentiriam muito embaraçados para explicar porque tal grau corresponde a determinada cor na decoração ou porque tal palavra hebraica é tida como sagrada".

Antes de tudo, meus Ilr.'., devemos compreender a Ciência Maçônica, para ganharmos uma cultura a fim de interpretarmos nossos símbolos e adaptando-os a nossa época salvá-la da mecanização.

Para compreender e alertar que existe uma verdade oculta nesses símbolos, temos de atingir o Mistério, antes da grande arrancada de libertação. Perguntamos ao menos, o seguinte: "Se a Maçonaria é uma vulgar associação com pretensa ação social, por que então os sinais, os toques e as palavras? Por que a decoração? Não seria melhor lançar fora tudo isso e deixarmos mais espaço para maior auditórios?

O certo é que nenhum aprendiz aceitaria tal profanação.

O TONEL DAS DANAIDES

Todos os maçons conscientes sentem que possuimos lamentávelmente, uma maioria de Obreiros inertes, vulgares e vulgarizadores que permanecem vasios. A estes podemos aplicar a história mitológica do Tonel das Danaides: Às filhas do Rei Danao, as Danaides, tiveram contra a vontade que casar com os filhos do Rei do Egito; na noite nupcial, assassinaram seus maridos, exceto um. Como castigo, foram condenadas a lançar água sôbre um tonel até enchê-lo, tarefa impossível para toda a eternidade uma vez que o tonel tinha o fundo perfurado".

Por isso que ainda hoje, todo o esforço inútil, todo o trabalho pesado, designamos como esforço de Danaides. Danaides, os maçons que perambulam pelas Lojas, cegos e surdos aos símbolos e às alegorias, acusando e caluniando a tudo e a todos, indiferentes e conscio de sua inércia. Comportam-se como profanos vulgares nada conhecendo da Verdade Luz perdem-se sem utilidade por esse tonel que, constantemente, vai deixando escapar a Existência Universal. Nada retem do ambiente não se permitem reter a mínima parcela de aperfeiçoamento, nunca alcançarão os altos graus do conhecimento. Serão eternamente passivos, ôcos; são como estátuas colocadas no ambiente sórdido dos erros e dos prejulgados. São como objetos transportáveis, ignoram se vão para a direita ou para esquerda. Conhecem muito dos vícios e, principalmente dos seus interesses. A Iniciação para eles não tem importância; foi mais um espetáculo que conheceram nada observaram, nada julgaram. Ignoram que o primeiro dever de um homem é aperfeiçoar sua ação; não buscam a Luz para seus passos; preferiram a vida vegetativa não podem se dirigir para a social, nada possuem para transmitir.

Danaides, os predicadores, máquinas falantes que, nada conhecendo da Ciência Maçônica sem o aprendizado básico intelectual e moral vão deixando escoar conhecimentos inúmeros, sem progredir na qualidade da existência.

Danaides, até os instruídos e sábios, jurisconsultos ou artistas, que perseveram nos erros e nas superstições vul-

gares, que continuando escravos das paixões chegam aos altos graus, flutuam à mercê dos seus nervos ignorando que cada um é responsável pela desgraça de todos. Danaides os que se comportam como cajado na mão de um velho. Danaides os que entravam a ação generosa e eficiente dos que compreendem o simbolismo da Pedra Bruta e querem construir o Templo ideal da Humanidade. Urge, pois, enfrentar esses indiferentes, revelando-lhes a beleza da ação que fortalece a inteligência e que corrige os defeitos. Precisamos convencê-los de que as atitudes, boas ou más, repercutem de geração e geração no prosseguimento infinito. São maus fermentos levedando o môsto, degeneram, contaminam a Loja e os aprendizes desajustando-os.

Não sendo ajustados, comportam-se mal no meio social criando a desconfiança para nossa Ordem, afastam de nós os homens livres e de bons costumes. São Danaides, cujo tonel não sabe reter as gotículas individuais, que se perdem e não serão armazenadas para fecundar o futuro.

MAIS UMA VEZ A LENDA

Os símbolos e as alegorias significam o pensamento de uma época, encarnam a história da Humanidade, as lendas são lembranças dos tempos difíceis trazem as marcas regionais dos povos, lembram os costumes humanos. Segundo Pierre Bayard: "A lenda, mais verdadeira que a história, é um precioso documento; ela exara a vida do povo, comunica-lhe um ardor de sentimentos que nos comove mais que a rigidez cronológica dos fatos consignados".

Pelo conhecimento das mais antigas Lendas, concluímos que os primitivos homens eram iniciados, tinham virtudes e sentidos que não conhecemos. A lenda quer transmitir um ensinamento, tem u'a Moral que agrada. Divertindo ela ensina.

O Ir.'. Moreau descobriu uma lenda, das mais antigas e nos conta: "A Maçonaria surgiu de Deus e começou na época do caos. Deus criou a Luz. Logo Deus é o primeiro maçon. Entretanto Deus não podia ter uma Loja sozinho. Criou Adão, que se encarregou das taferas. Adão foi aceito maçon pelo Pai Eterno na Ordem do Paraíso. Deus Pai

e o Arcanjo Miguel foram os primeiros Grandes Mestres, da primeira Loja".

Eis aí a lenda ingênua que desperta o sarcasmo, forma de manifestação do ignorante. Que pretende dizer esta lenda, talvez a mais primitiva da Humanidade? Apenas exprime que a iniciação maçônica, bem como todas as demais, possuem origens e essencias divinas, sem qualquer participação humana; quer dizer também que a Maçonaria sempre existiu. Por isso que nas Mitologias vemos surgir os instrumentos de trabalho, sempre com o aspecto luminoso. E entre as mais antigas iniciações artesanais dos mais recuados povos, vemos os instrumentos serem usados com sacralidade, com gestos que pretendem imitar aqueles do Criador.

Assim na nossa Sublime Ordem desaparece a participação humana (tema importante para meditação dos reformadores). Dar conceito humano à Maçonaria é o mesmo que esvaziá-la e reduzí-la a um mero agrupamento para fins determinados e imediatos. Qualquer acréscimo decorrente do homem morre com ele. A Maçonaria viveu em todos os tempos analogias. Ninguém conseguirá descobrir a origem histórica da lenda de Hiram, tão cara e famosa para os Mestres. A iniciação exige uma convicção, um abstrato para a mente despertar em nós um sentimento particular. Tudo na paisagem iniciática objetiva abrir caminhos para atingir a unidade com a infinita perfeição. Na Maçonaria importa que os personagens se tornem divinos, e mais, que o tempo seja uma mera subjetivação.

Útil, essa referência que acabamos de fazer pois que nos aproximamos um pouco mais do entendimento das tradições, onde o homem se ausenta como criador. Auxilianos a compreender também que a Maçonaria dispensa a marca humana e que toda a inovação degenera e morre com a criatura. Importante também esse aspecto luminoso da Ordem, pois vivemos numa sociedade profana que apenas tolera Deus, quando na Maçonaria afirmamos a sua grandeza na invocação leal do Grande Arquiteto.

Agora que o ultramontanismo reformula seu fanatismo, negro como as suas vestes, batinas que nos recordam

cotidianamente a astúcia que lembra o corvo, animal que dificilmente se deixa apanhar razão pela qual se alimenta da carniça desprezível, é esse fanatismo que pretende nos acusar com os estigmas de comunistas, ateistas, e outros chavões. Foram eles que obrigaram o presbítero de Louvain a exclamar: "Parece como se nada tivesse mudado no mundo, desde a aparição do Cristianismo".

Para dissipar qualquer dúvida temos que recordar constantemente a primeira página das antigas Constituições Maçônicas: "Um maçon está obrigado, em virtude de seu título, a obedecer a lei moral; e, se compreende bem a Arte não será nunca um estúpido ateu, nem um anti-religioso libertino". Antigamente os maçons estavam obrigados, em cada país, a professar a religião da sua Pátria ou Nação, qualquer que ela fosse, mas agora, deixando-lhes às suas próprias opiniões exigem-lhes, simplesmente seguir a Religião em que todos os homens estão de acordo: Consiste em ser bons, sinceros e modestos, homens de honra, seja qual fôr a Denominação ou Credo particular com que se possam distinguir; de onde se deduz que a Maçonaria é um centro de União, é o meio de conciliar uma sincera Amizade entre pessoas, sem a qual não poderiam familiarizar-se entre si" .

Portanto nossos princípios estão além de todas as verdades relativas e superam as coisas temporais. Coloca-se em qualquer tempo, educando todos os povos a todas as circunstâncias transitórias; é a corrente que encerra todas as evoluções do pensamento humano. Sintetiza todos os conceitos políticos filosóficos ou religiosos. A Maçonaria é uma disciplina necessária ao progresso humano.

PEDAGOGIA DO SEGREDO

Atentemos um pouco sobre esse segredo do qual participamos, hoje quase ignorado. Não esqueçamos nunca que ele é o nosso elo de União. Justamente ele, que se situa além do julgamento. A Maçonaria tem sua essência no segredo ele que unindo os Obreiros, eleva-os acima dos preconceitos individuais. O maçon compreende através dele que, os outros iniciados também penetram no fundo de

si mesmo, nessa marcha que vai do auto-conhecimento e entende que nas Lojas se fala realmente a linguagem da Humanidade. Sendo a Maçonaria uma associação de homens, que se comportam como cidadãos do mundo recomenda que eles abandonem os interesses pessoais e os do próprio grupo e se disponham a um trabalho. Trabalho consistente em ganhar cultura que totalize um ideal. Cultura, para o maçon, é modelação do homem autêntico, é algo que lhe impede que seja convertido numa estátua ou coisa no ambiente. Assim ele se converte num fermento que tudo leveda, tornando-o o homem do mundo, o microcosmos. O segredo da cultura é que irrita os não iniciados. A seriedade da conservação restrita dos sinais, toques e palavras e, principalmente dos rituais, são modalidades notáveis da nossa influência social. Segredo humilde, ingênuo até, mas nos recorda sempre aqueles tempos esquecidos quando o maçon expunha a própria vida para ser digno de conhecer a iniciação. Segredo que tem o notável mérito de despertar os ódios da oposição e a maldade da calúnia. Unicamente porque o segredo distingue o maçon, destacando-o acentuadamente, entre os demais homens nivelados no mal. Ter algo que ninguém conhece irrita a vulgaridade. O ponto alto da Maçonaria é essa pedagogia do segredo, é reter o segredo que embora simples e humilde, não ofende ninguém.

Pois bem, esse hermetismo irrevelável prestou um trabalho enorme, despertou uma reflexão universal. Tanto assim que a oposição sistemática da liberdade humana, confeccionou uma Bula, a primeira contra os maçons, com as penas de excomunhão para todos os que procurassem a Maçonaria salientando que nela "se ligam homens de todas as religiões e seitas, que se obrigam sob um juramento, a ocultarem por um segredo inviolável, tudo o que praticam em segredo". Devemos essa manifestação ao Papa Clemente XII, qual em 1738 não podia entender que se unissem por um segredo inviolável, e viu nesse mistério a libertação, a fuga da proteção eclesiástica dos homens que ganhavam uma nova consciência. Não quis reconhecer na Maçonaria a grande fraternidade dos povos, não aceitou o alcance da Maçonaria. Mas a confissão era uma devassa na consciência de todos. Foi esse ingênuo segredo maçô-

nico que despertou as consciências obrigando os povos a refletirem.

Portanto, podemos aceitar que esse artifício maçônico, tem profundas conseqüências sociológicas; é uma arma de convivência e de grandes repercussões sociais.

Situando-se a Maçonaria em torno de um segredo inviolável, amplia-se a convivência entre os que possuem esse segredo, e distingue-a de todas as organizações que a desconhecem.

O segredo determinou nossa existência e elaborou uma sociologia da convivência dos seus possuidores. O segredo determinou a existência da Fraternidade.

Meus IIr.'. ativemos o nosso segredo e teremos resultados imprevisíveis no mundo das vulgaridades. As oposições sentirão que há confiança entre os herméticos: sentirão que o segredo nos traz proteção. Pois a melhor proteção consiste em tornar-se invisível. O nosso hermetismo atrairá para nós milhares de homens livres que precisam de proteção para viverem. Achamos tão simples esse recurso, nesta época de nivelação total, que nos parece fantástico. Ter algo sobre os demais é a profunda sabedoria do segredo. A debilidade da Maçonaria começou quando, renunciando a esse recurso tradicional permitimos que ele se perdesse na rua da vulgaridade. Já o povo possui um anexim que diz: "um segredo entre dois já não é segredo". Mais uma vez nos sentimos debilitados diante das incompreensões e dos fanatismos. Temos a nossa frente barreiras intransponíveis, enfrentá-las será um choque terrível; resta-nos contorná-las, e nesse desvio nos salvaremos e teremos tempo para o preparo indispensável capaz de vencê-las; aplanaremos o caminho e seguiremos em linha reta. Filosofias, religiões, doutrinas e os próprios homens se abrigam quando se sentem enfraquecidos. Sentimos no momento que "algo" virá fatalmente contra a Maçonaria, voltemos então à proteção do segredo.

Dessa maneira prevenidos, continuaremos semeando o fermento do futuro. Assim se comportaram, no século XVIII os "iluminados".

Também, em tempos mais recuados, na Idade Média, quando as corporações foram perseguidas, vitalizou-se o segredo. As sociedades iniciáticas de então, refugiaram-se em associações ocultas e exerceram ação secreta. As próprias comunidades cristãs, quando perseguidas pelo Estado, recuaram para seus ritos, só mais tarde, ao se arvorarem em poder de Estado, viram também o paganismo tornar-se invisível no mesmo segredo que justificou o ódio dos cristãos. A Maçonaria, graças ao segredo, torna-se invisível: Por que então o maçon persevera nela? Porque sabe que ela tem meios para atitudes justificáveis, porque sabe que cada maçon guarda um fragmento do tesouro comum. O segredo produz a sensação de estarmos acima da Humanidade vulgar, não porque tenhamos outra essência, mas pela consciência de lucidez e verdade que o maçon adquire. Mais importante é a ação afetiva que resulta desse comportamento inter-maçônico que refletirá na sociedade, sobre a forma de assistência social, que nos tornarão observados e até tolerados. Porém o verdadeiro trabalho do maçon nunca será conhecido porque ele é feito de "Pedra Bruta", está fundamentado na conquista de uma cultura que ativa a vontade tornando-a poderosa.

Ideal é o maçon que em Loja, entre Ilr.'., conhece a verdade de uma questão difícil ou resolve um problema surgido, aplicando ao trabalho da Maçonaria.

É importante meditar no famoso trecho referido por Lessing nos Diálogos Maçônicos: "Os atos da Maçonaria têm uma só finalidade, tornar inúteis a maior parte das coisas hoje conhecidas por boas ações". A idéia sociológica da Maçonaria consiste em elevar a Sociedade de tal perfeição, que nunca mais o indivíduo se sinta humilhado, nem oprimido por ninguém nem pelo próprio Estado; conseguir uma ordem social, onde a caridade se omita porque a miséria deixou de existir, em que a justiça não seja mais violentada pelos interesses particulares. Sociedades em que estando abolida a razão do mais forte, não conhece os privilégios, uma vez que é dirigida pelos melhores. A paz social que a Maçonaria almeja, baseia-se num clima em que as divergências sejam eliminadas, já que estando os homens desligados dos interesses de grupos, não lutarão

contra outros grupos. Uma vez respeitada, a justiça o Estado se tornará inútil. A Maçonaria procura disseminar uma Democracia ideal efetiva, oriunda de uma vontade geral, que reconhece o que o homem tem de válido pelo e sobre o dever, ativando o Bem. Implantar uma sociedade onde o recurso à força seja inútil dispensando o armamentismo.

Por isso é que a Maçonaria exige homens melhores, não que possuam inteligência excepcional ou atributos superiores ao demais melhores significando os que são mais exigentes para consigo mesmo.

Meus IIr.'. sejamos pois, os melhores, ajustemos a Ciência Maçônica, para propiciar uma Ordem lúcida diferente das organizações contemplativas limitadas nas predicações teóricas.

Reconheçamos que só a Maçonaria pode abrigar os melhores, sob a proteção do Mistério. Homens exigentes que marcam com suas vidas o século, que se adiantem ao tempo como oráculos do futuro.

Comandemos pelo exemplo, e principalmente saibamos ter paciência, lembrando sempre a lição de Lessing: — NÃO TE INQUIETES, A MAÇONARIA ESPERA TRANQÜILAMENTE O SURGIR DO SOL".

Compete ao maçon, explicar a alma de sua época guiando seus contemporâneos para o progresso, do qual conhecem o sentido e o fim. Reconstruamos nossa sociedade em segredo imitando os nossos ancestrais do Século XII, quando se empenhavam na construção das Catedrais, onde cada obreiro trazia sua contribuição para o monumento que seria mais tarde a marca do templo, o Gótico. O obreiro trazia consigo a beleza da sua imaginação. Entre os materiais ainda dispersos, já sonhava com as ogivas multicores, com a elegância leve das abóbadas doiradas. Na convivência, permutavam respeitosamente suas pesquisas e, depois, austeros e convictos estudavam uma página do Grande Livro e interpretava misteriosos símbolos. Construiram o Gótico, a Igreja filosofal da qual Vitor Hugo mais tarde diria: "O abrigo mais notável da ciência hermética; hieroglifo completo". Reflitamos um pouco, nem esses hieroglifos que eram a própria alma gravada na pedra foram respeitados, o

vandalismo destruiu, os símbolos que eram mensagens. Assim também os vândalos modernos insistem em anular a nossa alma, impedindo que deixemos a nossa mensagem. Mas o Mistério do Símbolo obriga o iniciado a refletir. Os obreiros da Idade Média deixaram impresso no plano do edifício uma cruz latina deitada sobre o solo. Essa cruz era então o hieroglifo alquímico do crisol (o moderno cadinho) que há séculos designava-se cruzol cruzível ou cruzado e, no antigo latim, **crucibulum.** Aceitava o alquimista que era no crisol onde a matéria primeira ou o próprio corpo de Cristo sofria a Paixão, era ali que Ele morrendo surgia transformado.

O povo transmitiu aquele segredo a sua maneira, na linguagem argótica: sofrer seu calvário, carregar sua cruz passar pelo crisol. Era a alma de uma época que exigia a adesão ao Cristo mais que a pura e simples imitação, era a ideação de um tempo que transmitia o símbolo eterno. Entre nós, meus IIr.'. devemos olhar mais os três orifícios que serviram para imolar o Cristo matéria, imagem, das três purificações. Devemos ver também no plano do edifício cristão a qualidade da matéria prima e o método da síntese, na imagem da Cruz, grande síntese da grande obra filosofal. Essa é a pedra filosofal que serviu de base para Cristo construir Sua Igreja. Que prossigamos na Maçonaria essa tarefa, trabalhando simbolicamente sobre o mesmo crisol.

AS SOCIEDADES INICIÁTICAS E O PENSAMENTO MODERNO

Ir.'. Paracelso

"Uma perfeita noção de Verdade surgiu para que pudessemos chegar até outro lado, além das trevas".
(Pranskava — Rig — Véda, I, 46,II)

Analisar com critério as Sociedades Iniciáticas, procurando penetrar nas suas vigências, desde os níveis históricos até as finalidades é algo de suma importância Porque assim nos aproximamos um pouco mais daqueles horizontes mentais, construtores dos Ritos, sem os quais as Sociedades se tornariam anômalas e caóticas.

O rito, sendo um sinal da condição humana, apresenta-se como um acontecimento Universal.

O rito é a expressão da Ordem, produto da Gnóse. Mormente se considerarmos nosso tempo comparável a um Neo-Renascimento, temos de fazer uma reflexão: "existimos neste mundo presente impregnados de mitos novos e de projetos fabulosos".

O Rito é o sintoma dominante dessa angústia humana generalizada. No princípio foi uma revelação, como se a humanidade apenas surgente na Terra tivesse o voluntário desejo de expandir a individualidade, algo distinto da animalidade, aceitando o controle do grupo, e dosando a liberdade pelas regras. Todo o sacrifício ou tolerância individual é causa de angústia. Querer o homem construir a condição humana fundamentado em normas imutáveis, resultou sempre inoperante basta uma frágil e sutil modificação para alterar as frágeis resistências da sua paz e tranqüilidade, daí teve que estar constantemente enfren-

tando o "estranho", essa "qualquer coisa" desconhecida, oculta, inoperante, que insiste em desobedecer as leis conhecidas, que "não são deste mundo".

Mas, justamente esse "estranho" é simultaneamente, atraente, fascinante e terrível, Rudlof Otto chamou-o: Numinoso, palavra mais adequada para significar o "Sagrado". O numinoso pretende significar o sentimento originário e específico, pleno de mistério, dotado de: **tremendum** e **fascinans,** que atrai e afugenta, e dessas polaridades surgiu as duas categorias de ritos:

a) — os que interceptam o numinoso, protegendo o homem contra a intromissão do tremendum.

b) — os que aceitam o fascinans e tendem a observar captar ou utilizar o Numinoso.

Investigando esse critério, porque as sociedades recorreram aos ritos, encontramos que, os homens angustiados por ver em si mesmo um Mistério, situou-se entre duas opções: ou definir pelas regras uma condição humana imutável ou deixar-se tentar pelo desejo de angariar mais poderes que as regras, superando todos os limites.

O ritual apresentava as duas soluções: abandonar os poderes situando-se na afirmação de si mesmo, na sua condição humana, ou procurar adquirir "força e vigor" despre ando uma vivência estável e sem angústia. Havia, também a possibilidade de uma terceira solução: tentar uma passagem, transposição ou sublimação, com o objetivo de fundar a condição humana definida e estável sobre uma Involução ou Realidade transcendente.

Numa opção primeira, o numinoso está ausente feita impureza, noutra ele adquire implicações de uma força mágica e na terceira, ele tem o caráter de tudo que é sagrado.

Nas diversas categorias de ritos, é possível tomar as seguintes atitudes: o indivíduo sob o contágio do sagrado, inclina-se bruscamente sobre o profano — esforço inútil, anula-se e perde-se; noutra, o profano exige o sagrado, nêle se ampara e aceita o risco da dissolução. Nesses casos

a função do ritual é a de manter severamente a ordenação regulamentar das relações mútuas da influência do sagrado.

Alguns ritos possuem um sentido positivo, pois transmutam a natureza do sagrado e do profano, conforme a orientação da Sociedade, outros, porém, estão impregnados da negatividade, dispensam ambos restringindo-os aos seus planos. Os primeiros constituem os ritos de consagração, permitem o ingresso no mundo sagrado, os outros, os negativos, formam os ritos de dessacralização, aceitam um indivíduo ou num objeto puro ou impuro do mundo profano.

Será mais objetivo analisar a intimidade do rito, a essência dele, considerando:

a) — o rito consiste numa cerimônia, ativada por palavras e gestos tradicionais, destinada a conseguir um efeito desejado e esperado por aquele ou aqueles que a celebram. Daí que os ritos possam ser, falados, cantados, dansados, gesticulados, etc.

Tudo se ordena por meio de gestos e de palavras estritamente regulamentados e é nessa severa orientação onde reside a eficiência e a garantia do efeito desejado. Sendo o rito ligado ao domínio do sagrado e para situar-se nesse domínio é indispensável que o homem se transforme e que se torne um outro ser, isto é, passe por uma modificação na forma física, a transformação. Na celebração, o candidato deve estar disposto a ser um "outro" psiquicamente, por isso que ainda hoje alguns ritos apelam para certas drogas alucinatórias ou as danças porque favorecem o estado de "transe", favorecedor da eficácia, entretanto devemos dizer que esses adjuvantes pertencem ao empirismo dito "primitivo" são elementos informativos de valor etnológico. É interessante lembrar o pensamento de James Frazer, exposto no seu tratado "Ramo de Ouro" onde o sábio investigador aceita e interfere em Rito e Magia:

"Em tudo está a magia em forma pura, na Natureza um acontecimento sucede a outro invariável e necessaria-

mente, sem a intervenção de agentes espirituais e corporais. A sua concepção fundamental é idênticamente, àquela da ciência moderna. Todo o sistema repousa sobre a fé, cega sem dúvida, mas real e firme, na ordem e na uniformidade da Natureza. O mágico está convencido que as mesmas causas produzem sempre os mesmos efeitos; que a celebração da cerimônia conveniente provoca sempre o resultado desejado. Entretanto o poder do oficiante não é arbitrário. Será eficaz desde que ele siga estritamente as régras da sua arte ou, em outros termos, as regras da Natureza, tais como ele as concebe. Violar essas leis é uma falta grave que expõe o infeliz aos maiores perigos..."

Durkheim, analisa os ritos como um fato social, para esse filosofo fato social é qualquer maneira de fazer' fixada ou não, que possa exercer sobre o indivíduo uma violência exterior. Essa violência não procede nunca de um acordo convencional que a Vontade humana tenha acrescentando ao Real, mas ela sai das próprias entranhas da realidade. É o produto necessário de causas dadas. É uma violência devido ao prestigio onde são investidas certas representações".

Cuvellier em seu Manual de Sociologia, grava: "O homem está prisioneiro das idéias que ele mesmo forjou. A ação humana se cristaliza em instituições, tradições, ritos cuja força peza em seguida sobre cada pesoa".

Há outros pensadores, que pretendem que as crenças, ou dogmas da religião (ritos) são apenas presenças ideológicas das emoções ou da sensibilidade do homem, mesmo que sejam lógicas, racionais, irracionais ou absurdas, o importante é que consigam produzir emoções e impulsos correspondentes.

Porém vamos notando que esses conceitos estão eivados mais de erudição, estão no plano horizontal, mais pertencem a lógica da frase dos que pensando bem admitem que o assunto está resolvido.

Vejamos logo como os "transcendentais" situam a importância do rito na atualidade:

a) — O rito é um método inconsciente, orientador dos

atos por meio da mágia de participação, ou seja, de gestos palavras, encantamentos;

b) — sendo o pensamento inicial de origem coletiva o rito apareceu através de atos coletivos que exprimem esta participação mágica; danças, cantos, cerimônias oriundas da tradição — elementos próprios dos povos primitivos.

c) — os ritos exercidos pelos feiticeiros, sacerdotes, ou por qualquer agentes de socialização se fixam num ritual;

d) — sob a influência desses mesmos agentes, o ritual se concretiza e se constitui num dogma provido de direitos regressivos sobre os não conformistas;

e) — o dogma se torna abstrato e o ritual se esvazia do conteúdo gestos e palavras perdem o significado para o comum; e

f) — o ritual privado do sentido, degenera ou se transforma e acaba por se tornar irreconhecível e vai sendo abandonado progressivamente.

É evidente que todo o ritual na sua origem, procede da influência de forças mágicas, seja de leis naturais, ele é uma repercussão de todos os rituais correspondentes que existiram em outros tempos. Por isso é freqüente que o ritual da Igreja Romana regresse involuntariamente àquele do Orfismo e às mais diversas formas de religiões monoteistas antigas. O Solstício do inverno forja práticas coletivas, reapresentadas sobre múltiplas designações que recordam palavras análogas — quer se denomine esse solstício "Novo Sol" ou "Natal". E é justamente dessas relações entre rituais correspondentes que se está, na atualidade, nesta aurora de uma nova renascença, elaborando a simbólica experimental.

Rito e Sagrado são temas de informações preciosas: são os móveis das chamadas "linhas de força" da tradição universal e intemporal. Temos que refletir sobre esse assunto não mais como psicólogos, sociólogos ou etnologos e sim como pesquisadores da Metafísica.

Vejamos pois, que em qualquer sociedade tradicional, todo o gesto é sempre a reprodução de um modelo mítico transhumano e que aconteceu num Tempo sagrado assim foi com o trabalho, as profissões, com o amor e até com as guerras, todas essas atitudes foram sacramentos.

Portanto esse "Remember" de que os deuses e os heróis viveram — "naquele tempo" se assinala pela sacralização da existência humana. Houve uma sacralização do Cosmos e da Vida, "In Illo Tempore".

Essa recordação de modelo mítico, o Mito propriamente é o fundamento, os alicerces dos ritos iniciáticos. O rito é sempre em essência, esse algo estranhamente acontecido no começo do Tempo que modelou o comportamento humano. Quando se procura imitar as atitudes exemplares de um herói mítico ou mesmo comunicando suas aventuras é quando o neófito se destaca, afastando-se do tempo profano e funde magicamente o Grande Tempo, o Tempo Sagrado.

Ao reproduzir os gestos e as palavras dos personagens míticos nos tornamos contemporâneos de um Mito. Analisemos um exemplo, um cristão não pode presenciar a comemoração da Paixão de Cristo da mesma forma que participa de uma festa cívica, tal como o Dia da Pátria, porque no dia da Paixão ele deve reatualizar um Mistério. Um Cristão consciente aceita que o Cristo morre e ressuscita, aqui e agora, pelo mistério da Paixão e da Ressurreição ele deve anular o tempo profano e se aderir ao Tempo Sagrado primordial.

Há nesse momento (ou devia haver) uma solidariedade íntima entre a vida Universal e os gestos à realidade da Salvação do homem. Deve situar o problema básico da "Salvação" para que num instante a vida Cósmica se regenere perpetuamente. É de admitir pois, que a morte é apenas uma resultante do nosso relaxo diante do problema da imortalidade.

É justamente para anular esse descaso que os rituais sempre se referem à uma morte seguida da ressurreição. Foi a morte sagrada, "naquele tempo" que forneceu o sentido especial à morte profana, natural, física.

O ritual ativando a iniciação, remontando-se ao princípio é coexistente a toda existência humana perfeita, corresponde a eterna nostalgia do homem que deseja perceber o sentido positivo da Morte feito um rito de passagem para uma nova maneira de ser superior.

A organização da Sociedade, sempre preocupou os estudiosos da "condição humana". Atualmente, as investigações científicas nos proporcionam maior soma de fatos esclarecedores da realidade Universal. A matéria foi examinada em extensão e profundidade por meio de instrumentos adequados ao mister de tornar a inteligência mais capaz de "ver e ouvir" essa presença de uma presença silenciosa de uma realidade imaterial, semelhante a um pensamento ordenador, ritualizando todas as conexões, atuante em todos os elementos cósmicos, tecendo o painel dos reinos inanimados ou animados, previstos por algumas mentes intuitivas.

Vamos adquirindo permissão para auscultar o grande silêncio, onde "Cada elemento do Cosmo contém positivamente, todos os outros na sua tessitura, abaixo de si mesmo pelo misterioso fenômeno da "composição" que o torna subsistente pela ponta de um conjunto organizado e, acima de tudo, pela influência recebida das unidades de ordem superior que o englobam e o denominam pelos seus próprios fins".

Percebemos a continuidade nas seqüências evolutivas do Universo. Os fatos atuais, com suas formas e ações, leis e organizações, estão natural e harmonicamente ligados a um mundo anterior. Há em tudo uma "idéia-força" qual fio condutor interligando as partes comparável a fieira agenciante e valorizadora das pérolas de um colar.

Os antigos iniciados tiveram por intuição notícia dessa "idéia-força", espalharam nos rituais a consciência dessa percepção e transmitiram-na aos mais receptivos, afeitos ao permanente estado de vigilância aos que desejassem receber o salário do trabalho espiritual, numinoso feito numerário, bem ao contrário da moeda, que paga apenas o esforço material — o numerário retribui à tolerância, o fundamento da virtude.

Iniciados eram aqueles que sabiam ouvir a voz de comando sempre a repetir: "Desperta, ó adormecido, desperta". Iniciados, os que se recusavam permanecer como insetos se debatendo contra o transparente vidro da janela, ansiando pelo encontro do raio de luz, fio condutor capaz de servir de elo à Fonte de Luz, entretanto, agitam-se e não conseguem atravessar à frágil barreira da prisão.

Mas, o iniciado também se recusa a permanecer espírito-livre, a maneira dos que ,situados além da prisão transparente, mesmo colocados num mar de luz, continuam navegando sem destino, sem bussola, nem percebem o luminoso. Continuam aflitos pairando apenas na superfície irregular das coisas densas acumulando moedas profanas.

Receptivos à ação de presença da "idéia-força", no instante mesmo da ordenação da vida social, os iniciados já indagavam: "A vida está aí, logo, ela deve ter um destino. Buscar esse de escolas iniciáticas, elas partejaram os filhos da luz, foram as maternidades espirituais, criaram os renascidos pelo espírito, os que compreenderam precocemente essa verdade hoje enunciada pela gerentologia "Somos jovens pela nossa fé e velhos pelas nossas dúvidas". Previam e conscientizaram a existência da influência espiritual impedindo a esclerose mental e a corrupção física do corpo: a fé rejuvenesce porque sempre sublima a matéria enquanto a dúvida conduz ao conformismo do condicionamento e ativa a neurose.

A sublimidade das escolas iniciáticas foi justamente ousada da atitude viril dos seus membros na interpretação continua do Mistério. Nelas se formularam as primeiras relações entre o Mito e o Mistério, e dessa análise surgiu um culto do silêncio. O mistério e o silêncio, é mudo, não se apresenta em palavra, é o que não deve ser dito, é o que somente pode ser recebido em silêncio, e o que deve ser contemplado na quietude silenciosa, por isso aceitavam esta máxima:: "Tudo o que pode ser dito não merece o esforço de ser aprendido". Dessa noção surgiu o conceito de segredo, daí que as antigas escolas iniciáticas ganharam foros de Escolas Secretas ou de Sociedades Secretas.

Mas perdura e deve permanecer ainda por muito tempo a sabedoria proclamada pelas imemoriais escolas iniciáticas: "É do coração do mistério que emana a Verdadeira Luz".

Sempre existiram homens para os quais tanto os desejos como os sonhos transformam-se em realidades. Esses homens reduzidos a minoria, modelaram o trabalho de todos, já Renam afirmou: "A aristocracia dos sábios foi a lei da humanidade nascente, a levedura que produziu a civilização pode fermentar num princípio em um número de cabeças predestinadas, quase imperceptiveis". Justamente por isso há essa sincronicidade da história antiga e moderna, quando procuramos confrontar todo esse imenso volume de mitos e símbolos, de lendas e fatos imaginários, vividos pelas mais variadas sociedades e indivíduos à margem dos registros históricos das civilizações.

Foram os grandes iniciados — os sábios — os primeiros a se aperceberem da idéia-força, arquitetando a matéria nessa sequência — "Civilização dos núcleos dos elétrons, das macromoléculas, da vida e da mente (metabolismo, memória, reprodução)". Isto é desde um Caos até a manifestação da Vida onde o vivo que nos cerca é observado nesta terra, e assim a ciência vai deslindando o mistério da pré-vida até a etapa arquitetônica quando a Vida animou a matéria.

Analisando os fatos, a ciência conseguiu quase imaginàriamente o princípio, situando-o na Nebulosa gasosa, e ao mesmo tempo salientando uma primeira verdade cósmica: quanto mais quente uma galáxia tanto, mais se encontra na fase de juventude, ou seja, em completa desorganização, então por uma questão de analogia não devemos "imaginar" e refletir sobre essa "juventude superaquecida", simbolicamente expressando a desorganização causada pelos pseudos adultos. Mas, êsse aquecimento dos jovens é prenúncio de uma transformação mais coerente, porque a "idéia-força vai se cristalizar numa mutação, não é o mundo que desaparece é apenas uma ilusão que teminina. É Teilhard de Chardin quem nos alerta, qual um vidente: "Todos os elementos do Grande Universo

tendem a associar-se, a complexificar-se a organizar-se, em virtude de um impulso cósmico, a "energia radial" e que o arrasta de um estado sempre mais complexo e centrado para a frente".

O segredo consiste em modelar esse calor, se na galáxia for preciso frear o caos para ser possível construir uma civilização de núcleons, assim como um domador amansa um pótro selvagem esgotando-o antes de aplicar-lhe o cabresto. O método é o mesmo, o da degradação da energia: quanto mais ativa a energia, mais ela se gasta; porém, ao consumir-se a energia mais sociável ela retorna. Aqui, o jovem necessita entrar numa civilização de distribuição e de consumo, a fim de afinizar-se com a síntese norteadora da evolução. Se ali a degradação de energia atenua o dinamismo da agitação cósmica, aqui há repouso no espaço mental que anseia pela ordem, são mentes que se refinam e não aceitam mais a hipocrisia dos sistemas burocráticos, a mente quer se descondicionar do arcaico imoral e apodrecido do conformismo; não quer o genocídio, sente o próximo, quer ser sociável, quer a planetização, é mais uma vez a presença do fio condutor querendo ampliar a Cadeia de União. Querem os jovens a continuidade da vida organizada pelo que se aprendeu cientificamente, é o impulso condutor para uma religião cósmica Assim que se a nebulosa pode ser estrêla, mãe dos planetas, girando ao redor do Sol, a inteligência deseja, também, orientar-se para a Verdade emanada do Supremo Arquiteto.

Mas essa Gnose foi privilégio de raros homens que queriam libertar os humanos das aparências que os aprisionam, desejavam guiar os seres mais receptivos para o Reino da Verdade, formaram os Primeiros Obreiros da Arte Real. Para esse mister se reuniram nas Escolas Iniciadoras. Escolas modestas, ignoradas da vulgaridade, silenciosas, frequentadas por minorias, mas que exercem esse papel de usinas de energia espiritual, empenhadas na revelação da Ciência-Sagrada.

No fluir do tempo se tornaram detentoras dos antigos Mistérios, disseminados através dos Ritos com indiscutí-

vel perfeição pelos Cabalistas, Gnósticos, Místicos Templários, Rosacruzes e Franc-Maçons. Mas nenhuma instituição está livre do aviltamento e da corrupção fruto de inteligências imaturas, heréticos perambulando pelos Templos da Sabedoria, insensíveis aos gestos simbólicos e aos rituais eloquentes. Entretanto os antigos Mistérios ainda permanecem ocultos no alicerce de todas as religiões: estão rigorosamente velados nos Santuários e nos desconhecidos pontos dos Sagrados Templos.

Deve ser assim. As sociedades iniciáticas possuem o segrêdo, a chave capaz de conciliar ciência e metafísica. Aguardam entretanto o momento esperado, quando as faculdades humanas evoluam.

No momento assistimos o ciclo do personalismo, resíduo asqueroso do satanismo que anula a ação perseverante e silenciosa dos Mestres. Os satânicos infiltraram-se nos Templos e inverteram o sentido perfeito da tradição esotérica, estão astuciosamente modelando uma empresa de mutualismo, onde se permutam interesses limitados e despresíveis. Resta, porém, uma minoria que conseguiu penetrar na Gnose da Arte Real e querem esclarecer um número cada vez maior de inteligências informadas.

Felizmente estamos num momento em que o espírito se afirma na evolução, quando o homem começa a adquirir a consciência de uma evolução possível. Então, por que não rever os temas atinentes a importância das Sociedades Secretas, desde que estão baseados os seus fundamentos nessa consciência, nessa vontade de fundar a condição mental capaz de estabelecer o plano definitivo da evolução possível?

Neste ocaso do século XX, onde há cem anos o darwinismo se instalou, o que se sabe dos três bilhões de vida, ou desses milhões de anos de harmonização? É uma cronologia ignorada.

A idéia na qual o homem resultou de uma evolução perseverante da matéria viva, e mais ainda que esta evolução é praticamente recente e esta longe de atingir sua meta, está ausente dos diálogos. Meditemos um pouco:

se os animais da era secundária após sairem das profundidades marinhas para atmosfera terrestre sofreram mutações em suas estruturas, tais como a perda das escamas e o alongamento do pescoço, por que então esta população humana ao penetrar na era cósmica não deverá se transformar e angariar novos poderes? Êsses fatos se não admitidos pela atual psicologia foram aceitos e entendidos pelas sociedades tradicionais de mistérios desde um tempo remoto. Há pouco Julian Huxley, biólogo renomado, comentava que a unica pergunta a fazer, é: Para que estão feitos os homens? E êle mesmo respondia: Estão feitos para se transformarem. O homem esta longe de estar concluído; sua psicologia é estática. Quanto aprendemos recentemente das infinitas possibilidades do espírito? Naturalmente ainda é preciso um tremendo esforço para significar esta evidência nas mentes, simplesmente condicionadas dos nossos contemporâneos contentes com os intocáveis cursos de doutrinação, mais perturbadores, mais criadores de dúvidas do que de realidades. Quem duvida dêsses poderes já possuidos pelas populações humanas, daqueles poderes fabulosos, tão ansiosamente procurados pelos magos, isto é, o de voar pelos ares, comunicação à distância, estar em todas as partes simultaneamente ou ter contacto com psiquismo diferentes? Todo o patrimônio das sociedades humanas é mágico, tudo nela funciona como u'a máquina sempre orientada para a demonstração dos poderes do espírito. Não será o progresso a resultante de uma transição, de uma técnica da matéria para a técnica do psiquismo? Ao atuar o homem sobre as coisas, não exercerá certa ação sobre si mesmo? Justamente nessa ação é onde reside o contemporâneo do futuro e onde ele se nivela com o pensamento tradicional iniciador.

Nesse metier das transformações humanas e das liberações, não podemos recusar o papel das sociedades secretas do passado, comparáveis às centrais elétricas privadas com a missão precípua de realizar protótipos do futuro, modêlos de homens possuidores de poderes afeitos a uma percepção transracional em conctato com as itneligências do Universo. Adquiramos, pois, uma nova visão; a de que a sociedade humana caminha para uma destinação, a de se

transformar numa sociedade iniciadora. Não estamos numa sociedade estática, e se há um retrocesso, fruto do racionalismo ignorante do sagrado, tudo se dirige e culminará no retorno à percepção do sagrado.

Temos constantemente procurado nos inflectir sobre os temas iniciadores, para extrair a "idéia-força" que vai atuando, mesmo nas mais complexas investigações modernas. Assim, se permanecermos num nível de perfeita abstração, será possível entender o pensamento de Einstein, todo ele refletido na "experiência religiosa cósmica".

Conseguir esse momento foi sempre a preocupação das mais vetustas escolas iniciadoras. Os grandes mestres do passado chegaram muitas vezes a entrever essa religiosidade quando refletiam nos temas atinentes a arquitetura da vida, do espaço, do tempo e mesmo do conhecimento, era quando tudo se comparava àquela metafísica tradicional primordial, misto de fé e de místicas, aderida ao ensino meditativo dos Antigos, assimilados não se sabe em que fonte.

Não nos surpreende essa comunicação entre o pensamento atual e o pensamento arcaico, procurado ainda recentemente pelo físico nuclear Oppenheimer, o qual num momento de sua carreira científica teve de estudar o sânscrito.

Essa necessidade revelada pelo cientista, esclarece-nos uma realidade muito significativa: quando a ciência profana amplia a investigação termina sempre invadindo um terreno sagrado. Não há, portanto, mais fronteira entre o profano e o sagrado, as fronteiras cederam. Se quisermos estar perfeitamente cientes em nosso tempo temos, fatalmente, de nos dispor a viajar em todas as estradas e caminhos possíveis do conhecimento. Bacon, em sua época, ensinava-nos: "A antigüidade é a juventude do mundo e porque o mundo envelheceu, nosso tempo é a Antigüidade".

Entretanto, convém lembrar desta indagação, cada vez mais repetida entre os membros das atuais ordens iniciáticas: Por que cessamos as nossas viagens pelo caminho do conhecimento? Por que estagnamos feito espectadores e ouvintes dessa ruidosa orquestra de malhetes?

Tentemos uma resposta. Comecemos por recordar essa fatalidade inerente à existência do homem: revolta permanente da vida contra a inteligência, contra o pensamento intelectivo, fatalidade latente perdurável em todas as coletividades.

A fim de evitar grandes divagações, preferimos denominar essa revolta de "atuação dos filisteus" apreciada em mais um entre tantos "ismos" — o filisteismo.

O filisteu pode ser definido como o homem destituído de preocupações espirituais, nem adquiriu qualquer sentido orientado para a Arte, homens situados na dispersão do conforto. Não pretendem Ser, querem apenas Ter e Aparecer, ufanam-se em possuir todos os múltiplos objetos que satisfazem as exigências narcisistas do luxo, ignoram aquele dito de Sócrates diante das bugigangas expostas num mercado: "Quanta coisa há de que eu não preciso".

O filisteismo é mais uma dessas formas de individualismo, a doença inconsciente do nosso tempo.

O filisteu é mais nocivo que o profano, pois este ainda não penetrou no templo, ao passo que aquele está em todos os lugares, principalmente na sala dos passos perdidos, possue uma estranha capacidade, a de se ajustar a todas as situações até a uma realidade que, bem avaliada, não representa coisa nenhuma; não conseguindo adquirir valor espiritual algum, hipertrofia em si o desejo incontrolável de satisfazer sempre as suas necessidades e jamais se permite orientar para o estudo, compreensão ou entendimento. Se por um desses acasos impostos acidentalmente pela moda ou alguma autoridade, teve que atuar meditando, prontamente se arregimentam em legiões, encarregadas de extinguir todo e qualquer esforço orientado para a sabedoria ou para a alegria espiritual. O filisteu considera o trabalho espiritual como uma condenação às galés. Para ele prazer só dos sentidos: grandes banquetes, ostras e vinho, aí reside a sublimidade da vida; praias, clubes de campo, turismo, carro à porta, móveis antigos e depósitos bancários, eis as supremas conquistas. Se estiver realizado a sua maneira, o filisteu começa por apresentar um sintoma, e se lamenta sempre: " Sofro de tédio"

Então procura curar-se do tédio, inventando todo um sistema de imbecilidade, viagens, festas, esportes onde os cavalos e servos suam enquanto ele permanece imponente na pelouse enfarpelado mirando através de binóculos que fazem inveja a muito Galileu; joga, bebe, corrompe mulheres, tudo devido a ausência de necessidade intelectual. A ausência intelectiva é mesmo o lugar e a desordem toma corpo e o sofrimento se instala. O retrato de filisteu e feito de imagem seca, apagada, é um perfeito irracional, coisa alguma o alegra, nada o comove, nada o desperta, para ele tudo é incessante rumor de malhete. Atividade evolutiva para o filisteu será exaurir-se nas homenagens recíprocas, nas viagens e hospedagens que consomem troncos e mais troncos, mais medalhas, mais condecorações. Mas nenhum esforço destinado às exigências espirituais.

O galardão do filisteu é sofrer de tédio. Mas o prazer tem a duração das rosas. Logo se esgotam, então não há outro recurso senão o de refinar-se nas aparências dos apelos da vaidade, nada melhor que se impor exteriormente sobre os demais homens que o homenageiam. É a opereta dos personagens que se atraem, dos que pretendem se aquecer no brilho gélido dos reflexos coruscantes. O psicodrama iniciador deixou bem claro no simbolismo toda a psicologia da aparência, do narcisismo, dos que se refletem no metal dos espelhos, nunca na reflexão, ou melhor, na inflexão sobre si mesmo.

A filisteu recusa-se conviver com os que possuem aptidão intelectual. O ar da sabedoria desperta nele uma tremenda má vontade que se expande no ódio ou na inveja que ele procura camuflar cautelosamente. Ninguém merece sua estima ou consideração. Os ideais e as convicções não acompanham o filisteu. O tédio acaba determinando que ele procura as realidades, mas essas realidades se esfumam, fatigando-o mais que divertindo, constroe um caos. Entretanto, os ideais e as convicções sempre foram inesgotáveis, ingênuos e inofensivos porque recendem pureza em si mesmo.

Lamentávelmente o filisteu infiltrou-se na discreta e

silenciosa intimidade dos Templos, e foi um deles que afirmou com o ruído, ao ver Lavoisier guilhotinado: "A revolução não necessita de Sábios".

Resumindo, queremos significar: será impossível restaurar a Ordem Iniciadora enquanto perdura o filisteismo. Filisteismo é sinônimo de anti-intelectualismo. Quase todos os sábios responsáveis pela evolução cientifica estão presentes e são nossos contemporâneos. Reconhecemos ser impossível assimilar toda a massa enorme de acréscimos científicos. Um só indivíduo não consegue mais compreender tudo a não ser que ele se disponha a executar uma perfeita disciplina ascética, uma disposição superior para absorver o transracional.

Precisamos, com urgência, restaurar as corporações, não mais as simplesmente operativas, mas as corporações intelectuais, as Lojas; as equipes reflexivas se tornam indispensáveis. Os cérebros eletrônicos já se tornam auxiliares preciosos aos investigadores. É lógico que o filisteu diante da sua incapacidade de consumo, devido ao anti intelectualismo, já não sofre mais só de tédio, começa a apresentar sinais de depressão — a doença do conformismo.

Mas nunca esteve tão evidente, neste terreno que pisamos, o da realidade fantástica, essa presença da 'idéia força" presidindo a arquitetura do Possível, tornando tudo possível, até o clima da descrença vai sendo afastado sob o impulso criador das pesquisas. Quem não conseguir compreender as revelações científicas terá que aceitar o fantástico, o inefável como real. Não atinando com a realidade misteriosa, permanecerá não no sobrenatural, mas no preternatural, no terreno do realismo. Não atigindo os Arcanos da Gnose, enovela-se sobre si mesmo qual um rato no teste do labirinto, permanece no pré-lógico empírico. A depressão exige algo que nutra essa ociosidade, então o filisteu procura situar-se nessa atmosfera supersticiosa inundada de magia e de sonho. Daí esse cortejo inumerável de seitas surgindo de todos os lados, é o surgimento constante das parareligiões onde prosperam os falsos profetas, os advinhos, os curadores, os quiromantes, os

astrólogos e quejandos, basta olhar o sem número de jornais e revistas que possuem leitores porque imprimem os infalíveis horóscopos.

Está de tal forma generalizado esse tédio superticioso, que mesmo entre povos desenvolvidos ele predomina nas coletividades. Em recente estudo, foi verificado que entre três franceses, um consulta advinhos. Talvez este comportamento explique o recuo para o ateismo, recurso extremo, simples transição de uma ignorância entediada para outra. Um pensador anotou com precisão: "O primeiro passo do ateismo contemporâneo consiste em negar a Deus, o segundo, em colocar o homem no seu lugar dizendo: O primeiro passo do ateismo não filosófico é o de dar às costas às igrejas, o segundo é para se entregar aos magos, aos videntes, aos iluminados". Por isso domina a chamada criptomagia: enquanto vai se acendendo algumas luzes nos pináculos da ciência racional, o ferrete dos feiticeiros vai marcando as multidões. Estes acontecimento não são inéditos, a Renascença já os conheceu, ali notou-se que, enquanto surgia uma nova consciência, havia, também, uma agitação desordenada do espírito complementada por terríveis violências.

Precisamos, pois, olhar as coisas antigas com olhos novos, retornar as fontes impregnados de um pensamento moderno: Nova Sed Antiquae, é mesmo a divisa do Grande Oriente do Brasil.

Atualmente só nos capacitamos da realidade espiritual nos colocando na vanguarda das ciências. Nunca devemos nos deixar permanecer ao lado dos entendiados desertores do conhecimento.

Dizia Victor Hugo: "O pouco que vemos depende do pouco que somos. Mas se o homem está aí para se transformar será que somos esse pouco? Seremos apenas: sono, vigilia e morte? Será que não existem múltiplos estados além da vigilia; Por que então em nossas escolas iniciáticas permanece aquele lembrete: Vigilância e Perseverança?"

Conforme a tradição iniciadora há similitude entre os

espectros da luz física e o espectro da inteligência — a luz humana. Sabemos que na luz física na sinistra está a franja das ondas hertzianas e do infra-vermelho, no centro o espaço limitado da luz visível; na dextra está situada a franja infinita: ultra-violeta, raio X, raio gama e o desconhecido. Também no espectro da inteligência — a luz humana — temos na esquerda a franja extensa do infraconsciente e do sub-consciente, no centro a porta estreita chamada consciência, mas, na direita, situa-se a escada infinita da ultraconsciência.

A nossa modesta psicologia consegue apenas nos informar da criança instintiva (Freud) ou da criança afetiva (Jung), nada revela a respeito do adulto. Será que o adulto possue a consciência no espaço da ultraconsciência?... Meyrink analisa assim: "O primeiro degrau se chama gênio. Os outros permanecem ignorados pela massa que os chama de lendas. Tróia também era uma lenda antes que as buscas revelassem a sua existência".

Entre os nossos símbolos encontramos as franjas situadas na extremidade da corda de oitenta e um laços. Por que? Procurem responder é um convite a meditação. Se sabemos tão pouco a respeito do sub-consciente, quanto ignoramos do lado do supraconsciente.

A vanguarda da ciência nos ensinou que o homem atual, nas operações mais complexas da mente, utiliza apenas a decima parte do cérebro. O restante do cérebro se compara a uma terra desconhecida. Será que nessa escuridão existem poderes ainda não aproveitados? Que reserva de forças ali adormecem?

Continuemos, pois, vigiando e perseverando e, talvez conseguiremos um dia, graças a inteligência explorar o tempo da mesma forma que as máquinas criadas por ela hoje exploram o espaço.

A MORTE INICIÁTICA E O NOME SIMBÓLICO

Ir.'. Paracelso — Loja "CARDOSO JÚNIOR",
Or.'. da Capital.

Saindo da Câmara de Reflexão em busca do caminho que leva à verdadeira luz, está um novo ser, com a nova forma ativada e, de tal maneira arranjada pelas sucessivas purificações, que nada mais possui daquele homem comum, vulgar ou profano. Agora possui uma nova vida, é um renascido; deixou ausente algo que, sendo comum a todos, não o diferenciava de ninguém, deixou de ser coisa entre os objetos do mundo; tornou-se um eleito, alguém que se dispôs a enveredar para o plano do supra-humano. Renasceu para o Espírito, pretende atingir as culminâncias do Magistério, adquirindo poder de disseminar a Verdade, um verdadeiro portador da Verdadeira Luz.

Realizou uma transformação interior, necessária para ser o suporte da transcendência; fez, decididamente o que está implícito no ensinamento tradicional, tão bem simbolizado em João Evangelista: "Quem não nascer de novo pela água e pelo espírito, não pode entrar no Reino de Deus. O que nasceu da carne é carne o que nasceu do espírito é espírito". Eis o mistério do renascimento; eis todo o método da Morte Iniciática; eis o caminho da iniciação, que a vulgaridade dos nossos tempos procura esconder, apagando o traçado e impedindo a trilha.

A Morte Iniciática impõe o renascimento pelo espírito. Podemos aceitar uma Morte Iniciática? Haverá essa Morte?

Devo dizer-vos que sim. Existe e com mais efetividade que a morte vulgar, que nada mais é que um simples se

tornar ausente. A Morte Iniciática pode não significar nada para os ignorantes, só eles podem admití-la com méra fantasia, pois não podem precisar o conceito profundo da iniciação e se deixam permanecer na superfície, nem sensibilizados foram pelas diferentes provas a que se submeteram. Porém, embora em número reduzido, existem os que estão em condições de serem influenciados pela iniciação.

Há evidentemente, uma morte profana; e só os vivos que permanecem poderão dizer que o finado morreu primeiro, que se ausentou definitivamente do espetáculo cotidiano. Mas, que resultado essa transformação, de presente em ausente, dá ao plano consciente? Consideremos de perto a Morte Iniciática e, imediatamente, nos capacitamos que ela é, de fato, efetiva porque nos leva além da formalidade individual, das relações particulares, do homem presente nesta melancólica paisagem onde para que se saliente é necessário que milhões de sêres sejam sacrificados pela carnificina da guerra ou pela injustiça da miséria. A Morte Iniciática é efetiva, porque é uma transformação em se estando presente, permanecer neste mundo com a aquisição de um novo valor, de um conteúdo total.

Salienta René Guenon: "Todas as tradições afirmam as diferenças fundamentais nos estados póstumos do ser humano, quer seja o de um profano ou de um iniciado". Se isto é assim, deve haver uma razão. É que as modificações impressas pela iniciação são originadas num grau superior da realidade.

Então, o que se modifica na morte é, fundamentalmente, um "estado", uma passagem de um estar para um não estar, que é o mesmo morrer e nascer, conforme uma certa maneira de apreciar o problema. Ora, morrendo um certo estado anterior, é o mesmo que aceitar que esse finado estado precedeu a um outro seguinte. Deixou de existir um para poder nascer outro, é uma seqüência de formas móveis para outras imóveis, como a passagem do quente para o frio. Sabemos que na iniciação há um renascimento, pois, ao morrer o estado anterior, o profano precedente nasce nesse estado valorizado conscientemente, agora com o iniciado. Para os maçons convictos é fácil entender esse

aspecto do ritual, pois estão cientes de que o revestimento envolvente do simples corpo físico é uma modesta forma do homem eterno, por isso há uma certa maneira de se apresentar numa circunstância passageira. Também para os que receberam um acréscimo, ao verificarem que, pela iniciação, ganharam essa luz que propicia franquear os limites e erguerem-se sobre as deficiências humanas.. Para os maçons que passaram do estado de sombra para o da Luz, cientes da realidade do Universo, para eles a morte não existe, tudo se resume em um renascimento num atuar progressivo na estrutura interior, num permutar contínuo de estados de cegueira. Não foi em vão que a Antiga Sabedoria deixou gravada uma linha: "Serás convertido naquilo que pensas". Nada mais certo, uma vez que a compreensão vai aos poucos produzindo uma mutação que elabora a vista penetrante, possibilitando expressar a vida interior expontânea. Então, como diziamos, a morte para os maçons convictos não existe, nada mais significa que uma brusca mutação de estados condicionados de vida, mudanças de existências cada vez mais livres da escravidão do estado precedente. A morte implica sempre um novo nascimento de uma vida mais livre, como o afogado que conhecesse o valor do ar. Assim, os justos somente desciam ao túmulo para forjarem novas existências, conforme a tradição vetusta.

Se meditarmos um pouco sobre o ritualismo iniciático, veremos claramente que o rito marca as nuances dessas variações de estado. O rito simboliza o mistério da morte e do renascimento iniciático, passagem de uma objetividade **sensível** para uma subjetividade **inteligível.**

Para significar essas passagens é que o cenário iniciático se refere às trevas; por isso o candidato tem de conhecer a escuridão densa; assim o exige a Luz Verdadeira. A cor negra que é imposta simbolizando a descida aos infernos, preço requerido para a construção da Grande Obra. Aí é a região onde os estados antecedentes se dissolvem para se fundirem, a seguir, numa ordenação superior. Por isso o se dizer sempre que a iniciação tem de ser brusca, instantânea, à semelhança de um golpe, principalmente na primeira fase do ritual, naquela em que se defronta o pro-

fano e o iniciado com todos os antagonismos, pois, a seguir processa-se, unicamente, uma graduação ascendente de etapas superiores. Ora, o iniciado no seu primeiro caminho percorrido tem que se refazer psiquicamente, uma vez que deseja participar de uma nova geração, que se destina ao plano espiritual. Deve aproveitar bem esses métodos de preparação para ascender do psíquico para o espiritual. Há um momento no ritual em que é urgente um terceiro nascimento, isto é, uma morte do renascido, como está evidente no grau de mestre, que é todo um processo de ressureição, uma vez que é distinto este momento daquele primeiro apresentado pela Câmara de Reflexão. Agora é feito corpo de ressurreição, que não conhece mais os limites atribuidos à deficiência da existência.

Parece estar claro pelo exposto, que na Câmara de Reflexão se mata o corpo para fazer surgir o psíquico mas o psíquico também deve morrer. Todavia, não se admirem os acadêmicos, pois mesmo sem ritos iniciáticos naturalmente isso acontece, como nos casos de senilidade ou de outras formas de degeneração, o que não implica em evolução iniciática para planos espirituais, sendo apenas restritas modalidades concretas. Por isso as tradições mantém os chamados ritos funerários, reflexos dos efeitos da extensão do estado humano. Mas, o iniciado supera o estado humano, para atingir o espiritual, sem se distanciar do Ser. Não deve morrer o psíquico, caso em que se tornaria num estado pior que o do profano, caminho para a chamada Magia Negra, tipos de individualistas que nada produzem nem se preocupam com as obras; que permanecem como críticos de defeitos possuem em demasia. Essa apresentação foi necessária para chegar-mos ao objeto desta palestra, queremos agora estudar o problema do chamado segredo do nome simbólico que os demais apressados procuram julgar como medida acauteladora ou armadura contra hipotéticos inimigos. Como numa ordem iniciática ninguém conspira, pois que esse proceder é próprio das organizações profanas, das tais sociedades secretas ou mesmo dos pretensos partidos, a máscara do nome pode servir de proteção. Mas, na Maçonaria, prototipo de sociedade iniciática, o segrêdo do nome ganha novas elo-

qüencias simbólicas. Porém os "tamásicos", preocupados somente com o prestígio dos títulos vulgares, buscando aumentar mais os revestimetnos através de títulos — quase sempre conferidos — estão longe de aceitar o mistério do nome simbólico, esquecem a tradição, sacrificando-a em benefício do vulgar que pretende se fixar nos acréscimos salientes ao nome profano. Por isso assistimos a música do nome profano ser executada em todas as Lojas, amostra suficiente do quanto ignoramos a matéria tradicional. Êste problema do nome serve para ilustrar como é grande a oposição interna dos maçons contra a Ordem Maçônica e porque nos encontramos nivelados com o mundo profano, nos contaminando diariamente com seus erros. Ora, a sonoridade do nome profano no interior dos templos cria o ambiente histórico nas Lojas, recordando sempre a presença do corporal, permitindo a perpetuação do profano, impedindo que exista de fato e em verdade uma legítima reunião de iniciados, legitimamente renascidos.

Nos Templos Maçônicos, parece que deixamos claro, devem se reunir apenas indivíduos; no Templo deve existir, permanentemente, uma assembléia de iniciados que nada possuem desse profano homem vulgar, corrupto e corruptor. Na Loja devem estar os iluminados, que se jactam de estarem situados entre a Esquadra e o Compasso, para imporem ordem que, absolutamente, não se escondem nem simulam, que não são máscaras, nem pesonagens. São sêres plenamente reais, encarnados, reencarnados e renascidos, cuja existência é superior à modesta história dos homens de carne e osso.

Mais uma vez apelo para René Guénon, que nos ilumina: "Convenhamos que se a Ordem iniciática for eficiente, a designação de qualquer dos seus membros pelo nome profano, embora materialmente, será uma degradação, comparável ao ator e à personagem, desde que o ator se recuse a encarnar um nome nas circunstâncias existenciais". Por que o iniciado deve receber um outro nome diferente do profano?

A resposta será fácil, uma vez que ele é um renascido. Assim, desde a antigüidade, pensaram os homens cons-

cientes do progresso. Claro que se houve uma transformação efetiva, houve o surgimento de um novo ser; se o primeiro nome correspondia a uma forma, se algo modificou-se por influência espiritual, o profano desapareceu e no templo da luz deve estar a individuação. O próprio sacerdócio exotérico sabe disso. Como não aceitar um profano ligado a terra e outro diferente no interior do Templo? O profano é um sêr fictício, o iniciado é real. Do contrário o homem profano está vivo, e sua permanência na Loja é uma irregularidade grave, pois revela uma aparência de cobertura, engana-se o cobridor interno. Se o profano morreu, seu nome não deve servir ao iniciado.

Ideal até seria que cada grau iniciático exigisse um novo nome, pois cada novo nome exprime uma adequada realidade. Se a gradação for eficiente, nada resta da aparência, maior o grau de entendimento, mais conspícuo o nome conferido, mais notável a essência do ser. Um nome profano nada diz da profundidade do ser, é apenas confinado à superfície. O profano no templo é irregular, é anti-maçônico. Já Pitágoras esclareceu o mistério do nome, pois para esse iluminado, o verdadeiro nome de um Ser, devia pertencer a um número, único símbolo afim com a individualidade, pois ele é a expressão total da essência. Atentar ainda que o nome iniciático deve ser secreto, ignorado do mundo concreto das aparências, pois ele encarnando um estado sútil se reduz a nada quando vulgarizado e não-teria mais o sentido de apoio ordenador. Sendo o nome profano um simples artifício como significativo de uma forma aparente, exprime apenas uma coisa, mas não revela um valor. Portanto, fora com ele. O iniciado renasceu, portanto, merece um nome distinto, que lhe confira a regularidade.

A regularidade maçônica nos aproxima das origens, quando os homens possuiam consciência da responsabilidade, despidos que estavam das crostas da aparência. Precisamos atender que há um momento quando se alcança os planos supra-humanos, em que o nome pode até ser desnecessário, pois o Ser se reduz à essência, não basta, pois, o simples apelativo, é inominado, conheceu a liberdade, para atuar qualquer nome serve, nenhum adôrno ou traje, pois a vontade é que domina nesse terreno, atingir essa etapa na

Maçonaria, só pode ser benéfica, pois a mentalidade profana não se interessa pelo desconhecido inominado, uma vez que está preocupada com os méritos artificiais das coisas fáceis que podem ser compradas. Esquecem os medíocres que o próprio nome vazio de essência que portam pela Terra nada mais significa, pois que, na atualidade, se firmam as assinaturas coletivas em manifestos, tudo se misturando nos abaixo assinados, marca da era das quantidades impostas pela massa amorfa e inconseqüente. São massas, grupos de semelhantes desejando coisas diversas, onde o indivíduo isolado não tem mais valor, por isso que se limitam a pedir as migalhas que sobram da mesa dos astutos, não desejando nada além dos limites convencionados e estabelecidos pelos tiranos.

Por isso que, na tradição, quando o império da arte forjava a beleza se afirmando na obra prima, o artista não precisava apor o nome no que produzia e daí não se conhecer os autores das grandes obras, que anônimos diziam o suficiente para reconhecermos nesses ignorados sua condição de iniciado; as vezes deixavam gravado um nome simbólico. Atuavam com humildade no mundo profano, nenhuma prerrogativa exigiam.

Toda vez que aparece um nome responsável por um trabalho grandioso, querendo projetar um indivíduo determinado, podemos concluir que esse cidadão, não foi evoluído, pois é certo o esforço não ser dele. Geralmente o nome impresso revela apenas um "testa de ferro", pois que as grandes obras resumem o trabalho de muitos. Na valoração da grande obra não interessa o autor, o importante é conhecer a organização inspiradora. Assim aconteceu sempre com o que é tradicional, a ordem é o único apoio de todos. O que distingue o profano, então, é o individualismo, o autor se sobrepondo a tudo, pagando para ser notado, alimentando a propaganda, essa forma de gerar prestígio, essa modalidade degenerada de enaltecer os medíocres; por isso que, quando se procura impor um nome numa obra, impondo-se o indivíduo, criamos condições antitradicionais. Não podemos mais permanecer no desconhecimento das urgências tradicionais, próprias da iniciação efetiva.

Deixemos para o profano essas tertúlias sobre humanismos e racionalismos que vai sedimentando tudo na mediocridade, espaço limitado do homem comum, incapaz, limitado, grosseiro. Nós pertencemos a uma categoria superior, porque conhecemos a iniciação, que por mais modesta que seja, determina uma ascese, uma passagem de nível alto. Passagem que se faz pela porta estreita. Não estamos diluidos na massa qual membros de um rebanho dirigidos para o matadouro.

Portanto, meus irmãos, façamos cumprir essa exigência iniciática, deixando de lado esse nome profano que vem degenerando o recinto sagrado e augusto dos nossos Templos.

A PRESENÇA DA MAÇONARIA

Ir.'. Paracelso — Loja "CARDOSO JÚNIOR",
Or.'. de Curitiba.

Após considerar as inúmeras insistências de amigos, interessados nos assuntos maçônicos, resolvi sair da habitual discreção que recomenda o silêncio nas particularidades internas da nossa Instituição.

Meu objetivo, ao atender tais solicitações, é o de principalmente poupá-los da árdua tarefa de manusear uma difícil e custosa estante de documentos. Pretende esta modesta página deixar patente o existencial maçônico nesta nossa atribulada vivência. Nela deixo alguns elementos úteis aos profanos (não há que temer esta palavra, pois ela significa: o homem que ainda não penetrou no Templo), que investigam a temática maçônica. Não há nenhum impedimento para a investigação dos asuntos próprios da Maçonaria.

Reconheço a oportunidade desta exposição, nenhuma razão existe e que seja suficiente de impedir o esclarecimento amplo sobre os nossos designios, considerando-se que nossos propósitos são sádios, e nem merecem ficar ignorados, e assim o fazendo, revelamos uma sinceridade, ao mesmo tempo que fica evidente que, em tempo algum e nem seria agora, que iriamos usar os pregões do proseletismo.

Quantos perguntam assim: deve-se ingressar na Maçonaria?

Quantos que, de indagação em indagação, vão perseguindo uma idéia de se tornarem maçons; uns optando pelas excelências da Ordem, e outros há, que na falta de

esclarecimentos se deixam ficar nos dilemas, que terminam por negar ao menos um aplauso, tendo em vista que recebem uma resposta cheia do misterioso terror e muitas vezes impregnada pelo descrédito.

No entanto, a verdade também tem o seu tempo, e quando ela chega nada pode ficar ou permanecer oculto. A ignorância, sempre disseminou que a Maçonaria é uma sociedade secreta, e que pratica cerimonias terríveis conluidos aos ritos impregnados das mais funestas normas da magia negra.

Ainda perduram as acusações infundadas de que os maçons se esmeram no culto de Satan ou que se comprazem nas injúrias ao Deus e que blasfeman no escárneo e no pisoteio dos crucifixos. Hoje, felizmente só um desajustado pode continuar disseminando tais infâmias, reveladoras apenas de uma possível demência. Nesta oportunidade nos limitamos a dizer que a Maçonaria não pode ser definida em termos de injúrias e nem pelos adeptos da calúnia.

No terreno das idéias, temos adversários situados nas categorias mais diversas, e entre eles, desde os leais, até aos desleais.

Jamais os maçons se reuniram nos Templos para traçarem planos incompatíveis com a Ordem Social — E até pelo contrário, o maçon aprende sempre a se tornar um construtor buscando ser um obreiro reverente à evolução.

O maçon, jamais será um individualista astucioso, que visa conseguir pela astúcia uma situação particular, angariando fama ou privilégios e nem será um caçador de prestígio, todavia, não se lhe permite permanecer nesse estado ocioso de simples parasita social. A idéia mestra do maçon é a construção. Uma pátria, sendo uma reunião de homens, é urgente e necessário que esses mesmos homens se edifiquem. Eles têm presente sempre, em todos os momentos da vida, aquela sabedoria proverbial que vem ganhando coro em importância: "quando os justos se engrandecem o povo se alegra, mas quando o ímpio domina, o povo suspira".

O maçon julga e se afasta dos velhacos que cometem os

abusos, se apoiam e se sustentam na corrupção. Dos maçons, disse certa vez, o grande Lamartine: "Vós sois segundo penso, os grandes ecléticos do mundo moderno; vós assimilais em todos os sistemas e em todas as filosofias, os princípios evidentes eternos e imutáveis da moral universal; fazendo da fraternidade o dogma infalível e unânime, afastando tudo que divide os espíritos, professando tudo que une os corações. Sois os fabricantes da concórdia, manejais com a trolha o cimento da virtude nos fundamentos da sociedade".

É natural que, entre nós existam, vários temperamentos refletidos nos atos humanos, até mesmo os exaltados que elevam as virtudes da Maçonaria de tal forma, que a situam numa posição além das suas possibilidades. Estão presentes ainda, os maçons apologistas, só comparáveis aos fanáticos que teimam em não aceitar que o nosso mundo possa ter se realizado sem oportuna contribuição maçônica.

Mas uma coisa é verdade, nunca existiu um maçon que atentasse contra a dignidade humana. Os nossos adversários desleais, os que nos condenam, geralmente estão mal informados e estão emaranhados nessa teia tecida por erros e preconceitos. Nem faltam entre os desleais, aqueles que ingressaram nos nossos Templos, mas por motivos estranhos à nossa vontade, não conseguiram interpretar os postulados maçônicos, foram convertidos, porém, nunca iniciados, são os tais maçons titulados, são os "sepúlcros caiados" ambulantes, condenados por suas ações deprimentes a ficarem colocados na torre do silêncio, esperando por abutres que fatalmente devorarão os seus cadáveres, são como os piolhos grupados na asa da águia, conseguiram ser alteados, porém não viram os esplendores das alturas. Sim, às vezes acontece que eles burlam a mais severa vigilância, e quando se afastam da Ordem, pela decepção, porque vieram prontos para uma festa e se surpreenderam ao encontrarem o ritual pleno de esoterismo, e existem ainda os que foram excluidos devido a comportamentos indígnos reveladores da animalidade. Já estamos em tempo de dizer o que somos e como procedemos.

Podemos resumir esta tarefa, dizendo que: em nossas Lojas, portanto, em nossos trabalhos, está sempre evidente

um princípio cósmico, que se fosse necessário definí-lo, diríamos que almejamos atingir nesta etapa de vivência humana, dentro de uma plenitude Ética-Mística, as duas colunas fundamentais para a consolidação do Humanismo. Dentro das nossas Lojas reunem-se diariamente os maçons, não para se esterelizarem em polêmicas, mas objetivando conhecerem o centro único do pensamento, que positive o ideal de conseguir transmutar o homem-animal para o homem normal, esse é o nosso esforço contínuo. Reunimo-nos para desenvolver as bases ético-místicas, facultando ao homem desenvolver, não uma teoria da sua crença, mas para estabelecer a realidade que ele deve ser. Dizemos mística, porque se desenvolve a compreensão da primeira grande Lei, aquela que exige de todos a elevação da alma até sublimar-se no Grande Arquiteto dos Mundos. Ademais é ética, porque cria o ambiente útil para a aproximação dos semelhantes, dos nossos semelhantes que se encontram para a grande fraternização. O homem diante do seu semelhante aprendendo a admirar a sua direta que é onde se situa a esquerda do nosso irmão, buscando situar o afeto do lugar mesmo do coração, revelação grandiosa demais para ser compreendida pela vulgaridade entendida do nosso tempo. Eis o abraço fraterno, o mais fabuloso símbolo que o homem pode conceber. Neste estágio de civilização, este é o nosso pão quotidiano; esta é a nossa filosofia e podemos dizer que representa mais que doutrina, porque é uma exigência do princípio imutável, que comanda esse trabalho hérculeo de construir o homem ético-místico. Eis o humanismo que ainda não terminou sua perigrinação ideativa, que ainda está buscando uma renascença, saído puro da tradição arcaica. Eis como se afirma o pequeno mistério da igualdade que fortalecerá um dia a harmonia universal! É interessante notar-se que no vocabulário maçônico não subsistiu a palavra dogma, pois o maçon é por excelência o "pobre pelo espírito", ao mesmo tempo que é o puro de coração, é o pacífico e o despido de ódio e que vai enfrentando aos que lhe fazem mal. É o vivente espiritual que se ordena, abandonando a análise intelectual que condena tudo à destruição. Despindo-se do egoísmo, porque está convencido que o egoísmo é realmente um estado de cegueira da alma mental, ele sabe que, entre o homem al-

truista e o homem egoista, existe um espêsso véu que anula o esclarecimento. Razão por que, é inútil o egoista se esforçar estudando maçonaria, nada compreenderá, porque compreender, significa ser. Não se concebe que possa compreender senão aquilo que ele possa ser, vivo ou é, no seu íntimo ser. Estudar é um ato mental, porém, compreender é uma atitude vital. Uma das mais freqüentes indagações que recebemos, é a referente as nossas origens. Interessa pois, elaborarmos uma breve divagação nesse aspecto histórico da maçonaria, que desde os tempos ignotos vem aparecendo transfigurada em páginas eivadas com o sabor das lendas e das fantasias. É um período empírico, que vai situar os precursores da maçonaria no ambiente próprio adequado às antigas sociedades iniciáticas que existiam ornamentando a paisagem das cidades antigas. Eram os órgãos disciplinadores, mantenedores da pedagogia que proporcionava a construção de homens certos, próximos da perfeição, pois estavam cientes daquela sabedoria que alertava sempre: "homens errados, atuando sobre métodos certos, deixavam os métodos errados". Nesse período empírico, fixou-se a temática que diversificava os valores humanos. Dos que, privilegiados, quais seres alados, conseguiram se erguer mentalmente por sobre seus contemporâneos vulgarizados. Eram homens introspectivos, afeitos às reflexões e até aos ensaios comprobatórios e que buscavam explicar a problemática do Universo. Primeiros especuladores dos porquês da vida, dos infortúnios, das lutas, das injustiças, das relações humanas com as vitórias e fracassos das civilizações. Esses antigos precussores da maçonaria, verdadeiros atletas do pensamento, foram perseguidos e humilhados pelas incompreensões e buscaram um relativo conforto, nas escolas iniciáticas que apenas exigiram em troca: "segredo e silêncio".

Vemos ainda hoje, neste nosso século, muitos, homens pedirem luzes à uma vontade superior revelada, enquanto outros apelam para o conhecimento científico racionalizado ao lado dos que praticam um misticismo metafísico, todos em busca da verdade, qual chave que abre os grilhões que enfeiam a liberdade!

Antigüidade vetusta e modernidade atômica, tudo se

nivela nas tendências perfeitamente aceitaveis dessas várias modalidades de encontrar uma rota, usando dos meios espirituais ou materiais, amoldadas no cérebro ou estigmatisadas no coração. Não há que duvidar, na história da Maçonaria, há um cérne e esse está fixado nas antigas corporações de maçons, pedreiros especializados, construtores de palácios, de templos e de catedrais. Antigos mestres de construções que possuiam grandes conhecimentos da Arte de Construir. Porém, rapidamente, viu-se a aproximação do século XVIII, quando as antigas Lojas passaram a admitir homens estranhos a profissão, porém distinguidos pelo saber e foram surgindo os primeiros maçons livres... aceitos. Na seqüência do tempo, o trabalho não foi mais de ordem corporativa e os trabalhos se orientaram para um destino que seria o de construir simbolicamente um 'Templo Ideal", onde reinassem: "Força, Sabedoria e Beleza"! Foram abolidas as técnicas de construção e não mais se cuidou da preparação material das pedras lavradas, e predominaram somente os meios pelos quais os homens pudessem se reunir harmoniosamente com várias tendências para a formação de uma humanidade melhor e mais esclarecida.

Foi uma transição, moldada na fé que faz o pensamento agigantar-se e da mesma forma que os pedreiros trabalharam a pedra, puderam os maçons filosóficos subsistirem lentamente as lojas operativas. Registramos que, historicamente, a Maçonaria moderna nasceu na Inglaterra, no dia 24 de junho de 1717, no instante mesmo que a maçonaria filosófica superou a maçonaria operativa. Sublimou-se a idéia pelo mundo e encarnou-se no Ideal de Fraternidade Humana.

Por volta de 1723, aparecem as primeiras codificações de Anderson que especificam os Antigos Deveres maçônicos, definindo a Maçonaria como: "Centro de União entre as pessoas de alto valor moral, homens de bem e leais; homens de honra e de probidade, quaisquer que sejam as denominações e crenças que os possam distinguir". Esse foi ao nosso ver, o postulado que mais atraiu os espíritos mais elevados da espécie humana, tais foram

Goëthe Mozart, Lessing, Montesquieu, Stendhal e tantos outros.

A igualdade preconizada pela Maçonaria, imantou rapidamente, qual centro atrativo, a nobreza, o cléro e os intelectuais da época. Foi nessa fase que sofreu as primeiras censuras, pois que nivelava todas as religiões num mesmo campo de igualdade. Então sofre o impacto das primeiras excomunhões, muito embora figurassem nas lojas maçônicas os mais sábios e cultos sacerdotes.

A nobreza, por sua vez, agiu contra os maçons por intermédio da sua polícia, mas, cautelosamente, tornou-se aliada da maçonaria para resistirem contra as exigências de Roma. Sem dúvida, uma nova jornada estava iniciada, visando o Universalismo baseado na Tolerância e na Fraternidade.

Não negamos que, nessa fase ciclópica do século XVIII, a Maçonaria deu origem às idéias que nortearam a Revolução Francesa de 1789, influenciando decisivamente no estabelecimento da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Importa considerar que, a Maçonaria filosófica surge no momento exato em que se estabelece a Revolução Industrial, quando a máquina inicia o seu roteiro, cabendo à Maçonaria esse nobre previlégio de obrigar-se aos povos se orientarem para tomada de consciência, no momento preciso em que a burguezia exigiu os seus direitos para uma promoção econômica. Foi a maçonaria que possibilitou a publicação da Enciclopédia das Artes, das Letras e das profissões, onde foram gravados os tópicos da Revolução contra a ordem econômica, social, política e religiosa do antigo regime. O século XIX, assistiu a ascensão do grande capitalismo privado, e nele a Maçonaria a animadora do espírito liberal e laico, apoiadora das lutas políticas da classe média que povoavam as Lojas maçônicas. Nessa fase, sublima-se a Maçonaria conseguindo com grande sacrifícios instalar nos países o ensino obrigatório e a escola pública laica, não se descuidando de amparar os trabalhadores por meio de leis sociais de amplas repercussões. No século XX, as Lojas Maçônicas se abrem às profissões liberais, aos funcionários, aos

trabalhadores intelectuais e manuais, aos homens de ciência e de técnica, e aos próprios empregadores da Indústria e do Comércio. A maioria dos maçons se evolue para os ideais democráticos, sociais e políticos hodiernos. Impõe-se a limitação do tempo de trabalho, a melhor distribuição da riqueza e o fim do "colonialismo". Exige-se a paz entre os povos. Reforma-se, cada dia que passa, a natureza da vivência humana, dando-se-lhe perspectivas que as descobertas modernas abrem à própria humanidade.

No momento, compete-nos tudo fazer para restaurarmos o conceito da Maçonaria iniciática e voltarmos à pureza das iniciações. Devemos considerar a iniciação, como um dramático esforço de criação de um psiquismo novo e evoluído para a prática do bem. O iniciado, é o elemento que a Maçonaria deseja suprimir em si o homem anterior, transformando-o no ser apto a receber as qualidades do homem novo. Deve ganhar qualidades de pureza, deve abandonar suas imperfeições do homem comum.

Entrar na Maçonaria, é simbolicamente, morrer e renascer em seguida.

Morre o homem de lama que anula o homem espiritual, que por sua vez, cria o homem de luz! É a renúncia ao mal e o estabelecimento da vocação para o bem, eis que é a iniciação maçônica tradicional. Através de provas mentais alegóricas, que nada tem que ver com as mistificações vulgares, efetiva-se um cerimonial solene que restaura o sentido do sagrado e que diferencia a nossa ordem das sociedades vulgares. É o despolimento do homem profano, de suas paixões materiais, dos seus prejulgados e dos seus erros. Nós Maçons, usamos símbolos que não podem ser ridicularizados, provindos dos instrumentos que serviram aos primeiros Maçons Construtores e cujo efeito visa substituir a imagem pela idéia, fazendo que esta gere automaticamente a formação ideai do iniciado. A idéia domina o símbolo, como o espírito domina o corpo, e encarnada no símbolo, a idéia se impõe ao nosso sentimento. Pelo símbolo, ela impregna a totalidade de nossa substância e desencadeia a vontade de atuar. Nós sabemos que, pelo símbolo da bandeira amea-

çada, o soldado se identifica mais com a pátria e chega ao extremo sacrifício de morrer por ela. Temos vários símbolos de inspiração cristã herança dos primeiros maçons que praticaram aquela religião, justamente no século XVIII, a fase filosófica da maçonaria surgiu com pastores, protestantes, nutridos na Bíblia e que logicamente amoldaram suas idéias e sentimentos nos costumes hebráicos. No nosso tempo a evolução do pensamento, não admite a anulação da liberdade de opinião e de consciência, daí que o Grande Oriente, franqueia aos seus membros a possibilidade de analisar a vontade, os símbolos que primitivamente impunham uma condição limitativa.

O nosso simbolismo é um auxiliar do espírito — mesmo o mais racionalista — na pura verdade. Ninguém no Grande Oriente está submisso aos dogmas e nem sujeito ao compromisso religioso. Nossos ritos ordenam as cerimônias, exibem-se sob forma simbólicas, mostram a essência psiquica do que representa e eterniza a tradição da Maçonaria. Há um princípio comum à tôdas as obediências, que faz da Maçonaria uma instituição universal, cada pormenor histórico ou conjunto de fatores da mentalidade de cada país, influem no estabelecimento e vivência dos Orientes. Quantos Ritos que trazem consigo o nome dos país de origem: Rito Escossês, York, Francês, etc., outros povos os adotam e os seguem, nacionalizando-os e modelando conforme o século. Porque a Igreja Romana em plena atualidade, adaptou-se aos costumes, à língua e veio para as reformas?

Assim sendo, o Grande Oriente do Brasil é historicamente uma federação de Ritos, reunião de Lojas maçônicas, onde cada um trabalha conforme o rito da sua escolha. Observar o ritual é enobrecer o trabalho e assim estamos vigilantes, defendendo a inteligência, essa coluna universal e invisível, e que é a meta de todo obreiro torná-la visível a custa do axioma constante da Força, da Beleza e da Sabedoria. Aprendamos, portanto, no trabalho, das Lojas analisarmos os fatos sem outros objetivos: estritamente em conhecermos a verdade, sem outros intereses senão a comunicação dos problemas e dos desígnios coletivos, e nos aprimorando cuidadosamente, visan-

do a defesa dos princípios sociais e morais que fundamentam a coluna mestre de toda e qualquer sociedade evoluida. Façamos, pois, política — cultura política — formando condutores de povos e nações, repudiando os medíocres sedutores de homens que se comparam aos hipócritas já condenados pelo Livro Sagrado.

NA CONSAGRAÇÃO DOS TEMPLOS

Ir.'. Paracelso — Loja "CARDOSO JÚNIOR"
Or.'. de Curitiba

A Maçonaria, desde suas origens, acompanhando a seqüência evolutiva da História, possuiu sempre uma finalidade: a de construir a Terra aprimorando a condição humana.

Essa tarefa, esse trabalho, não é uma quiméra, nem uma utopia. Desde que a Ordem Maçônica não se entorpeça e se confine nesses arranjos satânicos que amolecem as ações e reduzem a escombros por efeitos das simples adoções sem as devidas adaptações. A Ordem deverá sempre permanecer fiel aos seus postulados, sem omitir jamais a complexidade extrema do fenome no Humano.

E, sempre, quando o homem está solitário, isolado no seu medo, sofrido na angústia; quando o atuar consciente se envolve de cepticismo e a desconfiança aumenta; quando perde a noção da utilidade do esforço voluntário e se compraz com os elementos artificiais que anunciam e precedem ao cáos; quando nem prevê e nem previne mais, e quando atinge este estágio e se converte em mero espectador que assiste impotente o desmoronamento da arquitetura física e espiritual da civilização; é quando a Maçonaria se ergue afeita e dispõe seus instrumentos de ação e parte imponente para a reconsrtução.

Jamais ela esteve estática ou morta pois ela é imortal! Adormecida sim, algumas vezes, pelos tóxicos emanados pelos corruptos que se acostumam encastelar-se entre os temas do sagrado, deixando o pensamento pri-

sioneiro nas palavras e nem comunicam mais a lição da Sabedoria. Então a Maçonaria desperta e o maçon se dispõe mais uma vez a interpretar a realidade, adaptando-a, aperfeiçoando-a, deixando-a prosseguir pelo caminho do meio, posição correta onde as paixões e os instintos são anulados; eis que o maçon não deve se recusar nem mesmo a especulação das alturas dos campos metafísicos, e agente da sacralidade, aderindo ao G.'. A.'. D.'. U.'. para captar a sabedoria se empregna da aura do Espírito Universal para depois de converter numa justa, fazendo-a recair nas consciências corrompidas e profanas que, inibidas, recuaram e ameaçam paralizar a ascenção evolutiva. Mensageiro que acrescenta sem tirar, o maçon amplia sem esterilizar, é o ceifador desse terreno farto e abundante da História. Ceifador dessa messe que não cai e que sempre permanece. O maçon é o portador da informação que sabe construir a vida.

O maçon é o aprendiz que aprimora seus sentidos na Loja, essa eterna escola superior da intuição é o que torna real o símbolo relegado ao arcaico da mística escada de Jacó, que constantemente vai nos fazendo ver a transcendência, a involução reparadora permanente da evolução.

O maçon é o iniciado que está sempre fiel ao tradicional permanente e que através daquela escada vai incansável percorrendo afanosamente do alto para baixo e de baixo para cima, pensando e sabiamente captando a luz, concentrando-a na mente, antes de horizontalizar o mundo.

O maçon está no mundo para recordar essa ingente prevalência do Espírito Universal sobre a ilusão física da matéria, é o que por ser iniciado atualiza o misterioso tema da involução e da Evolução, é o que sabe que a transcendência é luz e que a imanência é sombra.

O iniciado, esse ser que está quase ignorado, e o símbolo vivo, é que maneja a Escada de Jacó, símbolo vetusto que o faz receber o Divino que desce, para ascender por meio da coerência, aos altos planos da Unidade creadora, semeando pela vida a semente que frutifica de

substância em substância de acréscimo benéfico, feita estímulo de esperança.

O homem que se realiza pela iniciação maçônica, está devidamente preparado para atualizar os sonhos do absoluto numa unidade; retifica os passos, esse segredo perseguido por aqueles que antevendo o futuro na distância imponderável; prevendo e prevenindo, ele é o que aspira ser contemporâneo do Devenir eterno da Humanidade. O devenir, o futuro, esse grande segredo perseguido por aqueles que o futuro, provaram na iniciação, no renascimento a essência destinada a tornar evidente os sonho de pureza, de bem, da justiça; é mais como considera uma fixação do homem novo, refeito pelo renascer e atuar do nos planos inferiores, perseguindo sempre os ideais de ascensão.

O iniciado paira no presente. Pretende fixar-se no futuro. Almeja construir algo, percorrendo o caminho árido do presente. Arido embora, mas que deve ser palmilhado, sempre distinguido e aproveitando o que é indestrutível do pasado, tendo na frente a visão esplendida do porvir. Para o iniciado o misterioso e fantástico futuro vai continuamente se desvendando, de vez que seus sentidos se aprimoram e seus pensamentos são conscientes. A Inteligência ativa seu discernimento, reconhece suas limitações. Daí que aspira conhecer a maestria da previsão e se aprofunda em tudo que aparentemente é impenetrável ao conhecimento. Percorre através da esterilidade dos caminhos, perseguindo a verdade que liberta.

Eis que, meus irmãos, nesta noite e em todas as cerimônias maçônicas, os maçons se colocam, humildemente diante à porta estreita que se abre para os temas da sabedoria que possuem as chaves do impenetrável. Estamos qual elos dessa corrente que sustenta a perenidade da Ordem, afeitos a introspecção, que sublima aos que tentam unir o passado e o futuro.

Lembremos, que a Maçonaria esteve perpétuamente em estágio de ecumenismo, de universalidade, pois ela sempre esteve em todos os planos, desde o científico ao moral, filosófico ou artístico, social, político e religioso,

objetivando manter tudo em perpétua Renascença, especulando com os métodos de aperfeiçoamento de todos os aspectos humanos.

Compete-nos, meus irmãos, neste clima, quando os prenúncios pertencem aos valores negativos; quando as mentes estão deformadas, porque a corrupção do infinito positivo instalou-se na consciência humana; avaliarmos tudo com seriedade e nos situarmos acima das questiúnculas, das polêmicas, da opinião mecânicamente condicionada pela propaganda que vai caiando as senzalas onde se movem os rebanhos sedentos e famintos, coisas temporais e que não afirmam na verdade; opiniões, questiúnculas e polêmica, simples reflexo desse satanismo que se nutre no banquete servido pela ignorância, pelo prazer agradável aos instintos; pelo medo, pela angústia, pela paz fictícia sempre forjando a ruína; alimentando o cepticismo que obriga aos homens pensarem que a primavera desapareceu do mundo.

Façamos, meus irmãos, a nós mesmos os maçons, essa pergunta sempre evitada pelos adeptos do mercantilismo, desvairados pelo desejo do conforto, encastelados nos feudos doirados, ilhas faustosas cercadas pelo mar agitado da miséria, "onde as populações retiram os alimentos do focinho dos porcos", façamos a pergunta: Será que, neste clima de horror, nessa paisagem de homens reduzidos a máquina de copular, onde as mulheres desfilam ingenuamente prostituidas nas passarelas do despudor, erguidas pela luxúria das bigorrilhas convertidas em empresas de saboneteiros, distiladores e perfumistas que sustentam a tal imprensa livre; paisagem de homens e mulheres reduzidos ao corpo perecível, transformados em objetos, em coisas voltadas para a desfaçatez, para o ínfero nauseante e absurdo; será que temos coragem de enfrentar e desafiar essa realidade que temos diante de nós? Para essa situação há remédio. Temos pois, de isolar a Maçonaria, imunizando-a contra a praga do satanismo mais virulento ainda que as sete pragas do Egito. Temos que reaprender a distinguir o profano do sagrado; temos que ativar o estudo dos mistérios iniciáticos; temos que afastar rapidamente da horizontalidade dos su-

cessos, fazendo a inteligência humana sair do particular para o geral. Eis o nosso ecumenismo, que se destina a provar que as iniciações não estão mortas e que os homens não estão reduzidos a sepulcros caiados.

É tempo de conhecer esse outro mundo alheio ao sensível, simples combinação de força e matéria, temos que investigar esse outro mundo, esse plano mental, intelegível, lógico; esse mundo maçônico, construtivo, que jamais regride do universalismo total para o terra, a terra particular; do poder, da servidão, da tirania, da mediocridade trajada de política; do rebanho seguindo o sedutor.

Eis que a iniciação supera a conversão, porque os convertidos se simplificam na prática de um culto que, facilmente, se transforma no patíbulo dos mercenários e traficantes que erguem Templos destinados à mera ostentação e que se adorna e sustentam-se com as doações, com as espórtulas que nada mais significam que roubos e saques no trabalho honesto realizado pelo incansável esforço do homem justo.

Despertemos pois, nossa vontade de entender! A Maçonaria não pode regredir adaptando-se a esse clima de crapulagem, de astúcia e de velhacaria: Ela deve continuar formando condutores, mensageiros, "mediuns" captadores do Espírito Universal.

Se a Maçonaria conserva a iniciação tradicional, é porque está aderida à idéia essencial de um princípio criador. Então que a Maçonaria é o símbolo da própria Evolução. Os iniciados são os elos da corrente amalgamada pela compreensão, valorizadora da eficiência original do pensamento e da dignidade humana.

Por isso é que os venerandos sábios da Grécia, — construtores do pensamento, — reunidos na Acrópole — Loja Perfeita — resolveram gravar no seu pórtico a oração de Pallas Atena, exortação destinada a permanecer em todas as memórias: "LENTAMENTE, PORÉM SEMPRE A HUMANIDADE REALIZA O SONHO DO SÁBIO".

Temos portanto, meus irmãos, que fortalecer nossa convicção maçônica. A Maçonaria pode reconstruir a Ter-

ra. Para isto basta que a iniciação seja efetiva e nos faça aderir completamente ao Princípio Criador de todas as coisas.

Nas Lojas deve reinar a atmosfera que preside toda a criação. Analisemos o número sagrado de Pitágoras, interpretemos o Logos de Platão, percebamos o Verbo de Hermes e São João. Ali está o Ensoph da Cabála, o fogo filosófico que alimenta a Grande Obra, a Luz que é a substância do Cosmos.

Façamos, convictos, mais uma vez a rogativa que há de iluminar a nossa consciência: Oh! Gr.'. Arq.'. Espírito Universal que esta em nós. Mostra-nos o caminho que conduz as tuas íntimas profundidades. Ilumina o caminho do homem e o seu destino, para que ele tranqüilo de sua sorte, consiga ao menos, ocupar o posto que lhe compete no futuro do Universo. Mas, por certo os imediatistas, os funâmbulos, os apenas eruditos, hão de perguntar: "de que maneira essa idéia universalista, cósmica, maçônica, quimérica, utópica, poderá influir na atual sociedade?" — Tentemos elucidá-los:

Certa ocasião, em Loja branca, um orador concluiu sua peça de arquitetura, assim: "Se neste momento, Cristo retornasse, seria nosso Grã-Mestre".

Aquele orador, nos facilitou a resposta. Ora, uma sociedade adaptada na conformidade da evolução universal, será forçosamente, afinizada com a alma do Evangelho. Demonstrará um tão vasto amor pelo semelhante, que obrigará a todo e qualquer indivíduo efetivo, capaz de amar ao seu próximo como a si mesmo, a possuir tal potência criadora que será capaz de transformar-se numa fonte irradiadora de energia. O amor evangêlico, energia de ativação, facilitará a evolução do homem, inibindo sua regressão, reduzindo-o a parasita desfibrado pela ambição de continuar existindo nesse costume atual de exigir tudo de todos sem devolver nada, aprendam que na atual sociedade atômica, somente os privilegiados e traficantes de influência, os desonestos e os corruptos e jamais os justos e perfeitos se projetam na escala social. E toda a sociedade que se alicerça na idéia Universal passará, lenta e sutil-

mente, desse monstruoso e atual regimem de competição destruidora, para aquele mais eficiente e racional, e de colaboração construtiva.

Para isso, temos que atingir sempre a Unidade e, quando acontecer, a inteligência recusará o erro. Só os que estão cientes de que existe uma escandalosa falsidade no mundo, podem e são dignos de se aproximar do Templo da Verdade.

CADEIA DE UNIÃO

Ir.'. Paracelso — Loja Cardoso Júnior" ao Or.'. da Capital.

Ao estudar as origens da Cadeia de União, temos fatalmente que regressar aos Santuários do Egito, palmilhando no crepe das areias e aspirando o perfume da Gnose. Ali, na penumbra dos Grandes Mistérios formou-se uma maravilhosa geração de sábios fraternizados pelo magnetismo do Círculo Mágico, circulo vital onde pelas mãos cruzadas se construia uma barreira feita muralha. Primeiro destinava-se a imunizar os iniciados que estáticos se diluiam em corpo astral quando se tornava urgente e necessário que se impedisse a contaminação da áurea pelas larvas corruptoras. Depois, fortalecidos partiram para o estabelecimento dos pequenos mistérios, quando então as primitivas Lojas se tornaram centros de irradiação, afeitas e educação do povo que recebia por sua vez imperceptivelmente as irradiações centrifugas oriundas daquele círculo mágico, dínamo permanente e eficaz de pensamentos idôneos suficiente para o processo educativo do povo, portanto uma técnica de culturação esotérica que ia desde o plano público e político até os inefáveis problemas da evolução após a morte. A Loja era um centro oficial de irradiação psíquica, processando-se nela a ampliação dos fatores mentais que ao se irradiarem, cobriam de proteção eficaz todo o espaço atinente à pátria do homem.

Os menos avisados, estou certo, julgarão aqueles primeiros iniciados egípcios como excelentes manobreiros do charlatanismo, assim também, não me preocupa o risco que corro em merecer o ferrete de charlatão; todavia, ad-

virto, que o charlatão não se reduz no homem que penetra no mistério, mas permanece no que recusa abandoná-lo. Sei apenas, e com absoluta certeza, que quem não se mantém vigilante consigo mesmo está próximo da ruina. Em nosso século ninguém ignora o extranho comportamento dos fatores psíquicos, esses mensageiros fluídicos, essas partículas imponderáveis que mantém o equilíbrio harmonizante neste vasto sistema cósmico. Quem mais atinado que J. Jeans para concluir que o Universo, em noso tempo, onde se começa a reentrar nos temas do "Psi", retorna a comparar-se com o grande pensamento de que o Universo está longe de ser algo parecido com uma máquina, que o pensamento não é mais um estrangeiro no campo da matéria e que ele vai aos poucos se impondo até como construtor da matéria, quando, até os átomos dos quais nossso pensamentos individuais surgem, visto que para pensar é preciso assimilar matéria, até essas eletrônicas partículas existem e atuam como pensamento!

Por que, então, não aceitar que em cada ser humano há, de fato, uma partícula Divina e não procedemos como os nossos ancestrais agnósticos que se esmeravam em aliar o Divino que havia no Universo com o divino existente em cada indivíduo?

Por que, então, não exercemos a Reflexão, esse regresso urgente sobre nós mesmos?

" E os homens vão ao estrangeiro admirar as alturas das montanhas, mas não olham para si mesmos" — registrava apropriadamente St.º Agostinho, ainda agnóstico.

Os que leram Balzac buscando seus anseios iniciáticos, por certo leram aquele conto "O Conscrito", onde o autor se revela como profeta da nossa atual parapsicologia — ciência que se firmou experimentalmente na exata interpretação das forças psiquicas humanas. Nesse conto, destinado a grande repercussão na atualidade, o gênio da "Comédia Humana" grava um trecho que muito nos elucida a respeito das suas pesquisas esotéricas. Diz o escritor: "Precisamente à hora em que Mme. de Dey morria em Carentam, fuzilavam seu filho no Morbihan. Podemos juntas ligar este acontecimento trágico a todas as observações

sobre as simpatias que desconhecem a lei do espaço; documentos que reunem com sábia curiosidade alguns homens solitários, e que servirão um dia para estabelecer as bases de uma ciência nova à qual faltou até agora um homem de gênio". Balzac não quis, por certo, rever as iniciações antigas vez que iria interromper suas criações literárias que estavam por certo fiéis a máxima "Novae Sed Antiquae", a novidade calcada nas bases da antigüidade, sinete importante que orienta os maçons brasileiros que se aprimoram no estudo da tradição, não para um saber erudito da tradição, mas para angariar o conhecimento útil para este século fatigado pelo materialismo que se opõe ao espiritualismo de fachada reduzido absurdamente ao realismo retórico dos planejamentos, do pseudo ecumenismo, onde cada sociedade, cada povo procura salvar a pele, anulados de qualquer esforço de ascender no plano da mente, da disciplina espiritual evolutiva que é o destino do espírito que enaltecc a máxima socr;tica: "Conhece-te a ti mesmo".

"Novae Sed Antiquae", eis que revivemos o círculo mágico da Cadeia de União, fieis aos nossos ancestrais que eram livres para ativar seus pensamentos e desejar a luz repudiando as trevas, que rejeitavam as virtudes vulgares, a fé vulgar, a consciência medíocre. Eles se interessavam pela vida e pela terra; eles sondavam o inefável e penetravam no mistério, porque eram livres para investigarem o proibido. Vitor Hugo anunciava em sua clarividência: As montanhas do prodígio surgiram. Ninguém vê impunemente esse território. Ele obstina-se nesse abismo atraente, nessa sondagem do inexplorado nesse desinteresse pela terra e pela vida, nesse esforço de tatear o impalpável, nesse olhar sobre o invisível, ali volta, ali regressa, ali se agarra, ali se debruça, ali dá um passo, depois dois, e assim que se penetra no impenetrável e é assim que avançamos no alargamento sem limites da condição infinita".

Ora, que dizer hoje, se a nossa Parapsicologia, rudimentar e tateante vai nos mostrando que entre o homem e o Universo há "algo" além do que está previsto pelas sensações habituais. A nossa modesta e acadêmica pa-

rapsicologia aceita que qualquer homem normal pode e deva ver objetos a distância e até tocar e ver coisas além das paredes, e ainda projetar pensamentos e emoções no sistema nervoso dos nossos vulgarizados e ridículos semelhantes, ademais os experimentados demonstram que seria normal o homem possuir uma percepção capaz de antever os acontecimentos futuros. Mas, por que perdemos essas faculdades? Seria apenas necessário recordar para responder que a fragilidade da natureza humana é uma condição. O homem cai; a queda humana leva o ser para a desintegração e, facilmente o leva a esquecer o Divino, o mistério da criação que permanece oculto em todas as substâncias. O nosso semelhante esqueceu que para viver vigilante, que para ser homem normal é indispensável manter aquelas quatro regras que recordo: "eis que para viver nas Montanhas basta que não haja alinhamento nas árvores, nem arrumação nas pedras, nem luxo na casa e, principalmente, que não exista traços de cálculo no coração humano.

Afinal o nosso utilitário século atualisa toda uma temática rotulada profanamente com a designação de Parapsicologia, e existe já toda uma experimentação "psiquica" e então muitos fatos tidos como típicas modalidades de supertições vão abalando tranqüilamente os alicerces dos chamados materialistas, ocorrendo, então, uma estranha transformação no nosso agitado planeta, idêntica àquelas verificadas por ocasião das descobertas das aplicações da física à tecnologia industrial. Já em 1959 o submarino atômico "Nautilus", em virtude de ter que atingir profundidades apreciáveis, onde as ondas do "sem fio" não atingiam, e, a fim de evitar que este submersível permanecesse incomunicável, apelou-se, após muita demanda, para os fenômenos "psíquicos", e foi quando ficou comprovada essa tradicional e discreta comunicação intercerebral tão cara aos sacerdotes do antigo Egito e que as sociedades iniciáticas conseguiram preservar. No caso do submarino atômico, já em 1959 foi suficientemente estabelecido que a comunicação entre a embarcação e o continente era possível através de uma distância superior a 2.000 quilômetros. Presentemente existem aparelhados laboratórios co-

lecionando dados espaciais sobre parapsicologia, dentre os quais ressaltamos os da Rand Corporation, de Westinghouse, da General Eletric e da Bell Telephone. Face ao exposto, é de perguntar-se: Onde estão as mistificações, entre os veneráveis egípcios ou entre os cientistas que pesquisam os fatores "Psi"? Vivemos um momento dramático, onde a técnica se esmera, o comércio se ampila e a terra é envolvida por estranhas radiações; um momento de perplexidade onde todos indagam por uma nova alva e exigem uma total reformulação do pensamento. Onde garimpar essa sutil e necessária renovação que possa, sem alterar nossos corpos, fazer de nós homens novos?

Tudo se resume afinal em criar a novidade: "Novae Sed Antiquae". Ali mesmo na tradição está o segredo, elaborar os meios de ativar a Intuição. Então quando se conseguir esse desiderato podemos alterar a face do Planeta em que nos agitamos, será, pois, um novo despertar do ser Humano.

Entre os iniciados reais, será possível criar os seres providos da intuição. Entre eles e só aí poderá surgir a nova geração dos seres idôneos, dotados dos atributos próprios dos seres mentais, inteligentes e capazes de repudiar a ignorância; só entre os iniciados efetivos é que poderá florecer as mentes de Luz capazes de absorver um conhecimento direto e adequadas para possuir uma consciência da Verdade. Por isso é que Iniciados e Iluminados se equivalem, pois que todos eles são instrumentos de Luz, profundamente diferentes dessas sombras humanas que se dedicam a aumentar a escuridão e a favorecer o cáos.

Precisamos ativar entre os maçons essa convicção iniciática para que eles retomem o caminho, capaz de elevá-los ao clima supra-humano e super mental para, ao sairmos desse secular adormecimento, ver mais uma vez brotar os legítimos guias que orientarão a jornada para chegarmos a entrever a desejada Humanidade superior. Só por meio deles é que a Evolução tem sido possível.

A Evolução resulta não do saber acadêmico mas, prin-

cipalmente, da compreensão, desse grande princípio que ensina a desvendar o véu que envolve a natureza material.

Ativemos, pois, a Cadeia de União, esse vetusto símbolo que a tradição maçônica nos legou, já que ela é esse círculo vivo traçado pelos obreiros, onde as mãos se apertam e a qual temos o privilégio de participar desde o nosso primeiro dia maçônico como elo indispensável. Nela está manifesto todo um ideal humano de fraternidade, e é por ela que trazemos para o recinto da Loja os maçons para com eles formar uma família solidária, verdadeira corrente que une os cidadãos de todas as pátrias e de todas as religiões; unificados os pensamentos e idéias numa mesma linha de força, comparável a uma flecha que vai ser projetada por um invisível arqueiro.

A Cadeia de União é por demais sublime para ser uma simples realização humana, é mais uma Luz Espiritual que aquece os sentimentos e fortalece a consciência. Essa e a corrente que faz atual o provérbio que nos avisa. "O Irmão amparado por outro se transforma numa fortaleza".

A Cadeia de União é uma grande experiência coletiva, dela resultou a Egrégora que permanece na Maçonaria para recordar a vigília, pois está manifesto no livro de Henoch (que significa iniciado), que coube aos anjos velar sobre o Monte Hermon. Da Egrégora, ou Cadeia de União, resulta uma entidade, um ser coletivo que se desprende das assembléias, pela Cadeia de União é que a Loja se transforma numa Egrégora. Se analisarmos ocultamente essa palavra, veremos que a entidade desprendida dela é um princípio das almas encarregadas da transmissão da energia e da ação, e ademais possui uma tessitura elaborada pela Luz Astral. Por isso em todos os tempos sempre se admitiu que a finalidade da Cadeia de União é aquela de proporcionar a projeção dos espíritos superiores, ou ainda, a de captar a essência da Luz Divina Superior.

Pela Cadeia de União, a Maçonaria se filia à tradição do antigo Egito. Ali o sacerdote procurava, após a morte, conservar o cadáver, pois sabia que nesse momento muitas entidades sutis se aproximavam. Ora, ao impedir que a decomposição prosseguisse, violava a lei natural e pri-

vava alguns seres da evolução normal e natural. Então com auxílio das entidades sutis ele obtinha energia para a imobilização desse ciclo evolutivo, eles pretendiam encadear as almas na terra natal dos seus corpos, daí o costume do embalsamento. Na Maçonaria a Cadeia de União, objetiva, pela energia psíquica, fixar na Terra o ideal de Liberdade, Igualdade e Fraternidade e tornar irradiante essa aspiração por todo o planeta.

Entretanto, pelo que se aprendeu na parapsicologia é de toda a conveniência para a nossa saúde que, ao executarmos a Cadeia de União, a façamos não como simples gesto, mas sim, com toda a nossa capacidade afetiva e que, jamais, os débeis e indecisos ousem enfrentar uma energia psíquica sem possuirem a couraça luminosa, pois ao falhar a vigilância profana-se o ideal e na ausência da áurea luminosa, os hipócritas, os indiferentes tornam-se vulneráveis e correm o risco de sofrer e desencadear mesmo uma crise imprevisível, porque acionam fatores negativos equivalentes as "larvas" tão temidas pelos egípcios.

O símbolo da Cadeia de União está representado em todas as Lojas pela corda provida de "Nos" intercalados e que devem somar 81. Há muita pesquisa sobre este símbolo significativo, numerosos são os maçons, principalmente os modernos, que vêem na mencionada corda apenas o "Cordel" manejado pelos "maçons operativos", para traçar no solo o contorno do edifício a ser construído, outros, porém, preferem aceitá-lo como uma correspondente da 'Borda dentada" que adorna a periferia do dossel, dossel que sintetisa e configura a abóboda celeste. Para eles basta ver no símbolo a significação de que toda a vez que se erguer um edifício, este trás na sua arquitetura um reflexo cósmico e por ele entendemos que a Loja de fato é uma imagem cósmogônica, é um modelo cósmico. O cordel que limita e traça sendo mais uma projeção terrestre faz com que o símbolo se amplie, pois se é útil para traçar a casa, basta, também, para o traçado da cidade. Analisando um pouco mais este util instrumento, conclui-se que quando o edifício estiver em andamento, o modesto cordel perde a sua utilidade, por isso mesmo que ao situá-lo num lugar de destaque, no contorno superior da Loja, o cordel

se converte em símbolo para perpetuar o modesto ancestral que no princípio serviu para dar partida a projeção da obra. O símbolo representando o ideal cósmico invisível, já posue em si "memória celeste" uma palavra perdida" a nos indicar que a terra devolve ao céu tudo o que dele veio. Entretanto, é possível que o modesto cordel tenha sofrido um acréscimo, pois ao olharmos no presente, a Cadeia de União, notamos que na realidade aconteceu algo mais complexo, visto que aparecem de espaço a espaço os "Nós", a que os franceses chamam "Laços de Amor" e que devem estar em número de 12 sugerindo uma possível relação com o Zodíaco.

Genon, autor destinado a ter grande influência na atualidade maçônica, encontrou em suas pesquisas que o Zodíaco aparecia na Europa como símbolo manifesto entre os membros da asociação Fiéis do Amor, da qual Dante foi membro proeminente. Surge então um argumento para que no ocidente se pudesse interpretar os "Laços do Amor", como materialização do Zodíaco que preside o giro dos planetas, tornando fácil a significação simbólica, isto é: a Cadeia de União representando o desejo humano de transposição do local terrestre para o plano celeste. É o argumento soberano que preside em todos os tempos os iniciados: intuir os meios de transpor a grande barreira que separa o profano do sagrado.

Está evidente, no símbolo, mesmo a custa da interpretação ocidental, aderida aos "pequenos mistérios", mesmo despida do "ocultismo" dos "grandes mistérios" que há algo na Cadeia de Uniãa a permitir uma ascese, um rito de passagem de um plano inferior para outro mais alto, eis o momento para os maçons brasileiros, nesta etapa da nossa existência, quando entre nós se misturam as cerimônias, para refletirmos profundamente sobre a importância da Cadeia de União e tentar fazer dela um reservatório das Fôrças Invisíveis. Desta forma, talvez consigamos um dia, captar uma mensagem necessária e urgente, um laço fluídico que catalize a massa amorfa para o estado de legitima fraternidade, plano ideal de amor ao próximo, tudo isto com as modestas e humildes idéias que afloram nas lojas materiais.

Incontável é o número de maçons que se desespera ao notar que o espírito maçônico está, em nossos dias, ausente da Ordem, e que somente próspera por tudo a profanação intencional e os rituais se transformam em meios para narcisismos histéricos onde permanece apenas o gesto pomposo que humilha os aprendizes. Por isso que, em certas cerimônias, ao se entrelaçarem as mãos, tudo se reduz num gesto a mais, porque o espírito está ausente, distante, e a corrente fraterna será inútil, a energia é incapaz da expansão, pois o símbolo perdeu a vitalidade quando tudo é um gesto mecânico a ser executado.

Façamos, pois, a encarnação do símbolo da fraternidade, ao meu ver o mais Augusto do ritual e que em verdade exalta nossa cerimônia; fortaleçamos àqueles iniciados que realmente desejam evoluir moralmente na Loja.

Estamos atingindo ao final destas breves meditações sobre a Cadeia de União, excelente porém complexo símbolo. Entendo que estas notas, por certo oportunas, possam encontrar a compreensão necessária dos obreiros empenhados na reconstrução da Ordem.

A Cadeia de União, revela em si uma profunda lição iluminadora. Ela pretende na sua pureza ingênua, entre outras coisas, afirmar, que: até hoje, nenhuma resistência conseguiu se opor à Vontade do Homem. Que saber realizar o que deve ser feito, é criar. Impor o que não pode ser feito, é destruir, e que o único Império do Mundo é o Império da Luz.

Em nosso século principiamos a entrever essa urgência de escrever a história do futuro, temos pois, nós os maçons fiéis à tradição, que se dispor a conhecer o passado dos homens, das lutas da espécie, dos seus conflitos para atingir o horizonte da "hominização", desse estágio que completou o surgimento do ser pensante, o qual, depois, através do tempo incontável e por labirintos estranhos, ganhou a perspectiva de elaborar uma "humanização progressiva da humanidade".

A matéria complexificada cefalizou-se até organizar o cérebro humano esse ponto de inserção do espírito na

matéria, no pensar de Bergson — e reservaria nele a região anatômica específica, o Círculo, onde Kleist iria demonstrar que dele depende o controle dessa propriedade que possue o homem de se fraternizar com seus semelhantes por intermédio do "círculo mágico". No círculo reside a dependência afetiva. Portanto a Cadeia de União é uma realidade que caracteriza os homens normais decorrente de uma organização anatômica para que ele cultue a solidariedade no Altar da Evolução.

Há em toda a vida algo incógnito, comparável a uma vontade, modelando sempre todas as formas.

O maçon é o homem que se esforça para desvendar essa "Gnóse".

Sempre foi assim no transcorrer dos milênios. Por intuição alguns eleitos suspeitaram disso, e puderam gravar, por exemplo, no Baghavad-Gita (VII - 7), esta frase velada: "Sobre Eu tudo que está neste mundo permanece enfiado qual pérolas sobre um fio".

Quer dizer que a matéria nada significa desligada da fieira agregadora, ela é que promove o mutualismo conectivo.

A frase é por demais uma expressiva síntese da intuição. Toda a natureza do espírito, semelhante a uma energia consciente e infinita do ser, contém um plano arquitetônico capaz de manter as existências fenomenais relacionadas entre si, penetrando-as e nelas permanecendo. Fieira, que é espírito, energia, base e projeção do seu próprio sistema manifestado.

Assim que a fieira, influência espiritual, potência máxima, está evidente em tudo não apenas como o uso, mas em cada um como alma individual, conforme presença espiritual individualizada. Os alquimistas chamaram-na quintessência essa fieira dispensadora de todas as qualidades da natureza, a qualidade potente e oculta por detrás de todos os fenômenos, alheia às variações superficiais. Era ela, pois, a grande Verdade do porvir ao mesmo tempo que a doadora exclusiva do sentido espiritual e divino.

Os textos bíblicos a registram como "sôpro" e é o

sustentáculo dos Mundos e das existências quer pertencentes ao Macro ou ao Microcosmos em todas as múltiplas manifestações do ser ou de seus equivalentes.

É provável que Teilhard de Chardin tivesse topado com esse esotérico trecho da Baghavad-Gita e nele percebeu toda a realidade universal graças ao elo espiritual o que lhe bastou para escrever os temas da Cosmogênese fase da criação até o surgir da vida; Biogênese, percurso da vida até o aparecimento do homem; Antropogênese, que cuida da evolução que faz o homem se aproximar do ponto Ômega.

O pesquizador encontrou, afinal, a ligação espiritual que disciplinou a história natural e biológica do Mundo e que esclarece o nascer das espécies, dos átomos, das moléculas e das células, carreando tudo para o evoluir da humanidade até seus extremos destinos.

As pérolas nada valem sem a fieira que as une. Assim, a Cadeia de União Maçônica, procura captar o espírito da Ordem Universal. Ela é um sedimento temporal na existência humana encarnado daquel'outra conhecida por Cadeia dos Mundos. Esta, mais cósmica, ordena-se na direção ascendente de um eixo, por isso que diante de um determinado estágio, tudo que o anteceder ' considerado como estado inferior, decorre que o que sucede pertence a um estado superior, conceituando ,ademais que tudo, num processo cíclico evolutivo e irreversível. Por conseqüência, tudo que se encadear adquire um caráter tipicamente "causal" então dizer simultaneidade é preferível à sucessão, mesmo porque numa relação entre causa e efeito os dois termos não estão relacionados. Simultaneidade, encadeamento causal, simbolicamente exprime aparentemente uma sucessão cíclica, por isso que a idéia do simultâneo nos imprime um conceito de Ordem com mais intensidade que a simples sucessão.

O círculo é o símbolo que melhor representa tanto a cadeia dos mundos como a Cadeia de União, pois a figura circular descreve algo que se completa ao terminar, daí que podemos imaginar uma espécie de "ciclo dos ciclos", visto que no círculo e através dele, a cadeia pode ser per-

corrida continuamente do princípio ao fim, nada impedindo que tudo possa ser retomado novamente na mesma direção, salientando o despreendimento da manifestação para um outro nível a maneira de passagem de um para outro mundo, percurso que prossegue indefinidamente.

É certo que permanece a impressão vulgar de que a cadeia ou o círculo se fecha, porém não esqueçamos que, o ponto justo onde ela se termina, é um ponto predominante diferente dos demais e independente da seqüência dos diversos estados manifestados; a origem, portanto, é igual ao fim quando coincide, pois são uma e mesma coisa, correspondem ao Princípio distanciado dos níveis intermediários.

Certas formas de religião, manejam constantemente a Cadeia dos Mundos através do rosário onde estão presentes a fieira de pérolas, ou melhor, grãos. Nele está implícito o "sopro", princípio que sustenta os mundos. Então que a prece pronunciada em cada grânulo corresponde a uma respiração, inspiração e expiração, que é o mesmo que "coagula e solve", criação e reabsorção de um mundo. Entre um grânulo e outro há um silêncio. O rosário é, sem dúvida, um símbolo real, materialização do versículo, anotar entretanto, que o fio une as pérolas, mas, se os grânulos representam o manifestado o fio simbolisa o invisível não manifestado.

Teilhard, bom sacerdote, deve ter utilizado muitas vezes e mais que isso, deve ter interpretado o significado desse símbolo e percebeu a magia dessa invisível fieira que, silenciosamente, vai compondo a Evolução numa espiral dinâmica que ascendendo converge, trazendo a matéria por meio de planos escalares desde uma litosféra depois biosféra, e afinal, antrodogênese que se deriva para a Cristogênese destinada a unir tudo em Cristo na grande espiritualização do universo, no reino da Noosféra.

A Cadeia de União Maçônica, realiza-se no plano da Noosfera, as mentes se afinizam pela fieira espiritual que comanda neste estágio evolutivo os meios de socialização e que é o último degrau por onde a energia radiante consegue se expandir na forma virtual de liberdade humana, que

por ser o término de uma evolução, tem que se, forçosamente, irreversível.

A Maçonaria, obra de "Gnósticos" teria que aperfeiçoar todas as coisas arquitetadas por intermédio da fieira e tornar permanente a Cadeia de União, o "rosário pensante" que sabe extrair a energia libertando-a da intimidade da matéria complexificada em cerébro, então o maçom é o símbolo vivo de um mundo que se completa pela atividade humana.

Por isso que atuando pela Cadeia de União organizada nas Lojas, o psiquismo da Ordem expandiu-se no espírito da solenidade aquecido pelo amor.

Finalmente, foi possível compreender que a melhor História será aquela que for escrita com a Verdade mais que com patriotismo. Afinal o planeta está a exigir que o homem permaneça no clima natural, protegido contra a angústia martirizante de ficar transformado em pedaços de uma máquina que deseja exclusivamente uma produção desenfreada. Tagore com propriedade salientava: "Converti uma árvore em lenha e poderá arder para vós, porém nunca mais produzirá flores nem frutos".

Eis que a humilde Cadeia de União desses raros maçons conscientes vai aos poucos, no relógio dos séculos, perseguindo um futuro, quando cessarão os duelos fraticidas cujas finalidades se resumem em proteger interesses particulares, e aos poucos o homem vai se capacitando que só há uma batalha justa e é aquela que se travará um dia pela salvaguarda dos interesses comuns de todos os homens.

Por isso é que, ao encerrar a Cadeia de União, ouve-se a "una vocce" a trilogia que simbolisa a plena expressão do espírito: Liberdade, Igualdade e Fraternidade, suprema evocação da energia amorizante.

Que grande mistério reside na voz dos homens reunidos! Quem já meditou profundamente de como o coração de cada homem atende com enorme simpatia aos outros corações humanos. Quem já assistiu o espetáculo das multidões agitadas pronunciando seus gritos indignados

de revolta e como vozes traduzem angústias desconhecidas que chegam para anular as almas mais destemidas. Me reporto, neste momento, a uma confissão de Gluck o grande músico, onde ele nos conta que o tom básico das suas Óperas foram extraídos da Voz do povo de Viena que, certa ocasião ouviu gritar: Pão, pão.

Onde maior vigor que neste timbre: Liberdade, Igualdade e Fraternidade?

É a própria voz do misticismo humano, é o som do progresso da humanidade, é essa voz que prova a imortalidade da alma. Façamos pois, o esforço hérculeo e contínuo para gravar o pensamento nas fitas magnéticas, mas ali na estrutura magnífica do espaço infinito como a essência do imenso Universo.

As vozes que Gluck ouviu eram profanas e exprimiam ânsias do instinto. Mas a Cadeia de União, deve ser um coral de iniciados, que representam a expressão alta da humanidade, única capaz de ativar a fieira inefável.

Portanto é indispensável que o Maçom preencha as condições exigidas para ingressar nessa corrente mágica de ativação mental.

É necessário que o Maçom que deseje construir o futuro jamais sirva de obstáculo aos homens que procuram Deus, que trabalhe no presente mediante o esforço do Dever. Que nunca violente ou anule as consciências ignorantes que ainda permanecem no encanto das velhas crenças. Que jamais conceda às religiões que passam o direito de governar a humanidade que permanece. Que não permita nunca que a Razão pereça diante do dogma imutável e nem permita que o espírito humano se atemorize diante do desconhecido.

O maçom não pode aderir à ignorância nem pactuar com a miséria.

O maçom não transfere à Deus o cuidado de alimentar aos famintos, reparar as injustiças e consolar os que choram. É o que luta em nome da Justiça. É o que conhece as três Virtudes: a Caridade que é o mesmo que

amar os semelhantes; a Esperança que faz acreditar num tempo mesmo distante quando a Justiça, a Paz e a Bondade serão reais; a Fé que é a Vontade de crer na invencível necessidade do esforço humano.

Assim, pois, quem possuir essas qualidades, terá acesso à Cadeia de União e poderá colaborar na gravação da História do Futuro que será a dos Povos Livres.

HINO DA CADEIA DE UNIÃO

Cultuamos o impulso mais belo
que homens jamais foi ligar,
e juntamos as mãos na cadeia
com vontade e muito amor.

Honramos a Loja que une
só ela os corações dos maçons;
Vibrai a corrente e teceis nela
as rosas da alegria.

Procurais seu termo debalde
pois não a rompemos jamais,
se estende do leste da vida
para só no sepulcro findar.

ASPECTO FÍSICO DO CANDIDATO

Paracelso

Após sofrer o despolimento dos metais, o candidato se dispõe a receber um devido preparo físico, mediante certas modificações no vestuário, de tal maneira que, por fim terá; braço e peito esquerdos expostos, perna e joelho direito desnudados. O pé esquerdo descalçado. Terá ainda, os olhos devidamente vendados. Receberá finalmente, uma corda provida de nó corredio sobre o pescoço ou na cintura.

Nessa toalete, ou melhor, nessa nudez parcial, surge uma triangular, que corresponde à redução voluntária do revestimento inútil. O candidato apresenta, com as modificações, uma atitude de sofrimento, como se estivesse humilhado.

Alguns maçons pretendem suprimir esse uso, pois concluiram que está alheio à cerimônia da iniciação. Mas, vamos a seguir demonstrar a profundidade desse simbolismo da iniciação. Assim, vamos buscar um clássico da maçonaria, o grande OSWALD WIRTH, quando diz:

> "A região do coração está a descoberto, por alusão a absoluta sinceridade do recipendiário: o joelho livre, mostra que o ajoelhar-se, ele entra em contato direito com o solo sagrado, que está sendo calcado já, pelo pé descalço".

Seria interessante perguntarmos: então, porquê o outro pé permanece calçado? Parece que, este pormenor da iniciação está relacionado com a lenda de Jasão e o Tosão de Ouro, uma das mais belas da antigüidade, entre nós conhecida como a História do Velocino de Ouro. Faça-

mos um resumo dessa lenda. para a seguir, tirarmos as relações que precisamos.

A descendência de Jasão vinha de Eson, que era filho de Cretêo.

Um dos avós tinha fundado o reino de Yolchos o qual seria herdado por Eson. Entretanto Pelias, filho menor tinha usurpado o poder. Eson falece, no momento em que Jasão — seu filho, tinha sido entregue aos cuidados de Quiron o famoso educador de herois. Quiron — o centauro — o iniciador de Jasão. Passado o tempo, Pelias agora idoso, como sempre sofria a angústia que persegue os usurpadores. Maior era o tormento de Pelias, porque um oráculo, tinha-lhe dito coisas incompreensíveis. O oráculo lhe tinha dito: "Pelias, cautela com o homem de **pé descalço"!**

Havia um mistério nessa simples frase que Pelias não entendia...

Jasão, por sua vez, terminara o aprendizado na gruta de Quiron e se dirige à sua Yolchos, a fim-de rever a pátria. Mas, também tinha em mente, tirar o poder do indigno Pelias. Dessa forma vinha Jasão armado de duas lanças e trazia o corpo revestido por uma pele de pantera. No caminho teve que transpor um grande rio. E nas margens encontra Hera, a mãe dos deuses metamorfoseado em mulher comum. Hera pede ajuda para atravessar as águas. Jasão atende, colhe-a nos braços e atravessa o grande rio. Mas... uma sandália fica presa no lamaçal que recobria o leito da corrente fluvial. Mesmo assim, prossegue na marcha até Yolchos — seu país.

Ali chega no momento preciso em que Pelias, cercado do povo, soleniza um sacrifício no Àgora. Todos se entusiasmam com a beleza do jovem e o comparavam a Apolo. Mas o olhar do rei se dirige para o pé descalço.

Pergunta a Jasão — seu nome e sua pátria. Jasão responde que vinha da gruta de Quiron e pretendia conhecer a casa de seu pai Eson.

Seis dias se passaram e Jasão vai ter em Pelias e o interpela:

Bem sabes, que sou filho do soberano legítimo, que tudo que tens... me pertence. Mas te darei todos os rebanhos e todas as terras que tirastes dos meus pais Apenas exijo o trono que um dia foi o lugar de meu pai.

Pelias responde: 'Posso conceder o que pedes. Porém desejo da tua mocidade o que a minha velhice não permite. Em meus sonhos vejo a sombra de Frixo que exige para que eu possa ganhar a paz de espírito, que vás a Colquida, domínio de Eiter e nos traga seus ossos e o Velocino de Ouro.

Vos destino a glória deste gesto. Ao voltares com o tesouro te darei o reino e o cetro."

Esperamos que com este simples esboço da lenda, tenha ficado claro e compreensível o sinal do **pé descalço.** Prevalece então a revelação de que, todos os iniciados são herdeiros herméticos dos argonautas, daqueles primitivos homens que falavam a linguagem argótica, daquela língua que FULCANELLI chamou a língua verde e que navegava pelas águas afortunadas do Colchos, para conquistar o famoso tosão de ouro, nautas construtores que conhecem o caminho do jardim das hespérides. Prontos sempre a combater a tirania dos usurpadores. Este sinal do **pé descalço** está dirigido sobretudo aos que desonram a iniciação, aos que usurpam os graus da maçonaria, é o mesmo que dizer a todos os hipócritas: cautela com o homem do **pé descalço,** que possue a verdadeira vocação iniciática. por isto vem da câmara de reflexão ou gruta de Quiron, já senhor da língua falada pelos cabalistas, com sinais e toques que lembram a Argot, língua secreta e própria das minorias esclarecidas, destinadas a derrubar os usurpadores, estejam eles aonde estiverem, nos palácios ou nos templos.

Deixo esta meditação para os irmãos sobre uma tradição que aos poucos vai se extingüindo por não estar mais acessível à interpretação correta.

ELIFAS LEVI, pretende explicar o ritual da preparação física do candidato, vendo nele alternância de ações mágicas, reações entre forças positivas e negativas. Assim que, para toda força real corresponde outra irreal e oculta.

Daí que, quando o profano entra em ação, desconheça a reação fatal que é sempre prevista pelo iniciado. O **pé descalço** é um sinal apenas, convenhamos que para atingir o poder sobre os homens, é preciso navegar muito em busca do ouro mágico da sabedoria. Começa a ser necessária a verdadeira LUZ.

Outros Mestres da maçonaria, reconhecem na preparação física do candidato, toda uma série de relações com a Astrologia, reconhecendo analogias entre partes do corpo e sinais zodiacais. Dessa interpretação resulta que as partes expostas do recipendário, teriam múltiplas modalidades receptivas: "garganta, espádua; braço esquerdo, coração, joelho e perna direita, pé esquerdo, corresponderiam a Touro, Gêmeos (lado passivo), Leão, Capricórnio, Aquário (lado ativo) e enfim, a Peixes — seria então esta parte ritualística uma verdadeira fisiologia zodiacal. No entretanto, se interpretarmos os Signos do Zodíaco, veremos que o Touro simboliza o trabalho, lembrando a obediência e o desinteresse, lembra também, a força necessária para dissimular a prática do amor fraterno que está configurado em Peixe, no lado passivo.

Por sua vez, Capricórnio e Aquário — joelho e perna direita, estarão dinamizados como agentes universais. Mas a harmonia universal, somatório do amor ideal, está implícita no Leão, centralizado no Coração. Com conteúdo intelectual, aparece Gêmeos, como tipo de símbolo equilibrante, atuando na razão, que nivela a sensibilidade. É o Coração o símbolo que centraliza o afeto, que recorda sempre que se deve resistir ao domínio dos falsos sentimentos. É curioso salientar a ausência de Marte, pois esse planeta salienta a força bruta e a violência. Importa salientar em tudo que representa a preparação física do candidato, o seguinte:

> Que o coração livre, significa sinceridade e franqueza, condições urgentes para todo o progresso, por sua vez, o candidato nesse estado de desnudamento revela uma prova de humildade, entregando-se de corpo e alma ao plano iniciático, começando a livrar-se assim dos entraves

da personalidade, e aguarda os mistérios atuantes das forças superiores, o coração e a inteligência ficam abertos às influências!

Salientamos ainda que, o simples desnudamento do peito apresenta um aspecto importante na maçonaria masculina, pois apresenta a certeza de não se tratar de uma mulher travestida. O joelho direito livre, salienta a humildade. Ao ajoelhar-se toca ao solo e sente o contacto com o lugar sagrado, lembra como disse um Mestre que: "o homem que não se dobra ante algo, não pode suportar o peso de si mesmo".

E mais ainda, o pé esquerdo descalço inicia a marcha, leva o homem para a frente, ampliando o discernimento, despertando a meditação diante de cada passo.

Possibilitando o reconhecimento efetivo dos obstáculos que a natureza pode apresentar. Um clássico da Maçonaria escreve: "o pé esquerdo descalço entrava a marcha e o recipiendário é obrigado a apoiar-se sobre o pé direito, lado ativo, preponderância da razão sobre a sentimentalidade".

Na preparação, ainda existe uma corda de nó corredio, posta na cintura ou passada em torno do pescoço. Ela deve lembrar as amarras que ligam o homem profano ao mundo das vulgaridades. É como um cordão umbilical ligado ao organismo materno, na ignorância das paixões e dos absurdos que povoam a escuridão do mundo profano. Corda que lembra a escravidão dos preconceitos, o jugo das fatalidades, deve por sua vez impor o desejo permanente da liberdade e estimular a aspiração de repudiar a escravidão e ativar a vontade, para, orientar-se na vida como cooperador da Ordem. Corda que significa que o profano sempre foi arrastado de um lado para outro, como uma marionete, porque, não conhecendo o discernimento, sempre será conduzido.

É também como um cordão umbilical ligando o presente ao mais longínguo passado, é a ativação do Karma e a imposição do Dharma.

Lembra os erros do passado, inibidos pelo dever a

cumprir, é o caminho do dever iluminado pela luz da maçonaria.

É ainda esse laço, um cordão umbilical verdadeiramente psíquico, ligação entre o mundo sutil e o denso da matéria, é o cordão de parta do Eclesiastes: "E o pó volte à terra como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu". É o fio de prata que liga a matéria ao espírito, que se arrebenta na morte!

A prata é bem o alquimismo da alma, como o ouro é do espiritual. Devemos recordar que a verdadeira iniciação, é realizada sempre exteriormente, fora completamente do corpo físico.

Mas, e os olhos vendados? O profano está como um cego voluntário, que aspira conhecer a luz da verdade — aquela luz que veio ao mundo e os homens não conheceram e amaram mais as trevas. Ao cair a venda dos olhos, caem as escamas, haverá um choque iniciático, por muito tempo permanecerá uma cegueira espiritual, o importante é continuar angariando vontade para libertar os olhos do espírito. Um pano cegando os olhos, escamas da cegueira voluntária que excita os demais sentidos, deixa a acuidade, o ouvido fica mais atento, é um sentido que desperta diante da cegueira. Então o candidato passa a escutar a dureza da terra, o ruído dos metais, passa a ouvir o som de palavras desconhecidas por homens que não conhece. Ao sentir-se nas trevas apenas ambiciona um guia, e se agarra ao primeiro que encontra, pois que desconhecia o discernimento para escolher quando estava na cegueira profana, agora sombra de si mesmo, orienta-se para a verdadeira luz, que não permite escuridão, que não projeta sombras.

A cegueira que anuncia, que não conhecerá subitamente a verdadeira luz, para ser um iluminado, isto é, um esclarecido pela verdadeira luz espiritual tem que se dirigir para os caminhos da verdadeira iniciação, perseverando sempre. Os LOWTONS não necessitam desse artifício, por isso entram de olhos abertos uma vez que a maçonaria para eles está em parte descoberta, estão acima da vulgaridade profana. Ao encerrarmos estas linhas, nada mais útil que recordar os preceitos da sabedoria destas pala-

vras: "Quando for dia para o homem vulgar é noite para o sabio. Mas, quando é noite para o homem vulgar, é dia para o sábio." E LEADBEATER acrescenta: "a luz dos profanos são trevas e ignorância para o maçon, porém ele deve ver na escuridão."

Vemos, que a maçonaria não usa uma pedagogia destinada a converter os homens em cientistas, humanistas ou teologos eruditos. Mas... vai além e pretende iniciá-los, no caminho da conduta nobre, dando-lhes o conceito de honra e de liberdade, formando cidadãos do mundo, e os ensina a procurar a luz que nivela todo o Universo na conceituação da igualdade!!!

À UMA ESTRELA.....

Ir.'. PARACELSO — Loj.'. Cardoso Jr. — Or.'. da Capital

"O elogio é como o abutre: este devora os mortos, enquanto aquele devora os vivos".

Convivemos no ambiente fraterno de uma Estrela, igual às irmãs da Via Láctea esplêndida. Seu brilho é como a essência da Vida, tem a constância dos Instrumentos Imortais.

Um mestre paranaense, que renasceu Apolonio de Tyana, assim nos conta de sua iluminação: "Sob o velário azul de noite magnífica, ao fulgor de constelações Imortais — símbolos do Eterno — penetrei o anfiteatro das coisas mortas e os santuários do oculto". Nesse momento, recebeu o sinal que deixou em seu coração os atributos divinos: Inteligência — Vontade — Ousadia — Sigilo.

Possamos nesta noite, no Templo — na Estrela de Antonina — nesse àtomo da constelação maçônica, espalhar um pouco mais de Luz, nesta noite fria da Terra semelhante a noite referida, recebendo a mesma marca cordial de Apolonio de Tyana.

Estrela de Antonina — frente ao mar, agora denso e escuro, qual fantasma negro que, na tocaia, espreita na cilada a hora do crime.

Assim é o mar humano que nos cerca: oceano de Ignorância que se agita, borrifando de lodo o exterior do Templo. Lodo peçonhento dos que desamam odiando, dos quedesonram mentindo; mar de Ignorância dos que se escondem nas trevas, que nos seus antros plasmam a desordem que assassina as pátrias.

Mas esta Loja, Estrela, sendo um símbolo, simplifica uma idéia supra-humana, que é um desejo de Luz, imagem de Justiça e Perfeição; Templo onde o sagrado fez morada, onde profano não ingressa, onde a Impureza desaparece no lustral das águas e no fogo cósmico que aquece a vontade.

Símbolo de uma unidade, qual célula indutora de outras para formação de um grande corpo — o Grande Oriente do Brasil. Estrela, ao igual que sua Co-Irmã, a Perseverança. Lojas marinhas, primeiras a receber o Sol no seu caminhar de Leste para Oeste, levando a mensagem maçônica aos planaltos paranaenses.

Esta noite festeja-se um natal, quase o centésimo, e eu sou homenageado, passo a pertencer a uma galeria de maçons. Fui surpreendido mesmo, e só posso responder com palavras do ritual: — M.'. I.'. C.'. T.'. M.'. R.'.: Possa eu continuar pleno de mérito que, se não serve ao cidadão, enaltece, sim, ao aprendiz maçom. Nesse atributo hierárquico que encarno, é pois a Pod.'. Assembléia [illegible]e figura nessa galeria, não o cidadão Antenor Pupo; é [illegible]uarda zelosa de uma Constituição que está nessa foto[illegible]ifia. — O que quiser ser o primeiro, será vosso servo — [illegible]lat. XX-27).

O século vinte definha, e nós, maçons, respiramos mal neste clima.

E todos nós, maçons convictos, sentimo-nos intranquilos em nossos encargos e, — por que não dizer? — pessimistas em face da doutrina que transmitimos. Estamos assim como alguém confinado a um pavimento alto de um edifício, concentrado no trabalho intelectual, na investigação dos problemas cruciais da Humanidade, quando, de repente, percebe nos planos inferiores do sobrado, surgir o crepitar de um incêndio. Diante da catástrofe iminente, lógicamente não pergunta se deve se abster da realidade, se existem bombeiros especializados na extinção do fogo, se deve continuar estudando. Não, instintivamente descerá e dispor-se-á a eliminar as labaredas.

Pois é assim que me encontro nesse cargo! Traba-

lhando com esquadro e compasso — com cérebro e coração — sentindo pelo olfato que há uma fumaça sutil, reveladora do incêndio que vai destruir, não só minha oficina, mas todas as que se abrigam na grande morada, resultando um caos. Penso que não como hesitar, devo dirigir-me rapidamente ao ponto do fogo surgente.

Meus IIr.'., reflitamos um pouco. Estamos agradavelmente reunidos, tudo nos parece — Maçonaria, Ordem, Loja — espontâneo e natural, que sempre tudo isso existiu e, nem de leve, suspeitamos que de repente, o ambiente se modifique na destruição. Então pensamos: "A maçonaria sempre existiu, estava sempre à espera de nossa adesão". Ora, não nasci maçom, a ordem chegou pronta, no momento adequado. A Ordem deve ter faltado em um tempo, pois ela é também uma educação temporal nesta fatalidade que acompanha o trabalho voluntário do homem. Diz a tradição: Mil anos cidade, mil anos flo resta, que significa a insegurança das realizações humanas.

Creio que são raros os maçons que pensam deste modo, pois, grande maioria persevera na suave ilusão da eternidade, nessa ociosidade que afasta as convicções da causa maçônica. Séculos de Ordem, séculos de desordem, assim prossegue o Tempo.

Nunca meus II.'., a Ordem Maçônica esteve tão tragicamente ameaçada. Lamento ter que gravar neste trabalho esta amarga realidade que traço diante de tão Ve neráveis Mestres.

Peço unicamente que não me considerem ridículo, evitem chamar de profeta quem alerta, concordem comigo ao menos o necessário para que eu possa continuar.

Sempre considerei a Maç.'. do Brasil uma verdadeira Universidade — pode ser considerada até um Estado es piritual. Ora, um Estado ou um País está constantemente ameaçado por forças misteriosas, tanto de dentro como de fora dele, forças criadas pelas contingências, circunstâncias inéditas que mudam os planos, que anulam o estabelecido; por isso é que todas as filosofias, doutrinas,

ideologias, definham, morrem como os seres que vegetam nos limites do infinito, embora a essência maçônica, planificada desde o princípio dos tempos, seja realmente eterna.

Falamos das ameaças. Vejamos as de origem interna, presumindo-se que todos os maçons esclarecidos as conhecem, pois felizmente temos cobridores e vigilantes que se esmeram em eliminá-las. Por isso é que expulsamos os indignos, os perjuros, os hipócritas que se empenham em destruir a Ordem porque não possuem dignidade para compreendê-la. O mais grave é o número de eliminações que aumenta em proporções alarmantes, e é aí então que a própria sociedade está ameaçada.

É verdade confirmada em todos os povos que, se um homem errôneo atuar por método certo, o método resultará errado. Isto é o mesmo que dizer que, se "maçons de avental" tentarem utilizar a doutrina maçônica que, indiscutivelmente e efetivamente é certa, resultará um fracasso. E os II.'. que ficam, que sendo regulares, perturbam o silêncio com o ruído áspero das suas manobras astuciosas, impedem a ação dos regulares efetivos que querem realmente construir algo melhor para todos. Felizmente, existem obreiros que se educam e aumentam em valores. Pelo que observei, nestes vinte anos de Maçonaria, o número de adormecidos não vai além do razoável.

O que importa no momento, é avaliar o aparato de nossa Ordem que se empenha em exibir um prestígio que não existe.

Desde a instalação do Grande Oriente do Brasil, pretende-se formar uma minoria, digna de amparar o povo nas suas aspirações de prosperidade, pois o prêmio das sociedades humanas, sempre foi merecer a atenção dirigida para os homens justos e perfeitos que a compõem.

A Pátria cresce à sombra projetada pelas capacidades autênticas. Por isso, a Maçonaria prima pela seleção, exigindo que os maçons sejam mais exigentes consigo mesmos.

Mas, quantos dos nossos, quando ao término da perfeição, se paralisam, desviando-se para a vulgaridade? Quantos permanecem no absurdo dos preconceitos, na esterilidade dos graus inertes, nem sequer investigando até onde a nação, o povo, nos reconhecerá como úteis. Que tristeza e que remorso nos acodem, olhando a herança recebida por essas Lojas centenárias, plenas dos ideais dos seus fundadores que ensinaram a organização dos estados e libertaram o povo das cadeias feudais!

Será que desconhecemos o drama da Pátria e a angústia do seu povo? Será que perdemos a clarividência preventiva das misérias humanas? Será suficiente esta atitude senil de simples espectadores do Drama nacional? Será que nos reunimos de fato para tratar dos bem estar da coletividade? Será que usamos a Taça Sagrada para o preparo dos remédios salutares para o povo? Será que ignoramos os fins da Ordem? Há exceções, admito; diante destas perguntas só há uma resposta. "Sim, ignora-se tudo isso e muito mais". Ao permitir a passagem de nossa Ordem de operativa para filosófica, esquecemos dos obreiros, deixamos de reverenciar o homem, passamos a odiar e temer o operário humilde, escravo desse dever cotidiano de produzir o pão e o vestuário, deformando-se no trabalho de todas as horas, fizemos da Ordem uma aristocracia adulterada que permite a humilhação e está indiferente ao processo de escravidão. Afastamo-nos do povo que juramos defender, estamos de frente para o Estado e de costas para o povo, ignoramos tudo de seu mundo.

Afinal, a Ma.'. não tem culpa da inércia dos maçons, nem se ressente de que eles permaneçam nessa alegria enferma do gozo pessoal, nessa arqueologia de condecorações, jóias e colares. Temos, é verdade, maçons que se preocupam com a lealdade de servir, que sendo Mestres Veneráveis, a tudo renunciam, que abrindo o coração, arejam o ar que ainda respiramos, estes honram e merecem o agradecimento da Pátria.

Estes sabem que é sagrado conservar os alicerces físicos da Pátria, proporcionando os acréscimos do Espi-

ritual, com a força moral que fundamenta o direito pois, se a Ordem possui uma Constituição, é evidente que o povo também usufrua do direito constituido. Os nossos velhos rituais gravaram monumentos como este: "A liberdade é ter o direito, a faculdade de fazer tudo aquilo que não contrarie a Moral e a liberdade de outro, dar aos cidadãos as vantagens conferidas pela participação de todos pelo voto" — lei que merece o respeito de todos.

Afinal o povo do Brasil, que permite a nossa existência, merece o respeito de todos.

Afinal o povo do Brasil que permite a nossa existência merece nossa preocupação. Lembremos que o Grande Oriente do Brasil depende da organização do país, onde o povo deve ser soberano. Ora, esse povo sendo ignorante, enfermo e miserável, será fatalmente inimigo da Ordem, e é quando adormeceremos cessando os augustos trabalhos.

Essa é a ameaça de fora à qual me referia. Sentimos agora que se acentua, pois o povo ludibriado sempre pode se recusar a sustentar nossos esforços, julgando a Ordem como um luxo inútil, e nem faltarão os insinuantes que nos chamarão de mestres do erro e parasitas sociais. A Maçonaria conhece esses momentos pois, com seus balaústres ajudou a confecção da História. E o que é a História, senão o barbarismo da luta pelo poder, riqueza, propriedades, matérias primas, toda essa matéria despida do Espírito? Bem falava um mestre quando dizia: "A História, campo agitado de instintos e de modas, de avidez e cobiça, ânsia de poder e riquezas, desejo de morticínios, violências, ruínas e guerras: ministros ambiciosos, generais vendidos e cidades bombardeadas!"

Por isso, convém lembrar que a Maçonaria é um trecho da História que pode desaparecer se não souber ambientar-se. Que não nos falte a consciência desta responsabilidade na História do Mundo.

Estamos alheios no presente à realidade brasileira, perdemos a qualidade de participar da História do Brasil. Resta-nos aprender e recomeçar a gravá-la com Justiça e Perfeição.

Mente quem negar que neste instante tudo — homens e organizações — estão em trânsito para o enriquecimento rápido ou para o poder atraídos pelo ouro como se estivessem imantados. É a batalha do prestígio que vai-se dirigindo para os três grandes centros de opinião — New York, Moscou e Roma — as três cidades que armazenam os capitais do ódio e da corrupção — despidas de qualquer sinal do Espírito. E, ninguém se dispõe a um plano de Ordem moral compatível. O que vemos é este clima de reformas sucessivas, todas dirigidas para o suborno. Estamos assistindo o duelo do capitalismo contra o comunismo, enquanto Roma aguarda a chacina, para o saque final. Os maçons não se adaptam a este ambiente empestado pelos horrores modernos. Desaparece o mérito iniciático. Todos se contentam no aparelhamento que facilite o acesso ao poder.

Estamos em queda, a marcha se acelera no declive, no mundo profano tudo favorece as tiranias pois há uma "ordem técnico-econômica" que lança nos legislativos, um enxurro de banqueiros que legislam em causa própria, não podendo assim, interessar os nossos trabalhos especulativos. Lembremos mais uma vez que a História já contou dos tempos em que **os sinos dos campanários serviram de matéria prima para os canhões.** Evitemos, pois a traição! Temos que combater a mentira, salvando a verdade. O maçom que se firmar na mentira, prejudica ao povo, contamina o pensamento e corrompe o ar de sua pátria. Dessa interpretação, concluímos que, o maçom não pode aderir a esta política; deve, ao contrário, sacrificar tudo o referente à personalidade, mas nunca, a fidelidade ao Espírito. O espírito só tem calor enquanto exaltar a Verdade. Porém, ao traí-la, deixa de respeitar-se, adquire preço, torna-se conveniente. Deixando de ser Espírito, é um déspota, é um animal, pior que estes que, ao menos, possuem a ingenuidade pela Natureza.

Agora, para que a Maçonaria triunfe, resta-nos uma alternativa: forjar verdadeiros mestres, pois deles necessitamos com urgência: maçons efetivos que ensinem aos homens como reconhecer esse atributo de julgar por si

mesmos a verdade, que obedeçam ao Espírito e que honrem a palavra.

Que nesta comemoração, quando a Loja Estrêla atinge uma **idade vetusta, adquiramos a Luz** que ela transporta, aqueçamos com ela nosso coração e sejamos os emissários da Verdade.

A n t e n o r P u p o

Três cartas à Ernani Reichmann s o b r e assuntos de religião

Curitiba, 1958

1.ª carta

Amigo Reichmann,

Devo iniciar esta carta dizendo que a idéia da sua elaboração surgiu da leitura principalmente do livrinho de Simone Weil "Carta a um religioso", com adiferença que esta poderia ser denominada "Carta a um homem tolerante", na qual procuro focalizar idêntico problema de Simone, isto é, "os obstáculos entre a Igreja e mim" embora pretenda eu ampliar mais o assunto e tratar o que poderia denominar "As Igrejas e o homem contemporâneo", sem pretender mergulhar na questão religiosa pura, mas salientar aquilo que de mais importante aparece em nosso tempo, e que ao meu ver é a posição dos homens e das organizações encarregadas de ensinar a religião, de traçar normas de aproximação da alma humana a Deus, de cuidar, em suma, da vida espiritual.

Creio que posso deixar mais claro o meu pensamento, expor melhor o meu íntimo à tua observação, se confessar ou, ainda, se fizer uma profissão de fé dizendo que admito e reconheço e estou ciente da importância do espírito religioso — que esse espírito é fundamental para a edificação de uma vida integral sobre a terra. Admito e reconheço o ilimitado da fé e sinto a realidade da existência de Deus. Sei que o Cristo está presente e foi atuante e está atuante, guiando todos os povos desde as mais remotas eras e que atua não de logar situado à "direita de Deus" mas daqui mesmo, ligado a nós, junto da humanidade que merece todo o seu amor. Admito e estou consciente". Sei que inevitavelmente todos os homens, cedo ou tarde, se encaminharão para Cristo. Estou ciente que o caminho é perenemente aberto a todos que queiram passar "pela porta estreita". Creio na vida e nos trabalhos do Cristo,

através dos fatos e episódios de sua vida. Creio que Cristo vive entre nós e justamente porque Ele vive é que vivemos, justamente porque "Ele é, somos". Um dia seremos como Ele porque O veremos exatamente como Ele é, e nesse dia faremos "grandes obras".

Já, neste momento, sei que o meu estimado e ilustrado amigo Ernani está sob o impacto da descrença, mesmo porque está desabituado destas invasões espirituais e desde muito que não recebe uma carta dirigida mais aos homens do que propriamente a ele — Ernani — e, ainda mais, talvez esteja escrevendo a mim mesmo.

Quero, a seguir, afirmar que não pretendo declarar guerra ao Cristianismo, mesmo porque meu raciocínio aceita que o Cristianismo não pode ser combatido porque é na essência uma manifestação do amor de Deus. Schweitzer diz mesmo que o "Cristianismo é uma afirmação do mundo que passou pela negação do mundo". Posso, agora, adiantar que o que devemos combater — o que ao meu modo de ver deve constituir motivo de meditação, principalmente dos homens que pensam — é o clericalismo que, embora minoria, tem influído na massa do povo passando a constituir maioria. Maioria que, por sua vez, provoca o enfraquecimento da Igreja, com uma demolição propiciadora da disseminação do verdadeiro Cristianismo.

Assisto diariamente o fracasso das Igrejas ou Igreja, isto porque o clero organizou-se politicamente para exercer influência sobre as nações reconstruindo velhas igrejas e erguendo outras novas, estudando maneiras de distrair aderentes e nesta faina, descuidando-se da iluminação dos homens. É lógico, então, que as medidas de salvação consistiriam em fazer a Igreja trabalhar e os eclesiásticos pensarem como Cristo. Então, o lógico seria voltar a Cristo sem fanatismos e sem correntes sectarias. Devem os clericais recordarem-se que o espírito humano está acima da Igreja e que na ascensão progressiva do espírito humano ela ficará à margem enquanto ele prosseguirá no caminho de Deus. O espírito humano avançará para o reino de Deus sem a Igreja e sem eclesiásticos mesmo porque não cabe nesse reino a magnificência dos prelados. Cristo não exige e nem necessita de hierarquia eclesiástica. Ele deseja e

quer mestres humildes e exemplos de vida espiritual. Assim, nenhuma barreira pode deter a marcha da alma humana na sua eterna jornada das trevas para a luz, da ignorância para a sabedoria, do irreal para o real, da morte para a imortalidade. Se a totalidade das organizações religiosas, constituindo grupos de Igrejas de todos os credos, não proporcionam ajuda espiritual, é lógico que a humanidade encontrará outro caminho, pois absolutamente nada pode afastar o espírito humano de Deus.

Neste momento recordo Charles Moeller que escreveu: "Parece que nada mudou no mundo desde a aparição do Cristianismo, os cristãos parecem sofrer mais que os outros". Sim, foi há dois mil anos e o mundo está como se nada tivesse ocorrido e, no entretanto, as Igrejas venceram, multiplicaram-se, espalharam-se pela terra. A frase de Moeller endossa o fracasso das Igrejas. Mas... é preciso recordar imediatamente: Cristo não fracassou. O material humano é que fracassou porque O deturpou. Os homens prostituiram a verdade que Ele apresentou. Nesses dois mil anos, a doutrina, os dogmas, a teologia, o dinheiro e a política enegreceram a visão entre a Igreja e Deus e afastaram para longe a verdadeira visão do amor de Deus.

Acredito serem pouquíssimos os homens atuais que possam restabelecer essa visão, que possam satisfazer as necessidades dos homens e não a vaidade, a psicose de grandeza de ver apenas o crescimento de suas Igrejas. Sei que existem desses homens em todas as organizações religiosas. Mesmo que esses se unissem — coisa não concebível diante das formalidades e dos interesses de numerosos eclesiásticos reacionários que predominam em todos os setores das várias Igrejas — mesmo que esses homens se unissem, seria inútil. No entanto, aceito que é a esses homens que devemos um pouco das luzes e das alegrias e também das esperanças, homens espiritualmente inspirados.

Uma das características do momento é a proliferação de templos, tribunas, conferências e pregações — há mesmo uma literatura abundante conclamando os homens para um encontro com Deus com o objetivo de, através da religião encontrar uma solução para os conflitos, nunca

se procurou tanto uma valorização espiritual — sou testemunha da sede de conhecimento espiritual que domina as várias camadas sociais. Vejo diariamente esgotarem-se edições e mais edições de jornais e revistas as vezes as mais caóticas, criando confusão e desinteresse e que ao invés de aproximar mais afastam as criaturas da luz e da sabedoria. O que está faltando neste momento é o chamamento dos responsáveis pelas Igrejas dos sacerdotes de todos os credos bem como de todos os que trabalham pela Igreja em todos os recantos — eles devem retornar à simplicidade da fé, pois eles é que precisam regenerar-se. Em todas as latitudes os homens querem luz, mas quem vai proporcionar essa almejada luz? Será porventura os que caminham em densas trevas — isto seria o cego guiando outro cego.

Meu caro Ernani, sei que vou me alongando mas estou num momento em que não posso mais deter o pensamento que agora já desemperrou e está procurando um equilíbrio que está como que pesquisando as origens. Ninguém melhor do que Alice Bailey reconheceu os fatores responsáveis pela estreiteza das interpretações teológicas das Escrituras e as ambições materiais e políticas.

Sabemos que em todos os tempos determinados indivíduos impuseram sua vontade sobre as massas, suas interpretações religiosas pessoais sobre a verdade, sobre as Escrituras e Deus, tomaram a si a tarefa de explicar as Bíblias do mundo, porém com uma interpretação própria e em consequência perderam o verdadeiro significado, foram além, porque os continuadores acabaram por impor e incutir suas interpretações sobre os broncos irreflexivos e ignorantes. Todas as religiões, desde o budismo até o Cristianismo formaram grupos de homens que trataram de compreender o que se supõe que Deus disse, formularam doutrinas e dogmas sobre o que pensam que Deus quis dizer, em consequência suas idéias e palavras se transformaram em leis religiosas e verdades irrefutáveis para milhões de homens. Afinal que resultou de tudo isso? — Temos idéias modeladas segundo o tempo, a tradição e o meio ambiente, referentes ao que Deus disse em determinada Escritura, a qual por sua vez deformada durante

séculos pelos erros das traduções sucessivas, alicerçadas em ensinamentos orais.

A doutrina da inspiração verbal das Escrituras, supostamente aplicável à Bíblia cristã está suficientemente desacreditada e com ela a infalibilidade de sua interpretação. Sabemos que todas as Escrituras do mundo se baseiam em traduções falseadas e que nenhuma delas corresponde ao que realmente foi. Ninguém conhece o manuscrito original. Por outro lado, o siginficado dos símbolos é geralmente correta, necessitando de uma adaptação aos tempos modernos e não de ser interpretado erroneamente por ignorantes. A realidade é que os dogmas, doutrinas e afirmações teológicas e sectárias não revelam a verdade equivalente à existente na mente de Deus conforme afirmam os intérpretes dogmáticos — a teologia é unicamente o que os homens creem que Deus pensa, logicamente se equiparam a Deus porque aparentemente essa mente de Deus é um livro aberto para eles. Quanto mais antiga uma Escritura maior seu teor de inverdade. A doutrina de um Deus vingativo, de um castigo em mitológicos infernos, os ensinamentos que Deus só ama aos que interpretam seu pensamento de acordo com uma determinada escola de pensamento teológico, o simbolismo do sacrifício de sangue, a adoção da cruz como símbolo do cristianismo, o ensinamento do nascimento virginal, só produzem resultados negativos na cansada mentalidade do homem — todo esse cansaço, essa angustia e esse desespero foram injetados pela teologia, não por Krishna Buda ou Cristo. O homem tem interpretado Deus com seus próprios termos razão porque quando aceita um dogma somente aceita o ponto de vista de outro ser humano falível e não uma verdade divina. Esta é a verdade que deverão ensinar os seminários teológicos, começando por fazer os homens pensarem por si mesmos, lembrando sempre que a chave da verdade está na força unificadora da Religião comparada. Somente os princípios e verdades universalmente conhecidos devem pertencer a toda religião. Estamos então, caro Ernani, assistindo a condução da humanidade por um conjunto de doutrinas que o Cristo não conheceu e muito menos por elas se interessou. O Cristo teve um interesse — é que o homem reconhecesse que Deus é amor, que

todos os homens são filhos do mesmo Pai e, por conseqüência, são irmãos, que o espírito do homem é terno e que não existe a morte. Ansiava que o Cristo que mora em cada ser humano, a consciência cristica que nos une a todos e também ao Cristo, possa florescer em toda a gloria para que a vontade de Deus possa ser revelada.

Assistimos e ouvimos todos os dias apenas discussões sobre a divindade de Cristo, sobre o Cristo humano, a missão de Paulo como instrutor da verdade cristã, a natureza do inferno, a autenticidade da Bíblia. Comenta-se mais as palavras de Paulo, dá-se mais atenção ao apostolo que ao mestre. A cristandade pertence mais a Paulo que a Cristo. O único escritor do N.T. que realmente interpretou a consciência de Cristo foi São João. Em suas epístolas o amor de Cristo surge com tal intensidade que não deixa margem a controvérsias.

Nos nossos dias assistimos também o florescer da liberdade. Os homens começam a sentir que devem ser suficientemente livres para sentirem Deus a seu modo, daí velho Ernani, se as causas se dispuserem dentro deste raciocínio, começa a ser lavrada a sentença de morte da teologia. O homem do futuro estaria liberto das escolas teológicas, pois somente sua mente iluminada por Deus buscará a verdade e a interpretação dessa verdade por si mesmo. Passando o tempo da teologia, ficará conosco a verdade viva, desaparecerão as polêmicas, mesmo porque o homem livre é evoluído, não polemiza — a discussão é sinal de retrocesso, é própria dos bárbaros, dos "barontícos". O afastamento dos dogmas e das doutrinas é um índice de progresso. Em síntese, o momento reflete uma tendência do homem em rechaçar os dogmas, as doutrinas, os ensinamentos das Igrejas de acordo com a teologia antiga, e rechaçar a autoridade eclesiástica importa num sinal de uma perfeita compreensão do sentido exato da liberdade de pensamento.

O outro aspecto importante do problema que procuro focalizar, citado no esquema de A. Bailey, que tem foros de maior gravidade é a ambição materialista e a política das Igrejas em virtude da influência exercida em milhares de seres humanos contemplados com a mais infame igno-

rância. Verifico que na América estes fatos estão apressando a liquidação das Igrejas. Nas religiões orientais predomina a negatividade, não influem na melhoria do viver do crente. As doutrinas orientais tem um efeito subjetivo e negativo no referente a vida diária. Esta negatividade dos ensinamentos das escrituras budistas ou induistas levam o povo à indolência, si bem que estejam lentamente saindo desse estado. A crença mahometana e cristã faz uma exposição exata, embora materialista da verdade, tanto os mahometanos quanto os cristãos tem sido políticos em suas atividades. O cristianismo expõe a verdade em forma objetiva e isto foi necessário. Essa crença é fanática e ambiciosa e sobretudo materialista. Ministrou os objetivos políticos com a pompa e a cerimônia com os grandes ofícios de pedra, com o poder de uma autoridade tirânica.

A remota Igreja cristã, que relativamente foi pura nas origens expondo a verdade de maneira quase perfeita e sem magnificência, paulatinamente foi sofrendo um processo de cisões terminando por dividir-se em três ramos principais a Igreja católica romana que ainda hoje se glorifica de ser a Mãe Igreja; a Igreja Protestante e a Igreja Bizantina ou Ortodoxa. Todas se dividiram por questões de doutrina, enquanto que originariamente foram puras, sinceras e boas. Todas foram sofrendo uma permanente e constante desintegração até chegar a esta nossa época neste estado lamentável em que se encontram.

Meu caro amigo Ernani, termino aqui esta carta que avançou demais e prendeu tua atenção demasiadamente. Deixo para uma outra a pretendida seqüência que quero dar nesta correspondência.

PUPO

2.ª CARTA

Amigo Reichmann,

Inicío esta segunda carta procurando manter a mesma tonalidade da primeira, procurando mais interpretar o pensamento dos homens com que tenho convivido, muitos dos quais tidos por herejes e mesmo ateus mas que estão mais próximos de Deus do que a maioria dos cristãos, homens cientes que Deus é amor e que impregna de luz aos que O procuram — ainda me valho de Simone Weil para resumir o explanado na primeira carta. Há um momento no opusculo "carta a um religioso" em que Simone escreve: "Parece que com o correr do tempo já não se olha mais a Jesus, mas sim a Igreja como o Deus encarnado aqui na terra."

Mas vejamos, caro Ernani, com mais atenção o comportamento das Igrejas no momento e porque não dizer em toda a sua existência. Comecemos pela Igreja católica romana e desde já vamos anotando as principais características que demonstram como essa Igreja é contrária ao espírito do Cristo. O seu profundo materialismo, na ostentação de grandes construções tais como catedrais, conventos, colégios, instituições, monastérios mais com a preocupação de ostentar poder. Conhecemos fartamente as técnicas utilizadas para a construção desses monumentos de pedra pois que durante séculos tem sido a mesma, isto é, esvaziar o bolso dos ricos mas, principalmente, dos pobres. O grande chefe da Igreja católica é o dinheiro. É uma Igreja exclusivamente capitalista e sempre foi muito estimada nos países facistas. A riqueza e os metais acumulados em seu cofres sustenta uma poderosa hierarquia eclesiástica e uma infinidade de institui-

ções e seminários. Vem a seguir a manutenção de um vasto programa político visando sempre o poder temporal, nunca o bem estar dos humildes. Um dos pontos fundamentais do programa político da Igreja Católica é a manutenção da animosidade contra o comunismo que traz em si graves conseqüências, mantendo mesmo o perigo permanente das guerras, o que mostra que a paz nunca foi seu objetivo. O mais grave desta política clerical é justamente aquela de manter a ignorância intelectual nas massas, mantendo forças conservadoras e reacionárias que trabalham com todas as forças contra a nova civilização, contra a nova era, contra a disseminação dos ideais já aceitos de fraternidade e igualdade, mantendo a opressão pela fé cega no Vaticano e nos Sacerdotes — cegueira que constitue dever espiritual. A Igreja Católica romana é uma fortaleza, ainda é um exército aguerrido contra qualquer manifestação de progresso contra qualquer sinal de evolução. Tem suas bases alicerçadas na terra. Não quer progredir para a luz. Seus enormes recursos financeiros permitem que ela seja uma ameaça ao futuro esclarecimento da humanidade e sob o manto da proteção, sob esse exterior nababesco e multicolorido abriga a estupidez e a simulação que serão inevitavelmente os motivos de sua perdição.

A Igreja grega ortodoxa, por sua vez, chegou ao mais profundo grau de suborno e corrupção, ambição e luxúria, que foi abolida temporariamente pela revolução russa que por necessidade e inteligência teve que tomar tal atitude. O fundamento dessa Igreja era totalmente materialista, muito embora nunca tivesse manejado o poder com tanta exibição como a Igreja católica romana. Foi elogiável e sábia a decisão do partido revolucionário da Rússia quando considerou essa Igreja corrompida. Devemos recordar que essa atitude não poderia causar nenhum dano pois que o espírito de Deus nunca poderá ser abolido do coração humano. Se todas as Igrejas desaparecessem da terra, surgiria com mais força e convicção o sentido de Deus e o reconhecimento do Cristo. É Simone Weil que me anima quando anota: "O Cristo era perfeito e a Igreja está manchada por uma quantidade de crimes". Sabemos que na Rússia da atualidade a Igreja foi reconhecida e tem

nova oportunidade — pelo que sabemos não atingiu ainda poderes que possa influir nos assuntos mundiais. Existe a esperança que possa influir como força regeneradora e espiritual.

As Igrejas enquadradas no termo "protestante" são notáveis pela multiplicidade de ramos ou divisões. É ampla, estreita, liberal, radical e sempre protesta. São as mais notáveis: a Igreja episcopal protestante, a Igreja Metodista, a Igreja da Inglaterra, Congregacionista, Presbiteriana e muitas outras maiores ou menores — são notáveis pelo seu sentido materialista, embora livres das atitudes políticas da Igreja Católica, constituem-se num grupo de crentes belicosos, fanáticos e intolerantes. Não tem unidade nem coerência. São como partidos políticos, surgem por toda parte com repetições de suas limitadas teologias, não ensinam nada, pelo contrário aumentam mais as lutas doutrinárias. Vivem de controvérsias acirradas, ao contrário das Igrejas mais antigas que se orientam no sistema hierárquico de governo e de centralização administrativa.

É assim, amigo Ernani, que traço a linha divisória entre a "Igreja e mim", mas espere mais uns minutos, tenha um pouco mais de paciência e prossiga na leitura, pois sei que suas preocupações são idênticas às minhas e que já chegou às mesmas conclusões pois vejo assinalada por Você numa página da carta de Simone o seguinte: "Não obstante, Israel e Roma deixaram sua marca no Cristianismo; Israel fazendo entrar o A.T. como texto sagrado, Roma fazendo do Cristianismo a religião do Império Romano que era algo assim como o sonho de Hitler. Esta dupla original explica todas as manchas que fazem tão atroz a história da Igreja no curso dos séculos".

Estou, portanto, à vontade para prosseguir agora perguntando que se poderá fazer para contentar o desejo de orientação da humanidade, si os atuais dirigentes das Igrejas só se preocupam por questões temporais, só fazendo ressaltar a pompa e a cerimonia, as catedrais e templos, o ouro e a prata a púrpura e as jóias e os aparatos, metas da ambição eclesiástica? Que se poderia fazer para realizar a salvação das crianças esfomeadas do mundo, quando o Papa e os bispos estão preocupados com especulações que

resultem em dinheiro para construir catedrais e novas Igrejas, mesmo verificando que as que existem estão vazias? Como é possível fazer brilhar a luz na mente dos homens, se o clero se preocupa em manter o povo em estado de medo não aceitando os antigos métodos de aproximação de Deus? Como se poderia satisfazer os anseios espirituais do povo, se os seminários teológicos nada de novo ensinam ao povo e enviam ao povo jovens com noções de interpretação antiga nada adequada à época, preparados com com grandes esperanças noutro terreno que não o da fé.

Será que Cristo se sentiria à vontade nas catedrais diante dos rituais, da pompa das vestimentas, dos candelabros, dos ouropeis, da ordem hierárquica, com Papa, cardeais, arcebispos, bispos, cônegos, padres, pastores e clérigos de toda espécie que não dariam a mínima atenção ao filho de Deus que na terra não teve onde apoiar sua cabeça.

Estou convicto que não em todas as Igrejas existem homens profundamente espiritualizados, cuja vida está limitada pela estreiteza do clericalismo, mantendo uma vida difícil e insegura pois que pretendendo apresentar idéias cristãs a um mundo que sofre, verificam logo a impossibidade de prosseguirem diante do absurdo do meio que o cerca ficando incapacitados diante da rotina, do fanatismo da ambição, da estreiteza mental dos circundantes. Sabem, como nós, que ninguém se libertará pela teologia, senão pelo Cristo vivo e pela consciente convicção de que Cristo mora em cada coração humano. Felizmente existem em todas as Igrejas homens que no íntimo de suas convicções repudiam o materialismo circundante e não admitem que a esperança da humanidade esteja na dependência das Igrejas. Sabem que o desenvolvimento das Igrejas favorecem o esquecimento das realidades espirituais, amam a seus semelhantes e desejam construir unicamente aquele templo de Deus que não se constrói com as mãos e que é eterno. Servem unicamente essa hierarquia espiritual que está invisível e imutável sobre todos os problemas humanos, sem a menor fidelidade a essa externa organização temporal-clerical. Para esses homens conscientes só uma finalidade, só um objetivo os anima que é o de conduzirem

os homens a uma consciente relação com Cristo, sem transformá-los em espectadores das Igrejas nem favorecerem a hipertrofia da autoridade de homens insignificantes. Estão cientes do reino de Deus do qual Cristo é o mestre e repudiam o poder temporal dos Papas e arcebispos. A Igreja sofre com a presença destes homens, que são simples sábios e até santos, que não tem participação efetiva na Igreja a que pertencem, nunca tem destaque, mas apesar de ser nulo o seu poder temporal, provocam pelo exemplo de suas vidas iluminação e força ao povo. Pelo seu contato diário com Cristo, são a esperança da humanidade, constituem a legião dos iluminados, esses, os que procuram achar a chave do conhecimento, aquela chave que Pitágoras chamou "chave de mediação entre Deus e a criação". Esses os iluminados que procuram ser "perfeitos como o Pai é perfeito", tão perfeito que faz com que o sol diariamente se levante para iluminar bons e maus e chover sobre justos e injustos, que pregam e disseminam a virtude da indiferença procurando demonstrar que todos os homens merecem a benemerência da graça, os que procuram disseminar acordar em todos as criaturas a plenitude do acordar em todas as criaturas a plenitude do bem que procuram disseminar que Deus serve a todos, sem parcialidade e que os que são menos servidos são os que menos pediram. São os iluminados os únicos que estão repletos dessa luz verdadeira que ilumina a todo homem que vem a este mundo.

E assim, caro Ernani, termino por hoje esta carta que leva atabalhoadamente o meu pensamento angustiado pelos dramas quotidianos, assistindo o fracasso intencional das Igrejas.

Semana Santa de 58

PUPO

3.ª carta

Amigo Reichmann,

Volto mais uma vez, insistindo em terminar uma situação criada única e exclusivamente por mim. Há muito tempo que o problema religioso vem me preocupando e foram tais as preocupações que só poderiam terminar nesta modalidade de "katharsis". Era preciso dizer. Era preciso estravazar. De qualquer forma esta é a mais pacífica, a mais sincera, a mais pessoal. A carta é a idéia imaterial que vai ganhando densidade e acaba tomando forma, essas formas a princípio espessas, confluem e chegam a tal volume, ocupam tal espaço que é preciso dar vasão, abrir as comportas e deixar escorrer nem que seja gota a gota, como vejo agora fluir da pena a tinta negra e consistente, que deixa na brancura do papel, na simetria das linhas, fragmentos de mim mesmo, instantes do que fui, pedaços do que eu era. A carta é sinfonia gravada, o primeiro som consciente do homem foi gravado na pedra bruta e deixou nela o sinal de sua vontade. Mas o som, a sinfonia não poderia nunca ser reproduzida, a não ser por instrumentos tão especiais, tão sensíveis como aquele que os originou. Neste caso, somente eu poderia compreender os motivos destas cartas, desta expansão.

Caro amigo Ernani, retomo o assunto e começo a recordar os montões de ruinas que estão espalhados pela terra, ocasionados pelas civilizações que antecederam a isto que chamamos vida moderna — os milhares de povos e famílias que se esfumaram em conseqüência das guerras, as ideologias mais sublimes, as crenças mais nada, foram desacreditadas e não corresponderam às necessidades dos povos, pois a insegurança e a fome predominam,

foram destruídas cidades e famílias, a morte enfraqueceu nações, o mundo continua a sentir terror, desespero e medo do futuro, todos os homens se perguntam — que virá depois? Pois o que caracteriza o presente é a insegurança. O povo pede luz paz e segurança, Alguns prometem tudo isso, criando novas ideologias, outros confiam na política, isto é, acreditam nos credos e nos partidos políticos, outros ainda esperam por um líder mas o que simboliza esta época é a ausência de líder. Alguns homens bem intencionados mas que também estão tão confusos e desambientados como os homens a quem querem ajudar além de sentirem a impotência diante da grandiosidade da tarefa que querem executar e essa tarefa atemoriza a qualquer um, pois é preciso reconstruir, readaptar e reeducar o mundo inteiro. Não esquecemos os idealistas que estão empenhados em melhorar a atual geração infantil, outros ainda se atiram à prática da caridade através da beneficiência. Todos esperam e desejam a paz, paz que não conhecemos da qual nunca tivemos notícias, que nem sabemos se é possível. O que temos observado é que uma grande maioria dos homens sente uma enorme necesidade espiritual. Notamos que os homens estão preparados para sentir a luz, a evolução da humanidade faz sentir que os seus pensantes já não se contentam apenas com as necessidades materiais, já olham o lado espiritual. Os povos pedem ensinamentos, ajuda espiritual — sentem fome de pão e fome de alma. O grande drama é que não sabem a quem se dirigir. Sua esperança é de ordem espiritual e nunca desaparecerá, a humanidade está no caminho da Ressureição, quem a conduzirá?

Será que as Igrejas e religiões da terra já se aperceberam? ou só estão cuidando de restabelecer suas Igrejas? Ointeresse das Igrejas será só econômico, será só de cuidar de aumentar seu poder temporal? Terão a coragem de abandonar seus métodos caducos e comunicar ao povo a mensagem que Deus é amor, expressando essa verdade por meio da humildade? Dirão ao povo que o Cristo vive ternamente e com Ele é possível começar nova vida espiritual? Haverá possibilidades de Suas Eminências os eclesiásticos renunciarem publicamente a sua riqueza, seus palácios para seguir a Cristo? Penso que se comportarão da

mesma maneira que o moço rico do Evangelho. Será que os eclesiásticos pensarão em eliminar o materialismo de suas Igrejas e cuidarão de ensinar honestamente ao povo. Diz Bailey que as "guerras não teriam existido se a ambição, o ódio e a separação não tivessem predominado na terra e nos corações humanos. Estes erros funestos se cometeram por falta de valores espirituais na vida dos povos, as guerras aconteceram porque durante séculos estes valores não foram aceitos na vida das Igrejas portanto a responsabilidade das guerras cabe diretamente a elas".

A Igreja de Roma tem uma responsabilidade enorme neste momento, visto estar disseminada em quase todos os países. A Igreja é como um imenso polvo com seus ambiciosos tentáculos distribuídos em todas as nações. Todos sabem que é uma das maiores organizações, fundamentalmente parasita, basicamente materialista, politicamente perigosa devido ao seu alcance internacional, isto sem levar em conta as outras organizações religiosas de ação mais restrita. Estou conforme que as intrigas do Vaticano não podem mais perturbar a vida espiritual do homem.

Essas perguntas, acima formuladas, me fazem acreditar que nenhuma modificação fundamental será possível nas atuais Igrejas. Nenhum sinal revela que o espírito de Cristo, a beleza do saber, a claridade do pensamento espiritual, possam marcar os caminhos verdadeiros às organizações religiosas. No entanto, os homens tem desejos e aspirações, precisam principalmente ter a segurança que Deus existe e que realiza no plano divino e que encerra em si mesmo toda a esperança. O homem precisa ter a convicção que Cristo vive e que um dia virá não como cristão, indu ou budista mas para ser de todos os povos de todas as partes. Os homens querem ter a certeza de uma revelação inevitável, que terão um futuro melhor.

Portanto, amigo Ernani, as Igrejas tem uma grande oportunidade, uma nova forma de apresentar a verdade, de produzir uma aproximação de Deus, porque Deus não é inacessível e nem precisa de intermediários, tem as Igrejas uma nova oportunidade de modificar os ensinamentos espirituais mesmo porque o homem evoluiu, esta evolução é indiscutível e este progresso do homem existe num pro-

gresso da religião. As formas de apresentar a verdade são infinitas, desenvolvem e progridem para satisfazer a vontade de luz que tem o homem atual. O problema mais atual e mais urgente de ser resolvido é o da libertação da alma humana e o da relação individual com Deus. As Igrejas não podem impor sua autoridade entre Deus e o homem.

Só podemos conceber para o futuro uma religião mundial, pois que a separação faz com que as formas de apresentar a verdade sejam privativas de cada Igreja, o que leva ao aumento de poder e da opulência para poder competir com outra Igreja também de orientação ambiciosa. Tal separação redunda também na divisão e afastamento do povo dada a classificação imposta ramificando os homens em cristãos, ateus e etcoetera. A religião tem sua origem numa fonte única, daí vou acreditar que todos voltarão à raíz única, a grande fonte espiritual da qual surgirá a religião mundial. Dessa forma não existirá mais cristãos e ateús, judeus nem gentios, mas unicamente um grande conjunto de homens que se reconhecem como filhos da divindade, colaborando com o plano divino, unidos na mesma plataforma da fraternidade.

Meu caro Ernani, acima de tudo isso existe disperso pelo ar uma conspiração geral da humanidade, uma necessidade de um viver espiritual através da esperança numa Revelação. Nunca o homem esteve tão perto dessa revelação, nunca o homem invocou tanto a ajuda divina e portanto nunca esteve tão próximo dessa Revelação.

A revelação da natureza de Deus é decorrente da evolução progressiva da consciência humana, não nos cabe defini-la, senão aguardá-la, aperfeiçoando nossa intuição, vivendo a expectativa dessa manifestação. A missão das Igrejas neste momento seria desenvolver no homem o poder do reconhecimento espiritual, reconhecimento da beleza da divindade, do que se chamou na India, de tudo que se aproxima "nuvem de coisas cognoscíveis", nuvem que derramará as maravilhas que Deus guarda para os conhecedores do significado do amor.

Mais uma vez, acredito que as Igrejas terão para o futuro de recomendar a unidade de todos os credos, forta-

lecer a expectativa da Revelação e o Reconhecimento espiritual.

Já me aproximo do encerramento desta correspondência — corro os olhos pelos meus livros e deparo com o Max Mueller "A Ciência das Religiões" e retiro da sua última página o seguinte: "Esta cripta, hoje tão estreita e obscura, já está sendo visitada pelos que fogem do ensinamento, das vozes, do deslumbramento das luzes, do conflito de opiniões e, quem sabe?, talvez venha o tempo em que se ilumine e essa cripta do passado chegue a ser a Igreja do futuro."

Grato pela atenção dedicada a esta

PUPO

Barigui do Seminário — 06/04/58.

A BÍBLIA

"Aceite desse livro tudo o que você possa fazê-lo com a razão, o restante com a fé e você viverá e morrerá melhor homem".

Abrahan Lincoln

A respeito da Bíblia disse certa ocasião LINCOLN com aquela sua espontaneidade quase selvagem "aceite desse livro tudo o que você possa fazê-lo com a razão, o restante com a fé e você viverá e morrerá melhor homem".

Acho de uma simplicidade encantadora essa frase porém de uma precisão notável e de uma conceituação bem atual.

A Bíblia. Que será esse livro? quem poderá resolver o mistério da Bíblia?

Sabemos que foi de BYBLOS o porto dos fenícios, cidade que se tornou famosa no passado, porque, em certo momento reuniu a maior quantidade de papiros que se teve notícia. Foi BYBLOS que deu nome ao produto, de cidade passou a livro, que profundo simbolismo reside nessa origem, um simples porto de mar, local de embarque, de onde partiu a maior carga destinada a toda humanidade, embarque sem endereço mas que aos poucos a carga está sendo entregue por todos os meios e vias possíveis e imaginárias. BYBLOS que foi porto e que hoje é livro, coisa que foi estática e hoje é dinâmica, coisa fixa e imóvel transformou-se nessa forma portátil e transmissível de mão em mão, que passa de olhares castanhos para olhares verdes ou negros e que vem iluminando cérebros e despertando consciências, percorrendo palmo a palmo os mares e continentes.

Quando começou a Bíblia a sua marcha? Dizem que foi quando PTOLOMEU PHILADELPHOS pede ao sacerdote ELEAZAR, setenta e dois doutores de Israel, para doar a celebre biblioteca de Alexandria, uma tradução dos livros santos hebreus, desse momento em diante começou a marcha do Livro, mais intensidade ganhou esse movimento quando os cristãos juntaram à sabedoria judáica os ensinamentos de JESUS. O primeiro texto impresso a primeira

página composta e agitada nos ares do planeta pelas mãos de GUTTENBERG foi a Bíblia. Hoje todos os homens podem ler a Bíblia em todas as línguas. Já em 1520, 156 edições latinas percorriam a Europa. Atualmente as edições se contam em bilhões. A semeadura é farta. A quem devemos esse trabalho insano? Principalmente aos reformadores, aos homens que se libertaram da tutela espiritual da Igreja católica. Por ela o livro sagrado ainda estaria recoberto de poeira dos séculos; foi LUTÉRO que nos possibilitou o manuseio diário desse livro de meditação eterna. Todos sabem que a Igreja Católica no concílio de Trento proibiu que os fiéis lessem as Escrituras sagradas, alegando que os reformadores tinham profanado adulterado e quebrado as tradições e mais, que a Bíblia dava ao homem o alimento espiritual e o afastava da Igreja. Os próprios católicos costumam afirmar que a Bíblia está no Index.

Lamentam ainda os católicos esse afastamento, é DANIEL ROPS quem diz: "Como sêr plenamente cristão, cortando-se as próprias raízes que permitiram a fé cristã viver e expandir-se?"

Felizmente há um movimento na Igreja Católica dos últimos anos, procurando recuperar a escuridão que disseminaram fazendo passar um pouco de luz dessa fonte extraordinária que é a Bíblia, tanto assim que os papas, como LEÃO XIII, BENEDITO XV e PIO XII procuram instigar a leitura do grande livro entre católicos embora com as sanções de praxe, isto é Bíblias para católicos passadas pelo crivo do Instittuo Bíblico Pontificio (Jesuita) ou pela Escola Bíblica de Jerusalém (Dominicana). O Livro sagrado surge então de qualquer maneira como "elemento determinante na opinião do século XX entre a fé e a repulsa. Há doravante uma humanidade que vive da escritura, do Livro dos Livros e outra que o repele, porquanto há uma humanidade que concebe a vida sem DEUS e outra que faz Dele, como a própria Bíblia, o alfa e o ómega de tudo "lamentavelmente um Concilio afastou milhares de católicos obrigando-os a viverem sem Deus porque afastados do espírito divino, porque aferrados ao dogmatismo da Igreja Católica.

A Bíblia veio sendo contada. O pensamento surgiu primeiro, depois a palavra por fim a escritura é um profundo

mistério a sua origem, era a recitação pelos arautos de DEUS, era o ensinamento oral. A palavra foi sendo transmitida de geração a geração. Era tal a capacidade retentiva dos homens Bíblicos, as suas memórias eram tão aperfeiçoadas que delas se dizia "Um bom discípulo é semelhante a cisterna bem cimentada, do ensino do mestre não deixa escapar uma só gota de água".

A palavra como a semente precisa de uma fase de incubação antes de madurar para germinar, a palavra como a semente antes de frutificar precisa ser armazenada nos silos da memória para depois ser gravada isto é ser semeada no solo fecundo do livro. Assim aconteceu com toda a sabedoria humana tudo foi nas origens como que cercado de um misticismo, de um lendário enredo.

O primeiro raciocínio do homem foi destinado a explicar o que o rodeava. O mito, que é o mito senão uma lenda tentando explicar as causas? A Bíblia é ao mesmo tempo história e mitologia. Retiro de Noguin "Enquanto a história conta com mais ou menos exatidão os fatos reais ou presumidos, a mitologia inventa os que puderam passar ou não e desfigura lindamente os que puderam passar de maneira que posteriormente constitui um relato poético com a história do ideal, entre a história e a mitologia, muitos preferem sem dúvida a mitologia, por caprichosa por arbitrária, por inexata, somente por isso?".

Mas se da história podemos tirar ensinamentos e conseqüências morais, porque não podemos tirar também das lendas e dos mitos das fabulosas histórias bíblicas; sim estamos tirando uma grande conseqüência, ou seja que o homem sempre remediou suas insuficiências; pela Bíblia, o homem sente que não pode viver sem DEUS, a Bíblia e o homem vindos de DEUS, fugindo de DEUS e retornando a DEUS.

Quem não percebe que a tradição antiga procurava evitar que a Bíblia revelasse a verdade total a qualquer um. Era preciso evitar a profanação dessa verdade era preciso criar a lenda era preciso criar o mito porque só assim o homem atingia o sonho pelo ideal irrealizável, só assim o homem chegaria ao despertar da espiritualidade

que o aproxima definitivamente do Criador, os grandes iluminados da antigüidade estavam cientes que ao gravarem as primeiras páginas da Bíblia não podiam escrever um livro aberto sobre DEUS.

Os primeiros, ocultistas que escreveram o ZOHAR, dizem assim "Ai do homem que vê no THORAH (a lei) só um simples recitativo de palavras ordinárias, porque se em verdade fosse só isso, poderíamos ainda hoje escrever um THORAH mais admirável. Porém não é assim. Cada palavra do THORAH tem um elevado significado e um mistério sublime, os recitativos do THORAH são como as vestes do THORAH, aí daquele que tomar as vestes do THORAH pelo próprio THORAH, os simples só observam e recitam os versos, não percebem mais nada, não vem o que está encerrado nas vestiduras. O homem mais instruído não presta coisa alguma nas vestiduras mas sim no corpo que encerram".

PAULO o apóstolo disse em certa passagem que a lenda de ABRAÃO e os filhos de SARAH e HAGAR são puramente alegorias, muitas passagens estão veladas, outras devem ser estendidas ao pé da letra e ninguém que não possua a chave oculta pode decifrar as profundas verdades encobertas em coisas que freqüentemente apresentam horrorosas vestiduras.

Quem melhor que CRISTO usou essa técnica de apresentar ao povo inculto, a alegoria, velando a verdade, para depois em contato com os discípulos fazer revelações do significado exato nelas contido?

PAULO, o apóstolo, também usa o mesmo processo, pois que da leite ou os ensinamentos mais elementares, as crianças na fé, reservando a carne, os ensinamentos mais profundos para os fortes, isto é, para aqueles que se tem capacitado para recebê-los e compreendê-los.

A Bíblia esse monumento vivo que sobreviveu a todas as idades, encontrou três tipos de interpretação pelos homens:

1) Os que olham a Bíblia com o que dizemos FÉ CEGA, para os quais o livro é a base da civilização e que é único fundamento do atual Cristianismo.

2) Os acadêmicos e cientistas que ridicularizam a Bíblia e que não acreditam na interferência de DEUS que negam os fundamentos divinos e históricos.

3) Os raros homens que procuram entrar nos mistérios da Bíblia, para compreendê-la e disseminar seus ensinamentos pelo mundo difundindo seu sentido verdadeiro.

Numerosas pessoas ainda pensam que Fé é condizente com a crença baseada na ignorância e na superstição, resulta que pensam que a cultura intelectual venha ser a forma mais elevada de inteligência e preferem chamar ou considerar a chamada FÉ CEGA como previlégio das crianças, e Sacerdote, outros pensam que é a suprema manifestação da inteligência consiste em não acreditar em nada se não em no que possam ver, pegar ou explicar intelectualmente.

O Apóstolo PAULO define a FÉ dizendo: É pois a FÉ, a substância das coisas que se esperam, a demonstração das coisas que não se vêem.

É certo existir uma FÉ CEGA como também uma FÈ inteligente, a primeira equivale a uma confiança instintiva em um poder mais alto e a segunda baseado em princípios imutáveis, não esquecendo que na existência da FÉ para que ela se torne concreta, não há necessidade de fenômenos físicos nem a presença da sensibilidade de sentidos, porque ela nasce da intuição ou do espírito imortal da verdade.

Os que são dominados pela FÉ CEGA, não usam o raciocínio e olham o DEUS da Bíblia como um ser cheio de cólera e caprichos dando margem aos cientistas e acadêmicos intelectuais a julgar estes proselitos como parasitas crescendo e se multiplicando no campo da ignorância.

Doutro lado os intelectuais vivem escarnecendo da Bíblia porque não acreditam na criação do Universo ou por que acham que do nada surge nada e assim por diante, isto é, teimam em aceitar a Bíblia ao pé da letra, rindo do barro que modelou ADÃO ou da mulher surgida da frágil costela.

São os que querem a letra, os que querem morrer com a forma da letra.

É evidente que a interpretação simplista e cômoda ao sabor da leitura nos impede de passar da primeira página, pelo absurdo da letra e da inconsistência da exposição e isto nos dará a convicção de uma verdade, que a letra verdadeiramente mata.

Se fizermos uma crítica apenas literária nos capacitamos que da Bíblia só podemos aproveitar certos preceitos higiênicos de MOISÉS raros ensinamentos de ISAIAS e JÓ a beleza dos poemas de DAVID e SALOMÃO e finalmente as doutrinas de JESUS.

Criticar a Bíblia seguindo a orientação de pesquisadores e estudiosos constitue tarefa invulgar.

Os próprios Padres da Igreja inicialmente duvidaram do texto e da sabedoria neles contido.

SANTO AGOSTINHO afirma: "Os três primeiros capítulos do Gênesis são inverossímeis, mas podemos acreditar neles sem cometer impiedades, atribuindo a DEUS coisas indignas DELE".

ORÍGENES diz que o Gênesis tomado ao pé da letra é absurdo e contraditório.

TERTULIANO não pôde negar o absurdo da Bíblia mas não querendo perder a FÉ no livro terminou por confessar: "Creio porque é absurdo".

Qual será então o sentido que devemos adotar para compreender a Bíblia?

Vejamos, mais como recordação, o que escreveu o famoso HEBRAISTA FABRE D'OLIVET, que ao nosso ver foi ainda quem melhor estudou o livro sagrado.

Esse estudioso pretendendo interpretar o sentido de Gênesis verificou de início que as palavras Hebréias vinham, perdendo gradativamente o sentido e o significado primitivo, acabando por representar apenas uma mínima fração do significado original, por essa razão o Gênesis primário, quando traduzido para o Grego mais tarde para

o Latim e finalmente para os Idiomas modernos baseado no Hebráico rompido culminou nos atuais textos absurdos.

FABRE D'OLIVETI afim de chegar a um perfeito entendimento do Gênesis teve que atingir as raízes das palavras Hebréias procurando alcançar mesmos os sentidos primeiros realizando um esforço tremendo e terminado por ser um dos maiores conhecedores do Hebraíco, conforme é evidente no seu famoso livro "A língua Hebraíca restituída". Livro aonde estuda as origens Hebraicas até então desconhecidas para poder posteriormente traduzir o Gênesis de conformidade com o sentido justo e preciso é de todo meritório homenagear este estudioso quase desconhecido desta geração formada de crentes religiosos e de cientistas incrédulos, geração que não deseja se convencer da ignorância que está possuída porque não quer dispender esforços por mínimos que sejam para atingir um perfeito conhecimento do problema. Da maneira proposta por D'OLIVETI o Gênesis, merece uma interpretação completamente alheia ao que está estabelecido admitir a existência de personagens humanos no Gênesis é o mesmo que aceitar a existência do dragão ou da Fenix, bem como de todos personagens fabulosos da Mitologia.

Os personagens do Gênesis nada mais representam do que forças espirituais ou inteligências, ao passo que a criação do mundo material apenas significa uma elaboração espiritual que preside uma transição do absoluto para o relativo do uno para o mútuo; já os gnósticos PLOTINO e VALENTINO afirmaram que nenhum dos personagens do Livro da lei representam fases materiais ou humanas dessa transitoriedade do imanifesto para o manifestado. A título de esclarecimento procurando tornar compreensível as conclusões de FABRE D'OLIVETI podemos dizer o seguinte:

Nas línguas do Oriente antigo as consoantes tem som vocal próprio o qual os acompanha mesmo sem ser escritas, por exemplo uma palavra de três letras MLK tem varias interpretações conforme os assentos ou pontos que levam cada letra ganharem significado diverso, pois, embora o assento ou vogal não sejam escritas, são intuidas; esse exemplo ficará melhor entendido si gra-

varmos o pensamento lembrado por ADOUM; "O ocidental lê para aprender, o oriental aprende para ler". Vejamos então palavra MLK., Si pronunciarmos MALEK quer dizer: REI, MLAK, ANJO, MELEK, PERTENCE. Foi mais ou menos num idioma desse tipo que o Gênesis foi escrito, numa língua apenas de intuição que somente pode ser pronunciada mas não escrita. Entendendo dessa forma, podemos avaliar as alterações que a Bíblia sofreu através dos tempos; inicialmente ESDRAS após o retorno dos Judeus do cativeiro à Jerusalem, foi quem reviveu o Livro sagrado do seu povo e o transcreveu em caracteres Assirios; os Samaritanos por sua vez, presos ao carater antigo desnaturaram o texto original, por continuas alterações da pronuncia. Dessa forma a lingua Hebreia veio perdendo com o tempo o sentido verdadeiro do grande livro. Esse texto ficou confuso por completo em seus caracteres dos quais somente uma tradição oral conservava uma exata interpretação. Essa tradição oral era chamada Kabala patrimônio dos Essênios que transmitiam secretamente aos seus iniciados; no entretanto esse sentido real foi também estraviado depois do cativeiro da Babilonia; dessa forma os Hebreus seis séculos antes de CRISTO não mais falavam nem compreendiam sua lingua original, usavam um dialeto arameu formado de varios idiomas da Assiria e da Fenicia.

JESUS ensinou sua doutrina em Aramaico vivendo entre Judeus. É notoria as violentas lutas que se originaram entre os possuidores do Livro em face as interpretações do Gênesis; de um lado um grupo que se dizia proprietário da lei oral dada em segredo por MOISÉS, d'outro lado uma facção que negava a existência dessa lei. Dessas contínuas disputas, duas seitas surgiram, a primeira numerosa que aceitava a espiritualidade do Genesis a **dos Fariseus;** a segunda que considerava fabulosas todas as tradições, negavam a imortalidade da alma acreditando que a mesma se organizava com o corpo desaparecendo com ele, **os saduceus.**

Desde então, sem sofrer alterações na essência, apesar dos milênios, apenas em línguas diferentes a luta se processa muitas vezes estimuladas por interesses religio-

sos, outras vezes por facções sectarias ou políticas quando não por exclusivismo e prepotencias. Mas apesar das incompreensões, a Bíblia vem se impondo, vem se espalhando como próprio ar arejando consciências satisfazendo razões disseminando confiança como a que a significar a própria divindade pois não houve força capaz de destruir esse tão discutido Livro que é realmente o modelo máximo da inspiração.

FUNDAÇÃO SANTOS LIMA PRÓ-MEMÓRIA MÉDICA DO PARANÁ

Instituidores:

— Diretoria: Eduardo Corrêa Lima
José Maurício Holtz
Murillo Gonçalves Coimbra
Manoel Pedro Pereira Lima
Rachel Pereira Lima

Conselho Fiscal:
Carlos Alberto Faraco
Edson Fischer da Silva
Antonio Carlos Santos Lima
Ayssor Jamur
José Antonio Santos Rosa
Di Marco Pozzo

— Lourdes Maria Santos Lima
Zeny dos Santos Carrano Almeida

ÍNDICE

Pág.

1. Agradecimento 1
2. Fragmento do Diário de Pupo 3
3. Dados Biográficos 7
4. Pupo e o Silêncio — Ernani Reichmann — Julho 1978 11
5. O Fantástico Doutor Pupo — Ernani Reichmann — 1967 15
6. Do Discípulo Para o Mestre — Alceu Schwab . 27
7. Bibliografia 37
8. Outras Publicações 41

PUPO O MÉDICO E PROFESSOR

9. Pupo o Médico e Professor — Fragmento de seu Diário 45
10. Mensagem aos Calouros de Medicina da Universidade Federal do Paraná em Março de 1973 46
11. Discurso Impopular ao Paraninfar Turma de Engenheiros Químicos da UFPR (sem data) 61
12. O Ponto que não está no Programa — Aula Inaugural Proferida na Escola de Engenharia Química pelo Prof. Antenor Pupo 83
13. Discurso Pronunciado no dia 19-12-66 pelo Dr. Antenor da Silva Pupo, Professor Catedrático da Cadeira de Microbiologia e Tecnologia das Fermentações, por ocasião da Solenidade de Colação de Grau dos Engenheiros Químicos, formados pela Escola de Engenharia Química da Universidade do Paraná 93
14. Discurso de Saudação ao Ministro, Prof. Dr. Raymundo Moniz de Aragão, no Ato da Inauguração das Novas Instalações da Escola de Química da Universidade Federal do Paraná, 1966 101

15. Professor Antenor Pupo, Agradecendo em seu nome e no de outros Professores o Recebimento do Título de Professor Emérito 107

TRABALHOS TÉCNICOS

16. Sobre um Caso de Septicemia Estafilocócica .. 113
17. Contribuição ao Estudo das Propriedades Antagônicas dos Filtrados de Cultura do Bacillus Subtilis sobre Algumas Bactérias Patogênicas. Tese de Concurso para Professor Catedrático da 8.ª Cadeira, Elementos de Microbiologia — Tecnologia das Fermentações, do Instituto de Química do Paraná. Curitiba, 1946 119
18. Estudo da Ação Terapêutica da Água Proveniente da Fonte Santa Terezinha 147
19. Antivitaminas e Anti-hormônios 157
20. Bacteriologia da Água — Revisão do Assunto e Aplicação de Novos Meios de Cultura nas Provas Usuais. Noções Bioquímicas Fundamentais 163
21. Bacteriologia da Água. Isolamento das Bactérias Patogênicas 193
22. Microbiologia dos Fundos Marinhos. Origem dos Petróleos 203
23. O Enterococo nas Águas de Abastecimento — Antenor Pupo e Alceu Schwab 213
24. Exame Bacteriológico da Água das Cidades de Maringá e Lapa — Antenor Pupo — Alceu Schwab — Darcy Pasquini e Luiz Alberto Silva Veiga .. 231
25. Exame Bacteriológico da Água do Litoral do Paraná — Antenor Pupo — Alceu Schwab — Darcy Pasquini e Luiz Alberto Silva Veiga. Paranaguá 1964 249
26. Interferon. Um Tema Fascinante 261
27. Vírus e Câncer 269
28. Proteção das Piscinas — Prof. Antenor Pupo — Alceu Schwab — Darcy Pasquini e Luiz Alberto Veiga 277
29. Properdina e Imunidade Natural 295
30. Estrutura da Parede Celular das Bactérias 305
31. Exaltação à Água 313

32. Doenças do Vinho 323
33. Emprego da Bacteriologia e da Bioquímica na Indústria 329

PUPO O POETA

34. Canção do Homem Incendiado —A Fritz Alt — 1958 339
35. A Salvador de Maio 341
36. Patética — Dedicada ao Benedito Nicolau dos Santos 343
37. As Mulheres do Café Alvorada 349
38. Balada de Três de Outubro 353
39. O Analista 357

PUPO O HUMANISTA

40. O Dia do Brasil 361
41. Maçonaria e Ideal Republicano 369
42. Palestra Proferida pelo Prof. Dr. Antenor da Silva Pupo, em Templo Maçônico desta Capital em 30-04-60 377
43. A Pseudo Iniciação e a Revolução Francesa 383
44. São João e a Maçonaria 395
45. São Francisco e o Mistério — Paracelso ao Alceu Schwab 405
46. O Simbolismo Agrícola e o Natal 417
47. A Loja Maçônica 425
48. O Patrono 435
49. Ação Cultural e Social da Maçonaria 441
50. As Sociedades Iniciáticas e o Pensamento Moderno 457
51. A Morte Iniciática e o Nome Simbólico 475
52. A Presença da Maçonaria 483
53. Na Consagração dos Templos 493
54. Cadeia de União 501
55. Aspecto Físico do Candidato 517
56. A Uma Estrela 525
57. Antenor Pupo — Três Cartas a Ernani Reichmann sobre Assuntos de Religião — Curitiba, 1958 .. 533
58. A Bíblia 555